

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

BIBIANA HEGELE BOLSON

***A FOLHA DE SÃO PAULO E O RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO:
ANÁLISE DAS COBERTURAS JORNALÍSTICAS NOS CASOS
DESÁBATO/GRAFITE E PATRÍCIA MOREIRA/ARANHA***

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva

Orientador

Porto Alegre, RS
2016

BIBIANA HEGELE BOLSON

***A FOLHA DE SÃO PAULO E O RACISMO NO FUTEBOL
BRASILEIRO:
ANÁLISE DAS COBERTURAS JORNALÍSTICAS NOS CASOS
DESÁBATO/GRAFITE E PATRÍCIA MOREIRA/ARANHA***

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva

Porto Alegre, RS
2016

B693f

Bolson, Bibiana Hegele

A Folha de São Paulo e o racismo no futebol brasileiro:
análise das coberturas jornalísticas nos casos
Desábato/Grafite e Patrícia Moreira/Aranha. / Bibiana Hegele
Bolson. – Porto Alegre, 2016.
261 f. ; il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em
Comunicação Social – Faculdade de Comunicação Social,
PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva

1. Comunicação Social. 2. Jornalismo. 3. Futebol. 4.
Racismo. 5. Folha de São Paulo. I. Silva, Juremir Machado da.
II. Título.

CDD 070.4

Ficha elaborada pela bibliotecária Anamaria Ferreira CRB 10/1494

BIBIANA HEGELE BOLSON

***A FOLHA DE SÃO PAULO E O RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO:
ANÁLISE DAS COBERTURAS JORNALÍSTICAS NOS CASOS
DESÁBATO/GRAFITE E PATRÍCIA MOREIRA/ARANHA***

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. André Fagundes Pase
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Sandra de Fatima Batista de Deus
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, RS
2016

Aos meus pais, Eleandro e Simone,
e aos meus irmãos, Solano e
Ulisses.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Simone, por ser meu maior exemplo intelectual, pela insistência diária para que eu concluísse essa etapa tão importante de minha jornada de aperfeiçoamento, pelas dicas de leituras, pelas perguntas perturbadoras, pelas longas conversas em que a distância física nunca impediu nossa profunda conexão mental. Obrigada por ser meu porto seguro e servir de inspiração como uma mulher forte, determinada e ainda assim doce e sonhadora.

Ao meu pai, Eleandro, por ter sido desde sempre a minha maior referência como torcedor apaixonado por futebol. Lembro frequentemente das nossas tardes e noites no estádio ou em frente à televisão vibrando e sofrendo, sentindo as mais especiais sensações que só o esporte é capaz de proporcionar. Aprendi a amar os gramados graças a ti, por isso foste fundamental nas minhas escolhas profissionais.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS por ter concedido bolsa para que eu pudesse realizar meu estudo, pelas aulas e pelo ambiente acadêmico sempre instigante. Mais do que uma faculdade, nesses quase dez anos desde o meu ingresso ainda na Graduação da Famecos, pude ter experiências fantásticas e descobrir minha real vocação e maior paixão: o jornalismo.

Aos professores André Pase e Sandra de Deus pela participação na banca de qualificação e pelas importantes contribuições para o desenvolvimento da presente dissertação.

Ao professor e orientador Juremir Machado da Silva, por ter aceitado o desafio de trabalhar comigo neste objeto de estudo, pela paciência, sabedoria e apoio nas horas em que tive que me dividir entre a vida de mestrande e a de repórter com o desafio de cobrir campeonatos regionais, Copa do Brasil, Copa do Mundo e Campeonato Brasileiro do sul ao centro do país em milhares de quilômetros rodados e voados.

Àqueles que oportunizaram meu desenvolvimento como jornalista esportiva, que acreditaram no meu trabalho e me concederam a chance de fazer diariamente o que mais amo. Agradeço ainda o convívio com colegas pelas redações que passei, com vocês aprendi muito, bem como com os personagens que descobri na “rua”. Essa pesquisa é minha colaboração para uma área, muitas vezes, não levada a sério.

RESUMO

Esta dissertação é um estudo sobre o racismo no futebol brasileiro a partir da análise de 230 publicações das coberturas do jornal *Folha de São Paulo* em dois casos: Desábato/ Grafite e Patrícia Moreira/ Aranha. O texto aborda: o processo civilizatório dos esportes, o histórico do futebol no mundo e no país; conceitos de raça e racismo; o negro no futebol brasileiro; casos de racismo na atualidade; tribalismo e cultura do sentimento sob a ótica de Michel Maffesoli; jornalismo esportivo, a espetacularização da notícia, procedimentos metodológicos e a análise de conteúdo das matérias publicadas em 2005 e 2014. A intenção é identificar as mudanças ocorridas nas coberturas. Na fundamentação teórica deste estudo foram utilizados, entre outros, os conceitos de Helal (1997, 1998, 2001), Soares (1998, 2001), Silva (2008), Coelho (2003) e Vargas Llosa (2005). Bardin (1977) para estruturar, explorar e interpretar as amostras da pesquisa.

Palavras-chave: Comunicação Social, Futebol, Racismo, Jornalismo Esportivo, Folha de São Paulo.

ABSTRACT

This dissertation aims to study racism in Brazilian football, for it starts from the analysis of 230 publications of the journal *Folha de São Paulo* during two cases: Desábato / Grafite and Patricia Moreira / Aranha. The text explains: the process of civilization on sports, the history of football in the world and in the country (Brazil); race and racism concepts; the Brazilian black players on football; current racism cases; tribalism and culture of feeling an optical Michel Maffesoli; sports journalism and journalism studies, the spectacle of news, methodological procedures and content analysis of 2005 and 2014. The intention of this study is to identify how changes occurred on the covers. In the theoretical framework of this study were used, among others authors, the concepts of Helal (Helal (1997, 1998, 2001), Soares (2001, 1998), Silva (2008), Coelho (2003) and Vargas Llosa (2005). Based on the Content Analysis systematized by Bardin (1977), for structured, interpret and explore the media publications, central subject of the research.

Keywords: Social Communication, Football, Racism, Sports Journalism, *Folha de São Paulo*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1- Número de edições que abordaram os casos em cada mês

Quadro 1 – Critérios de noticiabilidade de Traquina

Quadro 2 – Categorização caso Desábato/ Grafite

Quadro 3 – Categorização caso Patrícia Moreira/ Aranha

LISTA DE SIGLAS

AC (Análise de Conteúdo)

AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos)

APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos)

CBD (Confederação Brasileira de Desportos)

CBF (Confederação Brasileira de Futebol)

CGS (Casa-Grande e Senzala)

CND (Conselho Nacional de Desportos)

FIFA (Federação Internacional de Futebol)

FIGC (*Federazione Italiana Giuoco Calcio*)

Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística)

IFAB (*International Football Association Aboard*)

LCF (Liga Carioca de Futebol)

LMDT (Liga Metropolitana de Desportos Terrestres)

NFB (Negro no Futebol Brasileiro)

PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

RJ (Rio de Janeiro)

RS (Rio Grande do Sul)

SP (São Paulo)

TJD-RS (Tribunal de Justiça Desportiva do Rio Grande do Sul)

UEFA (Confederação Europeia de Futebol)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUTEBOL: UM ESPETÁCULO GLOBAL.....	16
2.1 ANTECEDENDO O FUTEBOL.....	19
2.2 OS PRIMEIROS CHUTES: DA INGLATERRA PARA O MUNDO	23
2.3 A ORIGEM DO FUTEBOL NO BRASIL	25
2.4 O FUTEBOL A PARTIR DE 1930	31
2.4.1 A profissionalização do futebol.....	32
2.4.2 Quando o povo foi para as ruas pelo futebol: 1938.....	34
2.4.3 Anos 40	36
2.4.4 A Copa de 1950 e os vilões da derrota.....	37
2.4.5 O status internacional do futebol brasileiro.....	41
3 RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO.....	48
3.1 BREVES CONCEITOS: RAÇA, IDENTIDADE E RACISMO	49
3.1.1 O pensamento de Gilberto Freyre	52
3.1.2 O futebol como elemento cultural e de identidade.....	53
3.2 O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO	54
3.2.1 Vasco da Gama.....	58
3.2.2 Liga dos <i>Canelas Pretas</i>	59
3.2.3 Fluminense e o “Pó-de-arroz”	62
3.3 MARIO FILHO E <i>O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO</i>	63
3.4 ASCENSÃO SOCIAL E IDOLATRIA.....	71
3.4.1 O Rei Pelé.....	73
3.5 RACISMO NO FUTEBOL DA ATUALIDADE.....	76
3.5.1 Internacionalmente	79
3.6 DETALHES DO CASO DESÁBATO/GRAFITE	83
3.6.1 A rivalidade entre Brasil e Argentina.....	86
3.7 O CASO PATRÍCIA MOREIRA/ ARANHA.....	89
3.7.1 Havia um contexto	91
3.7.2 Além da cobertura: sentimentos no futebol por Michel Maffesoli	95
4 AS DUAS COBERTURAS DA FOLHA DE SÃO PAULO.....	98

4.1 JORNALISMO EM QUESTÃO	101
4.2 JORNALISMO ESPORTIVO	106
4.2.1 Jornalismo esportivo no Brasil	109
4.3 A ESPETACULARIZAÇÃO DA NOTÍCIA	113
4.4 ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DOIS CASOS	120
4.4.1 Mapa do Objeto: <i>Folha de São Paulo</i>	122
4.4.2 Pré-Análise	124
4.4.3 Exploração do material.....	126
4.4.4 Tratamento dos resultados e Interferência	129
4.5 INTERPRETAÇÕES	131
5 CONCLUSÕES	148
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153
ANEXOS.....	166

1 INTRODUÇÃO

Não é exagero dizer que o Brasil respira futebol, ao menos, historicamente, foi toda essa a importância recebida pelo esporte. Da chegada durante o século XIX com os imigrantes que aportaram no país ao *status* de modalidade preferida e mais praticada, a trajetória do futebol o consolidou como um forte elemento cultural nacional. Sendo assim, a compreensão da construção histórica que relaciona futebol com a chamada “identidade brasileira” é imprescindível para que possamos refletir sobre outros pontos relevantes envolvidos nesse contexto. Entre eles, os que neste trabalho servem como guias: o racismo no futebol brasileiro, parte de uma longa trajetória na história da modalidade, e o papel da grande mídia ao noticiar os casos de preconceito racial no esporte.

Há ainda muito o que se estudar sobre Esporte, sobre a relação com a Comunicação Social e mesmo com a Sociologia, já que existe uma interdisciplinaridade entre os campos. Entretanto, dessa ligação, surgiu a partir da década de 80 no Brasil uma corrente disposta a conhecer com mais profundidade o futebol no âmbito social, questionaram-se afinal, por que esse esporte despertava tantos sentimentos e identificação para os brasileiros? Por que era considerado a paixão nacional? Como as disputas dentro de campo impactavam nas escolhas políticas da população? Quais elementos aproximavam a bola da realidade brasileira? Perguntas que na época ganharam ainda mais destaque à medida que o país passava por uma abertura política com o processo de redemocratização e o futebol, por sua vez, já vinha sendo percebido por estudiosos como um dos pilares de sustentação popular e elemento para “manobra” das massas utilizado por militares durante a Ditadura Militar.

Por conta do clamor de alguns integrantes da comunidade científica para que o esporte fosse explorado pelo campo das Ciências Sociais, surgiram os primeiros grupos de pesquisa e publicações relevantes sobre a temática no Brasil. Mundialmente, nomes como Norbert Elias e Eric Dunning já se dedicavam as pesquisas sobre esporte, um campo específico intitulado “Sociologia do Esporte” estava em desenvolvimento desde a segunda metade dos anos 70. As pesquisas ganharam espaço na Inglaterra, Espanha, França e principalmente nos Estados Unidos com artigos de revistas renomadas trazendo olhares atentos sobre as realidades nacionais e as relações com suas populações.

Nas décadas seguintes, o esporte e em especial o futebol ganharam mais seguidores dentro da academia brasileira com o país tornando-se referência internacional com grupos de pesquisas ativos. Mesmo que o cenário de produções acadêmicas tenha sido alterado nas últimas

três décadas com essas relevantes contribuições, há uma batalha por parte de quem se dedica a especialidade para que as pesquisas sigam se multiplicando e que os próprios estigmas do esporte tido como uma área “leve” ou “rasa” deem lugar a estudos mais detalhados e atuais.

Sendo assim, nosso estudo tem a intenção de elaborar reflexões sobre o futebol brasileiro, sobre a imprensa esportiva e sobre as manifestações de racismo nos estádios, por entender que há pertinência na temática, atualidade e principalmente por considerar que desse atual momento possa estar emergindo uma nova percepção social sobre conceitos antigos e consolidados ao longo dos anos. Trazemos na pesquisa a comparação entre dois casos emblemáticos, amplamente noticiados e repercutidos na imprensa, para que por meio de uma análise possamos apontar as diferenças ou possíveis rompimentos, bem como semelhanças na abordagem dos assuntos por parte da mídia.

Para tal objetivo, resgatamos a história do futebol brasileiro que nos anos 30 dá os primeiros passos em direção ao que seria fortalecido com as conquistas de campeonatos mundiais, quando então o país definitivamente se tornou referência universal no futebol, com rótulos como “o país do futebol” e “pátria das chuteiras”. Essa pátria que produziria inúmeros ídolos, e, por ironia ao começo elitizado de um futebol exclusivo àqueles que detinham condição social e econômica mais elevada, a maioria seria da raça negra e de camadas sociais baixas. A presença do negro nos times de futebol foi aumentando, de inaceitável passou à insubstituível com o passar dos anos, tendo como momento mais relevante de ruptura a década de 50. Os excluídos atletas negros passaram a ser tratados como heróis nacionais e celebridades, o maior deles, personagem de três Copas do Mundo, foi transformado em “rei”, o Rei Pelé.

A questão é que, enquanto a habilidade e o talento de atletas negros fortaleceram a imagem que hoje é difundida globalmente do jogador negro brasileiro bem-sucedido, que consegue romper as barreiras das dificuldades sociais, o preconceito acompanhou as conquistas. A herança colonialista e escravista do país fez com que mesmo assumindo um *status* oposto ao dos primórdios da modalidade no Brasil, agora em posição de astros, idolatrados e de certa forma até “divinizados”, esses atletas não deixassem de protagonizar capítulos de racismo, o que também é reflexo do que acontece fora dos gramados e seria até um contrassenso pensar o futebol, um elemento cultural de massa, como algo isolado, o campo é a extensão do que acontece na sociedade.

Durante uma partida, entre colegas de profissão ou alvos de manifestações das arquibancadas, o racismo no futebol rendeu muitas manchetes na imprensa ao longo dos anos. Um desses casos aconteceu em 2005, o racismo praticado contra o jogador brasileiro Edinaldo

Batista Libânio, o Grafite, foi considerado um marco para o debate sobre preconceito racial no esporte. Grafite foi chamado de "negrito" por uma atleta rival argentino na Libertadores e, pela primeira vez na história do futebol brasileiro, um jogador (o argentino Desábato) saiu do estádio para uma delegacia de polícia sob a acusação de crime de injúria com agravante de racismo (ele ficou preso por 36 horas). O assunto ganhou repercussão nacional e internacional, o caso apareceu nas manchetes dos telejornais, em sites, estampou as capas das principais revistas e jornais brasileiros, serviu como tema para editoriais e colunas, e o racismo no futebol, raramente citado na imprensa (geral e especializada), foi transformado em pauta principal.

Nove anos depois, em 2014, um outro caso de racismo de repercussão importante aconteceu, mas dessa vez, provocou um rompimento significativo. O racismo no futebol que até então (passado o caso de 2005) vinha sendo noticiado esporadicamente, sem ênfase e personificado apenas pelas figuras de jogadores “x” ou “y” envolvidos ou representado por atos de torcedores (os quais nunca tinham o rosto identificado ou divulgado), recebeu um tratamento diferente, ganhou nome e sobrenome: Patrícia Moreira, uma torcedora gremista flagrada por uma televisão chamando de “macaco” o jogador do Santos Aranha. No episódio, assim que a partida acabou, em entrevista às emissoras de televisão e rádio, o goleiro Aranha disse que havia sido ofendido com palavras racistas e que no momento das ofensas pediu para que os cinegrafistas que estavam próximos ao local registrassem o rosto de quem estava gritando. As declarações foram suficientes para que o assunto voltasse às principais manchetes da mídia nacional e internacional, por meio da multiplicação da imagem da torcedora em sites, canais de televisão e redes sociais, rapidamente ela foi identificada e transformada na personagem central do ato racista, uma espécie de símbolo do preconceito, chegando a perder o emprego. As informações confidenciais de Patrícia como dados bancários, números de telefone e endereço foram divulgadas, ela passou a sofrer ameaças, foi obrigada por razões de segurança a ficar na casa de parentes. Tamanha exposição, fez com que um torcedor do Grêmio, inconformado com os atos racistas e com as sequentes punições ao Grêmio, ateasse fogo na casa da família da Patrícia.

É neste contexto que se desenvolve este estudo que, situado na grande área das Ciências Sociais Aplicadas, na área da Comunicação Social, tem como objetivo principal analisar o conteúdo publicado durante as coberturas jornalísticas do jornal impresso *Folha de São Paulo* nos dois casos já referidos: o dos jogadores Desábato e Grafite em 2005 e o da torcedora Patrícia Moreira e do goleiro Aranha em 2014. A *Folha de São Paulo* foi escolhida por ser um dos principais jornais do Brasil, e, este estudo parte da hipótese de que o jornal teria mudado de

posicionamento nesse período de nove anos entre os dois casos. Numa avaliação superficial, em 2005, a Folha indica ter abordado a questão sem condenar o racismo, relacionando o caso com a rivalidade histórica existente entre Brasil e Argentina no futebol, enquanto que em 2014, posicionou-se enfaticamente contra o racismo no futebol e favorável a uma punição à Patrícia Moreira e ao clube de futebol envolvido, o Grêmio.

O intuito do estudo é identificar possíveis fatores que podem ter levado a essa alteração editorial se confirmada a hipótese de que o tratamento foi diferente. E ainda, quanto ao conteúdo, pretende-se analisar as intenções das abordagens da imprensa: quais intencionaram despertar um debate social sobre racismo no futebol e quais teriam sido usadas como “espetáculo”. Dessa forma, o papel do jornalismo esportivo é refletido em nossa análise.

No primeiro capítulo, “Futebol: um espetáculo global”, a bibliografia sobre futebol é revisitada. É traçado um histórico sobre o esporte no processo civilizatório sustentado por Dunning (2013), autor referência na Sociologia do Esporte, que conta sobre a evolução das práticas esportivas, de primórdio violento ao aspecto mais moderno, e ainda sobre o surgimento e criação de regras para o futebol nas universidades na Inglaterra até a chegada no Brasil com a vinda de imigrantes para o país. Na sequência, questões sobre amadorismo e profissionalismo, fundamentais para a estruturação do que hoje é o futebol, também integram essa primeira parte do trabalho tendo Rosenfeld (1993), Abrahao (2010), Soares (2003) e DaMatta (2006) como referenciais teóricos. Além disso, abordamos sobre os anos 40, a Copa de 1950 e o *status* internacional adquirido por jogadores do país e pela Seleção Brasileira que fariam do Brasil o representante máximo da modalidade nas décadas seguintes.

No segundo capítulo, “Racismo no futebol brasileiro”, ideias e produções acadêmicas sobre a temática que dá título ao capítulo e move a presente dissertação são cruzadas, destacam-se autores consagrados na academia e que produziram trabalhos pioneiros com uma visão sociológica do futebol como DaMatta (2006), Helal (1997, 1999 e 2001) e Gordon Jr. (1999), além do clássico da literatura brasileira constantemente utilizado no debate sobre o racismo no esporte de Filho (2003), bem como as controvérsias sobre tal livro expressas na obra de Soares (1998). É neste capítulo também que são abordados os acontecimentos históricos que transformaram o futebol em um elemento cultural da sociedade e o momento em que ele é convertido em símbolo nacional. Consideramos também importante destacar neste capítulo outros aspectos que cercam o tema, elementos mais subjetivos que estariam relacionados com os sentimentos presentes no ambiente esportivo, principalmente durante as manifestações de racismo, na tentativa de melhor entender essa relação com o que chamaremos de “fenômeno

sentimental do futebol”, interessa-nos as ideias de Maffesoli (2006). Esta etapa do trabalho traz um panorama geral sobre manifestações racistas em campo na atualidade com casos que chamaram mais atenção no país e no mundo, recapitulamos ainda os dois episódios que serão posteriormente analisados por meio de suas coberturas na *Folha de São Paulo* e o contexto em que ambos estavam inseridos, casos Desábato/Grafite e Patrícia Moreira/Aranha.

“As duas coberturas da *Folha de São Paulo*”, título do nosso terceiro capítulo, discute os conceitos sobre jornalismo segundo Traquina (2006) e sobre jornalismo esportivo conforme Alcoba (2005) e Coelho (2003), e ainda a “espetacularização” da notícia baseado no clássico “A Sociedade do Espetáculo” de Debord (1997) e Vargas Llosa (2013). Nessa parte do estudo, os métodos e técnicas utilizados para o exame do objeto são apresentados e, por meio da Análise de Conteúdo segundo Bardin (1977), as publicações do jornal impresso *Folha de São Paulo* são analisadas e interpretadas.

Por fim, as respostas obtidas foram apresentadas no capítulo “Conclusões”, que encerra este estudo.

2 FUTEBOL: UM ESPETÁCULO GLOBAL

Não é preciso gostar de futebol para entender o que esse esporte significa para a maioria dos brasileiros ou mesmo para outras nações. A resposta que vem da arquibancada de um estádio e as reações enquanto um torcedor assiste à uma partida na televisão, por exemplo, são tão expressivas que deixam clara a intensidade com que muitas pessoas se relacionam com a modalidade, força que ao longo dos anos se manifestou em outros setores:

Em 150 anos, o futebol redefiniu a palavra esporte, interrompeu guerras, gerou ídolos, lendas, celebridades. Virou e revirou a indústria do entretenimento, estendeu sombras enormes de corpos franzinos, transformou meninos pobres em ícones planetários, criou modas, gerou empregos e se tornou o jogo mais jogado no mundo. (POLI; CARMONA, 2006, p.3).

Essa popularidade é fruto da inserção da prática do futebol nas atividades curriculares nas escolas (isso ocorreu no Brasil, bem como em outros países), com a modalidade como parte da formação educacional de todo cidadão, independente do gosto pelo esporte, as noções básicas obrigatórias ficam tão impregnadas no imaginário coletivo que fazem com que o jogo seja facilmente entendido pela maioria. O contato desde cedo com as regras do esporte torna o futebol algo de rotina e padrão, além disso, o fácil acesso, não é necessário muito para praticá-lo, uma bola em qualquer lugar é suficiente para que os movimentos do jogo possam ser

executados, auxilia no sucesso. O futebol é uma espécie de idioma global, e tal qual a ciência, por exemplo, é amplamente compartilhado mundo a fora. Ao longo do seu desenvolvimento, conseguiu torna-se acessível para todos, embora siga manifestando tensões raciais e religiosas em alguns momentos, e um claro domínio masculino. Ainda assim, é considerada a prática mais popular do planeta.

Do mesmo modo, destacamos a exploração midiática e atenção que o futebol recebe na imprensa, sendo presença diária nos veículos tidos como tradicionais (televisão, jornais, revistas e rádios) e na Internet, a familiaridade com o esporte é fortalecida. Isso se repete internacionalmente, o futebol tem um tratamento diferenciado na mídia espanhola, inglesa e italiana, o mesmo ocorre em países latinos como Argentina, Chile e Colômbia, por exemplo. Nesse contexto, Alcoba (2005) afirma que principalmente no início do século XXI, não por acaso o futebol foi transformado num espetáculo global, já que o esporte é terreno fértil para o espetáculo, em que mesmo com pessoas de países diferentes, falando línguas diferentes, pertencentes a raças, religiões e crenças diversas, todos se entendem e se divertem quando o jogo inicia.

Foi em meados do século XX, quando o esporte se consolidou definitivamente mundo a fora, que o futebol foi ganhando papéis variados, no Brasil, instituiu-se como símbolo nacional com função além das quatro linhas. Enquanto as competições atraíam cada vez mais apaixonados, os estádios foram se transformando em palco de eventos cívicos e de contestações políticas, as vitórias em campo foram usadas para acalmar ânimos nas relações político-sociais ferviam, assim como as derrotas desencadearam movimentos de insatisfação e violência fora daquele ambiente. O forte apelo emocional existente no futebol passou a ser utilizado como estratégia do governo, algo que remete aos primórdios da atividade física e dos espetáculos esportivos da Roma Antiga, com a política de “pão e circo”, uma forma de deter os distúrbios da plebe insatisfeita com o imperador Nero, em que as grandes arenas e as lutas de gladiadores, juntamente com a distribuição de cereais, serviam como uma solução paliativa para que as revoltas populares não tomassem grandes proporções.

O outro momento importante do futebol é quando ele é convertido em um lucrativo espetáculo, a popularidade foi acompanhada por um processo de mercantilização progressiva, que passou a envolver bilhões de dólares entre as cifras da comercialização de direitos de TV para as transmissões dos jogos, patrocínio, venda de artigos esportivos como camisetas e bilheterias. Uma cadeia econômica produtiva que inicia pela própria compra e venda de jogadores, pagamento de multas contratuais e de altos salários, fator que também acabou sendo

uma precondição fundamental para a internacionalização do esporte e mesmo do fortalecimento de desigualdades no meio com o domínio daqueles clubes detentores de maior poder econômico. Nessa “hipercomercialização”¹, as principais ligas europeias com maior capital financeiro detêm os melhores jogadores, conseguem importar e explorar o trabalho futebolístico de atletas provenientes de suas antigas colônias na América do Sul e África, pagam salários astronômicos e lideram as mais importantes competições mundiais, contribuindo para a manifestação de problemas com conflitos internacionais e derivados das assim chamadas diferenças “raciais”, com formas de hooliganismo ligadas ao futebol surgindo em escala global.

O número de câmeras nas transmissões de futebol foi aumentando, tornando o espetáculo mais sofisticado. As primeiras experiências tinham no máximo três câmeras, depois surgiram inúmeros recursos tecnológicos capazes de transmitir ao telespectador as mesmas sensações do que se estivesse presente no estádio, a preocupação com o áudio das torcidas e os detalhes dos lances crescem a cada ano (replays por diversos ângulos, câmeras aéreas, super lente de aumento, gruas, trilhos nas laterais). Esses investimentos são justificados pelos números de retorno financeiro que as emissoras têm com as transmissões esportivas. O principal evento do futebol, por exemplo, teve os direitos de imagem multiplicados de cifras milionárias para bilionárias, em 16 anos, de 1990 até 2006, a valorização foi de R\$ 154 milhões para quase R\$ 3,6 bilhões (POLI; CARMONA, 2006). No futebol nacional, as receitas de TV viraram essências para a manutenção do próprio esporte por parte dos clubes, a cada temporada, é estipulado um valor pago aos times para que tenham seus jogos transmitidos.

Um levantamento² apontou que anualmente o futebol movimenta entre R\$ 455 bilhões e R\$ 577 bilhões globalmente, clubes, federações e da FIFA, entidade máxima do futebol, tiveram um faturamento estimado em R\$ 82 bilhões, uma verdadeira transformação do esporte em um “show” global, conforme Lovisolo (2012, p.5):

Transporte e comunicações foram fundamentais para sua internacionalização ou globalização. Formaram-se associações encarregadas de sua regulação. O jornalismo esportivo cresceu vertiginosamente, estimulando o esporte, a assistência e o valor de pagar por sua realização. As empresas viram no esporte um campo de publicidade e de produção para o consumo dos esportistas e seus admiradores. O “Sport”, como palavra e atitude, como estímulo e consumo, passou a ser uma força significativa no mundo. Produção, comércio e serviços se entremearam no negócio do esporte.

¹ Termo apresentado por Eric Dunning em entrevista sobre a internacionalização do futebol. Disponível em: <https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/sporte-violencia-e-civilizacao-uma-entrevista-com-eric-dunning.pdf>. Acesso: agosto de 2016.

²Dados da consultoria suíça ATKearney referentes ao ano de 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/brasil-movimenta- apenas-2-do-mercado-da-bola-13026765>. Acesso: 10/01/2015.

Entretanto, segundo Helal (1998), mesmo com a crescente comercialização do futebol, ainda encontramos espaço para manifestações "sagradas". A relação entre torcedores e o clube é uma espécie de ritual:

Em jogos entre rivais tradicionais, os torcedores cantam, reverenciam seus ídolos, símbolos e cores de seus times, choram e rezam nos estádios como se estivessem em um templo religioso. Apesar da invasão comercial, uma certa aura sagrada permanece, ou melhor, é recriada. É como se a crescente comercialização do futebol fosse absorvida pela necessidade da "sacralidade", fazendo com que os limites entre o sagrado e o profano não sejam aqui bem definidos. Ou seja, se existe uma força que caminha na direção da destruição do lúdico e da profanação do espírito esportivo, existe também uma outra que caminha na direção oposta, reforçando o lúdico e sacralizando elementos corriqueiros. (HELAL, 1998, p. 5-6).

É neste mesmo terreno que estão inseridas ainda as manifestações de preconceito racial no gramado ou na arquibancada, assuntos que serão abordados com mais profundidade nos próximos capítulos do presente trabalho.

2.1 ANTECEDENDO O FUTEBOL

Antes de ingressarmos na história do futebol, recapitularemos brevemente a trajetória dos esportes na civilização até chegarmos ao formato moderno, que é considerado resultado de um "processo civilizatório"³. É importante destacarmos esses antecedentes da modalidade futebol para que possamos demonstrar que ao longo dos séculos o esporte foi ganhando um caráter mais pacífico, com a criação de regras e a instituição do *fair play*⁴, e que as principais funções passaram a ser a excitação e a criação de oportunidades de sociabilidade.

O esporte começa a ter um significado especial para o homem na Grécia Antiga. É sabido que o atual maior evento esportivo do mundo, as Olimpíadas, nasceu inspirado no que acontecia na civilização grega, quando a população participava de jogos em homenagens aos deuses. Por volta de 2.500 a.C., a realização de competições esportivas servia para homenagear principalmente o Deus Zeus, tinha mais caráter de celebração de crenças, foi posteriormente em 776 a.C. que os jogos olímpicos passaram a ocorrer de maneira organizada e com a participação de pessoas de cidades-estados variadas, no formato que inspirou os jogos modernos em 1896.

³ É assim denominado o conceito do esporte passando por estágios civilizadores, fruto da Teoria dos Processos Civilizatórios, estudo de Norbert Elias. No livro *Sociologia do Esporte e os Processos Civilizatórios*, Dunning (2013) reúne ensaios que tratam sobre os estudos sociais do esporte com destaque para o futebol.

⁴ Expressão em inglês para designar o modo leal e ético de agir em competições esportivas, sem prejudicar intencionalmente o adversário, seguindo as regras aplicáveis a cada modalidade.

As Olimpíadas faziam parte então da cultura que valorizava a adoração a beleza e ao corpo, os gregos pregavam o bem-estar e intencionavam fortalecer o sentimento de harmonia entre as cidades-estados, embora as disputas preparatórias funcionassem também como treinamento de guerra. Assim, podemos dizer que os primórdios do esporte estão de certa forma relacionados à violência e a uma distribuição de classes conforme pondera Dunning (2013, p.169):

Os esportes gregos estavam assentados no *Ethos* de uma aristocracia guerreira, uma classe dirigente de muitos modos similar à dos cavaleiros da Europa Medieval. Isso significa dizer que os jogos helênicos estavam baseados antes em uma tradição assimétrica de honra do que em uma tradição simétrica de equidade.

Essa violência no esporte que servia para definir as divisões sociais vigentes na época, e se repetiu no período da Roma Antiga com os espetáculos violentos, bárbaros e sangrentos. Sabe-se que os confrontos dos gladiadores de Roma, amplamente difundidos na história contemporânea pelo cinema *hollywoodiano*, eram batalhas mortais. Os eventos eram frequentados pelo Imperador, que detinha também o poder de decidir o resultado das lutas e interferia diretamente conforme os interesses políticos. Os gladiadores eram escolhidos no meio de escravos, eram prisioneiros de guerra e criminosos, explica Dunning (2013, p.164) que a violência e principalmente o preconceito eram extremamente prazerosos para os romanos:

Roma era uma sociedade escravista, em sua base estava uma economia escravista. Grande parte da população não era composta por pessoas, no sentido legal do termo, mas por objetos, disponíveis para exploração e que podiam ser comprados e vendido em mercados de escravos. Seus senhores tinham poderes de vida e de morte sobre eles. Num tal contexto social, não era de se esperar que houvesse altos níveis de identificação recíproca entre as pessoas, o deleite com o sofrimento alheio era algo acessível e abundante.

Nos séculos XVI e XVII, os torneios passaram por um processo civilizatório, conforme Elias (1986), os passatempos esportivos surgem então no contexto de uma sequente pacificação das relações sociais e da necessidade de desenvolver práticas culturais que contribuíssem para um maior autocontrole emocional. Já sociólogo Pierre Bourdieu considerou o esporte moderno como uma prática social estruturadora de classes. Bourdieu (1997) contextualizou sua análise com uma percepção que o esporte moderno é uma reinvenção de jogos populares, e, portanto, destinados a entreter e educar as elites, o que de certa forma proporciona a dominação de uma classe sobre outra, “a exaltação do esporte como atividade formadora do caráter foi concebida desde o início para inculcar nos filhos das classes dominantes o sentimento de superioridade moral” (PRONI, 1998, p.44).

Assim, as diferenças de classes foram sendo fortalecidas ao longo dos anos, enquanto as competições foram transformadas mais em espetáculos com um tipo de violência simulada em substituição a violência real, destaca Lovisolo (2009):

De modo geral, os inimigos se tornam adversários ou competidores e a “festa das espadas” será substituída por jogos emocionantes, porém, regrados e que eliminam ou reduzem a destruição de pessoas e poses. As lutas, pelos objetos valiosos de cada campo, serão civilizadas ou “organizadas” por padrões ou valores semelhantes que os atravessam. A guerra real, a emocionante “festa das espadas”, cederá seu lugar para as emoções miméticas. (LOVISOLO, 2010, p.32).

Os esportes continuaram de certa forma a simular a guerra, mas com as restrições à violência impostas pela obrigatoriedade de respeitar as regras que os estruturavam, o que para Elias (1994) seria um vetor do processo civilizatório que diminui a violência, embora ainda assim gere uma excitação socialmente aceitável. Ou seja, o confronto não é eliminado, mas substituído por um confronto em que a violência é controlada e reduzida. A violência foi ganhando outras representações, reforça Lovisolo (2010, p.33):

os esportes de contato, incluído as lutas, podiam funcionar como civilizadores e formadores do caráter dos homens. A prática das lutas regradas, a mimese da guerra, seria civilizadora para os homens, formados em séculos de tradições de guerreiros e caçadores, amantes da festa das espadas, e fortemente potenciados e excitados pela carne, álcool, drogas, morte e sangue. O paroxismo da guerra podia ser civilizado pelo esporte que, não por acaso, pune a utilização de drogas que o potenciam e excitam. O *fair play*, sob a perspectiva civilizadora, aparece, sobretudo, como aquilo que diferencia e separa da conduta na guerra. Colocar a bola fora do campo quando um adversário não se levanta é um gesto metonímico e icônico do *fair play* no futebol.

Entretanto, há um caráter inerente ao esporte de ser conflituoso, no ambiente da prática esportiva há níveis de violência ou simulação de violência que, em estado latente, despertam a emoção, afloram as decisões irracionais e se relacionam fortemente a questões identitárias e étnicas. George Orwell, conhecido pelo clássico *A revolução dos bichos*⁵, o inglês destacou em um de seus trabalhos escrito em 1945 que o esporte, na origem, nada tem a ver com o jogo limpo, mas que está intrincado com o ódio, o ciúme, a arrogância, o desdém por todas as regras e o prazer sádico em presenciar a violência. As manifestações racistas, de interesse no nosso estudo, podem ser consideradas consequências das necessidades intrínsecas ao próprio desenvolvimento do esporte.

Em outros clássicos da literatura que tratam da secularização e racionalização dos esportes modernos e que discutem as práticas esportivas não apenas como elemento lúdico, a questão da violência e transformação do jogos em negócio são abordadas. John Huizinga

⁵ ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. Londres: 1945.

(2007), por exemplo, explica que a “brincadeira” transcende as necessidades imediatas da vida e desenvolve criações culturais, mas é uma atividade espontânea, sem regra fixa ou significado acima dela. Por isso, esporte é sempre uma competição, há organização e códigos próprios.

Elias interpreta o surgimento do esporte na era moderna não como uma reedição de tradições gregas (ou romanas), mas como um processo cultural de “esportização” de atividades lúdicas que implicam esforço físico, processo cuja dinâmica dá origem a um conjunto de práticas sociais completamente distintas de suas possíveis antecessoras. A “esportização” de competições físicas é o correspondente no âmbito do lazer do processo civilizatório que se verifica na política inglesa (criação do Parlamento) e no convívio social (regras de etiqueta). (PRONI, 1998, p.39).

Ainda sobre os estudos de Elias (1986), o autor deixa isso muito claro que apesar do processo civilizatório dos esportes, a violência se fez presente ao longo dos anos também como reflexo da transformação sociocultural que abrangia as mudanças na personalidade do indivíduo, nos estilos de vida e nas relações sociais. Elias mostra com estatísticas que quando o esporte já tinha adquirido o caráter “moderno”, diferente das batalhas sangretas, há um retorno da violência física. Segundo o autor, foi durante século XX, quando o futebol ficou mais popular, que se constatou que a violência aumentou na esfera esporte/lazer na Inglaterra. As justificativas estariam no contexto social vivido pelos britânicos no quesito esporte, transferência das tradições violentas da comunidade, do pub e das ruas para o esporte e o lazer.

O que de fato parece ter acontecido é que uma tradição da classe trabalhadora, de brigas de rua e nos pubs, associada à “masculinidade agressiva” e há muito estabelecida, começou a declinar em consequência a incorporação cada vez maior de pessoas da classe trabalhadora aos padrões ou valores sociais dominantes. Enquanto isso acontecia, cada vez mais um número comparativamente pequeno de homens que ainda se apegavam à tradição de brigas de rua e nos pubs utilizava os esportes e o lazer, e depois da década de 1960 especialmente o futebol, como contexto para expressá-la. Essa invasão de um esporte nacional por parte de gangues da classe trabalhadora em um país que até então se orgulhava de seu público esportivo pacífico, e que era aclamado internacionalmente por essa característica, foi desproporcionalmente amplificada pela mídia em relação ao que realmente estava ocorrendo, contribuindo para impressão de uma sociedade em que a lei e a ordem estavam prestes a entrar em colapso (DUNNING, 2013, p. 155).

Ainda que tenha ocorrido um exagero por parte dos veículos ingleses na década de 60 na abordagem sobre as formas de *hooliganismo*, não passa despercebida a principal conclusão que podemos tirar da relação entre o esporte, em especial o futebol, e a sociedade: o do funcionamento como espelho. Os conflitos sociais fora do contexto esportivo e as

manifestações em ambiente esportivo se encontram entrelaçados e misturam o comportamental racional ao irracional, fazendo com que o esporte possa ser usado como espécie de “laboratório natural” para a observação das relações sociais.

2.2 OS PRIMEIROS CHUTES: DA INGLATERRA PARA O MUNDO

As histórias sobre a origem do futebol e dos esportes em geral são cercadas por mitos coletivos, relatos que foram legitimados ao passar dos anos e transmitidos de geração em geração. Apesar dos registros das inúmeras práticas que se assemelham ao futebol já no século XIV, a maioria dos pesquisadores considera o início do esporte a partir do manuseio da bola com as mãos, o chamado *soccer*, que posteriormente seria oficializado com a criação de regras no século XIX. Sendo assim, foi então a civilização moderna que concebeu a primeira versão desse futebol que estamos habituados quando os ingleses estipularam normas em 1863 para o jogo praticado nas universidades europeias,

(...) o termo *football* pode ter sua origem retrçada ao ano de 1314 com algum grau de certeza, a variante *soccer* do jogo, que virtualmente proscreve o manuseio da bola, é um produto da segunda metade do século XIX. (...) *Football* é um termo genérico, que se refere atualmente a toda uma categoria de jogos de bola, sendo a mais popular entre todas as modalidades associadas certamente o *association football*, isto é, *soccer*, mas incluindo também o *rugby football* (do qual existem duas variantes, *union* e *league*), *american football*, *canadian football*, *australian football* e *gaelic football*. *Soccer* é uma corruptela do termo inglês *association* e refere-se à forma “associada” de jogar, extremamente específica, cujas origens remetem 1863, ano em que a “Football Association” foi fundada. (DUNNING, 2013, p.185-186).

Entre as histórias que envolvem o surgimento do termo “*soccer*” propriamente dito está a que ocorreu na Universidade de Oxford, Charles Wreford-Brown, um estudante britânico, teria sido questionado se jogaria *rugger* (referência ao rúgbi), Charles respondeu “vou jogar *soccer*”, numa variação linguística que era moda entre a elite inglesa com o acréscimo da terminação “er” nas palavras. Entretanto, de todos os elementos que compõem essa versão romanceada sobre a origem, é sabido que o ambiente em que as histórias foram descritas fez mesmo parte do processo de desenvolvimento do futebol, é nas escolas públicas e universidades da Europa que o futebol surge e esse cenário estudantil teve um papel importante na trajetória da prática esportiva.

No começo, as regras que regiam o futebol eram orais, algumas adaptadas de escola para escola, porém não havia uma padronização. Por volta de 1859, os jogos embrionários da modalidade (*rugby* e *soccer*) começaram a se difundir, saíram do ambiente escolar para a sociedade britânica em geral, segundo Dunning (2013, p.195-196):

Dois processos sociais mais amplos sustentaram essa expansão: um crescimento contínuo do poder das classes médias e médias altas; e uma transformação educacional que ficou conhecida como o “culto aos jogos da escola pública” (...) que ajudou a criar o ambiente social que viabilizou a divisão do futebol em suas formas modernas embrionárias. Acima de tudo, desempenhou um papel decisivo na transformação daquelas modalidades de jogos que estavam destinadas a tornar o futebol e o rúgbi prestigiosas atividades a cavalheiros adultos.

O autor ainda observa que é nesse contexto que se instituiu o processo da “formação de caráter” e do valor “civilizador” dado aos jogos de equipe. Participar desses grupos/times em Cambridge e Oxford, as duas tradicionais escolas britânicas, tornou-se um ponto relevante para os currículos dos jovens, muitos deles eram escolhidos para monitoria de turmas- uma função de prestígio, por exemplo, a partir da participação nessas equipes de esporte.

Entretanto, a ausência de regras específicas para a modalidade criou um certo caos na prática, cada escola/universidade tinha regra própria, o que dificultava a realização de competições externas, quando aconteciam seguiam um protocolo local e gerava certa insatisfação entre as equipes. Em decorrência disso, foi sugerido a criação de uma espécie de “parlamento” do futebol que organizaria a modalidade, coincidentemente, no mesmo período, um conjunto de regras foi pautado por estudantes de Cambridge, redigido e enviado para publicação em um jornal. Nascia assim, em 1863, a primeira organização do futebol, a *Football Association* (F.A).

Poli e Carmona (2006) no *Almanaque do Futebol* contam que sob o comando de Ebenezer Cobb Morley, considerado um dos primeiros cartolas do esporte, 11 escolas passaram então a integrar e a seguir as regras estipuladas pela F.A. A medida que o futebol se desenvolveu, em 1880, foi criado a *International Football Association Aboard* (IFAB) para tornar homogêneas as regras do futebol inglês, escocês e irlandês, era uma maneira de preservar e unificar o esporte entre as nações.

No século XX, quando o futebol não era unicamente britânico e já patrimônio mundial, em 1904, sete associações europeias se reuniram em Paris para criarem a *Fédération Internationale de Football Association* (que se transformaria na global FIFA em 1913), a partir desse momento, outros países passaram a compor a federação. Nos anos seguintes, países americanos ingressaram também, mais de cem anos depois, a FIFA é considerada a instituição

máxima do futebol com 209 países/territórios associados, tornando o futebol o esporte mais popular do planeta.

2.3 A ORIGEM DO FUTEBOL NO BRASIL

No mesmo período em que os códigos para padronizar a disputa eram debatidos na Europa, a Argentina, influenciada pela chegada dos operários britânicos que construíam rodovias no país, foi pioneira na prática na América do Sul com a criação do Buenos Aires F.C. Nos anos seguintes, o esporte da elite inglesa chegou ao Brasil através dos imigrantes e virou lazer para a alta sociedade brasileira, descreve Luis Fernandes no prefácio da obra *O Negro no Futebol Brasileiro*⁶ de Mario Filho (2003, p.13):

Um esporte praticado quase que exclusivamente por clubes de engenheiros e técnicos ingleses e suas famílias no início do século XX. Do fascínio pelo novo esporte por jovens da elite metropolitana que conviviam com os ingleses e seus clubes. Da organização de clubes para a prática do futebol nos bairros da elite social da Capital, que se tornaram, igualmente, importantes centros de convivência das “famílias de bem”.

Conforme a maioria dos autores, o futebol inicia no Brasil em 1894 pelas vivências de Charles Miller. Filho de um cônsul britânico, aos nove anos, Miller foi estudar na Inglaterra pela carência de escolas que além de aulas em inglês, ensinassem os mesmos costumes que os pais haviam apreendido. Foi em Southampton que o jovem teve contato com o futebol, naquela época, os colégios estimulavam a prática esportiva (críquete, *rugby football* e o *football association*) como parte essencial na formação educacional.

Charles Miller retornou ao Brasil com experiência no futebol, nas regras e na própria organização do esporte no condado em que morava na Inglaterra. Na bagagem de retorno, um livro de regras, camisetas de times, bolas, chuteiras e uma bomba de ar para encher as bolas. Assim que chegou no país, teria promovido entre um grupo de residentes ingleses uma partida. Atletas que na época se dedicavam a críquete no São Paulo Athletic Club, que no ano seguinte, incorporou o futebol as atividades. De 14 de abril de 1895 há um registro como sendo o primeiro jogo de futebol no Brasil, em que se enfrentaram o *The Gas Works Team* x *São Paulo Railway*.

⁶ FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

(...) para difundir o futebol entre os ingleses, que viviam em São Paulo e jogavam *cricket*, Miller entregou-se a uma fervorosa atividade de missionário. O primeiro círculo que cultivou o jogo numa forma organizada foi formado por sócios de um clube inglês São Paulo Athletic Club, que havia sido fundado para a prática do *cricket* e ao qual Miller se associou. O clube reunia altos funcionários ingleses da Companhia de Gás, do Banco de Londres e da São Paulo Railway. (ROSENFELD, 1993, p.63).

Ainda que essa seja a história mais popular, há diferentes versões e outros personagens centrais que seriam os responsáveis por introduzir o futebol ou o *football* no país (termo original inglês usado para o esporte e que foi mantido na chegada ao Brasil, assim como as palavras para denominar as posições dos jogadores e momentos do jogo). Além de Charles Miller, Thomas Danoe é referido em algumas bibliografias.

Segundo Santos Neto (2002), em 4 de maio de 1894, em busca de novas oportunidades, o escocês Thomas Danoe embarcou para o Brasil. Meses depois, em agosto, a família de Danoe fez o mesmo trajeto saindo de Glasgow e trazendo como encomenda de Thomas bolas de futebol. Danoe teria organizado partidas informais antes de Miller, que só chegou no Brasil em outubro de 1894. Para o autor, Thomas não teve a preocupação em anotar, registrar a prática, enquanto Miller documentou a novidade no país.

Na mesma obra⁷, Santos Neto relaciona as raízes do futebol brasileiro às atividades educativas do colégio jesuíta São Luís, em Itu, interior de São Paulo. O escritor acredita que alguns dos professores teriam visitado escolas europeias e um dos padres, José Mantero, teria trazido duas bolas para a prática da modalidade em meados de 1890. Anos depois, outro padre, Luiz Yabar, adotou as mesmas regras usadas no *association football*. Entretanto, para a maioria dos autores, essas atividades praticadas com bola e os pés não podem ser confundidas com a institucionalização do futebol. Mills (2005) defende com veemência que todos os cronistas esportivos concordam com a figura de Miller como precursor.

Outro personagem importante na trajetória do futebol é Oscar Cox, citado como o pioneiro do esporte no Rio de Janeiro. Bellos (2002), conta que os cariocas já tinham escutado sobre os jogos que eram realizados em São Paulo, quando Cox, voltando dos estudos em Laussane na Suíça, trouxe uma bola. Em 1901, ele teria organizado uma partida entre os membros do *Rio Cricket and Athletic Association* e jovens locais, um evento que passaria quase despercebido, mas que marcou por ser o primeiro que contava com pessoas fora do círculo de ingleses. Em 1906, foi formada a primeira liga de futebol com a organização de um campeonato

⁷ SANTOS NETO, José Moraes de. **Visão do Jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

no Rio, em que os times eram compostos por estudantes e profissionais liberais das melhores famílias, entre eles o Fluminense, primeiro clube carioca, fundado pelo próprio Oscar Cox e dezenove amigos:

O Fluminense era um palco para exibir cosmopolitismo e refinamento. Nas arquibancadas, as mulheres vestiam a última moda e os homens, impecavelmente arrumados em ternos e gravatas, amarravam fitas das cores das equipes nos chapéus. Comemoravam à inglesa, incentivando os jogadores com 'hip-hip-hurrah'. O esporte era definitivamente amador, em sintonia com as modernas teorias europeias de educação física e higiene. (BELLOS, 2002, p.35).

A partir de então, essa origem europeia do futebol contribuiu para que ele fosse estabelecido como atividade da elite branca e urbana do Brasil. Outras formações de equipes e fundações de clubes se deram simultaneamente, Charles Miler registrou o entusiasmo com que o processo ocorria no Brasil, surpreso com a forma como o futebol ia ficando mais popular em outros locais (BELLOS, 2002). Em 1900, por exemplo, no Rio Grande do Sul, uma colônia alemã em Rio Grande se organizou para a fundação do o Rio Grande. Significava que o esporte estava sendo explorado não apenas nos principais eixos do país. Mas claro que a imigração, a indústria e sobretudo o desenvolvimento acelerado das cidades São Paulo e Rio de Janeiro criaram condições psicossociais prévias para o esporte, como cita Rosenfeld (1993), o sucesso estaria ligado a industrialização e a formação dos grandes centros no país.

Há ainda outro nome que estaria ligado aos primórdios do futebol no Brasil, um jovem hamburguês chamado Hans Nobiling. O estrangeiro fundou em 1899 o Clube Germânia (clube Pinheiros atualmente), que diferente dos demais clubes que eram exclusivos a uma nacionalidade, abrigou jovens de origens variadas. O primeiro jogo ocorreu no ano de fundação e foi contra o time dos ingleses da Companhia de Gás, da Estrada de Ferro e do Banco.

O desenvolvimento dos esportes em geral no Brasil aconteceu de forma tardia se comparado a Europa. Antes da chegada oficial do futebol, em 1882, Rui Barbosa, enquanto chefe de uma comissão de ensino, teve a ideia de introduzir no currículo das escolas primárias os exercícios físicos, a proposta fracassou nesse primeiro momento porque os governantes viam as atividades físicas como dispensáveis em relação aos problemas da nação em desenvolvimento, a educação teria que priorizar outros aspectos. Por isso, o papel relevante dos imigrantes que divulgavam o esporte, bem como o dos brasileiros que estudavam na Europa e retornavam ao Brasil com experiências que serviam para popularizar modalidades como remo, críquete e o próprio futebol, foram esses jovens que impulsionaram a prática de exercícios físicos no final do século XIX:

Os imitadores brasileiros que logo em seguida apareceram eram predominantemente jovens das camadas superiores, frequentemente filhos de fazendeiros que afluíam às cidades, para aí apanharem seus títulos de juristas; a primeira equipe essencialmente brasileira compôs-se de alunos da *Mackenzie College* de São Paulo, que fundaram um clube com o mesmo nome. Fora os ingleses, havia, porém, outros grupos de jovens imigrantes que trouxeram da Europa a necessidade de aproveitamento esportivo das horas livres. (ROSENFELD, 1993, p.77).

Enquanto na Inglaterra e no continente americano- as nações pioneiras no futebol o esporte sofreu resistência assim que surgiu sendo inclusive proibido praticá-lo nas escolas inglesas nos primeiros anos do século XIX, na implantação no Brasil, ainda que tardia, foi recebido como grande novidade. Por aqui, foram justamente os jogos nos colégios determinantes para o que seria posteriormente considerada popularização da modalidade. O futebol tornou-se quase que matéria obrigatória em escolas militares e nos internatos administrados por padres católicos. Há um registro que a primeira bola de couro cru teria sido produzida por Manuel Gonzales, um padre do Colégio Vicente de Paula, que comandava jogos para cerca de 40 alunos (FILHO, 2003).

Nesses primeiros anos, o futebol foi organizado essencialmente pelas camadas superiores, assim pôde preservar o caráter amador, já que integrar as equipes era para a juventude uma questão de lazer e *status* (exigia tempo livre). As competições municipais e intermunicipais passaram a fazer parte da agenda da sociedade, nas atividades e eventos sociais que incluíam viagens para competir, por exemplo, os dirigentes dos clubes escolhiam os melhores hotéis das cidades para hospedagem e trajavam as melhores roupas. Integrar a direção dos clubes tinha valor não somente social como político.

Nas arquibancadas existia um código para vestir, as mulheres com joias e de chapéus e homens de *smoking*. O ambiente das partidas de futebol transformou-se numa espécie de torneios da Idade Média, em que os nobres cavalheiros faziam exhibições para as jovens donzelas.

O futebol tornou-se símbolo da virilidade de uma juventude formada por uma cultura patriarcal em que a vigorosa potência viril e a elegância verbal literário-retórica contavam entre os valores mais altos: diante das tribunas coloridas, onde se apinhava a “flor da juventude feminina”, os jogadores podiam, então, como uma espécie de retórica física, incomparavelmente mais eficaz que a verbal, explorar sua masculinidade. (ROSENFELD, 1993, p.81).

Nas duas primeiras décadas, pode se dizer que o futebol manteve o mesmo perfil dos jovens responsáveis por introduzirem a modalidade no país, praticado majoritariamente pela elite brasileira e ingleses de posses, já que o próprio custo de materiais para a prática tornava inacessível para camadas mais baixas (os materiais eram importados da Inglaterra). Os menos

favorecidos não podiam frequentar as sedes como sócio ou jogador, a “seleção” iniciava pelo nível financeiro de cada um. Para entrar no Fluminense o jogador tinha que ter boa renda, para integrar o time São Paulo era preciso pagar cento e trinta mil réis, no Botafogo, era o sobrenome que legitimava a entrada no quadro de sócios. Sem o direito de atuarem nos clubes e nas ligas, negros e mulatos enfrentavam a segregação também na arquibancada. Só tinham acesso os brancos, enquanto a geral, quase sempre nas encostas dos morros, ficava disponível para os negros. Dessa forma, muitos clubes foram convertidos em comunidades fechadas de imigrantes, a maioria deles com brancos na essência e organizados em ligas.

A exceção nesse contexto mais elitista teria sido a criação do *The Bangu Athletic Club* em 1904, um time do subúrbio formado por operários da Companhia Progresso Industrial Ltda., uma fábrica de tecidos do Rio de Janeiro, menciona Caldas (1990, p.29):

O critério de escolha do jogador baseava-se principalmente em três aspectos: no seu desempenho profissional, no tempo de serviço na empresa e no comportamento pessoal. Ao ser escolhido, o jogador-operário passaria imediatamente a desempenhar um tipo de trabalho mais leve, onde pudesse economizar suas energias para concentrá-las no futebol. Nos dias de treino, ele tinha autorização dos diretores da empresa para deixar o trabalho mais cedo, com uma condição: dirigir-se ao campo de futebol, a fim de realizar treinos coletivos.

Os operários que se destacavam passaram a ser valorizados pela diretoria da fábrica, serviam para divulgação da própria empresa, visto que, às vezes, o Bangu viajava para outras cidades. O time era o menos inglês e elitizado em comparação aos outros da época, Rosenfeld (1993) entende a criação do Bangu como um fato que fortalece a teoria de um provável início de “democratização” do futebol nessa época, mas aponta também que a inserção dos operários juntamente com os ingleses nos jogos do Bangu era de interesse dos donos da Companhia, afinal impactava diretamente na produção industrial da fábrica, o lazer via futebol aumentava a disposição física dos funcionários e conseqüentemente dava mais energia para o trabalho.

Assim que surgiu, o futebol representava para elite o que havia de mais moderno, era questão de *status*, modismo, uma febre entre a alta sociedade. Contudo, há de se destacar que não foi visto com bons olhos de forma unânime por um período considerável no Brasil (mais de 20 anos). Analisando o que foi produzido na época pelos intelectuais modernistas, fica evidente o quanto o esporte teve um início menosprezado. Em 1928, Mário de Andrade, numa de suas obras de maior relevância, *Macunaíma*, classificou de forma ficcional o futebol como uma das pragas da nação. O personagem central do livro, retratado como preguiçoso e avesso à prática esportiva, explicita o quanto a cultura esportiva era repudiada e como estaria relacionada exclusivamente aos jovens pertencentes as elites abastadas, filhos de europeus,

atléticos que nada tinham a ver com a identidade nacional brasileira. Buarque de Hollanda (2011, p.5) analisa:

O futebol, subproduto de importação, provinha de uma matriz europeia transplantada por uma elite anglófila e francófila, ávida por novidades e exotismos. Sob a égide do nativismo, do primitivismo e do nacionalismo modernista, o futebol constituía mais um fenômeno típico da dependência cultural brasileira e situava-se no mesmo processo de formação homogênea de uma sociedade urbano-industrial. A importação do futebol representava a adoção de mais um artigo de luxo, com sua linguagem integralmente inglesa e seu vestuário britânico desconhecido. Admirado pelas elites do Rio de Janeiro e de São Paulo, o futebol amador dos anos 1920 proporcionava um certo ócio aristocrático de fruição do tempo e do lazer, tanto para os espectadores quanto para os seus praticantes. Para a burguesia carioca e paulistana, a prática esportiva trazia de forma subjacente os valores positivos da competição, da iniciativa, da igualdade de direitos e do aperfeiçoamento individual.

Outro escritor da época, Lima Barreto, fazia campanha contrária à prática esportiva e chegou a fundar a “Liga Brasileira contra o Futebol”. Para ele, a absorção do futebol era contrária ao discurso nacionalista que propagava. Além do *football* ser considerado “coisa de estrangeiro”, teria a capacidade de despertar sentimentos de violência e rompia com as etiquetas, os bons modos. Explica DaMatta (2006, p. 141):

O que me parece sociologicamente relevante nas objeções de Lima Barreto e de outros críticos é a percepção que o futebol transtornava papéis sociais hierarquizados, na medida em que o público deixava de ser um espectador passivo (como ocorria nos espetáculos burgueses tradicionais como o bel-canto, a ópera, o teatro e até mesmo as corridas de cavalo e as regatas), transformando-se num aficionado ativo singular: um “torcedor” desta ou daquela agremiação, certo de que sua atitude relativamente ao seu time era um modo de participação importante para o resultado da partida.

Essa interpretação do futebol como manifestação de uma cultura baseada em tradições europeias vai ser alterada na década de 30, possibilitando que os próprios modernistas refaçam as reflexões sobre o esporte. Mario de Andrade e Oswald de Andrade passam a considerar através do contexto de meados de 1930 que o jogo, elemento importado, teria adquirido caráter único e nacionalista por meio de uma deglutição, as influências europeias eram assimiladas, mas a capacidade brasileira transformava o futebol em expressão genuinamente nacional. O esporte transcende, tornando-se um meio para que interpretações sobre brasilidade fossem reforçadas (BUARQUE DE HOLLANDA, 2011).

Nos anos 40, a visão do futebol como parte da identidade nacional brasileira ganha força pelas obras de Gilberto Freyre, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz. Tendo principalmente o primeiro contribuído na construção do que é usado como um “inventário da história do futebol brasileiro”. Nesse mesmo tempo, um dos autores que sucinta polêmicas devido a ambivalência entre a literatura oral, verídica ou ficcional, entre mito e ciência, sobre o esporte no país, mas

que é imprescindível para a compreensão de tal trajetória, o jornalista Mario Filho, que posteriormente será abordado no presente trabalho.

Paralelamente, a prática esportiva foi rapidamente incorporada aos discursos higienistas que dominavam o cenário do país. A busca de um “tipo nacional” aceitável só seria alcançada ao se erradicar o problema maior dos brasileiros, as doenças. O maior mal, a ancilostomose, ou a “doença da preguiça”, precisava ser combatido. A prática dos exercícios físicos era vista como meio de instrumentalizar a cura das mazelas de uma população negra e mestiça. Somado a estas ações, os tipos existentes, segundo os cientistas, iriam pouco a pouco se “civilizando”, à medida que branqueassem em consequência das políticas de imigração iniciadas no século XIX. Neste sentido, os esportes deveriam fazer parte da vida cotidiana dos brasileiros para que estes, com suas doenças, não contaminassem aqueles que o salvariam da barbárie. (SILVA, 1998, p. 101).

2.4 O FUTEBOL A PARTIR DE 1930

Os anos 30 representam um momento de virada no futebol brasileiro. Isso porque foi a partir desse período que o esporte passou por uma das muitas rupturas que ocorreriam na história. A primeira diz respeito a profissionalização da modalidade:

O processo de profissionalização do futebol ainda não se mostrava consolidado no início da década de 1930 e as dificuldades provenientes da profissionalização continuavam presentes. Como aguçaram as rivalidades entre os amadoristas e os profissionais, ambos brigavam para controlar a direção dos esportes. Muitos clubes tiveram seus times enfraquecidos em função dos inúmeros jogadores perdidos para outros clubes, inclusive do exterior. Mas com a oficialização, concretizada em 1933, até fins de 1936, apesar das inúmeras dificuldades, o futebol brasileiro voltava a empolgar e a multidão de torcedores estava de volta aos estádios esportivos. (NEGREIROS, 2003, p.131).

Todos desejavam ter acesso a prática esportiva de forma democrática, o modelo inicial do futebol restrito a pequenos grupos dava lugar a uma nova estrutura, que inicialmente promoveu rupturas entre as instituições que organizavam o futebol, com disputas políticas entre os clubes e federações, e depois recebeu a interferência do Estado, a segunda significativa ruptura dos anos 30:

Quando esse esporte deixa de ser o lugar de encontro de uma elite – sempre desvinculada e avessa aos problemas populares –, novos setores sociais se fizeram presentes. Ao mesmo tempo em que o futebol foi perdendo seu caráter branco e elitista, veio o seu desprestígio social. A essas elites só restou desdenhá-lo como uma manifestação da irracionalidade, do atraso, da desordem, da violência, da ausência de caráter educativo. Em última análise, demonstrava-se a incapacidade de o futebol estar nas mãos dos setores populares. Destes só poderiam ser esperados atos inconsequentes. Não havia como fazer o futebol desaparecer. Portanto, era preciso discipliná-lo, era preciso uma ordenação que viesse de cima e a partir da intervenção do poder público. (NEGREIROS, 2003, p.127).

Por outro lado, com a saída do futebol dos domínios exclusivos das classes abastadas, o esporte proporcionaria a classe baixa (principalmente negros e mulatos a partir de 1933) uma possibilidade de ascensão social. Por consequência, os exemplos de sucesso tornaram-se matéria-prima para os discursos de integração social e passaram a funcionar como mecanismo político (é a partir dos anos 30 que ocorre interferência do Estado nas práticas esportivas). Todos esses fatores serviram de várias formas para torná-lo “esporte nacional”. Massificado, o esporte atingiu outro *status* social, representativo e simbólico.

2.4.1 A profissionalização do futebol

O amadorismo das primeiras décadas no futebol brasileiro permitia que uma manutenção de classe fosse feita, ou seja, além dos requisitos extremamente restritivos para fazer parte dos clubes e associações desportivas, o não pagamento de salários para jogadores fazia com que o esporte ficasse limitado a quem tinha reais condições financeiras de praticá-lo. Entretanto, percebendo o impressionante desempenho de jogadores provenientes de classes mais baixas, alguns clubes brasileiros encontraram formas de burlar as barreiras impostas pelo amadorismo vigente. A aceitação desses atletas passou a ocorrer em ritmo lento no final dos anos 20, acompanhada de uma prática que se tornaria frequente, o pagamento de “bichos”, “manobra” que ficou conhecida como o amadorismo marrom. Os jogadores recebiam um “cachorro”, “galo”, “vaca”, “coelho”, quantias que variavam de 5 mil a 100 mil-réis.

Como não podiam receber salários dos clubes, por serem amadores, os jogadores recebiam prêmios por cada jogo disputado. Os prêmios variavam de acordo com o resultado da partida. Quantias maiores nas vitórias e menores nas derrotas. Quanto melhor o jogador ou quanto maior a importância do jogo, maior era o bicho pago pela diretoria. (SILVA; SANTOS, 2006, p. 115).

A criação de empregos fictícios para comprovar uma atividade amadorística pura era outra artimanha da época,

Muitos homens de cor, de antemão desencorajados pela dificuldade de ascensão, tornados anteriormente incapazes de enfrentar as exigências da vida, vira sua hora chegar. Daí a seriedade com que jogavam, com que punham tudo no jogo: este tornou-se, como a embriaguez do álcool e da dança, um caminho de fuga, certamente um caminho que parecia ir para cima. Apenas poucas décadas antes havia sido abolida o sistema de escravidão. (...) Dar pontapés numa bola era um ato de emancipação. (ROSENFELD, 1993, p. 85).

Mesmo com essa prática, os clubes do país não conseguiam impedir a saída de jogadores que eram assediados por clubes internacionais, principalmente aqueles atletas com sobrenomes italianos, já que esses tinham a entrada facilitada na Itália, um dos mais promissores mercados

do futebol no período. Somado a essa situação, como o amadorismo marrom já era uma artimanha de conhecimento público e praticada pela maioria dos clubes, a ideia de inserir trabalhadores de forma oficial nos clubes já não soava tão absurda. O próprio presidente Getúlio Vargas utilizava dos discursos que promoviam a classe de trabalhadores, o “homem trabalhador” era uma das bandeiras nacionais.

O futebol carioca foi responsável por conduzir as discussões que culminariam na profissionalização do esporte no país. Apesar do contexto político propício a essas significativas alterações, o processo de profissionalizar o futebol foi cercado por tensões e opiniões divididas. De um lado, as classes altas em busca do que era refinado e exclusivo, de outro as classes operárias que surgiam no contexto de urbanização dos grandes centros do país.

O amadorismo, como uma ideologia elitista, produtor e promotor do *fair play*, seria esgarçado com a disseminação e popularização dos esportes. Os bairros populares vislumbravam a possibilidade de os clubes de futebol se converterem em uma forma de sociabilidade e de pertencimento, além de aproximação entre iguais e de um centro estratégico para a manutenção de vínculos sociais. Com isso, passaria a vigorar, no plano das ideologias, dois modelos distintos de adesão à esportivização. (ABRAHAO, 2010, p.79) .

A Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), entidade filiada à Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e responsável pelos campeonatos, serviu como palco de disputas e interesses no campo desportivo. Quando por orientação da CBD a decisão foi por manter o caráter amador da modalidade, os clubes que queriam profissionalização decidiram romper com a AMEA. Em janeiro de 1933, é então fundada a Liga Carioca de Futebol (LCF) com os cinco times que não aceitavam mais o amadorismo: Vasco, Bangu, Fluminense, América e Bonsucesso. Na sequência, o Flamengo aderiu a liga. Ainda em 1933, em março, a LCF consegue um elemento de peso no debate sobre a profissionalização, a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) institui o profissionalismo no estado de São Paulo, nela integraram: Santos, São Paulo, Corinthians, Portuguesa de Desportos, Palestra Itália e São Bento.

Contrários as ideias da CBD, LCF e APEA organizaram uma federação independente para administrar as competições dos clubes em regime profissional, a Federação Brasileira de Futebol (FBF) foi criada, porém ainda sem reconhecimento da FIFA. A profissionalização do futebol representou um marco, era a inserção de populares no espaço dominado pela elite.

O futebol ainda estava se estruturando no Brasil quando, em 1933, aquela atividade amadora oficialmente se converteu em profissão. Naquele contexto, o Brasil vivia a consolidação do trabalho livre oriundo da consolidação do capitalismo pós-escravidão. A implantação dessa nova ordem gerou uma concorrência entre os cidadãos brasileiros. Vivendo o período pós-abolição e a Nova República os cidadãos brasileiros passaram a respirar os ares da igualdade. A partir daquele momento, passaram a ser reconhecidos como iguais perante a lei. Isso demandou uma nova organização das relações de poder. O futebol parecia ter se apresentado ao negro, diante das mudanças estruturais, como um palco de visibilidade e contestação dos estereótipos impregnados na cultura, um meio de expressão positiva de identidade e um espaço que contribuiria para a mobilidade econômica e social em tempos de preconceito mais explícito. (ABRAHAO, 2010, p.9).

Venceu a profissionalização. Mais do que lazer, os principais dirigentes do futebol entenderam que o esporte era um negócio rentável, capaz de produzir lucrativas receitas aos clubes, sendo assim, a abertura e o investimento em jogadores talentosos, que na maioria das vezes se encontravam nas classes mais baixas, fortaleceu a necessidade de tornar a profissionalização unanimidade (SILVA, 2008).

Entretanto, pondera Abrahao (2010, p.86) sobre uma ressalva em relação à participação dos negros, mulatos e brancos pobres, “ainda era negada a possibilidade de se tornarem sócios dos clubes. Esses atletas eram admitidos como empregados pagos, sem nenhum direito à vida social dos clubes”. Ainda assim, o preconceito racial não impediu a aproximação dos negros com o esporte, em poucos anos, o futebol foi convertido na prática esportiva número um como destaca Freyre (2004, p.25) sobre o desenvolvimento do futebol transformado "não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais da nossa formação social e de cultura”.

2.4.2 Quando o povo foi para as ruas pelo futebol: 1938

Na história do futebol brasileiro esse é um ano fundamental, a ida ao mundial da França tem impacto direto nas relações do esporte com a sociedade, para Negreiros (2003, p.129-130): “Se este esporte experimentava um momento de transição entre a prática semiamadora e a profissional, o processo que levou a ida dos brasileiros às terras europeias produziu uma série de transformações dentro do futebol”.

Foi a partir da Copa do Mundo de 1938 que o esporte começa a ser relacionado a uma identidade nacional, ganhou contornos mais claros e se firmou como símbolo do país. Um dos impulsionadores da construção dessa relação foi o jornalismo, antes da ida ao mundial, quando

a seleção brasileira se preparava para a competição, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) lançou a “Campanha do Selo”, amplamente divulgada e apoiada pela *Gazeta*⁸:

A Campanha do Selo, a tão bem inspirada iniciativa, teve um sucesso invulgar, ao se iniciar há dias, no Rio, está quase esgotada a emissão de 100 mil selos. Com essa campanha os afeiçoados podem se interessar diretamente pela viagem da nossa seleção, pois adquirindo um selo o “torcedor” faz sua fezinha de ir também à “Taça do Mundo”. É a sorte que designará o feliz afeiçoadado que acompanhará a delegação(...) Melhor iniciativa para interessar os nossos afeiçoados não poderia surgir. Os que adquirirem o “selo cebedense” não só auxiliarão patrioticamente o comparecimento do Brasil na III “Taça do Mundo” como se tornarão, igualmente, candidatos a um lugar na delegação por 500 réis. Assim, enquanto os “fans” gastarão uma quantia tão modesta, a CBD, para cada emissão, arrecadará 50 contos, uma quantia que muito contribuirá para a nossa seleção viajar com maior comodidade, para melhor se hospedar na França, etc. E tudo isso importa na melhor disposição dos nossos “azes” para lutar naquele importante torneio dentro de suas reais possibilidades. Sendo assim, maior será nossa “chance” de vitória. Quanto melhor conforto tiver o “XI” brasileiro, tanto melhor será a margem que teremos para impor nosso valor. Adquirir o “selo” não é, pois, somente a esperança própria de se ir à Europa assistir o Campeonato Mundial, como também um ato patriótico para melhor servir o nosso ideal comum de vermos o Brasil atingir o posto supremo no futebol internacional que seria a conquista da “Taça do Mundo”!

A disputa da Taça deixava o nome “Brasil” em evidência internacional, portanto serviu também para uma aproximação do Estado à causa do futebol, o governo tinha interesse em promover a nação mundialmente. A CBD soube aproveitar desse interesse, explorou a ida da seleção ao mundial em todos os meios de comunicação possíveis e ainda escolheu a filha do presidente Getúlio Vargas, Alzira Vargas, como a madrinha da delegação.

O clima instalado pré-Copa foi potencializado no pós-mundial. Paradoxalmente, depois de uma derrota, mas que ainda assim foi convertida em razão de orgulho. A seleção adquiriu uma significação surpreendente determinante para os anos posteriores, quando funcionaria também como articulador da unidade nacional. Destaca Negreiros (2003, p.143):

Essa influência do futebol foi muito bem utilizada pelo poder público, bastando que se olhe todo o empenho demonstrado pelas mais diferentes autoridades brasileiras. Porém, também coube à imprensa uma função vital; os periódicos vivenciaram plenamente o clima de Copa do Mundo. Mais do que meio de informação ou análise, os jornais animaram o torcedor, ou iludiram-no com o otimismo exagerado de alguns cronistas esportivos. O rádio, como grande novidade numa transmissão direta da Europa, também se mostrou fundamental.

A Copa de 38 realizada na França teve como vencedora a seleção italiana. O Brasil, sem tradição no futebol, conquistou o terceiro lugar no mundial, tido pela população como uma colocação honrosa, no retorno dos jogadores ao país, o inesperado: a delegação foi recebida no Rio de Janeiro com festa nas ruas. Os jornais da época, surpresos, repercutiram a recepção nas

⁸ **Pode-se ir a Paris por 500 réis**, *A Gazeta*, 6 de abril de 1938, p. 9.

ruas como uma conquista muito maior do que o próprio título, “um carnaval fora de época”, um acontecimento patriótico que comprovava a força que o esporte tinha adquirido, que fazia com que até mesmo aqueles indiferentes ao futebol sentissem orgulho da conquista. A descrição do comportamento dos torcedores ressaltava a harmonia das ruas, o contato entre grupos sociais diversos, o futebol alcançara o reconhecimento como "uma verdadeira instituição nacional", o nas palavras de Freyre (1980).

2.4.3 Anos 40

Desde que Getúlio Vargas assumira o poder em 1930, o presidente buscou como estratégia governista a aproximação com os trabalhadores por meio dos elementos considerados “símbolos de identidade” da cultura nacional. Em meados da década, o samba e o futebol representavam as camadas populares e tinham se tornado paixões dos populares (SANTOS, 2012), portanto elementos que interessavam a Vargas. A partir de 1937, com a “pacificação dos esportes” -que colocava fim a disputa entre amadorismo e profissionalismo, o futebol poderia definitivamente ser usado como elemento de integração pelo governo (e em 1938 teve seu ápice como já demonstramos).

Em 1939 com o início da Segunda Guerra Mundial, o impedimento de realização de duas Copas (1942 e 1946) adiou o sonho do governo de sediar o campeonato. De certa forma, o clima de tensão nesse período de guerra e a preocupação com outras pautas desacelerou o processo por parte do governo de estimular o contexto identitário com o futebol como produto nacional que havia sido deflagrado em 38. Apesar disso, a importância da década de 40 está na oficialização dos esportes no país com a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND), em 1941.

O CND tinha as atribuições de estudar as matérias e sugerir medidas legislativas relativas à organização desportiva; além de superintender; vigiar; estimular e organizar os desportos no país. Tinha o poder de autorizar a participação de delegações nacionais em competições internacionais, de fiscalizar e proibir competições ou publicações esportivas incompatíveis com o interesse público e inclusive intervir em qualquer entidade desportiva. Ao CND também foi atribuído o poder de regulamentar os símbolos desportivos nacionais e das expressões utilizadas nos desportos. O decreto-lei também caracterizava as entidades desportivas como entidades patrióticas⁹. (SOUZA, 2009, p.38)

É relevante ainda na década de 40 a construção do Estádio Maracanã, seria transformado no símbolo do novo período em que o futebol brasileiro estava inserido. Para Mario Filho, a

⁹ Decreto-Lei n.º 3.199, de 14/04/1941

construção do maior estádio do mundo era uma forma de demonstrar a capacidade do povo brasileiro, fruto do esforço do trabalhador nacional (FILHO, 2003). As obras iniciam em 14 de novembro de 1947, três anos antes da realização do primeiro mundial no Brasil.

2.4.4 A Copa de 1950 e os vilões da derrota

O ano de 50 tem um peso muito grande na história do futebol brasileiro. O mundo criou inúmeras expectativas sobre o campeonato, afinal foi a primeira competição relevante que ocorreu depois do término da Segunda Guerra Mundial, e o Brasil havia adquirido um status importante junto a FIFA pela participação anterior em três copas (POLI; CARMONA, 2006). Enquanto os europeus reconstruíam cidades, moral e economicamente num pós guerra que deixou cicatrizes, o país era tido como uma nova nação, em desenvolvimento e possível potencial.

No Brasil, a industrialização e conseqüentemente a entrada do país entre as nações do Primeiro Mundo fortaleceram os debates sobre os discursos raciais vigentes nos anos 50, discurso esses que tinham como principal característica encontrar soluções para a integração do negro nessa sociedade que passava por modernização, “a saída possível era fortalecer a noção de que existia uma defasagem entre brancos e negros que o processo de miscigenação não tinha sido capaz de suplantar e, assim, era preciso entender que havia diferenças históricas entre brancos e negros”, conforme Silva (2008, p. 122).

Entretanto, de acordo com Monteiro (2003), o discurso racial entrou em confronto com o *mainstream* da intelectualidade brasileira da época que, em sua maioria, acreditava na miscigenação racial como uma saída para os problemas inerentes ao “tipo nacional”. Surgiram no campo intelectual e político os discursos “pró-negro”, bem como simultaneamente a intensificação do que Monteiro definiu como a “cisão racial”, diferença intransponível entre brancos e negros.

Apesar disso, a sociedade de 50 tentava mobilizações para o que o discurso de integrações social entre as raças fosse verdadeiramente possível. Em 1951, a Lei Afonso Arinos foi aprovada para coibir ações discriminatórias contra os negros. No início também dos anos 50, um projeto Unesco realizado por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento observava as relações raciais no Brasil, estudos principalmente motivados pós Segunda Guerra Mundial e os debates sobre raça que ficaram como herança negativa do período. O que

acontecendo em solo brasileiro era, de certa forma, um exemplo a ser seguido, já que a nação não vivia aparentemente experiências de conflitos raciais tão fortes quanto as que ocorriam no continente europeu naquele tempo.

Alguns sociólogos da época entendiam que as desigualdades raciais eram fruto de uma sociedade de classes em formação e que para que os negros fossem de fato inseridos na sociedade brasileira era necessário alterar as relações patrimonialistas desenvolvidas desde o colonialismo. Junto a essas vertentes havia ainda a crença de alguns na mestiçagem como a saída possível para tais desigualdades, como o escritor Gilberto Freyre, o jornalista Mario Filho e outros, que defendiam que o “complexo atávico” devia ser superado para que ele fosse inserido na modernidade (SILVA, 2008). O contexto social encontrou os recortes de uma derrota arrasadora e, portanto, elementos para que a questão racial fosse colocada em prova. Daí então explica Mario Filho, por exemplo, que o ano de 50 pode ter representado um recrudescimento do racismo.

A base do time Brasil era formada por jogadores que integravam o plantel do Vasco da Gama, equipe campeã sul-americana em 1948 e que durante o decorrer da Copa do Mundo demonstrou que tinha mesmo o DNA de vencedor aplicando nas duas partidas que antecederam a final igoleadas (7x1 contra a Suécia e 6x1 contra a Espanha). O primeiro placar elástico fazia com que a expectativa entre os brasileiros crescesse, conforme o registro de um jornal da época:

Como fugir do assunto do dia? O casal Quadros faz sete anos de casados e é no estádio que eles vão comemorar. A minha cozinheira vai levar o filhinho de 6 anos para que “não esqueça nunca mais” ... O prefeito prometeu outro discurso de incentivo. E os espanhóis que no início do campeonato declararam que só tinham medo da Suécia? O Uruguai já mostrou que eles não são sopa. Que faremos nós? Se perdermos Flávio Costa vai ter que abandonar a sua já iniciada campanha para vereador, se vencermos será o mais votado do mundo. Até a minha avó está com vontade de ir ao jogo...Muita gente dormiu na rua e amanheceu no campo. Aumentou grandemente, segundo informou o senhor Rosa da Farmácia Jacy, a venda de calmantes de ontem para hoje. A Associação Atlética do Senado Federal pede ao público que cante o hino nacional. Para facilitar o pedido, os jornais andam publicando a letra de “ouviram do Ipiranga”. O presidente Dutra ontem deu seu palpite (particular) Brasil 3x2 Espanha... Vamos Ademir, meu nego. (DIÁRIO CARIOCA- 6.762: 13/07/1950, p.6).

Nesse clima festivo e de “já ganhou”, a disputa pela taça contra o time uruguaio no Maracanã foi muito aguardada pelos torcedores brasileiros, mas transformou-se na “tragédia” histórica do *Maracanazo* (Brasil 1x2 Uruguai). O Brasil abriu o placar da partida no primeiro tempo, o Uruguai empatou e aos 34 minutos do segundo tempo saiu o gol da vitória uruguaia com Ghiggia. Na falha do goleiro Barbosa, o Uruguai marcou e a equipe brasileira sem poder de reação perdeu o mundial. Os jornais da época destacaram uma certa apatia dos jogadores em campo:

48 horas transcorridas, ainda ninguém conseguiu explicar como o fato aconteceu. O Brasil perdeu o campeonato mundial quando tudo parecia preparado para a vitória. Resiste apenas enquanto o tempo não passa uma impressão amarga de alguma coisa que faltou aos brasileiros e que sobrou aos uruguaios. Decisão, Bravura, Espírito de luta e principalmente a capacidade de vencer. (DIÁRIO CARIOCA- 6.766: 18/07/1950, p. 8).

Entretanto, do sentimento de derrota foi necessário encontrar um responsável para o que tinha acontecido no Maracanã, pela falha no momento do gol da virada uruguaia, o goleiro Barbosa ficou marcado como o grande vilão da história. Em tese de dissertação, Costa (2008) discute sobre essa classificação entre herói e vilão e traz elementos relevantes para explicar a “culpabilização” que ocorre depois de uma derrota. As narrativas que foram construídas a partir da Copa de 50 foram fruto de uma tentativa de explicar o que havia acontecido, já que antes do jogo criou-se uma atmosfera que dava um peso imenso a disputa e transformava a partida em uma oportunidade que não poderia ter sido desperdiçada. Diante de 200 mil espectadores no Maracanã, seria a maior tragédia até então vivida pelo esporte brasileiro:

Apesar de terem sido os responsáveis por levarem a seleção brasileira para uma inédita final de campeonato mundial, projetando o futebol nacional para quase todo planeta, os jogadores que compunham o selecionado brasileiro na Copa de 1950 deixaram sua condição de heróis que eles ostentavam antes do jogo Brasil X Uruguai, ao não conquistarem a Taça desejada e sobre a qual se havia depositado tanta expectativa. O vice-campeonato os transformara em simples mortais. A perda do título mundial deixava claro que apenas a vitória poderia ter conduzido algum jogador ou o selecionado como um todo ao trono do futebol nacional. Da derrota nasceu uma outra tipologia de jogador: o vilão. (COSTA, 2008, p. 12).

O vilão, Barbosa, até o fim da vida carregou a frustração e o peso de uma responsabilidade que, obviamente, num esporte coletivo, não era exclusiva dele. O trecho abaixo mostra como a imprensa esportiva interpretou o que aconteceu no Maracanã, considerando preponderante para a derrota a forma como além de Barbosa, Bigode atuou em campo na final:

(...) Quando Bigode, duro, dando aqueles botes de cobra, começou a dominar Gighia, Obdulio Varela primeiro foi para cima de Gighia. Deu-lhe uns gritos, uns empurrões. Para Gighia deixar de ser covarde. Depois, logo em seguida, Obdulio Varela agarrou Bigode pelo pescoço. Não lhe meteu a mão na cara. Mas que o balançou em safanões, balançou... se Bigode reagisse seria aí expulso, o Brasil ficaria com dez... Bigode obedecera às ordens terminantes: não podia reagir. Bigode e todos os outros jogadores... com as faces ardendo de vergonha, contendo-se, Bigode não dominou mais Gighia. Os dois gols uruguaios saíram dos pés de Gighia [...] Poucos eram os que não choravam, deixavam-se ficar numa cadeira numerada, num degrau da arquibancada, num canto da geral, a cabeça sobre o peito, largados. Ou então esbravejavam, batendo no peito, apontando para o campo. Uns acusavam Flavio Costa. Mas quase todos se viravam era contra os pretos do escrete: – o culpado foi Bigode! – O culpado foi Barbosa! (FILHO, 2003, p.287-289).

Apesar da responsabilidade “compartilhada” com o companheiro de equipe, foi principalmente Barbosa que ficou marcado como vilão, conceito que impregnou no imaginário

popular e prejudicou Barbosa que não conseguiu ao longo da carreira (mesmo que tenha sido vitoriosa no Vasco, por exemplo) apagar esse rótulo.

Quando se fala em 50, ninguém pensa num colapso geral, numa pane coletiva. Não. O sujeito pensa em Barbosa. O sujeito descarrega em Barbosa a responsabilidade maciça, compacta da derrota. O gol de Gigghia ficou gravado na memória nacional, como um frango eterno (...) o que ele não esquece, nem a tiro, é o frango de Barbosa. Qualquer um estaria morto, enterrado, com o seguinte epitáfio ‘aqui jaz fulando, assassinado por um frango’. Então concluí de mim para mim: ‘esse camarada não morre mais’. (NELSON RODRIGUES, 30/05/1959, citado em O Extra, de 11/4/00).

Quando a imagem do vilão é consolidada, tudo que acontece antes ou depois parece não valer mais. Mesmo que Barbosa tenha sido fundamental em todos os jogos que antecederam a final, e mesmo nas defesas que fez durante o jogo contra os uruguaios, o que ficou mesmo foi o gol marcado pela seleção do Uruguai, o “frango” de Ghiggia.

O estigma de Barbosa só fez ganhar força com o passar dos anos e sua carreira pareceu-nos ficar reduzida àquele momento, sem antes e sem depois. Eternamente marcado como o grande culpado pela derrota brasileira, sua carreira continuou por mais doze anos, mas a sombra da tragédia de 50 lhe acompanhou pelo resto dos seus dias. Barbosa chegou a ser convertido em um símbolo de azar, a ponto de em 1993 ter sido proibido de entrar na concentração da Seleção Brasileira de Futebol com a justificativa de que sua presença significava “mau agouro”. (COSTA, 2008, p. 84).

Após o mundial de 50, Barbosa não teve a oportunidade de participar de conquistas com a seleção. Em 1952, no Pan-americano no Chile, O Brasil saiu campeão, mas apenas quatro jogadores da campanha de 1950 foram convocados: Bauer, Bigode, Ademir e Friaça. Em 1953, Barbosa chegou a jogar o campeonato Sul-Americano sem êxitos. No ano seguinte, foi convocado para a Copa de 54 na Suíça, mas acabou vetado por conta de uma lesão.

A principal pergunta que veio após 16 de julho de 1950 foi “Por que perdemos?”, desse questionamento emergiram teorias, e os jornais tiveram contribuição na construção dessa resposta. Até a Copa de 50, as derrotas da seleção brasileira eram justificadas por fatores externos, mesmo um terceiro lugar como em 1938, foi celebrado com euforia e aceito pela população, mas para a derrota em casa não havia justificativas. Por isso a força em centralizar a atenção num “vilão”, já que essa era a forma de tentar encontrar as respostas para o vice-campeonato. Alguns pesquisadores defenderam a teoria que Barbosa teria sido escolhido como principal responsável por ser negro. Outros historiadores, além do cronista Mario Filho como já citamos, acreditam que além do goleiro, mais dois jogadores também foram responsabilizados pelo fracasso: Juvenal (zagueiro) e Bigode (meio), os dois outros atletas negros do time. Segundo Lopes (1998 b), como muitas das críticas eram baseadas nas teorias raciais evolucionistas, os discursos dos intelectuais brasileiros fortaleciam a interpretação de que a mestiçagem comprometia a formação da raça, que seria necessário um

“embranquecimento” da população por meio de políticas públicas; Barbosa, Juvenal e Bigode são uma espécie de bode expiatórios para tais argumentos.

Autor da obra *O Negro no Futebol Brasileiro*, lançada em 1947, Mario Filho, usa do fato de 1950 para dar continuidade ao livro lançado três anos antes (abordaremos o assunto mais detalhadamente nos próximos capítulos) e reeditada em 1964 a versão inicial. Filho (2003), entre outros argumentos, narra episódios da Copa para contextualização de que um clima de racismo teria sido despertado no Brasil. Embora o futebol tenha se tornado um meio de mobilidade social e econômica para os negros na década de 50, Filho afirma que as tensões raciais foram novamente ativadas com a derrota para o Uruguai, assim, atribuindo aos três jogadores, segundo a própria população brasileira, a responsabilidade pelo êxito dos estrangeiros no Maracanã. Acontecimentos que contrariavam a tese inicial de Filho do futebol como terreno de integração de classes.

Os argumentos de Mario Filho seguem sendo constantemente revisitados por acadêmicos interessados em construir reflexões sobre o futebol e os impactos sociais. Entre esses trabalhos está o artigo de Santos; Capraro; Lise (2010), na produção acadêmica que analisa jornais da época e a obra de Mario Filho, eles destacam que Bigode e Barbosa aparecem como personagens centrais na derrota, mas que não há uma clareza que essa responsabilidade estaria associada a questão do preconceito racial, porque outros negros apareceram nos textos como atuação considerada satisfatória. Santos; Capraro; Lise (2010, p. 204) destacam:

As contradições que Mario Filho estabeleceu em sua própria fala, ao afirmar, por exemplo, que alguns negros da equipe ficaram alheios à Copa pela derrota, o que não aconteceria se o discurso contra Bigode e Barbosa realmente fossem de cunho racista. Tais contradições eram necessárias para corroborar a tese de que a brasilidade estava na miscegenação racial, presente na primeira edição de *O NFB*, agregando reconhecimento da existência do racismo. Nesse sentido, Mario Filho se utiliza do sentimento de inferioridade que o brasileiro apresentava diante do estrangeiro.

Dessa forma, interessa-nos destacar que houve a relação do episódio da derrota com a questão racial e, principalmente, o quanto a Copa de 50 foi uma passagem marcante na história do futebol brasileiro e na própria construção do imaginário do torcedor no país.

2.4.5 O status internacional do futebol brasileiro

Foram as lições da derrota na Copa de 1950 que impulsionaram a "reação" da seleção brasileiras nos anos seguintes, em doze anos, o futebol do Brasil se tornou líder mundial (de 1958 a 1970, as três Copas do Mundo fizeram com que o esporte ganhasse proporção

internacional). O acontecimento negativo vivido dentro de casa serviu como o pontapé de uma reformulação no futebol.

Entre os "culpados", Flávio Rodrigues Costa, técnico do Brasil, foi também responsabilizado. A Gazeta Esportiva destacou que quando mais o país precisava do treinador, ele teria se feito ausente (CALDAS, 1990). Nesse ponto, iniciou-se o debate sobre a figura do treinador, absoluta e responsável por tomar todas as decisões e resolver os problemas dentro e fora de campo.

Desde ali, os que já lutavam nos bastidores por uma reforma geral do futebol brasileiro, a incluir, entre os itens principais, o fim do técnico absoluto e o advento de colegiados, ou, pelo menos, de uma forma de consagrar a tese acadêmica de que vários olhos enxergam mais do que dois, sentiram suas convicções robustecidas. Mas teriam de esperar, ainda, meia dúzia de anos, para impor suas ideias. É que a atual direção da Confederação Brasileira de Desportos, cujo mandato se prolongaria ainda até 1955, continuava na sua velha convicção, embora o desastre de 16 de julho de 1950. (CABRAL, 1970, p.56).

Quando chegou ao fim a gestão da diretoria que comandou a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) de 1943 até 1955, uma nova gerência ingressou com propósito reformador, com projetos de implantação de métodos inovadores na administração e no campo esportivo. Silvio Correa Pacheco e Jean Marie Havelange assumiram desacreditados, enfrentaram resistência por parte dos próprios clubes brasileiros ao proporem um calendário recheado de jogos para a Seleção. Essas sequências dariam ao Brasil um padrão de jogo, enquanto, simultaneamente, testes eram feitos com jogadores para uma mescla entre os atletas de 50 e um grupo de novatos. Foram incorporados ao plantel jogadores não apenas de Rio e São Paulo, mas de outros clubes brasileiros, o que dava a dimensão da popularização do esporte e do surgimento de novos craques.

Foi também estratégia da CBD utilizar seleções regionais para cumprir o calendário movimentado de competições. Num desses eventos, a seleção representada pelo Rio Grande do Sul venceu em 1956 no México uma respeitada Argentina, e do relatório entregue à confederação, o técnico Francisco Duarte Junior destacou a figura do supervisor técnico como útil ao trabalho. Ainda nesse texto, o treinador destacou sobre a importância do período de adaptação ao local de competição (detalhes que hoje são óbvios, mas que na década de 50 ainda soavam como novidade). Ainda por exigência do técnico, o país levou três goleiros, a partir disso a preocupação com um time com opções também passou a ser considerada.

Quando a Copa de 58 chegou, o Brasil estava pronto a assumir o posto de campeão mundial. Alguns pesquisadores interpretam que como resposta à questão racial de 1950, o time que estreou na Copa de 58 tinha um mulato (Didi) e dez jogadores brancos. Os negros/mulatos

ganharam espaço em partidas seguintes: Pelé, Vavá, Garrincha, Djalma Santos. Foi a primeira Copa do Mundo vencida pelo Brasil.

O mundial marcou também o rompimento com os traumas psicológicos que a seleção brasileira carregava depois dos maus resultados que sucederam 1950. Outras nações conheceriam o talento de Pelé, com apenas 17 anos na época, Nilton Santos e Garrincha. O time era considerado fantástico e foi ovacionado pelos suecos na final da competição, mesmo estando do outro lado o próprio time dos torcedores, a Suécia, derrotada por 5 a 2.

Tudo para ele era simples. Jogar uma Copa do Mundo era tão casual quanto o Campeonato Carioca. Chamava seus marcadores de “João” e não se preocupava com estilo de nenhum deles. Antes de cada partida, quase em outro planeta, perguntava ao amigo e compadre Nilton Santos: “quem é o João de hoje, compadre?” E ele humilhava todos. Driblava como queria. Parava em frente aos adversários, olhava, tomava fôlego e, se não os deixava sentados, simplesmente driblava-os. Coisa de cinema. Lances de artista. (...) Na Copa de 1958, o mundo conheceu Garrincha. Ele e Pelé começaram no banco e, já no terceiro jogo, foram efetivados no time titular. O “anjo das pernas tortas” ganhou a primeira Copa. (POLI; CARMONA, 2006, p.109).

Na década de 60, outras mudanças viriam, transformações na prática e na revisão de conceitos. O futebol europeu unia as habilidades individuais com a capacidade física dos jogadores, concluiu-se que seria também necessário aos brasileiros aliar o talento ao conjunto e a uma característica que era amplamente explorada pelos europeus: a velocidade. Vários campos trabalharam integrados, da medicina à fisioterapia, explorando as reservas físicas, os índices de resistência e agilidade dos atletas.

As equipes médicas e de fisicultores ganharam então o primado. O treinador passou a ser um homem que recebe relatórios verbais ou escritos e, em função deles, movia seus peões no tabuleiro verde da disputa. Surgiu então como figura imprescindível nas grandes organizações clubísticas, o supervisor- um homem de visão ampla, uma espécie de gerente geral, a ligar as várias peças da agora complicada engrenagem futebolística e funcionando, simultaneamente, como o “agente da ligação” entre essa engrenagem especializada e a cúpula dirigente. (CABRAL, 1970, p.97).

Esse processo aliado também a geração de jogadores que já vinha desde a Copa de 58 se destacando na seleção e no futebol nacional, fez com que o Brasil reafirmasse o papel de equipe de destaque conquistando o bicampeonato. Em 1962, antes mesmo do mundial iniciar, a equipe brasileira já chegou como favorita no Chile, os jornais chilenos destacavam principalmente o talento de Garrincha com manchetes que exaltavam o jogador por um talento muito além da média.

A seleção brasileira que ergueu pela segunda vez a taça tinha em sua estrutura a mesma base de 58, com pouca renovação. Logo depois da estreia, o time perdeu Pelé por uma distensão na virilha, Amarildo foi escolhido como substituto e levantava dúvidas se estaria à altura. Na semifinal, Garrincha foi expulso, o que seria a segunda grande perda da equipe, não fosse a

intercessão do presidente Tancredo Neves junto à FIFA, solicitando que o atleta fosse absolvido, em carta oficial, Tancredo pedia perdão pelos atos de Garrincha. Com o pedido aceito, o jogador conseguiu participar da final, mesmo com febre na ocasião, teve grande atuação e tornou-se o personagem principal da conquista da Copa do Mundo contra a Tchecoslováquia.

A segunda conquista num período de quatro anos tendo como destaques jogadores negros fez da década de 60 uma época de exaltação, principalmente por parte dos irmãos Rodrigues, Mario Filho e Nelson, era reforçada também as noções sobre o estilo brasileiro de jogar:

é possível perceber o entusiasmo e a ideia de que os bons jogadores tinham uma cor: eram preferencialmente “crioulinhos” e das classes populares. (...) os irmãos Rodrigues foram importantes na construção da ideia de que o “genuíno” futebol brasileiro tinha que ser composto pelo “brasileiro” de fato – negro, mestiço e das classes menos abastadas (...) os irmãos Rodrigues passaram a argumentar que diferente dos atletas brancos, os negros possuíam um jeito especial de jogar futebol, tinham ginga, por exemplo. (SILVA, 2008, p. 149).

Em publicação num jornal sobre o momento que o futebol do país vivia, Rodrigues:

No Brasil os *cracks* chovem. Ninguém joga mal. (...) Qualquer pelada de rua é um show de football. A gente vê crioulinhos que nos fazem pensar: – “Aí vai um Didi”. Essa deslumbrante qualidade já se torna um defeito. Poderíamos formar vários *scratches*. Um melhor do que o outro. (JORNAL DOS SPORTS, 04/04/1962).

Em 1970, a preparação da seleção brasileira ocorreu com o que havia de mais moderno no quesito métodos para práticas esportivas na altitude, profissionais da Escola Superior de Educação Física do Exército trabalharam no projeto para a competição. Enquanto o futebol ficava cada vez mais profissional e procurava absorver ainda as experiências diversas em outras nações por meio de excursões da seleção nacional, a década de 70 chegou para consolidar a imagem de “pátria de chuteiras”. No período que antecedeu a competição mundial no México, os slogans ufanistas “Ninguém mais segura este país”, “Ontem, hoje, sempre, Brasil” e “Brasil, ame-o ou deixe-o”, acompanharam o grupo de jogadores. Em plena Ditadura Militar, a conquista da Copa do Mundo em 1970 no México, fortaleceu a relação do esporte com a política, no retorno ao país, o plantel brasileiro desfilou em carro aberto pelas principais capitais, sempre acompanhado de marchinhas que exaltavam o amor ao Brasil (SANTOS, 2012).

Apesar do momento duro que enfrentava o país sob comando militar, a competição em si foi memorável para os amantes do futebol:

A Copa de 1970 foi, sem exagero, sensacional. Os estádios estiveram sempre lotados. Houve grandes partidas, como a semifinal entre Itália e Alemanha; grandes craques, como Rivera, Beckenbauer, Pedro Rocha, Cubillas, Gigi Riva, Bobby Moore e o artilheiro Gerd Muller. E um time para a história: o Brasil tricampeão. (POLI; CARMONA, 2006, p.66).

Evidentemente que pelo momento que o Brasil vivia, a repercussão do tricampeonato ressonou em outros setores sociais com a política como carro-chefe, mas diferente da boa impressão que 58 e 62 deixaram, a Copa de 1970 provocou efeitos opostos,

nesse período, houve uma cobrança de vários setores intelectuais por uma tomada de posição de todos aqueles que se destacavam para que assumissem uma atitude contra o regime. As denúncias contra o racismo e as percepções das diferenças existentes no Brasil significavam uma agenda de repúdio ao sistema vigente. O ex-jogador assim se posicionou, pois, sua luta contra o racismo foi associada à luta contra o sistema vigente. Esta foi uma das razões que levaram os discursos raciais a recrudescerem nessa época. (SILVA, 2008, p.158-159).

Durante os anos 80, o Brasil viveu o processo de reabertura política e democratização, depois do longo período de censura, Toledo (2015) afirma que no âmbito das escolhas e das demandas por novos objetos, era necessário que as análises sobre a sociedade e a própria sociologia brasileira fossem arejadas, e é neste contexto que está inserido o futebol, assunto que foi observado pioneiramente por DaMatta ao unir as áreas Sociologia e Esporte:

Era o momento de explicar o porquê o futebol consistia num tema que pudesse ser observado à luz da academia e, nesse aspecto, seu trabalho (DaMatta) cumpriu plenamente tal desígnio (...) o futebol consistiria numa instituição, ou melhor, num rito, para fugir de uma visada funcionalista tradicional, em que os movimentos do pêndulo inclinar-se-iam tanto para o lado moderno de sua trajetória, dada a vocação universalista presente nas regras do esporte, quanto para o lado tradicional, pois é também visto como um jogo (sorte/azar) no Brasil". (TOLEDO, 2015, p.18-19).

É dentro dessa ótica que o futebol ao se aproximar do sagrado neutralizador das aflições humanas ou se contrapor às hierarquias que se reatualizam no cotidiano é que pode ser visto como um fenômeno dotado de uma potência simbólica intangível que o populariza não somente pelos seus elementos civilizatórios, como quer, por exemplo, autores como Norbert Elias, mas também pelo adensamento dos valores presentes na tradição local, no caso, o Brasil. (TOLEDO, 2015, p.21).

Naquele tempo, o futebol nacional ia muito bem, as competições nacionais acirravam as rivalidades entre os clubes e nivelavam o esporte de norte a sul, além disso, em 81 o Flamengo foi campeão mundial, seguido dois anos depois pelo Grêmio. Clubes que se destacavam com jogadores que estavam em pleno vapor como Zico, marcaram presença nas convocatórias da seleção, mas, ironicamente, a trajetória dos anos 80 não foi vitoriosa. Em especial a da Copa de 1982, na Espanha, comandada por Telê Santana a equipe era considerada uma das melhores da competição, entretanto o país foi eliminado pela Itália.

Dois anos depois, a Olimpíada de Los Angeles, deu outra contribuição indireta para o esporte brasileiro: o modelo de transmissão e comercialização televisiva do evento serviu de

exemplo para as comunicações nacionais. Modelo que foi crescendo ano após ano, já na década de 90, transmitir a Copa de 1998 custou 220 milhões de dólares a Rede Globo, se transformaram definitivamente em lucrativo negócio (COELHO, 2003).

Em 1994, a Copa do Mundo foi sediada nos Estados Unidos, um país sem tradição no futebol, mas com conhecimento suficiente para organização de grandes eventos (e comercialização deles também). Os estádios estiveram sempre lotados, as ações de patrocinadores geraram cifras consideráveis e o turismo foi impulsionado pela realização do mundial. Naquela edição, o Brasil sagrou-se tetracampeão ao vencer nos pênaltis a Itália, em decisão emocionante em Pasadena. Dunga, Bebeto, Romário e Taffarel foram os protagonistas do título.

Em 1998, o desempenho da seleção agradou durante a preparação nas eliminatórias e amistosos às vésperas da competição na França, o time conseguiu chegar à final depois de partidas cercadas de adrenalina, mas com um desfecho diferente do esperado:

(...) sessenta anos após serem anfitriões de seu primeiro mundial, os franceses se preparam com todo cuidado para conquistar, dentro de casa, sua primeira Taça FIFA. Durante a fase de preparação fizeram amistosos contra equipes poderosas, inclusive o Brasil. Realçaram as virtudes. Amenizaram os defeitos. E apostaram em craques como Thuram, Desailly, Blanc e, principalmente, Zidane. (...) O último capítulo da saga francesa aconteceu num domingo. Além da superioridade do time europeu, do estádio lotado por torcedores rivais e da fraca defesa canarinho, o dia 12 de julho ficou marcado pela convulsão sofrida por Ronaldo, horas antes da partida. (POLI; CARMONA, 2006, p.80).

Na sequência, nos anos 2000, outros craques do Brasil ganharam fama e reconhecimento internacionalmente além de Ronaldo. Émerson, Ronaldinho Gaúcho, Adriano Imperador, Kaká. Em 2002, na primeira edição da Copa do Mundo realizada em continente asiático, mais uma Copa para consagrar o futebol do Brasil, a seleção chegou ao pentacampeão. Na Coreia do Sul e no Japão, em sete jogos, o time brasileiro teve sete vitórias comandadas por Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho e Rivaldo. Diante da Alemanha, considerado um dos times mais fortes daquele mundial, a seleção marcou dois gols na final (ambos de Ronaldo) e tornou-se a nação mais vitoriosa da história do futebol com cinco títulos.

Passada mais de uma década, estaríamos segundo alguns pesquisadores vivendo a “Neymarmania”. O atacante Neymar Junior foi descoberto no futebol muito cedo, cresceu na base do Santos, foi lapidado como talento dos gramados e tornou-se a referência do time. Além disso, Neymar, assim como já representavam Ronaldo “Fenômeno” e Ronaldinho Gaúcho, é também uma marca publicitária de impacto. Em 2013, numa das maiores transações do futebol brasileiro, Neymar foi vendido ao Barcelona, time em que ainda atua. Na última temporada,

campeão da Liga dos Campeões, o brasileiro recebeu a indicação da FIFA como o melhor jogador do mundo, disputou o prêmio ao lado de outros dois jogadores destaques da atualidade, o argentino Lionel Messi, vencedor da premiação, e o português Cristiano Ronaldo.

Por mais que o Brasil tenha produzido jogadores de destaque internacional, depois da conquista da Copa do Mundo em 2002, os anos de 2006 e 2010 deixaram uma sensação de frustração no torcedor da seleção brasileira. Nas duas edições, o país teve participações aquém do renome adquirido com os cinco títulos e dos craques “exportados”. O futebol brasileiro continuava a repercutir internacionalmente com atletas nos times mais cobiçados do planeta, mas o conjunto parecia não funcionar. Ainda em 2007, quando o Brasil foi eleito como sede para a Copa de 2014, diferente do rótulo senso-comum de “país do futebol”, a escolha “evidenciou as principais contradições de uma jovem nação que ainda amadurece em suas instituições políticas, sociais e econômicas”, como destaca Gurgel (2014, p.11), que ainda observa:

Celebrada por uns, criticada por outros, a Copa do Mundo de 2014 marcou, assim, um dos momentos mais importantes da história recente da República, em que conceitos como democracia, cidadania, responsabilidade social, transparência, mobilidade urbana, capacidade de sediar o evento etc., foram amplamente discutidos por toda a sociedade brasileira. Mais uma vez, como sempre ocorreu em sua história moderna, o futebol expôs de forma clara as contradições históricas da sociedade brasileira. Contradições essas que explicitaram diversos pontos de vista da importância, ou não, do evento Copa do Mundo para o Brasil. (GURGEL, 2014, p. 12).

Com a proximidade do evento e a conquista da Copa das Confederações em 2013, em meio a marcantes protestos com inúmeras reivindicações políticas e sociais, esperava-se que durante o mundial em casa no ano seguinte, em termos esportivos, a seleção recuperasse as atuações do passado. Porém, não foi dessa forma que ocorreu, a humilhante derrota por 7x1 para Alemanha e as pífiadas partidas que antecederam o “fatídico” encontro com os alemães mostraram que a marca de “melhor futebol do mundo” ficou no passado. Da mesma maneira que aconteceu em 1950, após o *Maracanazo*, a derrota na Copa fez surgir uma série de questionamentos sobre a forma de execução do futebol brasileiro, simultaneamente, escândalos de corrupção, tráfico de influências e lavagem de dinheiro envolvendo dirigentes da FIFA e brasileiros da CBF, abalaram a credibilidade das duas instituições e provocaram novos debates sobre os caminhos que percorre o esporte no Brasil, discussões ainda em andamento. O olhar do torcedor sobre aquele que era orgulho nacional mudou, o futebol já não nos causa mais admiração, ao menos não em cores verde e amarela.

3 RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO

Para analisar o racismo no futebol há relações importantes que devem ser estabelecidas. A primeira diz respeito ao contexto em que o esporte começou a ser praticado no país, durante o final do século XIX, período em que o progresso da nação estava associado a raça branca (discurso da hierarquia racial¹⁰). No Brasil, por exemplo, as ideias de Raimundo Nina Rodrigues foram influentes no período depois do fim da escravidão, o conhecimento do *racismo científico* era aplicado:

O aporte racialista acredita que exista uma nítida diferenciação entre os seres humanos de aparências físicas distintas, agrupando-os em subespécies do *homo sapiens*. Desse modo, essa corrente entende que, em conformidade com cada raça, é possível definir o caráter, a personalidade, bem como os atributos morais e culturais de cada indivíduo e de suas respectivas coletividades. Por esse motivo, no interior desta forma de percepção da realidade, haveria uma radical associação entre raça, etnia e cultura. Ou seja, os padrões culturais eram considerados função da etnia/raça e essa determinava, como lei de bronze, o modo de ser de cada indivíduo pertencente aos distintos grupos raciais. Estas raças, por sua vez, seriam hierarquizáveis de modo que, para cada estágio cultural e civilizatório alcançado por um povo, isto poderia ser visto como índice de sua capacidade mental, moral e física. (PAIXÃO; GOMES, 2010, p. 62).

Enquanto a comunidade científica trabalhava em estudos que tinham por objetivo comprovar a superioridade racial dos brancos, desse cenário emergiram representações estereotipadas sobre o negro. Amplamente divulgadas nos jornais e nas relações do dia-a-dia, a medida em que as teorias da raça eram difundidas, elas tornavam-se um consenso social, vinculando imagens globalizantes e limitadoras sobre o negro, que sempre aparecia em papel inferior (SCHWARCZ, 2002).

Depois da abolição da escravidão em 1888, as estruturas sociais passaram por uma mudança forçada, e no mesmo período em que o esporte começou a ser desenvolvido no Brasil, esse comportamento impactou no estabelecimento de “códigos”. O negro “objeto” virou cidadão livre, mas não adquiriu status pleno de liberdade, porque conforme o pensamento progressista vigente na época, os brancos seguiram superiores aos negros, conforme salientam Rossi e Mendes Júnior (2014, p.39):

Há pouco mais de um século, quando o futebol nascia no Brasil, jogadores negros não só eram xingados impunemente em campo, como mal eram admitidos no gramado. Além da péssima herança da mentalidade escravista, vários fatores explicam essa exclusão. No fim do século 19, o mundo vivia o auge do pensamento racial, segundo o qual a miscigenação era considerada uma das causas da miséria e do atraso dos brasileiros.

¹⁰ Sobre o racismo científico; essa expressão de Skidmore é utilizada para definir as teorias científicas que defendiam a superioridade da raça branca ou ariana, em detrimento das raças inferiores. Cf. SKIDMORE, Thomas E. Fato e mito: descobrindo um problema racial no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 79, nov. 1991, p.6

Durante um período longo da história do país, o debate sobre a formação do povo brasileiro foi influenciado pelo chamado “ideal de branqueamento”, nesse conceito as políticas públicas que ocorriam desde o fim da escravatura e nos vinte primeiros anos da República visavam progressivamente reduzir as características negras:

(...) mediante ações de política pública, reduzir progressivamente os caracteres negros (físicos e sobretudo morais) na população brasileira, favorecendo o desenvolvimento de uma nação moderna (isto é, aprimorando o "caráter do povo brasileiro"), fez com que os ideais de branqueamento transcendessem os limites do discurso "acadêmico", tornando-se um tópico corrente no "senso comum". Como resultado, tivemos o surgimento de todo um ideário que desvalorizava os traços considerados negros. Aparentar ser negro era negativo; daí as formas de "driblar" a raça, efetivadas, aliás, graças ao sistema de classificação racial "em gradiente": a valorização de cabelos lisos, de mulatos de "olho verde" ou traços "finos", uma vez que essas características eram esteticamente mais aceitáveis e menos "denunciadoras" da negritude. (HELAL; GORDON JR, 1999, p. 153-154).

A exclusão continuava como uma forma de demarcar as hierarquias sociais e as manifestações ocorriam naturalmente no esporte também. A presença dos negros suscitava desconfiança e repúdio, se por um lado o negro em condição agora de escravo liberto tinha condições de pela primeira vez competir em algum domínio social com brancos (no caso no esporte), colocando à prova as qualidades raciais, por outro o preconceito era reafirmado nessa esfera. O futebol foi inserido na sociedade justamente num momento em que a vida urbana brasileira vivia uma conjuntura de acirramento das tensões raciais, por isso o esporte não ficou imune às representações sociais do negro que já eram construídas no dia-a-dia.

3.1 BREVES CONCEITOS: RAÇA, IDENTIDADE E RACISMO

Como o nosso trabalho tem por objetivo refletir sobre o futebol e a questão racial, faremos algumas considerações baseadas na bibliografia escolhida para apresentarmos os conceitos de raça, identidade e racismo, bem como suas relações com o esporte.

O termo “raça” surgiu no século XVI durante a descoberta de que os homens eram diferentes entre si. Com base no valor heurístico da “raça”, no século XVIII foram criadas teorias para dar inteligibilidade e sustentação à dominação entre as “raças”, bem como definir a moralidade e o devir dos povos (SCHWARCZ, 2002).

Alguns autores defendem que as elaborações sobre o conceito de “raça negra” são anteriores as questões do racismo, para Abrahao (2010, p.15):

As construções sobre a “raça negra” antecedem ao racismo na medida em que se valem da intencionalidade de construir a superioridade de “uns” em detrimento de “outros”. Em outros termos, foi a vontade da diferenciação que levou à necessidade de construção da “raça”. O racismo, por sua vez, entendido como representações hegemônicas construídas sobre a “raça negra”, surgiu a partir desse movimento. Com efeito, as noções de “raça” têm sido diferentemente usadas para classificar e ordenar hierarquicamente indivíduos e grupos socialmente desqualificados à luz das relações de poder engendradas historicamente.

Segundo Hall (2003), “raça” se refere as características externas relacionadas a cor da pele, mas, na prática, a definição racial faz parte de uma construção social e política. A raça é uma das formas de identificar pessoas sem intenção mentalmente, uma relação automática. Já o racismo seria uma tentativa de justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, de natureza. Ele é um fenômeno social, sem qualquer relação com a questão biológica:

O nível genético não é imediatamente visível. Daí que, nesse tipo de discurso, as diferenças genéticas (supostamente escondida na estrutura dos genes) são “materializadas” e podem ser lidas nos significantes corporais visíveis e facilmente reconhecíveis, tais como a cor da pele, as características físicas do cabelo, as feições do corpo, o tipo físico, o que permite seu funcionamento enquanto mecanismos de fechamento discursivo em situações cotidianas” (HALL, 2003, p.70).

Ainda conforme o autor, os qualificativos atribuídos à diferentes grupos sociais/raciais partem de quem tem mais poder na totalidade social, dessa forma, o posicionamento hierárquico de um grupo relação aos demais é mantido. Para Hall, foi a elite “branca” que construiu uma identidade do que é “ser negro”, um “conhecimento prévio” fortalecido por conceitos ideológicos que transferem as diferenças sociais, históricas, geográficas e fenotípicas, para um juízo de valor que é parcial.

De acordo com Ortiz (2003, p.7): “a identidade possui ainda uma outra dimensão, que é interna. Dizer que somos diferentes não basta, é necessário mostrar em que nos identificamos”. Essa identidade quando manifestada em termos nacionais como ocorreu no país na relação raça/futebol cria uma comunidade imaginada, estabelecendo um sentimento de pertencimento e conclama “diferenças entre nações [que] residem nas formas diferentes pelas quais elas são imaginadas” (HALL, 2003, p. 51).

Para Orlandi (1993), à medida que a identidade é construída baseada em acontecimentos principalmente do passado como uma espécie de herança, o discurso fundador, um desses acontecimentos se torna uma referência básica no imaginário. No caso do Brasil, a identidade funcionou como um elemento simbólico, “a construção do imaginário necessário para dar uma ‘cara’ a um país em formação para constituí-lo em sua especificidade como um objeto simbólico” (Orlandi,1993,p.17). Essas representações construídas sobre quem eram os

afrodescendentes se internalizaram na memória coletiva, atravessaram os séculos e acabaram se relacionando inevitavelmente com o futebol.

A obra do autor Allport (1954) é considerada um dos marcos para o estudo sobre preconceito, conforme ele o racismo é “uma atitude aversiva ou hostil face a uma pessoa pertencendo a determinado grupo, simplesmente por causa da sua pertença a esse grupo, e em que se pressupõe que esta possui as características atribuídas a esse grupo” (ALLPORT, 1954, p. 7).

De acordo com Jones (1972), o preconceito é uma atitude negativa em relação a uma pessoa ou grupo, sempre baseado num padrão de comparação social. A manifestação comportamental do preconceito seria a discriminação. Lima entende o preconceito da seguinte forma:

(...)um processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base numa marca física externa (real ou imaginária), a qual é resignificada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento. (LIMA, 2002, p. 30).

Sendo assim, no século XIX, no ápice do pensamento positivista, negros e mulatos, brasileiros de origem africana tiveram sua condição difundida entre a população sempre acompanhada de um discurso de “atraso em potencial” para a emergente República diante das outras nações.

No Brasil, alguns intelectuais como Sívio Romero, Euclides da Cunha e Raiumundo Nina Rodrigues, acompanhavam a tendência europeia e pensavam a realidade do país com a visão hegemônica dos europeus, em que o progresso era fruto da raça branca pelo discurso de hierarquia das raças; a nação brasileira estaria em um estágio civilizatório inferior (ORTIZ, 2003). Ter negros num cenário como o futebol, tipicamente retrato dos costumes do Velho Mundo, significava o fortalecimento desse atraso, a convivência entre cidadãos considerados mesmo depois da abolição da escravatura inferiores.

Do que foi produzido até então, há entendimentos diferentes sobre a questão racial no Brasil e que acabam impactando diretamente nas produções acadêmicas sobre o racismo no futebol. Isso porque em 1930, escritores como Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda elaboraram teses sobre a brasilidade com uma interpretação diferente sobre o papel do negro na sociedade.

(...)os três autores citados foram trazendo elementos de uma visão do Brasil que parecia adequar-se ao nosso ponto de vista. Traziam a denúncia do preconceito de raça, a valorização do elemento de cor, a crítica dos fundamentos “patriarcais” e agrários, o discernimento de condições econômicas, a desmistificação da retórica liberal. (CÂNDIDO, 1995, p. 11).

Freyre, embora não tenha escrito muito sobre o futebol, influenciou outros literatos e o mais importante deles, Mario Filho, o autor da primeira obra sobre o negro no futebol do país.

3.1.1 O pensamento de Gilberto Freyre

Os textos que tratavam especificamente sobre futebol produzidos por Gilberto Freyre ocuparam as páginas dos jornais da cidade de Recife na década de 30, nele o escritor relacionava a questão racial ao esporte. O futebol é visto dentro de uma ótica de elogio à raça e à cultura negra, como se a beleza da modalidade fosse restrita a esta raça e cultura em particular. O autor cai também em generalizações quando exalta a qualidade técnica do negro (GOMES, 2000).

O trecho abaixo, parte do prefácio de *O negro no futebol brasileiro*, demonstra um pouco dos discursos de Freyre sobre negros no futebol:

Sublimando tanto do que é mais primitivo, mais jovem, mais elementar, em nossa cultura, era natural que o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o descendente de negro, o mulato, o cafuso, o mestiço. E entre os meios mais recentes - isto é, dos últimos vinte ou trinta anos - de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuso no Brasil, nenhum excede, em importância, ao futebol. (FREYRE, 1947).

Por afirmações desse tipo sobre raça/esporte, alguns críticos, entendem que a produção de Freyre foi muito reducionista em relação à complexidade do futebol brasileiro.

O jogador negro apresenta-se nos textos de Freyre como a única possibilidade de um requinte técnico frente ao "apolíneo" jogador europeu. Ou seja, reduzia-se o fenômeno futebol ao negro e generalizava-se a pouca habilidade do jogador branco. Dentro desta visão mais complexa de abordagem do futebol a qual estas considerações finais se propõem, pode-se lembrar a análise de Sevcenko (1994) em que acrescenta as cidades (metrópoles) como um fator explicativo deste fenômeno esportivo. Este autor também mostra que alguns elementos internos ao futebol permitiram sua expansão em contextos distintos. Tais elementos são a presença de um elã coletivo e a não exigência de um tipo físico ideal para a prática deste esporte. (GOMES, 2000).

Na verdade, os escritos nos jornais que relacionavam raça e esporte eram apenas parte de um pensamento que Freyre passou a defender. A influência principal vinha de *Casa-grande e Senzala* (1933), o livro em que expressou as ideias sobre o que ocorria na sociedade brasileira. A obra-prima de Freyre rompeu com as teorias sobre raça, e assim como aplicava ao campo esportivo, nela defende que a questão da raça não seria o fator determinante na formação da sociedade brasileira, mas sim a cultura.

Por essa razão, estudiosos da obra de Freyre consideram que a relação entre o pensamento freyriano de *Casa-grande e Senzala* e o debate da questão racial no futebol fica de

certa forma confuso, porque diferentemente do livro, o autor privilegia a questão cultural e a racial. Em algumas passagens o escritor enfatiza a brasilidade, ou seja, os pontos culturais, em outras situações na mesma abordagem o autor ressalta aspectos raciais como determinantes da cultura do futebol, remetendo as questões biológicas para enfatizar a influência da raça africana na modalidade.

O principal influenciado pelas publicações de Freyre foi o jornalista e escritor Mario Filho, os dois tinham uma relação muito próxima, sendo Freyre o autor do prefácio do *Negro no Futebol Brasileiro*. Nas primeiras páginas da obra, ele destaca que o sucesso da seleção teria ocorrido quando o time incorporou negros no quadro, afro-brasileiros, que expressavam o sentimento de ser brasileiro, foi o autor que enfaticamente afirmou o "estilo brasileiro de jogar futebol" (FILHO, 2003).

3.1.2 O futebol como elemento cultural e de identidade

Ao longo dos anos, esses discursos sobre um estilo próprio de jogar futebol foram sendo legitimados pela repetição frequente (SOARES, 2008). Muitos autores replicam que os elementos da cultura como o samba, a capoeira e o próprio carnaval, expressões relacionadas aos afro-brasileiros, teriam influenciado a forma de jogar. Há interpretações e versões acadêmicas que merecem ser analisadas nesse sentido e que analisaremos mais adiante.

Por ora, a observação de DaMatta nos auxilia na perspectiva de expormos um pouco das referências que seguimos sobre esse aspecto de relacionar as características de brasilidade ao futebol. DaMatta (2006) destaca que no surgimento do futebol na Inglaterra não havia qualquer traço cultural ligado a dança e a música, com uma dose de ironia questiona (2006, p.16): “A essa altura cabe uma pergunta. Haveria, neste uso exclusivo dos pés que caracteriza o *football association*, uma relação inconsciente com o jogo que os escravos africanos trouxeram para o Brasil? Jogo onde as armas de luta não são os punhos, mas as pernas e os pés? ”

Conforme Abrahão (2010, p.8), o futebol brasileiro poderia ser visto como “um espaço que reproduz a ambivalência das representações socialmente construídas sobre a ‘raça negra’ e a ambiguidade do racismo no Brasil”. A discussão sobre a questão racial teria oscilado no Brasil entre dois polos quase opostos. De um lado, as interpretações ainda baseadas no racismo muito presente, do outro, as ideias culturalistas de Gilberto Freyre trouxeram esperança para

um quadro pautado pelas interpretações racialistas. Aqueles que liam Freyre, recebiam o estudo com a sensação de que o Brasil poderia orgulhar-se da sua civilização nos trópicos e o esporte representava esse ideal.

Os anos 1890 e 1920, a elite brasileira, em termos ideológicos, debateu-se com a angústia quanto às origens genéticas mestiças de nosso povo e de sua capacidade de servir de base para o tão sonhado desenvolvimento econômico, político e cultural. Em outras palavras, balizados na interpretação racialista, posta as origens mestiçadas do povo brasileiro, seríamos definitivamente incapazes para o desenvolvimento e o progresso. (PAIXÃO; GOMES, 2010, p.61).

A interpretação culturalista trazia para o projeto desenvolvimentista duas contribuições no plano ideológico: i) o legado lusitano ancestral, à medida que favoreceria o contato entre raças diferentes, suavizaria o processo de modernização do País, em termos de seus eventuais impactos sociais, permitindo com que no Brasil nossa modernidade pudesse se dar sem a presença de conflitos raciais abertos; ii) a miscigenação racial e cultural forjaria um povo homogêneo, com características próprias, lembrando-se ser este um dos principais condicionantes para a formação de um projeto moderno de nação. Deste modo, o modelo desenvolvimentista. (PAIXÃO; GOMES, 2010, p.70).

Já Gordon Jr. (1995, p.75) diz que mesmo a ascensão racial no campo esportivo se deu no interior de um idioma racialista, em que as qualidades do futebol brasileiro foram essencializadas como se derivassem de “predisposições raciais”, tais como malícia, ginga, musicalidade, irracionalismo (intuição) etc.

3.2 O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO

Como já explicamos no segundo capítulo do estudo, foi a partir dos anos 30 que negros puderam participar legalmente do futebol no Brasil, mas a “liberação” da presença não alterou as situações de preconceito que os jogadores continuavam a vivenciar diariamente. Desde meados dos anos 20, negros e jogadores de classes mais baixas já vinham atuando no esporte, Soares (1998) defende que o processo de profissionalização do futebol brasileiro, que durou uma década, é peça chave para a compreensão do racismo no esporte. Para o autor, casos do passado entendidos como conflitos raciais podem ser na verdade explicados pelo ponto de vista da disputa entre a manutenção do amadorismo, que representava a defesa do elitismo, e a popularização da modalidade na década de 30.

Afirmo que há uma ideologia de popularização elitista do futebol, significando ampliação de sua prática pelos populares, porém com manutenção do *ethos* amador, como pode ser constatado em regulamentos esportivos da época. Entretanto, nos mesmos regulamentos não encontrei fórmulas segregacionistas em termos raciais. Sua inexistência indica que não há segregação, como destacou Gilberto Freyre, mas também não indica a ausência de preconceito nem de discriminação. (SOARES, 1998, p. 20).

A “aceitação” do negro dentro de campo e a sequente legalização dos atletas nas principais ligas foi motivada pelo destaque desses jogadores em ligas inferiores. Naquela altura, as partidas de futebol já eram espetáculos da massa, as multidões que aderiam ao esporte esperavam obviamente os melhores resultados dos seus times, surgindo assim a necessidade de formar plantéis vitoriosos, “evidenciou-se que nas camadas inferiores, entre negros, mulatos e brancos pobres, havia um grande número de jogadores de primeira classe” (ROSENFELD, 1993), os clubes perceberam que o talento ficava a cima de qualquer condição social, e que o desempenho nos gramados somado ao desejo de ascensão social por parte dos negros naquele momento serviria de combustível para que os excluídos tornassem referências em campo, os pontapés eram uma espécie de emancipação racial.

Constata-se, assim, que mais do que mera diversão este esporte era na época um negócio lucrativo que produzia um aumento significativo das receitas dos respectivos clubes, tornando-se rentável também para a Confederação Brasileira de Futebol (CBD). Era preciso investir em bons jogadores e aumentar as chances de se formar uma equipe competitiva para o campeonato, a fim de que este se tornasse mais atraente e angariasse um público cada vez maior. Por isto, as buscas aos talentos não podiam ficar restritas aos meios sociais mais abastados. Era necessário procurá-los por toda a cidade. (SILVA, 2008, p. 134).

O conflito entre os que defendiam o amadorismo e os que queriam o profissionalismo perdurou por um bom tempo, conforme explica Coutinho:

Nos decênios dos 1920 e 30 ainda encontraremos muitos intelectuais brasileiros em posição de defesa intransigente do amadorismo elitista e racista no futebol. O ano de 1920 se caracteriza por uma verdadeira guerra contra o profissionalismo em Pernambuco. Barbosa Lima Sobrinho, então jovem prócer e atleta do Clube Náutico, faz a defesa de suas ideias em entrevista para o Diário de Pernambuco (8-III-1920), em torno ao seu projeto para disciplinar a prática do futebol pelos clubes do Recife. É um longo projeto, contendo seis artigos. O artigo primeiro, por sua vez desdobrado em seis itens, enunciados de a a g, contém o seguinte, como requisitos visando dificultar a vinda de jogadores com a suspeita de profissionalização para o futebol de Pernambuco: ‘c) matrícula numa escola de nível superior ou médio deste Estado; d) um título científico reconhecido no país, e) uma qualquer função pública, f) a qualidade de filho-família, estando o pai residindo neste Estado em qualquer um dos casos supra’. (COUTINHO, p.24, 1992).

Antes dessa oficialização do futebol possível para todos, constam registros que 1904 o *The Bangu Athletic Club*, já abrigava classes sociais variadas. Naquele tempo, o time virou a extensão do quadro de funcionários de uma fábrica de tecidos e foi responsável pelo movimento inicial da inserção de classes que não aristocráticas no futebol carioca, era a democratização simbólica e mesmo motivadora para as camadas populares já que: “foram concedidos privilégios especiais aos bons jogadores: licenças para treinar, trabalho mais leve, possibilidades de promoções mais rápidas”, Rosenfeld (1993, p.82).

Entretanto, a aceitação de empregados e muitos deles negros, não ameaçava a estrutura elitista e amadora do futebol, afinal, tais jogadores do Bangu seguiam como funcionários, recebendo salários não por integrarem o plantel esportivo, mas por fazerem parte do quadro de funcionários da fábrica. O desenvolvimento desses clubes menores como o Bangu, com a possibilidade de integração entre classes e de acesso ao nobre esporte foram dando contornos para que uma batalha pró profissionalismo em poucos anos fosse travada.

Enquanto os clubes menores aceitavam homens de todas as classes, com critérios mais amplos para oportunizar o ingresso no quadro de sócios e sem distinções raciais, as regras dos grandes clubes eram limitadoras. Iniciou-se uma movimentação para barrar os pequenos e concentrar o controle do futebol carioca nas mãos dos maiores.

O surgimento de clubes suburbanos com a participação de amplos setores ligados aos trabalhadores deixava cada vez mais claras as diferenças entre os clubes de Zona Sul e os outros clubes surgidos com a popularização do futebol. Essa diferenciação reafirmava ainda mais o caráter elitista de clubes como Fluminense, Flamengo, Botafogo e América. (FERNANDEZ, 2010, p.124).

Como pioneiro, o Bangu não era forte o suficiente para ameaçar a estruturação do esporte, a exceção ocorria apenas no ambiente dos integrantes da fábrica de tecidos, diferente do Vasco da Gama, que aí sim será o responsável pelo rompimento importante na história do futebol anos mais tarde.

O Vasco abriu as portas para a entrada de negros, mulatos e mestiços, a mistura nos gramados quebraria uma longa tradição de elitização dos esportes, ao mesmo tempo, o clube se transformou numa equipe imbatível em 1923, o que despertava a atenção dos demais times. A ascensão do clube para a primeira divisão gerou inúmeros conflitos psicológicos, embora no setor esportivo esses jogadores conseguissem impor a situação de igualdade pelo desempenho, a democracia racial não era estendida à vida, “nas dependências internas dos clubes grã-finos, quando quer que ultrapassasse a soleira, ele, vestido com solenidade, sentia-se marginalizado por mais que, em alguns casos, até diretores do clube se esforçassem no sentido de sua integração social” (Rosenfeld,1993, p.87). A profissionalização provocou essas dualidades sociais, a necessidade de introduzir o negro no esporte, transformando jogadores em funcionários do clube, mas nem por isso os inserindo automaticamente na vida social das tradicionais agremiações.

Há outro fator considerado determinante para a profissionalização no Brasil e a consequente inserção do negro no esporte. Uma profunda alteração no cenário do futebol era esperada no início da década de 30, à medida que os jogos movimentavam cifras relevantes e se tornara um lucrativo negócio, o amadorismo não poderia mais ser mantido. A

profissionalização estava em pleno vapor também no exterior, europeus buscavam atletas brasileiros para composição dos times, oferecendo bons salários e prometendo uma vida confortável fora do país. Além disso, Argentina e Uruguai acompanharam a profissionalização europeia e viam nos vizinhos brasileiros a oportunidade de bons contratos, aumentando a urgência da institucionalização do futebol como uma profissão para evitar a perda de talentos.

Em 1933, a migração do amadorismo para o profissional não ocorreu de forma tranquila no país, foram conflituosas as relações nas federações e nas disputadas entre as correntes que eram contrárias as mudanças no futebol brasileiro. O impacto mais direto foi no próprio comportamento do torcedor, em especial feminino, as “moças de bem”, deixaram as tribunas de futebol e foram para outras modalidades, a reputação social das partidas foi alterada.

A elite que continuou a frequentar os estádios, agora majoritariamente público masculino, conviveu com o público vindo de camadas mais pobres, convivência que recebia delimitação na arquibancada, aos “novos” torcedores eram reservados os locais chamados de “geral”. Negros e mulatos assistiam aos treinamentos, “os moleques, meninos sobretudo de cor, das camadas sociais inferiores, que assistiam aos treinos dos ginásios e estudantes, aproveitavam cada bola que saía de campo para, antes de chutá-la de volta, experimentar a força de seus pés”, conta Rosenfeld (1993, p.81). Alguns, tentavam disfarçar as condições financeiras baixas escolhendo os melhores trajes para estar nos estádios:

Um mulato, um preto podia torcer pelo Fluminense. Havia lugar, na geral para o mulato, o preto. E para o branco pobre. Mas o branco pobre, o mulato, o preto, que torciam pelo Fluminense, procuravam “ser” Fluminense, distinguindo-se dos torcedores dos outros clubes, caprichando no modo de trajar, vestindo a roupa dos domingos. (FILHO, 2003, p.50).

A distinção racial exemplificada nestes dois casos deixava bem claro que o clube podia até ter torcedores negros ou de outros estratos sociais, desde que ficassem separados, cada um no seu canto, respeitando os limites que os distinguia dos associados do clube. A questão racial não era exclusiva do Fluminense. A maior participação de clubes do subúrbio levou a própria liga a tomar medidas que combatessem a ascensão dessas novas agremiações e ameaçasse o controle do jogo exercido pelos clubes da zona sul (FERNANDEZ, 2010, p.109).

Essas medidas foram repercutidas na imprensa, que em grande parte assumiu a postura crítica sobre a nova lei do amadorismo que foi proposta pela liga. Os jornais comandados por membros da elite incorporaram o discurso que tentava barrar o crescimento dos clubes menores no interior da liga. Contudo, o esporte já havia despertado o sentimento de “paixão nacional”, embora conflituoso, foi o início de um novo tempo do futebol.

3.2.1 Vasco da Gama

Em meados de 1923, o Vasco da Gama converteu-se num clube forte, mas as características dos integrantes do plantel de futebol provocaram o primeiro impasse que posteriormente seria estendido ao debate sobre a profissionalização, sobre aquele ano recupera a trajetória Helal (1997, p. 47):

Foi apenas em 1923, quando o time do Vasco da Gama entrou para a primeira divisão, que a organização do futebol da época se viu diante de um impasse. Este time, composto em sua maioria por jogadores negros e mulatos pertencentes, em sua maioria, à classe operária, venceu o campeonato de 1923. Até então nenhum time tinha apresentado uma competição racial e social como a do Vasco. Havia alguns mulatos jogando por outros times, mas a maior parte dos jogadores, mesmo os que não pertenciam à elite, eram brancos. A reação imediata dos outros clubes foi fundar uma nova liga, excluindo Vasco da Gama, expressando assim o ressentimento por terem sido vencidos por jogadores socialmente “inferiores”.

Ao Vasco, foi exigido que 12 jogadores fossem excluídos da equipe, por não responderem aos requisitos da AMEA. Como resposta, o presidente do Vasco, José Augusto preste envia uma carta a Associação:

(..) quanto a condição de eliminarmos doze (12) jogadores das nossas equipes, resolve por unanimidade a diretoria do Club de Regatas Vasco da Gama, não a dever aceitar, por não se conformar com o processo por que foi feita a investigação das posições sociais desses nossos con-sócios, investigações levadas a um tribunal onde não tiveram nem representação nem defesa. Estamos certos que V. Exa. será o primeiro a reconhecer que seria um ato pouco digno da nossa parte sacrificar ao desejo de filiar-se a AMEA alguns dos que lutaram para que tivéssemos entre outras vitórias a do Campeonato de Futebol da Cidade do Rio de Janeiro de 1923. São esses doze jogadores jovens quase todos brasileiros no começo de sua carreira, e o ato público que os pode macular nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a casa que os acolheu nem sob o pavilhão que eles com tanta galhardia cobriram de glórias. Nestes termos, sentimos ter de comunicar a V. Exa. que desistimos de fazer parte da AMEA. (SITE UJS, 2014).

O clube português virou o reduto para jogadores negros que queriam se destacar no futebol carioca, de certa forma, se negros e mulatos se sentiram incluídos ao pertencerem a um clube de origem europeia. O Vasco permaneceu na LMDT, junto com os clubes que não aceitaram as condições ou que não conseguiram cumprir as exigências da AMEA (casos do Bonsucesso, Andarahy, Villa Isabel, Mackenzie) e em 1924 sagrou-se o campeão da Liga Metropolitana. O Cruzmaltino manteve seus atletas, o clube entrou para a história esportiva do país com seus jogadores negros, mulatos e pobres. No ano seguinte, houve acordo entre o clube e a AMEA, costurado em boa parte por Carlito Rocha, futuro presidente do Botafogo.

Muitos empresários se sentiram obrigados a empregar negros no comércio, na indústria ou em repartições públicas os atletas negros, dando a eles um pequeno status, isso possibilitaria, posteriormente, contratá-los para entrar em campo.

(...) o amadorismo passava por uma crise e, apesar de continuar a ser proibido aos clubes de futebol contratar atletas para os times, isto acontecia de forma velada por aqueles que eram responsáveis por montar as equipes. O caso mais exemplar era o do Clube de Regatas do Vasco da Gama que destinava pagamento aos seus jogadores, mas nas inscrições constava que eles possuíam empregos fixos em lojas dos comerciantes portugueses, sócios do clube. (SILVA, 2008, p. 133).

Ainda sobre a ascensão do Vasco da Gama em 1923, nos anos 40, o jornalista Mario Filho escreveu que, os times não ganhavam mais campeonatos com jogadores apenas brancos, nenhum outro clube havia conseguido parar o time de mulatos e negros, portanto a “vantagem” pela boa família e cor havia desaparecido.

3.2.2 Liga dos *Canelas Pretas*

A exemplo do que ocorreu no Rio de Janeiro e em São Paulo, no Rio Grande do Sul o ingresso do negro no futebol ocorreu diante de tensões. Entretanto, diferente dos demais estados, os negros se propuseram a criar uma liga própria, exemplificando a tendência entre os negros gaúchos a construir uma territorialidade e uma sociabilidade à parte da sociedade "branca". Durante quase duas décadas, os descendentes de escravos disputaram a Liga das Canelas Pretas (nome dado de forma jocosa aos times formados por negros), oficialmente chamada de Liga Nacional de Futebol Porto Alegrense.

Podemos situar seu início em meados da década de dez, a partir da constatação da apropriação, desde 1911/12, do abandonado campo do SC Internacional pela população negra local que, numerosa, teria provavelmente possibilidades de organizar alguns times de futebol. Sua oficialização pode ter ocorrido no final daquela década. Consta que contava no início com os seguintes clubes: Primavera, Bento Gonçalves (famoso clube que excursionou com êxito pelo interior do estado em 1923), União, Palmeiras, Primeiro de Novembro, Rio-Grandense, 8 de Setembro, Aquidabã e Venezianos. (MASCARENHAS, 1999, p.2).

Naquela época, nacionalmente não era permitido ao negro participar das principais ligas, no estado gaúcho com um grande fluxo de imigrantes, principalmente italiano e germânico, e Porto Alegre como capital polo industrial e centro de convergência para a próspera zona colonial ítalo-germânica, teria proporcionado ainda mais propício para o pensamento racista e para uma lentidão para o processo de aceitação racial no esporte, como conta Mascarenhas (1999). Já segundo Mauch (1988), nesse período, ao mesmo tempo em que o trabalho de negros era utilizado em todos os setores da cidade, os mesmos circulavam com restrições, a presença

negra ficava “refugiada” em colônias étnicas que se formaram em áreas específicas da capital: Colônia Africana, Ilhota e Areal da Baronesa.

Ao longo do século XIX, nessas zonas pobres da cidade de Porto Alegre pequenos núcleos habitacionais de predominância negra foram formados, havia também no período a existência de regiões (as emboscadas) caracterizadas por abrigar temporariamente escravos fugitivos, partes da cidade que valorizavam principalmente os elementos da cultura negra, com realização de manifestações religiosas como o candomblé e rodas de capoeira. Entretanto, com o intenso processo de modernização da vida urbana, foi inevitável que o futebol das elites chegasse também até esses lugares, atraindo dezenas de admiradores e praticantes, tornou-se parte da rotina.

Mesmo passadas décadas desde o fim da escravidão, a territorialidade negra continuou a ganhar corpo nos 20, um “cinturão de cor” foi fixado entorno da cidade branca que se aburguesava aos poucos, as divisões raciais ficavam mais evidentes e os conflitos também. As tensões raciais em todos os setores se repetiam no Rio Grande do Sul, assim como restante do país, a liberdade do negro não significava a permissão para que os excluídos pudessem oficialmente participar das disputas em ligas oficiais.

Segundo Cardoso (1962), em 1915 existiam associações esportivas exclusivas para "mulatos", como forma estratégia de adentrar nas disputas de futebol, por exemplo, a manobra representava ao mesmo tempo uma negação à negritude. Desse período, o autor cita que uma pequena burguesia negra, originária de artesãos urbanos do século XIX, e que teve acesso à educação, seguiu a tendência ao “branqueamento”¹¹, disfarçando as características de origem para integrar clubes. No Internacional dos anos 20, conforme Cardoso, havia uma "resistência racial oculta", que permitia apenas o acesso de mulatos e que tivessem condição social mais elevada. O preconceito pode ser também demonstrado pela decisão nos anos 20 do Internacional, quando imediatamente barrou o ingresso do Rio-Grandense, time formado por negros, na liga estadual (a Liga Metropolitana).

Em 1922, a liga "branca" criou uma segunda divisão e possibilitou o acesso para jogadores e clubes negros, a oportunidade atraiu inúmeros atletas, provocando uma gradual decadência da Liga da Canela Preta, quando iniciaram os arrastões nos elencos da clandestina

¹¹ Cardoso (1962) afirma que essa burguesia negra passa a se expressar no periódico *O Exemplo*, jornal que tinha um discurso de pregação de "boas maneiras" aos negros.

liga de negros. A percepção dos diretores de clubes gaúchos era inspirada na atitude dos cartolas do centro do país, que já percebiam o futebol como negócio e diante dos maus resultados dos times formados por descendentes de imigrantes europeus e brancos, compreenderam a necessidade de qualificar as equipes. Nos anos seguintes, o sucesso dos clubes de Pelotas, Rio Grande, Bagé e Santana do Livramento, que tinham negros no plantel, faz com que os que mais se destacavam no interior passem a ser cobiçados pelos times da capital.

Em algumas pesquisas consta que o Grêmio teria sido o último clube gaúcho a aceitar negros no plantel, porque seguia à risca a cláusula criada pelos germânicos que determinava que caso fossem aceitos jogadores negros no clube, o terreno doado por alemães (onde foi construída a sede do clube) seria perdido, por isso teria sido apenas em 1952 o primeiro aceite oficial de um atleta negro, esse já conhecido pela habilidade com a bola em todo país, campeão carioca pelo Vasco e campeão sul-americano com a Seleção Brasileira, Tesourinha.

No jornal *Correio do Povo*, dia 6 de março de 1952 é publicada uma nota oficial sobre o fato “A diretoria do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense vem trazer ao conhecimento de seus associados e simpatizantes que, por decisão unânime, resolveu tornar insubsistente a norma que vinha sendo seguida de não incluir atletas de cor em sua representação de futebol”. Ainda no pronunciamento, trechos que destacam o novo “olhar” do clube gaúcho sob o futebol multirracial:

Sob o ponto de vista legal, se havia procedimento irregular, este era o de estabelecer a diferenciação em apreço, contrariando o princípio básico da própria democracia— o da igualdade de todos. (...) O uso que se formou, a tradição que se consolidou, mais por uma questão de sentimentalismo e de homenagens aos próprios fundadores e aos primeiros dirigentes do Grêmio, embora merecedores de todo o nosso respeito, não podem mais prevalecer na época atual, onde um profissionalismo absoluto está sempre a exigir as mais decididas medidas para a garantia da sobrevivência das agremiações. As épocas mudaram e daquele amadorismo sadio de então nos transportamos, como sinal dos tempos, para a realidade de hoje, muito mais diversa e arrematadora, onde todas as energias são convocadas para as permanentes porfias, que constituem situação normal em todos os setores de atividades. Assim também no futebol. Não há possibilidade de restrições, de peias e embaraços. A agremiação esportiva vive pela pujança de sua representação, pela união de seus associados, pelo entusiasmo de seus torcedores. (CORREIO DO POVO, 6/3/1952).

O texto segue como uma justificativa para os associados, embora afirme o sentimento “democrático” do clube, reside na nota um tom preconceituoso, ao expressar que entende a permissão de aceitar jogadores negros por conta do fim do regime de amadorismo e não pela oportunidade racial concedida.

Em coluna no jornal *A Última Hora*¹², em 1963, Lupicínio Rodrigues, negro, cantor e compositor do atual hino do Grêmio, escreveu sobre a extinta Liga:

A Liga dos “Canelas Pretas” durou muitos anos, até quando o “Esporte Clube Ruy Barbosa”, precisando de dinheiro, desafiou os pretinhos para uma partida amistosa, que foi vencida pelos desafiados, ou seja, os pretinhos. O segundo adversário dos moços de cor foi o Grêmio, que jogou com o título de “Escrete Branco”. Isso despertou a atenção dos outros clubes que viram nos “Canelas Pretas” um grande celeiro de jogadores e trataram de mudar seus estatutos, para aceitarem os mesmos em suas fileiras, conseguindo levar assim, os melhores jogadores, e a Liga teve que terminar. O Grêmio foi o último time a aceitar a raça porque em seus estatutos, constava uma cláusula que dizia que ele perderia seu campo, doado por uns alemães, caso aceitasse pessoas de cor em seus quadros. Felizmente, essa cláusula já foi abolida, e hoje tenho a honra de ser sócio honorário do Grêmio e ter composto seu hino que público ao pé desta coluna. (A ÚLTIMA HORA, 6/4/1963).

Sobre o Grêmio e a questão racial, o jornalista e escritor Léo Gerchmann publicou em 2015 o livro *Somos Azuis, Pretos e Brancos* em que desconstrói a tese de que o Grêmio foi fundado com base na discriminação, ao contrário do rival, considerado clube da massa. Gerchmann conta com base em pesquisas de documentos da época que em ambos os times não havia negros de forma “oficial”, porque essa era a realidade do resto do país seguindo o formato amador do futebol, não sendo exclusividade do clube gremista. Segundo ele, o Internacional de fato trouxe da Liga da Canela Preta, o jogador negro Tesourinha, que posteriormente foi para o Grêmio, selando a abertura para atletas de todas as cores.

3.2.3 Fluminense e o “Pó-de-arroz”

Há uma passagem interessante no futebol carioca que merece destaque em nosso estudo. No Rio de Janeiro, principal polo esportivo da época, o Fluminense, pela tradição e pela origem, passou a ser identificado como o time mais elitizado da capital carioca, rótulo que de certa forma ainda mantém pela luxuosa sede social nas Laranjeiras, na zona sul do Rio. O jornalista Mario Filho, cronista na década de 20, é quem vai fortalecer as histórias sobre o clube, entre elas, a que ainda é citada por torcidas rivais: o Pó-de-arroz.

Contava Mario Filho que em 1914 Carlos Alberto, um jogador que havia vindo para o Fluminense junto com os dissidentes do América, em 1914, frequentava a sede por ser filho de um fotógrafo do clube. Quando começou a treinar com a equipe, despertou a atenção dos torcedores pelos traços, moreno e cabelos crespos.

¹² Coluna do jornal *A Última Hora* publicada em 6 de abril de 1963.

Apesar de o clube não manifestar nenhuma rejeição ao atleta, ele sente-se mal pela sua cor, coisa que não acontecia no América, demonstrando que mesmo não havendo uma ação preconceituosa por parte do clube, o ambiente que imperava no Fluminense criava um sentimento de constrangimento no próprio jogador por não sentir um igual entre eles. Isso fica claro na narrativa de Mario Filho. Um mulato no Fluminense chamava tanto a atenção que a torcida adversária hostilizava o jogador quando entrava em campo, principalmente a torcida do seu ex-clube, que lhe xingava de “negro pernóstico”. (FERNANDEZ, 2010, p. 160).

Foi então que Carlos Alberto decidiu usar pó-de-arroz para tentar disfarçar a cor, acabou despertando ainda mais curiosidade dos torcedores, o Pó-de-arroz acabou virando “apelido” da torcida, em qualquer circunstância, mesmo quando o jogador não estava em campo. Segundo Fernandez, que estuda a trajetória do Fluminense no futebol do Brasil, a história do “pó-de-arroz” parece ser apenas contada por Mario Filho, nos textos escritos em coluna de *O Globo* e posteriormente no *Jornal dos Sports*, ganhando maior popularidade ao entrar entre os relatos de “O Negro no futebol brasileiro”, em 1947.

Até esse momento, não encontramos registros que evidenciem a veracidade de tal acontecimento. Nos jornais da época do confronto, nada se fala sobre esse episódio. O Correio da Manhã analisa a atuação do jogador como fraca. “Carlos Alberto emocionado pela responsabilidade do match, perde um bom passe” ou “Carlos Alberto, o chamado menino de ouro, nem parecia estar no time, não tendo dado um só chute a gol”. É preciso ressaltar que a cobertura jornalística da época se limitava a relatar os lances do jogo, evitando comentar qualquer incidente mais constrangedor. De qualquer forma, o episódio não afetou a escalação do jogador nas partidas seguintes e seu nome continuou a aparecer por mais duas temporadas, sem maiores destaques. A partir daí nunca mais se ouviu falar dele. (FERNANDEZ, 2010, p. 161-162).

Ainda conforme Fernandez, apesar da inconsistência da informação, a narrativa de Mario Filho foi responsável pela construção de uma das maiores simbologias da história do futebol carioca e pela criação do rótulo sobre o Fluminense ser um time de brancos e da elite.

3.3 MARIO FILHO E *O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO*

O Negro no Futebol Brasileiro é considerado pela maioria dos pesquisadores a primeira referência escrita no país sobre a questão racial no esporte, por isso constantemente utilizado e debatido na academia há bastante tempo. O livro foi lançado em 1947, com quatro capítulos e 295 páginas e trazia em seu interior o histórico do futebol no Brasil com os primórdios e relação com a elite branca. Mario Filho destaca em todas as páginas passagens similares a essa, Filho (2003, p. 60): “Sabia-se quem era o preto, quem era o branco, o branco e o preto não se confundiam”.

A partir de então, o escritor constrói a narrativa com a citação de nomes dos personagens do futebol na época, brasileiros que influenciaram na chegada do esporte ao país e na popularização também. É uma narrativa envolvente, em ritmo acelerado e recheada de informações, uma das características do livro é, portanto, a construção em tempo não linear. Filho mescla acontecimentos, relatos e próprias interpretações, usa um vocabulário simples, e em muitos momentos, bem coloquial. Silva (2008), destaca que a miscigenação é característica central dos personagens da obra de Filho, como forma demarcar o espaço regional, assim como o espaço territorial da nação,

O livro de Mário Filho é composto pelos argumentos centrais que Gilberto Freyre utilizou em *Casa Grande & Senzala*. A leitura de *O negro no futebol brasileiro* pode ser entendida como demonstração das teorias expostas na clássica obra do sociólogo pernambucano. Portanto, o objetivo ou o resultado mais importante do trabalho de Mário Filho foi o de demonstrar como os elementos constituintes da formação racial brasileira promoveram o futebol “genuinamente” nacional. (SILVA, 2008, p.78).

As histórias no primeiro capítulo da obra dimensionam o esporte nas esferas sociais, a questão racial é citada, mas a condição financeira familiar tem a mesma importância para Mario Filho, as afirmações são sobre o quanto o futebol era destinado a elite. Conforme Filho (2003, p. 54), “para alguém entrar no Fluminense tinha de ser, sem sombra de dúvida, de boa família. Se não, ficava de fora, feito os moleques do Retiro da Guanabara, célebre reduto de malandros e desordeiros”.

Em 1964, Filho publica uma segunda edição, que é uma versão bem diferente da primeira. Na edição um, o autor havia dedicado páginas ao que chama de “Notas ao leitor”, ali cita que as histórias foram escritas com “verdade pura e simples”, no segundo momento, em “Notas ao leitor” da edição dois, Filho mostra as razões que fizeram com que ele decidisse reeditar a obra, por isso foi necessário acrescentar dois capítulos inéditos, um encerramento definitivo a produção como diz, “Tenho certeza que o Negro no Futebol Brasileiro se enriqueceu com o que agora lhe foi acrescentado e que, por pertence-lhe de direito, completa-o, dando-lhe forma definitiva”.

Nesses dezessete anos transcorridos entre as duas edições, a própria relação do brasileiro com o futebol mudou, processo natural diante da importância que a modalidade foi assumindo (já relatado no presente estudo), entretanto, é para o fato ocorrido em 1950 que Filho dá destaque: quando o Brasil perdeu a Copa do Mundo realizada no Rio de Janeiro, teria ocorrido um “recrudescimento do racismo”, o negro teria sido escolhido para ser responsabilizado pelo que foi vivido no Maracanã em 16 de julho.

Ao assumir que de fato houve uma alteração no contexto social, Filho enfatiza que isso não invalida o discurso dos capítulos anteriores, Filho (2003, p.80): “uma visão otimista a respeito de uma integração racial que não se realizara ainda no futebol, sem dúvida o campo mais vasto que se abria para a ascensão social do preto”. Soares (1998) observa que o recrudescimento do racismo compreendido por Filho e adicionado à obra em 1964 recebe uma abordagem complexa e mesmo contraditória na segunda edição.

O primeiro capítulo acrescentado ao *Negro no Futebol Brasileiro* é “A provação do preto”, nele o autor conta que as consequências diante da derrota podem ser interpretadas como uma espécie de desgosto do povo consigo mesmo, de maioria negra ou mulata, que ofender os derrotados (ou culpá-los), principalmente os negros do plantel, era uma forma de chamar a si próprio (a população) de sub-raça. Posteriormente, escreve que os brasileiros, inconscientemente, depois de 50 elegeram o uruguaio mulato Obdúlio Varela como ídolo. Que se a seleção brasileira tivesse vencido, naturalmente teria também elegido um ídolo de cor. É neste ponto que fica confusa a interpretação dos fatos feita por Filho: “Quando o brasileiro acusou Barbosa, Juvenal e Bigode, acusou-se a si mesmo. O futebol não seria paixão do povo se o povo não se identificasse com um time”.

O segundo se chama “A vez do preto”, quando Mario Filho tenta por inúmeras histórias provar o quanto o negro teria alcançado a posição de destaque, idolatrado e admirado pelas massas. Na sequência, o autor conta sobre a popularização do esporte e como a modalidade virou símbolo da nação brasileira no capítulo intitulado “O Campo e a Pelada”, ele destaca a participação de negros e os mestiços. Retorna ainda a versão de que eram escalados para os times das fábricas têxteis formados por operários ingleses, que convocavam alguns empregados negros para jogar por não terem número suficiente de ingleses para formar as equipes.

As versões de Mario Filho contadas em *O Negro no Futebol Brasileiro* não são unanimidade. Amplamente debatido e utilizado como bibliografia referência de pesquisas sobre a temática, o livro divide opiniões. Na década de 90, um dos principais estudiosos sobre o racismo no futebol brasileiro, Antônio Jorge Soares, produziu em sua tese de doutorado, *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*, um texto que se propôs a desconstruir essas “verdades” de Mario Filho.

Soares (1998) considera as histórias do NFB¹³ parte de uma “tradição inventada”, para o autor, Mario Filho, na verdade, produziu um texto de romance e/ou conto. A principal

¹³ Usaremos “NFB” como sigla para nos referir ao livro *O Negro no Futebol Brasileiro*.

inquietação de Soares diz respeito a frequente utilização da obra por novos autores como base empírica, que essa repetição legitima a própria “teoria” de Mario Filho. Provoca com questionamentos, Soares (1998, p.8):

Ou seja, a legitimidade da obra e a validade de seus dados e informações não exigem o rigor da crítica. De fato, o NFB não é tomado positivamente no sentido de refutá-lo ou reforça-lo. A obra de Mario Filho é considerada como prova para interpretações, estabelecidas *a priori*, sobre as relações raciais no futebol e na sociedade brasileira. Pode-se dizer que as novas análises se ajustam a uma espécie de denúncia do racismo, que em síntese diz: o racismo no Brasil é, e sempre foi, tão perverso e violento como em qualquer outro lugar. (...) sem que sejam discutidas as questões centrais que interessam à construção do conhecimento social: o que é o racismo brasileiro? Quais são suas singularidades? Que tramas históricas podem ser construídas no espaço do futebol para pensar as relações raciais no Brasil?

O segundo problema conforme o autor é que claramente o texto de Mario Filho sofreu influências dos anos 30 e 40. Na época, os intelectuais viam a questão racial no Brasil com entusiasmo por acreditarem que do período de escravidão, em pouco tempo, a sociedade teria aceito a liberdade do negro e passado a vivenciar um clima de integração social. O racismo no país, indiscutivelmente, seria diferente do preconceito em outras nações.

Para Soares (1998), o NFB tem um discurso de construção de identidade nacional através do futebol, em que não somente o negro é transformado em herói, como as características desse esporte praticado pela elite são transformadas nos pés dos negros, numa espécie de "revolução silenciosa", já que os sacrifícios e humilhações aconteceram.

Ainda conforme Soares, reproduzir Mario Filho insistentemente é uma alternativa “pouco virtuosa, talvez oportunista e, sobretudo, utilitária, por parte daqueles que se nutrem de seus dados e interpretações para denunciar o ‘racismo’”. Soares acredita que a mensagem passada é de que o futebol quando branco, fazia parte de um contexto de importação dos costumes da Europa, quando preto e mestiço, o esporte tornou-se tipicamente brasileiro, reforça (1998, p.9):

Mario Filho produziu um romance que é um épico do negro no futebol brasileiro, onde os fatos são lidos, remontados e reescritos como tramas raciais. Isto é, no NFB a narrativa opera como uma espécie de deslocamento de foco: qualquer “causo” ou fato serve para colocar em destaque a cisão entre brancos e negros, a resistência dos últimos aos primeiros e a singular integração nacional a partir da construção de tramas raciais.

Essa narrativa do NFB que misturaria ficção com realidade, ainda recheada por mitos e discursos que reforçariam a trajetória do futebol sustentada nas tensões raciais, é parte das três versões principais versões que explicam a origem do esporte no final do século IX e início do XX. Soares é enfático ao afirmar que, todas, de certa forma, envolvem a questão racial.

Os três “grandes núcleos narrativos integrados” são assim divididos: a primeira a versão do futebol jogado pela elite e trazido por Charles Miller; a segunda que conta a parte “heroica” dos excluídos em se apropriar do esporte e transformar em bem cultural, das fábricas têxteis aos campos de várzea, a parte negra da sociedade brasileira teve acesso ao futebol. A terceira relaciona os imigrantes ingleses nos principais centros do país, para Soares (1998, p.2):

(..)os técnicos ingleses (operários qualificados), vindos diretamente da Inglaterra para trabalhar na Cia. Progresso Industrial, de capital português, organizaram-se rapidamente para formar um time. Conta-se que a fábrica teria apoiado a iniciativa, construindo um campo de futebol. Mas, logo surgiu um problema: o número de ingleses era insuficiente para formar duas equipes no subúrbio de Bangu. A maioria dos ingleses, residentes no Rio de Janeiro, trabalhava e residia no centro da cidade. Assim, tiveram que contar com a participação dos operários brasileiros. Por certo, os operários tinham o perfil da maioria da população brasileira da época: eram negros, mestiços e brancos pobres.

Soares afirma que ao buscar referências bibliográficas sobre o racismo no futebol brasileiro a maioria escreve “mais do mesmo”, produções que, conforme o autor, seguem a mesma linha de raciocínio e a mesma base de argumentos por estarem sustentadas na obra de Mario Filho, *O Negro no Futebol Brasileiro*, que publica uma primeira versão em 1947 e atualiza em 1964.

O autor do NFB, Mario Filho, além de escritor, foi cronista esportivo. Tinha como característica a produção de textos que descreviam o ambiente, passagens envolventes e recheadas de emoções. Conforme Soares, na construção de NFB, Mario teria escrito o livro baseado na tradição oral com páginas que são contadas ao próprio jornalista, das experiências como cronista, algumas fictícias, e que foram fundamentais para elevar a *inspiração freyreana*, num movimento vigente na época encabeçado por Gilberto Freyre, amigo de Mario, e quem acaba por escrever um dos prefácios de o NFB. Freyre acreditava que as tensões foram superadas para que a nação brasileira emergisse fortalecida numa união harmônica dos componentes raciais. Na visão de Soares, Mario Filho escolhe seus heróis - os jogadores negros e mulatos - e vilões - a elite branca urbana brasileira, fundadora de clubes como o Fluminense e contrária à inserção dos negros no novo estilo de vida que coloca o esporte como parte da rotina social.

No século XIX, intelectuais do Brasil pensaram a realidade vigente do país pela visão europeia, que colocava os brasileiros num estágio civilizador inferior. Nesse período, imergiram teorias que “comprovavam” a inferioridade racial do país formado por parte de negros e mestiços, acreditava-se que o futuro estaria comprometido e a nação fadada ao atraso.

O futebol, por sua vez, novidade da Europa, reproduzia o pensamento dos intelectuais. Por isso, praticado exclusivamente por jogadores brancos para passar a imagem de uma nação.

Com base na literatura acadêmica e jornalística produzida sobre a temática, Soares (1998, p. 3) destaca que:

Tais histórias possuem como pano de fundo os conflitos entre elites e populares, brancos e negros, amadorismo e profissionalismo, times de subúrbio e times da cidade, numa amálgama na qual é preciso distinguir, classificar e ordenar importâncias de questões e oposições. Contudo, domina, nas narrativas sobre o desenvolvimento nacional do futebol, o eixo constituído pelas tensões raciais, e seria o racismo que explicaria e animaria o conjunto das oposições.

A produção de Antônio Jorge Soares foi posteriormente utilizada para dar continuidade ao debate. Os autores Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr, outros dois nomes que desde a década de 90 tem se preocupado em tratar temáticas relacionadas ao esporte e sociedade, questionam a forte crítica feita por Soares sobre as publicações que abordam o racismo no futebol e mesmo sobre a interpretação da obra de Mario Filho.

Helal e Gordon Jr consideram exagerada a avaliação de Soares, discordam que o NFB não possa ser considerado uma das principais fontes sobre o tema, já que o livro como um todo permite o acesso a história, numa obra montada a partir de depoimentos da época. Esse é considerado um dos impasses, até quanto o NFB foi romanceado e os cuidados necessários que metodologicamente devem ser tomados quando se trata de fonte oral, enfatizam Helal e Gordon Jr (1999, p. 5.): “não podemos, no entanto, nos dar ao luxo de circunscrever o livro nos limites da ficção literária, ao custo de perder de vista um precioso documento sobre o futebol brasileiro”. Os autores afirmam que ainda como romance o NFB segue com validade histórica.

Como já destacado no presente trabalho, Soares atribui as tensões raciais ao processo de amadorismo x profissionalização ocorrido no início do século XX, Helal e Gordon Jr. entendem que as questões na verdade andavam juntas. Nesse mesmo sentido de fluxo de interpretações, para os pesquisadores é grande erro de Soares compreender a história do futebol no Brasil embasada unicamente no dilema do profissionalismo e do amadorismo. “Ao invés de enfatizar que a história do futebol no Brasil envolve mais coisa que um conflito de raças (e suas representações ideológicas) - argumento que ninguém poderia rejeitar-, Soares termina por cair nas malhas do determinismo”.

Os autores consideram quatro problemas:

1) a recusa em tratar o NFB historiograficamente; 2) a negação da predominância de um idioma racial no decorrer da história do futebol brasileiro, que Soares substitui pela questão do amadorismo x profissionalismo; 3) uma dúvida quanto à existência de um processo de relaxamento das tensões raciais no interior do universo futebolístico (o futebol passando de área “dura” para área “mole” de relação racial); 4) a desconsideração da importância heurística da ideologia da identidade nacional, que Soares relega a uma simples construção da intelectualidade do Estado Novo. (HELAL; GORDON JR, p.162, 1999).

Pelas referências bibliográficas sobre a temática e pela constante releitura dos textos produzidos por Antônio Jorge Soares, Ronaldo Helal e Gordon Jr. ao longo dessa dissertação, nossos principais referenciais teóricos sobre racismo no futebol, tentamos buscar um ponto de “equilíbrio” para dar sequência ao presente estudo. Constatamos que as produções de Soares e a postura firme com que crítica o que chama de “novos narradores” em sua releitura da história oficial do negro no futebol brasileiro são extremamente valiosas. Afinal, a pesquisa tem que intencional ir além, buscar contrapontos, cruzar ideias e não apenas reproduzir discursos. Para Soares (1999), aí reside o erro dos novos narradores, a fonte NFB não deve ser única, mas contrastar com outras. Nesse sentido, percebemos o quanto pesa para Soares a não repetição de versões, sendo sua tese um trabalho instigante, recheado de argumentos e que se propôs de fato a desconstruir a história do futebol. Acreditamos que na contestação também está uma forma de “fazer” Ciência.

A obra de Soares elucidou ainda questões referentes ao contexto histórico em que as teorias e o NFB são construídos, e esse é um dos diferenciais do autor, indiretamente, ele tem a preocupação em comprovar que toda produção intelectual deve ser vista não apenas pelo que diz nas linhas gerais, mas sob um olhar atento às entrelinhas. Interpretamos que o conteúdo na visão de Soares passa por um ambiente, um cenário, e, se é sabido que fatos na história nunca são isolados, mas pertencentes a um contexto, é fundamental tal perspectiva. Ao recapitular a história do racismo no futebol brasileiro, a questão racial manifestada em outras esferas é pano de fundo, os efeitos sociais do final do século XIX quando o futebol chegou ao Brasil e os que ocorreram ainda na primeira metade do século XX foram determinantes para o que se considera esse inventário do esporte no país.

Soares consegue desconstruir o NFB, relacioná-lo ao pensamento freyreano, argumentar sobre o teor romanceado do livro e sobre as diferenças impactantes entre a primeira e a segunda edição, quando Mario Filho diz ter havido um “recrudescimento do racismo” a partir da derrota da seleção brasileira em 1950 na Copa do Mundo realizada no Rio de Janeiro. É mérito do autor relacionar dentre outros aspectos esses três pontos, porém notamos que em alguns momentos para sustentar sua tese contestadora Soares comete o erro de desconsiderar o

conteúdo do NFB como um importante registro do tempo. Nesse aspecto, nossa análise encontra as ideias defendidas por Helal e Gordon Jr, os dois autores reconhecem que a primeira parte da tese de Soares, a que analisa a obra de Mario Filho, cumpre o objetivo “brilantemente”, mas criticam a segunda parte, em que Soares expõe os “mitos” criados na obra e que estes não contribuem para o “conhecimento científico”.

Em resposta aos colegas Helal e Gordon Jr, Soares diz que não se recusa a tratar o NFB “historiograficamente”, mas que insiste em não o utilizar como fonte absoluta, que os “novos narradores” reforçam a invenção da tradição descrita por Mario Filho. Enfático, Soares rebate a crítica e pontua que a “história da identidade” não pode ser confundida com fazer história academicamente. Nesse sentido, discordamos de Soares e compreendemos o valor dado por Helal e Gordon Jr (1999) às histórias relatadas no NFB quando destacam a tradição oral como método. Conforme Queiroz (1988, p.19), faz parte do processo de conservação do saber o relato oral: “tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém, seja a história de um grupo, seja história real, seja ela mítica”.

Ora, os “causos” descritos do NFB, sejam “verdadeiros” ou “falsos”, expressam justamente sua força histórica quando nos permitem vislumbrar esse “clima de época”. Eles nos dão acesso às formas pelas quais as pessoas representavam as relações raciais e as tensões que experimentavam dentro do universo do futebol. Há uma diferença entre o NFB tomado como totalidade que tem um objetivo nacionalista e os “causos” individuais contidos na narrativa”. (HELAL; GORDON JR, 1999, p. 150).

Para os autores, circunscrever o livro nos limites da ficção literária é correr o risco de perder um documento importante sobre o futebol brasileiro. Ainda assim, Soares num artigo em resposta à crítica dos colegas insiste que Mario Filho utilizou-se de conversas com amigos nos bares e cafés da cidade, como o próprio afirma, então a técnica da história oral documentada não seria válida nesse contexto, o que discordamos e optamos por seguir a linha de Helal e Gordon Jr legitimando a tradição oral e aplicação na obra NFB.

Das conclusões de Soares, a que avalia alguns dos casos ou conflitos explicados como raciais como na verdade fruto da disputa entre o amadorismo e a profissionalização, consideramos o caminho do “meio”, expliquemos: Helal e Gordon Jr. interpretam que Soares foca apenas nessa questão, negando que as tensões raciais e as disputadas entre amadoristas e profissionalistas estivessem associadas; em resposta, Soares diz que baseia suas ideias por não ter encontrado qualquer menção nos regulamentos da época, portanto reitera que não há segregação como citava Freyre, mas nem por isso ausência de preconceito/discriminação. Acreditamos, portanto, que Soares não tenha considerado exclusivamente a questão, mas

embasado na falta de documentos detalhados, considerado o conflito amador x profissional a chave de tudo.

Outra avaliação de Helal e Gordon Jr nos guiou neste trabalho, a que trata sobre o “idioma simbólico” do racismo na sociedade brasileira que se manifesta em vários domínios; para Soares, os novos narradores são influenciados pelo discurso de Mario Filho, porém concordamos com Helal e Gordon Jr que defendem que os trabalhos de análise da questão não estão fundamentados apenas no histórico proposto pelo NFB. O idioma racial foi um elemento constitutivo na estrutura social do Brasil, o que conta Mario Filho não serve como prova, mas ilustra o que estava refletido no imaginário popular da época. São relevantes os fatos sobre o processo de “branqueamento”, a recusa a negritude. Helal e Gordon Jr (1999, p.155): “todo mundo queria embranquecer um pouco, seja do ponto de vista físico, seja moral. Nota-se que essa representação racial no domínio futebolístico vai dando lugar a outra principalmente a partir do final da década de 30“, quando a identidade nacional vai sendo fortalecida, e os valores referentes a raça passam a ser vistos como positivos. Dessa forma, consideramos que o futebol não ficou imune ao que acontecia no período, provavelmente não da forma total, entusiasmada e otimista descrita em o NFB, mas em alguma medida como peça/parte de um processo que de fato ocorreu.

Quando Soares crítica a “democratização racial” defendida em o NFB, discordamos, não é absurdo considerar que um processo de ingresso do negro na economia e na própria sociedade teria ocorrido na década de 30, ainda que essa “democratização” estivesse acompanhada de uma ideologia como Helal e Gordon Jr. definem “envelopada”. Uma passagem interessante merece destaque aqui:

Restaria perguntar ainda se todas as histórias oficiais sobre a formação de identidades nacionais não seriam, de fato, construções que, mesmo que incentivadas por uma elite, só fazem sentido, só se tornam oficiais, quando “colam” com os anseios da população, isto é, quando são simultaneamente *mito* e *sonho*. Ou seja, não existiria uma relação dialética entre elite (discurso erudito) e povo (discurso popular)? (HELAL; GORDON JR, 1999, p.160)

3.4 ASCENSÃO SOCIAL E IDOLATRIA

Segundo Helal (1997, p.43), o futebol logo tornou-se uma atividade recreativa para as massas urbanas e os melhores jogadores passaram a ser convidados para jogar algumas partidas oficiais. Mesmo com a profissionalização do futebol em 1933, os negros sofriam ainda pela condição de analfabetos, muitos clubes contrataram professores para alfabetização desses jogadores que tinham que assinar contratos e súmulas nas ligas consideradas superiores.

O futebol proporcionou aos excluídos uma possibilidade de ascensão social, embora na verdade tenha sido “ascensão parcial” já que os preconceitos continuavam manifestados no meio, a partir da instituição do esporte enquanto profissão, os negros encontraram um espaço para atingir um “embranquecimento social”:

(...) nas camadas inferiores, entre negros, mulatos e brancos pobres, havia um grande número de jogadores de primeira classe, seja porque os ajudava um talento natural, [...] muitos homens de cor, de antemão desencorajados pela dificuldade da ascensão, tornados interiormente incapazes de enfrentar as exigências da vida, viram sua hora chegar. Daí a seriedade com que jogavam, com que punham tudo no jogo (...) apenas poucas décadas antes havia sido abolida a escravidão. Ainda aderiria uma mancha a qualquer trabalho manual. Dar pontapés numa bola era um ato de emancipação. (Rosenfeld, 1993, p 85).

Destaca Marques (2003, p.61), “a força do futebol no Brasil residiria também na capacidade de, num país de forte concentração de riquezas, poder proporcionar aos excluídos e injustiçados a experiência da vitória”. Um dos personagens mais importantes desse momento do futebol brasileiro do final dos anos 30 até meados dos anos 40, é Leônidas,

Leônidas- o “diamante negro”- era assediado para dar autógrafos na rua até pelos jovens das camadas sociais mais altas; seus retratos enchiam páginas inteiras de revistas; com reclames de pasta de dente, inauguração de lojas, palestras, ele ganhou rios de dinheiro; se sua mãe estava sentada na tribuna de honra, ela era, a cada gol de seu filho, literalmente coberta de notas graúdas pelos torcedores ricos. Um mulato como Leônidas foi, num sentido muito especial, expressão daquilo que Gilberto Freyre chama, numa acepção rigorosamente psicológica, de “mulatice brasileira”. (Rosenfeld, 1993, p.100).

Embora o profissionalismo tenha elevado a condição dos jogadores de origem negra como era o caso de Leônidas, não eliminou por completo as ideias de diferenciação entre os atletas negros, mestiços e brancos pobres em relação aqueles que pertenciam a elite, os *sportmen*, destaca Silva (2008):

A fama de *bad boy* que Leônidas carregou ao longo de sua trajetória explicita os discursos acerca das disputas sobre o “tipo nacional” que deveria representar o Brasil: uma nação branca e distinta, ou uma nação mestiça que incorporasse os negros, os mestiços e os brancos pobres através do futebol. (SILVA, 2008, p. 141).

A Copa de 1938 auxiliou na popularidade de Leônidas, mas o comportamento extra-campo era sempre lembrado pela imprensa esportiva da época, como uma forma também de fortalecer a imagem de um ídolo controverso. Conta a biografia¹⁴ do jogador escrita por André Ribeiro que o atleta foi envolvido em um furto de um colar:

¹⁴ RIBEIRO, André. **O diamante eterno**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

Uma mulher com quem Leônidas tivera um caso o acusou de ter roubado seu colar. Cabalero, amigo e empresário do Bonsucesso, teve de intervir e garantiu que tudo não passou de um mal-entendido. Leônidas teria pego um broche que não valia 10 mil réis (Cr\$ 16,00). A brincadeira acabou na delegacia, com Leônidas tendo de se explicar para as autoridades. Mesmo liberado, a história correu centenas de quilômetros e no Rio só se falava no colar de Leônidas. [...] É verdade que Leônidas nunca foi um menino bem comportado. Tinha gênio explosivo e um pavio curtíssimo. Não gostava de levar desaforo para casa. Foi criado assim, nas ruas, tendo que resolver suas encrencas nem que fosse na força bruta. A torcida adversária sabendo disso não largava de seu pé. Bastava pisar no gramado que lá vinha um engraçadinho das gerais com a história do colar:– Olha o colar, negro safado... devolve o colar... [...] Na maioria das vezes, Leônidas acabava perdendo a paciência e ia tirar satisfações com a torcida. Outras vezes, irritava-se tanto que chegava a fazer gestos obscenos para os esportivos. Aí, era a hora da torcida protestar: – Isso é coisa que se faça, seu preto ladrão! (RIBEIRO, 1999, p. 34-35).

Entendemos que de fato o futebol a partir do final da década de 30 possibilitou a ascensão dos atletas negros, mas num sentido econômico já que a própria profissionalização do esporte com o aceite nos maiores clubes do país permitiram o recebimento de generosos salários e bonificações. Quanto a idolatria ou mesmo uma divinização do negro, notamos pela pesquisa bibliográfica que alguns foram transformados em ídolos como o já referido caso de Leônidas. Porém, ainda assim, acreditamos que esse processo não consistiu numa verdadeira “democracia racial”. Sheriff (1993), em uma de suas produções sobre as questões raciais, define o que seria a democracia racial no Brasil:

é certamente um mito, mas é também um sonho em que a maioria dos brasileiros de todas as cores e classes sociais desaja acreditar com paixão. Enquanto ele obviamente permite uma tremenda hipocrisia e ofusca a realidade do racismo, o mito da democracia racial é também um discurso moral que afirma que o racismo é nocivo, desnatural e contrário a brasilidade(...) Ao mesmo tempo em que o mito nega(aos negros) a realidade de sua própria opressão, também lhes dá a certeza de sua igualdade inerente, fundamental, e lembra a seu opressor como se deve comportar um bom brasileiro. O conceito de democracia racial, como mito e como sonho, parece operar como uma totalidade(...) Como tal os afro-brasileiros não podem aceitá-lo totalmente nem rejeitá-lo totalmente. Eles ficam aprisionados entre a esperança e o silêncio, entre a resistência e a resignação. (SHERIFF apud Hasenbalg, 1995, p. 243 – 244)

Entendemos assim que o racismo ainda estava muito enraizado na sociedade daquela época, e, portanto, não poderia ser dissociado do ambiente esportivo. Destacamos que essa interpretação sobre a presença do racismo no futebol do passado, mesmo com tantos anos transcorridos, se mantém muito próxima a um olhar sobre o presente.

3.4.1 O Rei Pelé

A conquista da primeira Copa do Mundo simbolizou muito para o Brasil, mas também para o jovem negro jogador do Santos, Pelé. Depois da frustração do time de 1950, os oito anos

seguintes foram de transformação para o futebol brasileiro, o país também vivenciava contextos nos setores político, social, cultural e econômico em transição, elementos que foram importantes para a trajetória de Pelé.

De acordo com o relato dos fatos mais importantes de 1958, argumento que a nova Capital Federal tornou-se o símbolo da era Juscelino Kubistchek, em que o “velho” discurso modernista do Estado Novo foi travestido de uma aura progressista racional que consistia em buscar o desenvolvimento brasileiro a partir de uma nova atitude diante do mundo – capaz, madura, trabalhadora e realizadora de arte, cultura e política – atitude esta mais compreensível para o mundo, menos exótica e folclórica para olhares estrangeiros, e mais empreendedora. Brasília era a síntese desse momento no Brasil, e a conquista da Copa do Mundo na Suécia traduziu em termos práticos a cadeia de significados expostos então por diversos setores da sociedade brasileira. (SILVA, 2008, p. 125).

Para que o Brasil conquistasse o primeiro campeonato mundial foi preciso muita disciplina e profissionalismo, o futebol desorganizado e com os complexos do passado teriam que ficar para trás, conforme destaca Silva:

As crenças de Pelé foram confirmadas pela “superpreparação” da seleção brasileira. Era proibido ter complexo, aquele complexo “atávico” que impedia o Brasil de ser campeão. Aliás, esta ideia também pode ser encontrada nos discursos raciais proferidos nos anos 50. As vertentes em voga nessa época pregavam que para que o “tipo nacional” fosse aceitável seria necessário ressaltar uma identidade negra e “purgar as conservas culturais” através do grupo terapia, na versão de Guerreiro Ramos. (SILVA, 2008, p.128).

Nesse contexto, Pelé foi coroado como uma das grandes figuras daquela época, tornando-se o garoto-propaganda do país internacionalmente. Aos 17 anos, o campeonato mundial de 1958 na Suécia, fez com que ele retornasse no status de astro do Santos Futebol Clube e atingisse o ápice da carreira ao conquistar o tricampeonato no México, em 1970. Em sua autobiografia, o ex-jogador relembra o momento determinante de sua trajetória no final da década de 50:

(...) A copa do mundo de 1958 foi a minha plataforma de lançamento. Eu estava na primeira página de jornais e revistas do mundo inteiro. O Paris-Match publicou uma reportagem de capa logo depois da vitória, dizendo que havia um novo rei na área. O termo pegou, e em seguida eu comecei a ser chamado de Rei Pelé. Ou, de forma mais simples, só Rei. Meus amigos costumavam me dizer que eu era um rei de verdade, porque fora escolhido pelo povo. (NASCIMENTO, 2006, p. 103).

Pelé “nascia” como produto do que o próprio governo buscava, era a figura do negro que havia conseguido vencer as barreiras para se firmar como ídolo e exemplo no futebol. O negro passou a ser considerado um personagem relevante depois de 1958, quando Pelé e Garrincha se destacaram.

A utilização da imagem de Pelé pela propaganda está associada, em parte, à conquista de prestígio e status alcançados pelo futebol. Como foi dito acima, o personagem Pelé virou símbolo da superação da ideia de que o Brasil era malsucedido por ser uma nação negra e mestiça, dessa forma incapaz de se igualar às grandes nações europeias. A partir da conquista de 1958, ser negro no futebol tornou-se a expressão de um “dom natural da própria raça” que criava uma especificidade para o esporte desenvolvido nos trópicos. Este seria um futebol mais intuitivo, cadenciado, ou seja, “o futebol-arte”, originado da própria mistura de raças brasileiras, o que fazia com que o jogador tivesse uma maneira *sui generis* de jogar. (SILVA, 2008 p. 24).

Essas associações foram feitas não por deduções científicas sobre raça, mas pela atmosfera em que os atletas estavam inseridos, a idolatria, a construção dos papéis de protagonistas e heróis nacionais davam mais corpo na ligação entre a habilidade com o esporte e a condição racial, para Toledo (2005), a questão é que Pelé, por exemplo, concentrava todas as qualidades do “futebol-arte”, um símbolo perfeito:

(...) Seria ingênuo supor que Pelé, sozinho, tenha fixado todo um inventário de estilos, técnicas, jogadas e atitudes valorativas que confirmariam uma forma-representação denominada de estilo brasileiro (futebol-arte), embora seja plausível que ele possa ser considerado, no contexto da popularização desse esporte no país e no mundo, uma espécie de "síntese produtiva" das mais felizes (Em: <http://www.n-a-u.org/toledo1.html>).

Como seria de se esperar de uma figura pública, com apelo tão forte no imaginário social, um ídolo, o posicionamento de Pelé sobre os mais variados temas sempre foi noticiado e repercutido. Embora não tenha exercido impacto como um formador de opinião, seus discursos sempre geram divergências, nesse ponto, a questão racial se destaca:

Pelé em muitos momentos da história foi uma figura que interligou vários dos discursos raciais que eram discutidos no senso comum, a intelectualidade e também entre os formadores de opinião. Por esta razão, o ex-jogador de futebol fomenta grandes polêmicas em relação a seus posicionamentos na vida nacional e provoca um debate acalorado em torno das questões raciais candentes. (SILVA, 2008, p.6).

Nos anos 60, com Juscelino no poder, a promessa de fazer o país crescer cinquenta anos em cinco ia ao encontro dos ideais sociais estabelecidos na década passada, os discursos raciais integravam as políticas do Estado, e Pelé como ídolo, aceito pela mídia e por diversas esferas da sociedade, poderia servir de referência, personificando o sucesso do negro conquistado pela ascensão econômica. Conforme Silva (2008), Pelé representava que a mudança de classe seria possível através de uma conduta profissional, disciplinada e postura ascética, sendo então o exemplo de como “eliminar o complexo atávico” e “abandonar as tradições culturais brasileiras”.

A postura adotada pelo Rei, por outro lado, contradiz a imagem de símbolo racial que Pelé poderia ter se tornado, com uma espécie de negação de sua negritude ou mesmo de apatia por causas relacionadas ao preconceito racial. Ele já declarou não considerar a existência de

racismo dentro de campo, criticou atitudes de jogadores que estiveram envolvidos em polêmicas sobre a temática, bem como reforçou a ideia que o racismo é cultural, como parte integrante do ambiente esportivo. Oportunidades perdidas para incitar debates que poderiam ser conduzidos em termos globais pelo ex-atleta.

Se nos gramados Pelé foi genial, fora deles, muitas vezes, o que declara parece reverberar contra ele. Por outro lado, é uma figura “linear”, do surgimento a atualidade, Pelé manteve a mesma aparência, como uma espécie de figura clássica, que faz aumentar a longevidade de sua fisionomia:

O homem que não mudou a aparência desde que começou a jogar futebol; conserva ainda o mesmo corte de cabelo e nunca aderiu às inovações estilísticas próprias da época em que viveu. Chegou ao século XXI com a mesma fisionomia de quando era atleta. E é esta imagem que as empresas publicitárias compram e que é repassada aos vários produtos que ajuda a vender e aos quais está associada. (SILVA, 2008, p. 21).

O fato é que Pelé converteu sua imagem em uma marca conceituada e desejada pelas maiores empresas estrangeiras e nacionais, e a veiculação da sua imagem mantém o seu nome no imaginário social. O ex-jogador conseguiu imortalizar-se para o público estrelando comerciais de produtos diversos, transformando-se, assim, em sua própria marca, ou “o homem-marca”. (SILVA, 2008, p. 33).

Em 1980, Pelé foi eleito como o “Atleta do século”, selando o status de maior do esporte mundial depois de disputar quatro mundiais, ganhar mais de 60 títulos e ter feito a carreira inteira no Brasil, com a camisa 10 do Santos realizou o feito raro no futebol atual, permanecer tantos anos num único clube.

Pelé é indiscutível. Ninguém jamais ousou contestá-lo. Em sua mega-vitoriosa carreira, fez 1.281 gols em 1.367 jogos. Ganhou três Copas do Mundo. Protagonizou lances inesquecíveis. Deixou torcedores exultantes, boquiabertos, enlouquecidos, e, quanto aos adversários, traumatizados com seu talento. Nada é exagero quando o assunto é Pelé. Dizer que é o maior jogador de futebol em todos os tempos soa óbvio demais. (POLI; CARMONA, 2006, p. 115).

Sendo assim, sem dúvidas, um brasileiro com uma trajetória de grande contribuição para a história do futebol mundial, apesar da falta de engajamento social em causas como o racismo.

3.5 RACISMO NO FUTEBOL DA ATUALIDADE

Definimos como “atualidade” o período de ocorrência dos casos de racismo do final do século XX até meados do século XXI, ano de 2014, quando acontece o episódio Patrícia Moreira/Aranha. Feito o resgate histórico das questões raciais no futebol brasileiro e de como o esporte tornou-se elemento cultural e de identidade da nação, daremos sequência à abordagem explorando os contextos que permitirão ingressarmos de fato nas duas coberturas que serão analisadas no presente trabalho.

Embora o Brasil já tivesse instituído o futebol profissional há mais de décadas, contasse com inúmeros jogadores negros nos principais plantéis de clubes nacionais e, principalmente, pelos pés de atletas provenientes da classe baixa e de origem negra tivesse conquistado renome internacional com cinco títulos mundiais (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002), ainda assim, o preconceito racial continuou a marcar a trajetória do esporte. E foi em especial no século XXI que os acontecimentos no meio esportivo atingiram proporções maiores.

Indiscutivelmente, “*macaco*”, “*preto*” e “*negão*”, alguns dos muitos termos usados durante partidas de futebol, são ofensivos e todos sabem que eles se referem de forma preconceituosa ao jogador negro ou mulato em campo. Porém, a banalidade de uso desse linguajar o consolidou como “parte do jogo”, algo cultural do esporte e, portanto, nesse terreno permitido. Na maioria das vezes, passam despercebidos até pela arbitragem e raramente são registrados em súmula da partida. Há um outro problema, o que diz respeito ao julgamento dos casos quando levados a instância jurídica, o tribunal responsável por analisar tudo que ocorre em jogo, conforme o trecho: “A dificuldade em detectar e punir o racismo é histórica no tribunal. Usualmente, ofensas desse gênero são qualificadas como fruto do calor da partida—uma parcimônia consoante à cultura nacional e, mais especificamente, ao contexto em que se desenvolveu o futebol” (ROSSI e JÚNIOR, 2014, p.39).

Uma cena narrada na obra de Jones Rossi e Leonardo Mendes Júnior¹⁵ exemplifica bem como as ofensas na maioria dos casos são encaradas; num jogo entre Palmeiras e Atlético Paranaense, um zagueiro negro foi chamado de “seu macaco do caralho”, na sequência o ofendido revida com uma cusparada. Dias depois, ao serem julgados pela Justiça Desportiva, as palavras foram consideradas ofensas graves e a cusparada como ofensa gravíssima. Sendo que um dos auditores, nem se quer considerou ato racista as palavras.

A visibilidade da partida, se é ou não transmitida pela televisão, os times que estão em campo, se há astros, o campeonato que é disputado, são questões que interferem também na forma que o racismo é tratado. Por exemplo, se um jogador negro é ofendido dentro do Bernabéu, estádio do “poderoso” espanhol Real Madrid ou no Bento Freitas, do “modesto” Brasil de Pelotas, clube gaúcho da segunda divisão brasileira, o apelo e abordagem midiática serão distintos.

Porém, existe um ponto paradoxal nesse contexto todo. Da mesma forma que ao longo dos anos o racismo foi sendo de certa forma aceito no ambiente esportivo, como se o estádio

¹⁵ ROSSI, Jones; JUNIOR, Leonardo Mendes. **Guia Politicamente Incorreto do Futebol**. Rio de Janeiro: 2014.

fosse um local para “permissividades”, onde a emoção é a principal lei que rege, podendo assim serem aceitos xingamentos e cânticos ofensivos das torcidas, por exemplo, alguns casos de racismo no futebol tiveram grandes repercussões, chegando ao ponto do que sugerimos ter sido um “rompimento”.

Quando casos receberam tratamento diferente por parte da imprensa e pela sociedade, bem como desfechos distintos dos que até então não eram nem mesmo registrados, algo diferente ocorreu, e resta-nos a questão: por que? Essa não é uma pergunta fácil de responder. Entendemos que assim como o processo de civilização dos esportes, em que as modalidades foram perdendo o aspecto sangrento e adquirindo caráter de lazer com disputas “limpas”, não foi propriamente linear, considerando o retorno da violência, dos sentimentos primitivos e das condutas de um jogo que vai contra o *fair play*, propomos que o tratamento do racismo no futebol brasileiro também é algo em curso. Avançamos em alguns momentos quanto aos debates sociais sobre a temática, mas regredimos em outros. E, bem da verdade, quando se trata das relações humanas, é difícil colocarmos de forma precisa qualquer “evolução”, estamos falando de subjetividades e dualidades que são inerentes ao ser humano. Entretanto, por meio de uma recapitulação daqueles casos considerados marcantes e principalmente por meio de uma análise detalhada que será apresentada na sequência, acreditamos que poderemos listar primeiro os indicativos desse processo de mudança no tratamento do assunto por parte da imprensa, esfera que mais nos interessa no estudo, e esboçar “conclusões” sobre uma temática que como fruto do tempo-presente está em constante alteração.

Em 2005, além do caso envolvendo Grafite, o jogador Tinga foi vítima de racismo, mas não quis polemizar. Deixou a decisão de relato sobre o ato racista para a arbitragem do jogo contra o Juventude no campeonato estadual do Rio Grande do Sul, o incidente foi mencionado em súmula.

Também no Campeonato Gaúcho, no ano seguinte, o Juventude foi multado e o ex-zagueiro Antônio Carlos punido com 120 dias de suspensão. Embora tenha negado que tenha sido representação de racismo, ele esfregou os dedos no braço enquanto olhava para o volante Jeovânio, do Grêmio.

Em 2009, no jogo entre Grêmio e Cruzeiro na Libertadores da América, o atacante Maxi Lopez teria insultado o cruzeirense Elicarlos. Depois da partida, o brasileiro prestou queixa policial e o argentino teve que depor na delegacia do Mineirão.

Em 2010, pela Copa do Brasil, o zagueiro do Palmeiras, Danilo, ofendeu Manuel, do Atlético-PR com "macaco". A punição imediata foi de suspensão em 11 jogos do Campeonato

Brasileiro. Três anos depois, um novo julgamento, e o atleta foi condenado a pagar uma multa superior R\$ 350 mil.

Ainda em 2010, o atacante do Atlético Mineiro Obina sofreu com o racismo durante um treino no Acre. Antes da partida contra o Juventus, alguns torcedores adversários insultaram o jogador com gritos de "macaco". O episódio foi noticiado nacionalmente.

Em 2014, episódios envolvendo o árbitro de futebol Márcio Chagas da Silva, os jogadores Arouca, Tinga, Daniel Alves e Aranha (casos que serão repercutidos mais detalhadamente no subcapítulo 3.7 desse estudo, já que contruíbíram na construção do contexto do episódio que aqui analisamos).

3.5.1 Internacionalmente

Relacionamos ainda alguns dos casos de racismo que ocorreram no futebol globalmente para que possamos trazer mais elementos para a posterior análise de conteúdo. Consideramos importante contextualizar o que ocorreu não apenas no Brasil, como também em outras nações sobre o tema racismo no futebol.

A Inglaterra, como berço do futebol, enfrentou muitos problemas relacionados a questões de preconceito racial e violência no esporte. A década de 80 é lembrada pelos ingleses como um período vergonhoso, os casos multiplicaram-se, tendo como marco negativo 1981: a comunidade negra de Brixton entrou em confronto com a polícia, mais de trezentas pessoas ficaram feridas.

Outros casos envolveram principalmente torcedores Chelsea, Everton, do Tottenham e do Newcastle. Em uma dessas partidas, Paul Canoville, do Chelsea, ouviu dos próprios torcedores ofensas racistas. Abaixo um trecho sobre o ocorrido:

Quando John Neal (técnico) me disse para aquecer, comemorei”, contou em entrevista ao Telegraph. “Eu comecei a ouvir o abuso enquanto andava pela lateral do campo pela primeira vez. ‘Seu negro, seu golliwog (um tradicional boneco de pano negro), volte para casa seu negro’. Eu esperava isso nas ruas, mas não em um estádio profissional. Quando me troquei para entrar, as ofensas ficaram mais altas. Muitos torcedores do Chelsea estavam fazendo isso, xingando, jogando bananas. Entrei no jogo, mas, juro por Deus, queria sair imediatamente. (BONSANTI, 2014).

Em 1992, o estádio do Arsenal passou por reformulações, por isso um dos principais setores da arquibancada (atrás do gol), a North Stand, foi fechado. Para que as obras não ficassem aparentes, a diretoria do clube teve a ideia de exibir um grande mural que representasse

os torcedores. Para surpresa de todos, na ilustração tinha apenas torcedores brancos. A crítica foi pesada e os dirigentes do clube foram obrigados a refazer o mural.

Entre as nações europeias, a Itália é um dos países que mais aparece envolvido em polêmicas racistas no futebol. Ainda na década de 70, iniciou o fenômeno dos Ultras, torcidas fanáticas que fizeram da arquicancada quase um campo de guerra. Esse fanatismo ganhou forma ideológica e ainda mais violenta com os *Irriducibili*, torcedores da Lazio que além das manifestações de violência, são seguidores do fascismo.

Na temporada de 1998/1999, durante um clássico entre Roma e Lazio, os *Irriducibili* exibiram uma faixa na Curva Nord, setor em que ficam no estádio, com a frase "Auschwitz vossa Pátria, os fornos vossas casas", fazendo referência ao campo de concentração na Polônia onde nazismo e fascismo fizeram milhares vítimas. Durante as partidas, acontece também a exibição de bandeiras com o rosto de Benedito Mussolini, ditador italiano e símbolo do fascismo.

Em 2012, outro triste incidente teve o envolvimento desses torcedores:

O Tottenham, time da colônia judaica de Londres, esteve em Roma para um jogo da Liga Europa. Um grupo de nove torcedores ingleses foi massacrado em um pub. O ataque-surpresa feito por 50 italianos foi imediatamente atribuído a Ultras da Lazio, adversário do time londrino na ocasião. Mas investigações policiais apontaram em uma direção mais ampla. Os laziales teriam agredido os fãs dos Spurs em conjunto com rivais romanistas. (SITE ESPN, 2013).

Também em 2012, um brasileiro já protagonizou um episódio de racismo em 2012 envolvendo a Lazio, Juan atuando no futebol italiano ouviu cantos racistas entoados por sua própria torcida no clássico contra o Roma, ele pediu silêncio para a torcida, que seguiu com as ofensas. A Federação de Futebol da Itália puniu a Lazio com multa de 20 mil euros.

Em 2005, Marco Zoro, da Costa do Marfim, declarou que durante os quatro anos que atuou no time siciliano Messina ouvia com frequência xingamentos e provocações racistas. Durante uma partida contra a Inter de Milão, reagiu: paralisou a partida segurando a bola do jogo. Acabou convencido por jogadores rivais a seguir a disputa, mas a atitude repercutiu mundialmente.

Em 2013, um jogo entre Milan e Roma foi temporariamente interrompido devido a gritos racistas da torcida, no início do segundo tempo, o juiz parou a partida quando torcedores da Roma começaram a ofender jogadores negros do adversário, entre eles Mario Balotelli, um dos jogadores italianos que mais sofre com racismo no futebol internacional. Francesco Totti, gesticulou aos torcedores, pedindo que parassem.

Outro episódio com grande repercussão ocorreu em janeiro de 2013, também na Itália, em um jogo entre o Milan e o time de Busto Arsizio da segunda divisão Pro Patria. A partida acabou suspensa depois que os jogadores deixaram o campo alegando ofensas racistas por parte da torcida adversária, Kevin-Prin Boateng, do Milan, abandonou o gramado junto com os colegas de equipe. Um processo foi movido contra seis torcedores que foram identificados e teriam sido os responsáveis por gritos racistas no amistoso no *Estádio Carlo Speroni*. Em depoimento, Boateng contou que ouvia coros a ele, era sons como “buu buu” e que lembravam o barulho de animais”, o atleta ressaltou que o mesmo ocorreu na Alemanha e que tem certeza que se trata de racismo. Outros jogadores da equipe, também negros, passaram pela mesma situação: M’Baye Niang, Urby Emanuelson e Sulley Muntari.

Na tentativa de entender melhor o que ocorreu, Boateng foi convidado para encontrar o então presidente da FIFA, o suíço Joseph Blatter, para discutirem a pauta do racismo no futebol, em que a entidade aprovou regulações mais severas para episódios similares. O ganês tornou-se também membro de força tarefa criada pela FIFA responsável pela questão, juntamente com Jozy Altidore. De forma exemplar na Itália, seis meses após o caso, os torcedores do Pro Patria foram condenados à prisão e passaram cerca de 40 dias presos, além de serem multados em 10 mil euros. Além disso, durante a temporada de 2013, quatro vezes setores da arquibancada de clubes italianos foram fechados.

Nem mesmo a punição inédita ao Pro Patria impediu que uma nova manifestação na Itália fosse protagonizada em julho por Kévin Constant. Depois de escutar cânticos racistas vindos da torcida do Sassuolo, Constant, nascido na República da Guiné, chutou uma bola em direção às arquibancadas e saiu da partida. Sem condições emocionais de retornar, ele foi substituído, mas o árbitro do jogo orientou o locutor do estádio que avisasse que o evento seria suspensão se as ofensas prosseguissem.

No ano seguinte e a partir 2014, houve uma espécie de afrouxamento nas leis desportivas italianas, com o novo presidente da Federação Italiana de Futebol (FIGC), Carlo Tavecchio, as punições ficaram mais brandas:

De acordo com as novas determinações, os casos de insultos racistas nos estádios - que antes eram punidos drasticamente com perda de mando de campo ou jogos com portões fechados - agora terão penas aplicadas de maneira mais "gradual e sem implicar automaticamente no fechamento do estádio ou em sanções contra a torcida do time envolvido". (SITE BBC, 2014).

O atual presidente é conhecido pela postura preconceituosa, antes mesmo de ser eleito representante italiano, já havia declarado que na Itália não havia uma seleção rigorosa para escolha de jogadores, usando a frase "um sujeito qualquer que até pouco comia bananas" para

definir alguns atletas que fazem parte dos times do país. Na época, o cartola foi criticado pela imprensa e também por dirigentes de clubes de futebol, a UEFA (Confederação Europeia de Futebol) abriu um inquérito disciplinar contra o italiano, que pediu desculpas, negou racismo na declaração e se comprometeu em explicar à entidade suas reais intenções.

Em Londres em 2011 durante um amistoso Brasil x Escócia, uma banana foi arremessada no campo quando Neymar fez um dos gols. A delegação brasileira acusou a torcida de racista, mas segundo a versão oficial da polícia britânica, a fruta caiu por acaso no campo e pertencia a um turista alemão. Ainda em 2011, John Terry foi acusado de ofender o zagueiro Anton Ferdinand, do Queens Park Rangers, como punição interna Terry perdeu a braçadeira de capitão do Chelsea. No campo jurídico desportivo, Luis Suárez, na época do Liverpool, foi punido com oito partidas de suspensão após ofender Patrice Evra com termos racistas.

Naquele ano, personalidades relacionadas ao futebol pediram a renúncia do então presidente da FIFA Joseph Blatter. O dirigente teria dito que não existe racismo entre jogadores e que qualquer incidente identificado como exemplo de racismo deve ser "resolvido com um aperto de mão". As críticas a declaração se estenderam ao ex-ministro britânico dos Esportes, Hugh Robertson, que considerou as palavras de Blatter "moralmente indefensáveis".

Na Rússia em 2011, durante o tempo em que esteve no Anzhi, o brasileiro Roberto Carlos foi duas vezes vítima de racismo. A primeira contra o Zenit, em que a torcida arremessou bananas e o clube foi punido pagando multa de 10 mil dólares. E, posteriormente, contra o também russo Krylya Sovetov, em que novamente torcedores atiraram bananas nele.

Em 2012, um grupo de torcedores do russo Zenit publicou um manifesto contrário a contratação de jogadores negros ou homossexuais. A publicação claramente preconceituosa dizia que a torcida não compartilhava da mentalidade da África, América do Sul, Austrália e Oceania, que queria apenas atletas eslavos: “Nós não somos racistas, mas a ausência de jogadores negros na escalação do Zenit é uma importante tradição que enfatiza a identidade do clube e nada mais” (SITE GLOBO ESPORTE, 2012).

Durante a Eurocopa 2012, uma banana foi arremessada por torcedores croatas, gesto para ofender o atacante italiano, de origem ganesa, Balotelli, que estava representando a seleção italiana. Cerca de 400 croatas foram envolvidos no caso.

Na partida entre Manchester City e CSKA Moscou em 2013, quando o marfinense Yaya Touré dominava a bola ouvida da torcida russa atrás de um dos gols sons de macaco. Touré em entrevista pediu uma atitude da Uefa: "Eu quero ver a Uefa fazer muita coisa. A Uefa poderia fechar o estádio, talvez proibir esse estádio por alguns anos. Como um jogador africano, é

sempre triste ouvir algo assim", disse para uma televisão que transmitia a disputa (O GLOBO, 2013).

Em 2014, Samuel Eto concedeu uma entrevista interessante para o canal *CNN* dizendo que toda vez que sofre com o racismo não consegue acreditar. Ao longo da carreira viveu inúmeros episódios, com destaque fevereiro de 2006, quando irritado com as manifestações racistas da torcida do Zaragoza que imitavam macacos nas arquibancadas, ameaçou abandonar a partida. Eto citou o jogador brasileiro Ronaldinho Gaúcho sobre um dos episódios no Barcelona.

A primeira vez que vivenciei racismo não foi em um campo de futebol, e a verdade é que não esperava que pudesse passar por isso em um campo de futebol. O fato de você ser um futebolista te faz pensar que isso não acontecerá com você, porque você traz paixão, expressa muita emoção. E, quando aconteceu comigo, eu não conseguia acreditar. Ronaldinho e Deco vieram até mim, dizendo: 'Cara, se você sair, sairemos contigo'. Frank (Rijkaard) veio até nós e disse: 'Não. Se essas pessoas compraram ingressos, foi para verem os macacos jogarem, então vamos mostrá-los que nós, os macacos, sabemos jogar futebol. E é essa lição que vamos dar: somos melhores do que eles. (SITE TRIVELA, 2014).

Apesar de todos esses casos relatados (e muitos outros), vale destacar que foi apenas no ano de 2013 que a FIFA tomou medidas oficiais mais severas para punir envolvidos. Ao instituir uma comissão de força-tarefa presidida por Jeffrey Webb, negro e com grande influência com as federações de diferente países, o assunto foi transformado num amplo debate. De forma inédita, uma resolução com uma série de novas sanções foi aprovada pela Federação, incluindo pagamento de multas, dedução de pontos, expulsão de competições e rebaixamento dos clubes.

3.6 DETALHES DO CASO DESÁBATO/GRAFITE

Esse é considerado o primeiro caso de racismo no futebol brasileiro repercutido em larga escala na imprensa e nos debates na sociedade, embora existam outros registros de manifestações preconceituosas que antecedem esse episódio, pela construção midiática dada em torno dele e desfecho peculiar com a detenção de um jogador dentro de um estádio, ele é considerado um dos mais relevantes.

Em 13 de abril de 2005, durante uma partida pela Copa Libertadores da América entre São Paulo e Quilmes no Estádio Morumbi em São Paulo, o brasileiro Grafite foi ofendido. Depois de uma bola dividida, o argentino Leandro Desábato teria dito "*Negrito de mierda, enfia la banana en el culo*". Como resposta, Grafite empurrou o jogador. Na confusão, o juiz do jogo optou por expulsar o brasileiro e também o argentino.

O fato poderia ocorrer em qualquer partida de futebol, em que há um desvio de conduta leal e o árbitro interfere aplicando uma punição, mas neste caso fatores extracampo influenciaram o episódio. Como o confronto entre o brasileiro e o argentino aconteceu durante o primeiro tempo da partida, no intervalo entre os dois tempos a TV Globo reprisou o lance e o narrador Galvão Bueno condenou veemente a atitude de Desábato. Na ocasião, na audiência do jogo, acompanhando a transmissão televisiva em casa, estava o secretário estadual de Segurança Pública de São Paulo, Saulo de Castro Abreu, que imediatamente telefonou para o delegado-geral, representante máximo responsável pela delegacia localizada nos arredores do estádio, solicitando satisfações de Desábato à polícia, Tonini (2012, p.440) destaca o ocorrido:

(...) [Saulo de Castro Abreu] entrou em contato com o delegado-geral, Marco Antônio Desgualdo, solicitando-lhe uma conversa com Grafite para saber se foi, de fato, ofendido. De acordo com a reportagem da *Folha São Paulo*, o “jogador não só confirmou, como manifestou a vontade de representar criminalmente. Terminado o jogo, o delegado da Polícia Civil, Osvaldo Gonçalves, entrou no gramado do estádio Morumbi, perante todo o público e a imprensa, para dar voz de prisão a Desábato sob a acusação de crime de injúria com agravante de racismo.

O episódio recebeu repercussão na imprensa brasileira e internacional deflagrou uma série de acontecimentos. Como o objetivo do presente estudo é apontar as diferenças entre coberturas desse caso Grafite/Desábato (2005) e o episódio Patrícia Moreira/Aranha (2014), sob a hipótese que elas realmente existam, é fundamental recuperar as publicações acadêmicas sobre o episódio de 2005 para, posteriormente, ingressar na análise do conteúdo do jornal *Folha de São Paulo*. Entre o que já foi publicado sobre o assunto, por exemplo, Tonini (2012, p.441) observa a própria *Folha* e pondera:

Embora tenha condenado qualquer prática de racismo, o editorial da *Folha de S. Paulo* criticou a prisão de Desábato “por ter usado termos injuriosos e de cunho racista”, uma vez que “parece estar pagando sozinho pelas rivalidades de várias gerações de jogadores argentinos e brasileiros”. Sob o argumento de que “não há jogo de futebol em que jogadores não troquem insultos, frequentemente de caráter preconceituoso”, o jornal opinou que a nacionalidade do atleta agressor teria influenciado na aplicação da “lei com tanta diligência” por parte das autoridades, o que, de outro modo, também poderia incorrer “no mesmo tipo de preconceito”. Vendo Desábato como “bode expiatório”, os editores do jornal, por fim, julgaram a opção da queixa-crime feita por Grafite, afirmando que ele teria sido “mais feliz” se tivesse pedido indenização por dano moral.

Na cobertura jornalística depois do acontecimento, a imprensa recuperou brevemente casos de racismo registrados anteriormente e resgatou a história dos negros no futebol brasileiro. Em diversas partidas, os clubes paulistas (já que o caso envolvia o São Paulo) manifestaram apoio a Grafite com faixas e declarações de jogadores. A Federação Paulista de Futebol imediatamente anunciou que no ano seguinte lançaria uma campanha contra o racismo no futebol, o que foi cumprido em 2006 com o “Racismo aqui, não”. Houve movimentação

para criação de novas leis desportivas para punir o preconceito racial, movimentos que vieram da instância federal como Ministério do Esporte e Presidência da República, e internacional através da Confederação Sul-Americana de Futebol e da própria FIFA.

Numa avaliação sobre “espetacularização” do caso, boa parte dos veículos brasileiros utilizou o espaço reservado para o jornalismo de opinião para expor a situação como algo absurdo: a prisão de Desábato teria sido exagerada e provocada principalmente pela cobertura da Globo classificada como “sensacionalista”, a maioria dos textos citava os comentários do narrador Galvão Bueno no momento do ocorrido, que chegou a pedir a prisão de Desábato e reforçar durante toda transmissão a ideia de uma atitude criminosa, e explorava através de *replays* a cena com “leitura labial” feita pelo próprio narrador). Aqui um ponto a destacar: na ocasião, muitos jornalistas defenderam que o racismo merecia um olhar apurado, uma atenção especial, clamaram por medidas que impedissem a manifestação de racismo no futebol, entretanto o principal mote foi a “condenação” pela voz de prisão decretada em pleno Morumbi, punição classificada por eles (jornalistas) como “severa demais”.

A imprensa argentina, quase de forma unânime, considerou a prisão de Desábato um absurdo, atribuiu o desdobramento do caso como consequência dos exagerados comentários do narrador Galvão Bueno e acusou brasileiros de serem “hipócritas”, porque afinal o próprio povo do Brasil faria uso de diversos ditos populares racistas se levados ao “pé da letra”. Foi uma minoria que dedicou uma abordagem para o que a ação significava: as palavras ditas pelo argentino de cunho racista.

No mesmo ano, meses depois, a justiça desportiva aplicou no Juventude punição econômica pioneira e perda de pontos por racismo, o clube de Caxias do Sul teve que desembolsar 200 mil reais porque o zagueiro Antônio Carlos chamou Jeovânio do Grêmio de “macaco”, xingamento acompanhado de gestos que faziam alusão a cor do jogador gremista. Nos anos posteriores ao caso Grafite/Desábato, a imprensa noticiou novas ocorrências de racismo no futebol, que, diferente do que se pensava, continuaram a acontecer mesmo depois das punições “exemplares” daquele 2005. O debate teve sequência, mas de forma mais branda.

3.6.1 A rivalidade entre Brasil e Argentina

No caso de racismo envolvendo os jogadores Grafite e Desábato, é preciso destacarmos alguns aspectos que cercam o próprio confronto, que de um lado tinha um clube brasileiro, do outro um argentino. As disputas entre Brasil e Argentina costumam ser marcadas por uma incidência maior de violência em campo: de jogadas mais duras a discussões acaloradas, há muita rivalidade em partidas entre as seleções e representantes de clubes nacionais. De forma sintetizada, Santos (2002, p. 18-19) lista as razões para tamanha rivalidade entre os dois países:

Em primeiro lugar, por ter cerca de um século. Em segundo, por serem nações vizinhas e disputarem torneios continentais. Terceiro, por desenvolverem talvez o futebol mais artístico do mundo, com cinco jogadores sempre na lista dos melhores da história – Pelé, Maradona, Messi, Di Stéfano e Garrincha. Quarto, por serem duas das seleções mais vencedoras em Copas do Mundo, somando sete ao todo. Por último, pela história envolvendo os mais de 100 jogos entre esses dois times, que quase sempre são encarados como se fossem de Copa do Mundo.

Para Helal e Lovisolo (2007), a imprensa esportiva teve contribuição no acirramento dessa rivalidade por ter reforçado a retórica sobre identidades, estilo e geração de craques. O jornalismo esportivo teria fortalecido os estereótipos, imagens que foram construídas em torno do próprio futebol sul-americano na exaltação de um “jeito sul-americano de jogar”, estilo baseado no drible, na improvisação e na espontaneidade, em os times transitam em terreno mais flexível, com esquemas táticos que se opõem a rigidez do futebol europeu.

No “olhar” da imprensa argentina sobre o futebol brasileiro, os estereótipos falam de características como “alegria”, “diversão”, “habilidade” e “individualismo”, como marcas intrínsecas do jogador ou do futebol brasileiro. Características que se denominou chamar de “jogo bonito” e cuja equipe símbolo seria a seleção brasileira de 70. Na verdade, apenas características positivas e que os brasileiros podem partilhar até com orgulho. No “olhar” da imprensa brasileira não encontramos uma definição clara, uma marca intrínseca ao futebol argentino. Havia certa tendência a identificá-lo como “futebol-arte” ou “toque de bola”, mas de uma forma muito genérica, geralmente englobado na expressão “futebol sul-americano”.

A rivalidade entre Brasil e Argentina é fortalecida pela imprensa esportiva, intensificada pelos confrontos entre os dois países no cenário esportivo, mas há também elementos culturais e históricos que estão presentes fora da disputa do jogo de futebol, a construção do que é entendido pelas nações duas nações como “identidade”, como representações perfeitas de suas sociedades ganham destaque ao analisarmos a trajetória política dos países, conforme afirmam Helal e Lovisolo (2007, p. 2-3):

A implicância crescente em relação ao argentino talvez seja resultado da necessidade maior do Brasil de marcar sua alteridade, ou seja, de ter um adversário a quem se opor para se afirmar como nação. A popularização da nacionalidade brasileira foi construída em grande parte por meio do futebol, enquanto na Argentina o “nacional” já existia antes desse esporte, por meio das escolas públicas, a partir da época em que Faustino Sarmiento (1811-1888) governou o país, entre 1868 e 1878. O investimento que Sarmiento fez nas escolas tinha como intenção levar os imigrantes a encontrar ali um ideal de nação argentina.

Enquanto isso, o Brasil teria criado sua identidade apenas a partir da década de 30 como já demonstramos anteriormente. Acontece que nas coberturas esportivas atuais esse acirramento da rivalidade entre os dois países vizinhos nunca é justificado como forma de afirmação nacional, e sim como defesa às “provocações” argentinas. São recapituladas as declarações de Diego Maradona, ídolo argentino, e reforçada a comparação com Pelé, ídolo brasileiro (HELAL; LOVISOLO, 2007).

Ambos jogadores, além do talento, foram eleitos como personagens pelos seus respectivos países. Tamanha era a popularidade de Maradona ainda jovem, que ao comandar a seleção argentina júnior no título de campeã mundial, as especulações sobre uma possível saída do seu país natal estimularam os pedidos nas arquibancadas para que o argentino permanecesse em um time nacional, “Maradona não se vende, Maradona não se vai, Maradona é argentino, patrimônio nacional (ROSSI; MENDES, 2014). Da mesma forma, a mídia fazia pressão para que o ídolo não fosse negociado com clubes estrangeiros. A interferência do governo no futebol, naquela época a Argentina em ditadura militar, ocorreu ainda anteriormente ao Mundial sub-20, quando Maradona foi liberado do serviço militar obrigatório, porque a junta militar entendia que o jogador deveria converter-se em exemplo no mundo do esporte e símbolo da Argentina.

No Brasil, da mesma forma que ocorreu na Argentina, o governo buscou aproximação com Pelé. Com a conquista da Copa do Mundo de 1958, ele ganhou reconhecimento e popularidade, bem como tornou-se uma referência internacional para seu país, era um símbolo nacional. Durante o período em que atuou, recebeu inúmeras propostas para que jogasse no exterior, essa já era uma prática da época, Pelé recusou, porque o próprio Santos já dava as vantagens financeiras esperadas e oportunizava com excursões intercontinentais que ocorriam no período conhecer o mundo. O clube soube aproveitar esse status de ídolo do jogador, obrigando o atleta a participar de jogos internacionais que rendiam economicamente para o clube santista (SANTOS, 2008). Por outro lado, a permanência durante toda carreira no Brasil fortaleceu a relação de “imagem e semelhança” com o torcedor.

Pelé e Maradona têm personalidades absolutamente diferentes, enquanto o primeiro construiu uma história com atuações e atitudes disciplinadas, embora também polêmico pelas

declarações, o brasileiro nunca esteve envolvido em atividades consideradas antidesportivas; o segundo ficou conhecido pelo comportamento controverso fora dos gramados, com envolvimento com drogas e álcool, reações violentas com a imprensa, além das relações na vida pessoal com ações de investigação de paternidade por ter tido filhos que nunca assumiu. Ainda assim, são as habilidades em campo de cada um que serviram para torná-los ídolos nacionais.

O sociólogo Ronaldo Helal, além das pesquisas sobre racismo, ocupou-se também em estudar essa rivalidade histórica entre Brasil e Argentina. Ao analisar a narrativa de jornais argentinos nas Copas do Mundo entre 1970 e 2006, surpreendeu-se com a exaltação ao “jogo bonito” brasileiro por parte dos argentinos. Da mesma forma, que constatou uma torcida pelo Brasil em situações de confronto contra outras nações.

Quando Brasil e Argentina entram em campo, os narradores de futebol sempre recordam a enorme rivalidade que existe entre os países. Valorizando o drible e a improvisação, ambos produziram um “estilo de jogo” que se opõe aos esquemas táticos que são típicos do futebol europeu. Em comum, brasileiros e argentinos têm também a forma como usaram esse esporte para construir a identidade nacional. Mas quando o assunto é a opinião do torcedor, aparece a diferença: a análise de matérias de jornais, declarações à imprensa e estudos acadêmicos revela que os argentinos admiram muito mais o futebol do Brasil do que o contrário. (HELAL, 2011, p. 1).

Conta o autor que de 1998 para cá, o discurso estaria mudando, fruto do conhecimento argentino sobre o tratamento contrário dado ao futebol argentino pelos veículos de comunicação daqui, o tom de deboche e acirramento de rivalidade; a internet colaborou para que essas informações chegassem por lá. Ainda assim, conforme os estudos:

Em 2002, na véspera da final contra a Alemanha, o jornal Olé, que “provocou” o Brasil durante toda a Copa, publicou pesquisa realizada com mais de 10 mil internautas em seu site e registrou que 55,6% preferiam que o Brasil ganhasse o Mundial. Nas duas partidas entre Brasil e Argentina realizadas em junho de 2005, pelas eliminatórias para a Copa do Mundo e na final da Copa das Confederações, os argentinos se referiam aos brasileiros como os praticantes do “jogo bonito”. (HELAL, 2011, p. 2).

Pela mesma análise, durante a Copa de 2010, os jornalistas brasileiros enfatizaram na cobertura esportiva as frases provocativas de Maradona, enquanto técnico da Argentina, Helal (2011, p. 3): “prestando atenção às suas entrevistas na íntegra, é possível observar que a imprensa do Brasil fazia uma edição tendenciosa, sempre buscando a polêmica”. Também nessa edição do mundial, a publicidade usou da rivalidade como elemento negativo, o argentino aparecia como único antagonista, sendo que uma referência a um termo em espanhol, *maricón*

(homossexual), chegou a ser usado. Publicidade que poderia ter criado um incidente internacional.

De acordo com Bandeira (2009), dentre as características presentes no esporte, em especial no futebol, podemos considerar o poder de construção de identidades. Já abordamos a significância que a modalidade tem para os brasileiros nesse sentido, mas é possível pensarmos essa identidade também como forma de exaltação cultural diante de outra nacionalidade, como uma espécie de supervalorização do que é “nosso”. A rivalidade entre Brasil e Argentina, manifestada nas atitudes violentas em campo, por exemplo, seria a representação da afirmação identitária de cada país, uma disputa para reiterar as características nacionais e provar superioridade.

Em nossa análise, consideramos a questão da rivalidade no futebol argentino e brasileiro muito presente no caso de 2005, mas identificamos também um contexto extracampo no período, nas relações de política externa do país, que fortaleceu a disputa de identidades no episódio entre Desábato e Grafite.

3.7 O CASO PATRÍCIA MOREIRA/ ARANHA

No dia 28 de agosto de 2014, durante uma partida entre Grêmio e Santos pela Copa do Brasil, minutos antes do final do confronto em Porto Alegre, o goleiro Aranha relatou ao árbitro Wilton Pereira Sampaio que havia sido vítima de xingamentos por parte da torcida. O juiz determinou que a partida seguisse, mas assim que o jogo terminou, em entrevista às emissoras de televisão e rádio Aranha disse que havia sido ofendido com palavras racistas e que no momento das ofensas pediu para que os cinegrafistas que estavam próximos ao local registrassem o rosto de quem estava gritando.

As declarações foram suficientes para que o assunto racismo no futebol voltasse às principais manchetes da mídia nacional e internacional. Os destaques passaram a vir então acompanhados do flagrante: a imagem da torcedora, o cinegrafista da *ESPN Brasil* gravou o momento exato em que ela gritava “macaco”. Pela multiplicação da imagem em sites, canais de televisão e redes sociais, rapidamente ela foi identificada como Patrícia Moreira.

A gremista foi transformada na personagem central do ato racista, uma espécie de símbolo do preconceito, perdeu o emprego e sua imagem foi publicada inúmeras vezes. Teve informações confidenciais divulgadas, passou a sofrer ameaças, foi obrigada por razões de segurança a ficar na casa de parentes. Tamanha exposição, fez com que um torcedor do Grêmio,

inconformado com os atos racistas e com as sequentes punições ao Grêmio, que foi excluído da Copa do Brasil, ateasse fogo contra a casa da família da Patrícia.

Em setembro de 2014, com inquérito aberto pela Polícia Civil do Rio Grande do Sul, foram indiciados por injúria racial, além de Patrícia, três dos sete torcedores do Grêmio identificados. Em decisão inédita, por unanimidade, o Superior Tribunal Desportivo (STJD) decidiu punir o Grêmio com a exclusão da Copa do Brasil. Isso inicialmente, porque o clube recorreu e depois teve a pena revertida em perda de pontos. Ainda assim, seguiu fora da competição.

Observamos que não foi a primeira vez em que Aranha esteve envolvido em um caso de racismo, em todas entrevistas concedidas depois do episódio reforçou que precisava manifestar a indignação já que a situação era recorrente na carreira. O Grêmio, por sua vez, também era reincidente, outros casos ocorreram envolvendo o clube, mas com menor repercussão ou mesmo sem registro.

Há mais elementos nessa relação que temos que atentar: um dos principais cânticos da torcida gremista faz referência ao “macaco”, o rival Internacional, representado como o clube mais popular, que inclusive incorporou a figura do animal como mascote. Portanto, o uso da palavra “macaco” é recorrente na torcida gremista, em especial, a organizada “Geral do Grêmio”. Apesar do passado com importantes ídolos negros gremistas, do hino, símbolo importante do clube ter sido composto por um negro, ainda há uma forte associação à imagem do time como o mais elitista no Rio Grande do Sul, bem como racista. Gerchmann (2015), na obra que esclarece sobre a história de formação do Grêmio, reconhece haver um processo de exclusão dos negros, mas não como proposto pelo time, mas sim pela sociedade brasileira, hierárquica e preconceituosa. Entretanto, reforçamos que, muitas vezes, as histórias populares têm tanta força que legitimam “mitos” e versões, o que parece ter ocorrido com o clube.

O caso ocorrido no Rio Grande do Sul também pode ter sido entendido nacionalmente como manifestação de racismo fortalecido pelo fator localismo, apesar da considerável população negra em Porto Alegre, da trajetória de formação étnica multirracial, é sabido que a região sul concentra boa parte dos descendentes de imigrantes italianos e germânicos, logo existe uma associação de que o racismo estaria mais presente nesse contexto.

Por fim, sobre o flagrante, podemos refletir sobre o local em que a torcedora Patrícia Moreira estava. A posição é uma das mais mostradas durante as transmissões televisionadas, ocupam o espaço geralmente torcedores com bastante frequência no estádio e que sabem que

possivelmente serão exibidos na televisão. Podemos assim levantar o questionamento sobre o desejo de exibição como torcida organizada:

A violência é oposta à integração social, proporcionada pelo futebol. Nos estádios é frequentemente atribuída aos torcedores organizados. Tornou-se, com efeito, o valor-notícia das torcidas organizadas. Subtraindo a violência, estes torcedores, praticamente, não fazem parte do discurso midiático. Sem espaço nas mídias, procuram formas de mostrar-se e de integrar-se. Violência e espetáculo festivo na arquibancada são as ações mais próximas, sendo que a primeira gera mais visibilidade. (CASAGRANDE, 2015, p. 3)

Apesar de consideramos os contextos recém citados, descartamos uma interferência direta no caso de 2014, porque entendemos que no episódio em São Paulo, por exemplo, esses elementos eram inexistentes, e mesmo assim ocorreu um acontecimento representativo de preconceito racial no esporte. O localismo, o exibicionismo do torcedor e os estereótipos a respeito do Grêmio São elementos que se somam a outros componentes, fatos que entendemos como mais relevantes para o desfecho do episódio, o que abordamos a seguir.

3.7.1 Havia um contexto

Pode-se dizer que o “cenário” para tamanho impacto sobre as manifestações racistas nesse episódio já estava preparado. Antes do caso envolvendo o Grêmio, outros clubes tinham sido envolvidos em situações similares. Em fevereiro de 2014, o na época jogador do Cruzeiro Tinga, foi vítima de racismo durante uma partida da Copa Libertadores da América. No estádio do time adversário peruano, Real Garcilaso, o atleta ouviu da torcida sons que imitavam o barulho de macacos. Cada vez que tocava a bola, os barulhos ecoavam ainda mais alto. Assim que deixou o gramado, Tinga declarou que trocava todos os títulos da carreira por um mundo com igualdade entre as raças.

Rapidamente, o assunto passou a ser noticiado nos principais veículos esportivos do mundo. Nas redes sociais, ocorreu uma enxurrada de mensagens, o tema esteve entre as publicações mais citadas da Internet, no *Twitter* virou hit e durante horas foi uma das mensagens mais retuídadas, com a *hashtag* #fechadoComTinga, frase usada para simbolizar que muitos compartilhavam do mesmo sentimento de repúdio aos atos preconceituosos, o racismo no futebol foi pauta central. O caso repercutiu tanto que a presidente Dilma Rousseff também manifestou indignação em sua conta pessoal no *Twitter*: " Hoje, o Brasil inteiro está fechado com o Tinga. Acertei com a ONU e com a FIFA que a nossa Copa das Copas também será a

Copa contra o racismo. Porque o esporte não deve ser jamais palco para o preconceito", escreveu a presidente.

Antes do fato envolvendo o Tinga, no Campeonato Paulista, Arouca, volante santista, havia sido ofendido numa partida contra o Mogi Morim. Segundo o atleta, torcedores do time rival o chamaram de macaco e um outro lhe disse que deveria procurar uma seleção africana para jogar. No dia seguinte, Arouca pediu que os atos não passassem em branco: "A impunidade e a conivência das autoridades com as pessoas que fazem esse tipo de coisa são tão graves quanto os próprios atos em si. Somente discursos e promessas não resolvem a falta de educação e de humanidade de alguns", escreveu em uma rede social.

Em março de 2014, "Brasil", "futebol" e "racismo" voltaram a estar relacionados e em destaque na mídia internacional. Na ocasião em confronto pelo Campeonato Gaúcho entre Esportivo e Veranópolis, clubes da serra gaúcha, o árbitro da partida, Márcio Chagas da Silva, teve o carro depredado e encontrou bananas no veículo. "Um grupo de torcedores se manifestou de forma racista desde o início, com gritos de 'macaco', 'teu lugar é na selva', 'volta pro circo' e coisas desse tipo", contou. Dez anos antes ao episódio ele já tinha sido vítima de preconceito no mesmo estádio.

No primeiro caso, o de Tinga, a Conmebol multou o Real Garcilaso em 12 mil dólares e ameaçou interditar o estádio do clube se o caso se repetisse. Em São Paulo, o Tribunal de Justiça Desportiva aplicou multa de R\$ 50 mil ao Mogi Mirim, mas nenhuma outra medida além da punição financeira foi tomada na instância esportiva. A exceção entre as punições aconteceu no caso do Rio Grande do Sul, o TJD-RS tirou seis mandos de campo do Esportivo, aplicou multa de R\$ 30 mil e subtraiu nove pontos do clube no Gauchão, o que acarretou no rebaixamento da equipe à segunda divisão do estadual. Na mesma competição, um episódio de racismo envolvendo o zagueiro do Internacional, Paulão, e a torcida gremista também terminou com punição, mas sem identificação dos responsáveis, o Grêmio foi multado em R\$ 80 mil pelo Tribunal de Justiça Desportiva pelo insulto de torcedores.

Depois que esses episódios de racismo envolvendo o esporte brasileiro ganharam repercussão mundial, a atual presidente Dilma Rousseff, além das manifestações nas redes sociais, em diversos pronunciamentos passou a destacar a questão. Em visita ao Vaticano, em fevereiro de 2014, pediu ao Papa Francisco que o pontífice fizesse uma mensagem de paz e contra o preconceito especialmente para o mundial que aconteceria em junho do mesmo ano. No período que antecedeu a Copa do Mundo, o próprio Governo Federal do Brasil lançou uma campanha intitulada: *Copa sem Racismo*. Foram criadas ações publicitárias para sites de

notícias, portais dos Ministérios e órgãos públicos. Na internet, a *hashtag* #copasemracismo foi divulgada e nos canais da televisão aberta um vídeo de trinta segundos foi veiculado: nele aparece negros e brancos em momento de torcida e a disputa dentro de campo, o apelo emocional é destacado para questionamentos “de que cor é a lágrima?” “Qual a cor do suor?”, “E da alegria? ”, por fim o slogan da campanha: “Quem ama o futebol não tolera a discriminação! ”. Estava ainda nos planos do Ministério do Esporte o relançamento, em edição bilíngue, do livro de 1947, escrito pelo jornalista Mario Filho *O Negro no Futebol Brasileiro*, segundo o governo obra referência nacional sobre a gênese e formação do futebol de massas no Brasil.

Com a Copa sendo realizada no Brasil, a FIFA decidiu lançar a campanha #SayNoToRacism (Diga Não ao Racismo), era uma convocação global para que pessoas enviassem fotos *selfies*¹⁶ com cartazes e a mesma frase da *hashtag* nas redes sociais. Posteriormente, uma seleção aleatória de retratos foi mostrada nos telões dos estádios antes do início das partidas válidas pelas quartas de final (Estádio Nacional, Arena Fonte Nova, Castelão e Maracanã).

Destacamos aqui outro caso de racismo, mas no cenário internacional e como o debate sobre racismo foi usado para fins lucrativos e de estratégia de marketing. No dia 29 de abril de 2014, o jogador brasileiro Daniel Alves protagonizou uma cena inusitada. Na Espanha, o clube que Daniel joga, o Barcelona, enfrentava o Villarreal quando aos trinta minutos do segundo tempo um torcedor jogou uma banana no campo. Daniel caminhou até o local, recolheu a fruta e comeu. O atleta sabia que a partida estava sendo transmitida mundialmente, imediatamente, a imagem ocorrida no campeonato espanhol foi replicada e noticiada por todo planeta, e claro, tornou-se o assunto mais comentado.

Aproveitando a oportunidade, horas mais tarde, o atacante Neymar posou ao lado do filho com uma banana e utilizou a *hashtag* #Somostodosmacacos. Neymar além do reconhecimento como jogador, é um personagem com forte apelo publicitário e considerado influenciador, nas redes sociais, reúne mais de 80 milhões de seguidores. A campanha “involuntária”, ganhou o apoio de celebridades brasileiras como Luciano Huck, Xuxa e Ana Maria Braga, bem como a simpatia de outros milhões de anônimos.

O que se descobriu depois é que tudo fazia parte de uma estratégia de marketing, movimento de uma campanha arquitetada por agência publicitária. Aproveitando a

¹⁶*Selfie* é uma palavra em inglês, um neologismo com origem no termo *self-portrait*, é uma foto tirada de si mesmo e compartilhada na internet.

popularidade da campanha, camisetas começaram a ser vendidas com a frase numa marca pertencente ao próprio Luciano Huck; as pessoas se sentiram “enganadas”, a campanha virou alvo dos movimentos e ativistas negros, que rechaçam o mote da ação, surtindo efeito contrário, Neymar recebeu igualmente muitas críticas.

Na ocasião, Guga Ketzer, sócio e vice-presidente de criação da agência responsável, a *Loducca*, explicou que a história para tirar a força da palavra do agressor preconceituoso, reforçou que “somos todos macacos” não era uma campanha, mas sim um movimento. Entretanto, admitiu que já havia um contato com a equipe do Neymar e que já estava no planejamento algum tipo de manifestação. O que aconteceu com Daniel Alves não teria sido proposital, apenas esperado, já que o racismo ocorria com frequência no campeonato espanhol. Sobre a acusação de que a campanha era racista, a *Loducca* disse que não chamava os negros de "macacos". "A *hashtag*, mais a imagem de Neymar com seu filho, não chamava os negros de macacos, "mas lembra ou alerta aos brancos que somos todos iguais, vindos 'do mesmo macaco'", declaram em nota. A empresa disse também que não pretendia aparecer como criadora da ideia, por acreditar que a causa é maior que isso, mas que também não tinha nada a esconder sobre como surgiu a ideia. Por fim, a empresa negou ter relações com a marca de Huck que lançou a camisa com a *hashtag*, e que nem sabia que isso aconteceria.

Em meio as críticas nesse caso e debates em sentidos variados, destaco a opinião do professor da faculdade de Ciência e Letras da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Dagoberto José Fonseca, em entrevista ao site Fórum: “O Neymar pega a banana e induz, através de uma operação de marketing, milhares de pessoas ao erro, encobrendo inclusive a ação do Daniel Alves. A partir daí, cabe a qualquer um, em qualquer lugar, informar que todos nós somos macacos, ele retirou tudo do contexto”.

Dessa forma, antes de nossa análise sobre a cobertura jornalística do episódio de racismo em 2014, precisamos levar em consideração que o quanto o ano de 2014 é emblemático para a temática do preconceito racial no futebol. Com tantos acontecimentos registrados, amplamente repercutidos na mídia e nas redes, o tema acabou impactando em diversas esferas sociais. Podemos afirmar que houve um rompimento significativo no imaginário popular, das punições inéditas no âmbito esportivo a uma nova interpretação sobre os comportamentos preconceituosos dentro dos estádios, esses que até então atravessaram o tempo como culturalmente aceitáveis, foram debatidos de forma massificada.

Quando o mais polêmico caso do ano ocorreu, entre Patrícia Moreira e Aranha, mídia e sociedade já tinham tido experiências similares recentemente, o racismo não poderia

permanecer velado nos gramados, afinal a mobilização era mundial, havia interferência por parte do poder público no debate e manifestações contundentes de formadores de opinião. Em coluna no jornal *Correio do Povo*, o jornalista Juremir Machado da Silva destacou o caso Patrícia Moreira e Aranha sob a perspectiva de que o tema havia chegado ao limite para passar despercebido:

Há sempre um ponto de virada. O imaginário é uma infiltração que produz um novo acúmulo até resultar num transbordamento. Foi o que aconteceu. Se um dia foi “tolerado” usar a palavra macaco, se os torcedores do Internacional com humor incorporaram o termo, hoje não dá mais. Outras expressões, como “negro fedido”, jamais deixaram de ser o que são: racismo. O episódio com o goleiro santista Aranha foi a famosa gota de água. (CORREIO DO POVO, 2014).

Se os tempos mudaram, o imaginário construído por muitos anos no futebol parece ter sido alterado também, por isso queremos entender a postura da imprensa esportiva exemplificada pelo jornal *Folha de São Paulo* neste caso.

3.7.2 Além da cobertura: sentimentos no futebol por Michel Maffesoli

Consideramos que além da análise do conteúdo publicado na *Folha de São Paulo* durante os dois casos, para melhor compreensão da temática, é relevante analisarmos outros elementos que transcendem a cobertura jornalística. Entendemos que estes aspectos são mais subjetivos, mas que ainda assim merecem destaque, usamos das ideias do francês Michel Maffesoli, umas das referências sobre pós-modernidade e que se dedica a explorar inúmeros fenômenos sociais contemporâneos como as manifestações no ambiente esportivo. Através de um dos seus mais reconhecidos conceitos, o neotribalismo, inicialmente exposto no livro *O Tempo das Tribos* (1987), podemos, de certa forma, situar os fatos que desencadearam os episódios de racismo no futebol.

Maffesoli vê a pós-modernidade como um novo paradigma ao período da modernidade, diferente de outras correntes do pós-modernismo, não sugere uma ruptura radical ao tempo anterior, mas sim que teria ocorrido uma reorganização de valores e visões de mundo. Na obra de 1987, “tribo” e “tribalismo”, são abordadas como metáforas representantes do que o escritor apresenta como características presentes na pós-modernidade; para ele, no tempo pós-moderno estimularia a necessidade de identificação substituindo o individualismo. Assim, “pertencer” se torna verbo imperativo, são as emoções compartilhadas com outros que dão sentido a existência. Trata-se da substituição de valores prometeicos (trabalho, progresso e utilitarismo), e o ressurgimento de valores dionisíacos, voltados para o presente e atitudes tribais. Para as

novas gerações, as tribos, o racionalismo e o projeto dão lugar ao hoje. Elas querem viver apegadas ao presente, ao mundo sensível da estética e da emoção, o instante substituiu os ideais progressistas do século 18. E ainda o nomadismo, com a volta da animalidade, do bárbaro e selvagem.

Nos grupos, mesmo com diferenças internas, as pessoas buscam identidades em comum. O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencer a um lugar, a uma coletividade, como fundamento essencial de toda a vida social. Se trata de uma transformação cultural, o sujeito, para ele, cede lugar à pessoa. Uma pessoa que, veste máscaras ou apresenta diversas facetas que, apesar de distintas, são incorporadas por uma mesma individualidade.

Em outras obras, Michel Maffesoli continua aplicando o conceito de tribos tendo em vista outros fenômenos culturais da pós-modernidade. Conforme Maffesoli (2012, p.50):

Consideremos as tribos pós-modernas como sendo uma forma de compartilhar um gosto específico. Assim, nossas cidades não passariam de pontuação de lugares, às vezes de “pontos importantes” onde vão encontra-se as tribos – musical, esportiva, cultural, sexual, religiosa. E isso para celebrar o gosto que serve de cimento a cada uma das tribos. É importante insistir nisso. É a partir de emoções, de paixões, afetos específicos que vamos, a partir de então, pensar e organizar o elo social. Ao mesmo tempo, “gostos e cores não se discutem”. Isso quer dizer que é bem delicado continuar a imaginar o mundo a partir de um universalismo que nos é habitual.

Sendo assim, como tribos urbanas, as torcidas se enquadram no pensamento de Maffesoli (2006, p.107) que diz:

de maneira quase animal sentimos uma força que transcende as trajetórias individuais, ou antes, que faz com que estas se inscrevam num grande balé cujas figuras, por mais estocásticas que sejam, no fim das contas, nem por isso deixam de formar uma constelação cujos diversos elementos se ajustam sob forma de sistema sem que a vontade ou a consciência tenham nisso a menor importância.

Sobre a emoção, “ao contrário da conotação que se lhe atribui frequentemente, a emoção ou a sensibilidade devem, de algum modo, ser consideradas como um misto de objetividade e de subjetividade” (MAFFESOLI, 2006, p.20).

Os membros das tribos ao serem identificados numa comunidade desenvolvem sentimento de acolhimento. Nas torcidas organizadas, os cânticos, por exemplo, representam a unidade. Mesmo que, muitas vezes, sejam expressas frases sem sentido, para continuar pertencendo, o torcedor assume “máscaras”, as identidades, em que a individualidade deixa de ser importante em detrimento do grupo, logo, cantar é pertencer.

Esta multiplicidade do “eu”, aliada ao ambiente, traduz o que o autor chama de “paradigma estético” como lógica da vivência coletiva, do sentir comum. A “persona”, então, só existe na relação com o outro; a estética como expressão do “nós”

configura o sujeito coletivo na diferenciação dos indivíduos numa sociabilidade predominantemente empática. (MAFFESOLI, 2006, p. 17).

Ainda Maffesoli, no neotribalismo, o ator agora é uma “eterna criança” que, por seus atos, suas maneiras de ser, sua música, o *mis en scène* do seu corpo, reafirma, antes de mais nada, uma fidelidade ao que é, o que não seria uma aceitação de um *status quo* político, econômico ou social,

Ele define esse neotribalismo como uma "comunidade emocional" ou "nebulosa afetiva" em oposição ao modelo de organização racional típico da sociedade moderna. Nas tribos, o ethos comunitário é designado pelo conjunto de expressões que remete a uma subjetividade comum, a uma paixão partilhada. A adesão a esses grupamentos é sempre fugaz, não há um objetivo concreto para estes encontros que possa assegurar a sua continuidade. Trata-se apenas de redes de amizade pontuais que se reúnem ritualisticamente com a função exclusiva de reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo. (QUARESMA, 2005, p. 86).

Em *A Contemplação do Mundo* (1995), Maffesoli vê o homem pós-moderno como um sujeito sensível, fragmentado, que é constantemente instigado a buscar referenciais em um contexto dinâmico, principalmente pelo uso da tecnologia. Para o autor, esse homem contemporâneo valorizaria o “estar junto”. Compreendemos assim, que a participação em eventos esportivos integra dessa atmosfera em que o homem quer se sentir parte de algo.

Ainda conforme Maffesoli, na Pós-Modernidade há a busca da reafirmação da identidade, que seria representada pelo retorno de elementos do passado, referenciais e significados importantes. Poderíamos então considerar a relação com os clubes de futebol no contexto de exaltação das conquistas que ocorreram em tempos em que muitas vezes o torcedor não era nem nascido, o simbolismo em torno da bandeira do time, do uniforme, o uso de camisas retrô, conforme Maffesoli (1995, p.24) são os sintomas do homem da pós-modernidade: “o retorno de imagens, a importância do contágio emocional, o recurso a simbolismos de afirmação de identificação religiosa, a efervescência étnica e a busca do território”

Nesse mesmo sentido, sobre os fanatismos religiosos e as ressurgências étnicas, o autor destaca que mesmo com diferenças nos usos e costumes nos grupos, a cultura é sempre influenciada por uma cultura maior, ou seja, vale o contexto global, coletivo. Assim, Maffesoli entende que a anemia existencial suscitada por um social demasiado racionalizado, faz com que as tribos urbanas acentuem a urgência de uma socialidade empática, que seria a partilha das mesmas emoções e partilha dos afetos, “o indivíduo não é, ou não é mais, dono de si, o que não significa não ser ator”, afirma Maffesoli (2005, p.111).

No episódio de racismo já referido contra Tinga, por exemplo, as milhares de manifestações em apoio ao jogador com a criação do #FechadoComOTinga podem ser

entendidas nesse sentido de partilha dos afetos, demonstram que diante da popularidade da temática, participar da campanha significava repetir o que a maioria estava fazendo, partilhar ou o “compartilhar”, tão presente nas redes sociais. A *hashtag* representou a indignação do coletivo manifestada pelo apoio a um indivíduo, nesse caso, a coletividade do pensamento valeu mais do que uma atitude preconceituosa até mesmo para aqueles que já protagonizaram em estádios manifestações de “macaco”, “negro” ou “macacada”; no auge do compartilhamento de emoções, uma onda de “repetidores” de opiniões.

Se a paixão pelo clube liga pessoas de classes distintas, construindo um forte vínculo emocional, podemos considerar essa afetividade como característica principal do conceito de **tribalismo** de Maffesoli. Na contemporaneidade, a vontade de pertencer a um grupo ou a uma tribo remete a uma estilística da existência denominada estética, pois se liga ao estilo de um tempo e aos diferentes modos de viver socialmente. A estética do cotidiano para Maffesoli (1995, p. 26) valoriza a maneira de sentir e experimentar em grupos, em comum, no dia-a-dia: “a sensibilidade coletiva, que está na base da formação de uma sociedade”.

É também o que Durkheim, citado por Maffesoli (1995), chama de a “força de atração”, as crenças são elaboradas em comum, a companhia “daqueles que pensam e que sentem como nós” é procurada. É a troca de sentimentos, discussões de botequim, crenças populares, visões do mundo que surgem com uma sensação de contágio. As atitudes racistas no futebol podem estar inseridas nesse contexto, em especial no caso Patrícia Moreira e Aranha, que envolveu atos de preconceito de uma torcedora, em ambiente passional, contra um jogador e em uma torcida organizada, a *Geral do Grêmio*, que é um dos exemplos do que Maffesoli chama de tribo urbana.

Sobre os dois contextos queremos entender ainda sobre como a cobertura jornalística de determinado modo é também contagiada pela violência, passionalidade e excitação do jogo.

4 AS DUAS COBERTURAS DA *FOLHA DE SÃO PAULO*

Diariamente, somos abastecidos com inúmeras notícias esportivas, em especial sobre futebol, conteúdos que focam no acompanhamento da rotina dos clubes, técnicos e jogadores. Nos jornais, as reportagens publicadas atualizam sobre o desempenho dos times e geralmente estão relacionadas à factualidade: o resultado do confronto recente ou os preparativos para o próximo. As matérias mais elaboradas, as especiais, na maioria das vezes, são produzidas

seguindo alguma data estratégica do calendário esportivo ou pela descoberta de histórias curiosas sobre os atletas e treinadores. Além da mídia impressa, rádio, televisão e internet exploram as informações do segmento esportivo reservando espaços parciais ou trabalhando exclusivamente com o assunto. Tambucci e Coelho Sobrinho (1997) destacam a importância do esporte:

O esporte é considerado um fenômeno sociocultural, de dimensão incontestável e, através dos meios de comunicação, pode-se constatar que o esporte tem ocupado, mundialmente, uma posição bastante destacada (...), o que torna o esporte cada vez mais atraente para investimentos. (TAMBUCCI; COELHO SOBRINHO, 1997, p.11).

Por isso que, com pouco mais de um século desde as primeiras publicações internacionais que tratavam sobre esporte, essa é uma das temáticas frequentes na mídia. Além da identificação do público que consome notícias esportivas, a editoria é uma grande oportunidade de negócio para os grupos de comunicação, já que conforme Bracht (1997), com ampla função econômica, o esporte estimula o consumo de uma série de produtos a ele agregados.

De acordo com pesquisas¹⁷, o futebol, por exemplo, impulsiona a economia no Brasil, num período de quatro anos o setor esportivo cresceu mais que o próprio PIB do país. Durante a realização de eventos esportivos de grande porte como Olimpíadas e Copa do Mundo, os números são ainda maiores, eventos que também costumam alavancar as audiências, visto que o público procura mais informações nessas situações específicas. A coleta do Ibope durante a Copa do Mundo, em junho de 2014, demonstrou um aumento considerável de telespectadores atentos às principais emissoras de televisão aberta do país:

A Globo encerrou o mês na Grande São Paulo com um crescimento de cerca de 13% em sua média diária (das 7h à meia-noite) em junho (do dia 1º ao dia 29) em comparação com o mês anterior. A audiência média da emissora passou de 13,3 pontos em maio para 15 pontos em junho. Cada ponto equivale a 65 mil domicílios na Grande São Paulo. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2014).

Na Band, o crescimento foi maior. O Mundial trouxe para a emissora um acréscimo de 15% de ibope em sua média diária. A emissora passou de 2,6 pontos (maio) para 3 pontos no mês passado.(...) Segundo dados prévios da medição de audiência nacional, a Copa fez a média diária da Globo crescer cerca de 14% no país. A emissora passou de 15 pontos (maio) para 17 pontos (junho). Cada ponto equivale a 217 mil domicílios no Brasil. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2014).

¹⁷ Pelo levantamento realizado pela Pluri Consultoria, no período de 2007 a 2011, a taxa média de crescimento anual do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro foi de 4,2%, enquanto a do setor esportivo foi de 7,1%. Disponível em: <http://gestaoesporte.com.br/novidade/a-contribuicao-do-setor-esportivo-no-desenvolvimento-economico-do-pais>. Acesso: 16/01/2016.

É válido destacarmos que o Brasil vem passando por uma situação especial, que também contribui para o aumento do interesse do público, país sede dos dois maiores eventos esportivos do mundo num período de dois anos, o assunto que já era um dos preferidos da população ficou ainda mais em evidência. Depois de 2007 e 2009, anos respectivamente em que o Brasil foi anunciado para ser sede da Copa do Mundo e Olimpíadas, segundo Oselame (2012) a indústria do esporte evoluiu num ritmo sem precedentes. Nesse sentido, a reflexão sobre o jornalismo esportivo torna-se ainda mais pertinente.

A relação esporte-mídia é tão forte que temos recentes situações de adaptações nas próprias modalidades esportivas para que se encaixem no formato televisivo, por exemplo, como destaca Vieira (2008, p.20):

O tradicional quimono branco do judô ganhou cor, hoje está azul. O tempo de duração de uma partida de voleibol ficou menor. O triatlo, para se tornar uma modalidade olímpica, mudou suas regras, as distâncias são menores. Equipamentos são modificados, regras são alteradas. É o esporte se adaptando às novas regras do mercado midiático. Mas, por outro lado, os meios de comunicação estão cada vez mais abertos e se adaptando aos temas relacionados ao esporte, desde que estes sigam o formato padrão dos veículos, ou seja, programas que contemplem as competições esportivas de alto nível e coberturas realizadas por profissionais especializados no esporte competitivo.

Dessa forma, compreendemos que as coberturas dos casos Desábato/Grafite e Patrícia Moreira/Aranha aqui analisadas são representativas, porque além de pautarem um debate sobre a questão racial no esporte, sendo consideradas como marco na abordagem, estão inseridas no contexto de inúmeras transformações que o jornalismo esportivo vem passando ao longo dos anos. Demonstramos no primeiro e segundo capítulo o status que o futebol recebeu socialmente a partir da década de 30 e mencionamos como a imprensa da época, ainda não considerada especializada (jornalismo propriamente esportivo), auxiliou na construção de conceitos sobre identidade nacional que foram difundidos, sobre o fortalecimento da identificação com a Seleção Brasileira e a popularização do esporte e mesmo a criação dos rótulos “país do futebol” e “pátria de chuteiras”. A partir de agora, exploraremos os conceitos de jornalismo e jornalismo esportivo com autores referências da área, contando a trajetória da especialidade no Brasil e no mundo, como forma de auxiliar em nossa análise de conteúdo, que também se faz presente neste mesmo capítulo. Assim poderemos expor melhor a forma de atuação da imprensa esportiva nos episódios selecionados.

Os dois casos que ocorreram no ambiente esportivo foram tratados pela editoria especializada (Esporte), e, simultaneamente, ocuparam páginas destinadas a outros assuntos. Acreditamos que as coberturas em 2005 e 2014 ganharam tamanha dimensão justamente por

terem sido abordadas com destaque em outras editoriais, aparecem em: “Primeiro Caderno”- distribuídas em editoriais, colunas e seção para opinião de leitores, “Ilustrada”, “Cotidiano” e encartes especiais como o “Folha 10”, por isso as considerações e reflexões sobre jornalismo a seguir servirão para ligar pontos importantes referentes ao nosso objeto de estudo.

4.1 JORNALISMO EM QUESTÃO

Com papel tão relevante na sociedade, é imprescindível que façamos constantemente um balanço sobre os rumos que o jornalismo toma em tempos de consumo acelerado de informação e proveniente de variadas fontes. Embora não sejam novas tais discussões sobre a forma de “fazer jornalismo”, visto que o tema está sempre em pauta no universo acadêmico, é pertinente que tracemos observações sobre o que é produzido pela mídia desse tempo de frequentes alterações de modelos, com encontros entre as “velhas” e “novas” fórmulas.

Se o jornalismo foi sendo adaptado, em especial no século XXI com o surgimento de novas tecnologias e meios de comunicação, os elementos básicos para a prática adequada da profissão são os mesmos da longa trajetória da área como instrumento da Comunicação Social. Na definição de Motta (2004), compete ao jornalismo as representações da vida sob variados ângulos:

O jornalismo é uma atividade mimética: representa a vida, as ações dos homens, dos bons e maus homens, relata os dramas, as tragédias, as sagas e as epopeias contemporâneas. As notícias são relatos fragmentados e contraditórios sobre a nossa existência, sobre as nossas dores e os nossos amores, nossos sofrimentos e gratificações, sobre os acasos e contingências que nos afetam. O jornalismo conta com continuamente as histórias dos nossos heróis, nossas batalhas e conquistas, nossas derrotas e frustrações. O mundo do jornalismo é o mundo da tragédia e da comédia humana. (MOTTA, 2004, p.10).

Além disso, o jornalismo tem função social, os meios jornalísticos atuam sobretudo através do ato de informar os cidadãos, no pressuposto de que estes são atores responsáveis num sistema social de que fazem parte e sobre o qual devem intervir (SOUSA, 2002). Nesse contexto, Kovach e Rosentiel (2004, p.226) estabelecem dois principais desafios do jornalismo:

Jornalismo é contar uma história com uma finalidade. A finalidade de fornecer às pessoas informação que precisam para entender o mundo. O primeiro desafio é encontrar a informação que as pessoas precisam para tocar suas vidas. O segundo desafio é tornar essa informação significativa, relevante e envolvente.

Nesses pontos residem as dificuldades enfrentadas pelo atual momento do jornalismo, a noção de “relevante”. Diariamente, encontramos notícias de conteúdos descartáveis nos jornais, rádio, televisão e internet, conteúdos que abordam de forma rasa temas importantes e

que carecem de mais profundidade. Inúmeras teorias sobre jornalismo foram elaboradas ao longo dos anos na tentativa de sistematizar a abordagem jornalística, bem como a missão do jornalista. Entre os principais estudos estão os de Traquina (2000, 2004 e 2005), que organiza a *Teoria do Espelho*, *Teoria da Ação Pessoal* e a *Teoria Construcionista*, Wolf (2002) reuniu e comentou os trabalhos sobre a produção de notícia e Sousa (2002) que sistematiza os estudos de acordo com os níveis de influência sobre as notícias, bem como aborda a *Agenda Setting*. A seguir iremos destacar conceitos dos autores citados e outros com relação ao tema brevemente, já que interessam a nossa temática, mas não são parte central de nossa análise.

Cabe, inicialmente então questionamentos como: *o que é notícia? Como são feitas as escolhas de assuntos nos jornais? Quais as diferenças editoriais?* Inúmeros estudiosos da área propõem definições sobre o principal recurso dos jornalistas. De acordo com Charaudeau (2006), notícia é toda construção de texto que se caracteriza na narração de fatos recentes de interesse público e organizada nos jornais por eixos temáticos. As notícias trazem à tona fenômenos pelos quais o homem está exposto, são baseadas na linguagem, um ato discursivo que organiza o modo pelo qual a informação é dada. Através da linguagem se coloca em prática a comunicação de sistemas de valores, competência e domínio do assunto.

Notícia é a informação transformada em mercadoria, com os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso, a informação sofre um tratamento que se adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. Além do mais, ela é um meio de manipulação ideológica de grupos de poder social e uma forma de poder político. Ela pertence, portanto, ao jogo de forças da sociedade e só é compreensível por meio da sua lógica: (...) a) a inserção da notícia como fator de sobrevivência econômica (...); b) como veiculador ideológico; c) como estabilizador político. (MARCONDES FILHO, 2009, p. 78).

As notícias antes de virarem notícias propriamente ditas passam pela figura do jornalista: seja produtor, editor ou repórter, portanto quando publicadas, já sofreram inúmeras interferências, da formação cultural de quem produz o conteúdo, passando pela linha editorial até a disponibilidade de tempo hábil até que se publique a informação. Em uma de suas obras, Traquina (2005) lista os aspectos fundamentais do fazer jornalístico considerando o imediatismo, o domínio da técnica do jornalista sofre influência dos horários de fechamento, os *deadlines*. Sendo a notícia um produto perecível tendo necessidade de ser atual, o imediatismo funciona como uma “medida de combate à deterioração da informação”. O que interessam são as notícias mais “quentes” quanto possível, as frias são notícias “velhas” e deixaram de ser notícias, reforça Traquina.

Traquina (2004) afirma que para a produção das notícias os critérios de noticiabilidade e dos valores-notícias devem ser seguidos. Esses critérios preveem que existe uma classificação

entre os fatos que são ou não merecedores de tratamento jornalístico, em que a origem da avaliação dos critérios se fundamenta em análise geral primária e em seu valor como notícia: o que é extraordinário, insólito, atual e/ou ilegal nas guerras. São critérios também: acontecimentos vividos por personalidades, episódios de calamidade e morte.

Dessa forma, podemos abordar o primeiro princípio referente à técnica jornalística, “a capacidade de identificar, selecionar, tratar e apresentar as notícias nesse contexto de imediatismo; esse é o eixo central do campo do jornalismo”, Oselame (2012, p.60). As notícias passam sempre por uma seleção e construção. Portanto, a noticiabilidade se preocupa com fluxo dos fatos e o as perspectivas do profissional, com seleção hierárquica, visão dos fatos, resultando na teoria que leva em conta o fator tempo, novidade, notoriedade, proximidade, conflito, escândalo, relevância, notabilidade, simplificação, ampliação, personalização e dramatização. Ainda a noticiabilidade, leva em conta o contextual, tratando-se da: disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência, dia noticioso (TRAQUINA, 2005).

O autor frisa a interferência dos veículos no que é notícia, Traquina (2005, p.23): “Inevitavelmente, as notícias refletem o *ethos* especializado da comunidade jornalística e são modeladas pelas suas estruturas e processos, mesmo que a intenção das notícias seja falar sobre e englobar as preocupações gerais do cidadão”. O que confirma Correa (2011, p.79): “As notícias são uma construção social, resultado da intersecção entre um processo de produção centrado na sala de redação e o ambiente de trabalho envolvente que define os limites desse processo”.

Entre as técnicas sobre como elencar as notícias, Traquina (2008) estabeleceu um quadro para os critérios:

Quadro 1- Critérios de noticiabilidade de Traquina

Valores- Notícia de Seleção	Critérios Substantivos	Valores	
		Personalização Significância Notabilidade Evolução Valores Socioculturais Novidade	Tempo Inesperado Conflito Infração Entretenimento Humanidade
Valores-Notícia de Construção	Critérios Contextuais	Disponibilidade Equilíbrio	Concorrência Visualidade
	Clareza Amplitude Relevância	Dramatização Consonância	

Fonte: Traquina (2008)

Dependendo da editoria em uma redação, por exemplo, os critérios de noticiabilidade também podem ser readequados: “a organização de uma redação em setores temáticos específicos, o tipo de correspondentes e especialistas que ela possui, são indicações, em nível do órgão de informação, dos critérios de noticiabilidade que nele vigoram” (WOLF, 1985, p. 179).

Nessa relação de escolha e efetiva publicação de notícias, existe outra hipótese que destacamos, a do agendamento. Leiro, Rocha, Costa e Venturini (2010) reforçam que os conteúdos esportivos, objeto de nossa análise, são discursos que focam com frequência no agendamento e no espetáculo (com ênfase nos técnicos e jogadores de futebol). Segundo a Teoria do Agendamento, ou *Agenda Setting*, propõe que assuntos midiáticos se tornem conversas de dia-a-dia. Elaborada no final dos anos 60, a hipótese propõe caminhos alternativos, diferentemente dos sistemas fechados e excludentes que a antecederam. Maxwell McCombs e a alemã Elisabeth Noelle-Neumann foram os dois primeiros pesquisadores a propor as ideias de agendamento, analisando o impacto e influência da mídia na sociedade, e como a projeção dos acontecimentos na opinião pública, estabelece um pseudo-ambiente fabricado e montado pelos meios de comunicação. Além disso, como funciona de *duplo fluxo informacional*.

Já conhecido desde as antigas teorias empíricas experimentais dos anos 30, segundo as quais a maior parte das informações não transita diretamente de uma mídia para o receptor, mas é também mediada através dos chamados líderes de opinião, com os quais estabelecemos relações emocionais as mais variadas. (HOHLFELDT, 2002, p.197).

A *Agenda Setting* permitiu abordar de forma mais detalhada a ideia de que as imagens são manipuladas pelas mídias de massa, e que essas, por sua vez, selecionam alguns temas e excluem outros, definindo é importante de ser noticiado. Portanto, a influência não está na maneira *como* os meios de massa fazem o público pensar, mas *no que* eles fazem o público pensar. Há uma diferença entre *como pensar* e *o que pensar*, Hohlfeldt (2001, p.198-199) assinala:

Quanto às características pessoais do receptor e a formação de uma agenda, tudo depende dos graus de percepção da relevância ou importância do tema, além dos diferentes níveis de necessidade de orientação que, em torno daquele tema, observará o receptor. Assim, pode-se dizer que a percepção de relevância poderá ser alta, média ou baixa. Sendo baixa, evidentemente o receptor não demonstrará nenhum grau de interesse em adquirir qualquer tipo de informação em torno daquele tema. No entanto, se houver um nível médio de relevância ao assunto, haverá, em consequência, um interesse mínimo na aquisição de informação sobre tal acontecimento, ainda que seu reflexo em termos de agendamento seja, ainda, mínimo. O agendamento somente ocorrerá de maneira eficiente quando houver um alto nível de percepção de relevância para o tema.

De acordo com Wolf (1995, p.145), os jornais seriam os principais promotores da agenda do público:

Definem amplamente o âmbito do interesse público, mas os noticiários televisivos não são totalmente desprovidos de influência. A televisão tem um certo impacto, a curto prazo, na composição da agenda do público. O melhor modo de descrever e distinguir essa influência será, talvez, chamar “agenda-setting” à função dos jornais e “ênfase” (ou *spot-lighting*) à da televisão. O carácter fundamental da agenda parece, frequentemente, ser estruturado pelos jornais, ao passo que a televisão reordena ou ressystematiza os temas principais da agenda.

Ao longo dos anos, outros pesquisadores foram desenvolvendo o campo da *agenda setting* com novas experiências e relatos. Entre eles, o brasileiro Clóvis Barros Filho, que tem sido uma das referências da temática. Há conceitos básicos que contemplam esse outro momento da hipótese, e que destacamos que elementos que se fazem presentes em nossas coberturas analisadas: *acumulação*, *onipresença* e *relevância*. O primeiro conceito, como sintetiza Hohfeldt (2002), seria a capacidade que a mídia tem para dar relevância a determinado tema, destacando-o do imenso conjunto de acontecimentos diários que se transformarão em notícia; o segundo, a onipresença significa ultrapassar os espaços tradicionalmente usados, ou seja repercutir exaustivamente as temáticas; por fim, a relevância, que compete aos veículos na escolha do que noticiar, destaque para conteúdos que rendam “audiência”.

4.2 JORNALISMO ESPORTIVO

Embora tenhamos o esporte acompanhando o homem há muitos anos com registros de formas embrionárias ainda na Idade Antiga, a transformação da atividade física em lazer para a civilização e a adaptação a esse formato mais similar ao que estamos acostumados a ver atualmente ocorreram no século XIX, período em que os Jogos Olímpicos Modernos de 1896 são considerados um marco. Para Bracht (1997), o esporte moderno é resultado da esportivização de elementos da cultura corporal que integravam os jogos populares ingleses. Essa transformação emergiu principalmente como resultado do processo de urbanização e industrialização durante a Revolução Industrial.

Quando a sociedade entendeu o esporte como importante além do caráter de lealdade e simbolismo de disputas justas que carregava, mas como questão de saúde da população e de sanidade mental, as práticas esportivas foram ganhando status social e sendo inseridas no próprio ensino das escolas. A partir de então, o esporte recebeu espaço também na imprensa em meados do século XIX, se consolidando no final do mesmo século.

De acordo com Leandro (2003, p. 1): “o autor francês Edouard Seidler aponta como o mais antigo órgão esportivo no mundo, o inglês *Bell's Life*”. Depois da criação em 1838, o impresso mudou de nome e virou *Sporting Life*. Esse primeiro periódico dedicava-se a uma coletânea de crônicas e não propriamente em acompanhar o cotidiano ou cobrir grandes eventos. Apenas quase duas décadas depois é que a grande imprensa abre espaço para o esporte, já que era considerado um tema inferior, para as classes mais baixas, na França em 1854, o jornal *Le Sport* é criado com uma cobertura dedicada principalmente ao hipismo, paixão nacional.

A primeira área esportiva a receber uma cobertura mais elaborada dos veículos impressos foi o hipismo, em meados do século XIX, na França. A grande imprensa só abriu espaço em 1875, num momento de mudanças sociais e de crescimento de esportes populares, pois, até então, só se registravam notas sobre o boxe, iatismo e esgrima. Por isso, os pioneiros do jornalismo esportivo surgiram nos jornais populares. (FONSECA, 1997, p. 19).

Um personagem ganha destaque na entrada mais frequente dos assuntos relacionados aos esportes nos jornais, o Barão Pierre de Coubertin, integrante da elite francesa, deu um novo impulso à sociedade moderna com o neo-olimpianismo. Coubertin reorganizou os jogos olímpicos e criou um novo formato a competição que resgatava os valores da Grécia Antiga, nasciam os Jogos Olímpicos da Era Moderna (1986). A *Revue Athletique*, veículo do próprio Coubertin, serviu de incentivo para a imprensa esportiva francesa e internacional darem atenção

aos esportes. De forma bem embrionária o francês iniciava também a cultivar uma relação entre o patrocínio e a imagem:

Em Atenas, quando o Barão Pierre de Coubertin encontrava dificuldades financeiras para organizar os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, contou com Georgeos Averoff, arquiteto renomado e enriquecido que, através de seus próprios recursos, garantiu a realização das competições. Houve a participação de 311 atletas e público estimado de 280 mil pessoas. Representou uma oportunidade para centralizar a atenção da sociedade para o grande feito, revivendo “o espírito da Olimpíada Grega que, além do caráter competitivo, possuía significado religioso”.(TAMBUCCI; COELHO SOBRINHO, 1997, p.11).

Em período similar, nos Estados Unidos, em 1895, o *The New York Journal* incluiu páginas esportivas no jornal, aos poucos outros concorrentes também se viram obrigados a fazer o mesmo. Esses foram registros de publicações esportivas ainda em estágios muito iniciais, conforme Leandro (2003), nessas primeiras décadas a abordagem era diferente, foi do período de 1919 até 1939 que o esporte até então em formato mais didático usado pelos jornais ganhou autonomia como informação específica.

Na França, a imprensa esportiva passa a ser reconhecida em um contexto de conscientização da sociedade sobre a importância e o valor do esporte para a saúde e cidadania. Nos Estados Unidos, principalmente a década de 1920 reservou grande desenvolvimento da imprensa esportiva, em 1926, por exemplo, o *The New York Times* publicou na primeira página e em colunas o acompanhamento as homenagens de fãs que o boxeador campeão Gene Tunney recebeu.

Como “filho” do próprio jornalismo, o jornalismo esportivo foi evoluindo, as primeiras publicações esportivas foram ganhando mais espaço com o auxílio de outros meios de comunicação ajudaram no processo de formação da área especializada. No século XX, o rádio e, posteriormente, a televisão abocanhavam as audiências e reservavam espaços para as crônicas e atualizações esportivas. Estrearam as transmissões com jornadas esportivas a partir da década de 30, nos Estados Unidos um jogo de beisebol em 1935 foi televisionado; na Alemanha os Jogos Olímpicos de Berlim inseridos num contexto de propaganda de política e de guerra sob o comando Adolf Hitler, com vídeos dirigidos e que destacavam a soberania racial (ariana) e servia como divulgação do ideal nazista; a inglesa BBC transmitiu a competição de tênis em Wimbledon em 1937; na França, 1948, pela primeira vez uma Copa do Mundo de futebol seria exibida na íntegra. Proni (1998, p. 98) destaca:

A partir dos anos vinte, o esporte se tornou um grande filão da imprensa escrita e rapidamente ocupou um lugar de destaque na programação das rádios, o que trouxe um grande impulso aos esportes mais populares. Mas, nesse período marcado por guerras e crises econômicas, as equipes profissionais continuavam operando em um mercado limitado (vendiam ingressos e realizavam promoções para se sustentar

financeiramente e cobrir gastos correntes), não se registrando mudanças qualitativas substanciais em termos de organização esportiva.

Segundo Alcoba (2005), os primeiros jornalistas esportivos eram escritores envolvidos pela emoção da competição e pelos feitos dos atletas, mas ano após ano com o esporte de forma geral adquirindo mais força ao atrair um maior número de praticantes, bem como interessados pelos assuntos relacionados às práticas esportivas, a área foi convertida em gênero específico do jornalismo. Reflexo de todas as transformações que a própria sociedade de meados do século XX vivia, com os meios de comunicação (rádio, jornais e televisão) sendo preponderantes no sentido de fazerem com que o esporte passasse a integrar de alguma forma a rotina de todo cidadão.

O esporte conseguiu transcender seu papel inicial de produzir bem-estar, lazer e estimular valores como fraternidade entre nações para se transformar em algo mais amplo: uma indústria em potencial crescimento. O autor Marques de Melo (2003, p.84) explica esse processo em que o esporte é convertido em produto: “a Publicidade Esportiva assume um papel fundamental na engrenagem do esporte midiático, financiando seus agentes e gerando divisas que dão sustentação econômica às instituições esportivas”, ou seja, o esporte faz propaganda e gera mensagens publicitárias diretamente nos espetáculos ou nos produtos associados às práticas esportivas.

Assim essa alteração significativa na trajetória da editoria especializada em esportes, com a utilização da publicidade impulsionando a alteração do padrão e do vocabulário do jornalista, foi necessário capacitar aqueles profissionais que estavam no mercado para garantir mais seriedade ao nicho, surgia uma nova mentalidade entre os jornalistas, o que estimulava a concorrência entre eles como um elemento importante.

Para Sousa (2005), quando o esporte passou a ser considerado notícia relevante, a identificação de algumas de suas particularidades por parte dos veículos de comunicação levou a setorização e sequente necessidade de tratar os assuntos relacionados ao ambiente esportivo com formatos diferentes, percebia-se nesse setor um nova matéria-prima que emergia da sociedade com força e potencial de interessar a todos os públicos, alavancando a indústria jornalística:

A primeira e talvez mais importante dessas particularidades seja o fato de os acontecimentos esportivos se enquadrarem na categoria de notícias brandas ou leves, que geram uma grande quantidade de histórias de interesse humano. Nesse contexto, a notícia esportiva se enquadra como mais um fator de fuga e entretenimento em meio ao abundante fluxo informativo que caracteriza as sociedades atuais. (SOUSA, 2005, p. 11).

Se dessa maneira a área do esporte adquiriu certa independência do jornalismo, consolidando-se então como essa especializada com estilo próprio que citamos, é importante destacarmos que ainda assim o jornalismo esportivo obedece aos mesmos princípios da produção de conteúdo das demais editoriais, jornalismo é sempre jornalismo como destacam Barbeiro e Rangel (2006, p.13): “seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e do interesse público”.

Portanto, não podemos dissociar do jornalismo esportivo a missão social e a função de articulador de debates sociais. Apesar de se encarregar frequentemente de temáticas consideradas mais leves, sendo o espaço de momento de distração dos espectadores ou leitores, o papel essencial do jornalista não deve ser alterado como reforça Oselame (2012, p.49):

Uma vez que os meios de comunicação abordam os temas gerais da sociedade, os jornalistas, produtores dos conteúdos, também exercem um papel social. São eles os responsáveis por observar os fatos, diariamente, recolhendo aqueles que são mais relevantes, tratando-os e, posteriormente, apresentando-os segundo princípios fundamentais da profissão como a aplicação dos critérios de noticiabilidade, o respeito à conduta ética e a correta divulgação das informações de interesse público. São eles, os jornalistas, que constroem o que é visto na televisão, ouvido no rádio ou então lido nas páginas dos periódicos e nos sites da internet.

Coelho (2003) fala sobre o preconceito com área e que aprimorar-se é uma forma de dar mais credibilidade ao trabalho, usar a criatividade, mas manter o rigor jornalístico e técnico. “Não basta notícia bem analisada. É preciso pauta inteligente. Este é o maior desafio: criar matérias com olhar da própria redação, com diferencial, que deixem claro que só podem ser publicadas por aquela redação” (COELHO, 2003, p.80).

4.2.1 Jornalismo esportivo no Brasil

As primeiras publicações sobre esporte no país são de meados do século 19, em 1856, circulou pelo Rio de Janeiro “O Atleta”, um encarte que podemos considerar como forma “embrionária” do jornalismo esportivo, porque eram conteúdos mais focados em difundir a prática esportiva, do que propriamente apresentar os resultados ou acompanhar a rotina dos atletas, outras publicações tidas como pioneiras são *Sport* e *Sportman* de 1886.

O entendimento de sobre pioneirismo do jornalista Paulo Vinícius Coelho no livro *Jornalismo Esportivo* é diferente, o autor conta que 1910 é considerado como a data das primeiras páginas de divulgação esportiva no Brasil, ano em que o jornal *Fanfulla* circula em

São Paulo como uma publicação com conteúdo exclusivamente esportivo. A prática de esportes ainda estava concentrada na elite e tinha um caráter amador, mas esse periódico conseguiu atingir um público cada vez mais numeroso na capital paulista da época: “para os italianos (...) A *Fanfulla* é até hoje a grande fonte de consulta dos arquivos do Palmeiras sobre as primeiras décadas do futebol brasileiro. O jornal trazia relatos de página inteira no tempo em que o esporte ainda não cativava multidões” (COELHO, 2003, p. 8).

Esses exemplos de periódicos eram exceções de um tempo em que o futebol não era prioridade e que nem mesmo o esporte fazia naturalmente parte da rotina das pessoas,

O futebol, carro chefe da cobertura diária, ainda não era o esporte preferido dos brasileiros. Quando as primeiras bolas aqui chegaram, trazidas na mala de Charles Miller, um brasileiro que fora estudar na Inglaterra, o Brasil vivia outra situação esportiva, cultural e política. Corria o ano de 1894. O poder era ocupado por Prudente de Moraes, primeiro presidente civil da República Brasileira. No Rio de Janeiro, capital do País, o esporte popular era o remo, praticado na Lagoa Rodrigo de Freitas, e o turfe. Poucos anos mais tarde, o estado de São Paulo, receberia as primeiras levas de imigrantes, interessados na política de valorização do café. A cobertura esportiva inexistia. Nenhum esporte era assunto digno das páginas dos jornais. (LEMOS, 2003, p. 2).

No Rio de Janeiro, no início do século XX, o futebol começava a cair nas graças da população, e, por isso o jornalismo esportivo ganhou também mais espaço. Nesse contexto dos primórdios da especializada no país, dois irmãos produziram colaborações importantes no jornalismo carioca: Mario Filho e Nelson Rodrigues. Os colunistas que eram apaixonados por esporte são as referências para a criação de um estilo de textos que carregava muita criatividade, crônicas que descreviam as disputas com passionalidade e auxiliaram na divulgação do futebol,

Numa época em que não havia televisão e os jornais reinavam sozinhos, a divulgação de jogadas espetaculares, gols surpreendentes, descrições endeusadas de craques e de partidas históricas geravam expectativas nos torcedores, alavancavam rivalidades, levavam multidões aos estádios e davam ao futebol uma áurea mística, apaixonada e romanceada. (LEMOS, 2003).

Mais do que isso, as publicações de ambos foram determinantes no processo de construção da identificação nacional com a modalidade, fazendo com que o futebol provocasse cada vez mais o interesse não apenas dos leitores, mas dos próprios periódicos:

A imprensa esportiva nacional desenvolveu-se, assim, a partir da percepção dos empresários de que aquele tema interessava a um grande número de leitores, mas este processo lento ainda está em curso, observando-se hoje uma tendência de valorização extrema do esporte mediante as necessidades de ampliação das vendas por parte dos veículos, dentro da lógica comercial do lucro. (LEANDRO, 2003, p.3).

Em 1927, Mario Filho assumiu a página de esportes do *A Manhã*, um diário carioca, nela o jornalista destacava os acontecimentos dos times do futebol do Rio de Janeiro. A partir de então foi reforçando o estilo romanceado para narrar os episódios que aconteciam no esporte.

Nelson Rodrigues, irmão de Mario, também deu sequência ao estilo de texto predominantemente dramático e emotivo,

A miopia de Nelson Rodrigues tirava-lhe a possibilidade de enxergar qualquer coisa em jogo de futebol, ainda mais em estádio grande como o Maracanã. E daí? Romance era com ele mesmo. Crônicas recheadas de drama e poesia enriqueciam as páginas dos jornais em que Nelson Rodrigues e Mário Filho escreviam. Até jogo violento, como Bangu e Flamengo, que decidiu o Campeonato Carioca em 1966 (...) era por eles tratado com tanta dramaticidade. Essas crônicas motivavam o torcedor a ir ao estádio para o jogo seguinte e, especialmente, a ver seu ídolo em campo. A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses. (COELHO, 2003, p. 17-18).

É válido destacarmos certa imprecisão nos relatos dos irmãos e do próprio papel que ocupavam nos jornais, mais como cronistas, do que jornalistas esportivos, em que aos textos importavam detalhes que passavam despercebidos para o espectador comum e sempre em tom contaminado pela literatura. Já o jornalista esportivo desta época, que cobria de maneira mais factual, faz do jornal um bico para complementar a renda mensal de outras atividades.

Em 1931, o *Jornal dos Sports* foi criado como o primeiro diário exclusivo dedicado aos esportes no país, três anos antes, em 1928, a *Gazeta Esportiva* circulava, mas ainda como suplemento do jornal *Gazeta*. O modelo fez sucesso, todas as segundas-feiras traziam as novidades do esporte como forma de promover o “espetáculo esportivo” para conquistar leitores, embora essas notas aparecessem sempre misturadas ao noticiário geral (LEANDRO, 2003). Um dos dirigentes da *Gazeta*, o jornalista Cásper Líbero, buscou aproximar o jornal das práticas esportivas, contribuindo inclusive para a criação de competições importantes como a tradicional e ainda existente Corrida de São Silvestre.

Para cobrir tais eventos, passou inicialmente a editar diariamente uma seção sobre esporte. O primeiro número da *Gazeta Esportiva*, como suplemento, circulou em 24 de dezembro de 1928 e em 10 de outubro de 1947, diante da receptividade, o periódico se amplia, ganha voo próprio e mantém circulação regular no sudeste brasileiro. (LEIRO; ROCHA, COSTA e VENTURINI, 2010, p. 28).

No final da década de 50 e início dos anos 60, a *Revista do Esporte* foi outro periódico a se dedicar exclusivamente ao futebol, com reportagens sobre os títulos do Brasil e a forma de jogar que encantava o mundo, as atuações de Pelé em campo ganhavam destaque.

Por um longo período o jornalismo esportivo foi visto com preconceito, o que não impediu sua larga extensão. O jornal *Estado de São de Paulo*, considerado parte da grande imprensa nacional, foi o último a “desprezar o esporte”, destinado pouco espaço ao futebol, “a partir dos anos 60, quando já não era possível resistir, devido ao impacto proporcionado no

público pela conquista do primeiro título mundial de futebol pela seleção brasileira em 1958”, destaca Leandro (2003, p.3).

Os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais, destaca Coelho (2003, p.10): “em São Paulo surgiu o *Caderno dos Esportes*, que originou o *Jornal da Tarde*, uma das mais importantes experiências de grandes reportagens do jornalismo brasileiro”. A publicação paulista mudou o foco de alguns profissionais, os assuntos extracampo como escândalos, má administração e as ações dos cartolas passaram a interessar ao jornalismo esportivo, sinalizando uma imprensa que se tornava mais “séria” e comprometida.

A cidade de São Paulo foi o grande polo das revistas e do próprio jornalismo esportivo, em 1970, as revistas esportivas regulares ganharam o mercado da comunicação, publicações que podiam abordar com mais tempo os temas relacionados ao mundo esportivo, publicar longos perfis e reportagens exclusivas sobre a trajetória dos atletas. O que acontecia no futebol brasileiro e mundial também reforçou o espaço aberto para esse tipo de conteúdo, a década de 70 reforçava a transformação dos jogadores em personalidades com apelo ainda maior das décadas anteriores por conta da televisão e das coberturas massivas dos campeonatos. Pelé, Franz Beckenbauer, Bobby Moore, Dino Zoff e Michel Platini, por exemplo, apareciam como os ídolos do esporte e referência de estilo para muitos.

Entre os 60 e 70, a *Gazeta Esportiva* chegou a ter números bastante expressivos, sendo uma espécie de leitura obrigatória, num tempo em que as informações esportivas quase que na totalidade eram concentradas nos veículos impressos. O sucesso estava na credibilidade, na editoria não havia ainda as estratégias de perfil mais sensacionalista, as pautas pitorescas e as manchetes apelativas não tinham espaço. Situação que nos 80 foi alterada, conforme Coelho:

As manchetes ganharam tom apimentado. O apreço pelo público mais popular caía na mesma medida em que caíam as vendas. Durante um bom período, a *Gazeta Esportiva* conseguiu manter-se com os anúncios classificados, especialmente às segundas-feiras. À medida que esse filão deixou de existir, o jornal passou a ter os dias contados, até seu desaparecimento das bancas. (COELHO, 2003, p. 84).

É quando a maioria dos impressos inicia uma fase de crise, com uma significativa redução nas vendas, que entre outros motivos se dava pela concorrência com meios de comunicação como a televisão e nos anos 2000 a Internet. Por outro lado, o jornalismo esportivo continuou sendo fortalecido como editoria pelo crescente interesse do público que poderia não estar consumindo no mesmo ritmo as notícias impressas, jornais como um todo, mas seguiu ávido por informações sobre esporte.

No final dos anos 90, a televisão paga/cabo possibilitou acesso a conteúdo mais especializados, abrindo espaço para os canais focados apenas em esporte. Os primeiros canais

do país por assinatura seguiam o padrão norte-americano com programas de debates e atualidades esportivas, além do acompanhamento diário da rotina dos clubes. No mesmo ritmo, a popularização da Internet e o surgimento de outras redes sociais, fizeram o jornalismo esportivo ficasse mais em evidência no século XXI.

Esse histórico sobre a evolução do jornalismo esportivo no país nos faz pensar sobre a importância que a editoria foi adquirindo ao longo dos anos. O esporte é atualmente parte fundamental das redações de jornalismo no Brasil e deveria ser pensado sob tal relevância. Coelho (2003) salienta sobre grau de reflexão que os textos esportivos deveriam oferecer, com olhar também para o extracampo, mas também que tenha a capacidade de atrair aqueles leitores que já tenham conhecimento prévio sobre as notícias do esporte, assim como aquele que ainda não tem, elevando assim o nível de elaboração dos conteúdos. Nessa lógica, reforça Coelho, é fundamental o investimento das empresas.

A corrente principal das ciências sociais considerava o futebol como uma coisa que distanciava o povo das “preocupações verdadeiras”. O futebol era visto como formando parte dos processos de alienação das massas. Os ventos mudaram o rumo da prosa. Hoje, talvez sob o furacão do culturalismo e da importância concedida à identidade, a crítica da alienação foi varrida e as folhas da valorização da cultura e identidade local formam o piso sobre o qual andamos. (LOVISOLO, 2001, p. 9).

O “outro lado” do esporte é abordado por alguns veículos de comunicação, alguns jornalistas se especializaram na produção desses conteúdos mais densos, mas na grande maioria das vezes, as matérias compreensíveis por qualquer pessoa, mais leves, são as que mais interessam os editores. Em contrapartida, a busca por diferenciação na abordagem das notícias tem sido também a luta por conquistar mais leitores: sair do convencional, sem perder a objetividade e se tornar excessivamente passional, nem deixar de passar para o leitor a emoção de uma competição, seria então desafio das editorias de esporte. (COELHO, 2003).

4.3 A ESPETACULARIZAÇÃO DA NOTÍCIA

Mesmo que o esporte já pudesse ser considerado como um fenômeno cultural disseminado por todas as classes sociais e pelo mundo inteiro antes de meados da década de 40, foi com a difusão da televisão e o desenvolvimento da cultura de massa que a lógica de mercantilizar o esporte ganhou mais força, como reforça Proni (1998, p.75):

Sem dúvida, a mercantilização e a espetacularização do esporte – processos que foram iniciados ainda na sociedade burguesa – foram elevados à máxima potência na sociedade de massa. A ação da mídia especializada e as oportunidades criadas por um mercado publicitário em expansão certamente contribuíram para revolucionar o universo do esporte contemporâneo, particularmente em virtude da relação que se estabeleceu entre o esporte-espetáculo, a televisão e o marketing esportivo.

Se esse consumo de massa proporcionou as condições necessárias para o surgimento e sequente crescimento de indústrias especializadas, instituiu-se então em diversas esferas uma *espetacularização esportiva*, ou seja, o espetáculo manifestado em múltiplos campos do esporte, o que avançou de acordo com a configuração de uma sociedade que consome em ritmo cada vez mais acelerado conteúdos, marcas e produtos.

Os grandes atletas se transformaram em *mega-stars* e são pagos não apenas para competir, mas para fazer propaganda de empresas e produtos. Certamente, a enorme audiência dos principais eventos esportivos e o sucesso de vendas dos periódicos especializados mostram como o grande público se identifica com o esporte espetacularizado, consumindo-o cotidianamente, ao mesmo tempo que os valores dos contratos de patrocínio e de transmissão exclusiva mostram que o esporte-espetáculo se tornou um grande negócio e está definitivamente inserido na economia capitalista. (PRONI, 1998, p.94).

Essas questões de espetacularização na sociedade de forma geral começaram a ser pensadas principalmente pelo francês Guy Debord, autor que deu origem a terminologia com a publicação da obra *A Sociedade do Espetáculo* nos anos 60, e, ainda hoje, considerada uma das principais referências quando se intenciona estudar os fenômenos contemporâneos da Comunicação pela pertinência e reflexão dos textos.

Naquela época, Debord e outros pensadores do período estavam envolvidos em debates que buscavam compreender o contexto vivido na França, as discussões implicavam numa descrição da existência, que seria influência do novo modo de "ser" do sujeito. Segundo Sodré (2007), Debord foi o primeiro a apresentar uma visão nova sobre tudo que estava ocorrendo, num conceito que combina história, cultura, emoção pelo viés do que é "superficial", a aparência, denominado "espetáculo". O escritor chamou de "espetáculo" o que, anos antes, Marx, considerava como "alienação social", o resultado do fetichismo que a mercadoria em estágio industrial avançado no capitalismo provoca, sendo então mais importante do que os interesses culturais, intelectuais ou políticos.

Sua tese central é que na sociedade industrial moderna, na qual o capitalismo triunfou, e a classe operária foi (pelo menos temporariamente) derrotada, a alienação — ilusão da mentira convertida em verdade — monopolizou a vida social, transformando-a numa representação em que tudo o que é espontâneo, autêntico e genuíno — a verdade do humano — foi substituído pelo artificial e pelo falso. Nesse mundo, as coisas — mercadorias — passaram a ser os verdadeiros donos da vida, os amos que os seres humanos servem para assegurar a produção que enriquece os proprietários das máquinas e as indústrias que fabricam tais mercadorias. (VARGAS LLOSA, 2013, p.12).

Essa problematização é, de fato, característica da década de 60 na França, em particular, quando se começou a desconfiar da História e, conseqüentemente, de Marx, uma vez que o marxismo existencial pós-guerra apresentava-se como uma filosofia da História. Era um marxismo que ligava o curso das coisas ao da vida subjetiva dos indivíduos. (SODRÉ, 2007, p.7).

Debord e seus contemporâneos presenciaram o crescimento econômico que passava o país nos anos 50, o desenvolvimento no pós-guerra refletiu em variadas esferas sociais. Surgiram os grandes conjuntos habitacionais, a máquina de lavar e as transmissões televisivas, transformações que abalaram o cotidiano (TONIN, 2007), todo esse contexto serviu de inspiração para que explorasse em seu livro tais questões, como uma crítica ao espetáculo e aos novos modos de ser, aspectos que o levavam a acreditar que era necessário “reconstruir” a existência. Embora não tenha tido uma carreira de intensa produção na academia, o legado de *A Sociedade do Espetáculo*, lançada em 1967, é imenso:

Em um conjunto de 221 teses, divididas em nove capítulos, o autor trata das mudanças sofridas pelo ser, pela vida e pelo mundo a partir do nascimento do espetáculo. Analisa a transformação radical da comunidade em sociedade espetacular; a mercadoria como único ser humanizado nesse social; as severas mudanças nas concepções da história, do tempo, da ideologia, da cultura, projetos e práticas marxistas, permitida pelas suas divergências contra eles, isto apenas como maneira de melhor elucidar o caminho que levaria, segundo ele, diretamente à porta de saída da sociedade espetacular. (TONIN, 2007, p. 47).

Ainda conforme as definições de Debord, o espetáculo não é mais um conjunto de imagens, há uma relação social com pessoas que é mediada pelas imagens. Com a chegada da década de 70, outras alterações sociais foram promovidas, o maior desenvolvimento tecnológico e expansão dos meios de comunicações potencializaram ainda mais o espetáculo com acontecimentos que já estavam inseridos na atmosfera de "sociedade do consumo". A cultura foi transformada em artigo de consumo das massas, mas ao invés de gerar percepções individuais, fez o sujeito reagir à uma cultura dominante de forma condicionada.

Silva (2007) considera que estaríamos vivendo atualmente num momento **pós-espetáculo de Debord**, enquanto o francês destacava o poder da mídia em pautar, no sentido de dizer sobre o que falar e de condicionar os leitores e espectadores, no presente, os veículos de comunicação não nos dizem mais sobre o que falar, mas em torno do que falar.

O hiperespetáculo é a imagem enfim liberada de uma possível essência. Imagem sem sombra. Quando tudo é imagem, não há mais o que refletir. O hiperespetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma imagem única, sob aparência da diversidade, que não permite reflexão. Imagem irrefletida. Nem utopia, nem distopia. Pode-se mudar de canal, mas não de programa. Pode-se mudar de rede, mas não de sentido. (SILVA, 2007, p.33).

A Civilização do Espetáculo (2013), livro mais recente, é outra obra que nos ajuda a entender o “espetáculo” nos tempos atuais e construir considerações importantes sobre a *espetacularização da notícia* – que compreendemos ter ocorrido na cobertura dos dois casos de racismo no futebol brasileiro, objeto de análise do nosso estudo. Nessa coletânea de ensaios, o

peruano Mario Vargas Llosa define o que seria a civilização do espetáculo:

É a civilização de um mundo onde o primeiro lugar na tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal. Esse ideal de vida é perfeitamente legítimo, sem dúvida. Só um puritano fanático poderia reprovar os membros de uma sociedade que quisessem dar descontração, relaxamento, humor e diversão a vidas geralmente enquadradas em rotinas deprimentes e às vezes imbecilizantes. Mas transformar em valor supremo essa propensão natural a divertir-se tem consequências inesperadas: banalização da cultura, generalização da frivolidade e, no campo da informação, a proliferação do jornalismo irresponsável da bisbilhotice e do escândalo. (VARGAS LLOSA, 2013, p.17).

Podemos entender a "espetacularização" no jornalismo que Vargas Llosa chama de *irresponsável e da bisbilhotice* também como sensacionalismo, viés editorial que de acordo com Angrimani (1995) é tornar sensacional um fato jornalístico, em que outras circunstâncias editoriais, não mereceria o mesmo tratamento, deixando mais atraente aquilo que não é tão sensacional, bem como tornar alguma notícia capaz de extrapolar o real.

Esse tipo de abordagem segundo alguns autores se manifestou ainda de forma inicial no século XVII. Naquele tempo, as gazetas apresentavam as *nouvelle* (derivado do francês, notícia/novela), que tinham função de informação pública, mas que apresentavam também conteúdo insólito e divertido em formato similar ao dos *fait divers* (ANGRIMANI, 1995). No século XIX, a concorrência entre os jornais aumentou, para que as gazetas populares tivessem um produto mais atrativo (e lucrativo), as tragédias e os *fait divers* passaram a ser relatados. O interesse do público por notícias com esse perfil aumentou, havia um novo código de produção que caracteriza o modelo: fragmentação nos textos, intensidade, concisão e um forma de dizer que captasse a atenção do leitor.

Desde então o sensacionalismo continuou a ser explorado pelos veículos de comunicação, e na sociedade do espetáculo, ficou mais em evidência já que foi convertido em elemento principal para multiplicação das vendas dos jornais, por exemplo, como Marques (2006) explica:

Os jornais diários e as revistas semanais fazem um jornalismo cada vez mais preocupado com o sucesso do mercado, regulados por parâmetros e metas mercadológicas. Alguns desses veículos sofreram grandes estruturações e passaram a adotar sistemas de controle de produtividade e produziram manuais de redação para orientar seus profissionais a seguirem um padrão no trabalho. (MARQUES, 2006, p.35).

Embora a "regulação" quanto à forma já esteja instituída nas principais redações do país, isso não implica necessariamente em uma maior preocupação editorial quanto ao conteúdo. De acordo com francês Pierre Bourdieu (1997), justamente devido as múltiplas fontes de informação e de fácil acesso, que a espetacularização passou a ser o principal atributo dos

acontecimentos na escolha das notícias em potencial por parte dos veículos de comunicação, o que aconteceria em todas as editorias. Vargas Llosa (2013) é enfático ao dizer que o jornalismo sofreu forte influência do que considera a civilização do espetáculo:

A fronteira que tradicionalmente separava o jornalismo sério do sensacionalista e marrom foi perdendo nitidez, enchendo-se de buracos, até se evaporar em muitos casos, a tal ponto que em nossos dias é difícil estabelecer diferença nos vários meios de informação. Porque uma das consequências de transformar o entretenimento e a diversão em valor supremo de uma época é que, no campo da informação, isso também vai produzindo, imperceptivelmente, uma perturbação subliminar das prioridades: as notícias passam a ser importantes ou secundárias sobretudo, e às vezes exclusivamente, não tanto por sua significação econômica, política, cultural e social, quanto por seu caráter novidadeiro, surpreendente, insólito, escandaloso e espetacular. (VARGAS LLOSA, 2013, p. 26)

Dessa forma, o jornalismo da atualidade procura entreter e divertir informando, diferente dos objetivos originais da prática jornalística, esse modelo fomenta para Vargas Llosa (2013, p. 26): “uma imprensa também light, leve, amena, superficial e divertida que, nos casos extremos, se não tiver à mão informações dessa índole para passar, as fabricará por conta própria”.

O escritor Vargas Llosa (2013) acredita que também a função crítica do jornalismo foi distorcida pela frivolidade e pela avidez de diversão da cultura predominante na civilização do espetáculo. Essa forma instituída de espetacularização da notícia pelos principais veículos dificulta o aprofundamento dos debates na mídia, o que na editoria de Esporte é ainda mais evidente.

Num sentido similar as interpretações de Vargas Llosa, Bernal (apud OSELAME, 2012) aponta cinco aspectos do jornalismo esportivo praticado neste início do século XXI: o excessivo espaço dedicado ao futebol; o superdimensionamento dos acontecimentos; a utilização de um vocabulário superlativo que, muitas vezes, tende à agressividade; a capacidade de exaltação e demolição de personagens; e a inclusão de aspectos que nada tem a ver com a prática esportiva profissional de competição.

No processo espetacularização da notícia esportiva, personagens midiáticos são construídos nesse espaço. É o que Morin (1997) relata em uma de suas obras, considerando o esporte moderno como um dos frutos da cultura de massa, que se desenvolve no âmbito do lazer, o francês aborda a representatividade dos ídolos esportivos dentro do contexto de uma sociedade que necessita afirmação do sucesso pessoal e visibilidade social, bem como precisa de modelos de comportamento e de estereótipos que alimentem as aspirações de uma vida plena e feliz. Surgem os heróis do espetáculo, do jogo e do esporte.

Helal e Soares (2001) compreendem que o atleta é convertido em herói por causa do agonismo entre vitória e derrota que o universo do esporte carrega, em que "o 'sucesso' de um atleta depende do 'fracasso' do seu oponente", e todo esse componente ocorre no bojo do próprio espetáculo. No surgimento do papel de herói, há o anti-herói, personagens que são produzidos pela competição, mas são fortalecidos pela mídia. De certa forma, o jornalismo colabora para delimitar os papéis: cria exemplos e vítimas, ambos com a função de alimentar a curiosidade dos consumidores, que, em boa parte das vezes são ávidos por escândalos e polêmicas, “a civilização do espetáculo é cruel. Os espectadores não têm memória; por isso também não têm remorsos, nem verdadeira consciência. Vivem presos à novidade, não importa qual, contanto que seja nova”¹⁸.

Segundo Betti (2002), existe uma clara diferença entre a cobertura do esporte no que chama *esporte na mídia*, que é como deveria ser a abordagem da temática nos veículos de comunicação, e o *esporte da mídia*, cobertura em que os assuntos esportivos são sempre mediados pelos olhares interessados dos diversos meios. Analisando mais especificamente a televisão (o que não exclui a aplicação a outros meios), o autor defende que o *esporte da mídia* é limitado, não cumpre a abordagem ideal por estar baseado em cinco características: ênfase na falação, monocultura esportiva, supervalorização da forma em relação ao conteúdo, superficialidade e prevalência dos interesses econômicos.

A primeira característica, falação esportiva, está associada a informação,

(...) quem ganhou, quem foi contratado ou vendido (e por quanto), quem se contundiu, e até sobre aspectos da vida pessoal dos atletas. Conta a história das partidas, das lutas, das corridas, dos campeonatos; uma história que é sempre construída e reconstruída, pontuada pelos melhores momentos - os gols, as ultrapassagens, os acidentes etc. cria expectativas: quem será convocado para a seleção brasileira? A falação faz previsões: qual será o placar, quem deverá vencer. Depois, explica e justifica: por que tal equipe o atleta ganhou ou perdeu. A falação promete: emoções, vitórias, gols, medalhas. Cria polêmicas e constrói rivalidades: foi impedimento ou não? A falação crítica: "fala mal" dos árbitros, dos dirigentes, da violência. A falação elege ídolos: o "gênio", o craque fora de série. Por fim, sempre que possível, a falação dramatiza. (BETTI, 2002, p.2)

O segundo aspecto, de monocultura esportiva, diz respeito a abordagem midiática que enfatiza o futebol, na maioria dos veículos, esse é o assunto mais falado. Betti (2002) inclui a terceira característica, a sobrevalorização da forma em relação ao conteúdo, nas abordagens da televisão, quando o que chama de “telespetáculo” tende a valorizar recursos do audiovisual, combinando imagem, som e palavra para atingir a emoção do espectador.

¹⁸ PAZ, Octavio. *Chiapas: hechos, dichos y gestos*. Barcelona, Galaxia Gutenberg/Círculo de Lectores: 2002, p. 546.

A superficialidade caracteriza-se interação entre as mídias, a mesma notícia passa de uma mídia a outra, sem que análises mais aprofundadas sejam feitas. Por fim, a quinta característica, a prevalência dos interesses econômicos, é para Betti o sistema que reflete na produção dos conteúdos, “os produtores pressupõem o que o público (que é visto como homogêneo) quer, e só lhe oferecem isso, portanto, não podem saber se o público deseja outra coisa. Novidades aparecem, mas sempre sobre os mesmos temas e sob as mesmas formas”. Dessa forma, as “fórmulas” tradicionais são reafirmadas e as coberturas se repetem, seguem um mesmo padrão.

Não está em poder do jornalismo por si só mudar a civilização do espetáculo, que ele contribuiu para forjar. Essa é uma realidade enraizada em nosso tempo, a certidão de nascimento das novas gerações, uma maneira de ser, de viver e talvez de morrer do mundo que nos coube, a nós, felizes cidadãos destes países, a quem a democracia, a liberdade, as ideias, os valores, os livros, a arte e a literatura do Ocidente ofereceram o privilégio de transformar o entretenimento passageiro na aspiração suprema da vida humana e o direito de contemplar com cinismo e desdém tudo o que aborreça, preocupe e lembre que a vida não só é diversão, mas também drama, dor, mistério e frustração. (VARGAS LLOSA, 2013, p. 29)

Na espetacularização da notícia, o limite entre o que é informação pública e privada é dissociado, já que são exatamente os detalhes privados que costumam interessar o grande público:

O desaparecimento do privado, o fato de ninguém respeitar a intimidade alheia, de esta ter-se transformado numa paródia que excita o interesse geral e de haver uma indústria informativa que alimenta sem trégua e sem limites esse voyeurismo universal, tudo isso é manifestação de barbárie. Pois com o desaparecimento da esfera privada muitas das melhores criações e funções do humano se deterioram e aviltam, a começar por tudo o que está subordinado ao cuidado com certo formalismo, como o erotismo, o amor, a amizade, o pudor, os bons modos, a criação artística, o sagrado e a moral. (VARGAS LLOSA, 2013, p.78)

Nas duas coberturas que analisamos o público e privado são confundidos. A superexposição dos personagens e o ambiente de espetacularização das notícias são responsáveis por anularem o limite entre o que é relevante como informação e o que é particularidade, vida privada. Durante a prisão de Desábato, por exemplo, a mãe e a mulher do jogador (na época grávida) foram entrevistadas para que falassem sobre a detenção do argentino no Brasil, na ocasião, a gestação da esposa serviu como elemento extra no sentido de abordar possíveis consequências que o caso teria para a companheira do atleta (emocionalmente falando). Então, nos questionamos: era relevante abordar tal situação? Qual a relação que a gravidez tinha com o debate sobre o racismo no futebol? Nesse mesmo sentido, a palavra da mãe de Desábato após o episódio também não exerce influência na atualização do caso, consideramos que deixa de ser informativa para se tornar apelativa e de domínio privado.

No caso de Patrícia Moreira e Aranha em 2014, informações particulares da torcedora gremista foram divulgadas (conta bancária, dados pessoais, endereço). As notícias relacionadas a demissão da jovem na época também ocuparam espaço nos jornais, assim como a ênfase na abordagem sentimental, o perdão/ arrependimento são norteadores de inúmeras reportagens. Avaliamos que o excessivo apelo emocional extrapola a função do jornalismo como fonte de informação, ideias nesse sentido serão abordadas com mais ênfase no próximo subcapítulo, o de análise de conteúdo.

4.4 ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DOIS CASOS

É desafiador elaborar um estudo sobre a temática apresentada neste trabalho, principalmente porque ela é formada por um emaranhado de ideias e conceitos, quase como um quebra-cabeça. A pesquisa possibilita que encontremos respostas, que façamos considerações relevantes e que retiremos o “véu” que cobre nossos questionamentos. Segundo Minayo (1993, p.23), a pesquisa é “uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre a teoria e dados”.

Nosso estudo direciona-se ao texto jornalístico noticioso, bem como o de opinião, considerando artigos, editoriais, crônicas e publicações ao espaço que replica comentários de leitores. Buscamos entender os significados e apresentar interpretações sobre que foi publicado respeitando os procedimentos metodológicos, portanto o objeto desta pesquisa, as publicações da *Folha de São Paulo*, serão estudadas por meio da análise de conteúdo, conjunto de procedimentos sistematizados por Laurence Bardin. Conforme Olabuenaga e Ispizúa (1989), a análise de conteúdo é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos, que analisados adequadamente nos abrem as portas ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social de outro modo inacessíveis.

A análise de conteúdo tem um longo histórico, ainda de forma prematura, foi usada pela primeira vez no processo de decodificação dos símbolos, sinais e mensagens, quando se buscava dar sentido aos textos bíblicos, por exemplo. No século XVII na Suécia, hinos religiosos foram minuciosamente analisados com divisão de temas, valores, modalidades e complexidades estilísticas de produções da religião luterana. Para Bardin (1977), a intenção era saber se esses hinos (90 deles) podiam ter efeitos nefastos sob os Luteranos.

Foi principalmente no início do século XX, nos Estados Unidos, que AC¹⁹ desenvolveu-se e há uma forte relação entre o Jornalismo e o método. É o nome de Harold Lasswell que figura como um dos percussores da utilização da AC, quando fez análises de imprensa e de propaganda a partir de 1915.

Em 1927, é editado o livro *Técnica de Propaganda na Guerra Mundial*. É a psicologia comportamental e objetiva que ganha espaço, descrevendo o comportamento como resposta a um estímulo, tudo com rigor e cientificismo. A concepção iniciada por Lasswell é precedida por autores como Berelson, em que a AC é considerada uma técnica de investigação que descreve de forma objetiva e sistemática o conteúdo da comunicação.

No passar dos anos, a AC contribuiu nos processos científicos de legitimação de técnicas de leitura, mas também manteve questionamentos em aberto sobre o que é passível de interpretação. Questões ainda como: a significação profunda não surgiria apenas depois de uma observação cuidadosa ou com intuição carismática? Bardin (1977) destaca de maneira geral a AC com dois objetivos centrais: a ultrapassagem da incerteza e o enriquecimento da leitura. Para a autora, os questionamentos sobre o que é julgado a partir da mensagem, se está ou não presente, passa também pela leitura pessoal, e essa é uma questão a ser feita. Reforça Bardin (1977, p.29), “se um olhar imediato, espontâneo, é já fecundo, não poderá uma leitura atenta, aumentar a produtividade e a pertinência”?

A análise de conteúdo é principalmente oferecida como um instrumento aos questionamentos das Ciências Humanas, já que “é um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”, define Bardin (1977, p. 31). Todo conteúdo tem uma realidade *a priori*, em que a linguagem é veículo de transmissão de uma mensagem subjacente e a análise de conteúdo serve como ferramenta capaz de retirar o véu de linguagem que encobre o que realmente se pretende descobrir: a significação profunda que preexiste à pergunta (BARDIN, 1977). Assim, manifesta-se, Rocha (2004, p.15) “essa crença de que o dito equivale a uma informação com valor de verdade”.

De acordo com Herscovitz (2007, p.126), “a tendência atual da pesquisa desfavorece a divergência entre a vocação qualitativa e quantitativa da análise de conteúdo, ou seja, promove uma integração entre as duas visões: os conteúdos manifestos (visíveis) e latentes (ocultos, subentendidos) são incluídos em um mesmo estudo”. Entendimento similar ao de Gutiérrez,

¹⁹ Utilizamos a sigla “AC” como abreviação de Análise de Conteúdo.

que em artigo publicado na *Revista Brasileira de Enfermagem*, traça uma divisão interessante (2004, p.612):

Pode-se por assim dizer que o método de análise de conteúdo é balizado por duas fronteiras: de um lado a fronteira da linguística tradicional e do outro o território da interpretação do sentido das palavras (hermenêutica). Se o caminho escolhido voltasse para o domínio da linguística tradicional, a análise de conteúdo abarcará os métodos lógicos estéticos, onde se busca os aspectos formais típicos do autor ou texto. Nesse território, o estudo dos efeitos do sentido, da retórica (estilo formal), da língua e da palavra, invariavelmente evolui, na linguística moderna, para a “análise de discurso”. No outro lado, sob a fronteira da hermenêutica, os métodos são puramente semânticos, subdividindo-se em métodos psicológico-semânticos, que pesquisam as conotações que formam o campo semântico de uma imagem ou de um enunciado, e em métodos semânticos estruturais, que se aplicam a universos psico-semânticos ou sócio semânticos mais ampliados.

Muitas bibliografias sobre a análise de conteúdo sistematizam o método em etapas, seguindo a proposta de Bardin (1977), ao afirmar que a análise de conteúdo tem fases, assim como o inquérito sociológico ou a experimentação, organiza-se em polos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a interferência e a interpretação.

4.4.1 Mapa do Objeto: *Folha de São Paulo*

Partimos do mapeamento de nosso objeto, traçando a história desse jornal que hoje é um dos mais influentes do Brasil com circulação diária média na faixa de 360 mil exemplares²⁰.

Criada por um grupo de jornalistas, entre eles Olival Costa e Pedro Cunha, a *Folha de São Paulo* foi fundada em 19 de fevereiro de 1921. Inicialmente, carregava o nome de *Folha da Noite* e tinha como missão informar principalmente as classes médias urbanas e classe operária com ênfase no período vespertino. Quatro anos depois, o grupo lançou um formato matutino, a *Folha da Manhã*.

Em 1931, em uma troca de gestão, Francisco Matarazzo e Octaviano Alves de Lima assumem o comando do grupo, foi quando o jornal sofreu uma significativa alteração editorial e de público-alvo, o impresso passou a defender os interesses da classe de agricultores de São Paulo. Uma nova mudança acontece em 1945, quando o impresso é vendido para Nabantino Ramos, Clóvis Queiroga e Alcides Ribeiro Meirelles, a *Folha* estrutura uma forma de trabalho

²⁰ Dados referentes aos quatro primeiros meses do ano de 2015 de acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (IVC). Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2015/05/26/Circulacao-dos-cinco-grandes-jornais-.html>. Acesso: janeiro de 2016.

mais eficiente e passa a priorizar a isenção e independência de informação. Ramos, um dos donos, era obcecado pela normatização do jornalismo, nas décadas de 40 e 50 redigiu o primeiro manual de redação, desenvolveu um rígido controle de erros, implantou uma política editorial, promoveu concursos públicos para contratação de profissionais, cursos de jornalismo e premiação por performance. Em 1949, um terceiro jornal foi lançado, a *Folha da Tarde*.

Quinze anos depois da última mudança na diretoria, durante a quarta fase desde a fundação em 1921, a *Folha* passou por dificuldades financeiras pelos altos custos do papel e os jornais foram unidos em um só título *Folha de São Paulo*, no início conseguiram manter as três edições, mas na sequência as edições vespertinas foram canceladas, fixando-se como um impresso matutino. Em meados de 1962, os empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho compram a *Folha*.

Durante essa época, o jornalismo esportivo do jornal não era considerado referência. Coelho (2003) conta que o caderno de esportes da *Folha* não tinha a tradição de ser um dos mais lidos entre as editorias do jornal entre a década de 80 e 90,

Ao contrário. Antes do projeto *Folha*, inaugurado por Matias Suzuki Jr. e Octávio Frias Filho em 1983, as segundas-feiras eram marcadas pela ausência do *Estadão*- o jornal começou a ser publicado às segundas em 1991. Mas o caderno de esportes mais lido nesse tempo era o do *Jornal da Tarde*. A *Folha* não tinha penetração, não era respeitada como um dos principais cadernos de esporte do país. Depois de 1983, continuou não sendo. Mas a partir daí virou contradição. Se a *Folha* se tornava dia após dia o jornal mais importante do país, por que não conseguia consolidar um bom caderno de esportes? (COELHO, 2003, p. 88)

A resposta estava de certa forma no proprietário da *Folha*, Octávio Frias, que não tinha grande apreço por esportes, enquanto Matias Suzuki priorizava o investimento aos cadernos que traziam prestígio ao jornal, dessa forma, a editoria esportiva ficava em segundo plano com trocas constantes de editores. Ainda conforme Coelho (2003), a *Folha* tentou usar como estratégia colocar o *Datafolha*, instituto de pesquisas do jornal, a serviço também do esporte, nas modalidades olímpicas os números indicavam bem todos aspectos característicos dos esportes, mas no futebol deixavam a desejar.

A virada na representatividade do caderno de esportes aconteceu quando a *Folha* passou a preocupar-se mais com a cobertura do aspecto político do esporte do que propriamente com o que acontecia dentro das quadras e dos gramados. O jornal firmou-se no segmento, embora não como o de preferência principal dos leitores, mas daqueles que buscam as notícias esportivas com um caráter mais aprofundado, o investimento da *Folha* foi principalmente em qualificar o *roll* de colunistas e formadores de opinião.

A estrutura do jornal foi alterada ao longo dos tempos, mas de 2005 até 2014, anos em que estão situadas as coberturas jornalísticas que analisamos, a distribuição de cadernos/editoriais é similar, com pequenas alterações na nomenclatura e inserção de cadernos ou encartes diferentes. Em 2005 os cadernos fixos diariamente eram: *Primeiro Caderno*, *Cotidiano*, *Esporte*, *Ilustrada* e *Dinheiro*. Cadernos semanais: *Mais!* (domingos), *Folhinha* (sábados), *Folha Teen* (segundas-feiras), *Folha Turismo* (quintas-feiras), *Folha Equilibrio* (quintas-feiras), *Guia da Folha* (sextas-feiras) e *Folha Mundo* (sextas-feiras). Alguns cadernos esporádicos foram criados e circularam como encartes.

Em 2014, os cadernos diários eram: *Primeiro Caderno*, *Mercado*, *Cotidiano*, *Esporte* e *Ilustrada*. Cadernos semanais: *Folha Invest* (segunda-feira), *New York Times* (terças-feiras), *Comida* (quartas-feiras), *Gazeta Russa* (quartas-feiras), *Turismo* (quintas-feiras) *Veículos* (quintas-feiras ou sábados), *Guia da Folha* (sextas-feiras), *Imóveis* (sábados ou domingos), *Ilustríssima* (domingos), *Folhinha* (sábados), *Folha 10* (domingos), *Mundo* (sábados), *Poder* (ou algo relacionado a política mais específico), *Mercado 2* (domingos), *Revista São Paulo* (domingos) e *Carreiras/Negócios* (domingos).

4.4.2 Pré-Análise

Nessa etapa, é feita uma pré-exploração do conteúdo coletado e leituras flutuantes, momento em que se toma contato com os documentos a serem analisados, conhece-se o contexto e deixa-se fluir impressões. Em nosso estudo, a própria elaboração do referencial teórico, em que tivemos contato com obras variadas que ampliam o conhecimento sobre o assunto já nos auxiliaram na execução dessa fase inicial. Bardin (1977) aponta que quatro leis essenciais devem ser cumpridas: a da exaustividade (considerar todos os materiais, sem exclusão); a da representatividade (a amostra deve ser uma parte representativa de um universo para, dessa forma, ser posteriormente generalizada); a da homogeneidade (os documentos devem seguir critérios exatos de seleção); e a da pertinência (o *corpus* definido deve ser adequado às intenções).

Sendo assim, foi definido um *corpus* do jornal impresso *Folha de São Paulo* para ser submetido aos procedimentos analíticos. Na ideia de comparativo entre as duas coberturas ocorridas em anos diferentes (2005 e 2014), de cada episódio foram selecionadas capas, reportagens, colunas, editoriais, cadernos especiais e conteúdos que tangem as coberturas e o tema central, mas que são significativos. As mensagens de leitores, “Painel do Leitor”, também

constam em nossa seleção (em Anexos), mas serão descartadas da análise por entendermos que essas notas com opiniões sobre temas recentes por mais que reflitam a linha editorial seguida pela *Folha*, caso contrário, não teriam sido escolhidas e nem publicadas, não são produções de repórteres, editores e colunistas do jornal, a parte que aqui nos interessa. Apesar disso, em *Interpretações* destacaremos alguns pontos sobre o conteúdo.

Em ambas coberturas a coleta é realizada num período de dois meses, porque entendemos que as publicações contemplam o que era “factual” (quando o assunto aconteceu há pouco tempo e ainda está em evidência) e posterior, quando acontecem os desdobramentos, portanto estabelecemos esses 60 dias. No total, contabilizamos um *corpus* de 230 publicações.

Da primeira cobertura sobre racismo no futebol brasileiro ocorrida em 2005, caso Desábato/ Grafite, coletamos 144 publicações, durante o período de 14/04/2005 (dia posterior ao caso- quando saiu a primeira publicação) até 14/06/2005. No episódio que ocorreu em 2014, Patrícia Moreira/ Aranha, foram coletadas 86 publicações durante o período entre 29/08/2014 (dia seguinte ao ocorrido na Arena do Grêmio) até 29/10/2014. Chamamos a atenção para a diferença de publicações nos dois casos, em 2005 as notícias aparecem um maior número de vezes, por isso através da análise buscaremos entender o porquê. A pesquisa tem por finalidade elaborar uma análise qualitativa, que permita deduções específicas sobre os dois acontecimentos.

Outra parte importante da pré-análise é a formulação das hipóteses e dos objetivos. Conforme Bardin (1977, p. 98), “uma hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar ou infirmar) recorrendo aos procedimentos de análise”. Assim, traçar as hipóteses significa fazer suposições, com base na própria intuição, e deixá-las em aberto até que os resultados científicos possam comprová-las ou, então, refutá-las.

As hipóteses inicialmente formuladas, podem ser influenciadas no decorrer do procedimento, por aquilo que o analista compreende da significação da mensagem. Principalmente, neste caso, torna-se necessário reler o material, alternar releituras e interpretações e desconfiar da evidência (existirá uma evidência contrária?) funcionando por sucessivas aproximações. A análise qualitativa que é maleável no seu funcionamento, deve ser também maleável na utilização dos seus índices. As manifestações da mesma realidade pela comunicação podem modificar-se rapidamente (BARDIN, 1977).

Esta pesquisa parte da hipótese de que a cobertura feita sobre o caso de racismo no futebol envolvendo os jogadores Grafite e Desábato em 2005 pela *Folha de São Paulo* foi diferente da que ocorreu em 2014 com Patrícia Moreira e Aranha, no sentido de que a *Folha* no

acompanhamento do primeiro caso não condena o racismo- ou Desábato, jogador que é acusado, e sim relaciona o incidente com a rivalidade existente entre Brasil e Argentina no esporte; já 2014, o jornal posicionou-se de forma mais enfática contra o racismo no futebol e favorável a uma punição à Patrícia Moreira e mesmo ao Grêmio, clube envolvido.

O objetivo geral deste estudo, nesse sentido, é, portanto, analisar o conteúdo das coberturas e refletir o papel do jornalismo esportivo. Uma leitura atenta e sistemática como propõe Bardin poderá aumentar a pertinência do que percebemos ainda como uma hipótese, e possibilitará também identificar possíveis fatores que podem ter levado a essa alteração editorial, permitirá ainda classificar quais conteúdos intencionaram despertar um debate social sobre racismo no futebol e quais teriam sido usadas como “espetáculo”, para alavancar a audiência, valendo-se de elementos geralmente presentes no que chamamos de “espetacularização” da notícia, sendo esses portanto, os objetivos específicos da pesquisa.

4.4.3 Exploração do material

Na segunda fase da análise de conteúdo, uma das mais importantes, são averiguados os questionamentos e as hipóteses, “esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (Bardin, 1977, p. 101). É a administração sistemática do que foi cumprido na primeira fase.

Definidas as hipóteses e os objetivos, é preciso segundo Moraes (1999, p.16) determinar a unidade de registro, ou seja, “o elemento unitário de conteúdo a ser submetido posteriormente à classificação”. Ainda de acordo com Moraes, a também chamada unidade de análise ou de significado pode ser tanto uma palavra como frases, temas ou mesmo documentos. É desse processo que derivam as categorias. A **categorização** guiou nossa apreciação, conforme Bardin (1977, p.117):

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos.

A categorização serve para agrupar os dados considerando elementos em comum entre eles. Nesse procedimento, é necessário classificar por semelhança e analogia. Classificamos pela semântica, para que tivéssemos categorias temáticas. Pelas considerações de Bardin, cinco

critérios devem ser respeitados para que obtenhamos uma análise de conteúdo exemplar, categorias que contenham: capacidade de exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade/fidelidade, por fim, produtividade.

Pelo nível semântico, tema, o que nos interessa é o racismo no futebol brasileiro. “Fazer uma análise temática, consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja a presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa (BARDIN, 1977, p.105)”. A manifestação do tema escolhido, supomos, está diretamente relacionada a análise que queremos realizar, visto que partimos da hipótese que o tratamento teria mudado entre as duas coberturas. É fundamental a compreensão de como é conduzida exposição do tema, quais são as motivações/tendências.

Além do tema, o recorte também se refere ao acontecimento, definimos dois casos de racismo no futebol brasileiro, ambos foram documentados, amplamente explorados pela mídia e causaram impactos sociais. Defendemos que não são casos comuns e que por isso merecem mais atenção, o primeiro é constantemente mencionado quando há alguma notícia relacionada ao preconceito racial no esporte, tendo assim se transformado numa espécie de marco para o debate ao longo dos nove anos transcorridos, inclusive referido durante a cobertura do segundo. No mesmo sentido, acreditamos que o episódio mais recente, em 2014, embora tenha se dado num contexto similar ao de 2005 (no campo esportivo/futebol), tem elementos novos importantes a serem observados (o envolvimento de uma torcedora) e peculiaridades que o tornam significativo, pretendemos dessa forma indicar o que teve de novo.

Bardin (1977) quando explica a Análise de Conteúdo faz referência ainda a unidade de registro personagem, no estudo são considerados as quatro pessoas envolvidas: Grafite, Desábato, Patrícia Moreira e Aranha.

Para Lincoln e Guba (1985), a dimensão da objetividade-subjetividade não questiona a objetividade ou a subjetividade do pesquisador. Corresponde à forma de categorização, pois categorias conceituais podem ser estabelecidas *a priori* para serem aplicadas ao texto, a abordagem objetiva, ou podem constituir-se num processo indutivo, reconstruindo as categorias usadas pelos sujeitos para expressarem suas próprias experiências e visão de mundo, a abordagem subjetiva.

Nesse processo de categorização, categorizamos os conteúdos de acordo com quatro categorias. A primeira categoria nomeamos como **atualização**, pertencerão a ela aquelas publicações que acrescentem informação nova aos casos, que não explorem o sentimentalismo ou dramatizem o conteúdo, conteúdos de caráter puramente noticioso/ relevante e informativo.

Debate social é nossa segunda categoria, serão consideradas as publicações que elucidam os casos pelo ponto de vista de promoção de um debate social. Conteúdos que tragam dados informativos sobre racismo no futebol, que debatam conceitos sobre “racismo”, “raça”, “identidade”, “cultura”, “preconceito” também integram a categoria. As publicações podem ainda recorrer à casos do passado relacionando a questão racial no futebol e recuperar a história do negro no esporte do país. Além disso, integram a categoria conteúdos que encaminhem a discussão baseada em elementos referentes a história/cultura do futebol, que tenham a preocupação de “desmembrar” o assunto para propor um debate a sociedade direta ou indiretamente.

A terceira categoria chamamos de **punição**, serão enquadradas as publicações que apresentem posicionamento sobre punição, seja as que condenam o racismo no futebol brasileiro ou as que naturalizam o comportamento no ambiente esportivo, as palavras punir, punição, banir e sinônimos são indicadores, bem como referências ao julgamento no Superior Tribunal Desportivo/ façam referência a leis.

Espetacularização é a quarta categoria, refere-se aos conteúdos que tratem os casos como um “espetáculo”, respeitando os indicadores: uso de palavras características, por exemplo: “polêmica”, “absurdo”, “vergonha”, manchetes apelativas e no caso Patrícia Moreira x Aranha, a publicação da imagem flagrante da torcedora gritando para Aranha. Reportagens que intencionem polemizar.

Na quinta, **abordagem complementar**, vamos considerar aquelas publicações que tangenciem a temática central - a cobertura dos dois casos. Pertencerão a categoria conteúdos que fizerem apenas menção aos casos ou citarem outros episódios de racismo no futebol. Em 2014, Desábato/Grafite, por ser considerado um dos mais emblemáticos da história do racismo no futebol brasileiro, é inúmeras vezes lembrado e referido. Da mesma forma, outros casos de racismo no período de coleta em 2014 ocorreram, nesta situação então, é o episódio Patrícia Moreira/Aranha que é usado como referência.

Para a cobertura do caso Desábato/Grafite, em especial, outra categoria foi criada para dimensionar a questão específica que compõe nossa hipótese, categorizaremos as publicações como **rivalidade Brasil x Argentina**. Farão parte dessa categoria também as reportagens que tratem sobre a política externa do Brasil na relação com a Argentina, por exemplo, importante para contextualizarmos o acirramento de rivalidade no período.

Dos conteúdos categorizados, encontramos os seguintes resultados:

Quadro 2 – Categorização caso Desábato/ Grafite

(4 de abril de 2005 até 14 de junho de 2005= 144 publicações)

CATEGORIAS	Nº DE PUBLICAÇÕES
Atualização	45
Debate Social	18
Punição	10
Espetacularização	18
Abordagem complementar	17
Rivalidade Brasil x Argentina	36

Fonte: O autor (2016)

Quadro 3 – Categorização caso Patrícia Moreira/ Aranha

(29 de agosto de 2014 até 29 de outubro de 2014 = 86 publicações)

CATEGORIAS	Nº DE PUBLICAÇÕES
Atualização	30
Debate Social	13
Punição	19
Espetacularização	14
Abordagem complementar	10

Fonte: O autor (2016)

4.4.4 Tratamento dos resultados e Interferência

Definidas as categorias e identificado o material que faz parte, cumprimos a outra etapa da A.C, a de tratamento dos resultados, interferência e interpretação, sendo que a última ação (interpretar) é abordada com maior amplitude no próximo subcapítulo. Nessa terceira fase, constam operações estatísticas simples às mais complexas, o analista propõe inferências e adianta interpretações sobre os objetivos ou o que não era esperado, mais foi identificado. A partir de então, os resultados da análise podem ser usados para fins teóricos ou pragmáticos. Conforme Bardin (1977, p. 101), “operações estatísticas simples (percentagens) ou mais

complexas (análise fatorial) permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos que condensam e põem em relevo as informações fornecidas”. Nesse sentido, o primeiro passo nesta fase de tratamento de dados foi distribuir os elementos constituintes do corpus desta pesquisa nas categorias previamente estabelecidas.

Para Olabuenaga e Ispizúa, os sentidos encontrados na interpretação são diversos, por isso a necessidade de uma aplicação adequada:

(a) o sentido que o autor pretende expressar pode coincidir com o sentido percebido pelo leitor do mesmo; (b) o sentido do texto poderá ser diferente de acordo com cada leitor; (c) um mesmo autor poderá emitir uma mensagem, sendo que diferentes leitores poderão captá-la com sentidos diferentes; (d) um texto pode expressar um sentido do qual o próprio autor não esteja consciente. (OLABUENAGA; ISPIZÚA, 1989, p.185)

Apontamos nesta etapa pontos mais específicos como a editoria em que as publicações estão enquadradas e número de edições durante os noventa dias. Observamos ainda quantas vezes os casos apareceram na capa principal da *Folha de São Paulo* e na capa da editoria de Esporte.

No primeiro caso, apareceram publicações em: *Primeiro Caderno, Cotidiano, Esporte, Ilustrada, Mais!, Folhinha e Folha Mundo*. Em 2014, os conteúdos são publicados em: *Primeiro Caderno, Cotidiano, Esporte e Ilustrada, Guia da Folha, Ilustríssima, Folhinha, Folha 10, Mundo e Poder*. O que reforça nossa ideia de que a repercussão da cobertura foi intensificada principalmente por ocupar outras editorias que não a destinada para notícias esportivas.

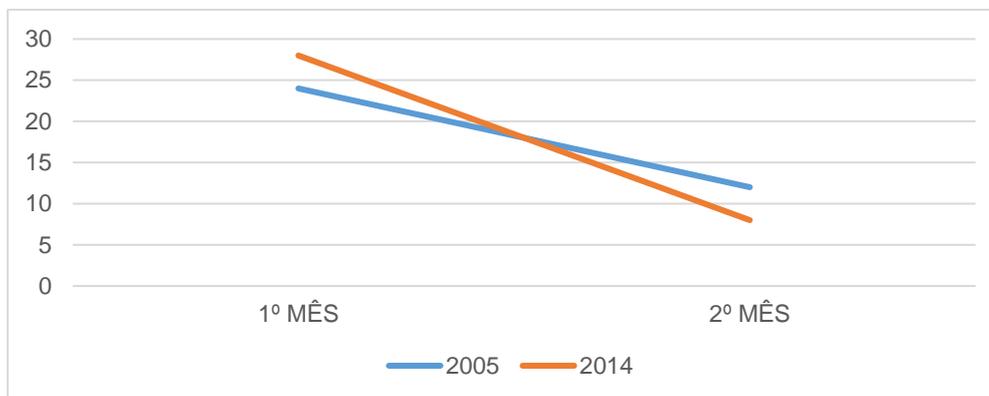
No episódio de 2005, o assunto esteve presente em seis capas principais e três capas do caderno Esporte. Em abril, durante dezessete dias ininterruptos o jornal destacou o assunto, o mês inteiro desde a primeira publicação. Em maio, doze edições abordaram o caso, já em junho, sete edições cobriram o fato de racismo no futebol com notícias ou abordagem complementar, os temas que tangiam Desábato/Grafite.

Em 2014, contabilizamos dez capas principais e dez capas do caderno Esporte. Como o caso ocorreu no final do mês de agosto, registramos publicações nos dias 29 e 30, sendo a maior incidência no mês de setembro, a partir da primeira publicação, durante onze dias ininterruptos o assunto foi noticiado (não teve publicação no dia 10/09), depois registramos outras quinze edições no mesmo mês. Já em outubro, em sete edições o episódio repercutiu.

No quesito capa, o de 2005 foi inferior ao número de publicações em 2014, em que o caso Patrícia Moreira/Aranha foi destaque em dez capas principais e outras dez da editoria de esporte. Se avaliássemos apenas a quantidade, poderíamos dizer então que o assunto foi mais

repercutido no ano de 2014, afinal é sempre na capa que se encontram os conteúdos mais importantes das edições, a função da manchete na capa é justamente “vender” aos leitores o que há de melhor no jornal.

Gráfico 1- Número de edições que abordaram os casos em cada mês



Fonte: O autor (2016)

O gráfico mostra que em ambas coberturas os números são similares. Em 2005, o primeiro mês teve vinte e quatro edições tratando sobre o assunto ou temas que tangenciavam a cobertura, no segundo, doze. Em 2014, no primeiro mês, quatro edições a mais trataram sobre o caso Patrícia Moreira/Aranha, mas em compensação, quatro a menos no segundo mês. Ou seja, ambos tiveram trinta e seis edições num período de sessenta dias.

Embora o número de edições seja o mesmo, o número de publicações espalhados em diferentes cadernos são diferentes, as de 2005 superam as de 2014 (144 x 86), essa superioridade numérica é significativa, mas entendemos que o conteúdo seja ainda mais, a seguir, em Interpretações, explicaremos melhor.

4.5 INTERPRETAÇÕES

Bardin (1977) nos diz que Análise de Conteúdo, enquanto esforço de interpretação, oscila entre dois polos: do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade, atrai o analista o escondido, latente, o não-aparente, o potencial de inédito (não dito), retido por qualquer mensagem. É tarefa paciente do analista a “desocultação”. Ainda segundo autora (p. 14): “por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar”, e é essa justamente missão da Análise de Conteúdo. A técnica

utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, além de compreender o sentido da comunicação, descobrir uma segunda significação.

Até aqui nossos resultados comprovam em números as abordagens mais frequentes em cada cobertura. Os dados apontam para algumas semelhanças na repetição de elementos nos dois anos (reportagens com espetacularização, debate social, temas tangentes e discussão sobre punição), mas também diferenças significativas que confirmam nossa hipótese sobre as coberturas: a primeira relacionando o caso à rivalidade, numa espécie de isenção de culpa de Desábato, e a segunda, mais severa, condenando a torcedora Patrícia Moreira. Nesse subcapítulo, descrevemos com mais detalhes as interpretações, as publicações referidas ao longo do texto estão indicadas de acordo com numeração das figuras e constam na parte de “Anexos” do presente trabalho.

Na categorização, depois de atualização, categoria que considerou as publicações com informações novas e relevantes, **rivalidade Brasil x Argentina** foi a que apresentou um maior número de conteúdos, contabilizamos 36 publicações. Sendo assim, é possível dizer que um quarto da cobertura se baseou na questão de “disputa” entre as duas nações, frequência de abordagem que nos chamou atenção.

A primeira notícia publicada sobre o episódio de racismo Desábato/Grafite apenas relata o acontecimento e utiliza a capa principal (Figura 1) para destacar a matéria que está na parte interna, no caderno Esporte. O jornal faz uma pequena nota sobre a partida, provavelmente devido ao horário de fechamento e impressão da *Folha* (noturno), a repercussão maior ficou para a edição seguinte. Entretanto, já nesse primeiro momento a questão rivalidade entre Argentina e Brasil é citada e ilustrada através da fala de um dos jogadores, Fabão, que afirma que a atitude dos argentinos precisa ser coibida, o brasileiro reforça o fato de não ser a primeira vez: “Aconteceu na Argentina e não deu em nada. Agora eles fizeram isso de novo e se deram mal” (Figura 29).

No dia seguinte, a rivalidade entre os países é mais uma vez abordada com a reportagem que leva o título “Passarella vê Argentina de todas as raças”, o conteúdo aproveita a relevância de Daniel Passarella, ex-jogador argentino e atuando na época como técnico do Corinthians para repercutir o caso de Desábato. Como a Argentina através da atitude do jogador vinha sendo representada como uma nação preconceituosa por parte da mídia, a entrevista apresenta as considerações de Passarella e destaca o que frisa o argentino, que o seu país de origem não é racista e sim multirracial. A entrevista levanta outros tópicos como o trabalho no Corinthians, as ambições do treinador, mas acaba por fortalecer indiretamente a rivalidade; ao pedir o

posicionamento do técnico para avaliar um jogador argentino (Tévez) e um brasileiro (Robinho), Passarella diz não conhecer o brasileiro, mais uma vez, o jornal usa o recurso frequente de comparação entre as nações. Na mesma página, há uma recuperação histórica sobre o possível surgimento do termo “macaquito” para referir-se aos brasileiros. O texto conta que a denominação nasceu na Guerra do Paraguai, mas que teria ganhado força pejorativa no ambiente do futebol, “em praticamente todos jogos das seleções brasileiras ou clubes do país na Argentina, ocorrem imitações de macacos”.

Outras duas publicações (Figura 32) no caderno de esporte fazem menção à questão rivalidade, numa, é a atitude da CBF o destaque, o texto diz que a atitude de punir Desábato serviria de exemplo para outras nações. Cita possíveis retaliações no clássico entre seleção brasileira e argentina, confronto agendado para dias depois do episódio com Desábato. O ponto raça é mais um destaque da reportagem, que enfatiza que o time daquela época do Brasil era formado por quase uma totalidade de atletas negros, a matéria encerra com as palavras do técnico Carlos Alberto Parreira: “Alma não tem cor, toda atitude de racismo deve ser condenada”. Na segunda publicação, a repercussão internacional é destaque, conta que os argentinos estariam divididos entre os que condenavam e os que concordavam com a atitude de Desábato, uma demonstração que o caso não foi unanimidade.

Ainda nessa edição (Figura 35), uma reportagem diz que na Argentina a detenção do jogador foi tratada como manobra de marketing do país. Dirigentes e imprensa teriam se posicionado contrários ao ocorrido, ídolo do esporte nacional, Maradona, é uma das fontes ouvida, que reforça a ideia de que dentro de campo as ofensas estariam permitidas e que Desábato é um “homem do interior”, transmitindo a ideia de que foi injustiçado. O técnico do Quilmes é outra fonte que consta na reportagem, Gustavo Alfaro teria dito que estava se sentido discriminado por ser argentino. As relações internacionais entre os dois países são citadas também, embaixadas teriam se comunicado. Por fim, a publicação fala sobre a imprensa argentina que considera as ofensas características da cultura do futebol argentino, parte essa que nos chama atenção: é a imprensa brasileira publicando uma espécie de culpa assumida da imprensa argentina no fato de enfrentar problemas raciais e na interpretação das questões como “culturais”.

No artigo do Primeiro Caderno, assinado por Barbara Gancia, “A coisa mais natural do mundo”, a autora explora a história da formação étnica dos argentinos dizendo que o país se considera um “caldeirão de raças”, mas que em termos de xenofobia não deve nada para europeus ou norte-americanos preconceituosos fazendo referência aos fundamentalistas *bible*

belt. Ela traz números, como 97% da população argentina sendo branca e uma minoria mestiça, que sofre com preconceitos, cometer uma burrada como explica Gancia, por exemplo, é “hablar como un índio” (falar como índio). O artigo debate sobre a expressão de surpresa dos jogadores do Quilmes a ser determinada a prisão de Desábato, isso porque estariam acostumados com as atitudes e com o próprio preconceito, visto que os jornais argentinos tratam os vizinhos brasileiros como “macaquitos” ou “prostitutas”, como diz. No encerramento, Gancia faz uma observação quanto o preconceito dos próprios brasileiros citando o apelido grafite como de cunho racista.

No jornal do dia 16 de abril, a questão de rivalidade entre Brasil e Argentina fica ainda mais em evidência. Há uma matéria que expõe o desejo dos dirigentes argentinos de buscarem indenização pelo que ocorreu em São Paulo (Figura 39). O tratamento dos dirigentes do São Paulo, a execução da prisão e tudo que correu na detenção de Desábato é exposto no conteúdo, reforçando o posicionamento argentino de que não passou de um episódio “normal” dentro de campo e que os representantes do clube brasileiro tinham que ter intercedido para que a situação não chegasse ao ponto que chegou, com o enquadramento do atleta no crime de injúria qualificada.

Na página D5 do caderno de esporte (Figura 40), junto com a notícia que a Conmebol vai colocar em pauta o assunto racismo no futebol, há um texto que recupera a trajetória de atletas negros que jogaram na Argentina. A frase de abertura do texto: “A cor da pele não foi problema para uma penca de jogadores brasileiros virarem ídolos de clubes argentinos” situa o racismo como algo pontual, já que não comprovaria a história que o mesmo ocorreu em outros tempos. Entretanto é no final da matéria que está a principal mensagem que interpretamos, a declaração de um jogador brasileiro, apelidado de “bombom”, que confirma que a palavra negro é muito forte na Argentina, mas que as coisas que acontecem em campo devem permanecer lá. Mais uma vez, o jornal faz referência a cultura permissiva de que no gramado é natural.

Em um editorial do dia 18 de abril de 2005 (Figura 72), Carlos Heitor Cony lembra que na Argentina, independentemente da cor, os brasileiros são sempre chamados por “macaquitos”, na “brincadeira”, a retribuição seria chamar os argentinos por um nome de outro animal. Diz que o racismo está entranhado na sociedade brasileira e em outras sociedades, mas conclui dizendo que todos em algum momento já manifestaram algum tipo de ofensa. Apesar da “mea-culpa”, é reforçada a disputa cultural entre os dois países.

O recurso humor é utilizado na página E13, Ilustrada, em coluna de José Simão (Figura 43). O autor ironiza a detenção de Desábato dizendo que a maior punição seria um argentino

assistir a um filme de Pelé inúmeras vezes. Curiosamente, Simão satiriza a própria *Folha de São Paulo* ao recuperar uma das manchetes e dizer que a felicidade do brasileiro é ver o sofrimento de um argentino, seja quem for. Simão ainda satiriza as declarações no período do presidente Lula sobre racismo e escravidão feitas na África. A matéria além de reforçar a abordagem de rivalidade, é um exemplo de como o tema transitou por outras editorias e se transformou em assunto destaque.

A relação exterior entre Brasil e Argentina é destaque de uma nota (Figura 49), que diz que o relacionamento dos países que já não passava por uma boa fase, tende a piorar. Ressalta a diplomacia e uma possível crise emocional no desfecho do caso Desábato, que deveria ter pedido desculpa e saído do gramado. É uma crítica à postura de ambas nações quanto à dose de demagogia no episódio. No dia 26 de abril (Figura 73), quase duas semanas depois do episódio, traz uma matéria no Primeiro Caderno que destaca que o jornal *La Nación* entendeu a atuação brasileira como um escândalo diplomático. Na mesma página, há uma segunda referência a interpretação da Argentina de que a repercussão do caso como cunho político.

Ainda sobre a categoria que enquadra os conteúdos sobre rivalidade, destacamos que o mesmo elemento que não existiu no segundo episódio, já que o caso ocorreu entre um jogador e uma torcedora, ambos brasileiros.

Outra categoria que referenciamos em nossa análise é **punição**, e, identificamos que ao longo das publicações de 2014 fica expressa a considerável diferença de postura adotada pela *Folha* sobre punir em comparação a 2005, no conteúdo coletado encontramos indicativos de que o jornal incitou a condenação dos envolvidos no segundo caso, tendo Patrícia Moreira como protagonista. O número de publicações sobre a questão é quase o dobro do primeiro episódio em 2005 (10 a 19).

Em 2014, a primeira reportagem publicada sobre o assunto é mais extensa e contém mais detalhes do que a de 2005 (Figura 20). No dia seguinte ao ato de racismo, a edição de 29 de agosto de 2014 destacou na capa o ocorrido na Arena do Grêmio, e já apresenta o conteúdo com afirmação que de fato existiu uma situação de preconceito na partida conforme a manchete: “imagens da TV comprovam a denúncia” (Figura 10), diferentemente da primeira cobertura em que na frase não é afirmativa, relatando a condução do jogador apenas: “argentino foi a delegacia para responder por ofensa racista”.

Em “Derrotar o Racismo” (Figura 106), editorial publicado em 30 de agosto de 2014, dia seguinte a primeira publicação, duas frases do colunista evidenciam a abordagem que incita punição: “é indispensável que se aplique a lei” e “que transgressores sejam julgados e punidos”.

O mesmo artigo recupera o fato de que o tema é também uma preocupação da FIFA, reforça que os atos preconceituosos se tornaram frequentes.

A publicação do dia 15 de abril de 2005 (Figura 37), “Racismo em campo”, é um texto de redação, em formato de editorial, aborda a interpretação da *Folha de São Paulo* sobre o caso. O racismo é condenado no texto, entretanto, questiona-se a prisão de Desábato no Morumbi e a condução do incidente por parte das autoridades. O episódio é citado como “injúria agravada por racismo” e o delito é entendido como se o argentino estivesse “pagando sozinho por todas as rivalidades de várias gerações”. Há ainda uma ênfase no sentido de que seria um comportamento normal do futebol os xingamentos e as ofensas. Fala-se que o argentino deve ser solto o quanto antes e ainda sugere que a decisão do jogador Grafite ao prestar queixa não foi a mais apropriada.

Diferente de Grafite, Aranha só é contestado em duas publicações, e ainda assim, não diretamente pela *Folha de São Paulo*, mas pelos entrevistados do jornal. É noticiado o posicionamento de Pelé, contrário a postura do goleiro, de Felipão, que teria dito que Aranha encenou a situação para promoção pessoal e estratégia de jogo, e de um cartola gremista que também considerou encenação do goleiro.

Na reportagem do dia 29 de agosto de 2014, a escolha das falas das fontes enfatiza a questão no âmbito de punir: “Edu Dracena, zagueiro do Santos, chamou os agressores de ‘imbecis’ e pediu que eles sejam banidos dos estádios de futebol”, “Já o lateral, Zé Roberto, do Grêmio, pediu punição aos torcedores, mas disse entender que ‘não vai adiantar muita coisa, porque está enraizado na sociedade. O racismo existe de maneira muito forte no Brasil’”. No dia 30 de agosto (Figura), o posicionamento sobre punição é mais uma vez destacado pelo jornal: “O segundo confronto, que decidirá vaga para as quartas, vai acontecer só quando ficar resolvido se haverá punição ao clube gaúcho”.

Em 2005, Desábato é citado em uma das matérias como “bode expiatório”, ou seja, que o jogador teria sido usado para uma polêmica que vai além do esporte, mas de relação entre os países. A punição de detenção é considerada severa, desproporcional. Discute-se a possibilidade de uma reformulação nas regras do futebol, há questionamentos sobre punições, mas é principalmente reforçado que a reclusão não seria o caminho mais adequado para os casos que envolvem o racismo. O posicionamento é sustentado por colunistas, por reportagens com fontes do meio jurídico e mesmo por personalidades, Pelé, referência no esporte, tem sua opinião publicada, acreditando que Grafite teria agido de maneira incorreta, o ex atleta critica

a postura do jogador brasileiro afirmando o conceito de que no ambiente futebolístico são comportamentos aceitáveis e rotineiros.

A publicação do dia 17 de abril de 2005 (Figura 47) é mais um exemplo de reportagem que ratifica nossa ideia sobre as construções jornalísticas do caso com o mote sobre punição, um sociólogo argentino diz que “Educar é mais importante do que punir”, afirma que as relações de xenofobia não devem ser estimuladas, considerando exagerada a punição ao jogador.

Poucos dias depois (Figura 63), a *Folha de São Paulo* publicou uma reportagem em que diz que documentos joga “inocentariam” o argentino, com manchete direta: “Documentos da partida isentam Desábato”, o jornal especifica que pela interpretação do árbitro não houve racismo e que para o delegado da partida teria “supostamente” havido. Em meio a essas publicações, que na maior parte do tempo condenaram a prisão do argentino, apesar de terem aproveitado do elemento de maneira indiscriminada, há a publicação da opinião do então ministro Gilberto Gil, que considera uma detenção exemplar. Mas, mais uma vez, o jornal reforça o posicionamento sobre punição com uma nota que satiriza o que aconteceu no Morumbi: “o que vai acontecer em jogos que o secretário de ‘insegurança’ pública não estiver assistindo?!”, fazendo referência a prisão que seria consequência da atitude do secretário do estado.

No caso de 2014, em poucos dias, o Grêmio e Patrícia Moreira foram julgados, apesar do processo ter recebido o último veredito após noventa dias depois do episódio, foi rápida a movimentação para que a denúncia tramitasse tanto na Justiça Civil, quanto na Desportiva. No caso Grafite/Desábato, embora o argentino tenha sido detido imediatamente, o julgamento foi mais demorado, Grafite não apresentou a denúncia imediatamente e foi descartado o pedido de indenização na esfera civil.

Apontamos assim as seguintes situações: a opinião sobre a punição para Desábato é relativizada- da vitimização do argentino a naturalização da conduta justificada por questões culturais, com um maior número de publicações que são contrárias, a responsabilidade do Quilmes, então clube de Desábato é pouco referida, Grafite é apresentado como um “vilão” em papel mais sutil, como se não devesse prestar queixa e é questionada a veracidade da denúncia inúmeras vezes. Em 2014, não é nem cogitada a inocência de Patrícia Moreira, desde o princípio ela é posta no papel de clula, de “vilã”, a atitude de Aranha em denunciar é amplamente apoiada, Aranha é o “herói”, a resistência ao preconceito, a punição aplicada ao Grêmio divide opiniões, mas em grande parte, o clube é absolvido, o foco é a torcedora.

Consideramos ainda na categorização as publicações enquadradas em **espetacularização da notícia**, conceito que exploramos detalhadamente no subcapítulo 4.3, e, como já tínhamos suposto, constatamos que esse é um recurso bastante usado durante a cobertura dos casos, em 2005, 18 publicações, em 2014, 14 publicações. A reportagem que ocupa a página inteira e leva o título “Argentino preso em campo é tratado como delinquente” (Figura 7) exemplifica perfeitamente essa categoria. Título e subtítulo fornecem elementos para que interpretemos como uma tentativa de impressionar os leitores sobre o fato, colocando o personagem, o argentino, num papel de injustiçado e para sustentar a vitimização, há destaque para as más condições encontradas pelo jogador no local de prisão. Além disso, a foto de destaque registra o atleta algemado, o que produz também efeito, já que atletas tendem a ser idolatrados. Ao longo do texto, o repórter descreve a rotina enfrentada por Desábato na cadeia com tom dramático.

O autor Vargas Llosa (2013) ao tratar sobre os “espetáculos” contemporâneos afirmou que a raiz do fenômeno estaria na própria cultura,

Ou melhor, na banalização lúdica da cultura imperante, em que o valor supremo é agora divertir-se e divertir, acima de qualquer outra forma de conhecimento ou ideal. As pessoas abrem um jornal, vão ao cinema, ligam a tevê ou compram um livro para se entreter, no sentido mais ligeiro da palavra, não para martirizar o cérebro com preocupações, problemas, dúvidas. (...) A imprensa sensacionalista não corrompe ninguém; nasce corrompida por uma cultura que, em vez de rejeitar as grosseiras intromissões na vida privada das pessoas, as reivindica... (LLOSA, 2013, p. 123-124).

Portanto, nessa cultura do divertimento que destaca Llosa, podemos considerar que a exploração central nas coberturas está a abordagem de questões sentimentais como: a solidão da prisão, o sofrimento, o arrependimento, o perdão, a tristeza e a indignação. São conteúdos que “divertem” os leitores. Dessa maneira, as coberturas sobre ambos os casos encontraram elementos perfeitos para a espetacularização, no sentido de que o que menos importava nos episódios era a disputa esportiva, mas sim a construção da atmosfera comportamental, seja reforçando as rivalidades entre o Brasil e Argentina ou explorando as fraquezas da condição humana (que foi exposta nas narrativas dos envolvidos nos dois casos).

No texto principal da primeira edição em 2014 que tratou sobre o episódio (Figura 20), na capa do caderno Esporte, a primeira vez que o rosto de um torcedor é apresentado, Patrícia Moreira, flagrada pelas câmeras de uma televisão, é convertida no personagem central, embora as próprias imagens mostrem outras pessoas ao lado da torcedora em gestual similar (gritando para o goleiro), entretanto o principal destaque é a reprodução de momentos de Patrícia durante a partida, com a imagem aproximada.

Temos que levar em consideração ainda que o "espetáculo" já é um elemento característico da editoria de esporte, essa pré-condição somada aos fatores entorno dos episódios de racismo contribuiu para fortalecer a exploração da notícia nos moldes da espetacularização. No caso de Desábato, com o ineditismo do acontecimento- a prisão de um jogador ainda dentro do estádio, o espetáculo teria começado ainda durante a transmissão da partida entre São Paulo e Quilmes pela TV Globo, sendo a fala do narrado Galvão Bueno um dos fatores determinantes para que Desábato fosse preso, segundo defende Tonini (2010). No fato de Patrícia Moreira, a multiplicação da imagem flagrante no momento em que supostamente ofende Aranha da arquibancada ajudou na construção do imaginário popular, personificando na imagem da gaúcha a conduta preconceituosa.

Nesse quesito, entendemos que 2014 teve um efeito maior, Patrícia é sempre exposta em duas situações: no flagrante e em situação de fragilidade. Atentamos principalmente para a reportagem sobre a primeira entrevista da torcedora depois do caso (em 6 de setembro), a defesa da gaúcha organizou uma coletiva de imprensa, como um grande espetáculo, algumas emissoras transmitiram ao vivo as declarações. A *Folha* publicou três fotos, todas com o rosto de Patrícia desesperada (Figura 125), ainda com manchete que reforça a espetacularização: “Gremista acusada de racismo pede perdão a Aranha e quer encontrá-lo”. Logo, a intenção justamente foi relacionar a situação ao sentimento de arrependimento. Com a exposição ampla e frequente (e que obviamente foi complementada com conteúdo divulgado em outros meios de comunicação) da imagem da torcedora, se em 2014 Patrícia é vista como vilã, em 2005, não fica tão clara a transformação de Desábato em vilão, justamente porque a conduta é muitas vezes justificada como atitude que estaria relacionada a rivalidade.

Das manchetes sensacionalistas às abordagens tendenciosas, está a reportagem que conta sobre um laudo que contraria a versão de Grafite sobre ofensa racial, uma leitura labial feita na cena do caso registrada na televisão durante o caso teria sido contestada por peritos. Três dias depois, a *Folha* publicou um editorial do *ombudsman* em que reflete sobre a possibilidade de Desábato ter sido injustamente julgado por algo que possa não ter dito. Escrito por Marcelo Beraba, o jornalista observa duas características que também identificamos aqui em nossa análise: a divisão da cobertura (coberturas no caso do texto, que trata sobre a mídia de forma geral) entre corretas as providências tomadas quanto o argentino e os que consideraram um caso exagerado e revisitado constantemente com sensacionalismo. Beraba entende que a cobertura da *Folha* foi plural, com jornalistas que defenderam variados posicionamentos, que o “diferencial” do jornal teria sido a disponibilização de equipe para

continuar investigando o caso. Quanto a leitura labial apresentada a justiça na época, o *ombusman* acredita reforça a possibilidade de que o argentino tenha apenas ofendido Grafite, sem racismo. Por fim, conclui: “o papel da imprensa é evitar a injustiça”. Nossa análise demonstra uma versão diferente, apontando para um jornalismo que buscou exatamente a mesma espetacularização criticada, o acompanhamento do caso, ocorre muito mais por uma necessidade de “vender” conteúdo, do que por uma preocupação com a repercussão social, o que não é foco central.

Se o jornalismo esportivo está situado nesse provável contexto espetacular, os megaeventos, transmissões esportivas, servem como pratos principais do cardápio midiático, produtos da própria mídia, por isso destacamos ainda que ambos os casos ocorreram durante jogos com transmissão televisiva:

O megaevento é uma produção da mídia. Sem a mídia, existe o esporte, mas não o megaevento. E a mídia transmite uma versão do jogo, mas não o jogo em si. Uma forma simples para compreender essa diferença é analisar a reação de uma pessoa quando ela vai a um estádio de futebol pela primeira vez. Como está acostumada a assistir à partida pela televisão, estranha por não ter narrador, comentarista, replay, tira-teima etc. Outra situação é um jogo fraco tecnicamente ser editado de forma que pareça repleto de lances de qualidade e emoção. A imprensa transforma o acontecimento esportivo em um espetáculo. A narrativa é trabalhada com esse fim. (PADEIRO, 2014, p.145).

A espetacularização do esporte cria um ambiente midiático em que menos esporte é mais megaevento esportivo. (...) quanto mais um torcedor médio consome a Copa do Mundo FIFA, menos ele se vincula ao futebol de fato. Afinal, quanto mais ele assiste à Copa do Mundo, por meio de suportes midiáticos, consumindo imagens, visto que assistir ao vivo é um ato complicado e dispendioso, mais ele fica estático em frente a uma tela, separado do esporte, negando o esporte (GURGEL In: ROCCO Jr, 2014: 315).

Gurgel (2014) afirma que o esporte espetacularizado pelos megaeventos é ingrediente da indústria cultural do entretenimento nos meios de comunicação de massa contemporâneos, que se abastecem deles e exploram a exaustão, é uma forma de vender o conteúdo. Na década de 60, Umberto Eco já refletia sobre as narrativas das notícias de esporte perdendo credibilidade e essência justamente pela excessiva necessidade de promoção e venda dos conteúdos:

Cabe aqui uma referência ao texto “A falação esportiva”, escrito em 1969 por Umberto Eco. O semiólogo italiano critica o fato de, no discurso da imprensa esportiva, o relato e a discussão não serem mais sobre o esporte, e sim sobre a falação a respeito do esporte. O esporte tornou-se um discurso sobre a imprensa esportiva. Se não ocorresse a competição, mas ela fosse transmitida por meio de imagens fictícias, nada mudaria. Ou seja, o esporte perde a sua essência. (PADEIRO, 2014, p.146)

(...) o esporte como prática não mais existe, ou existe por motivos econômicos (visto que é mais fácil um atleta correr do que inventar um filme com atores que fingem correr): e existe apenas a falação sobre a falação do esporte: a falação sobre a falação da imprensa esportiva representa um jogo contra todas as regras...” (ECO, 1984, p. 224).

Nesse sentido, pontuamos que todos os acontecimentos sobre o caso Patrícia Moreira/Aranha foram acompanhados pela imprensa., inclusive o que nunca havia sido anteriormente registrado, durante o julgamento do episódio, rádios e sites fizeram uma transmissão em tempo real do que os relatores do caso discutiam no Tribunal Desportivo.

A exploração dos sentimentos (que se dividiram principalmente entre raiva e arrependimento em ambos os casos) foi um dos recursos mais recorrentes nas publicações que consideramos com abordagem espetacularizada. Com esse artifício, na reportagem com Grafite (Figura 72), em formato de entrevista padrão com perguntas e respostas transcritas, o jogador diz “não se importar” se Desábato for preso, demonstrando certa mágoa (que foi explorada pelo jornal). A possibilidade de represálias contra o São Paulo e o laudo “enfraquecido” por testemunhas próximas ao atleta são duas perguntas abordadas pela reportagem, ponderamos assim um encaminhamento de desvalorização quanto à atitude do atleta.

Na edição do dia 19 de outubro de 2014, a capa do jornal e da editoria de Esporte destacam uma entrevista exclusiva com o goleiro Aranha (Figura 28). A manchete usa as palavras do jogador para chamar a matéria de página inteira que está na parte interna da *Folha*: “negro não revidar preconceito é uma atitude racista”. A reportagem é construída em primeira pessoa, o depoimento do jogador é transcrito sem interferência da reportagem, há apenas um box lateral que resume o conteúdo. Chama a atenção a escolha do recurso do uso da história a partir de um depoimento, o espaço dedicado ao texto, Aranha conta como se sentiu diante do caso, o texto é um depoimento escrito em primeira pessoa, em que o goleiro relaciona a situação vivida a outras passagens da vida, fala sobre gostos pessoais e reação familiar ao caso (os filhos). Além do título que promove o espetáculo, “Não me arrependo”, a foto que integra a reportagem é em tom dramático.

Avaliamos que Grafite não recebeu o mesmo espaço para que pudesse expressar como se sentia perante o ato de racismo de Desábato, diferente de Aranha em 2014. O primeiro ponto que identificamos é que a entrevista de Aranha foi capa do caderno de Esporte, diferente da de Grafite, o segundo é a construção do conteúdo que determina um posicionamento “escondido”. O texto de abertura da entrevista é sobre o sentimento de “pena” pelo argentino e reforça o papel do jogador brasileiro em rechaçar o rótulo de defensor da causa. Por outro lado, a *Folha* disponibilizou um espaço para o depoimento de Desábato, enviando um repórter para que

entrevistasse o jogador argentino de volta ao país natal e destacou tudo que foi coletado na Argentina.

No dia 16 de abril de 2005 (figura), dois dias após o caso no Morumbi, a *Folha* publicou uma matéria que contava que Desábato havia sido liberado do período que ficou detido, a espetacularização já é presente na manchete do caderno de esporte: “Argentino deixa o Brasil e diz levar marcas de algemas”, na sequência, é a mesma ênfase dada no texto, em que inicia por: “estou com as mãos machucadas das algemas”. Nesse mesmo sentido, de vitimização do argentino, apontamos o conteúdo de maio de 2005 (Figura 90). Antônio Torres e Kleber Thomaz entrevistaram o argentino, a publicação traz a seguinte manchete: “Eu adoraria jogar no Brasil”, os jornalistas contam que um dos objetivos na carreira do jogador é atuar no futebol brasileiro e que “pode até ser o São Paulo”. Um raio-X é apresentado: idade, local de nascimento, posição, altura, peso, constam no conteúdo, o que nos parece incoerente, a matéria parece estar promovendo o atleta, mesmo sendo do conhecimento geral que foi um dos protagonistas de racismo no esporte. Uma das perguntas coloca Desábato em posição de vítima, quando diz que sofreu muito enquanto esteve detido.

Identificamos ainda que, em muitos momentos, as discussões sobre punição e espetacularização das notícias se misturam na cobertura de 2014. Para categorização, deixamos que prevalessem os indicadores, mas é importante que destaquemos essa característica, visto que o espetáculo foi impulsionado pela abordagem quanto a uma possível punição à Patrícia. Nesse sentido, a matéria central no jornal dois dias depois do episódio de racismo na Arena reproduz a imagem de Patrícia Moreira flagrada pelas câmeras e informa que a jovem torcedora foi demitida. Com a manchete “Torcedora que ofendeu Aranha perde emprego”, o jornal espetaculariza a informação, já que em nosso entendimento não é relevante a vida pessoal da envolvida, mas a demissão reforça indiretamente as possíveis consequências que um ato de racismo pode ter, ratificando o discurso de erro na atitude da gaúcha, mas explorando o sofrimento dela também.

Logo ao lado dessa matéria principal do caderno Esporte, há as declarações de Aranha, que se diz aliviado por ter feito denúncia. A valorização da postura de Aranha é outro ponto que diferencia a cobertura de 2014 da de 2005, em muitos momentos, Grafite é julgado por ter dado sequência a queixa contra o argentino Desábato e não ter compreendido o que aconteceu dentro do campo como algo “natural” ao ambiente esportivo e consequência da relação de rivalidade entre Brasil e Argentina. Aranha, por sua vez, ganha espaço na mídia e não encontramos algum momento em que seja questionada a iniciativa de denúncia e de abordar a

temática, no sentido de conduzir a situação para uma possível punição. Grafite foi aconselhado a não falar sobre o assunto e retroceder na denúncia, não foi levada a vara cível, um possível pedido de indenização por parte do jogador do São Paulo, por exemplo.

Um artigo escrito pelo ex-jogador Tostão em 2005 condena o racismo, mas entende que o que aconteceu entre Desábato e Grafite não teria sido racismo e sim uma atitude convencional e cultural no meio do futebol. Tostão chama a atenção para a interpretação da construção de um “espetáculo” em torno da detenção do argentino no estádio, o autor ainda destaca que o ambiente proporciona tais manifestações de raiva, “na emoção de uma partida, acontecem com frequência manifestações de ódio reprimido, violência inata e todo tipo de fraqueza humana”. O contraponto na página é a parte que elucida sobre quem teria determinado a prisão do atleta da Argentina, além da fala de Saulo de Castro Abreu Filho, secretário de Segurança de São Paulo, traz a declaração do então governador do estado, Geraldo Alckmin, que defendeu a postura e a decisão por aplicar a lei imediatamente.

De acordo com Alcoba (2005) a importância de um jornalista esportivo está na sua formação e preparação, e neste ponto, o autor diz preocupar-se com a nova geração de jornalistas. Se o crescimento do esporte enquanto espetáculo está relacionado a segmentação e valorização dos conteúdos pelo jornalismo esportivo, é preciso informar com qualidade. A tentativa de qualificar resulta em intensa competição entre os meios massivos, que de maneira diversificada buscam estratégias para atender o seu público, nem sempre as mais adequadas. As manchetes apelativas, por exemplo, são alguns recursos utilizados para impulsionar as vendas.

Em ambas as coberturas constatamos que foi um forte elemento explorado pelo jornal como parte dessa espetacularização. Em 2005, uma delas destaca o pedido de telefonema feito por Desábato e que teria sido negado, mãe e mulher aparecem nessa mesma página (Figura 38). Em 17 de abril de 2005, a denúncia de Grafite é enfraquecida pelo fato de pessoas próximas terem sido testemunhas, mais uma vez, uma manchete espetacularizada: “Amigos de Grafite foram testemunhas” (Figura 48), tirando a credibilidade do relato do jogador brasileiro. Até mesmo o salário de Desábato serviu como destaque em “Fiança paga para liberar Desábato supera cinco salários do zagueiro” (Figura 55).

Padilha, Silva e França (2015), em artigo apresentado no *Intercom*²¹, discutem o caso e a cobertura da imprensa, no estudo os autores fazem perguntas interessantes e pertinentes

²¹ Trabalho apresentado no XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Campo Grande -MS – em 2015.

também à nossa pesquisa; no que se refere a multiplicação das imagens que identificavam Patrícia Moreira, não seria essa uma forma de atribuir culpa do crime de racismo a uma figura apenas e exime a sociedade em si? O que aconteceu no estádio com a explosão de ofensas raciais seria reflexo de uma realidade racista ainda presente na sociedade brasileira? Ou o problema estaria apenas nos acusados?

Llosa Vargas discute os múltiplos sentidos do jogo de futebol, que pode ser um espetáculo harmônico ou violento:

(...) em nossos dias, as grandes partidas de futebol, assim como outrora os circos romanos, servem sobretudo como pretexto e liberação do irracional, como regressão do indivíduo à condição de partícipe da tribo, como momento gregário em que, amparado no anonimato aconchegante da arquibancada, o espectador dá vazão a seus instintos agressivos de rejeição ao outro, conquista e aniquilação simbólica (e às vezes até real) do adversário. Os famosos grupos violentos de torcedores de certos clubes e os estragos que provocam com seus confrontos homicidas, incêndios de arquibancadas e dezenas de vítimas mostram que em muitos casos não é a prática de um esporte o que imanta tantos torcedores aos campos (quase sempre homens, embora seja cada vez maior o número de mulheres que frequentam os estádios), e sim um ritual que desencadeia no indivíduo instintos e pulsões irracionais que lhe permitem renunciar à sua condição civilizada e comportar-se durante a partida como parte da horda primitiva. (VARGAS LLOSA, 2013, p.20)

Apesar das constantes reportagens com espetacularização da notícia, principalmente com o enfoque na detenção do argentino, registramos conteúdos do jornal que consideram exagero a atmosfera criada pelo incidente. O entendimento de ação exagerada no episódio no Morumbi é reforçado pela opinião do técnico Passarella, que diz estar "chocado" pelas algemas que foram utilizadas em uma das aparições do argentino. A espetacularização é ainda analisada pela própria mídia, no artigo chamado "Racismo é Racismo" (Figura 42 B), Fernando Rodrigues comenta a "espetacularização" do combate ao racismo e o exagero a interpretação de uma ofensa comum, o autor relembra que o ex-jogador Tostão "sempre firme nos seus comentários", teria defendido que os delitos devem ficar com a Justiça Desportiva, ou seja, não penalizar com uma detenção, por exemplo. O colunista Gilberto Dimenstein, em "O Brasil está escrito em Grafite" (Figura 50), classifica o episódio de Grafite como histórico, visto que foram raras as vezes que o assunto foi pauta e repercutiu com tanta intensidade, chama a atenção para que além da paixão do futebol, o caso envolveu a rivalidade com os argentinos, mais um elemento para tamanha proporção. No mesmo conteúdo, afirma que uma "operação policial transformada em espetáculo da mídia". Assinalamos a publicação de conteúdos "reflexivos" como uma incoerência na cobertura, o jornal critica através de seus colunistas, mas em contrapartida, a própria *Folha* faz uso do recurso de espetacularização.

Salientamos que os dois episódios fizeram com que o assunto central, racismo no futebol, fosse abordado não apenas na repercussão dos casos, mas em outras situações, o que categorizamos como **abordagem complementar**. Dessa forma, notícias que não estavam diretamente ligadas aos fatos foram publicadas em editoriais variadas, debates sobre raça, preconceito, violência no estádio, regras no esporte, entre outros, foram explorados.

Essas discussões se estenderam ainda a notícias na política, na semana do incidente no Morumbi em 2005, Benedita da Silva, ex-ministra, falou sobre o racismo no Brasil em uma entrevista que tinha como gancho o pedido de perdão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva a comunidade africana (na mesma edição, em 15 de abril, é noticiada a declaração do presidente na África). Os desdobramentos do caso Grafite /Desábato pautaram as discussões na Câmara dos Deputados e no Senado, assim como ocorreu em Patrícia Moreira/Aranha.

Avaliamos que as matérias enquadradas em abordagem complementar podem ser consequência de um *efeito cumulativo*, como propõe a *Teoria de Agenda Setting*, ou seja, o longo período de acompanhamento sobre o racismo contribuiu para que se tornasse interesse do público não apenas as reportagens sobre os desdobramentos do caso, como outras interligadas à temática principal, o que foi bastante utilizado pelo jornal. A hipótese de agendamento admite que os meios de comunicação de massa devem, conforme Hohlfeldt (2001, p.207):

- a) tornar possível o reconhecimento de um fato desconhecido com algo notável de ser noticiado;
- b) elaborar relatos capazes de retirar do acontecimento seu nível de particularidade (idiossincrático), tornando-o generalizável (contextualizado);
- c) organizar temporal e espacialmente este conjunto de tarefas transformadoras, de modo que os eventos noticiados fluam e possam ser explorados racional e planificadamente.
- d) A influência do agendamento por parte da mídia depende, efetivamente, do grau de exposição a que o receptor seja colocado, além do tipo de mídia, grau de relevância e interesse que este leitor venha a emprestar ao assunto, sua necessidade de orientação ou sua falta de informação, ou ainda, seu grau de incerteza, além dos diferentes níveis de comunicação interpessoal que ele possa desenvolver.

Dessa forma, para o item “a”, é possível analisar que as coberturas jornalísticas sobre os casos de racismo tornaram clara, por exemplo, de forma mais superficial: a função da arbitragem quando presencia um ato de preconceito dentro de campo, a possibilidade de registrar um boletim de ocorrência por injúria racial no próprio estádio, o papel dos clubes em identificar torcedores e não coibir o preconceito; e de forma mais profunda: a ampliação do debate com a proposta de até mesmo remodelar leis e regras sobre o assunto. Sobre o item “b”, embora a supervalorização da pauta em repetitivamente enfatizar Desábato, Grafite, Aranha e Patrícia, os casos anteriores de racismo já tinham criado alicerces para que as notícias

fossem acompanhadas por uma contextualização e que o foco permanecesse no grande tema “racismo e futebol”. Pelo item “c”, pode-se dizer que os eventos noticiados fluíram, tiveram abordagem com embasamentos (muitas reportagens buscaram especialistas em sociologia e história). Por fim, para o item “d”, as reações dos receptores inúmeras, a exposição foi mais relevante e determinante para uns, do que para outros. De maneira geral, aconteceu um rompimento histórico-social importante e se deu através do jornalismo.

Apesar de não termos considerado em nosso *corpus* de análise que foi categorizado as publicações de leitores no período de coleta, situadas em “Painel do Leitor”, por não serem produções do próprio jornal, esses conteúdos fizeram parte de nossas leituras e também interpretações. Entendemos que essas as notas reforçam os ideais do próprio veículo de comunicação, uma vez que são selecionadas e repercutem as matérias ou assuntos mais polêmicos, estratégia frequente de aproximação com o leitor utilizada pelos jornais. O autor Marques Melo (2006, p. 71) salienta o funcionamento desse tipo de publicação como: “pôr na boca do cidadão comum as críticas ou denúncias que, por conveniência, não estão nas páginas da reportagem”. Assim, as opiniões na página de leitores “isentariam” o veículo sobre o conteúdo publicado, uma vez que está explicitado que é a opinião de um cidadão comum. Essa vontade de criticar, é um comportamento que nasce do debate e do julgamento, sendo característica da natureza humana (BELTRÃO, 1980). A presença do leitor nas seções opinativas do jornal provoca discussões, gera argumentos que, ao serem confrontados, dão origem a opinião pública.

A extensa cobertura foi uma questão apresentada pelo próprio representante jurídico do Grêmio, que afirmou que a mídia teria também induzido o Superior Tribunal de Justiça Desportiva a aplicar a punição mais severa da história do futebol brasileiro (a exclusão direta da competição). Por essa estratégia e embasado na tese de defesa de que o Grêmio não tem como ter controle do comportamento específico dos torcedores, de que o clube teria contribuído na identificação dos envolvidos e os excluído dos quadros sociais, o time teve a pena revertida em perda de pontos. Ainda assim, pontuação insuficiente para seguir na competição.

Há pontos positivos e que merecem destaque nas coberturas, apontamos as publicações enquadradas na categoria **debate social**. Mesmo que superficial em alguns momentos, o olhar plural, a avaliação criteriosa sobre posicionamento da justiça e dos próprios clubes/atletas fomentaram um construtivo debate sobre preconceito, foram explorados conteúdos que trouxeram preocupações com igualdade, conscientização sobre não coibir a diferenciação racial ou sexual no ambiente esportivo. De acordo com Alcoba (2005), o Esporte fornece um tipo de

informação distinta das demais, entre esses fatores que possibilitaram o crescimento e a relevância da área estão as matérias compreensíveis a qualquer pessoa, e o contexto esportivo servindo como elemento propagador de virtudes, condutas e normas sociais. Portanto, compreendemos que a presença de conteúdos reflexivos, qualificados e capazes de gerar discussões sadias foram imprescindíveis às duas coberturas, um tema denso pode ser discutido numa esfera de grande apelo público e de fácil entendimento.

O acompanhamento midiático sobre o racismo no futebol com a abordagem de debate social cumpriu a missão, embora apontemos para diferenças de nível, sendo o segundo mais elevado, com consequências mais diretas. Os contextos eram diferentes, em 2005, nem mesmo o próprio posicionamento da entidade máxima representante do futebol, a FIFA, ainda não estava formulado, como já citamos, foi apenas em 2011 houve pronunciamento a respeito. O racismo era, de certa forma, considerado uma atitude natural ao ambiente esportivo e, portanto, aceitável. Já no intervalo de nove anos entre os dois casos, tudo mudou, em especial em 2014, o registro de episódios de racismo anteriores com publicação nos principais meios de comunicação (diferente da realidade de 2005 que poucos casos foram repercutidos), além da realização da Copa do Mundo abordando o “Diga não ao racismo”, contribuíram para que o desfecho envolvendo o Grêmio se tornasse inédito, mais impactante.

A primeira cobertura foi mais extensa com 144 publicações, porém identificamos que em 2014, no período mais relevante sobre o caso-os sessenta dias posteriores, estava ocorrendo a corrida presidencial, momento que foi caracterizado por inúmeras matérias sobre os candidatos, partidos, acompanhamento de agenda, discussão de propostas, portanto a *Folha* já tinha um segundo assunto forte para que pudesse abordar diariamente, assunto esse que desperta o interesse público e uma das editorias mais respeitadas na *Folha de São Paulo*, que historicamente prioriza conteúdos políticos. Além disso, apontamos para a questão que no primeiro caso o episódio aconteceu na capital paulista, o Estádio Morumbi foi cenário, assim como tivemos o protagonismo na atuação da Polícia Civil estadual, e, claro, o envolvimento de um clube que era de São Paulo. Tradicionalmente, os clubes paulistanos recebem uma atenção maior dos veículos paulistas, mesmo que no incidente na Arena do Grêmio estivesse o Santos, também do estado de São Paulo, os times de São Paulo, Palmeiras e Corinthians, da capital, costumam ser os com cobertura mais específica, em especial o último. Raramente publicam-se reportagens com clubes gaúchos.

5 CONCLUSÕES

As duas cobertas realizadas pela *Folha de São Paulo*, um dos jornais mais tradicionais do Brasil, fazem com que nos questionemos sobre o papel do jornalista e sobre sua responsabilidade, sendo uma profissão tão importante e de certa forma “poderosa” pela capacidade de influenciar o público e formar opinião. Preocupa-nos o exercício ideal do jornalismo, já que nos dois casos não faltam exemplos da má administração da técnica. Sabemos que os contextos em 2005 e 2014 clamavam por maiores repercussões no que se referia ao racismo no esporte, situações marcantes, mas até que ponto a cobertura atingiu o objetivo de provocar uma reflexão social? O jornalismo cumpriu com a missão de informar de forma ética e imparcial? Pelo que analisamos, os fatores negativos da cobertura, como a espetacularização e o uso recorrente de estratégias para promoção da história, foram superiores aos positivos. Houve um oportunismo em polemizar e mesmo “maquiar” questões importantes, e desse contexto, surgiram prejuízos.

Em 2014, em especial, não apenas a *Folha de São Paulo*, mas os meios de comunicação como um todo, foram arrasadores quanto a figura de Patrícia Moreira, a insistente reprodução da imagem a privou do anonimato para virar a personificação de ódio e de preconceito racial. Conforme relatamos, as consequências na vida pessoal da torcedora gaúcha foram inúmeras: demissão do trabalho, ameaças, necessidade de mudar de endereço, reclusão, etc. Lippman (1977), lembra-nos sobre a construção de estereótipos na opinião pública, ao dizer que o público formula “imagens mentais” e que essas imagens são “mapas” na compreensão da realidade complexa do mundo, obtidas através da mídia, fazendo com que as diversas “imagens” gerem diferentes interpretações e divergências de opiniões por questões psicológicas e/ou de conflitos de interesses e realidades. Dessa forma, as pessoas organizariam as informações de formas distintas, salientando ou excluindo determinados enfoques. Na construção da imagem mental sobre Patrícia Moreira, a imprensa colaborou para a imagem negativa. O debate sadio e construtivo em muitos momentos foi substituído pela violência, mesmo que simbólica, em manifestações odiosas à jovem.

Destacamos ainda que foram identificados cinco torcedores que participaram dos atos racistas contra o goleiro Aranha (com ajuda do próprio Grêmio como consta na matéria publicada em 30 de agosto de 2014), mas ainda assim o personagem central da cobertura seguiu sendo Patrícia. Insistentemente, a imprensa repercutiu a foto que identificava o rosto da torcedora, posicionando-se enfaticamente quanto a puni-la. O “circo” midiático e

espetacularizado deixou sequelas consideráveis na torcedora, por uma exposição em exagero. Reside aí provavelmente um outro traço da sociedade que vivemos, se fosse uma figura masculina teria tido a mesma repercussão? A torcedora aparece nas imagens acompanhada por homens, porque foi a imagem dela que mais repercutiu? Principalmente por entendermos que por mais que tenha se tornado mais frequente a presença feminina nos estádios, as mulheres ainda enfrentam muitas resistências no ambiente esportivo. Patrícia pode ter ganhado repercussão ainda maior exatamente pela condição sexista. São dúvidas perturbadoras, que caberiam pesquisas mais específicas, mas que não passam despercebidas.

De qualquer forma, no que se refere aos resultados encontrados em nosso estudo, pontuamos aqui como irresponsável o acompanhamento espetacularizado do caso, porque entendemos que a imprensa teria como obrigação preservar detalhes da vida particular da Patrícia. Não é relevante como notícia a que informava a profissão da torcedora, por exemplo, já que ali estava única e exclusivamente na função de torcedora, num momento de lazer. Entretanto a invasão ao privado foi um dos primeiros elementos da cobertura.

Além disso, o fortalecimento das rivalidades como ocorreu no caso de 2005 é também um caminho perigoso. Por mais que a rivalidade entre Argentina e Brasil seja já parte cultural das duas nações, reforçá-la cria um ambiente “belicoso” dentro do esporte, local que tem por objetivo exaltar valores como justiça, lealdade e competitividade sadia. Mais do que isso, interpretar o episódio por esse aspecto acaba fazendo uma transferência da responsabilidade de um ato de preconceito racial para a compreensão de um preconceito “cultural”, reforçando a ideia de que argentinos são preconceituosos, o que nos parece de igual gravidade: uma xenofobia disfarçada.

Identificamos um empenho da *Folha da São Paulo* na tentativa de naturalizar o episódio entre Grafite e Desábato, a maioria das publicações isenta a culpa do argentino, com poucos colonistas se posicionando contrários. Dessa forma, o importante papel na atuação social do jornalismo foi substituído por um discurso que acabou reforçando as estruturas do racismo no cotidiano.

No caso mais recente, o de 2014, há um limite tênue entre o aspecto positivo e o negativo das publicações que clamaram por punição, porque a condenação prévia (e ênfase na questão) de Patrícia foi muito impactante, poderíamos dizer que se referem a que Bourdieu chama de “poder simbólico”, manifestações como parte dos sistemas que estruturam as sociedades entre grupos de dominados e de dominadores; a mídia valeu-se de sua força, com discursos que estimularam o ódio. Antes mesmo que a torcedora fosse de fato julgada pela Justiça, ela já

estava previamente condenada pela opinião pública. A discussão racial no esporte foi mediada pelos principais comunicadores esportivos do país (comentaristas e apresentadores), que enfatizaram, insistentemente, que os atos praticados por Patrícia e demais torcedores não poderiam ficar impunes. Posicionamentos firmes somados a repetição diária do assunto provocaram um novo contexto.

Apesar disso, a ampla e repetitiva cobertura da mídia durante o caso possivelmente estimulou a aplicação de medidas inéditas em 2014, o que podemos considerar como um fator favorável. O racismo no futebol estava tão em evidência nos meios de comunicação desde o início daquele ano que de certa forma o caso Patrícia Moreira/ Aranha não suportaria outro desdobramento que não o de punição. As notícias causaram reações distintas na audiência, é provável que se o assunto não tivesse sido abordado com tanta ênfase (e até sensacionalismo), as muitas pessoas que passaram a participar dos debates sobre a temática nem sequer teriam refletido sobre o assunto.

Concluimos que, em nove anos, tempo entre as duas coberturas, a *Folha de São de Paulo*, como suspeitávamos, assumiu uma postura diferente no tratamento do episódio de racismo mais recente. Em 2005, a frequente abordagem relacionando a questão de rivalidade ao caso de Grafite/Desábato, como demonstrada em nossa análise, fez com que uma importante oportunidade de debate mais intenso pelo ponto de vista de não coibir o racismo em qualquer que seja a circunstância fosse perdida. Embora a repercussão do episódio tenha impactado em inúmeros âmbitos, como a própria mobilização do poder legislativo em sessões que debateram a pauta racismo no futebol- nunca antes discutida, sem dúvidas, a constante exaltação a rivalidade interferiu, substituindo a real discussão (sobre preconceito racial), fortalecendo a ideia de que não a ofensa de Desábato não poderia ser enquadrada como uma manifestação de preconceito racial, mas sim de diferenças culturais. Não todas publicações, mas a maioria delas demonstrou uma naturalização do racismo quando esse ocorre no futebol, com o jogador brasileiro Grafite, em algumas situações, sendo visto como irresponsável e mesmo de maneira negativa (uma das matérias mostra que a polêmica interferiu em uma convocação para a Seleção Brasileira). A imprensa também reforçou o clima de “disputa” eterna com os vizinhos argentinos. Dos colunistas da *Folha*, apenas Soninha assumiu que o episódio causava muitas dúvidas e confusões sobre como interpretar.

Esse foi um dos pontos que nos surpreendeu na etapa de interpretação, Desábato, personagem central em 2005, é em alguns momentos “absolvido” pela imprensa. O entendimento de exagero quanto a detenção do jogador argentino é mais presente do que a

avaliação sobre a necessidade de a manifestação de racismo exigir uma punição exemplar. Chegou-se a contestar a veracidade da queixa de Grafite sobre racismo. Ao contrário de Patrícia Moreira, que desde a primeira publicação é apontada como culpada.

Paulo Vinícius Coelho, o PVC, respeitado e conhecido jornalista, e referência da presente dissertação, pontua com excelência qual deve ser a missão do repórter esportivo: responsabilidade. Ao dizer que a editoria esporte não deve acomodar o profissional pela rotina repetitiva de treinos, por exemplo, nem dar a impressão de que não há responsabilidade social, possibilidade de abordagens mais complexas ou exploração de elementos histórico-culturais nos conteúdos, Coelho (2003) defende a urgência de um jornalismo especializado mais denso e diferenciado. Concluimos também que aprofundar os temas não só é dever, como uma necessidade da imprensa esportiva em constante processo de alterações.

Sobre a importância de estudos como o que aqui apresentamos, acreditamos que devam multiplicar-se. Há pelo menos três décadas, a academia preocupa-se com a representatividade do futebol para sociedade, mas é possível fazer mais com pesquisas que se comprometam a entender melhor os velhos e novos fenômenos sobre esse esporte que desperta paixões e irracionalidades.

Nos últimos anos, avançamos no sentido de coibir o racismo no esporte. O futebol de origem elitista e segregante, que mesmo com a massiva inserção de atletas negros, de ídolos e jogadores-símbolos com origens africanas, desenvolveu-se com um racismo velado, foi impactado por medidas inéditas para que se valorizasse o espaço multirracial, étnico e cultural que esporte deve ser. As punições, as repercussões internacionais, o envolvimento de federações e da entidade máxima do futebol, a FIFA, indicam uma evolução no entendimento de que o preconceito não pode ser naturalizado no ambiente esportivo e de que não há mais lugar para atitudes coniventes, é importante uma atuação conjunta: do árbitro ao registrar em súmula, do delegado responsável pela partida, da comissão técnica em punir atletas que ajam desrespeitosamente, conscientização de jogadores e torcedores, entre outros.

Os cânticos das torcidas, os xingamentos frequentes dentro e fora de campo ainda fazem parte de um universo de costumes, de uma cultura da “arquibancada” que foi construída em mais de um século, mas não serão mais vistos de forma isolada, desconectados da consciência social, independentes como manifestações permitidas dentro daquele contexto, afinal não é o clima de extrema passionalidade no ambiente de jogo que servirá como argumento/justificativa para comportamentos desrespeitosos. É uma ideia talvez utópica, já que os atos preconceituosos não vão desaparecer repentinamente (vimos os casos repetindo-se), mas sem dúvida um

impacto significativo poderá ser observado a longo prazo fruto do ineditismo de medidas e das coberturas jornalísticas enfáticas e éticas. Quanto mais amplos forem os debates, possivelmente mais avanços serão constatados no meio esportivo.

Apesar da violência, seja verbal ou física, ser uma manifestação muito recorrente em situações de competitividade nas partidas de futebol, assim como o preconceito racial tão impregnado em nossas relações sociais, e, por herança histórica da formação cultural do país ainda mais evidente no Brasil de desigualdades, indiscutivelmente, podemos caminhar em direção a “tempos melhores”. Há muito para ser feito, mas a compreensão coletiva, da sociedade nas mais variadas esferas, sobre a relevância do tema racismo no futebol, de igualdade, respeito e tolerância, e a participação efetiva em debates construtivos são bons passos para tais tempos mais civilizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A FÚRIA de cada um. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p.6, 13 jul. 1950. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/093092/per093092_1950_06762.pdf. Acesso em: 14/04/2014.

ABRAHAO, Bruno Otávio de Lacerda. **O “preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo à brasileira” no futebol**. 2010. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

ALCOBA, Antonio. **Periodismo Deportivo**. Madrid: Síntesis, 2005.

_____. **La Prensa Deportiva**. Madrid: Universidade Complutense de Madrid, 1999.

_____. **Deporte y Comunicación**. Madrid: Dirección General de Deportes de la Comunidad Autónoma de Madrid, 1984.

ALLPORT, G. W. **The nature of prejudice**. Cambridge, Addison- Wesley, 1954.

ANGRIMANI, Sobrinho Danilo. **Espreme que sai sangue**. Um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BELLOS, Alex. **O Brasil em campo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002

BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998.

BETTI, Mauro. *Esporte na mídia ou esporte da mídia?*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/viewFile/5929/5441>. 2002. Acesso em: 24/01/2016.

BONSANTI, Bruno. *Inglaterra fez avanços, mas racismo ainda existe e tem novas vítimas*. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/racismo-futebol-inglaterra/>. Acesso em: 15/06/2015.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, 1997.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. *O futebol como alegoria antropofágica: modernismo, música popular e a descoberta da "brasilidade" esportiva*. **In Dossier**

Thématique: Brésil, Questions Sur Le Modernisme / Dossier temático: Brasil, cuestiones sobre el modernismo *Artelogie*, Primavera, 2011 no. 1 p. 17-32.

BUCCI, Eugênio. **A imprensa e o dever da liberdade**. A independência editorial e suas fronteiras com a indústria do entretenimento, as fontes, os governos, os corporativismos, o poder econômico e as ONGs. São Paulo: Contexto, 2009.

CABRAL, Cid Pinheiro. **O admirável futebol brasileiro: a história da evolução e das grandes passagens do futebol brasileiro**. 1ª edição. Porto Alegre: Gaúcha, 1970.

CALDAS, Waldenyr. **O Pontapé Inicial: Memória do Futebol Brasileiro**. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CAMARGO, V.R.T. **O telejornalismo e o esporte espetáculo**. 1998. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - UESP, São Paulo, 1998.

CÂNDIDO, Antônio. **O significado de “Raízes do Brasil”**. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 9-24.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e Escravidão no Brasil Colonial: o Negro na Sociedade Escravocrata do Rio Grande do Sul**. São Paulo: DIFEL, 1962.

CASAGRANDE, Magnos Cassiano. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 37, 2015, Rio de Janeiro. *Os elos entre impunidade e violência no futebol em artigos de opinião*. **Anais**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015.

CASTRO, Ruy. **Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CASTRO, Tito Lívio de. Questões e problemas. **Senzala** – revista mensal para negro, sessão Esporte, São Paulo, Ano I, n.1, p.29, jan.1946.

CHAIM, Aníbal Martinot. **A bola e o chumbo: futebol e política nos anos de chumbo da ditadura militar brasileira**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) - USP, São Paulo, 2014.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discursos das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CORREIO DO POVO. Racismo de superfície e de profundidade. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/?p=6358>. Acesso em:20/12/2014.

COSTA, Leda Maria da. **A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira**. 2008. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, Rio de Janeiro, 2008.

COUTINHO, Edilberto. O futebol na prosa: no jeito sambístico de 'enganar', a linha melódica do craque brasileiro. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01/mai./1982.

_____. Gilberto Freyre e o futebol: a sociologia na marca do pênalti. In: QUINTAS, Fátima (org.). **O cotidiano em Gilberto Freyre**. Recife: Massangana, 1992.

DA SILVA, Juremir Machado. 2014. **Racismo de superfície e de profundidade**. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/?p=6358>. Acesso em: 20 out. 2014.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. A originalidade de Gilberto Freyre. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, n. 24, p. 3-10, 1987. 2º semestre.

_____. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Pinakoteque, 1982.

DAMO, Arlei Sander. Razões Afirmativas: pós-emancipação, pensamento social e a construção das assimetrias raciais no Brasil. In: Mandarino, A. C. S & Gomberg, E. (Org.). **Racismo: Olhares plurais**. Salvador: EDUFBA, 2010. 290 p.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUNNING, Eric. **Sociologia do Esporte e os Processos Civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2013.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ELIAS, Norbert. **A busca pela excitação**. Lisboa: Difel, 1986.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

ESTEVES, José. **O desporto e as estruturas sociais**. Aveiro: Prelo Editora, 1967.

FERNANDEZ, Renato Lanna. **O Fluminense Football Club: a construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933)**. 2010. Dissertação (Mestrado em), Rio de Janeiro, 2010.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo. Um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. Vítima de racismo, jogador do Milan ganha convite da ONU. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1215694-vitima-de-racismo-jogador-do-milan-ganha-convite-da-onu.shtml>. Acesso: 04/01/2016.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FONSECA, O. **Esporte e Crônica Esportiva**. TAMBUCCI, P.L. & OLIVEIRA, J.G.M.de & COELHO SOBRINHO, J. (orgs.) **Esporte & Jornalismo**, São Paulo: CEPEUSP, 1997.

FRANGE, O **Espetáculo do Futebol no Jornalismo Esportivo na Internet**

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49ª Ed. São Paulo: Global, 2004.

_____. **Foot-ball mulato. Diário de Pernambuco**. Recife, 17/06/1938.

_____. **Futebol brasileiro e dança**. In: **FREYRE, Gilberto**. Seleta. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

_____. **O negro no futebol brasileiro - Prefácio**. In: FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1947.

FOULCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 17.ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Ghilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2006 [1988].

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 3.ed. Tradução: Ligia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

GERCHMANN, Léo. **Somos Azuis, Pretos e Brancos**. Porto Alegre: LPM, 2015

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GLOBO ESPORTE. 2014. **Globo Esporte faz homenagem a Tinga**. Disponível em: <http://globo.com/rbs-rs/globo-esporte-rs/v/globo-esporte-rs-faz-homenagem-a-tinga/3148256/>. Acesso em: 20/10/2014.

GLOBO ESPORTE. 2014. **Racismo em estádios no país é reflexo da sociedade dizem estudiosos**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/santos/noticia/2014/09/racismo-em-estadios-do-pais-e-reflexo-da-sociedade-dizem-estudiosos.html>. Acesso em: 20/10/2014.

GLOBO ESPORTE. 2014. **Torcedora que ofendeu Aranha pede perdão e afirma: "Não sou racista"**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2014/09/torcedora-que-ofendeu-aranha-quebra-silencio-e-fala-imprensa.html>. Acesso em: 02/10/2014.

GLOBO ESPORTE. 2014. **Vítima de racismo no Peru Tinga diz que trocaria títulos por igualdade**. Disponível em:

<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2014/02/vitima-de-racismo-no-peru-tinga-diz-que-trocaria-titulos-por-igualdade.html>. Acesso em: 20 out. 2014.

GOMES, Ivan Macedo. Deus no Céu e o Negro na Terra: a visão de Gilberto Freyre sobre o futebol brasileiro. **CAOS - Revista de Eletrônica de Ciências Sociais**. 2000. Número 2. Volume 1. 2000. Disponível no site: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/02-gomes.html>.> Acesso em: fev de 2015.

GORDON Jr., Cesar C. 1995. História social dos negros no futebol brasileiro, Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol, Rio de Janeiro, Uerj, Departamento CulmraVSR-3, n. 2, p. 71-90.

GURGEL, Anderson. “A Copa do Mundo como megaevento esportivo: afinal do que estamos falando? Uma abordagem comunicacional sobre a maior festa do futebol”. IN: ROCCO JUNIOR, Ary José (org.). Comunicação e Esporte: Copa do Mundo 2014. São Paulo: INTERCOM, 2014. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/950bc416911c3c2e2d2963141273b315.pdf>

GUTIERREZ, MGR; LEITE, JL, PAGLIUCA, LMF; ERDMAN, AL. Os múltiplos problemas pesquisados e a pesquisar na enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília (DF) 2002 set/out; 55(5):535-41.

GUTMAN, Bill. **Modern soccer superstars**. New York: Dodd, Mead, 1979.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003

HASENBALG, Carlos. Entre o mito e os fatos: **Racismo e relações raciais no Brasil**. In: MAIO, M. Chor; SANTOS, R. Ventura. (orgs). Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1995.

HELAL, Ronaldo & SOARES, Antonio Jorge (orgs.). **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2001.

Helal, Ronaldo e LOVISOLO, Hugo. Jornalismo e futebol: argentinos e brasileiros ou do 'odiar amar' e do 'amar odiar'. In MARQUES, José Carlos (org.). *Comunicação e Esporte: diálogos possíveis*. São Paulo, Intercom, 2007.

HELAL, Ronaldo. Espírito para lá de esportivo. 2011. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/espírito-para-la-de-esportivo>. Acesso em: 14/04/2016.

_____. Esporte, Indústria Cultural e Teoria da Comunicação. Memórias do Congresso Mundial de Educação Física - AIESEP 1997, Universidade Gama Filho, Rio d, v. 1, p. 507-516, 1998.

_____. **Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HELAL, Ronaldo; GORDAN Jr., César. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Revista Estudos Históricos**, v. 13, n. 23, 1999.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, C. e BENETTI, M. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.

HOHLFELDT, Antônio. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas, tendências**. Petrópolis: Vozes, 2002.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5edição. São Paulo: Perspectiva, 2007.

JONES, J. M. *Prejudice and racism*. New York: McGraw-Hill, 1972.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Elementos do Jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LEANDRO, Paulo Roberto. **O jornalista e o cartola: o jornalismo esportivo impresso na Bahia e sua resistência ao campo da política**. 2003. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

LEIRO, Augusto Cesar Rios; ROCHA, Luiz Carlos; COSTA, Martha Benevides da & VENTURINI, Micheli. **Política, Esporte e Mídia Impressa**. Edufba, Salvador: 2010.

LEMONS, Márcia. Dos artigos olímpicos de Nelson Rodrigues aos parágrafos telegráficos da Internet. Disponível em: http://209.85.165.104/search?q=cache:fypVg5nPjKkAJ:www.unilestemg.br/revistacomplexus/textos_revista01/05artigo01_marcia_imprensa_esportiva.doc+M%C3%A1rcia+Lemos+%22dos+artigos+olimpianos%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=Br. Acesso em 04/03/2016.

LIMA, Marcos Eugênio. **Normas sociais e racismo: efeitos do individualismo meritocrático e do igualitarismo na infra-humanização dos negros**. 2002. Tese (Doutorado) - Instituto Superior da Ciência do Trabalho e da Empresa, Lisboa, 2002.

LINCOLN, Y.S.; GUBA, E.G. *Naturalistic inquiry*. Londres: Sage, 1985.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010, 352 p.

LOPES, José Sergio Leite. (1994). A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista da USP - Dossiê Futebol (22)**: 64-83.

_____. "Futebol 'mestiço': história de sucessos e contradições". **Revista Ciência Hoje -SBPC 24 (139)**: p. 18-26, 1998 a.

_____. "Fútbol y clases populares en Brasil: color, clase e identidad através del deporte". **Revista Nueva Sociedad (154)**: p. 124-146, 1998 b.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Mulheres e esporte: processo civilizador ou (des) civilizador. **Logos** (UERJ. Impresso), v. 17, p. 29-38, 2010.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Economia do Futebol do Brasil: a favor de melhores evidências. **Revista Legado**, Ed. 5, 2012.

LYRA FILHO, João. **Introdução à Sociologia dos Esportes**. Rio de Janeiro: Bloch, 1983.

MACHADO, Felipe Morelli. **Bola na rede e o povo nas ruas! O Brasil na Copa de 1938**. Editora da UFF, 2014.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. Tradução Maria de Lourdes Menezes, 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. Tribalismo pós-moderno: Da identidade às identificações. **Revista: Ciências Sociais**. Unisinos, 2007 43(1).

MARCONDES FILHO, Ciro (org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009a.

_____. **Ser Jornalista**. São Paulo: Paulus, 2009b.

MARQUES, Fabio Cardoso. Uma reflexão sobre a espetacularização da imprensa. In: COELHO, C.N.P.; CASTRO, V. J. (Orgs.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo. Paulus, 2006, p. 33-59.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas**. São Paulo: Educ, 2003

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Brasileiro**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003

MASCARENHAS, Gilmar. **Esportes e mito da democracia racial no Brasil**: memórias de um Apartheid no futebol. **LECTURAS: Educación Física y Deporte**, Buenos Aires, v. 14, 1999.

MAUCH, Claudia. **Colônia Africana: Criminalidade e Controle Social** (Porto Alegre: 1888-1900). 1998. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pos-graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, 1998.

MAZZONI, Thomaz. **História do futebol no Brasil**. São Paulo: Leia, 1950.

MILLS, John. **Charles Miller: O Pai do Futebol Brasileiro**. Panda Books, 2005.

MONTEIRO, Fabiano Dias. **Retrato em branco e preto, retratos sem nenhuma cor: a experiência do disque-racismo da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - PPGSA/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **O jornal: da forma ao sentido**. 2 ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

NASCIMENTO, Edson Arantes do. **Pelé: a autobiografia**. Tradução: Henrique Amat Rego Monteiro. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2006.

NEGREIROS, P. J. L. de C. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo...História: **Questões & Debates**, Curitiba, n. 39, p. 121-151, 2003. Editora UFPR, 2003.

NOGUEIRA, C. **Futebol Brasil memória: de Oscar Cox a Leônidas da Silva (1897-1937)**. Rio de Janeiro: Editora Sena Rio, 2006.

OLABUENAGA, J.I. R.; ISPIZUA, M.A. *La descodificacion de la vida cotidiana: metodos de investigacion cualitativa*. Bilbao, Universidad de deusto, 1989.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso Fundador**. A formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

OSELAME, Mariana Corsetti. **Fim da notícia: o “engraçadismo” no campo do jornalismo esportivo de televisão**. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2012.

PAIXÃO, M. & GOMES, F. (2010). Razões Afirmativas: pós-emancipação, pensamento social e a construção das assimetrias raciais no Brasil. In: Mandarino, A. C. S & Gomberg, E. (Org.). **Racismo: Olhares plurais**. Salvador: EDUFBA, 2010. 290 p.

PODE-SE ir a Paris por 500 réis. **A Gazeta**, p.9, 6 de abril de 1938, p. 9.

POLI, Gustavo; CARMONA, Ledio. **Almanaque do Futebol**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

PREPARADO para goleada, o Brasil não soube conquistar o empate. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 8, 18 jul. 1950. Disponível em:
http://memoria.bn.br/pdf/093092/per093092_1950_06766.pdf. Acesso em: 20/04/2014.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte espetáculo e futebol-empresa**. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

QUARESMA, Sílvia Jurema. **Durkheim e Weber: inspiração para uma nova sociabilidade, o neotribalismo.** In: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 81-89.

QUEIROZ, M. I. P. P. Relatos orais: do indizível ao dizível. In: VON SIMSON, O. M. Experimentos com história de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, 1988.

RAMOS, Roberto. **Futebol: ideologia do poder.** Petrópolis: Vozes, 1984.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, André. **O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva.** Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

ROCHA, Décio; Daher, M. Del C.; Sant'Anna, V. **A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva.** Cuiabá: EdUFMT, 2004.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol.** In: CASTRO, Ruy (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e Futebol.** Campinas: Perspectiva/Edusp/Unicamp Ed, 1993.

ROSSI, Jones; JUNIOR, Leonardo Mendes. **Guia Politicamente Incorreto do Futebol.** Rio de Janeiro: Leya, 2014.

SALLES, José Geraldo do Carmo. **Entre a paixão e o interesse – o amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro.** 2004. 482 f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro

SANTAELLA, Lucia.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter.** São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Comunicação).

SANTOS, C. T. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol.** São Paulo: Annablume, 2004.

SANTOS, Daniel de Araújo dos. **Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol.** 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, Natasha; CAPRARO, André Mendes; LISE, Riqueldi Straub. Racismo e a derrota que não foi esquecida: uma análise dos discursos de Mario Filho e da imprensa escrita acerca da final da Copa do Mundo de 1950. **Movimento**, vol. 16, núm. 4, 2010, pp. 191-208 Escola de Educação Física Rio Grande do Sul.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Futebol e História: Uma Jogada da Modernidade.** Uma história comparada entre o desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924). 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. "**Memória Social dos Esportes - Futebol e Política : a Construção de uma Identidade Naiconal**", *Francisco Carlos Teixeira da Silva, Ricardo Pinto dos Santos*, Editora MAUAD, 2012.

SANTOS NETO, José Moraes de. **Visão do Jogo: primórdios do futebol no Brasil.** São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatino. **Revista da USP - Dossiê Futebol** (22), p. 30-37, 1994.

SCHWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SHERIFF, 1993 apud HASENBALG, Carlos. Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). **Raça, ciência e sociedade**, Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996.

SILVA, C. A. F. A linguagem racista no futebol brasileiro. In: **Anais do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física**, Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, p. 394-406, 1998.

_____. **Futebol, linguagem e mídia: entrada, ascensão e consolidação dos jogadores negros e mestiços no futebol brasileiro.** 2002. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, 2002. Disponível em: www.ppgef.gamafilho.edu.br. Acesso em 10/04/2014.

_____. Racismo para dentro e para fora: o caso Grafite-Desábato. **Revista Lecturas. EF Deportes**, n. 84, maio de 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd84/racismo.htm>. Acesso em: 20/02/2015

_____. **Racismo no futebol.** Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, 2006.

_____. **Futebol, imaginário e mídia: as metáforas da discriminação no futebol brasileiro.** Educação MultiRio, 2007. Disponível em: http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/sec21/chave_artigo.asp?cod_artigo=1256>. Acesso em: junho de 2015

SILVA. C. L. B. Sobre O Negro no Futebol Brasileiro, de Mario Filho. In.: **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional.** Silva, F. C. T.; Santos, R. V. (Orgs.). Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006

SILVA, Ana Paula da. **Pelé e o complexo de vira-latas: discursos sobre raça e modernidade no Brasil.** 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2008- dissertação.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. Depois do espetáculo (Reflexões sobre a tese 4 de Guy Debord)
In: GUTFRIEND, Cristiane Freitas; SILVA, Juremir Machado da (org.). **Guy Debord: antes e depois do espetáculo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco: raça e nacionalidade do pensamento brasileiro**. Trad. Raul S Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SITE BBC. **Blater diz que racismo deve ser resolvido com aperto de mão**. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/01/130103_futebol_milan_lk. Acesso em: 01/11/2015.

SITE BBC. **Racismo no futebol: Brasil debate penas, Itália indica caminho contrário**. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140830_esporte_racismo_italia_rm_hb. Acesso em: 01/11/2015.

SITE ESPN. **Suásticas na arquibancada: tensão e nazi-fascismo nos duelos entre Lázio e Roma**. Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/328048_suasticas-na-arquibancada-tensao-e-nazi-fascismo-nos-duelos-entre-lazio-e-roma. Acesso em: 04/03/2016.

SITE GLOBO ESPORTE. **Manifesto de torcedores do Zenit se opõe a negros e homossexuais**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-russo/noticia/2012/12/em-manifesto-torcedores-do-zenit-se-opoem-negros-e-homossexuais.html>. Acesso em: 01/11/2015.

SITE PAIXÃO VASCÃO. **Integração racial no futebol**. Disponível em: http://www.paixaovascão.com.br/wiki/integra%C3%A7%C3%A3o_racial_no_futebol. Acesso em: 10/01/2016.

SITE VIA MUNDO. **Daniel Alves e as críticas ao oportunismo**. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/humor/daniel-alves-e-as-criticas-ao-oportunismo-na-internet.html>. Acesso em 06/06/2014

SITE TRIVELA. **Vale a pena ouvir o que Eto tem a dizer sobre racismo**. Disponível em: <http://m.trivela.uol.com.br/vale-a-pena-ouvir-o-que-eto-tem-a-dizer-sobre-racismo-no-futebol/>. Acesso em: 07/10/2015.

SITE UJS. **Carta do Vasco da Gama em defesa dos negros completa 90 anos**. Disponível em: <http://ujjs.org.br/index.php/noticias/carta-do-vasco-da-gama-em-defesa-dos-negros-completa-90-anos/>. Acesso em: 04/07/2015.

SOARES, Antonio Jorge. **Futebol, raça e nacionalidade: releitura da história oficial**. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Rio de Janeiro, 1998.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. PREFÁCIO, Pensar com Debord. In: GUTFRIEND, Cristiane Freitas; SILVA, Juremir Machado da (org.). **Guy Debord: antes e depois do espetáculo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

SOUSA, Li- Chang Shuen Cristina Silva. **Cobertura Esportiva na Televisão: Jornalismo ou Entretenimento**. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Artes) -Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **Futebol e resistência cultural no Primeiro Governo Vargas (1930-1945)**. Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - Nº 131 - Abril de 2009

TAMBUCCI, Pascoal Luiz (org), OLIVEIRA, Mariz de, GUILMAR, José (org), COELHO SOBRINHO, José. **Esporte e Jornalismo**. São Paulo: Cepeusp, 1997.

TEIXEIRA, J. P. V. As torcidas de futebol como uma neotribo urbana na cidade do Rio de Janeiro. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

TOLEDO, Caio Navarro de (org.). **Intelectuais e política no Brasil: a experiência do ISEB**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2005.

TONIN, Juliana. A Imagem em Guy Debord. In: GUTFRIEND, Cristiane Freitas; SILVA, Juremir Machado da (org.). **Guy Debord: antes e depois do espetáculo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

TONINI, Marcel Diego. **Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, 2010. Disponível em: <[http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/190518_Tonini%20\(M\)%20-%20Alem%20dos%20gramados.pdf](http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/190518_Tonini%20(M)%20-%20Alem%20dos%20gramados.pdf)> Acesso em: 03/05/ 2015.

_____. Racismo no futebol brasileiro: revisitando o caso Grafite/Desábato. **Revista de História Regional**, 17(2), p. 438-468, 2012. Disponível em: <http://www.eventos.uepg.br/ojs2/index.php/rhr/article/viewFile/41> Acesso em: 14/03/2015.

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística: uma comunidade transnacional**. Lisboa: Editorial Notícias, 2005.

_____. **O Poder do Jornalismo – Análise e Textos da Teoria do Agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.

_____. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo [recurso eletrônico]: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura** / Mario Vargas Llosa; tradução Ivone Benedetti. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

VIEIRA, Célio Renê Trindade. **Jornalismo no pódio e no fundo do poço**: Um estudo sobre a cobertura do Correio Braziliense após o doping de Rebeca Gusmão. 2008. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Brasília, 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

ANEXOS

Figura 1 - Capa principal 14/04/2005



FORA DA BOLA O atacante Grafitte, do São Paulo, em lance com Desábato, do Quilmes; após perder por 3 a 1, argentino foi à delegacia para responder por ofensa racista a Grafitte Pág. D5

Figura 2 - Capa principal 15/04/2005

FOLHA DE S. PAULO
 São Paulo, sexta-feira, 15 de abril de 2005
 DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO • • • UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL • ALAMEDA BARÃO DE LIMEIRA, 455 • ANO 85 • Nº 27.771 • R\$ 2,50

Na África, Lula pede perdão por escravidão
 O presidente Luiz Inácio Lula da Silva pediu "perdão" pela escravidão em discurso na ilha de Gorée (Senegal), antiga saída de navios negreiros. "Não tenho nenhuma responsabilidade pelo que aconteceu no século 18, nos séculos 16 e 17. Mas penso que é boa política dizer ao povo da África: perdão pelo que fizemos aos negros", afirmou Lula, ao lado do presidente senegalês, Abdoulaye Wade.
 O presidente falou na Casa dos Escravos, onde os negros ficaram antes de ir para as colônias. Ministros e assessores choraram após o discurso. Lula comprou sua passagem para o Senegal antes de ir para a África. "Vou ter de sentir, não dá para dizer". Pág. A6

Argentino diz estar sendo tratado como delinqüente
 Devido sob acusação de ofensas racistas contra o atacante Grafitte, do São Paulo, o zagueiro argentino Leandro Desábato, do Quilmes, disse estar "sendo tratado como delinqüente". O brasileiro diz que foi chamado de "nêgro de merda" durante partida pela Libertadores.
 À noite, a Justiça deu alvará de soltura a Desábato, que deve pagar fiança de R\$ 10 mil e ser solto ainda hoje. O presidente do Quilmes afirmou que a prisão foi "armada". Em nota, o governo brasileiro chamou o incidente de grave e pediu "medidas concretas". Esporte

Espero que seja um começo, diz Grafitte
 O atacante Grafitte quer abrir uma cruzada contra o racismo no futebol. Ele espera que o incidente com o zagueiro do Quilmes tenha um resultado positivo contra o racismo em todo o mundo. "Os jogadores brasileiros sofrem com o racismo na Europa e isso tem que mudar. Espero que tenha sido um começo." Pág. D2

Ofensas não foram racismo
 AS OFENSAS AO GRAFITTE NÃO FORAM UMA PREMEDITADA MANIFESTAÇÃO DE RACISMO, E SIM O AMARGO E CONDENÁVEL RESULTADO DE PROVOCAR O RACISMO. ESSES JOGADORES PRECISAM SER PUNIDOS, MAS PELA JUSTIÇA DESPORTIVA. Pág. D1

Figura 3 - Capa principal 16/04/2005

FOLHA DE S. PAULO
 São Paulo, sábado, 16 de abril de 2005

Governo federal promete arrocho maior em 2006
 Palocci diz rezoar por um ajuste suave na economia

Desábato é libertado e volta à Argentina
 Palocci diz rezoar por um ajuste suave na economia

Palocci diz rezoar por um ajuste suave na economia
 I have been a victim of violence!!! Who will be the next? YOU?? We hope not.

Desábato é libertado e volta à Argentina
 Palocci diz rezoar por um ajuste suave na economia

NA CAÇA FOMOS DESABATO? NÃO, FOMOS NÓS
 0% DE JUROS PARA PESSOAS FÍSICAS

AMANHÃ
 A Vida É Bela

DVDTECA
 ROTINA

Figura 4 - Capa principal 18/04/2005

FOLHA DE S. PAULO
 São Paulo, domingo, 18 de abril de 2005

DE NOVO Faixa exibida pela torcida da equipe argentina Quilmes em jogo contra o River Plate traz os dizeres "Grafitte macaco"; o zagueiro Desábato, do Quilmes, ficou duas noites preso em São Paulo sob acusação de ofensas racistas contra o são-paulino Grafitte Pág. D5

Socorro oficial a bancos acumula perdas de R\$ 4,7 bi
 Stimulus de 100 bilhões é anunciado em SP

Figura 5 Capa principal 29/04/2005



Figura 6 - Capa principal 14/05/2005



Figura 7 - Capa Esporte 15/04/2005



Figura 8 - Capa Esporte 16/04/2005



Figura 9 Capa Esporte 21/04/2005



Figura 10- Capa principal 29/08/2014



Figura 11- Capa principal 30/08/2014



Tribunal adia 2º jogo entre Grêmio e Santos após racismo

A Justiça Desportiva adiou a segunda partida entre Santos e Grêmio pela Copa do Brasil, após torcedores xingarem o goleiro Aranha no primeiro jogo. O time gaúcho pode ser eliminado pelo ato. Gremista que chamou o santista de "macaco" foi afastado do trabalho. **Esporte D1 e D2**

Goleiro Aranha, do Santos, é alvo de racismo no Sul

Eram "palavras racistas, como preto fedido". Depois, "começaram com barulho de macaco". Assim o goleiro Aranha, do Santos, relatou as ofensas dirigidas a ele por torcedores no jogo contra o Grêmio, em Porto Alegre. Imagens da TV comprovam a denúncia. **Esporte D1**

Figura 12 Capa principal 04/09/2014



Figura 13- Capa principal 05/09/2014



Figura 14- Capa principal 06/09/2014



Figura 15- Capa principal 07/09/2014

Figura 16- Capa principal 11/09/2014



Figura 17- Capa principal 12/09/2014



Figura 18 – Capa principal 19/09/2014



Figura 19- Capa principal 19/10/2014



Figura 20- Capa Esporte 29/08/2014

Aranha é alvo de ofensas racistas no Sul

COPA DO BRASIL Goleiro do Santos sofre xingamentos e oves sons de macaco em vitória de 2 a 0 sobre o Grêmio

O goleiro Aranha, 33, do Santos, foi chamado de "macaco" e "esta é gente racista" vindos de torcedores do Grêmio durante a vitória por 2 a 0 do time paulista, nesta quinta (29), em Porto Alegre, no jogo de ida das oitavas de final da Copa do Brasil.

Os torcedores comemoram nos minutos finais, quando o placar já estava definido. Grêmio, o goleiro se vitou para torcedores que estariam atrás de quem defendia, começou a bater no braço e chamava a atenção do árbitro.

"A torcida pegar no pé é normal, mas aí começaram com palavras racistas, como 'preto fedido' e 'cambada de preto'. Aparente até que começaram com o burlinho de macaco. Fico perno. Desculpe pela palavra, fico para com essas coisas", disse o goleiro, bastante emocionado, em entrevista à ESPN Brasil.

"Quando me chamaram de 'macaco', eu disse: 'boa noite, sim ou não', sim. Sempre teve alguns racistas no futebol. Está dando o recado para ficar sempre a par do sistema racista", completa.

As imagens da ESPN Brasil mostram os momentos de ofensas racistas no estádio.

Em uma delas, uma mulher grita a palavra "macaco". Em outra, um grupo de torcedores, alguns com as bocas tampadas para tornar difícil a leitura facial, fazem o burlinho de "ah, ah, ah", como imitação de um macaco.

Aranha deu entrevista à rede de televisão por uma vitória de 2 a 0 sobre o Grêmio.

O goleiro do Santos, chamado de "macaco" e "esta é gente racista" vindos de torcedores do Grêmio durante a vitória por 2 a 0 do time paulista, nesta quinta (29), em Porto Alegre, no jogo de ida das oitavas de final da Copa do Brasil.

Já o lateral Zé Roberto, do Grêmio, também pediu desculpas aos torcedores, mas disse entender que "isso vai salientando muita coisa porque está enraizada na sociedade. O racismo existe de maneira muito forte no Brasil".

IDENTIFICAÇÃO
O assessor de futebol do Grêmio, Marcos Chelidze, afirmou que o clube irá usar vídeos para identificar agressores.



Aranha, do Santos, estremece para o árbitro ao ouvir ofensas vindas da torcida do Grêmio



Torcedores do Grêmio grita "macaco" para Aranha na derrota para o Santos, em Porto Alegre



Torcedores grêmistas, inclusive negros, imitam macaco em direção ao santista Aranha

OUTROS CASOS EM 2014 NO BRASIL: EXTERNO

12.lev Tinga foi alvo de racismo por Casca contra o Real Garcilago, no Peru, pela Libertadores. Quando o volante tocou na bola, a torcida adversária fez gestos e sons de macaco. O clube peruano foi punido pela Conmebol com multa de US\$ 12 mil (R\$ 27,8 mil).

5.mar O árbitro Márcio Chagas do Sina foi xingado de macaco por torcedores do Esportivo (então Brancos), em Bonaerópolis, após o jogo Santos x Grêmio. Torcedores disseram também ao jogador. O Esportivo pediu uma multa de R\$ 30 mil.

6.mar O atacante Aranha, do Santos, foi atingido de macaco pela torcida do Mogi Mirim, no interior, pelo Brasileirão. O jogador foi identificado e punido com multa de R\$ 50 mil.

30.mar Na final do Grêmio, o jogador Paulo, do interior, foi atingido de macaco. Ele encanou o torcedor grêmista que o atingiu e apalpicou o rosto do jogador. O torcedor ficou após ser castigado.

27.abr Daniel Alves, do Barcelona, comemorou a vitória em campo por um torcedor de Vila Rica, pelo Brasileirão. O jogador foi identificado e punido com multa de R\$ 50 mil.

30.abr Na final do Grêmio, o jogador Paulo, do interior, foi atingido de macaco. Ele encanou o torcedor grêmista que o atingiu e apalpicou o rosto do jogador. O torcedor ficou após ser castigado.

30.abr Na final do Grêmio, o jogador Paulo, do interior, foi atingido de macaco. Ele encanou o torcedor grêmista que o atingiu e apalpicou o rosto do jogador. O torcedor ficou após ser castigado.

GRÊMIO	SANTOS
1. Renato Góes	Aranha
2. Meil	Castro
3. Helder	Schuster
4. Beraldo	Chagas
5. G. S. (M. Marinho)	Alves
6. M. (M. Marinho)	Alves
7. M. (M. Marinho)	Alves
8. M. (M. Marinho)	Alves
9. M. (M. Marinho)	Alves
10. M. (M. Marinho)	Alves
11. M. (M. Marinho)	Alves
12. M. (M. Marinho)	Alves

Figura 21 Capa Esporte 30/08/2014

VOLTA DE SÃO PAULO
Quarta, 27/08 14h30 (TV GLOBO, R\$ 10)

esporte

Após atos racistas, STJD adia 2º jogo entre Santos e Grêmio

COFA DO BRASIL Partida só acontecerá após julgamento da equipe gaúcha.

ACESSO
R\$ 100 (R\$ 100)

O STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) adiou a partida entre Santos e Grêmio, marcada para a próxima quarta (3), na Vila Belenense. A decisão foi tomada nesta sexta (27), um dia depois do primeiro jogo das oitavas da Copa do Brasil, em que o goleiro Aranha, do Santos, alimentou o clima de tensão do "porto-folado" e "mascara" entre os dois clubes.

O segundo confronto, que deveria ser para as 19h30, vai acontecer só quando for conhecido se haverá punição ao clube gaúcho.

"Tribunais desportivos não têm o poder de suspender o jogo antecipado", disse o presidente do STJD, César Cesar Rocha Vieira. Caso a decisão sobre a eventual punição ao Grêmio dependa para ser tomada após o segundo jogo, a distribuição talvez resultasse em não jogar dois jogos ao invés de um, o que prejudicaria a competição - o time já poderia estar eliminado.

O pedido de adiamento da partida foi feito por Paulo Schmidt, procurador geral do STJD. "Estamos cercados contra o tempo para fazer a punição", disse ele à Folha. Mas antes de apresentar a.

O Grêmio será acusado de "atos discriminatórios" relativos a uma premissa em razão da raça". Pode ser excluído da Copa do Brasil.

"No caso, o CBF (Confederação Brasileira de Futebol) deve pagar multa de R\$ 100 mil e perda de três pontos na competição", explicou. Caso isso não seja considerado a punição, será eliminado.

Em Porto Alegre, o Grêmio venceu por 2 a 0, na Vila Belenense, o último jogo de times em sua desclassificação.

Seu julgamento acontecerá no após o segundo jogo, que levará a classificação dos Santos, o ribeirão paulista) apenas após os atos racistas no fim de Foz de Iguaçu.

Segundo o presidente do STJD, todos os governos, incluindo os estaduais, devem ser notificados pelo STJD "no máximo de 20 dias".

O Santos defendeu que o resultado não seja considerado uma punição e que a culpa seja atribuída apenas aos jogadores.

"Também queremos a expulsão do Grêmio em função do segundo jogo a ser jogado", disse o presidente do clube paulista, Celso Rodrigues.

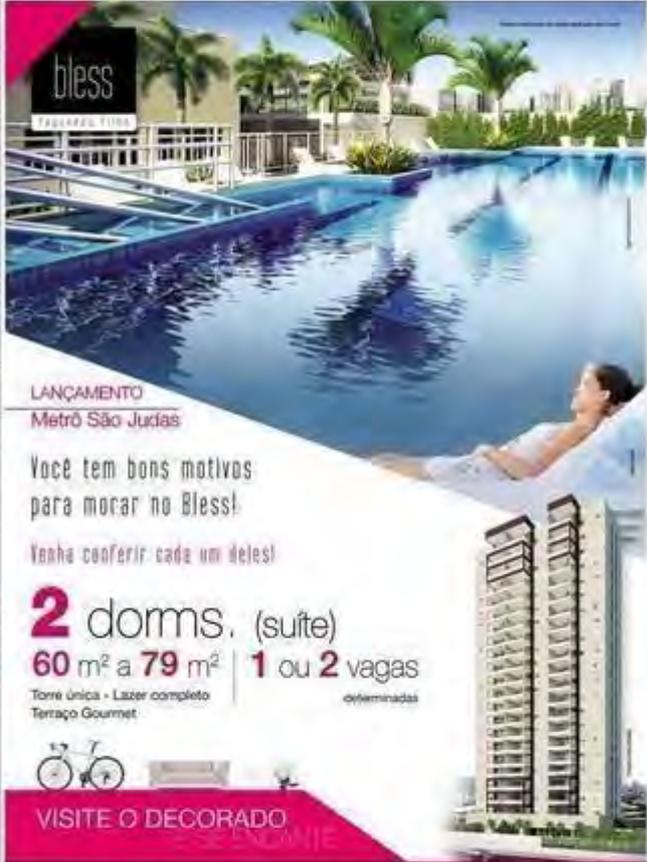
ARBITRAGEM
No resultado da última partida, após o jogo, Aranha estava abalado.

"Não é a primeira vez que passo por isso, mas queria que fosse a última", disse em reportagem.

O técnico Oswaldo de Oliveira revelou preocupação com a possível desclassificação do Santos se ele perder o primeiro jogo da partida de ida eliminatória (3), contra o Botafogo. O goleiro disse que estava bem.



COLEIRO DO SANTOS, ARANHA DEIXA HOTEL EM PORTO ALEGRE



LANÇAMENTO
Metrô São Judas

Você tem bons motivos para morar no Bless!

Venha conferir cada um deles!

2 domos, (suíte)
60 m² a 79 m² | 1 ou 2 vagas

Torre Única - Lazer completo
Terraço Gourmet

VISITE O DECORADO
ESPERANJE

O MELHOR DA FAGUNDES FILHO ao lado da padaria Dona Deólia
Av. Fagundes Filho, 825 | www.blessfagundesfilho.com.br

Informações: **3581-0000**

PLAY **ARCH**

1 NADA MAIS na pág. 81

50 Espere que as lés sejam rompidas

50000 pontos de pontos - até 100 pontos

Figura 24 Capa Esporte 05/09/2014

FOLHA DE SÃO PAULO
 13 de setembro de 2014 - quinta-feira - R\$ 1,00

esporte

EXERCIÇO - Como Diego, em uma partida, o jogador do Brasil jogou a bola para fora.

FÁBIO SEIXAS - Foi o dono de uma parte final de campeonato inimitável. Pág. B13

Gremista nega intenção de ofender Aranha e afirma sofrer ameaças

RACISMO Segundo polícia, Patrícia alega que gritos de "macaco" são usuais e não visavam goleiro

FERRARIAS CÂNDIDA
 (Folha de São Paulo) - Patrícia Rêgo, 22, gremista do Grêmio de futebol feminino, nega intenção de ofender o goleiro Aranha, em episódio que virou assunto durante a partida de ontem no Estádio do Morumbi, em São Paulo. Patrícia alega que gritos de "macaco" são usuais e não visavam o goleiro. Segundo a polícia, ela afirmou que não queria ofender ninguém.



Chamada, Patrícia Rêgo, 22, chega à delegacia em Porto Alegre para depor sobre episódio ocorrendo a goleiro Aranha.

Apesar de não ter sido formalmente acusada de racismo, Patrícia afirmou que não queria ofender ninguém. Segundo a polícia, ela afirmou que não queria ofender ninguém. Segundo a polícia, ela afirmou que não queria ofender ninguém.



Integrante do movimento social foi chamada em frente à delegacia em que Patrícia depois.

46 Ela diz como a torcida estava falando "macaco", ela também profetizou. Mas a questão não é especificamente ofender a boca daquele goleiro.

REPERCUSSÃO PELO MUNDO
 Jornais estrangeiros comentam a partida de ontem por suas torcidas.

- ARGENTINA** - Eliminado por racista. Torcida do Grêmio foi acusada de racismo.
- BRAZIL** - Polêmica. Gremista acusado de racismo.
- FRANÇA** - Torcida excluída por racismo.

Brasil enviou a mensagem certa, diz Blatter

O presidente da Fifa, Joseph Blatter, elogiou o Brasil por enviar a mensagem certa, dizendo que o Brasil enviou a mensagem certa, dizendo que o Brasil enviou a mensagem certa, dizendo que o Brasil enviou a mensagem certa.

Recurso do Grêmio será julgado em duas semanas

O Conselho do Grêmio de Futebol Feminino decidiu recorrer a Justiça para anular a decisão de suspender a gremista Patrícia Rêgo por racismo.

PUNIÇÕES NO MUNDO
 Na exterior, casos não receberam repercussão.

- ARGENTINA** - Torcida excluída por racismo.
- BRAZIL** - Polêmica. Gremista acusado de racismo.
- FRANÇA** - Torcida excluída por racismo.

Figura 25- Capa Esporte 07/09/2014



Figura 26- Capa Esporte 11/09/2014

Pelé diz que Aranha 'se precipitou' ao confrontar torcida por racismo

POLÊMICA Ex-jogador afirma que preconceito deve ser coibido, mas não em lugares públicos

LUÍZA FRANCO
DO RIO

Para Pelé, 73, o goleiro Aranha, do Santos, "se precipitou" ao contestar torcedores do Grêmio que o chamaram de "macaco" e imitaram o animal durante partida da Copa do Brasil, em Porto Alegre, no último dia 28.

O ato de racismo da torcida foi punido pelo STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) com a expulsão do time gaúcho do torneio.

"Aranha se precipitou um pouco em querer brigar com a torcida. Se eu fosse parar o jogo a cada vez que me chamassem de macaco ou crioulo, todo jogo teria que parar. O torcedor, dentro de sua animosidade, ele grita", disse o ex-jogador, ídolo do Santos e da seleção brasileira.

"Acho que temos que coibir o racismo, mas não é em um lugar público que vai coibir", adicionou Pelé.

As declarações foram dadas durante um evento da Shell, que inaugurou um campo de futebol onde pla-

cas instaladas no gramado transformam energia cinética em energia elétrica.

O ex-jogador citou o caso de racismo envolvendo o lateral direito Daniel Alves, do Barcelona. Em abril, durante um jogo do Campeonato Espanhol, um torcedor do Villarreal atirou uma banana no campo quando o jogador esperava para bater escanteio.

A reação do lateral foi pegar a fruta do chão e comê-la. O agressor, torcedor do Villarreal, foi identificado e proibido de entrar no estádio do time pelo resto da vida.

"Se o Daniel pegasse a banana e a jogasse de volta no público, até hoje estaríamos falando nisso. Quanto mais atenção der para isso, mais vai agüçar", afirmou o ex-jogador, sobre aquela reação.

Pelé afirmou ainda que é preciso coibir o racismo e a discriminação contra pobres. Mas disse que é necessário ter cuidado ao fixar punição para o time envolvido.

"Acho que o futebol tem que tomar cuidado em respeito a essas ações. Imagina: eu,

sendo Santos, meter a camisa do Corinthians e gritar um monte de coisa, racismo, para prejudicar o Corinthians."

NEYMAR CAPITÃO

Pelé também se mostrou contrário à decisão de Dunga, técnico da seleção, de transformar Neymar em capitão.

"Vamos colocar outro, assim vamos ficar com dois capitães. Se o Neymar já é uma referência, o capitão poderia ser outro. Poderíamos ter dois homens para que o árbitro pudesse respeitar", disse.

Pelé comentou também a nova gestão da seleção sob a tutela de Dunga, e declarou que deve-se ter cautela sobre a influência de empresários na escalção do time.

"Conheço ele [Dunga] pessoalmente, sei da seriedade. Precisamos ter mais consciência para formar a seleção. Nos últimos anos, embora tivesse os melhores jogadores, a seleção sempre dependeu de empresários."

LEIA MAIS sobre o jogo do Santos pelo Brasileiro na pág. D3



Pelé inaugura campo no morro da Mineira, no Rio de Janeiro

SAIBA MAIS

Embora pouco fale de racismo, Pelé já foi vítima

DE SÃO PAULO

A imagem de Pelé nunca esteve associada à luta contra o racismo no futebol. Ao longo das últimas décadas, ele tem procurado evitar o tema ou tratado a questão racial como um assunto secundário.

Mas o ex-jogador já foi alvo de ofensas raciais. O caso mais conhecido ocorreu na final da Libertadores de 1963, em Buenos Aires, entre Santos e Boca Juniors. Na ocasião, o Rei do Futebol foi chamado pelos torcedores argentinos de "negro sujo" e "macaco".

"Ao entrar em campo a torcida do Boca cantava 'los macaquitos de Brasil', 'los macaquitos de Brasil' para desestabilizar a gente", disse Pelé, em 2012.

O ex-jogador já relatou que durante as turnês do Santos pelo exterior era comum ouvir ofensas de cunho racista ao elenco.

Segundo Pelé, os jogadores negros do Brasil também eram ofendidos na Suécia durante os jogos da Copa de 1958, ano do primeiro título da seleção.

Figura 27- Capa Esporte 19/09/2014

Após vaias, Aranha critica torcida gaúcha

BRASILEIRO Desta vez, goleiro do Santos não sofreu ofensas raciais dos gremistas, mas reclamou de hostilidade

FERNANDA CANOFRE
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, DE PORTO ALEGRE

Não foram ouvidas ofensas raciais, mas vaias, muitas vaias. E o goleiro Aranha, apesar de ótima atuação em campo, deixou Porto Alegre mais uma vez chateado.

Grêmio e Santos empataram num jogo sem gols, na noite desta quinta (18), mas a lembrança da partida da Copa do Brasil de 21 dias atrás, quando ele foi chamado de "macaco" por vários torcedores, esteve presente o tempo todo no novo confronto, desta vez pelo Brasileiro.

"Sempre procuro respeitar o adversário, a torcida. É triste [que aconteçam as vaias], parece que eles concordam com tudo o que aconteceu [injúrias raciais]. Tenho de fazer minha parte. Estou tranquilo, sou profissional. Mas que é triste, é triste", afirmou ele no intervalo do jogo.

O goleiro começou a ser vaiado e xingado (alguns torcedores gritavam "veado") antes da partida, quando ele foi ao gramado para fazer o aquecimento.

Enquanto Aranha se preparava em meio aos apupos, a banda da Polícia Militar do Rio Grande do Sul executava músicas de Lupicínio Rodrigues, compositor negro, autor do hino do Grêmio.

Com o jogo rolando, as vaias aumentavam sempre que o goleiro tocava na bola.

Imagens de TV mostraram que o Grêmio se precaveu para impedir que surgissem novas ofensas raciais, com seguranças pedindo calma aos torcedores mais exaltados.

O hino gaúcho foi eliminado



Torcedores do Grêmio em manifestação contra o goleiro santista Aranha durante a partida disputada na noite de quinta

do da Copa do Brasil devido às injúrias raciais dirigidas ao goleiro. A torcedora Patrícia Moreira, flagrada chamando-o de "macaco", está sob investigação policial.

'HIPÓCRITAS'

Depois do jogo, Aranha manteve as críticas aos torcedores gremistas.

Um repórter perguntou se ele havia percebido algo incomum nas manifestações da torcida, pergunta que o deixou claramente contrariado.

"Não ligo para vaia, mas não temos que ser hipócritas. Todo mundo sabe que a vaia hoje foi diferente, por tudo que aconteceu no outro jogo", afirmou o goleiro.

Responsável pela investi-

gação do caso de racismo, o comissário Lindomar Souza, da Polícia Civil, esteve na Arena do Grêmio e classificou o comportamento da torcida nesta quinta como tranquilo. "É teve vaia, mas não foi ofensivo. Vaia é coisa do jogo", afirmou à **Folha**.

O MELHOR EM CAMPO

As defesas de Aranha garantiram o empate em jogo em que o Santos se postou bem defensivamente. Foi ele o melhor em campo. Mas o time esteve mal no ataque.

O Grêmio teve mais domínio do jogo, mas tampouco conseguiu concluir com eficiência. Assim, o Santos ficou com 30 pontos (9º lugar), e o Grêmio (5º), com 36.



Aranha em ação mais uma vez contra o Grêmio na Arena

GRÊMIO		SANTOS	
6	Marcelo Grohe	Aranha	7
6	M. Rodriguez	Cícinho	6
5,5	(Walace)	Edu Dracena	6,5
6	Pedro Geromel	David Braz	6
6	Rhodesillo	Zé Carlos	5,5
5,5	Pará	Arcia	5
4,5	Felipe Bastos	Souza	5
5,5	(Ribeiro)	Lucas Lima	5,5
5	Ramiro	(Alan Santos)	-
5,5	M. Biteco	Gabriel	4,5
6	Luan	(Stéfano Yuri)	5
-	(Fernandinho)	Ribinho	6
6	Duda	L. Danilo	4
5	Lucas Coelho	(Gevânio)	4
5	T. Luiz F. Scolari	T. E. Moreira	5

Estádio: Arena do Grêmio, Porto Alegre
Árbitro: Ricardo Marques Ribeiro (MG)
Renda: R\$ 488.563
Público: 18.904 pagantes

“Deu pra perceber o pensamento do torcedor gremista [referindo-se às vaias]. Tem muitos se manifestando contra a minha atitude [de avisar sobre as ofensas raciais], mas muita gente sofreu pra que houvesse uma lei para punir casos assim. A punição serve para ensinar

ARANHA
Goleiro do Santos

Figura 28- Capa Esporte 19/10/2014



FOLHA DE S. PAULO
DOMINGO, 19 DE OUTUBRO DE 2014 D1

JUCA KFOURI
Vitórias recentes da seleção merecem ser comemoradas
pág. 37

JUDÔ
Nascido e criado no Japão, filho de dekassegus defende o Brasil
pág. 56

esporte

MINHA HISTÓRIA ARANHA

NÃO ME ARREPENDO

O goleiro de Santos durante entrevista no CT do Santos

Goleiro diz que seus filhos foram xingados de **macaco** na escola após episódio em que ele denunciou ato racista em estádio, mas afirma que faria tudo outra vez

Depoimento a

PAULO PASSOS
ENVIADO ESPECIAL A SANTOS

Já tinha sido chamado de macaco muitas vezes em jogos, mas nunca reagi daquela maneira como fiz contra o Grêmio. A gente releva as coisas porque é cobrado para ser profissional. E ser profissional é ouvir, fazer o seu trabalho e ir embora.

Muitas vezes a gente deixa passar batido, não dá importância para as ofensas raciais.

No jogo contra o Grêmio, eu estava muito tranquilo. Tudo mudou no momento em que fui até o árbitro. Eu relatei que estavam me chamando de macaco. Ele respondeu que eu estava provocando a torcida do Grêmio.

Quando fiquei de frente para os torcedores novamente, eles comemoraram. Se sentiram livres para poder continuar. E, por isso, eu fiquei irado, com raiva. O sentimento foi de ódio mesmo.

Eu vi lá que tinham negros me xingando e concordando. Podia ter ido embora. Agora seguir ali e concordar com aquela situação é burrice.

Na hora em que tudo aquilo aconteceu, eu pensei que alguém poderia ter filmado, que teria provas. Eu sabia que alguns não iriam entender, mas muita gente me apoiaria.

Algumas reações depois do jogo, que até hoje acontecem, incomodaram muito mais do que os gritos de macaco no dia. Várias mensagens que recebi. E-mails, ligações, gente xingando. Se você procurar na internet, tem termos racistas em páginas do Facebook com a minha foto.

Quê questionamentos sobre o meu apelido até. Assumo Aranha, por que não macaco? Não é a mesma coisa. Porque quando chama o negro de macaco isso vem lá de trás. Porque o negro não era visto como ser humano, gente. Isso só por ser negro.

Quando éramos escravos, não podíamos revidar, discutir. Não havia lei para nos defender. O certo era ouvir e não falar nada porque assim não apunha. Não vou discutir para não ir para o tronco. Não vou nem olhar para a cara da pessoa que me ofende.

Vai continuar existindo racismo se a gente seguir se acordando ou sendo passivo. Para poder manter o emprego, para poder estar inserido na sociedade, no grupo de amigos.

Muitas vezes até o negro tem atitudes racistas sem saber que é. Quando? Quando é xingado e ele não revida, não digo na violência, mas com a lei. Quando concorda

“ Eu não digo que o Brasil é um país racista, mas é um país que carrega um vício antigo. Foi o último a abolir a escravidão, então talvez a gente demore mais para se desvinciliar de tudo o que aconteceu.”



Aranha reclama dos torcedores em jogo em Porto Alegre

“ Eu vi que tinham negros me xingando e concordando com isso na arquibancada. Podia ter ido embora, sair de perto. Agora seguir ali e concordar com aquela situação é burrice”

com certas piadas de mau gosto, ele está sendo racista!

RAP

Comecei a entender, a ter conhecimento das coisas por meio do rap.

Em Pouso Alegre (MG), na minha cidade, ouvia um cara de São Paulo falando nas músicas sobre os mesmos problemas que eu vivia. Ouvia Racionais, Consciência Humana e Thaíde & DJ Hum.

Tem aquelas situações como estar andando numa calçada e uma pessoa vem na sua direção e troca de calçada. Ou segura a bolsa.

Isso é uma atitude racista e acidentia.

O mais impressionante é que eram pessoas pobres, que estavam no mesmo contexto que eu. Você vê que é um vício antigo. A pessoa é branca, mas nem por isso ela tinha mais ou menos do que eu.

“ Meus filhos foram xingados de macaco na escola. É difícil porque você tem que ensinar o seu filho a não revidar, a não ser violento. Mas como você vai ensiná-lo a aceitar isso? Eu não posso deixar ele aceitar. Se eu fizer isso, não será um bom pai”

eu. Mas ela não enxerga isso, é claro que eu não reagia sempre. A gente tem que usar a inteligência. Se você não pode provar, tem que pesar. Mas é errado. Mesmo que não consiga provar, tem que marcar posição, você mostra para todo mundo que ninguém

vai repetir a atitude e ficar por isso mesmo. Eu não digo que o Brasil seja um país racista, mas é um país que carrega um vício antigo. Foi o último a abolir a escravidão, então talvez a gente demore mais para se desvinciliar de tudo o que aconteceu. Está diminuindo, mas continua. A gente precisa se manifestar contra o racismo para a pessoa saber que, se ela falar, será punida.

Ouvi que o Grêmio é racista. Não tem isso! Quando eu estivo na Ponte Preta, ouvia muito que era o clube dos negros e o Guarani, dos brancos. Mas isso veio porque an-

tes nenhum tinha negros. Os clubes eram só para brancos. Depois, os negros foram entrando. Alguns aceitaram antes que os outros, mas todos começaram só com brancos. É uma coisa só de quem começou primeiro.

PERDÃO

Desde que aconteceu o caso, houve uma pressão da mídia para que eu pedisse a Patrícia [Moreira, torcedora grenista flagrada proferindo insultos racistas para o goleiro]. Acho que não tinha nada a ver me encontrar com ela.

Como se o meu perdão fosse salvá-la. Não! Ela sabe o que é certo e errado. Ela disse besteiras nas três vezes em que falou. Ela errou, mas já disse que não é racista. Todo mundo sabe que ela não é, mas teve uma atitude que pode influenciar muita gente. Por isso vai ser punida.

O meu perdão a Patrícia teve desde aquele dia. Mas ela deixou a coisa crescer. Em vez de melhorar, de pedir desculpas, de falar que errou, ela tornou a situação pior ao não se manifestar. Falou depois orientada pela advogada. Não sabia o que falar.

RESUMO Foi ouvindo rap na adolescência, em Pouso Alegre, interior de Minas Gerais, que Mario Lúcio Duarte Costa começou a se interessar pela temática de combate ao racismo. Outro som, os gritos que remetiam a urros de macacos vindos da arquibancada da Arena do Grêmio, é que o levaram a agir contra o que lhe indignava há muito tempo. Aranha denunciou os torcedores no arbitro da partida, registrou uma ocorrência policial e se viu no meio de uma polêmica.

tes nenhum tinha negros. Os clubes eram só para brancos. Depois, os negros foram entrando. Alguns aceitaram antes que os outros, mas todos começaram só com brancos. É uma coisa só de quem começou primeiro.

PERDÃO Desde que aconteceu o caso, houve uma pressão da mídia para que eu pedisse a Patrícia [Moreira, torcedora grenista flagrada proferindo insultos racistas para o goleiro]. Acho que não tinha nada a ver me encontrar com ela.

Como se o meu perdão fosse salvá-la. Não! Ela sabe o que é certo e errado. Ela disse besteiras nas três vezes em que falou. Ela errou, mas já disse que não é racista. Todo mundo sabe que ela não é, mas teve uma atitude que pode influenciar muita gente. Por isso vai ser punida.

O meu perdão a Patrícia teve desde aquele dia. Mas ela deixou a coisa crescer. Em vez de melhorar, de pedir desculpas, de falar que errou, ela tornou a situação pior ao não se manifestar. Falou depois orientada pela advogada. Não sabia o que falar.

FILHOS

Meus filhos receberam muitas mensagens ruins depois do caso. Eles foram xingados de macaco. Houve isso na escola.

É difícil porque você tem que ensinar o seu filho a não revidar, a não ser violento. Mas como ensiná-lo a aceitar isso? Não posso deixar ele aceitar. Se eu fizer isso, não será um bom pai. Conversei com a diretora, e ela disse que ia chamar a atenção, mas ficou por isso mesmo. Mesmo com essas consequências, não me arrependo da minha atitude.

Para cada pessoa que foi contra o que eu fiz, milhares se posicionaram a favor. Recebi carinho na rua. Eu vi que muita gente tinha coisa guardada, carregava isso dentro dela e tinha vontade de colocar para fora e precisava que alguém desse uma saculada nesse assunto, dando força para fazer isso.

Se chegou a ponto que está hoje, em que o negro convive com a normalidade, é porque muita gente apunha. Muita gente morreu, sofreu. Teve muita luta para que eu pudesse ser ouvido hoje.

Antes isso não existia. Porque a gente não era ser humano. Vai dar entrevista, vai ter carro? Não!

A partir do momento em que as pessoas começam a enfrentar, vai ser contido. Não sei se vai deixar de existir, mas vai diminuir.

Figura 29 – 14/04/2005- D5 Esporte

D 5 quinta-feira, 14 de abril de 2005 ESPORTE FOLHA DE S. PAULO

Argentino é enquadrado por ofensa racista

DA REPORTAGEM LOCAL

O jogo entre São Paulo e Quilmes terminou em caso de polícia no Morumbi. O delegado Osvaldo Gonçalves enquadrado o jogador argentino Desbatto por crime de injúria qualificada, e a confusão tomou conta do gramado do estádio. Após empurrar-empurrar nos vestiários, Desbatto foi levado para o 34º DP para prestar depoimento. Grafite se dirigiu à delegacia e também foi ouvido. "O Grafite está chorando. Ele [Desbatto] o chamou de negro e outras coisas", declarou o delegado, que decidiu manter o argentino preso. Hoje, ele pode ser liberado mediante fiança. No lance em que foi ofendido pelo rival, Grafite foi expulso no final do primeiro tempo. Para o técnico Emerson Leão, agora que o caso tem um rumo infelício, não pode ficar pelo caminho. "Se é certo, agora tem que ir até o final. Na primeira vez sempre tem problema, mas uma providência terá que ser tomada", disse o treinador. O zagueiro Fábio disse que a atitude racista, que tem sido comum na Europa, dos jogadores argentinos precisa ser coibida. "Aconteceu na Argentina e não deu em nada. Agora eles fizeram isso de novo e se deram mal. Esse foi só o primeiro passo", afirmou ele. Segundo o presidente do clube, Marcelo Portugal Gouveia, a atitude do seu atleta está correta. "Recebi uma carta com pedido de desculpas após os acontecimentos na Argentina sobre problemas de racismo e aceitei. Mas agora aconteceu de novo", afirmou o dirigente.

FUTEBOL Time supera o argentino Quilmes por 3 a 1, mantém alta média de gols e fica em boa situação na Taça Libertadores

São Paulo esbanja gols e vai à liderança

DA REPORTAGEM LOCAL

De novo, o São Paulo esbanjou gols. E com eles atingiu a liderança do Grupo 3 da Libertadores. O time bateu o argentino Quilmes no Morumbi por 3 a 1, ontem, chegou aos 8 pontos, um a mais que a Universidad do Chile, e está próximo dos mata-matas. As duas equipes jogam na semana que vem, em Santiago. Ontem, quase 60 mil torcedores viram novamente sua equipe ser a contraposição perfeita para o placar que marca o atual campeão continental. Se o Once Caldas já tinha registrado três 0 a 0 até ontem no torneio, o São Paulo anima a disputa com média de cinco tentos por confronto.



Figura 30 – 15/04/2005- A6 Primeiro Caderno



A ex-ministra Benedita da Silva visita a Casa dos Escravos em Dacar

Benedita reaparece e diz não ter mágoa

DO ENVIADO A DACAR

Demitida pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2004, a ex-titular do então Ministério da Assistência Social, Benedita da Silva (PT-RJ), integrou a comitiva da viagem presidencial a cinco países africanos nesta semana. Ontem, em Dacar (Senegal), a ex-ministra e ex-governadora do Rio disse que vai disputar as prévias petistas para o Senado, em 2006, e que não tem mágoa do presidente. Porém, disse que nunca conversou pessoalmente com

Branco não punem o racismo, diz ministra

DO ENVIADO A DACAR

Titular da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, a ministra Matilde Ribeiro, 44, diz que não haverá punição pelo racismo no Brasil enquanto apenas os brancos estiverem no comando da Justiça. Segundo ela, vai demorar "algum tempo" para o Brasil se tornar um país exemplar na questão racial. A seguir, trechos de sua entrevista à **Folha**, ontem, em Dacar (Senegal). (EDS)

★

Folha - O que significa o pedido de perdão do presidente?
Matilde Ribeiro - Eu acredito que tem um efeito simbólico. Porque, na verdade, temos de produzir políticas públicas, inclusive no Brasil, para garantir um intercâmbio lá e cá. O perdão é uma forma de mostrar a gratidão com o investimento que a África fez no Brasil. Os nossos antepassados trabalharam de graça, sob a chibata, e construíram o Brasil.

Folha - E a questão do racismo no Brasil? Já é exemplar?
Matilde - O exemplar teria sido,

logo após a abolição da escravidão [1888], os negros livres terem sido incorporados como cidadãos de direito, com acesso a políticas públicas. Passaram-se 116 anos, e ainda não temos isso. Mas estamos trabalhando para buscar uma saída para incluir os negros.

Folha - E a punição pelo racismo?
Matilde - Do ponto de vista legal, temos uma legislação que pode ser considerada bastante avançada. O fato de o racismo ser considerado crime é um marco importante. Agora, a aplicabilidade disso não é cotidiana. Não há uma consciência tanto dos negros que sofrem o racismo como dos brancos, que praticam o racismo, que racismo é crime e dá cadeia.

Folha - Há uma descrença?
Matilde - Veja, até você provar que um ato discriminatório é racismo, a pessoa desiste, pois é considerado como injúria. É considerado como qualquer coisa, menos racismo, justamente porque quem julga são os brancos. Quem julga são as pessoas que manejam a lei. Então, entre uma caracterização de um crime deste tipo como injúria ou crime racial tem uma distância muito grande.

FUTEBOL Em entrevista à Folha, técnico corintiano afirma que seu país é multirracial, exalta Tevez e diz não conhecer Robinho

Passarella vê Argentina de todas as raças

EDUARDO ARRUDA
DA REPORTAGEM LOCAL

O argentino Daniel Passarella, 51, disse que seu país não é racista, mas multirracial, ao ser questionado sobre as ofensas feitas por seu compatriota, o zagueiro Desábato, do Quilmes, ao são-paulino Grafite. O técnico do Corinthians, em entrevista exclusiva à **Folha**, também disse que não conhece o santista Robinho, fez lobby para Carlitos Tevez voltar à seleção argentina e disse que pretende voltar a dirigir o time nacional.

Folha - O que você achou do título do zagueiro Desábato?
Daniel Passarella - É muito difícil

dar uma opinião. São coisas que acontecem dentro de campo, não sei o que aconteceu.

Folha - Esse problema tem acontecido com frequência...

Passarella - A Argentina não é um país racista, absolutamente. Depois da Segunda Guerra, recebeu muitos estrangeiros. Acredito que, proporcionalmente, é um dos países que mais têm estrangeiros. Somos todos descendentes de italianos, espanhóis, tem muita colônia alemã, há peruanos, bolivianos, paraguaios, chilenos, uruguaios e também brasileiros. Só que, em um jogo de futebol, a mentalidade está acelerada, se quer ganhar, mas é uma coisa momentânea pela pulsação alta, e não uma opinião definida do que

se está dizendo.

Folha - Quem assimila melhor a tática: o brasileiro ou o argentino?

Passarella - Os dois assimilam. Jogador brasileiro, argentino e uruguaio se destacam em relação ao resto do mundo. Estão mais acostumados a jogar com linha de três, linha de quatro, com muitas variações. Eles captam rapidamente o que quer o técnico.

Folha - Como é o Kia Jorabachian (presidente da MSI) em relação aos outros dirigentes com os quais você trabalhou?

Passarella - Sempre trabalhei com dirigentes mais velhos. Estou contente em trabalhar com o Kia e com o Corinthians. Ele é impetuoso. O Corinthians tem uma placa aqui, se você joga, está escri-

to "Deportivo ganhar". O Kia tem uma placa "Deportivo ganhar", ele quer ganhar e eu também.

Folha - Você já sabia que o Corinthians era assim?

Passarella - Eu sabia que o Corinthians era assim antes de vir. Que o objetivo é ganhar, ir à Libertadores e ganhar. Se não ganharmos a Copa do Brasil e, no Brasileiro, não nos classificarmos para a Libertadores, minha experiência no Brasil vai terminar. Mas eu gosto desse desafio.

Folha - Você tinha fama de ser um técnico muito rígido, disciplinador, mal-humorado. Mas aqui tem se mostrado bem diferente disso...

Passarella - Alguma coisa eu mudei. Creio que tem o aspecto sentimental, já que passei por

problemas familiares muito graves [as mortes do filho e do pai], mas no futebol não acredito que tenho mudado. Eu respeito todos, meus colaboradores, os reporteres, a torcida, só não gosto que não me respeitem. Quando não sinto o mesmo respeito da outra parte, aí sim sou difícil.

Folha - Você pretende voltar a dirigir a seleção argentina?

Passarella - Eu gostaria de voltar, mas tenho um problema. Se volto para trabalhar na seleção argentina, tenho que encontrar uma nova mulher. Vai ser um problema. Há 35 anos estou com a mesma mulher e ela não quer mais que dirija a Argentina.

Folha - E a seleção brasileira? Já passou pela sua cabeça?

Passarella - Não vai ser possível. Eu acredito que por muitos anos nenhum argentino vai dirigir a seleção brasileira, e nenhum brasileiro vai dirigir a seleção argentina. Pela rivalidade, seria muito difícil de acontecer.

Folha - Quais as diferenças entre técnicos brasileiros e argentinos?

Passarella - Não conheço muito os técnicos brasileiros. Os treinadores argentinos são capazes, têm boa formação. Tem uma quantidade enorme de argentinos que trabalham na Europa. O argentino se adapta muito ao que pede o ambiente do futebol.

Folha - O Tevez do Corinthians é o mesmo que jogava na Argentina?

Passarella - Carlitos é um jogador regular, atua sempre em um nível alto. Agora está jogando no futebol mais competitivo que há no mundo, o brasileiro, e se destaca. Carlitos é um jogador de seleção, me chama a atenção o fato de que não esteja sendo convocado para a seleção. Pela maneira de jogar, ele está merecendo. Ele não precisa que eu peça por ele, mas não tenho dúvida de que ele deve ser chamado no próximo jogo.

Folha - Quem é melhor: Tevez ou Robinho?

Passarella - Eu não conheço o Robinho, não posso fazer uma comparação. E as comparações não são boas. Posso falar de Carlitos porque estou próximo, sei como trabalha, é um jogador excepcional fisicamente, que estou feliz em trabalhar. Ele está entre os dois ou três melhores jogadores argentinos da atualidade.

Folha - Você já tem a dimensão do que é o Corinthians?

Passarella - Eu recebo elogios da gente do Corinthians, que dizem que estou trabalhando bem. Kia também afirma que está feliz com o meu trabalho. As pessoas têm me elogiado nas ruas. Ainda não estou totalmente integrado ao clube, mas estou caminhando bem para isso.

Folha - Era o que você esperava?

Passarella - Estou satisfeito, sinto-me muito bem. Para mim, quando decido trabalhar com uma equipe, existe uma possibilidade de se equivocar, mas não me equivocar. Estou convencido de que foi um acerto trabalhar no Corinthians. Está bom para mim, para a minha mulher, com a minha família. O pessoal da MSI e do Corinthians me deu muita responsabilidade, mas muito apoio também.

MEMÓRIA

'Macaquito' foi criado na guerra e cresceu na bola

DA REPORTAGEM LOCAL

O apelido de "macaquitos" dado pelos argentinos aos brasileiros surgiu na Guerra no Paraguai, na segunda metade do século 19.

Apareceu porque alguns batalhões de soldados brasileiros eram quase todos compostos por negros —isso em um país que ainda mantinha a escravidão.

Mas foi no futebol que o apelido pejorativo ganhou força. Nos primeiros confrontos entre as seleções de Argentina e Brasil, na primeira metade do século passado, torcedores argentinos imitavam macacos nas arquibancadas, o que chegou a causar a retirada do gramado dos jogadores brasileiros.

O termo ganha muitas vezes espaço na imprensa. Em 1996, quando ficou definido que a Argentina iria enfrentar Brasil ou Nigéria na Olimpíada de Atlanta, o diário esportivo "Ole" estampou a manchete "Que venham os macacos" —houve uma retratação depois.

Em praticamente todos os jogos envolvendo seleções brasileiras ou clubes do país na Argentina ocorrem imitações de macacos. Até dentro de campo aconteceram casos que contribuíram para aumentar a rivalidade —jogadores argentinos comemoraram gol em jogo das eliminatórias para a Copa-02 imitando macacos. (PC)

Figura 31- 15/04/2005 D6 Esporte

PAINEL FC

Raridade Casos como o de Desabato são poucos comuns. Em 2004, só quatro pessoas cumpriram penas em SP por crime de injúria qualificada, o mesmo que o argentino é acusado de ter cometido. Nos quatro, houve penas alternativas, não de reclusão.

Ex-amigos Antes da confissão, Grafite e Desabato trocaram cartas no jogo na Argentina. Depois, o zagueiro do Quilmes rasgou elogios ao brasileiro. "É um jogador muito forte e rápido".



Hermanos Torcedores do São Paulo se amontoaram em volta do 34º DP para hostilizar Desabato. Aos berros, chamavam o atleta do Quilmes de irmão de Ipez. Um dos irmãos do corinthiano está preso na Argentina.

Racismo cordial Não é só argentino que não vê racismo em frases preconceituosas. Pesquisa do Datafolha em 95 regiões que 89% dos brasileiros dizem haver racismo no país, mas só 10% dizem praticá-lo. 187% não acham racista a frase "Negro, quando não faz besteira na entrada, faz na saída".

Eco na capital O senador do PT-SP, presidente da Subcomissão de Igualdade do Senado, acionará o Ministério da Justiça no caso Desabato. O senador pedirá que seja encaminhado um projeto formal ao governo argentino. Precisa do voto de Lida.

Herói O Senado aprovou ontem um voto de solidariedade e louvou a Grafite por ter feito a denúncia. Ele será convidado em 13 de maio, Dia da Abolição da Escravidão, para participar de um debate sobre racismo na casa.

Cumprimento Após o caso, a Comissão de Direitos Humanos da OAB irá propor projeto de lei para punir times que tiverem atletas envolvidos por crime de racismo.

Alívio A definição da Guatemala como adversária do Brasil no próximo dia 27 evitou um atrito de integrantes da comissão técnica da seleção brasileira com a cúpula da CBF. Eles temiam passar pelo constrangimento de anunciar a convocação sem saber qual seria o rival.

Tão perto, tão longe As informações do Ministério Público-SP levam a crer que a MSI está no Brasil só para lutar por dinheiro, mas não prova isso. A comprovação será muito difícil. A análise é de um especialista no assunto que teve acesso aos dados compilados pelo órgão.

Indubitável Apesar da dificuldade em produzir provas, os promotores são diretos. "Quem toma contato com as obscuridades da parceria se torna cínico ou inconformado", disse Roberto Porro.

Empate O relatório do Ministério Público sobre a parceria foi festejado pelos dois lados. A oposição corinthiana diz que o fato de o DP não ser encaminhado para a esfera federal, com indícios de lavagem de dinheiro, prova que ela estava certa. A situação fala que nada de concreto foi provado.

Barrados Conselheiros do Palmeiras reclamam que não são mais ouvidos pela diretoria de futebol. A ordem é do presidente Afonso della Monica. Eles querem sugerir contratações e dispensas. Mas o principal pedindo a demissão do técnico Gardinholo.

Cooperação Alexander Chernoz, diretor-geral do comitê da candidatura de Moscou aos Jogos de 2012, divulgou ontem no Rio um convênio com a cidade. Os russos levarão treinadores de futebol daqui para ensinar lá. Em troca, irão enviar técnicos de diversas modalidades olímpicas para cá.

@ - E-mail: painel.fc@folha.com.br

DIVIDIDA

De José Vicente, reitor da Universidade Zumbi dos Palmares e presidente da ONG Afrobrás, sobre o trabalho para ser feito, longe dos holofotes.

FUTEBOL Atacante afirma que irá repetir ação se for ofendido contra times do país

Grafite promete comandar um 'basta', agora no Brasil



O atacante são-paulino Grafite, que disse estar pronto para defender seus direitos dentro de campo, participa do treino de ontem

TONI ASSIS DA REPORTEAGEM LOCAL

O atacante Grafite quer abrir uma cruzada contra o racismo no Brasil e disse estar pronto para defender os seus direitos dentro de campo sempre que se sentir atingido na questão racial.

"Fiz o que devia ter sido feito. Procuro os meus direitos de cidadão. Ele [Desabato] me chamou de negro de merda e negão, e não tinha nada a ver com o lance. Se acontecer novamente um fato semelhante contra times brasileiros, paciência. Vou procurar os meus direitos", afirmou. Grafite disse ainda estar aberto a conversa com órgãos e movimentos ligados com a questão racial, e se coloca à disposição.

"Podemos sentar e conversar. O que eu quero fazer para ajudar, eu farei", completou o atleta. O jogador espera que esse incidente agora tenha um resultado positivo contra o racismo em todo o mundo. "Os jogadores brasileiros sofrem com o racismo na Europa e isso tem que mudar. Espero que tenha sido um caso". Ao falar do lance que originou a

ofensa e também a sua expulsão contra o Quilmes, o atacante lembrou o difícil momento que passou enquanto esteve no vestiário. "O Juvenal Juvêncio [diretor

de futebol] estava com uma delegação [Oswaldo Gentilini] e falou comigo. Disse que me apoiaria no que eu fizesse. Quando os companheiros desceram ao vestiário, eu

pedi desculpas e depois fui para a delegação para fazer a queixa." Já de cabeça fria, durante a coletiva de ontem no CT do clube, Grafite disse não ter nenhuma mágoa de Desabato pela ofensa, mas também afirmou que não voltaria atrás para retirar a acusação de delegacia.

"Não posso voltar atrás no que eu fiz. Isso tem que ter um basta. Vários jogadores brasileiros sofrem preconceito lá fora. Sei que ele [Desabato] está passando um momento difícil, deve ter família, mas precisa pensar bem na atitude que tomou. Aceito o pedido de desculpas, mas o que está feito, eu não vou mudar." O jogador são-paulino falou para o técnico do Quilmes, Gustavo Alfaro, bem que tentou demovê-lo da ideia de dar queixa enquanto aguardava a sua vez de depor na delegacia. "Ele ficou perto de mim, quis amenizar a situação, mas não voltei atrás na minha decisão", falou Grafite. E, na sua empreitada contra o racismo, o jogador ganhou o apoio do zagueiro Fabão. "Acredito que pode ser um portage inicial para que as coisas mudarem."

ter se preocupado com isso. "É normal quando as pessoas me chamam de Grafite. Não vejo nenhum problema." Problema mesmo o atleta só enxerga no caso de o São Paulo cruzar com uma equipe argentina nas próximas fases da Libertadores. "Vou ter problemas com o São Paulo", disse ele, que já fez três gols no torneio e voltou a falar que não tem nada contra o povo argentino. "O meu problema foi com o Desabato."

Já o presidente do clube, Marcelo Portugal Gouvêa, disse que o incidente vai ter uma repercussão positiva em âmbito mundial. "Isso serve de exemplo para o mundo inteiro. O racismo no Brasil não nos acateamos esse tipo de desafio", falou o dirigente. (R)

Atacante diz que seu apelido não é 'pejorativo'

DA REPORTEAGEM LOCAL

"Mais do que as palavras, o que vale mesmo são as maneiras como são ditas." Esse foi o discurso do atacante Grafite para isentar a conotação racista de seu apelido no futebol.

E ele deu um exemplo comum que acontece em seu local de trabalho, o campo, na coletiva de ontem. "Uma coisa é você falar: 'Oh, negão, vai com calma'. Outra é dizer: 'Oh, seu negão de merda'."

Para Grafite, o seu apelido nunca teve uma conotação depreciativa. Por isso, diz nunca

Argentinóis se dividem por ato de compatriota

DA REPORTEAGEM LOCAL

Os argentinos se dividiram na hora de avaliar se o zagueiro Leandro Desabato teve ou não uma atitude racista contra o atacante são-paulino Grafite.

Um dos principais jornais do país, o "La Nación" fez um enquete no seu site na internet em que o jogador do Quilmes foi condenado pela maioria.

Até as 20h de ontem, 4.992 pessoas haviam votado, sendo que 59,52% delas apontavam que Desabato havia feito um ato discriminatório —40,48% absolveram o jogador, que até

ontem era uma figura praticamente desconhecida nos grandes meios de comunicação de seu país. Outro jornal de prestígio da Argentina, o "Clarín", não foi tão direto, mas também fez uma enquete na internet.

O periódico portenho perguntou aos seus leitores se as expressões racistas no futebol são "folclore" ou se realmente são um problema. Entre os 688 votantes até a noite de ontem, 26% optaram pelo "folclore" e 44% se mostraram realmente preocupados.

Já o site oficial do Quilmes na rede mundial ficou recheado de mensagens de torcedores defendendo o jogador do time e com uma saravada de insultos racistas. Um deles escreveu que "não podemos ser presos por falar a verdade".

A REPERCUSSÃO NA INTERNET



O "La Nación" destacou a fase do zagueiro argentino. "Insultar é uma coisa comum na Argentina"

Jogador do Quilmes precisa pagar fiança para ser solto. Informou o diário "Clarín"

CONTRA-ATAQUE

Contra a dengue ou contra o time?

Não é raro um placar eletrônico ser usado para incentivar a torcida da equipe mandante.

Mas o contrário também já aconteceu —e em prejuízo da seleção brasileira.

Na Copa América de 1989, a Fênix Nova recebeu o grupo do Brasil na primeira fase.

Sob o comando de Sebastião Lazaroni, a seleção venceu a Venezuela por 3 a 1 na estreia. Mas saiu de campo vaiada porque o

treinador não escalava Charles, ídolo do Bahia.

Nos duelos seguintes, o Brasil só empatou com Peru e Colômbia e voltou a ser alvo de apupos.

Quando a equipe mais tinha dificuldade no gramado, olhou para o placar eletrônico e viu uma frase da campanha contra a dengue, que acabou incentivando ainda mais os críticos.

"É o fim da picada", estampou o placar do estádio baiano.

O QUE VER NA TV*

12h - Masters Series de Montecarlo
Tênis
Sportv - ao vivo

20h30 - Ribeirão Preto x Franca
Nacional masculino de basquete
Sportv - ao vivo

6h30 - Masters Series de Montecarlo
Tênis - Semifinal
Sportv - ao vivo

10h30 - Schalke 04 x Hamburgo
Alemanha de futebol
ESPN Brasil - ao vivo

12h30 - Liverpool x Tottenham
Inglaterra de futebol
ESPN Brasil - ao vivo

17h - Real Sociedad x La Coruña
Espanha de futebol
Band e ESPN Brasil - ao vivo

18h - Minas x Banepa
Superliga masculina de vôlei
Sportv - ao vivo

20h45 - São Bento x Matonense
Paulista de Futebol - Série A2
ESPN Brasil - ao vivo

21h - Cleveland x Washington
NBA
ESPN - ao vivo

22h10 - Brasil x Equador
Sub-Americano de futebol sub-17
ESPN Brasil - ao vivo

5h - Maratona de Londres
Atletismo
Sportv - ao vivo

9h30 - Masters Series de Montecarlo
Tênis - Final
Sportv - ao vivo

10h - Siena x Milan
Italiana de futebol
ESPN Brasil - ao vivo

12h - Villarreal x Betis
Espanhol de futebol
Band e ESPN Brasil - ao vivo

16h - Barcelona x Getafe
Espanhol de futebol
ESPN - ao vivo

20h30 - Brasil x Uruguai
Sub-Americano de futebol sub-17
ESPN Brasil - ao vivo

Para CBF, país dá exemplo

DA REPORTEAGEM LOCAL

O presidente da CBF, Ricardo Teixeira, disse ontem que o Brasil está dando um exemplo ao mundo ao punir o zagueiro argentino Leandro Desabato, do Quilmes, acusado de racismo pelo atacante Grafite, do São Paulo.

"No esporte, só há lugar para o entendimento e a contrarrituação entre as pessoas. As diferenças ficam por conta apenas dos confrontos nos gramados", afirmou o dirigente, que tem os cartões amarelos e vermelhos.

Até as 20h de ontem, 4.992 pessoas haviam votado, sendo que 59,52% delas apontavam que Desabato havia feito um ato discriminatório —40,48% absolveram o jogador, que até

ontem era uma figura praticamente desconhecida nos grandes meios de comunicação de seu país.

Outro jornal de prestígio da Argentina, o "Clarín", não foi tão direto, mas também fez uma enquete na internet.

O periódico portenho perguntou aos seus leitores se as expressões racistas no futebol são "folclore" ou se realmente são um problema. Entre os 688 votantes até a noite de ontem, 26% optaram pelo "folclore" e 44% se mostraram realmente preocupados.

Já o site oficial do Quilmes na rede mundial ficou recheado de mensagens de torcedores defendendo o jogador do time e com uma saravada de insultos racistas. Um deles escreveu que "não podemos ser presos por falar a verdade".

O "La Nación" destacou a fase do zagueiro argentino. "Insultar é uma coisa comum na Argentina"

Jogador do Quilmes precisa pagar fiança para ser solto. Informou o diário "Clarín"

PLACAR

FUTEBOL

Copa do Brasil
Oitavo-de-final - jogos de ida
Botafogo - Flamengo

Taca Libertadores
Jogos de ida
Grêmio - Atlético-PR

Grupos
Copa da UEFA
Quarta-de-final - jogos de volta

Basquete
NBA - Temporada regular
Ostonski - Washington

Hoje
Tottenham - Newcastle
Liverpool - Manchester United

Nacional masculino - 11 fase
Paraná - Goiás

Tênis
Masters Series de Montecarlo
2ª rodada

20h30 - Ribeirão Preto x Franca
Nacional masculino de basquete

6h30 - Masters Series de Montecarlo
Tênis - Semifinal

10h30 - Schalke 04 x Hamburgo
Alemanha de futebol

12h30 - Liverpool x Tottenham
Inglaterra de futebol

17h - Real Sociedad x La Coruña
Espanha de futebol

18h - Minas x Banepa
Superliga masculina de vôlei

20h45 - São Bento x Matonense
Paulista de Futebol - Série A2

TODA MÍDIA

NELSON DE SÁ

A impressão

GALVÃO BUENO já vinha desconfiado na narração, no primeiro tempo:

— Eles já xingaram lá, os jogadores, os torcedores do Quilmes xingaram o Grafite lá, com ofensas por ele ser negro, com termos racistas.

Final do primeiro tempo, ocorre o conflito. No “replay”, volta o locutor:

— Olha, tive a impressão... coloca de novo aquela imagem. Tive a impressão de que ele disse “negro” para o Grafite.

Mostram de novo:

— Lá, tá vendo?

Após a expulsão de Grafite, mais do narrador:

— O jogador que foi lá, que fez a ofensa, que foi racista, esse ficou no campo.

O repórter da Globo correu:

— O que ele te falou, Grafite, o jogador do Quilmes? Alguma coisa de cunho racista?

O brasileiro respondeu que não iria “nem comentar para não dar ênfase”.

Não precisava. A ênfase foi dada por Galvão Bueno por mais uma hora:

— É evidente, deu para ver no movimento labial. E já tinha acontecido na Argentina.

Final do segundo tempo, entra o delegado em campo e vai dizendo, às câmeras da Globo e aos argentinos:

— Vou levar até o distrito. Todo mundo viu, as televisões estão mostrando, tenho até ordem do meu delegado-geral.

E Galvão Bueno, orgulhoso como nunca:

— Exatamente. A gente mostrou na televisão, fiz questão absoluta de falar, deve ter chegado às autoridades.

★

Na madrugada, foi a vez de Milton Neves, da rádio Jovem

Pan, que saiu a cobrar do mesmo delegado, ao vivo, que não soltasse o argentino.

E assim o jogador do Quilmes passou a noite e o dia na delegacia, com Fátima Bernardes surgindo de tempos em tempos na Globo, dizendo:

— O zagueiro argentino Leandro Desábato está preso há mais de 17 horas.

Continuou assim pela segunda noite, em outro distrito. Na Record, enquanto isso, lá estava o delegado, ao vivo no estúdio, em mais entrevista.

★

Folha Online, BBC Brasil, Jovem Pan, Globo Online, além da própria Globo, passaram o dia à procura de mais provocação —ao menos alguma reação— da mídia argentina.

Não acharam muito. Num canal, um locutor chegou a criticar o zagueiro:

— Essa atitude é uma vergonha. Sem falar da derrota. Disso, então, nem falaremos.

Até o site do “Olé”, jornal de famosas edições racistas, foi contido, reproduzindo notícias e declarações.

Também os influentes “La Nación” e “Clarín”. Em enquetes durante o dia, os dois chegaram a identificar um apoio inusitado à punição: cerca de 60% “votaram” que foi, sim, “ato de discriminação” e que é correto “deter jogador por agredir rival com termos racistas”.

Mas a reação maior ficou para hoje, no papel.

★

Quanto à repercussão pelo mundo, foi extensa demais, dos canais de notícias (CNN, BBC) às agências (Xinhua, Reuters), aos sites de jornais (“New York Times”), esportivos (“As”) etc.

Leia mais em *Esporte*



Galvão Bueno, anteontem na transmissão:
— Lá, tá vendo? Tive impressão de que ele disse “negro”. Uma coisa feia, racismo, sem justificativa, depõe contra o time, depõe contra um pavo.

Figura 33— 15/04/2005 A6 Primeiro Caderno

Sofrimento

Por coincidência, em meio ao espetáculo do racismo no Brasil, Lula surgiu no Senegal.

Como a Globo não se cansou de mostrar o dia todo, até o JN, ele “se emocionou” e “chegou a pedir perdão pela escravidão”. Estava na ilha de Gorée, de onde eles chamavam de um infinito de sofrimento”.

Figura 34— 15/04/2005

FUTEBOL Para dirigentes e imprensa, insulto de Desábato foi coisa normal de jogo; Maradona critica detenção e cobra reação

Argentinos lamentam vítima de exagero

SILVANA ARANTES
DE BUENOS AIRES

A detenção no Brasil do jogador Leandro Desábato, sob acusação de racismo, foi tratada na Argentina como um exagero e uma manobra de marketing do país.

"Eles [os brasileiros] querem liderar essa onda antirracista, mas não têm no esporte. Somos vítimas de exagero", declarou o dirigente do Quilmes José Luis Meisner ao canal de TV "Todo Noticias".

O presidente do Quilmes, Daniel Razzeto, afirmou que a detenção do atleta estava armada.

O presidente da AFA (Associação de Futebol Argentino), Julio Grondona, seguiu a mesma linha e disse que houve "certa intencionalidade" no episódio.

"Culpam alguém que não tem nada a ver com isso. Esse menino Desábato, eu o conheço, é um homem do interior. Ele não tem que pedir desculpas se não fez nada", afirmou Grondona, que foi cobrado por Diego Maradona em uma entrevista à rádio Mitre.

O ex-jogador disse que o episódio é uma vergonha para o país e o dirigente precisa tomar alguma atitude em prol do compatriota.

"Estão misturando esporte com outras coisas. No calor da partida, tudo pode ser dito. Graite não é primeiro e nem o último ofendido", comentou Maradona.

De acordo com o presidente da AFA, a entidade interessada pelo jogador na Justiça brasileira para tentar obter sua liberdade.

No hotel em que estava a delegação do Quilmes, os argentinos passaram o dia de manhã evitando a imprensa enquanto disparavam telefonemas pedindo ajuda para libertar o jogador.

À noite, chegaram a descer ao lobby do hotel e ligar o ônibus do time, mas decidiram só deixar o país com Desábato—cerca de um terço da delegação já havia voltado à Argentina pela manhã.

Em uma das poucas vezes em que quebrou o silêncio, o técnico Gustavo Alfaro disse à rádio Eldorado, sem permitir a reação, que estava se sentindo discriminado por ser argentino.

Da Alemanha, onde está em visita oficial do presidente Néstor Kirchner, o ministro das Relações Exteriores da Argentina, Rafael Bielsa, ligou ao embaixador argentino no Brasil, segundo Razzeto. O ministro não confirmou nem negou a informação.

Diferentes versões apareceram nas rádios e TVs argentinas sobre o que Desábato teria dito a Graite. As principais variações foram "negro filho da puta", "negro de merda" e "lixo de negro".

A maioria dos jornalistas argentinos classificou a atitude do atleta como "insulto normal em jogos de futebol" e cujo teor racista é "parte do comportamento argentino". O principal erro de Desábato, na interpretação deles, foi desconhecer a "diferença cultural" e, sobretudo, as legislações sobre o racismo dos dois países. A brasileira é considerada multirracial.

A atenção que a imprensa brasileira dispensou ao fato também foi alvo de críticas dos argentinos. "Isso aqui está uma confusão. A imprensa do Brasil está sendo sensacionalista. Há dezenas de câmeras e até helicóptero aqui [na delegação]", afirmou o jornalista German Beliz, que estava em São Paulo, à rádio Mitre.

O locutor do programa "Vitamina G", Jorge Guinzburg, ironizou: "Mas no Brasil sabem que na Argentina ninguém conhece Desábato?". Guinzburg também perguntou ao repórter se o jogador argentino ocupa uma casa sozinho. "Se não está numa casa junto com os 'moreninhos' que ficam sabendo o motivo de sua prisão", comentou.

As edições eletrônicas dos principais jornais argentinos não deram destaque à prisão de Desábato. Diferentemente do que aconteceu no Brasil, o assunto não ocupou a manchete—nem sequer as principais chamadas.

Ao longo do dia, o termo "racismo" deixou os títulos. A notícia passou a ser apresentada como "jogador argentino detido por chamar um rival de 'negro'".

O embaixador da Argentina no Brasil, Juan Pablo Lohé, disse que Desábato não tinha a obrigação de saber que qualificar as pessoas como "negras" é considerada ofensa no Brasil.



Dentro de camburão, o zagueiro Desábato é transportado de um distrito policial a outro no fim da tarde de ontem, em São Paulo

PERFIL

'Chaves' argentino vem do interior e acumula cartões

PAULO COBOS
DA REPÓRTEGEM LOCAL

O zagueiro Leandro Desábato tem os mesmos 26 anos e a mesma origem humilde que o atacante são-paulino Graite. Ele nasceu na pequena cidade de Caferatta, na Província de Santa Fé, onde ainda mora a maioria da sua família.

No caminho para as fronteiras com Brasil e Paraguai, Santa Fé não tem nada do clima cosmopolita de Buenos Aires e detém uma das mais altas taxas de desemprego da Argentina.

Desábato, 1,86 m e 82 kg, tem desde garoto o apelido de "El Chavo", o personagem do seriado no Brasil chamado "Chaves". Recebeu o apelido porque não gostaria de tomar banho, como o protagonista da série,

de quem também empresta algumas expressões cômicas.

Antes de defender o Quilmes, esteve no Estudiantes de La Plata e no Olimpo de Bahía Blanca—neste último clube trabalhou com Gustavo Alfaro, seu atual treinador, que recomendou sua contratação para o Quilmes, um clube de nível médio da Argentina.

Os companheiros de Desábato o classificam como um jogador bastante calmo—o corintiano Sebá o defendeu na mesma linha—, mas, as estatísticas do atual Campeonato Argentino e da Taça Libertadores da América mostram um jogador que não se destaca muito pela disciplina em campo.

Nos dois torneios, ele é o jogador do Quilmes mais advertido com cartões. Em 11 jogos, já foi expulso duas vezes e acumulou quatro amarelos. Poucos dias antes de pegar o São Paulo no Morumbi, o zagueiro falou que seria "muito lindo jogar esse tipo de partida, nesse estádio e pela Libertadores".



Carceragem desativada de delegacia onde o atleta ficou detido

SAIBA MAIS

'El negro' apelida gente famosa no país de Desábato

DA REPÓRTEGEM LOCAL

Chamar alguém de "negro" na Argentina nem sempre tem conotação pejorativa.

Prova disso é que é idólos do país que tenham a pele ou o cabelo escuro recebem antes de seus nomes o apelido "El Negro". A lista tem cantoras na ativa, como Mercedes Sosa, grandes nomes do tango no passado, como Celedonio Flores, e até políticos, como o ex-presidente Eduardo Duhalde.

No futebol, então, a lista é enorme e tem nomes famosos.

Ex-meia do River Plate e da seleção argentina, "El Negro" Astrada, que também tem ótima reputação na carreira de treinador, é um deles.

O outro que recebe o apelido é o hoje zagueiro corintiano Sebá, que quando defendia o Newell's Old Boys era conhecido como "El Negro" Domínguez.

Mas, muitas vezes, quando um argentino chama alguém de "negro" é no sentido de ofensa. É assim, por exemplo, com a população indígena e imigrantes de países sul-americanos, especialmente no caso de bolivianos e paraguaios.

Ao contrário da maioria dos países do continente, a Argentina tem uma parcela de negros insignificante na formação da sua população de quase 40 milhões de habitantes. (R)

Grávida, mulher se afilge com falta de contato

DE BUENOS AIRES

Luisina Priotti, 21, casou-se com Leandro Desábato, 26, há três meses e meio. Ela espera o primeiro filho do casal, Maxi, para junho.

"O casamento não está indo muito bem. O lha o que aconteceu", diz e dá uma risada, rindo e falando com bom humor a afilge pela falta de contato. "Não pude falar com ele. Me disseram que ele pode passar até um ano na prisão", afirmou Luisina à Folha, por telefone.

A mulher de Desábato vive em Caferatta, cidade natal de

ambos. O local é pequeno, como uma vila. Por isso, Desábato é sempre descrito na capital Buenos Aires como "um homem do interior".

Luisina não descarta que o marido possa ter oferecido outro jogador, mas acha um exagero sua prisão.

"Não sei se ele disse ou não o que estão falando. Mas, mesmo que ele tenha dito, acho que não era motivo para tanta repercussão", diz Luisina.

O que mais a incomoda é que ele esteja sendo tratado "como um delinqüente". Luisina afirma que, embora esteja inquieta e preocupada, controla sua ansiedade sem medicamentos. "A gravidez segue bem."

A mãe do jogador, Lusa, afirmou estar "muito, muito preocupada" com o filho. (R)

MEMÓRIA

Até hoje, ofensas raciais no Brasil ficaram no campo

DE REPÓRTEGEM LOCAL

O argentino Desábato sofreu uma punição nunca aplicada a outros jogadores acusados de ofensas raciais nos gramados brasileiros.

A lista tem gente famosa, como Paulo Nunes e Diego, jogadores de times médios, como Wellington Paulo, e até outros atletas com passaporte argentino, Frontini.

Em 1999, quando defendia o Palmeiras, Paulo Nunes foi acusado por Rincón, então no Corinthians, e vitargem na época no São Paulo, de insultos racistas em jogos.

Tres anos depois, foi a vez de o sanista Diego estar no centro de uma polêmica. Segundo jogadores do Corinthians na época, como Kleber e Renato, ele chamou os rivais de "macacos" em jogo do Brasileiro de 2002.

Na atual temporada, outros dois casos aconteceram. Em Minas Gerais, o zagueiro Wellington Paulo, da América, fez ofensas racistas a André Luiz do Atlético-MG. Ele não foi preso, mas recebeu um gancho esportivo de 30 dias da federação local.

Antes de Graite, o São Paulo já havia tido um jogador envolvido em um caso de suposto racismo. O zagueiro Fábio acusou Frontini, que nasceu em Buenos Aires, mas chegou à cidade eriana ao Brasil, de tê-lo chamado de "macaco" no confronto entre o time do Morumbi e Marília.

Com tantos casos ignorados, nem todos os alertas negros aplaudem o caso de Desábato. "Foi uma atitude errada do jogador do Quilmes, mas o que fizeram contra ele também foi. Não é só no campo que há isso. Em todo lugar tem racismo na escola, no shopping. Deviam tomar essa atitude com todos os que têm preconceito", disse o zagueiro Betão, do Corinthians. (R)

Governo diz que pedirá medidas

DE BUENOS AIRES

O ministro do Esporte, Agnelo Queiroz, e a secretária de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República, ministra Mariáide Ribeiro, declararam nota repudiando "a atitude racista do jogador argentino".

A nota diz que o governo federal "acionará as ações da administração esportiva nacional e interações concretas para banir do espetáculo esportivo a discriminação racial, o preconceito e a xenofobia, que, se não eliminados, representam ameaça à democracia".

Agnelo e Mariáide consideraram "grave" o incidente e disseram que é mais um "passo na escalada de preconceito e discriminação que vem tomando os estádios no mundo, com as manifestações de torcidas e de atletas contra jogadores afrodescendentes".

Segundo a nota, "a atitude racista do argentino vai contra todos os valores de igualdade, respeito e união que o esporte promove".

De acordo com o ministro, a pasta já estava preparando um documento a ser enviado a instituições internacionais de futebol, que se referem a casos de racismo. "Manifestações de racismo em que se referem a casos de racismo, esporte é o oposto desse tipo de manifestação, é sinal de tolerância", disse Agnelo à Folha.

Para o ministro, esse assunto deve ser abordado no próximo encontro da Comissão Interministerial Para a Paz no Esporte, que tem representantes dos ministérios da Justiça e do Esporte.

Graite será convidado a um debate na Câmara dos Deputados.

Juristas divergem sobre acusação de injúria

MARVIO DOS ANJOS
DA REPÓRTEGEM LOCAL

Embora não sejam nenhum exagero na maneira como a polícia conduziu a prisão do argentino Desábato, alguns juristas e advogados consultados pela Folha discordam de como o crime contra Graite foi enquadrado.

O zagueiro foi indiciado por injúria qualificada por preconceito, que permite fiança. Uma situação mais leve que a de crime racial, infamável e imprescritível, que obrigaria Desábato a esperar seu julgamento na prisão. Ambas prevêm o mesmo período de prisão: de um a três anos.

Para Hélio Silva Júnior, coordenador da Comissão de Direitos Humanos da OAB-SP, é classificação do ato como injúria, em vez

de crime racial, foi apropriada. "Racismo é um crime que tem o potencial de atingir toda uma coletividade. No caso, a ofensa foi dirigida a uma só pessoa, numa situação de jogo", entende.

Também por isso, ele aprova o procedimento do delegado do Garra Osvaldo Gonçalves, que consultou Graite antes de autuar Desábato. Silva Júnior salientou, no entanto, que o habeas corpus só garante o retorno do argentino para casa se o juiz autorizar, o que não ocorreu. Se for condenado, cumprirá pena no Brasil.

Mas há quem discorde da acusação de injúria. Para o jurista e professor de direito constitucional da USP, Daniel de Albuquerque, ela foi um equívoco.

"Ainda que seja dirigida contra uma só pessoa, a atitude atinge to-

da uma etnia, mesmo que seja uma só pessoa, e ainda teve a publicidade da TV", afirma Dallari. "É um erro dos que concordaram com a desclassificação para injúria, porque cria a ideia de impunidade sobre o racismo, quando o futebol vê o fenômeno crescer."

"Quando você chama alguém de 'negro safado', é insuportável a intenção de desqualificar o outro em função de sua condição de negro. Quando chama de macaco, reduz a pessoa à condição subumana", diz o professor de direito constitucional da Fundação Getúlio Vargas, Oscar Vilhena Vieira.

Marco Antônio Zito Alvarenga, que preside a Comissão do Negro e de Assuntos Discriminatórios da OAB-SP, concorda com o enquadramento e vê um aviso. "Isso adverte a sociedade que

não se convive com essa modalidade de preconceito", afirma Alvarenga, que não condena, contudo, a acusação por injúria. "A função da pena é recuperar o indivíduo, nunca é vingança."

Para o professor titular da USP Fábio Konder Comparato, a atuação da Polícia Civil no caso foi, antes de tudo, pedagógica. "Não se protegem direitos humanos com lei, nem mesmo com lei penal, mas com educação das massas. Esse episódio mostra a todos os que acompanharam o futebol que racismo é crime. É uma forma de educar o povo", afirma.

Guaracy Moreira Filho, titular do 34º DP, argumentou sobre a opção por injúria. "Essa lei [do crime] fala somente de segregação, se alguém fosse proibido de entrar num lugar por ser negro."

BARBARA GANCIA

A coisa mais natural do mundo

MEUS OUVIDOS estão me atraíndo ou terei mesmo captado pelos alto-falantes da TV a voz do cônsul-geral da Argentina em São Paulo, sr. Norberto Vidal, falando espanhol aos jornalistas tapuias?

Argentino é mesmo de rolar. Tente perguntar a um de nossos hermanos qual a nacionalidade dele. Ele responderá que é argentino, com uma ressalva, por suposto: de origem espanhola ou italiana.

A Argentina se considera um "crisol de razas" (caldeirão de raças), mas em matéria de xenofobia não deve nada aos europeus mais tacanhos ou aos fundamentalistas do "Bible belt" norte-americano.

Até poucos anos atrás, a Constituição argentina privilegiava a imigração européia. E o presidente Carlos Menem, de origem síria, foi obrigado a se converter ao ca-

tolicismo para poder concorrer às eleições presidenciais de 1989.

Os brancos predominam na Argentina (97% são descendentes de italianos e espanhóis). Os 3% de mestiços restantes são sobreviventes do extermínio contumaz de indígenas.

Para um argentino, cometer uma burrada é "hablar como un indio" (falar como um índio). E não vamos nem começar a discorrer sobre os atentados contra instituições israelitas em Buenos Aires ou a profanação de túmulos judeus na Argentina, senão a gente não termina mais.

Isto posto, alguém pôde dizer que estranhou a cara de assombro dos jogadores do Quilmes quando o delegado tapuia deu ordem de prisão ao zagueiro Desábato (acusado de chamar Grafite de "macaquito", "negrito" e de mandar que ele enfiasse uma banana naquele lugar)?

A expressão de espanto dos ar-

gentinos foi tamanha que parecia que o delegado estava pregando uma pegadinha na turma. Também pudera. Nos diários esportivos portenhos, a norma é tratar brasucas como "macaquitos" e "prostitutas".

Ao ouvir voz de prisão, Desábato deu uma de Michael Jackson. Naquele famoso documentário, quando o repórter Martin Bashir pergunta a Jackson se ele acha normal dormir com menores na cama, o cantor estrila: "É a coisa mais natural do mundo!".

Mas, peraí: como se chama mesmo o jogador do São Paulo que sofreu os insultos racistas? O nome dele é Edinaldo Batista Libânio. Grafite é apelido.

E qual a expressão que o paulista usa para designar uma coisa malfeita? Baienada, não é mesmo? Na hora de proferir o mesmo tipo de insulto, o carioca só troca a Bahia pela Paraíba, certo? Então tá. Agora está tudo explicado.



Figura 36– 15/04/2005 C2 Cotidiano

Figura 37– 15/04/2005 A2 Primeiro Caderno

RACISMO EM CAMPO

ORACISMO é, por qualquer ângulo que se analise, uma chaga a ser combatida. No plano ético, há poucos comportamentos mais perniciosos do que qualificar alguém em função de um estereótipo vazio, como a cor da pele ou a ascendência étnica, e, a partir daí, julgar o indivíduo, como se tudo o que ele possa fazer, pensar e sentir já estivesse predefinido por esse único traço.

Daí não se segue que mereça aplausos a prisão do jogador argentino Leandro Desábato, do Quilmes, por ter usado termos injuriosos e de cunho racista contra o atacante são-paulino Edinaldo Batista Libânio, o Grafite, na partida da última quarta-feira pela Libertadores. Desábato obviamente cometeu um delito (injúria agravada por racismo), mas parece estar pagando sozinho pelas rivalidades de várias gerações de jogadores argentinos e brasileiros.

Salta aos olhos o zelo com que as autoridades estão cumprindo as determinações legais. Não há jogo de

futebol em que jogadores não troquem insultos, freqüentemente de caráter preconceituoso. Nenhum que se saiba resultou em queixa-crime e prisão em flagrante. Ao aplicar a lei com tanta diligência contra um argentino, pode-se estar incorrendo no mesmo tipo de preconceito que a legislação visa a coibir.

De resto, esta **Folha** sempre se opôs à restrição da liberdade para acusados de crimes sem violência física. Espera-se agora que a Justiça estabeleça o quanto antes a fiança para que o jogador argentino seja solto. Grafite teria sido mais feliz se, em vez da queixa-crime, tivesse proposto uma ação cível em que pedisse indenização por dano moral, por exemplo.

O episódio tem, no entanto, o mérito de dar evidência internacional ao grave problema do racismo dentro e fora do futebol. Há algo de simbólico e de pedagógico na prisão de Desábato, mas fica também a desconfortável sensação de que ele foi transformado em bode expiatório.

PAINEL FC

Encomenda Amigos de Marcelo Teixeira ouviram do presidente santista que, dificilmente, Robinho deixará de ser vendido no mercado de 2005. Mesmo assim, o dirigente afirmou na festa de aniversário do clube que o atacante ficará. Dizem que a promessa não passa de uma tentativa de enterrar o assunto durante a Libertadores.

Discorso pronto A aposta na Vila Belmiro é que, quando tiver de anunciar a negociação, Teixeira jogará a responsabilidade no jogador. Diz-se que a transferência é uma exigência de Robinho.

Melou Uma cartada que poderia segurar o atacante no Brasil não deu certo. A Texaco ofereceu um contrato de três anos a Robinho, desde que ele ficasse todo esse período no país. O jogador disse "não, obrigado".



Ao vivo O delegado André Mossimari que investiga o caso dos cheques da ISL desviados do Grêmio, interrompeu uma prisão ontem em Santa Catarina, por causa de um telefonema. Esperava informações sobre a ação, mas era um pedido de entrevista. "Agora não, estou com o celular numa mão e uma arma apontada na outra", desculpou-se.

Boca fechada Vices do Corinthians pediram para o colega Nesi Curti parar de divulgar dados em que espera receber ao menos US\$ 10 milhões da MSJ. O último parágrafo por ele venceu ontem. O dirigente já cravou no mínimo cinco dias. Ouviu dos companheiros que perde credibilidade.

Bandeira branca A comunidade Argentinos e Brasileiros Unidos, com 3.700 participantes no Orkut, faz campanha para impedir que o episódio envolvendo Grafite e Desábato amplie a rivalidade entre os dois países. Condena a atitude do zagueiro e diz que o ato não reflete a opinião dos argentinos.

Efeito Grafite O abaixo-assinado do site www.racismonline.org.org obteve 300 adesões em dois dias após o são-paulino acusar Desábato de ofensas racistas. A página, criada por 40 ONGs brasileiras, recebia em média 58 pedidos diários para que Fifa, Uefa e federação espanhola punam o racismo com rigor.

Acelerado O projeto de lei que torna inafiançável o crime de injúria, acusação que fez Desábato passar duas noites na cadeia, será votado na quarta-feira pela Comissão de Constituição e Justiça do Senado. O relator Rodolfo Tourinho (PFL-BA) disse ontem que dará parecer favorável. Ainda na semana que vem, pode ser aprovado pela Câmara.

Pela metade O Botafogo assinou um contrato com a empresa Luso Arenas para a construção de um estádio e um CT, mas ainda tem dificuldade para materializar os dois sonhos. A empresa portuguesa vai se responsabilizar pelas obras. Mas conseguir os terrenos será obrigação do clube, que não tem dinheiro para comprá-los. Acumula cerca de R\$ 140 milhões em dívidas.

Infiável O compromisso prevê que a arena botafoguense terá capacidade para 26 mil torcedores. Depois, vai ser ampliada para 35 mil, segundo o presidente Bebeto de Freitas. Falta ainda o crivo do Conselho Deliberativo. Sem a aprovação do órgão, o contrato será considerado anulado.

Procura-se Após deixar a seleção, Daniele Hypólito indicou ao Flamengo uma lista com seis nomes de técnicos para treinar a equipe. O escolhido deve ser anunciado em 15 dias, prazo em que o clube espera acertar parceria com a Prefeitura do Rio para virar um centro de excelência da ginástica.

@ - E-mail: painelfc@folha.ig.com.br

DIVIDIDA

Do são-paulino Emerson Leão, à rádio Jovem Pan, sobre Maradona ter defendido Desábato da acusação de racismo contra o atacante Grafite. — Acho que o Maradona está com o cérebro lesado por um monte de coisas que nós já sabemos quais são.

CONTRA-ATAQUE

France x França

O iraniano Kia Jorabchian, chefe da parceria Corinthians/MSJ, ainda não aprendeu a falar português. Diz entender muitas palavras, até arrisca algumas frases em público, mas não dispensa sua tradutora. Lia, uma morena que o acompanha desde que negociou o acordo com o clube do Parque São Jorge. Antontem, após a coletiva para comentar o resultado das investigações do Ministério Pú-

blico sobre a parceria, Kia emendou animada conversa com os jornalistas. O papo seguiu em ritmo acelerado até que a tradutora se atrapalhou. — E o França, vem?, perguntou um repórter. — Ele quer saber sobre a França, disse ela, em inglês. Kia não entendeu, mas o mal-entendido foi desfeito ao explicar a intérprete que se tratava de um atacante, e não do país.

O QUE VER NA TV*

- 6h30 - Masters Series de Monte Carlo Tênis - semifinal Sportv - ao vivo
- 8h15 - Arsenal x Blackburn Copa da Inglaterra - Semifinal ESPN Brasil - ao vivo
- 9h50 - Masters Series de Monte Carlo Tênis - semifinal Sportv - ao vivo
- 10h30 - Schalke 04 x Hamburgo Alemanha de Futebol - ESPN Brasil - ao vivo
- 12h30 - Liverpool x Tottenham Inglaterra de Futebol - ESPN Brasil - ao vivo
- 13h30 - Petrópolis x UCS Liga Futbal - Sportv - ao vivo
- 15h - Nacional x Taubaté Paulista de Futebol Série A2 TV Cultura - ao vivo

- 15h30 - Torneio de Charleston Tênis feminino - semifinal Sportv - ao vivo
- 15h30 - Roma x Reggina Italiano de Futebol - ESPN - ao vivo
- 17h - Real Sociedad x La Coruña Espanha de Futebol - Band e ESPN Brasil - ao vivo
- 17h30 - Torneio de Charleston Tênis feminino - semifinal Sportv2 - ao vivo
- 18h - Minas x Banesp Superliga masculina de vôlei Sportv e TV Cultura - ao vivo
- 20h45 - São Bento x Matonense Paulista de Futebol - Série A2 ESPN Brasil - ao vivo
- 5h - Maratona de Londres Atletismo - Sportv - ao vivo

FUTEBOL Na delegacia, atleta do Quilmes tentou sem sucesso falar com a família

Desábato chora, pede para telefonar e ouve um 'não'



O zagueiro Leandro Desábato observa movimento da carceragem do 13º DP, na Casa Verde, para onde fora transferido antontem

COLABORAÇÃO PARA FOLHA

O argentino Leandro Desábato pediu para telefonar para a família assim que chegou ao 13º Distrito Policial, mas o delegado titular do local, Ilo Miranda Júnior, não permitiu. "Qualquer preso tem seus direitos suspensos. Desábato é um preso como qualquer outro", afirmou o delegado, que, entretanto, permitiu a visita dos

advogados do zagueiro. Os parentes dele também temiam aval para encontrá-lo na delegacia caso estivessem no Brasil. Sua mulher, Luísa Priotti, 26, está grávida — o filho é esperado para junho. Ela mora em Cafferata, onde os dois nasceram. Antontem, ela reclamou por não conseguir contato com o marido. "Aqui não é um hotel cinco estrelas, é uma cadeia", declarou o delegado, que afirmou que Desábato foi para uma cela especial e ficou sozinho para evitar o risco de sofrer agressão.

Desábato foi transferido para o 13º Distrito Policial às 17h55 de antontem, por questões de segurança e estrutura. Ao sair do Morumbi, na noite de quarta, fora levado para o 34º Distrito Policial, onde entrou à 0h54 de quinta. "Ele não tem curso superior, mas, se fosse para um complexo penitenciário, poderia apanhar de

algum preso por conta do que está sendo acusado [ofensas racistas]", afirmou Miranda Júnior. O 13º Distrito Policial abriga presos como o juiz João Carlos da Rocha Mattos, condenado após irregularidades detectadas na Operação Anacondá, e o médico Jorge Farah, acusado de ter matado uma mulher. Segundo Miranda Júnior, a cela em que ficou Desábato tinha dois metros quadrados um banheiro.

Enquanto esteve preso, o atleta não tomou banho — foi ao chuveiro somente ao chegar ao hotel em que a delegação do Quilmes ficou hospedada. "No 34º DP não tinha chuveiro e no 13º DP ele não quis tomar banho porque teria que ter contato com os outros presos", disse o advogado Cristiano Maronina.

Desábato tem desde garoto o apelido de "El Chavo", em alusão ao personagem do seriado que no

Brasil é chamado de "Chaves" personagem conhecido por não gostar muito de tomar banho. "Ele não quis tomar banho e muito menos comer a marmita. Comeu um lanche que foi dado pelos membros do clube argentino e frutas", disse Miranda Júnior. Desábato, que chegou chorando ao 13º DP após ser transferido, dormiu em uma cela com colchão. (ALEXER TOMAZ)

O PERSONAGEM 2

Para mãe, atleta é da paz e 'tição' é cumprimento

DE BUENOS AIRES

O argentino Leandro Desábato falou pouco no telefonema que deu para a mãe, Lucía Desábato, às 14h15 de ontem, após sair da prisão. Só comunicou que recuperara a liberdade.

Como as palavras foram escassas, Lucía, 52, avaliou o estado de ânimo do filho pela voz. Concluiu que ele "estava bem". "Não parecia tão quebrantado. É um menino forte, graças a Deus. Acho que nós aqui nos quebramos mais", disse Lucía à Folha, de Cafferata, na cidade no interior da Argentina.

A mulher de Desábato, Luísa Priotti, 21, não falou com o marido. Ela havia viajado para fazer exames pré-natais em uma cidade próxima. Luísa espera o primeiro filho do casal, Máximo, para o início de junho.

A mãe do jogador afirma que a família "é da paz" e "contra todo tipo de discriminação". Ela diz não compreender o que ocorreu com o filho no Brasil. "Isso tudo vai além do meu alcance. Meu filho é uma boa pessoa e estáu daqui para trabalhar". Lucía afirma acreditar que, "se é que ele falou o que está dizendo", deve ter empregado uma forma de tratamento habitual na família, "sem intenção de ofender". "Aqui nos cumprimentamos dizendo: 'Oi, tiação', 'Tchau, careca'. É o nosso jeito de ser, que, pelo visto, é errado segundo a Justiça brasileira."

A mãe do jogador ainda não sabe quando vai reencontrar o filho. "Ele ficou de me ligar quando chegar". Desábato vive na grande Buenos Aires e sua família, na Província de Santa Fé, ao norte do país. Enquanto não revê o filho, Lucía vai tentando superar tudo. "São coisas que acontecem." (SA)

O PERSONAGEM 1

Apostento se revolta e 'ataca' oficial de Justiça

COLABORAÇÃO PARA FOLHA

A primeira pessoa a se revoltar com a saída do argentino Leandro Desábato, 26, da cadeia do 13º Distrito Policial, na Casa Verde (zona norte), foi um homem com ascendência africana.

Israel Laércio André, que, apesar dos 64 anos, demonstrava muita vitalidade nos seus 1,80 m, chamou a atenção das pessoas que estavam perto da delegacia ao "roubar" temporariamente um documento que estava com Tais Castellí, oficial de Justiça. Posteriormente, ele recuperou o papel — a representante judicial não quis dar entrevista aos jornalistas.

Pouco antes, a oficial havia entregado o alvará de soltura que dava liberdade provisória ao atleta argentino, indiciado por injúria qualificada. "Agora segurei um tempo o papel das mãos da mulher, mas não consegui fugir com ele, o que é uma pena", declarou, revoltado, André. "Minha intenção era correr com o documento só para que dava liberdade a Desábato, mas não consegui fugir com ele, o que é uma pena", declarou, revoltado, André.

Apesar da tentativa do apostento, seu gesto seria em vão, pois a oficial de Justiça já havia destruído o documento que dava liberdade a Desábato nas mãos do delegado Ilo Miranda.

O apostento deixou sua casa logo depois de ver pela televisão que o zagueiro argentino estava detido na delegacia da Casa Verde.

"Não podemos aceitar que um estrangeiro, ou qualquer outra pessoa, até brasileiro, ofenda alguém com insultos racistas", disse André, que afirma não pertencer a nenhuma comunidade de direitos negros. "Eu sou negro. Já represento a minha raça", concluiu. (MH)



A oficial de Justiça Tais Castellí, com o alvará para libertar o atleta

Só 1 torcedor recebe time em casa

DE BUENOS AIRES

Leandro Desábato evitou a imprensa ao desembarcar em Buenos Aires, ontem, às 21h59. O jogador saiu por uma área restrita do aeroporto de Ezeiza.

Azar do torcedor do Quilmes Abel Fernandez, 29, ficou a esperar Desábato no aeroporto. "Vim para apoiá-lo e também ao time, que atravessa momento difícil". Fernandez afirma que a detenção de Desábato no Brasil foi "uma farsa" e diz que "Grafite é quem devia estar preso, por agressão". O torcedor nasceu na localidade de Quilmes, a aproximadamente 25 km de Buenos Aires, mas hoje vive na capital argentina, onde tem uma agência de "renties" (carros para transporte

trabalhando para mim e nenhum se chama pelo nome. São só apelidos", disse, para ressaltar que a atitude de Desábato não foi discriminatória. Fernandez estava acompanhado da mãe, Noemi Rodriguez, e da mulher, Caridad Bravo. Noemi apontou a nota e disse: "Ela é peruana. Nós na Argentina não temos discriminação."

Os outros jogadores do Quilmes, time de pouca tradição que não conta com torcida numerosa na Argentina, desembarcaram pela área comum do aeroporto e deram entrevistas para dezenas de jornalistas argentinos que os esperavam. O discurso foi comido e uniforme. "Recebemos a recomendação de ser muito cautelosos nas declarações", disse Nel-

Figura 38- 16/04/2005 D2 Esporte

FUTEBOL Dirigentes do Quilmes condenam falta de assistência do São Paulo e protestam contra mau tratamento à delegação

Argentinos falam em buscar indenização

PAULO GALDIERI
DA REPORTAGEM LOCAL

Indignados com a prisão de Leandro Desábato, cartolas do Quilmes afirmaram que, no retorno à Argentina, estudarão ações que possam ressarcir o clube por tudo o que passou no Brasil. "Quando chegarmos na Argentina vamos ver o que podemos fazer para buscarmos indenização por danos morais e financeiros pelo tempo extra que ficamos no Brasil", declarou Júlio García, um dos vice-presidentes da equipe. "Tivemos um enorme prejuízo econômico. Vamos pedir ressar-

cimento pelo que gastamos com advogados, multa [fiança de R\$ 10 mil]... completou o dirigente, no desabato feito às portas do 13º Distrito Policial, enquanto aguardava a liberação de Desábato. Outros fatos que deixaram a cabeça do Quilmes indignada foram a falta de assistência de São Paulo e o tratamento recebido durante a estadia do time no Brasil. "Estamos muito decepcionados. Estamos num país que não é o nosso, somos um time pequeno e tivemos todos os tipos de problemas. Os dirigentes do São Paulo não nos deram nem um telefonema sequer", reclamou García.

O time paulista se defende, dizendo que até antes do incidente com Grafite tudo aconteceu como deveria. "Fizemos a nossa parte. Tanto é que oferecemos ingressos aos dirigentes que foram recebidos na porta do Morumbi e almoçaram com a diretoria", disse Marco Aurélio Cunha, superintendente do São Paulo. A explicação dos dirigentes paulistas para o suposto "abandono" é que como Grafite é o acusado, não faria sentido que o São Paulo ajudasse o réu. "Para quem fez o que fez, tem que doer. Atenção tem quem merece. Se ele [Desábato] estiver internado, com

certeza o São Paulo estaria com ele", declarou o dirigente. A bronca dos argentinos é maior ainda porque, após a prisão de Desábato, Marcelo Portugal Gouvêa, presidente não-paulista, recebeu uma ligação de Daniel Razzeto, presidente do Quilmes, quando ainda estava no Morumbi, pedindo que ele intercedesse pelo atleta argentino. O pedido, no entanto, foi negado. Gouvêa alegou que não iria ajudar Desábato porque se tratava de uma reincidência dos jogadores do Quilmes, que já haviam ofendido a delegação do São Paulo no jogo realizado na Argentina.

O modo como a equipe foi tratada no hotel e por jornalistas após o episódio também foi alvo de críticas. "Não nos deixaram sair e, quando conseguimos, fomos isolados", disse Gustavo Alfaro, técnico do Quilmes. Os cartolas também lamentaram o tratamento dado a Desábato nas duas noites que passou preso. No hotel em que estava o Quilmes, um dirigente que pediu para não ser identificado, falou que não deixaram que comprasse comida para o jogador e que o consumo de água era restrito. A diretoria disse também que fora enganada pelas autoridades brasileiras. "No [estádio do] Morumbi, um delegado nos deu a palavra de que aquilo demoraria apenas meia hora e nada mais. E veja onde estamos", declarou um outro membro do estafe argentino enquanto esperava o fim da audiência do jogador com o juiz Marcos Alexandre Zili, no fórum criminal de São Paulo.

Apesar da revolta, os dirigentes afirmam que não irão processar Grafite. "Não pretendemos fazer isso. Se cada empurrão no futebol for parar na Justiça, não vai mais haver o esporte", disse García. No entanto uma ação institucional na Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol) ou na Fifa, a entidade máxima do esporte, não está descartada. O ministro do Interior argentino, Aníbal Fernández, classificou a atitude de Desábato como normal em campo. "Que isso seja tomado como política de discriminação me parece um sonho". Por causa da confusão no Brasil, o próximo jogo do Quilmes, marcado para amanhã, contra o River Plate, pelo Argentino, pode ser adiado. O time já entrou em contato com a Federação para remarcar a partida, mas ainda não há uma decisão.

1 O que aconteceu em campo?
No fim do primeiro tempo de São Paulo a Quilmes, na noite de quarta, Grafite e Desábato se desentenderam. O brasileiro deu um tapa na cara do argentino e foi expulso. Após o jogo, Desábato recebeu ordem de prisão.

2 Por que o jogador teve que ir para a delegação?
Os protestos de Galvão Bueno, que narrou o jogo pela TV Globo e chamou o argentino de "cabecinha", sensibilizaram o secretário estadual de Segurança Pública, Saulo de Castro Abreu Filho. Ele pediu a polícia que Grafite fosse inquirido sobre o incidente. O jogador afirmou que se sentia discriminado.

3 O que Grafite afirmou na delegação?
Declarou que foi chamado de "negro de merda, filho da puta, negrinho" pelo argentino.

4 E o que disse Desábato?
A polícia divulgou — e boa parte da mídia reproduziu — que o zagueiro admitiu no depoimento que utilizou os termos acima em relação ao argentino. Mas a Folha leu a íntegra do testemunho e constatou que Desábato negou as ofensas.

5 Com base em quê, então, a polícia resolveu indicar o jogador?
A polícia se baseou em três coisas: 1) o testemunho de Grafite; 2) o testemunho de duas outras pessoas que estavam no estádio, um jornalista e um comerciante; 3) a "teoria labial" feita pelo delegado Osvaldo Gonçalves a partir das imagens da TV.

6 Em qual crime ele foi enquadrado?
Crime de injúria qualificada, artigo 140, parágrafo 3º, do Código Penal brasileiro.

7 Quais as diferenças entre injúria qualificada e racismo?
Injúria é um crime de ação privada, ou seja, o processo só tem início mediante "autorização" do ofendido. Racismo é um crime de ação pública — não depende do atingido para ser apreciado pela Justiça. Injúria só pode ser identificada a partir de uma atitude aberta de ofensa. Racismo não depende disso. Um negro barrado em um restaurante pode alegar estar sendo vítima de racismo se conseguir mostrar que o acesso lhe foi vedado por motivo racial — mesmo que ninguém tenha dito isso abertamente. Injúria é crime afiançável e prescritevel. Racismo é crime inafiançável e não prescreve. Injúria tem como pena mais grave prisão de três anos e multa. Racismo pode levar a prisão de até cinco anos.

8 Por que o argentino foi mantido preso?
A polícia argumenta que houve flagrante e que o crime, em que ele foi enquadrado exige fiança, que só pode ser restituída por um juiz. Como a prisão ocorreu a 05:54 da quinta-feira, não haveria como ser fixada e paga a fiança naquele momento.

9 E por que ele continuou preso outra noite?
O pedido de liberdade provisória mediante fiança só foi deferido uma hora antes do prazo para pagamento. O clube não conseguiu pagar em tempo.

10 Quanto tempo ele permaneceu preso?
Por mais de 36 horas.

11 Por que ele foi solto?
Porque o crime é afiançável e ele pagou a fiança.

12 O que acontece agora com Desábato?
Ele assinou termo se comprometendo a voltar ao Brasil quando preciso. A polícia vai concluir o inquérito. Só haverá processo se Grafite comparecer ao fórum em seis meses e formalizar uma acusação.

LANÇAMENTO - JARDIM DA SAÚDE

Com este lazer, preço e a 500 m do Shopping Plaza Sul, você não vai achar.

Condições Imperdíveis!
Mensais de: **R\$ 263,00***
p/ unids. de 52,5m² do 1º ao 6º andar.
ou **150 meses** direto com o Incorporador

2 DORMS. C/SUÍTE

Project home

Apenas 2 torres em 8.196 m² de terreno

Praça central com espelhos d'água • Child care Work station • Central delivery • Salão de festas com Espaço gourmet • Salão de festas infantil Fitness • Playground • Churrasqueira • Piscinas adulto e infantil c/ deck e solarium Bar tropical • Pista de cooper • Estação de ginástica • Quadra esportiva

CONHEÇA MODELO DECORADO

Rua do Boqueirão, 185 - Jd. da Saúde
Informações, 3888.3800 ou acesse:
www.abjara.com.br/projecthome

Participação: **tati** | Participação e Construção: **Schahin** | Planejamento e Comercialização: **ABYARA**

Figura 39- 16/04/2005 D3 Esporte

Figura 40- 16/04/2005 D5 Esporte

América do Sul põe caso Grafite na pauta



O paraguaio Nicolás Leoz, presidente da Conmebol, deixa o 34º DP, onde fez visita a Desábato

LUÍS FERRARI
DA REPORTAGEM LOCAL

A prisão do zagueiro Desábato por alegadas ofensas raciais contra o são-paulino Grafite motivou a Conmebol a levar à sua cúpula o debate sobre o racismo no futebol sul-americano.

Após os incidentes em São Paulo, foi marcada uma reunião do Comitê Executivo da Conmebol para o dia 28 de abril. Na pauta do evento está a discussão sobre o racismo", informou a Folha o paraguiano Nestor Benítez, diretor de comunicação da entidade que rege o futebol na América do Sul.

No evento, estarão presentes, além dos dirigentes da entidade, os presidentes de todas as confederações nacionais do continente. "Foi uma situação inédita no futebol sul-americano. A Conmebol condena todas as formas de violência, respeita e apoia a iniciativa da Fifa de combater a discriminação. É um tema grave, que merece tratamento firme", disse Benítez. No mesmo sentido, Nicolás Leoz, presidente da entidade, afirmou: "Não podemos admitir o racismo no futebol".

Benítez refutou a informação de que a prisão de Desábato motivaria sua expulsão automática da Taça Libertadores, conforme noticiado anteriormente. Afirmou que a Conmebol só tomará atitudes contra o jogador a partir das informações da simulação da partida e do relatório do delegado do jogo. "Nenhuma providência será tomada, seja contra o zagueiro do Quilmes, seja contra o são-paulino Grafite sem o informe do árbitro", disse, reiterando que os documentos oficiais ainda não chegaram à sede da entidade.

Benítez disse ainda que o argentino só será banido da Libertadores se os documentos oficiais do jogo tiverem "evidências claras" da prática de racismo. E mostrou cautela ao tratar de eventuais puni-

MEMÓRIA

Times argentinos tiveram ídolos brasileiros negros

DA REPORTAGEM LOCAL

A cor da pele não foi problema para uma penca de jogadores brasileiros virarem ídolos de clubes argentinos.

É isso que começou na década de 30 e chega até os dias de hoje. Os desbravadores negros e mulatos foram alguns dos melhores jogadores brasileiros do início do século passado.

Eles partiram para a Argentina em busca de salários, já que o profissionalismo ainda engatinhava na terra natal.

Domingos da Guia, para muitos o melhor zagueiro brasileiro de todos os tempos, defendeu as cores do tradicional Boca Juniors, onde foi campeão nacional.

Os irmãos Petronilho e Waldemar de Brito (este último o descobridor de Pelé) brilharam no San Lorenzo. Petronilho, que segundo muitas fontes foi o verdadeiro inventor do lance da "bicicleta", estava na campanha que deu ao time de Almagro o título de 1933.

No final da década de 50 e no

início dos anos 60 houve um boom de transferências de atletas brasileiros para clubes do país vizinho.

O River Plate, famoso por ser um time elitista, trouxe vários brasileiros, incluindo o negro Moacir, que jogava no Flamengo e foi campeão do mundo com a seleção na Copa da Suécia, em 1958. Ele formava um time que tinha outros dois brasileiros — Delém e Roberto.

Mas é no Boca Juniors que está mesmo o maior destino de brasileiros. Foram mais de duas dezenas, e boa parte deles negros ou mulatos.

Na década passada, o clube teve o atacante Charles, revelado no Bahia, e o lateral-esquerdo Jorgeinho Paulista, que hoje trabalha no Vasco.

No time atual, o mais popular clube argentino conta com Baiano, que diz nunca ter sofrido por sua cor.

"Nunca tive problemas, nem no Brasil nem aqui. Sempre me trataram bem. É verdade que a palavra negro é muito forte, mas acho que as coisas que acontecem em campo devem ficar lá", disse o ex-jogador do Palmeiras, que gosta do apelido de "bombom", a forma como o chamam torcedores do Boca Juniors e boa parte da imprensa argentina.

nições. "É importante atuarmos de forma equânime. Não podemos nos arriscar a cometer uma injustiça na busca pela justiça."

Já seu chefe foi menos comedido. Leoz repetiu que a entidade aguarda os relatórios, mas antecipou: "Não há dúvida de que ele será severamente punido".

Além de Leoz, os outros representantes da entidade sul-americana são Ricardo Teixeira, presi-

dente da CBF, e Julio Grondona, que comanda a Associação Argentina de Futebol (e vice da Fifa).

Anteontem, Teixeira emitiu nota oficial repudiando a atitude, e Grondona minimizou a questão.

"O futebol é muito apaixonal, talvez estejam exagerando. Para uns, é muito grave, para outros não", disse o argentino.

Com agências internacionais

Figura 41 - 16/04/2005 D4 Esporte

FUTEBOL Descontentes com a permanência extra no Brasil, atletas e dirigentes matam tempo na internet e na piscina do hotel 'Preso', Quilmes conta piada de brasileiro

MARIANA LAJOLO
DA REPORTAGEM LOCAL

As horas que antecederam a liberação de Desábato foram de ansiedade e revolta para seus companheiros. Dirigentes do Quilmes passaram o dia no hall do hotel. Só jornalistas argentinos foram autorizados a falar com eles.

A reportagem da Folha conseguiu permanecer no local, mas cada vez que abordava alguém ouvia: "Não vamos falar". Enquanto esperavam Desábato, os dirigentes ficaram o tempo todo em pé, disparando telefonemas.

O mesmo que fizeram desde a prisão do zagueiro. Nos últimos dois dias, gastaram o tempo no restaurante, onde eram ouvidos desabafos contra Grafite, o São Paulo e as autoridades em meio a piadas sobre brasileiros, segundo relatos de funcionários do hotel. As críticas recaíam sobre a espetacularização da prisão. Um dirigente brincou que temeu por sua vida, dado o número de policiais.

Grande também era o descontentamento com a permanência no Brasil. Jogadores e dirigentes diziam que não viam a hora de viajar. Para passar o tempo, além do bate-papo, gastaram horas na internet e na piscina.

Outra preocupação era o valor a ser gasto. A diária custava a partir de R\$ 406. Para o Quilmes, o preço ficou em torno de US\$ 60 (R\$ 157) por pessoa. Cerca de 35 argentinos ficaram no Brasil.

Os dirigentes chegaram a reclamar que não teriam dinheiro para bancar tudo. E o hotel temeu pela dívida, já que eles decidiram ficar na última hora. Anteontem à noite, os argentinos arrumaram as malas, mas não embarcaram.

A decisão fez a agência de viagens que arrumou a vinda do clube se desdobrar para conseguir outros três voos — às 19h05 e às 22h de ontem e às 9h de hoje.

O clima no hotel só melhorou



Dirigentes do Quilmes, desolados, esperam na delegacia em que Desábato ficou detido até pagar fiança e voltar à Argentina ontem

Vocês vão pagar por isso, filhos da puta
frase estibada pelo site Cervetero, dos torcedores do Quilmes, logo acima de uma foto de Leandro Desábato algemado em São Paulo

com a chegada de Desábato, por volta das 16h. Alguns jogadores o esperavam no hall do hotel, mas ele entrou por um portão lateral, sem que eles também saíssem para acompanhar o jogador.

Ele tinha ordem para não falar com a imprensa. Com ele foi o técnico Gustavo Alfaro, que, ao sair com as malas, soltou um sorriso e um "finalmente". E a delegação foi para a piscina relaxar.

'Politicamente correto' irrita vizinhos

DE BUENOS AIRES

"Detenção de 36 horas por um insulto. É tremendo", disse o apresentador de TV Sergio Hender, ao noticiar para a Argentina a liberação, em São Paulo, do jogador Leandro Desábato.

O comentário do jornalista resume a interpretação que prevaleceu na imprensa argentina do episódio — exagero brasileiro.

"[A detenção de Desábato] é um despropósito típico da mania politicamente correta", disse o escritor Martín Caparrós, torcedor do Boca Juniors e autor do recém-lançado livro sobre o centenário do clube, "Boquitas".

À "mania politicamente correta", segundo Caparrós, "consiste em se horripilar muito com coisas menores e nada com as que

realmente merecem". O escritor afirmou que seria interessante verificar "quantos ministros negros há no governo Lula, que se indignou tanto" com o caso Desábato.

A suposição argentina de que a detenção do jogador esconde segundas intenções das autoridades é citada pelo jornal "Clarín". O diário "Ole" avalia a versão dos dirigentes do Quilmes de que foi uma operação "armada".

"As autoridades argentinas não conseguem entender o que há por trás disso. Há 15 dias, o Brasil tremeceu pela matança de 30 pessoas no Rio. As vítimas eram negras e foram executadas por grupos parapoliciais do Estado. A sensação que domina os argentinos é que houve oportunismo com Desábato", diz o "Clarín".

Em texto para o "Ole", o jogador argentino Sebastián Domínguez, que atua no Corinthians, afirma: "Os brasileiros têm muitos problemas com o racismo e fazem pouco para resolver. Talvez essa confusão tenha a ver com o fato de que [Desábato] é argentino. Já me chamaram de argentino de merda e nunca reagi".

A torcida do Quilmes convocou ontem, pelo site oficial do clube, uma marcha de protesto à e-embaixada brasileira em Buenos Aires. Com o anúncio da liberação de Desábato, o protesto foi suspenso. "Mas a torcida do São Paulo vai passar a ter problemas aqui", declarou à Folha Luis Alberto Sanchez, funcionário administrativo do Quilmes.

À tarde, a página do Quilmes esteve momentaneamente fora do ar, "por excesso de acessos". (SA)

MULTIMÍDIA

Ole
INFIERNO EN BRASIL

O diário esportivo, com a manchete "Inferno no Brasil" diz que o Quilmes acredita em um complô

ClarínX

"Vergonha" é o título da matéria que traz os detalhes da prisão de Leandro Desábato

LA NACION

Traiz levam o título "Um jogador de futebol preso, acusado de racismo", e classifica de escândalo

Página 12

JUNTOS ELEGIMOS ESTRILIMOS APRIETENHIMOS EN PALM DEN

No alto de sua primeira página, o periódico destaca "Um coquetel de futebol e racismo"

Figura 42— 16/04/2005 A2 Primeiro Caderno (A-esquerda/ B- direita)

DÍVIDA HISTÓRICA

O PEDIDO formal de desculpas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva aos africanos pelo passado escravocrata do Brasil é um daqueles gestos de grande valor simbólico. Se não repara um dano que é, por definição, irreparável, admite sem eufemismos a participação do Brasil no crime perpetrado durante séculos contra negros e africanos.

Nunca é demais lembrar o que representou a nódoa da escravidão. Várias dezenas de milhões de africanos foram reduzidos à condição de coisa para servir aos interesses econômicos de uma pequena elite. Milhões deles morreram nos abjetos porões dos navios negreiros e depois da chegada às Américas. O Brasil assume seu quinhão de culpa nessa ignomínia — a qual, diga-se, só teve a duração e a extensão conhecidas porque contou com uma rede de interesses estruturada em três continentes.

Entre os que mais lucraram com o comércio escravista estão os mercados e a coroa portugueses, senhores-de-engenho, mineradoras e cafeicultores brasileiros e também potentados africanos que arrebanhavam conterrâneos e os vendiam com

mo escravos. A justa distribuição de responsabilidades não pode ignorar o papel da Igreja Católica, que não apenas se beneficiou do fenômeno como ainda produziu “justificativas” teológicas para a escravidão.

O Brasil, como entidade política soberana e independente de Portugal, só surgiu em 1822. Seria um erro, porém, pretender minimizar por isso a participação do país nesse crime, já que sua formação social e econômica deriva em grande medida da experiência alimentada no período colonial. Lembre-se ainda que o Brasil foi o último país do mundo a promover a abolição, em 1888.

Paradoxalmente, embora o Estado brasileiro tenha acatado e favorecido a escravidão e as contribuições dos africanos tenham sido decisivas para formar nossa rica tradição cultural, o país foi num certo sentido também refém dela. Vários estudos vêem a manutenção da escravidão até tempos tão tardios como fator decisivo pelo atraso na gestação de um mercado de trabalho que teria sido importante para o surgimento de um capitalismo mais desenvolvido e de uma sociedade menos desigual.

FERNANDO RODRIGUES

Racismo é racismo

BRASÍLIA - Há vários tipos de preconceito de cor, é verdade. Mas, para usar a forma tautológica em voga com a chegada dos petistas ao poder, racismo é racismo.

No caso rumoroso desta semana, o jogador de futebol Grafite foi alvo de racismo. O atleta argentino Desábato o chamou, segundo os relatos disponíveis, de “negro de merda”. Com a prisão quase imediata do infrator, diante das TVs, o episódio acabou chocando algumas pessoas.

“Espetacularização” do combate ao racismo ou exagero na interpretação de uma ofensa comum (sic) foram análises registradas aqui e ali. Até o ex-jogador Tostão, sempre firme nos seus comentários, defendeu que esses delitos entre atletas no campo de jogo devam ficar na Justiça Desportiva.

É triste ver prosperar essa condendência no Brasil. Somos um país estranho. Uma das críticas mais recorrentes é que aqui as leis existem, mas quase nunca são cumpridas. No caso Grafite-Desábato, a lei foi cumprida. Como foi uma exceção, fala-se

em exagero. Ou muda-se a lei ou ela tem de ser seguida à risca. É assim que se constrói uma nação.

Essa abordagem macia do preconceito, esse “racismo cordial”, já apareceu cientificamente numa pesquisa nacional do Datafolha, em 1995, quando completavam-se 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares. Para 89% dos brasileiros, há racismo no Brasil. Só que apenas 10% admitem serem, eles próprios, racistas.

Enunciados como “negro bom é negro de alma branca” e “negro, quando não faz besteira na entrada faz na saída” são considerados normais por brasileiros que não se dizem racistas. Para 87% da população, essas e/ou outras afirmações preconceituosas nada têm de errado.

O racismo dissimulado é primo-irmão das interpretações reducionistas quando um jogador negro é chamado de “macaco”. Não importa qual tenha sido a motivação de Grafite. A sua denúncia é boa para o país.

@ → frodriguesbsb@uol.com.br

Figura 43— 16/04/2005 E13 Ilustrada

FOLHA DE S. PAULO

ILUSTRADA

sábado, 16 de abril de 2005 E 13

JOSÉ SIMÃO

Pena máxima! Argentino assiste ao rei Pelé!

BUEMBA! Bueмба! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Ai, minha santa Periquita do Bigode Loiro! Babado do dia: jogador argentino racista xinga Grafite de negro, macaco e manda enfiar uma banana naquele lugar. E vai pra cadeia! E eu sei qual deveria ser a pena: ver 30 vezes o filme do Pelé. E café da manhã: BANANA! E basta um argentino estar preso, seja quem for e pelo motivo que for, para brasileiro ficar alegre. Olha a manchete: “Argentino preso em SP chora e dorme em colchão emprestado”. Comentário de um leitor: tem coisa melhor que essa manchete para saborear num final de semana? E avisa pro argentino que negro é raça e ra-

cismo é desgraça. E o delegado falou que se o argentino em vez de banana tivesse dito abacaxi ou abacate, não teria sido configurado o crime de racismo. Abacaxi ou abacate naquele lugar? Realmente não é racismo, é sadismo. Já imaginou um abacaxi no fufô? E por falar em ofensa: no jogo Juventus x Liverpool, na Inglaterra, a torcida italiana estendeu a faixa: “You are more ugly than Camilla” (você são mais feios que a Camilla). É verdade! Eu tenho a foto! É a primeira declaração da Camilla após o casamento: “Eu estava completamente aterrorizada no altar”. Já sei, tinha um espelho atrás do padre. Rarará! Nós sofre, mas nós goza!

E adorei a declaração do Lula

na África: “A escravidão é como dor de cálculo renal, não dá pra contar, só sentindo”. E eu acho que o governo Lula é como exame de próstata, não dá pra contar, só sentindo! Rarará!

E adorei a charge do Santiago chamada “Nepotismo na TV”: “Véia, vem ver a novela com o filho do Tarcísio Meira, a filha da Regina Duarte e o sobrinho do Clíco Antsio”. E a governadora Rosinha disse que o Garotinho levou uma pancada tão forte quando caiu do palanque em 2002 que teve uma regressão mental e, por alguns dias, agiu como se tivesse 15 anos. Então foi regressão e não regressão mental. Rarará. É mole! É mole, mas sobel!

Antitucanês Rebateda, a Mis-

são. Continuo com a minha heróica e mesopotâmica campanha “Morte ao Tucanês”. Acabo de receber mais um exemplo de antitucanês. É que em Goiás, cidade da Cora Coralina, tem uma madeireira chamada Tora Toralina. Mais direto impossível. Viva o antitucanês. Viva o Brasil!

E atenção. Cartilha do Lula. Mais verbete pro óbvio lulante. “Flagelado”: flanelinha que só trabalha no inverno. Rarará. O lulês é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mas nós goza. Hoje, só amanhã. Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

O já famoso Estoura Brasil UFA!

@ → simao@uol.com.br



Leandro Desábato, logo após deixar o 13º Distrito Policial

KLEBER TOMAZ
COLABORADOR PARA A FOLHA
SILVANA ARANTES
DE BUENOS AIRES

“Estou com as mãos machucadas por causa das algemas”, afirmou o zagueiro argentino Leandro Desábato, 26, do Quilmes, que foi embora do Brasil ontem à noite levando como lembrança do país as marcas de ferimentos provocados nos pulsos quando havia sido transferido do 34º para o 13º Distrito Policial.

De acordo com Ítalo Miranda Júnior, delegado titular do 13º DP, Desábato foi algemado para que tivesse preservada sua integridade física, como determina a lei.

“As ferramentas do policial são a arma e a algema. E serão usadas quando houver necessidade, seja o preso quem for, artista ou jogador de futebol”, justificou Miranda Júnior. “Se ele estivesse com as mãos soltas poderia ter alguma ação e dar problema.”

A frase de Desábato foi reproduzida a pedido da Folha por Cristiano Maronna, um dos três advogados criminalistas contratados pelo Quilmes, por indicação do Consulado da Argentina, para cuidar da defesa do zagueiro.

“Quando o vi, ele esticou os pulsos sem as algemas e mostrou que estavam machucados”, disse Maronna, que espera que o Ministério Público Estadual apure o fato. “Algum promotor poderia entrar com ação de abuso de autoridade contra o Estado.”

Segundo o advogado, se o clube quiser, também pode entrar com uma ação civil contra o Estado, para pedir indenização pelo tratamento que teve o jogador.

“Toda a prisão foi um exagero. Um circo”, disse Carlos Mendes, outro advogado, que impetrou pedido de liberdade provisória deferido pelo juiz Marcos Alexandre Zili, do Dipo (Departamento de Inquéritos Policiais).

Zili estipulou fiança de R\$ 10 mil, paga na manhã de ontem pelo Quilmes, e concedeu o alvará de soltura para Desábato, que antes havia passado por exame de corpo de delito feito por peritos do IML (Instituto Médico Legal)

no 13º DP. O resultado do laudo não foi divulgado.

Após isso, o atleta foi para o Fórum da Barra Funda, no carro dos advogados, onde assinou um termo de compromisso na frente de Zili assumindo responsabilidade de comparecer ao Brasil para as audiências sobre o caso.

O voo do jogador, que está em liberdade provisória, decolou de Cumbica às 19h05, com destino a Buenos Aires. Ele desembarcou na capital argentina às 21h59, também sem dar declarações.

Desábato, que ficou detido da 0h54 de anteontem até as 13h30 de ontem, foi indiciado sob acusação de crime de injúria qualificada (ofensa à dignidade com elementos de raça, cor, etnia, religião, origem ou condição de pessoa idosa ou deficiente).

Segundo depoimento à polícia do atacante Grafite, do São Paulo, Desábato o chamou de “negro de merda, filho-da-puta, negrinho” no fim do primeiro tempo do jogo São Paulo 3 x 1 Quilmes na noite de quarta, no Morumbi, pela primeira fase da Libertadores.

Depois do suposto xingamento, Grafite revidou com um tapa em Desábato e foi expulso. O argentino continuou em campo e, após o árbitro encerrar o jogo, recebeu ordem de prisão do delegado Osvaldo Nico Gonçalves, supervisor do Garra (Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos).

O zagueiro do Quilmes foi enquadrado no artigo 140, parágrafo 3º, do Código Penal brasileiro, que prevê pena de reclusão de um a três anos e multa.

Quando prestou depoimento à polícia, Desábato negou que tivesse proferido palavras de ofensas racistas ao atacante são-paulino, ao contrário do que divulgara a polícia e parte da mídia. O zagueiro afirmou, porém, ter sugerido ao atacante que pegasse “a banana e enfiasse no c...”.

“Nosso atleta teve danos psicológicos e morais irreversíveis”, afirmou Júlio García, vice-presidente do Quilmes.

→ **LEIA MAIS** sobre o caso Grafite da pág. D2 à D5

Figura 45- 16/04/2005- Capa

Figura 46 -16/04/2005- Painel do Leitor



Desábato é libertado e volta à Argentina

O zagueiro argentino Desábato, do Quilmes, foi libertado após pagar fiança e voltou para casa ontem à noite. Ele foi preso anteriormente por ofensas racistas ao são-paulino Grafite em jogo pela Libertadores.

Desábato, que se comprometeu a voltar ao Brasil para audiências na Justiça, disse ter nos punhos ferimentos de algemas. Um de seus advogados, Cristiano Maronna, falou em "abuso de autoridade". **Pág. D1**

Preconceito banaliza ofensas

JOSÉ GERALDO COUTO
COLUNISTA DA FOLHA

Respeito quem achou exagerada a punição a Desábato. O atleta talvez tenha sido um bode expiatório.

Mas estamos tão imersos em preconceitos historicamente adquiridos que encaramos ofensas raciais como banais. Se for preciso optar, é melhor o exagero que a omissão. **Pág. D6**

PAINEL DO LEITOR

Racismo no gramado
"Parabéns ao delegado que prendeu o argentino 'desmiolado' por crime racismo. Foi racismo mesmo! A televisão mostrou tudo e não há o que esconder. Que a justiça seja feita e que isso sirva de lição para todos, inclusive para os daqui também. E, afinal, por que será que o apelido do jogador é Grafite? Com a palavra os sociólogos, os antropólogos..."

Jurcy Querido Moreira
(Guaratinguetá, SP)



"Chamar o senhor Libânio de 'Grafite', numa comparação da sua cor com a do material, pode. Afinal, é o brasileiro oficial. Mas chamar o jogador de negro não pode. Não estou entendendo nada. Um melhor, entendo. Como disse um amigo meu, existe gente perto de quem você não pode abrir a porta da geladeira, que pensa que é uma câmara e já sai falando bobagem. É por causa dessas bobagens é que fica mais difícil gritar contra o racismo real."

Sergio Luiz Simonato (São Paulo, SP)

"O Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado de São Paulo apoia a atitude do delegado Osvaldo Nico Gonçalves e repudia a atitude do jogador Desábato. Uma Constituição é o compromisso moral que uma nação assume consigo mesma. Ao tornar a prática de racismo um crime, nosso país reconheceu como uma realidade historicamente construída e aceitou o desafio de entendê-la, identificá-la e combatê-la. Uma das formas de fazer isso é exercer a lei. Os racistas não odeiam a cor ou as características físicas do negro, pois as características físicas são apenas o fator impulsor do ódio. Eles odeiam o que nós representamos ou a posição que ocupamos. O impulso destrutivo que move alguém a praticar racismo é crime inafiançável em nosso país. Que o ocorrido sirva de exemplo para o jogador Leandro Desábato e para a sociedade brasileira. No ano de combate ao racismo, o governo do Estado de São Paulo toma uma medida exemplar."

Maria Aparecida de Laia, em nome do Conselho da Comunidade Negra do Estado de São Paulo (São Paulo, SP)

Cor
"Excelente o artigo de 14/4 de Demétrio Magnoli ('Ministério da Classificação Racial', Opinião), sobre a pesquisa que o Ministério da Educação, através do Censo escolar, está realizando. O Censo é uma ótima ação, no entanto, neste ano, incluíram aleatoriamente o levantamento sobre a 'raça' 'perceção' do aluno. Nesse item, há vários problemas, como assinalou o colunista. Não está claro para a sociedade que uso o governo fará desse dado. Seria utilizado para o sistema de cotas para negros na universidade? Para variar, cadê a transparência e o respeito ao cidadão? O Brasil é um país multicultural e multirracial. Não há por aqui raça 'pura'. Hoje, somos todos herdeiros de vários

povos e raças. Além disso, qualquer cidadão — até mesmo as crianças — sabe que o conceito de raça é extremamente questionável e politicamente incorreto. Os termos usados — preto, amarelo, branco e pardo — são banais, e a justificativa do Inep/MEC é pior, pois estes alegam que são termos usados desde o século 19. Isso é ultrajante! Será que se esqueceram de que no século 19 ainda havia escravidão?

Como o nosso governo usa argumentos do século 19, também usarei um famoso, que, aliás, foi moda quando o governo ainda não era governo: cidadãos e pais, uni-vos para dizer não a essa forma de discriminação racial."

Tânia de Andrade Magalhães
(Mogi Mirim, SP)

Nepotismo
"A controvérsia atual sobre o nepotismo remete-nos imediatamente à famosa carta de Pero Vaz de Caminha ao rei, em 1500, em que solicitava a este que viabilizasse o remanejamento de seu genro, Jorge de Osório, da ilha de São Tomé para o Brasil. Pelo tom, pelo clima e pela superficialidade das discussões que a temática tem despertado lá no Congresso Nacional, vai-se percebendo que o problema central não está no nepotismo em si, mas em nossa antiga e neurótica família nuclear, esse locus aquilão em que germinam praticamente todos os pecados capitais, onde brotam frustrações, lésivas, rancores, disputas, patologias em geral e, é claro, a famosa e imensa culpabilidade, da qual os membros tentam livrar-se através desse pacto de ajuda e favorecimento mútuo. É bem provável que a proibição do nepotismo na cultura vigente torne ainda mais perversas as malandragens relacionadas ao assunto."

Ezio Flavio Bazzo (São Paulo, SP)

Sem preconceito
"A Folha é um veículo de comunicação que prima pela isenção de preconceitos, de visões partidárias e de dogmas. Mas percebeu um tom elitista e preconceituoso no texto de Josimar Melo do dia 10/4 ('Mooca ganha casa argentina', Ilustrada), que se encerra assim: 'Afinal, mesmo com todo o esforço, de toda forma não estamos em Buenos Aires nem no Itaim'. Talvez ele não conheça a tendência mundial de regionalizar todos os serviços, o entretenimento, o lazer, o trabalho etc. devido à violência, que assusta as pessoas em qualquer lugar do mundo, ao trânsito, que, especificamente em São Paulo, é caótico, e à falta de tempo, características de quem trabalha muito. A opinião sobre o restaurante não posso comentar, pois esse é o trabalho do colunista. Mas digo que as pessoas da Mooca, quando buscam qualidade, têm a Folha esperando encontrar sugestões puramente técnicas nas críticas gastronômicas. A apologia do preconceito é sempre mordaz, pois fere os sentimentos de 63 mil pessoas que moram na Mooca e por tradição, têm amor ao bairro, que tem bons restaurantes e boa gente."

Maria Alice Amoroso Nunes
(São Paulo, SP)

Resposta do jornalista Josimar Melo — O trecho citado refere-se à observação feita pelos próprios donos do restaurante de que é habitual na Mooca (onde eles vivem) que as pessoas se dirijam à zona sul quando buscam restaurantes mais sofisticados.

Figura 47- D4 17/04/2005

D 4 domingo, 17 de abril de 2005

ESPORTE

FOLHA DE S.PAULO

FUTEBOL Argumento da entidade para contrariar tendência mundial em relação à discriminação é não deixar tema ser esquecido

FPF espera 2006 para agir contra racismo

LUIS FERRARI
DA REPORTAGEM LOCAL

A Federação Paulista de Futebol lançou uma campanha contra o racismo no futebol. Mas não aproveitará o último dia do Estadual para fazê-lo. Em vez de dar início à iniciativa hoje, a entidade prefere começar a promover oficialmente o combate à discriminação racial só em 2006.

"Temos o projeto de iniciar uma campanha oficial antes do início do Paulista do ano que vem", afirmou a Folha Marcelo Polo Del Nero, presidente da FPF.

Ele disse que, na reta final do Estadual, a entidade vai se limitar a apoiar atos promovidos por outros órgãos. "A FPF respalda qualquer campanha. Autorizamos entidades a entrar nos gramados com faixas contra o racismo do domingo [hoje]", afirmou.

A opção de não aproveitar o debate sobre o tema é considerada a melhor estratégia, segundo o dirigente.

"No Brasil, é comum temas relevantes caírem no esquecimento. A partir de uma sugestão do departamento de marketing, optamos por deixar nossa campanha para 2006", explicou Del Nero.

Ele acredita que será o momento mais adequado, porque os Estaduais tradicionalmente são disputados no início da temporada.

Esperar oito meses para adotar uma estratégia oficial de combate ao racismo no futebol é uma medida oposta à tendência mundial.

Na Europa, a Uefa deu início a uma campanha de repúdio à discriminação tão logo foram verificados comportamentos intolerantes de torcedores — como o verificado ontem, quando a torcida do Atlético de Madri atirou uma banana no camaronês Kameni, goleiro do Espanyol.

Sensibilizada pelo problema, a Fifa encampou a medida e levou o debate para a esfera mundial.

No América do Sul, a reação ao racismo também foi imediata. No dia em que Desábato foi posto em liberdade (antontem), o Conselho revidou a Folha que apontava o ato ao racismo será objeto de uma reunião de seu Comitê Executivo.



Pontirolli, goleiro do Quilmes, fala na chegada a Buenos Aires sobre a prisão de Desábato, que pretende se refugiar no interior da Argentina durante esta semana

Em casa, Desábato busca isolamento

DI BUENOS AIRES

O jogador argentino Leandro Desábato deixou ontem Buenos Aires, onde chegou na noite de sexta-feira, para encontrar a família em Santa Fé, sua província natal, no norte do país.

"Vamos ficar no campo, sem telefone fixo nem celular", disse Leandro Desábato, mãe do jogador, que esperava a chegada dele na noite de ontem. "Ele me ligou ontem [antontem]. Disse que tinha coisas para resolver em Buenos Aires de manhã [no sábado] e depois viria", completou ela.

Segundo Angel Randi, um dos diretores do Quilmes, Desábato terá uma semana de descanso no lado da família.

A mulher do jogador, Luísa Priotti, 21, espera o primeiro filho

do casal para o mês que vem.

Desábato não jogará hoje a partida do Campeonato Argentino contra o River Plate porque foi expulso no último jogo, diante do Instituto de Córdoba. "Ele também não jogará o próximo porque é contra o Estudiantes de la Plata", adiantou Randi.

O passe de Desábato pertence a Estudiantes, que o cedeu ao Quilmes. Pelo contrato, quando os dois times se enfrentarem, Desábato não entra em campo.

Sem Desábato, o Quilmes treinará normalmente ontem em seu estádio, o Centenario. "Não estamos nas melhores condições, mas este time porque é único e solidário", disse o goleiro Marcelo Pontirolli, que esteve ao lado do defensor na viagem de volta de São Paulo a Buenos Aires.

A prisão do jogador poderia ter adiado o compromisso do Quilmes pelo torneio local. O River Plate afirmou que concordaria com o adiamento do jogo de hoje caso o adversário tivesse solicitado, o que não foi feito.

"Se perdemos não tem importância. Com o Quilmes, o importante é jogar", disse o torcedor Guillermo Galli, 34, que comprou ontem ingresso para a partida. Pagou 10 pesos (R\$9).

De acordo com Galli, acusação de racismo contra Desábato feita no Brasil "foi um complot". O torcedor diz que recebeu a notícia incredulo. "A única rivalidade que existe entre brasileiros e argentinos é verificada no futebol. No resto, penso que o Brasil é superior em tudo. Não precisavam ter feito isso", afirma ele. (5A)

MEMÓRIA

Argentino foi preso ainda dentro de campo

DA REPORTAGEM LOCAL

O zagueiro argentino Leandro Desábato foi preso na madrugada de quinta-feira, ainda dentro de campo, após o jogo com o São Paulo, no Morumbi.

O jogador do Quilmes foi acusado de ter ofendido o atacante Grafite com palavras racistas. O delegado Osvaldo Gonçalves empurrou Desábato por crime de injúria qualificada (ofensa à honra com elementos de raça, cor, etnia, religião, origem ou condição de pessoas idosa ou deficiente).

O atleta foi levado para o 34º Distrito Policial para prestar depoimento, mas depois acabou sendo detido pela polícia e transferido para o 13º DP.

A liberação de Desábato ocorreu somente às 13h30 de antontem, após pagamento de R\$ 10 mil de fiança e realização de exame de corpo de delito, efetuado por médicos do DMT, ainda na delegacia.

Para obter permissão para voltar à Argentina, o jogador foi obrigado a participar de uma audiência no fórum criminal de São Paulo.

O argentino assinou termo de compromisso segundo o qual se apresentará à Justiça brasileira para as audiências.

Desábato embarcou no aeroporto de Cambiá para Buenos Aires antontem, às 19h05.

SILVANA ARANTES
DI BUENOS AIRES

'Educar é mais importante que punir'

Caso deve criar consciência, e não alimentar xenofobias, diz sociólogo da Argentina

como um fenômeno social e um fato jurídico.

A Argentina tem uma lei contra a discriminação e é signatária da convenção das Nações Unidas contra a discriminação. Contudo, a legislação argentina contra a discriminação é relativamente recente, de 1988.

Folha - A lei argentina prevê prisão para atos de discriminação? Oteiza - A nossa lei estabelece uma pena mais baixa do que a brasileira. É uma pena acessória a outro delito penal. Por exemplo, se há uma agressão física, algo que figure no código penal, e também discriminação, então a discriminação é um agravante.

Não há pena para discriminação como um fato isolado. A discriminação apenas aumenta a pena, se associada a outros delitos. Mas, na Argentina, condenações a até três anos de prisão são libertadas de cumprimento em carcere, e não sei que a pessoa tenha antecedentes penais. Ou seja, ninguém vai à prisão na Argentina por uma pena menor de três anos.

Folha - Na prática, então, ninguém é preso por discriminação na Argentina? Oteiza - Não. Houve propostas no Congresso para aumentar a pena por discriminação, mas destacados especialistas em direito



Em Buenos Aires, Pelé cumprimenta Ratin, do Boca Juniors...

penal do país são contrários ao aumento de penas em geral.

Folha - Por que no caso da discriminação? Oteiza - A ideia é que é mais importante a prevenção, por meio da educação, do que o aumento das penas. O que se deve intensificar é a cultura e a educação, inclusive no meio futebolístico: aumentar a cultura antidiscriminatória.

Folha - A acusação de discriminação a Desábato, que envolve também a rivalidade entre Brasil e Argentina no futebol, contribui ou desfavorece o aumento da conscientização que o sr. menciona? Oteiza - Como o futebol é um espetáculo massivo, que atrai muitas paixões, quando há competições entre países, lamentavelmente, incorporam-se dimensões nacionalistas, chauvinistas, xenofobias. Um tratamento irresponsável por parte da mídia pode contribuir para exacerbar tensões que não condizem com um fato desta natureza. Este episódio está nas mãos da justiça, que é quem tem a atribuição de resolvê-lo.

Folha - O sr. acha que está havendo tratamento irresponsável do fato pela mídia? Oteiza - Por parte de muitos, sim. Dei mais de 30 entrevistas sobre este caso. Em 20 delas, encontrei um grau de emotividade, de irracionalidade e de manipulação que me pareceu inadequado.

Folha - Quando o sr. diz irresponsabilidade da mídia, a que exatamente se refere? Oteiza - Irresponsabilidade seria, no caso da imprensa argentina, pensar que, se efetivamente o delito for comprovado, isso não tem importância, porque é coisa de futebol, algo menor. Ou seja, tentar fazer parecer que não se infringiu uma lei. Outra forma seria [questionar] um abuso de poder

no Brasil, que não é adequado privar da liberdade o jogador. Iniciar um processo seria suficiente, mas levá-lo a julgamento e deixá-lo incomunicável são procedimentos inexplicáveis, abusivos.

Folha - O sr. avalia que esses procedimentos foram corretos? Oteiza - A última coisa que digo é que se está provado que foi infringida a legislação contra a discriminação do Brasil e se essa pessoa tem um advogado defensor, não sei por que haja alguma irregularidade... Mas confiamos na justiça brasileira, como acho que o Brasil confia na da Argentina.

É preciso esperar o resultado da justiça. Talvez o juiz decida que não houve discriminação ou decida que houve e resolve aplicar devidamente a lei. O mais necessário agora é ter senso de justiça, da lei, ser ponderados, ter consciência, e não alimentar xenofobias e tensões. No futebol, quando equipes de países diferentes disputam, às vezes [o jogo] parece um simulacro do triunfo de um país sobre o outro.

Folha - Que tipo de discriminação é mais comum na Argentina? Oteiza - O percentual maior é de casos relacionados a imigrantes dos países vizinhos. Em geral, são trabalhadores, gente humilde.

As denúncias têm um conteúdo misto, de difícil diferenciação entre xenofobismo e discriminação de raça, já que, em poucas palavras, digamos que as populações vizinhas não têm traços europeus. Também há os casos de discriminação contra a mulher, contra as pessoas portadoras de deficiência.

Folha - E baixo o índice de discriminação contra os negros na Argentina? Oteiza - Não. Ao contrário, é alto. Ocorre que a população argentina afrodescendente, em razão da mestiçagem, não apresenta traços negros. É muito pequena a população negra da população. Mas, em relação a essa população, o índice de discriminação é alto.

Figura 48- D5 Esporte 17/04/2016

FOLHA DE S. PAULO

ESPORTE

domingo, 17 de abril de 2005 D 5

FUTEBOL Presidente do Quilmes diz que jornalista e comerciante trocaram abraços com policiais e comeram pizza na delegacia

Amigos de Grafite foram testemunhas

KLEBER TOMAZ

COLABORADOR PARA A FOLHA

Dois pessoas ligadas ao atacante Grafite, 26, do São Paulo, foram suas testemunhas no boletim de ocorrência feito no 34º Distrito Policial que resultou no indiciamento do zagueiro argentino Leandro Desábato, 26, do Quilmes, sob acusação de crime de injúria qualificada.

Especialistas ouvidos pela Folha dizem que a lei não veta amigos de serem testemunhas de acusação, mas, conforme o caso, a defesa pode usar isso para questionar a idoneidade das testemunhas.

Coincidentemente, ontem o presidente do Quilmes, Daniel Razzeto, declarou ao diário argentino "Clarín" que as testemunhas de Grafite — o jornalista Fábio de Freitas, o Bolla (assessor de imprensa do atacante), e o comerciante Eduardo Sorrentino — foram amigos do jogador. Sorrentino, amigo do São Paulo, contou que trocaram abraços com policiais que estavam na delegacia, na madrugada da última quinta-feira, dia da ocorrência.

"Vieram aos abraços e comeram pizza com os policiais. Tiramos as fotos disso com nossos celulares", disse Razzeto, que, como outros cartistas de campo e também os jogadores, considera uma afronta a prisão de Desábato.

"Cada vez fica mais claro que essa história estava respaldada e que se aproveitaram do Quilmes porque é uma equipe jovem", declarou o volante Almeyda, após chegar na Argentina.

"Quando chegamos ao estádio havia bandeira contra o racismo. E alguns jogadores estavam pedindo desculpas contra o racismo", acrescentou o goleiro Pontiroli.

Razzeto foi ainda outra acusação. "As testemunhas admitiram não ter ido ao campo. Disseram que estavam vendo a partida pela televisão e que haviam decidido os insólitos racistas através do movimento de lábios de Desábato". Essa versão consta no inquérito.

Cristiano Maronna, advogado do argentino, disse desconhecer a declaração de Razzeto, mas afirmou que "a maioria da legalidade da ação policial cabe aos órgãos



O delegado Osvaldo Nico Gonçalves, responsável por dar voz de prisão ao argentino Desábato

competentes, como Corregedoria da Polícia e Ministério Público". As testemunhas negaram a versão da pizza. "O único que comeu na delegacia foi o Desábato esfriado. Ainda tomou uma garrafa de soda", disse Bolla, que admitiu ter cumprimentado os policiais.

Guaracy Moreira Filho, delegado titular do 34º DP, recebeu com tranquilidade a acusação de Razzeto. "Isso é besteira. Agora vem esse presidente e fala isso", defendeu Moreira, que não estava na delegacia na ocorrência, feita pelo plantonista Roberto Moraes.

"Como comer pizza numa situação dessas? Também não abraciei homem. Eu gosto é de mulher", declarou Sorrentino. Desábato chegou antontem a Buenos Aires, depois de ficar pouco mais de 36 horas preso. Ele foi enquadrado no artigo 140 pará-

PERFIL

Agente do Garra usa leitura labial e já deteve atores

COLABORADOR PARA A FOLHA

O delegado Osvaldo Nico Gonçalves, 48, supervisor do Garra (Grupo Armado de Resistência), afirmou ontem que um dos elementos que utilizou para fazer a prisão do argentino Leandro Desábato, 26, zagueiro do Quilmes, foi leitura labial.

"Foi eu o que [São Paulo e Quilmes] das tribunas da FPF [Federação Paulista de Futebol], da qual sou assessor do TI [Tribunal de Justiça] há sete anos, e percebi, não vi, mas percebi, que o argentino disse ofensas racistas ao Grafite pela TV, que repetiu o lance diversas vezes. Percebi isso fazendo uma leitura labial do jogador do Quilmes", disse Nico.

Desábato, em depoimento, nega ter proferido insulto de

cunho racista ao São Paulo. Segundo o delegado, além da leitura labial, o principal elemento para a prisão do argentino foi o boletim de ocorrência registrado por Grafite. "Se ele não fizesse a queixa não poderíamos fazer a prisão", diz.

"Era um crime de injúria. O argentino infringiu o artigo 140, parágrafo 2º, do Código Penal. Qualquer um deve ser preso por isso, mas é preciso de provas. No caso de Grafite, ainda havia duas testemunhas", afirmou o delegado.

"Fui ao vestiário procurar o Grafite, que já estava acompanhado do advogado do São Paulo [José Alves] e quis fazer ocorrência", lembra Nico.

Figura presente nas ações do Garra, Nico já protagonizou uma cena inusitada em 1979, quando prendeu atores que começaram a brigar durante uma peça de teatro ao qual de havia ido como espectador. "Eles brigaram em cena. Isso não pode acontecer", recorda o delegado, que afirma ter 24 anos de profissão. (R7)

Corregedoria viu ação perfeita

DA REPUBLICA/AGENCIAS

Para a Corregedoria da Polícia Civil do São Paulo, a ação dos policiais que trabalharam na prisão e manutenção de Desábato sob custódia por mais de 36 horas obteve integralmente êxito.

"O entendimento da corregedoria é que não houve ilegalidade nem abuso de poder. A ação policial foi considerada perfeita. A prisão de Desábato só aconteceu após o jogador São Paulo ceder o direito por ele ter representado [firmado na delegacia] que sentiu-se ofendido em sua honra e pedida providenciada", declarou Maurício Sapori, investigador da corregedoria.

Para ele, a teoria irregularidade por parte do delegado Osvaldo Nico Gonçalves se ele tivesse agido

do independentemente da vontade do jogador, que foi procurado nos vestiários do Morumbi. "O início da atuação policial no crime de injúria depende do ofendido. Se Grafite não tivesse se manifestado, a polícia não poderia ter tomado nenhuma providência."

"A rigor, Desábato foi até bem tratado. Enquanto esteve preso, o argentino permaneceu sob custódia em cela individual, recebeu visitas e alimento de seus companheiros. Foi liberado prontamente após o pagamento de fiança", afirmou o corregedor.

A respeito do fato de o zagueiro argentino ter sido transportado de um distrito policial para outro alojado, Sapori esclareceu que "segundo a prática policial de transportar os presos sempre algemados". (R7)

VERDE E AMARELO

'Racismo se combate com polícia'

RAFAEL CABRILLO

DA SUPERFOLHA DO BR

Para o historiador Marcelo Fiorentino, 47, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a prisão do jogador argentino Leandro Desábato, após ofender o atacante Grafite, do São Paulo, mostra que o combate mais eficiente ao racismo se faz "com polícia" e não "com transplantações mecânicas de políticas afirmativas de outros países" — como a implantação de cotas para negros em universidades, por exemplo.

A reação "semelhante" que se seguiu à detenção do zagueiro argentino, além da rivalidade entre Brasil e Argentina, dá implantação de um projeto novo de país para o Brasil, em que branco e negro são tratados de forma "bicolor" em que se perde a "força" da investigação.

O caso específico reflete duas coisas. Uma reação quase histórica dessa rivalidade intensa entre Brasil e Argentina, especialmente no campo do futebol. Mas também a existência de uma sociedade que trava a possibilidade de ascensão social, na qual uma das saídas passa a ser se identificar com um grupo racial e tentar se beneficiar de políticas como cotas.

Ademais, para o historiador, a própria rivalidade entre Brasil e Argentina pode ser marcada por uma perspectiva racial. "Os argentinos sempre se sentiram os europeus perdidos na América. Racialmente eles se consideram superiores a todo e qualquer latino-americano. O racismo é um traço cultural muito forte na Argentina. Se o outro país tiver população negra, e macaquiço. Se tiver população indígena, e índio."

Folha - O Sr. acredita que a prisão do jogador argentino foi correta? Fiorentino - Há duas dimensões nesse caso. A primeira é

Reação ao caso de Desábato é sintoma de projeto novo para o Brasil, diz historiador

que a assim que se combate o racismo, não há país que tem uma lei sobre o assunto com polícia, e não com qualquer outro tipo de encobertação de eventuais problemas raciais.

O caso específico reflete duas coisas. Uma reação quase histórica dessa rivalidade intensa entre Brasil e Argentina, especialmente no campo do futebol. Mas também a existência de uma sociedade que trava a possibilidade de ascensão social, na qual uma das saídas passa a ser se identificar com um grupo racial e tentar se beneficiar de políticas como cotas.

Folha - Esses singamentos acontecem também entre jogadores brasileiros? Fiorentino - Não tenho dúvida. Se você está a um tempo de qual que clube brasileiro hoje, é "negócio suado" para lá, "crucial", eu vou te mostrar na próxima", "volta para a África". O curioso é essa história agora. Mas, se há uma lei, é com polícia que se combate racismo, e não com transplantações mecânicas de políticas afirmativas de outros países.

Folha - O que aconteceria se melhor do que criar esse Brasil bicolor com política de cotas, por exemplo? Fiorentino - Sim. É a maneira



...na final da Libertadores de 1963, vencida pelo Santos por 2 a 1

mais eficiente que existe para se combater racismo. Mas o que está se ignorando, nesse ambiente histórico, é uma coisa que já alertamos há muito tempo: cuidado, porque, ao criar um Brasil bicolor, você vai acabar extinguindo o que não existe. O Brasil é um país racista, mas o ódio racial está sendo implementado com essa discussão meio enviesada realizada por diversos segmentos, incluindo o Brasil bicolor.

Folha - Por que todo brasileiro é também afro-brasileiro? Fiorentino - É índio-brasileiro, afro-brasileiro. Estamos colidindo os traços concretos dessa história do Brasil bicolor.

Folha - Por que história? Fiorentino - Ora, mas isso não está sendo assumido como política pública? Essa busca pelo Ministério da Educação das raças brasileiras, por exemplo.

Folha - Mas tem origem social também? Fiorentino - Evidente. É a pobreza. Com o tratamento das possibilidades de mobilidade social as pessoas procuram se afirmar por onde podem. Ou seja, a pesquisa realizada pela Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior) mostrou que a participação dos negros na universidade corresponde a sua proporção na população. Se fizer essa mesma pesquisa daqui a alguns anos, os negros na universidade serão muito superiores a sua participação na população. E claro. Está todo mundo se afirmando negro em busca de uma melhor chance.

Folha - Faz diferença o singamento ter sido feito por um argentino? Fiorentino - Não há dúvida. Veja

o [correspondente do 'New York Times'] Larry Rohter. Ele não chamou o Lula de bebado? Não viveu história nacional. Envolveu mais o governo e a própria mídia. Não chegou a toda a população como hoje, em todas as rádios, em todos os jornais. Tem a ver com a nossa rivalidade, beirando um certo fascismo, porque você pode ter isso como um racismo ao contrário.

Folha - Contra os argentinos? Fiorentino - Dos brasileiros com os argentinos. Em 1996, na final Argentina e Nigéria, na Olimpíada, houve um brasileiro que comemorou a vitória por 3 a 2 da Nigéria nas ruas de Buenos Aires, e ele foi assassinado. Aláís, ele era negro, mestiço.

Folha - Essa rivalidade é marcada de maneira racial também? Muitos argentinos nos enxergam como todos negros? Fiorentino - Não tenho dúvida. Historicamente os argentinos sempre se sentiram os europeus perdidos na América. Racialmente eles se consideram superiores a todo e qualquer latino-americano.

Racismo é um traço cultural muito forte na Argentina. Se o outro país tiver população negra, é macaquiço. Se tiver população indígena, é índio. Tanto é assim que eles acabaram com o problema indígena da maneira mais eficiente possível — eles mataram todos os índios no século 19.

Folha - O que há de ruim na fundação de um país bicolor? Fiorentino - Perdermos nossa identidade, a mestiçagem, que é nossa fortaleza. Não somos um país multicultural. Já fomos. A gente não vive problemas que são próprios de países que só agora, no século 21, estão se detentando com o multiculturalismo. Eramos multiculturais no século 17, no 18.

Hoje somos simplesmente brasileiros. É uma vitória desse país e dessa civilização. Corremos risco com esse projeto maluco de criar um país de pretos e brancos.

Figura 49 – 17/04/2005 Primeiro Caderno, Paineis F.C e Paineis do Leitor

'A coisa está preta'

RODRIGO BUENO
DA REPORTAGEM LOCAL

O TÍTULO da coluna, frase repetida no Brasil quando uma situação é ruim, pode não ser racista para alguns, mas é algo que parte da mídia evita para ser politicamente (ou etnicamente) correta. Sem preconceito, repeti tal frase antes de me formar jornalista sem saber por que uma situação ruim é ligada a cor negra. Só na Folha fui aprender a não escrever "ovelha negra". Julio Veríssimo, amigo e chefe, mostrou-me há dez anos que o termo pode ser visto de forma pejorativa.

Quarta-feira, antes do episódio Grafite-Desábato, ouvi comentário que me chamou a atenção. Assisti à disputa PSV x Lyon na Copa dos Campeões quando escutei que "os negros estão perdendo penáلتis" (Essien e Abidal, do Lyon, e Beasley, do PSV erraram cobranças). Tal comentário foi seguido de outro que lembrava a repetida frase de que "negro, quando não faz besteira na entrada, faz na saída". O Painel FC lembrou antecolme que 87% dos brasileiros, segundo pesquisa do Datafolha, não acham essa frase racista, embora 89% dos ouvidos digam ter racismo no Brasil.

O brasileiro Gomes foi o herói na decisão por penáلتis que levou o PSV à semifinal contra o Milan. Ao escrever sobre o feito, fiz uma pergunta geral: "Gomes é negro?". Pensando em escrever que a Europa veria inédita semifinal de goleiros brasileiros negros, profissionais que venceram, portanto, dois preconceitos, recebi respostas confusas. "Ronildo e Roberto Carlos são negros?", foi uma per-

gunta que recebi como resposta. O termo parido é usado para definir boa parte da população brasileira, mas não se vê jogador usar camisa "100% parido" ou assumir essa "cor". O Brasil terá na Copa da Alemanha uma seleção majoritariamente negra, quase a mesma que visitará agora a Argentina. No país europeu não lembrado pela perseguição a minorias, a questão do racismo será até mais central do que na Copa de 2010, a primeira em um país com população majoritariamente negra.

A colônia não seria sobre racismo, mas o caso no São Paulo x Quilmes tornou enorme proporção e terá efeitos significativos



Branços e negros

Milan x PSV: semifinal bem brasileira na Copa dos Campeões que bateu recorde de "brazucas", Dida, Cafu, Serginho e Kaká são favoritos contra Gomes, Alex, Leandro e Robert. Oito brasileiros (na maioria, negros) podem ser campeões, mas, se o Chelsea for à final, acho que o time inglês, que não tem brasileiros, será favorito. Aliás, o Liverpool é o outro clube que foi ao mata-mata sem "brazucas" inscritos. Chelsea x Liverpool tem negros, mas é semifinal bem branca.

Negro

James Vaughan fez história aos 16 anos e 271 dias. Marcou nos 4 a 0 do Everton no Crystal Palace pelo Inglês, tornando-se o mais jovem a marcar na liga inglesa. Ele não é branquinho como Owen (17 anos e 144 dias), Rooney (16 anos e 361 dias) e Milner (16 anos e 357 dias).

@ -> E-mail: rbueno@folha.com.br

dentro e fora do país. Vi muita TV e li bastante sobre o imbróglio para chegar a uma conclusão (nessas horas, é bom ter coluna semanal). Houve exagero nas alegações, assim como em alguns comentários contra argentinos (uruguaios, por exemplo, também usam vez ou outra o "Micaquito"), além de gente querendo aparecer mais do que devia. Mas a atitude de Grafite é tão pioneira quanto louvável. Alguns questionam se chamar de "negro" é racismo ou não. Talvez só um negro possa definir isso, mas no caso do Morumbi, se Desábato disse isso, foi sim racista (digo como branco, soudo do time da infância, cheio de amigos negros na periferia de São Paulo). O zagueiro conhecia bem o nome Grafite, a ponto de pegar a camisa do são paulino em Quilmes. Por que no "calor do jogo", na hora em que se fala palavrões, referiu-se a Grafite pela cor de sua pele? A Corneilal fingia não ter racismo na América do Sul até quarta. E alguns fingem não ter racismo no Brasil...

Justificativa

Carlos Mendes, advogado do zagueiro Desábato, tem a sua explicação para o cliente mandar Grafite "enfiar a banana na bunda". Diz que os jogadores do Quilmes leram a mensagem de um torcedor que pedia no diário "Lance!" para o atacante comemorar um gol fazendo o gesto de uma banana aos argentinos. Ao lado aparecia a foto do atacante. Daí teria nascido a confusão.

"O jogador e hoje comentarista Tostão foi muito feliz em seu artigo sobre a polêmica entre o jogador argentino Desábato e o brasileiro Grafite, que aceita pacificamente ouvir seu mau apelido repetido 'n' vezes pela imprensa, por amigos, por torcedores e talvez até por familiares. Até aí, tudo bem.

Durante a emoção da disputa futebolística, quando todos os jogadores e até mesmo o árbitro e os bandeirinhas trocam ofensas impublicáveis, estas, geralmente, são toleradas e até levadas na base da gozação. E que dizer dos palavrões dirigidos pelos técnicos aos jogadores — que ultrapassam os gramados e chegam em nossos lares e aos nossos ouvidos via TV? Tudo é desculpável invocando-se a emoção da partida."

Roberto Antonio Cêra (Piracicaba, SP)

Briga boba

As relações do Brasil com a Argentina não estão boas e tendem a piorar. Isso se deve ao predomínio de uma visão miserável do que é uma ligação diplomática. Tanto do lado brasileiro como do argentino há um exercício pueril de buscar proveito quando se está ganhando, ou se pensa que está com a razão.

Diplomacia de verdade é aquela em que o sujeito pede desculpas e sai do gramado chorando depois de ter feito cinco gols e tomado um.

Se ninguém cuidar, vai-se fabricar uma crise emocional onde só a demagogia terá a ganhar.

Racismo em campo

"Não houve racismo no Morumbi durante o jogo da Libertadores entre o São Paulo e o Quilmes. Houve muita coisa, é claro: rixa entre jogadores, circo, espetáculo televisivo, teatro, a apresentação de quase todos os atores da companhia, exibicionismo explícito, abuso de poder, arrogância, prepotência, valor extorsivo da fiança e muitos equívocos. Foi uma sucessão de incompreensões, ofensas e humilhação do mais fraco, no caso o jogador Desábato, que viveu dias de cão em São Paulo.

A meu ver, não houve racismo porque só existe racismo se a ofensa racista for praticada a partir de uma posição privilegiada de força, de hierarquia ou de poder, inclusive o econômico, impossibilitando, ao ofendido, toda e qualquer defesa. No caso do Grafite, isso não ocorreu, o argentino pode ser acusado no máximo de desinformado, pois, se tivesse usado o termo bambi, teria sido mais eficiente em sua provocação para desestabilizar o adversário. E nada aconteceria com ele, pois todos fazem isso."

Jackson Vitoriano de Ulhoa
(Rio de Janeiro, RJ)



"O preconceito racial apresentado pelo jogador argentino Leandro Desábato precisa ser repudiado por todos. No entanto, se o jogador Edinaldo Batista Libânio se sentiu tão ofendido a ponto de chorar no vestiário, por que motivo ainda não processou a pessoa que lhe deu o apelido de Grafite?"

Adriana S. Reghine Giorjão (Bauri, SP)



GILBERTO DIMENSTEIN

O Brasil está escrito em Grafite

AO XINGAR o atacante Grafite e acabar na delegacia, o jogador Leandro Desábato entrou na história do racismo no Brasil.

Raras vezes um ato de discriminação foi comentado com tamanha intensidade no país, envolvendo pessoas de todas as classes sociais e faixas etárias. O fato teve, por exemplo, centenas de vezes mais impacto do que o pedido de desculpas pela escravidão, em meio a lágrimas, feito pelo presidente Lula em sua viagem pela África.

Boa parte da exploração do impacto da prisão é dovuta a mistura da paixão pelo futebol com a tradicional rivalidade com os argentinos. Daí resultou uma operação policial transformada em espetáculo de mídia.

Há, porém, algo mais — e não é tão óbvio.

★

O caso Grafite também reflete um movimento de proteção da cidadania, fortalecida na década de 90, numa reação à selvageria brasileira. É algo que pode ser exibido em números e revela uma nova dimensão do jogo de poder.

Pesquisa realizada pela Ipsos e divulgada pela Folha na semana passada detecta que 9% dos brasileiros com idade superior a 13 anos realizam algum tipo de serviço voluntário. Traduzindo os 9%: são 3,1 milhões de pessoas realizando ações públicas. Para



Isso significa que parte da elite intelectual — talvez até como reação ao descrédito nos partidos — não quer viver apenas orientada pela satisfação de necessidades individuais e busca uma dimensão pública, sem esperar pelo governo.

2002, o número de entidades saltou de 107 mil para 276 mil. Lutas, empregam 1,5 milhão de trabalhadores e movimentam cerca de R\$ 18 bilhões por ano. Note-se que o IBGE apenas captou entidades registradas legalmente; as informais, que são muitas, ficam

Devido à demanda empresarial, surgiram cursos para formação de gestores de terceiro setor em instituições como a Fundação Getúlio Vargas, a USP e o Senac, entre muitas outras pelo país, as quais firmaram acordos com algumas das melhores universida-

de, dos chamados temas transversais — assuntos que permitem abordagem simultânea em diferentes matérias. Todas as escolas importantes usam a temática de cidadania como eixo transversal e até incentivam ações voluntárias, mesmo porque é sabido que

rede estadual de São Paulo há 650 grupos, muitos dos quais fundações ou institutos de grandes empresas, que exercem algum tipo de parceria, que vai da formação de professores e diretores, passando pela ajuda nas reformas físicas, até o desenvolvimento de inovações curriculares.

★

Apesar de parecer muito, tudo isso é muito pouco. Basta ver a dificuldade de redução da miséria brasileira no geral e o nível da educação em particular. Não se pode negar, porém, que os cidadãos estão menos desatentos, menos desarticulados e menos irresponsáveis socialmente. Daí se consegue entender, pelo menos em parte, como, num campo de futebol, um negro é xingado e um branco vai para a delegacia.

★

PS - Toda essa articulação ajuda a explicar por que, na semana passada, não parecia mais delírio a discussão no Congresso sobre a proibição do nepotismo. É preciso ser muito tapado para não ver que somos uma nação socialmente selvagem, politicamente indigente e administrativamente incompetente. Assim como é preciso ser tapado para não ver que, apesar disso, o Brasil nunca esteve tão bem, graças à inusitada confluência de democracia, estabele-

ELIANE CANTANHÊDE

Tapa na cara

BRASÍLIA - Mais grave do que a ofensa racista do zagueiro Desábato contra o brasileiro Grafite seria (ou será) a ausência do presidente Néstor Kirchner na cúpula da América do Sul com países árabes, em maio, em Brasília. Uma foi no calor de uma partida de futebol. Outra é planejada na frieza da política externa.

A cúpula, além de inédita, é comemorada como o mais espetacular gol do Itamaraty neste ano. Serão 34 países, com discussões sobre investimentos, negócios, música e gastronomia. Estima-se que engula 60% de todos os R\$ 14 milhões da Chancelaria para eventos em 2005.

A ausência de Kirchner seria um tapa na cara do Brasil de Lula — e ele não é "réu primário". Vá lá que tenha dado força à rebelião de empresários argentinos contra geladeiras e fogões do Brasil, mas ele também:

1 - faltou à cúpula de América do Sul e Caribe, no Rio, em novembro passado. Alegou estar muito ocupado, enquanto era fotografado acenando ociosamente para estudantes em La Moneda;

2 - não apóia a pretensão brasileira de ter um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, o que tem levado o chanceler Amorim a voar pelo mundo pedindo votos;

3 - desdenhou a candidatura do embaixador Luiz Felipe Seixas Corrêa para dirigir a OMC (Organização Mundial do Comércio) em favor do uruguaio Carlos Pérez del Castillo;

4 - não foi ao enterro de João Paulo 2º e ironizou a ida de Lula. Em nota, classificou a iniciativa como pagamento de uma "dívida pessoal".

No voo de Lula, FHC e Sarney para Roma, criticou-se o "temperamento difícil e imprevisível" de Kirchner. E a diplomacia brasileira tenta reduzir tudo a uma espécie de patologia: a inveja pelo protagonismo do Brasil no cenário internacional. Uma explicação excessivamente simplória.

O fato é que a atrevida política externa de Lula tem no Mercosul o principal trampolim. Não adianta estar às maravilhas com Gana e Camarões e às turras com a Argentina. Só pode no futebol. E sem racismo.

@ -> elianec@uol.com.br

1997	3,3	4,2
1998	0,1	2,8
1999	0,8	3,7
2000	4,4	4,7
2001	1,5	2,4
2002	1,4	3,0
2003	-0,2	3,9
2004	5,2	5,0
2005*	3,5	4,2

* Estimativa. Fonte: "Comércio exterior e comércio". Boletim Estatístico, Abril 2005.

Esses resultados são decepcionantes. Difícilmente o Brasil conseguirá manter uma média de 3,5% na presente década (2001-2010), quando, para tirar o atraso e gerar os empregos de que o povo necessita, precisaríamos crescer 6% ao ano até 2010.

E por que não crescemos? O diagnóstico está feito. O que falta é implementar, de fato, as políticas que instiguem e garantam os investimentos produtivos, como é o caso das reformas tributária, previdenciária, trabalhista e educacional — e faltam juros civilizados.

Se tivéssemos realizado essas reformas desde o tempo em que o referido "receituário" passou a ser conhecido, nos anos 80, o Brasil seria outro. E, se nada for feito, daqui a dez anos continuaremos sendo o país do 1%. O que seria lamentável!

Figura 50- 17/04/2005 Cotidiano C12 e Primeiro Caderno

Figura 51 - C6 Cotidiano

C6 domingo, 17 de abril de 2005

COTIDIANO

FOLHA DE S. PAULO



"No colégio, quando eu tinha 11 anos, um professor de matemática — um irmão maridão, religioso — estava ensinando uma fórmula que eu não entendi direito. Pedi que ele explicasse a fórmula de novo, e ele me ignorou. Insisti no pedido, e ele disse assim: 'Cala a boca, seu negro locão'. Isso me marcou muito."
Gilberto Gil, ministro da Cultura

"Foi a primeira brasileira a utilizar a Lei Afonso Arinos (de 1951). Um caso na portaria de um hotel não queria que eu entrasse pela porta da frente. Discuti com ele, que falou 'negro, aqui, não entra'. Foi à polícia e o processo. Ele foi condenado, mas pela lei da época, racismo não era crime, mas contra-ordenação, e ele pegou uma fiança. Fiquei tão indignada com isso que procurei o autor da lei para conversar."
Glória Maria, apresentadora de TV

"Todo mundo que não é branco neste país tem uma história de racismo. Quantas vezes chegava em edifício e vi um porteiro mulato ligar para o apartamento para perguntar se deveria me encaminhar para o elevador de serviço. Ainda hoje, sinto discriminação em ônibus, na primeira classe, e em hotéis do Brasil, onde sempre falam comigo em inglês."
Emanuel Araújo, artista plástico e ex-secretário da Cultura de São Paulo

"No início da minha carreira, fiz um ensaio fotográfico para uma loja de tecidos. As fotos eram para um outdoor e, nelas, eu aparecia enrolada nos tecidos da loja. Quando as imagens foram apresentadas para o cliente, ele não as aceitou, e disse: 'meus clientes não podem aceitar as sugestões de uma negra'."
Zeze Motta, atriz

"Sempre calhou de eu memorar garotas brancas, loiras, e toda vez que eu era apresentado para a família delas, rolava uma discriminação velada, mas que eu percebia. Havia uma reação, um impacto, que poucos conseguiram disfarçar. Parecia que eu era um ET:03 colímbus, a curiosidade excessiva. Como tinha carro, achavam que eu era jogador de futebol, pagodeiro ou traficante. Mas nunca me deixei intimidar."
Juneca, grafiteiro

"Uma vez, fui a São Paulo e dei uma caminhada pelo Jardim Paulistano, um bairro de classe alta. Andar naquele bairro faz com que eu me sinta discriminado. Via o olhar de desconfinção dos segurantes, que me mediam de cima a baixo, agitando o corpo para mostrar que estavam armados."
Paulo Lins, escritor

SEGREGAÇÃO RACIAL Caso arquivado pela Justiça brasileira tramita na Comissão Interamericana de Direitos Humanos

OEA pode condenar o Brasil por racismo

FERNANDA MENA
DA REPORTAGEM LOCAL

Todo negro brasileiro parece ter um episódio de racismo para contar. Escarafanchando na memória, recorda um olhar enviesado, uma ofensa, alguma segregação. No Brasil, crime de racismo é considerado inafiançável e imprescritível, está previsto em lei há mais de 15 anos e, mesmo assim, poucos casos chegam aos tribunais. Quase nenhum caso de racismo ganhou repercussão nacional como a denúncia cometida pelo zagueiro argentino Leandro Desábato contra o atacante Grailton de São Paulo na quarta-feira.

"Eu cheguei mais longe que de [o Grafiteiro], brinca a auxiliar de enfermagem Simone André Diniz, 27. Ela é protagonista de uma denúncia de crime de racismo que, arquivada pela Justiça brasileira, foi levada para a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) da Organização dos Estados Americanos (OEA). A denúncia foi feita contra o Estado brasileiro por contumácia com a prática de racismo. Caso seja julgada procedente a ação internacional, o Brasil pode ser o primeiro país das Américas a ser responsabilizado por contumácia com o crime de racismo. Em 1997, Simone respondeu à um anúncio de contratação de empregada doméstica, que requisi-

siava uma moça "de preferência da cor branca". Simone, ao dizer que era negra, foi informada de que não preenchia os requisitos necessários à vaga. "Fiquei indignada e liguei para a OAB, que me orientou a procurar o Instituto do Negro Padre Batista para entrar com um processo contra a autora do anúncio", diz. "Se quem sofrer esse tipo de preconceito ficar quieto, nada nunca vai mudar", afirma ela. Como a Justiça entendeu que não houve discriminação contra Simone e arquivou o caso, três organizações levaram a denúncia à CIDH no final de 1997. Foi a primeira vez que um crime de racismo bateu à porta da comissão.

Os autores da ação foram o Instituto do Negro Padre Batista — organização que dá assistência jurídica e psicológica a vítimas de racismo —, o Subcomitê do Negro da Ordem dos Advogados do Brasil e o Centro para Justiça e Direito Internacional. Em 2002, a CIDH acolheu a denúncia contra o Estado brasileiro. A comissão aprovou um relatório com recomendações sobre o caso e, em janeiro deste ano, enviou o relatório ao governo brasileiro, requerendo que o governo fizesse um documento sobre as medidas tomadas para dar cumprimento às recomendações da CIDH e solucionar a situação denunciada. Até agora, sem resposta.



Simone André Diniz (ao fundo), cujo caso de racismo chegou a OEA



Agora é a hora

de aproveitar esta oportunidade incrível

Anuncie nos classificados da **Folha de S. Paulo** e pague em 4 vezes* sem juros com os cartões Visa.

LIGUE E ANUNCIE:

(11) 3224-4000

Promotores apontam impunidade

DA REPORTAGEM LOCAL

Em 2004, no Estado de São Paulo, apenas quatro pessoas cumpriram pena por conta de crimes de injúria qualificada — o mesmo pelo qual o jogador Desábato é acusado. Em todos os casos, as penas aplicadas foram alternativas, não de reclusão, as mesmas usadas em crimes de racismo.

O delito está previsto na lei 7.716, de 1989, e, segundo o promotor Cristiano Jorge dos Santos, autor do livro "Crimes de Preconceito e de Discriminação" (ed. Max Limonad), "no Brasil, há muita impunidade e negação do racismo". "As pessoas não sabem que podem punir e ser punidas por ações como a do jogador argentino", explica.

"Além disso, policiais, juízes e promotores não dão a relevância merecida a casos de racismo e de discriminação".

O assessor para direitos humanos do Ministério Público de São Paulo, Carlos Cardozo, afirma "poucos casos de racismo chegam aos tribunais". "Por mais que a prática do racismo seja recorrente, poucas dessas demonstrações se transformam em inquérito. Primeiro, pela falta de conscientização do sistema", diz. "A estrutura política e jurídica é pouco sensível a essa problemática, que recai sobre a ineficiência e a inércia do aparelho policial, que muitas vezes se recusa a registrar o boletim de ocorrência de crime de discriminação", alerta.

O técnico Nilson Mesquita, 36, sabe bem dessa história. Ofendido por uma senhora que o chamou de "preto nojentão", Mesquita acionou a polícia, que levou testemunhas, autor e vítima do crime para a delegacia. "O delegado já chegou falando que tinha mais o que fazer", lembra. "Ele disse para a senhora que aquilo que ela havia feito era crime, explicou que poderia puni-la por isso e, depois, veio colocar a mão no meu ombro e dizer que sabia que aquilo [o inquérito] não daria em nada", conta. Mesquita estranhou a atitude do delegado, que ainda levou a senhora para dentro de uma sala. Quando saíram, o delegado fez com que a agressora pedisse desculpas a Mesquita e apertasse sua mão. "Lembro de ter me sentido abaixo do nada, mas, só pelo fato de ela ter se desculpado, me senti um pouco melhor". Angélica da Silva Tokodanto, 21, chegou bem mais longe. Ela trabalhava como fiscal da Zona Amal e havia advertido uma mototaxista de que ele poderia ser notificado caso mantivesse seu carro em lo-

Ligações por 5 centavos
a minuto por 6 meses*. Ena TIM, você tem
menor valor de recarga e maior duração dos créditos.



GRADIENTE STRIKE

Pós-pago*
10X R\$ 9,90
R\$ 99,00
à vista

Pré-pago
10X R\$ 14,90
R\$ 149,00
à vista

- TIM MegaTalker com acesso ilimitado
- Múltiplas personalizações
- Vivo, voz integrado
- Display de alta resolução

Figura 52

CARLOS HEITOR CONY

Incidente na selva

RIO DE JANEIRO - Um jogador argentino xingou adversário brasileiro. Quem já foi à Argentina sabe que os brasileiros, brancos ou negros, são ali chamados de "macaquitos", tanto nas conversas íntimas como no anedotário local. Na "brincadeira", segundo dizem. Retribuímos a "brincadeira" chamando os argentinos com o nome de outro animal.

São lamentáveis, mas comuns, os tranços de um jogo que seguidamente inclui socos, pontapés e cusparadas. Provocam expulsão do campo, mas somente em casos raríssimos são enquadrados no Código Penal. São agressões físicas ou morais que ocorrem numa situação específica e transitória. Não há esporte coletivo em que um jogador não chame outro de alguma coisa, sem poupar a mãe, a pátria, a cor e a religião do adversário.

O racismo está enraizado na sociedade brasileira e em outras sociedades. Apesar da vasta literatura oficial que nega esse tipo de preconceito,

as comunidades negras sabem e não deixam de proclamar que continuamos racistas.

Há lei que o condena. O ofendido a invocou, o ofensor foi preso, libertado sob fiança e será processado. Um exemplo para todos os que são xingados no trânsito, nos esbarrões de rua, nas reclamações de troco, nos incidentes que ocorrem a cada minuto.

Além de criminoso, o racismo é odioso quando discrimina candidatos ao emprego ou é praticado por hotéis, restaurantes, prédios públicos ou residenciais, escolas, bancos etc. Numa partida de futebol, é apenas criminoso. Associaram o nazismo ao reprovável gesto do argentino, como se o racismo fosse invenção dos nazistas. Nos Estados Unidos, bem antes de Hitler, havia escolas e mictórios para negros e brancos. Os ônibus eram também divididos.

Na selva do trânsito, todos chamados e já fomos chamados disso ou daquilo. Incluindo mãe, raça, religião e defeitos físicos.

VINICIUS TORRES FREIRE

Grafite e 6B

SÃO PAULO - Grafite me faz lembrar de um colega do time de basquete do colégio, o 6B. O 6B era o que a expressão racista corriqueira chama de "um baita negão". 6B é o tipo mais macio dos grafites comuns para desenho, o que deixa o traço mais escuro.

Entre os colegas ruivos havia o Tochu, o Foguinho e o Andraus (do edifício que pegou fogo e matou gente na São Paulo de 72). Os muito pequenos eram o Formiga, o Feto e o Meiose.

"6B", assim como "Grafite", é melhor que Neguinho, Escurinho, Fumaça, Breu, Carvão, apelidos antigos de jogadores de futebol. Seria um progresso? Foi um progresso a prisão espetacular do argentino e o show politicamente correto que se seguiu?

Na Europa, o racismo no futebol parece ser o início de um movimento de agressão organizada contra escuros e/ou imigrantes. Nos Estados Unidos, a psique do politicamente correto ajuda a criar e a preservar direitos de negros, de "latinos" e de mulheres. Mas o politicamente correto, o "pc" não deixa de ser uma polícia da mente e da expressão, objeto de ironia e cinismo. Congela universos de "iguais, mas separados", guetos mo-

rais, culturais, raciais.

No Brasil, o "pc" e ações afirmativas, como alertou o historiador Manoel Florentino na Folha de ontem, podem criar algo que inexistia aqui, um país de "duas cores". Isto é, adicionando ao racismo brasileiro ingredientes do racismo americano.

O "pc" é uma boa intenção da esquerda. Em tese, é progressista, humanista. Otimista. Acha que, se cercarmos racismo e sexismo, talvez percamos a memória da agressão, apaguemos da cultura e da educação das crianças a idéia do preconceito.

Gostamos da polêmica do Grafite porque rende fofoca, assim como gostamos de piadas preconceituosas? Ou a tolerância com o racismo diminuiu? Mas o que se diz e se faz sobre negros e mulheres ganharem menos que brancos e homens, por exemplo?

Metade do país é "parda, cor de papel de embrulho, na maioria. Parte dos "grafites" é ainda mais pobre e miseráveis, na maioria. Parte dos "grafites" é ainda mais pobre. Um pardo 75%, quase preto, teria menos direitos "afirmativos" que um negro 90%, quase pardo?

FUTEBOL Com a cabeça no confronto pela Libertadores no meio da semana, São Paulo vence Mogi Mirim em estádio quase vazio

Campeão fecha Paulista diante de 4 mil

TONI ASSIS
ENTREVISTA ESPECIAL A MARIANO
Num misto de melancolia pelo estádio vazio —4.306 pagantes—, e de desistério por já ter garantido o título por antecipação, o São Paulo fechou sua participação no Campeonato Paulista ontem, em Mogi Mirim, um demora e o fim da casa por 2 a 1.
Ao final do jogo, os são-paulistas mostraram estar preocupados com outra competição: "Gostamos com a cabeça na Libertadores", falou o zagueiro Fábio.
"O jogo foi uma importante preparação para a partida contra a Universidad de Chile, na quinta. O título já tinha sido comemorado" completou Cidinho.
O técnico Emerson Leão entrou em campo preocupado apenas com a estatística e após a vitória voltou a referir a sua tese: "Agora as pessoas vão ter de escrever que estamos com duas vitórias seguidas", declarou o treinador.
Mesmo sem ter brilhante, o São Paulo evoluiu nos números. Melhor aproveitamento de pontos sobiu de 77% para 79%, chegou aos 45 pontos, contabilizou 14 vitórias e fechou a competição com o ataque mais positivo, com 57 gols na Paulista.
"Temos de pensar também no Brasileiro. Vamos estreiar contra o Fluminense, no Maracanã. Vai ser o encontro de campo mais carismático com o paulista", disse Leão.
Em campo, o técnico são-paulista não suspendeu a tática em Mogi ao escalar o ex-ata de lateral Falcão como titular pela primeira vez desde que chegou ao clube.
"Tá a notícia de última hora para evitar um fiasco de imprensa na cabeça dele", disse. E foi justamente Falcão que quase abriu o placar, aos 16 minutos, com um chute a gol, mas não bateu.
Mas o que parecia um início promissor se resolveu com a falta de entrosamento. O jogo ficou monótono e truncado. E com a dupla de volante formada pelo recém-chegado Renato e Ali, a equipe de Leão tentou de pagar mais pressão, foram 17 faltas no primeiro tempo contra o time local.
O atacante Grafite manteve a sua fama de jogador "cacuado" e foi o mais falto, ao lado de Edcarlos, com quatro faltas.
Sem jogadas de penetração, coube ao São Paulo ariscar os chutes a gol, num total de seis finalizações no primeiro tempo.
Diante de um jogo tão preni-

O PERSONAGEM
DEBILITADO E MOCIMOSO
Em seu primeiro jogo após ter dito que foi vítima de ofensa racista na quarta, contra o Quilombo, o atacante Grafite voltou a chamar a atenção dentro de campo.
O jogador entrou no gramado segurando uma faixa com a inscrição "Racismo Não" e afirmou que ainda está abalado por ter sido xingado por Desilbato: "Mas isso não faz parte. O importante é tocar a vista para a frente".
Autor do primeiro gol ontem, ele disse que quer esquecer um pouco o episódio: "Vi muita gente falando besteira na TV, e isso deixa a gente um pouco chateado. Me isolei um pouco dessas coisas para respirar".
Sob a repressão da prisão de Desilbato, Grafite disse esperar novos rumos para o futebol: "Espero que agora ninguém mais sofra nenhum tipo de discriminação por causa de cor, raça ou qualquer outra coisa. Foi um contêpor pelo mesmo." (na



Com Grafite à frente, atletas do São Paulo, campeão paulista de 2005, entram em campo em Mogi Mirim com faixa contra o racismo

zes na equipe e fez duas mudanças de uma vez. Souza e Vélber entraram nos lugares de Jean e Falcão. Além disso, o treinador trocou o posicionamento de Cidinho com o de Marco Antônio.
Em dez minutos, o São Paulo perdeu três chances claras de ampliar o placar: duas com Marco Antônio e Grafite e a terceira com Souza. Melhor no jogo, a equipe são-paulista acabou sendo punida por um penal de Fábio em Josué. Marcelo Rosa cobrou e empinou a partida, aos 21.
A resposta da equipe de Leão veio aos 18 min. Souza aproveitou levantamento na área e fez 2 a 1.
Orestes jogou sob controle, o time são-paulista começou a tocar a bola para administrar a vantagem. Sem força para negar o Mogi passou a explorar os lançamentos longos e acabou arrastando a derrota em casa na despedida do Campeonato Paulista.

O CAMPEÃO-2005
19 jogos 14 vitórias 3 empates 2 derrotas
DATA PLACAR ADVERSÁRIO
21.jan 4-2 Vasco
23.jan 4-3 América
27.jan 2-0 Inter de Limeira
30.jan 2-1 União S. João
5.fev 2-2 Barretos
9.fev 4-3 São Carlos
12.fev 4-1 Sorocaba
20.fev 3-0 Palmeiras
24.fev 5-0 P.Santista
27.fev 1-0 Corinthians
6.mar 2-2 Paulista
12.mar 1-0 Rio Branco
19.mar 6-0 Marília
23.mar 2-1 Guarani
26.mar 3-1 Santo André
31.mar 1-2 Portuguesa
3.abr 0-0 Santos
9.abr 1-2 Ponte Preta
17.abr 2-1 Mogi Mirim

Falcão é criticado como titular
DEBILITADO E MOCIMOSO
"Ele perdeu dois gols e poderia ter se movimentado mais. No segundo tempo, troqui a sua técnica pela velocidade na frente e o time melhorou". Foi com esse discurso que o técnico Emerson Leão comentou a atuação de Falcão, que pela primeira vez conseguiu um jogo como titular após iniciar o título pelo futebol.
"Ao ser indagado se o atleta teria encerrado a sua participação no clube se não houvesse o intervalo, o técnico saiu pela tangente: "É técnico boa vontade de trabalhar com todos os atletas. Já com todos eles e não preciso mais arrastar ninguém", falou Leão.
O diretor de futebol do São Paulo, Jomar Justino, disse que o clube deve trazer até dois reforços para a segunda fase da Libertadores. "Deve vir do exterior. Queremos um jogador que venha para ser, brevemente, titular". (na

vel, o gol acabou saindo graças ao talento de Cidinho. E desce pela direita e cruza na cabeça de Grafite, que fez 1 a 0 ao São Paulo. No segundo tempo, Leão me-

FUTEBOL Autoridades não podem tomar nenhuma ação concreta se argentino descumprir compromisso de voltar em 30 dias Desábato só retorna ao Brasil se quiser

LUIS FERREI
DA REPORTAGEM LOCAL

KLEBER TOMAZ
CORRESPONDENTE EM BUENOS AIRES

Quando deixou o território nacional, há 10 dias da última sexta-feira, o zagueiro argentino Leandro Desábato, 26, na prática, livrou-se de qualquer repercussão jurídica da acusação de injúria grave a Grafite, crime cuja pena pode ir a três anos de reclusão.

Segundo professores da Faculdade de Direito da USP enviados pela Folha, as autoridades brasileiras não podem tomar nenhuma medida concreta contra o jogador caso ele deixe de cumprir o termo de audiência assinado na última sexta-feira, no qual se comprometeu a retornar ao Brasil após um mês (no dia 16 de maio).

"Não há medida jurídica para compelir o jogador ou o governo argentino a obrigá-lo a comparecer aos atos do processo. A possibilidade de construí-lo é praticamente inexistente. Sob o ponto de vista jurídico, não há alternativa para obrigá-lo a retornar ao Brasil", afirmou Alberto do Amaral Linsley, professor de direito internacional da USP.

Seu colega Fulvio de Albuquerque corrobora a opinião. "As condições a serem o Brasil perdem uma excelente oportunidade de se pronunciarem contra o crime de injúria grave e de combater o racismo no futebol. Nenhum país concede extradição de seus nacionais. O jogador não pode ser condenado, mas a pena terá efeito apenas teórico, já que não há medidas para obrigá-lo a comparecer.", afirmou Linsley.

"Mesmo em um cenário mais otimista, se o jogador não voltar ao Brasil, o Quilmes garante que o jogador compareça a outro judicial assinado na sexta-feira.

"Claro que Desábato voltará ao Brasil, e eu irei acompanhá-lo quando ele for chamado (pelo Justiça). Não será problema recrutar-me ao meu país. Mesmo depois de termos passado três dias muito complicados", declarou contra a Folha João Garcia, um dos vice-presidentes do clube argentino.



BONONIA Torcedor do Quilmes vê seu time ser goleado por 4 a 0 pelo River Plate, ontem, ao lado de faixa com a camisa 9 do São Paulo com o dizer "Branco de Nene", em alusão ao São-paulino Grafite

Nas eliminatórias uma vaga é fundamental. Faça já a sua reserva para Brasil e Argentina.

Jogo incluído: passagem aérea ida/volta ao Brasil e Argentina
Eliminatórias da Copa de 2005 em Buenos Aires

3 noites
 Brasil: R\$ 485 • Argentina: R\$ 599
 Brasil: R\$ 485 • Argentina: R\$ 599
4 noites
 Brasil: R\$ 485 • Argentina: R\$ 599
 Brasil: R\$ 485 • Argentina: R\$ 599

OPORTUNIDADE: veja o pacote de viagens para o Brasil e Argentina, com passagens aéreas, hospedagem e ingressos para jogos em Buenos Aires.

Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Salvador, Fortaleza, Manaus, Brasília, Goiânia, Campinas, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Salvador, Fortaleza, Manaus, Brasília, Goiânia, Campinas, São Paulo.

Argentina: Buenos Aires, Córdoba, Rosario, Mendoza, Mar del Plata, Tucumán, Salta, Bahía Blanca, Rosario, Mendoza, Mar del Plata, Tucumán, Salta, Bahía Blanca.

Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Salvador, Fortaleza, Manaus, Brasília, Goiânia, Campinas, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Salvador, Fortaleza, Manaus, Brasília, Goiânia, Campinas, São Paulo.

Argentina: Buenos Aires, Córdoba, Rosario, Mendoza, Mar del Plata, Tucumán, Salta, Bahía Blanca, Rosario, Mendoza, Mar del Plata, Tucumán, Salta, Bahía Blanca.

LEANDRO DESÁBATO
 Idade: 26 anos
 Local de nascimento: Cañuelas, Província de Santa Fé
 Altura: 1,85 m
 Peso: 83 kg
 Posição: zagueiro
Presidente: Quilmes
 Estádios: La Plata, Olimpo de Bahía Blanca e Quilmes

Zagueiro rompe silêncio e chama algoz de 'senhor'

DE REPORTAGEM LOCAL

Em sua primeira entrevista desde que saiu da prisão, o argentino Desábato se referiu ao zagueiro brasileiro como "senhor Grafite" ao atacar sua família, sem sequer emitir uma palavra sobre o uso de expressões racistas.

Ontem à noite, o "Fantástico", do TV Globo, mostrou as primeiras declarações do zagueiro à imprensa — de um jeito que não dá para entender a comunicação de seu país.

"Quando o juiz indagou, aché que era algo do controle antidoping", afirmou Desábato.

ao narrar o momento de sua detenção no Mar del Plata.

Como a Folha antecipou na sexta, o argentino afirmou de novo que se sentia "como um delinqüente" nas mais de 36 horas que ficou preso no Brasil.

Ele também disse que foi maltratado pela polícia, citando o fato de ter perambulado sozinho com o "saco" encapado de 1,5 m por 3 m ou 4 m de largura, sem nem sequer um lugar para sentar.

Na data em que o presidente do Quilmes, estádo falou com a TV, Desábato reclamou de ter sido retido por ser um jogador profissional, que ele estava aguardando o julgamento fora do país.

Após a entrevista, amovei-me, eu voltei a ser encontrado à família, no interior do país, sem previsão de voltar a Quilmes.

7ª RODADA

21ª RODADA

42ª RODADA

EM 8 MESES MUITA COISA MUDA. MENOS A PAIXÃO PELO SEU TIME.

PACOTE BRASILEIRO 2005 EM PAY-PER-VIEW

• Canal mais completo do Brasil com transmissão de TODOS os jogos
 • 80% de cobertura em tempo real
 • Transmissão exclusiva para os jogos em pay-per-view

COMPRANDO O PACOTE, VOCÊ AINDA GANHA O CANAL PREMIERE FUTEBOL CLUBE

• Elenco de 100 canais
 • Jogos de futebol
 • Jogos de basquete
 • Jogos de vôlei

LIGUE AGORA PARA: NET, 0800 726 0800 SKY, 0300 789 4444

PACOTE BRASILEIRO 2005 EM PAY-PER-VIEW

PACOTE BRASILEIRO 2005 EM PAY-PER-VIEW

Fãs do Quilmes xingam Grafite

SILVANA BRAYTES
DE REPORTAGEM LOCAL

Pouco minutos após o jogo, torcedores do Quilmes começaram a xingar Grafite no estádio Monumental, do River Plate, onde o brasileiro jogou seu último jogo profissional no dia 16 de maio.

"Grafite macaco", dizia a faixa estendida com a imagem de um macaco com uma banana, vestida com o camisa do São Paulo.

CRONOLOGIA

- 16.mar.05**
 ■ No 2 a 2 entre São Paulo e Quilmes na Argentina, Grafite fez 2 gols e marcou 2 assistências. De 14 e 15. Após o jogo, ele trocou camisa com Desábato.
- 18.mar.05**
 ■ A torcida do Quilmes enviou cartas ao presidente Leo-paulino afirmando que eles não queriam que ele se apresentasse novamente no Brasil, mas, mesmo assim, decidiram por "qualquer ato discriminatório que pode ter ocorrido".
- 13.abr.05 - 22h30min**
 ■ No final do primeiro tempo da vitória do São Paulo sobre o Quilmes por 1 a 1, Leo-Monaco, Desábato grita com Grafite, que completa o gol e é expulsado.
- 13.abr.05 - entre 22h30min e 23h**
 ■ O torcedor Diogo, do Car-Gal, provoca Grafite no vestiário. O alito diz que sofreu injúria racial e que não quer voltar ao Brasil.
- 14.abr.05 - 0h54min**
 ■ Após o término da partida, o delegado de São Paulo, Diogo, dá um bilhete ao gramado. O argentino grita e corre para o gramado.
- 14.abr.05**
 ■ Desábato é transferido para o 13º DP e é detido dentro de 10 minutos.
- 15.abr.05 - 13h30min**
 ■ São Paulo, Desábato se compromete a voltar ao Brasil até sexta-feira, 16 de abril.
- 15.abr.05 - 19h00min**
 ■ O argentino deixa o Brasil.

Figura 53 -18/04/2005

SENHOR GRAFITE

Na transmissão do jogo do São Paulo, ontem à tarde, já estavam a faixa contra o racismo e o atacante Grafite sendo entrevistado por um repórter negro da Globo. No Fantástico, depois, uma curta entrevista com Desábato, o zagueiro argentino. Ele disse que chorou na cela ao ser "tratado como um delinqüente":

— Eu não havia roubado, não havia matado, agredido ninguém. [Não tenho] nada contra o senhor Grafite.

A apresentadora Glória Maria fechou o bloco relatando, com um sorriso, que o Quilmes, clube de Desábato, havia sido goleado ontem pelo River Plate. Na arquibancada, a imagem de uma nova faixa da torcida, com os dizeres:

— Grafite macaco!



Argentino afirma ao Fantástico que chorou

★
E segue o debate na web. Marcelo Tas, no blog do UOL, opinou que Grafite, ao "acusar o argentino de racismo, passou do ponto" —e acabou inundado por 300 mensagens de, segundo ele, "apedrejamento". Já Paulo Markun, no blog do Terra, saudou que "desta vez a atitude racista deu cadeia". No site Carta Maior, a procuradora Flávia Piovesan, professora de direito na PUC-SP, foi além:

— O caso de Grafite revela imenso impacto pedagógico no combate ao racismo. Contudo, a diligente resposta dada pelos agentes públicos, que aplicaram devidamente a lei, não compõe a regra, mas a exceção —explicada tanto pelo perfil da vítima como pelo espetáculo televisivo.

PAINEL FC

Amnésia...

Um cartola do São Paulo conversou antes de Juvenal Juvêncio com Grafite no vestiário, quarta, e diz que ele não se queixou de provocações racistas de Desábato. Só lamentou sua expulsão e foi repreendido.

...momentânea

Logo depois, interrogado por Juvêncio, diretor de futebol, lembrou detalhes da provocação feita pelo zagueiro.

Mão dupla

Enquanto a Secretaria de Segurança Pública acionava a polícia para prender Desábato, o São Paulo também agia. Após instigar Grafite a prestar queixa, Juvêncio telefonou para o 3ª DP e pediu providências. O delegado Osvaldo Nico Gonçalves já procurava pelo atacante.

Duas medidas

Na carta em que aceitou as desculpas do Quilmes pelas ofensas racistas a Grafite na Argentina, o São Paulo disse entender que a provocação faz parte do jogo, sem "intenção de ofensa pessoal". Os argentinos querem saber a diferença para o que ocorreu no Morumbi.

Protecionismo

Desábato revoltou a imprensa argentina ao escolher a Globo para a única entrevista até agora após a prisão. A diretoria do Quilmes diz que o "Fantástico" foi a melhor maneira de chegar a um grande público numa só vez.

Figura 54

Fiança paga para liberar Desábato supera cinco salários do zagueiro

DA REPORTAGEM LOCAL

Em depoimento à polícia, Leandro Desábato, 26, afirmou receber 2.000 pesos mensais (o equivalente a R\$ 1.785,50). A fiança paga pelo zagueiro para ter sua prisão relaxada — R\$ 10 mil — supera seus ganhos de cinco meses.

A condição econômica e a pouca fama que o jogador tinha até sua prisão são alguns dos argumentos usados pelo Quilmes para qualificar a acusação de injúria por motivos raciais contra Grafite como uma medida oportunista, política e premeditada.

"Isso só aconteceu conosco porque o Quilmes é um clube peque-

no. Se o rival do time brasileiro fosse o Boca Juniors ou o River Plate, nada teria ocorrido", disse Nancy Almirón, secretária de relações internacionais do Quilmes.

A tese de ação premeditada já havia sido levantada pelo volante Nelson Vivas. Ele afirmou que quando os jogadores do Quilmes chegaram ao Morumbi viram faixas contra o racismo e também citou como prova o fato de alguns atletas são-paulinos terem entrado em campo com pulseiras contra a discriminação racial.

As reclamações dos dirigentes argentinos também atingem a diretoria do clube paulista. "Estamos muito indignados com os di-

rigentes do São Paulo", afirmou o presidente do Quilmes, Daniel Razzeto, para quem o time do Morumbi não fez nada para aliviar a situação de Desábato.

A choradeira do Quilmes atingiu também uma empresa brasileira, responsável pela hospedagem do site do clube. De acordo com o funcionário responsável pela atualização da página do Quilmes na internet, o site do clube saiu do ar após publicar mensagens de apoio a Desábato. Ele afirmou que isso nunca acontecera antes e atribuiu o fato à "censura brasileira". (LUÍS FERRARI)

Colaborou Silvana Arantes, de Buenos Aires

Prisão foi exemplar, diz Gilberto Gil

DA AGÊNCIA FOLHA, EM SALVADOR

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

O ministro Gilberto Gil (Cultura) disse ontem que a prisão de Leandro Desábato vai inibir manifestações de racismo no Brasil.

"A detenção do jogador foi uma conquista da sociedade e é exem-

plo de combate à discriminação. A atitude da polícia foi exemplar", declarou o ministro, em Salvador.

O argentino ficou 38 horas preso sob acusação de injúria. "A decisão de colocá-lo atrás das grades vai provocar estímulo em todos os que se sentem ofendidos no país", disse ele, que aprovou a ati-

tude de Grafite. "Em geral, os ofendidos são inibidos e acabam não denunciando os agressores."

Gil disse também que o racismo "não envolve só negros". "Agora, existe uma disputa diplomática entre a China e o Japão e, por trás, há claras evidências de racismo dentro do segmento amarelo."

Ponta firme

O Grafite fez bem em denunciar o ato racista e a punição foi exemplar. Mas fica a pergunta que não quer calar: o que vai acontecer nos jogos em que o secretário da insegurança pública não estiver vendo na TV?!

Figura 55

Figura 56- 19/04/2005

Isonomia

"A mídia divulgou versões diferentes da ofensa racial proferida pelo jogador argentino contra o brasileiro Grafite: 'negro macaco', 'negrito' e 'negro de mierda'. É chocante e lastimavelmente verdadeira a declaração de um leitor de que, se tivesse chamado o jogador de bambi, teria sido mais eficiente sua provocação para desestabilizar o adversário e nada aconteceria com ele, pois todos fazem isso" ("Painel do Leitor", 17/4). De fato, chamar um negro de macaco dá cadeia. Mas nada acontece a quem chama um gay ou qualquer cidadão de 'veado'.

Nós, homossexuais, exigimos que, assim como os crimes raciais, os insultos sexuais também sejam punidos. Isonomia já!"

Luiz Mott, professor titular de antropologia da Universidade Federal da Bahia (Salvador, BA)

Imparcial

A mídia argentina não deu respaldo às faixas levadas a campo pelo Quilmes com ofensas a Grafite. Um dos colunistas do "Clarín", Horácio Pagani, afirmou que a torcida adotou exageradamente o papel de vítima.

Sem revanchismo

Grafite disse ontem ter ficado triste com a faixa, que o comparava a um macaco, mas eximiu o Quilmes. "Não acho que o clube deva ser punido, foi uma reação dos torcedores", afirmou ele.

Amargo regresso

Segundo a mãe de Desábato, Lucía, ele volta amanhã a Buenos Aires. Mas diz que ainda está abalado pelo caso Grafite.

Figura 57



FUTEBOL Uma semana após afirmar que levaria o caso 'até o fim', são-paulino diz que há a chance de não dar queixa-crime

Grafitte já fala em recuar contra Desábato

LUIZ FERRARI
DA REPORTAGEM LOCAL

Uma semana após afirmar que iniciaria uma queixa contra a discriminação racial, levando às últimas conseqüências as acusações contra Leandro Desábato, o são-paulino Grafitte deu mostras de que pode voltar atrás.

A postura do jogador contraria as declarações que deu há uma semana, após a prisão do argentino, quando negou-se a retirar a acusação. Grafitte afirmou: "Levei o caso até o fim".

"Há inclusive uma condenação pública ao ato do argentino. A bandeira contra o racismo foi dada, o que era importante. Ninguém está buscando pena, prisão ou morte aos racistas", afirmou o gerente jurídico do São Paulo, José Edgard Galvão Machado, que questionou ainda a viabilidade do cumprimento de uma eventual sentença condenatória.

Como a Folha noticiou anteriormente, ainda que condenado no Brasil, o argentino não seria obrigado a vir ao país para o cumprimento da pena.

Lembrando que a lei dá a Grafitte o prazo de sete meses para levar o caso à Justiça, Machado declarou que o clube ainda entrará em contato com o atleta, para definir a melhor estratégia. Mas dizem o prazo passar sem tomar alguma medida judicial não é uma alternativa descartada.

"Há tempo para decidir quando fazer o quê. Se vamos impedir ou não a ação", disse Machado. "O Grafitte é uma pessoa extremamente benevolente. Sabemos que, no íntimo, no coração, já perdou. Ele está triste com o ocorrido, não com quem o praticou [Desábato]", completou o gerente jurídico do clube do Morumbi.

Machado disse ainda que a postura do zagueiro do Quilmes após sua libertação, como se declarasse que deu na Argentina chamando o são-paulino de "senhor Grafitte", pesaram na atitude que o brasileiro deve tomar.

Apesar de haver uma investigação policial em curso sobre os singramentos profetizados na vitória do São Paulo por 3 a 1 sobre o Quilmes há uma semana, qualquer medida jurídica só pode ser tomada se Grafitte assim desejar.

O crime do qual Desábato é acusado — injúria grave por ofensas raciais, cuja pena vai de um a três anos de reclusão, além de multa — é um delito de ação penal privada. Nessa categoria de infrações (considerada excepcional no Direito Penal brasileiro), quem processa é a vítima, mediante apresentação de queixa-crime e não o Ministério Público.

Aparentemente imunes de repercussões jurídicas criminais no Brasil, os atos de Desábato contra Grafitte agora só podem causar punições trabalhistas.

"O estatuto aplicado aos jogadores de futebol profissionais fazulta ao clube argentino penalizar o jogador com advertência, multa de 20% do salário mensal, suspensão sem o pagamento de salários por um prazo de 60 dias, com obrigação de treinar, e até a rescisão contratual sem direito a pagamento", afirmou Eduardo Vinales, advogado argentino especializado em relações de trabalho.

Adversário cria clima de revanche

DA REPORTAGEM LOCAL

O Santos encontrou um clima de poucos amigos no Uruguai. Jogadores e comissão técnica do Danubio esperavam o time em "pé de guerra", segundo a imprensa local. Estão inconformados com a forma como foram tratados no duelo de ida, na Vila Belmiro, quando venceram por 3 a 2.

ameaçar impedir o rival de treinar no estádio Luís Franzini. Ontem, no entanto, os brasileiros fizeram o reconhecimento do gramado sem problemas.

Assino embaixo

Juvenal Juvêncio telefonou para cumprimentar Falcão pelas críticas feitas a Leão em entrevista à **Folha**, publicada anteriormente. "Parabéns, você tinha que falar tudo mesmo", disse o diretor são-paulino ao jogador, que entre outras coisas reclamou do autoritarismo do ex-chefe.

No armário

Ao contrário de Falcão, a diretoria prefere criticar Leão sem dar as caras. Bastou ele anunciar a sua saída, anteriormente, na festa de encerramento do Paulista, para destilar o veneno. Diretores dizem que ele quis sair logo do clube por não poder tomar decisões como colocar amigos no lugar de funcionários antigos.

Ferido

De Grafitte, sobre a faixa em que a torcida do Quilmes o chamou de macaco: "Magoa você ver a sua imagem passada ao mundo todo com ironia, mas já esperava essa reação deles".

Quem mente?

De malas prontas para deixar o Volta Redonda, Tullio diz ter sido procurado pelo Flamengo. O clube fala que ele se ofereceu.

Jeitinho

Na pindaíba, o Fla espera obter reforços em Portugal sem precisar pôr a mão no bolso. Cita crédito com o Porto de € 1 mi, referente à negociação de Ibsen. A ideia é repatriar brasileiros.

Mando,...

Alberto Dhaib falou grosso sobre a intenção de Kia loorbachian fazer um intercâmbio com o Flamengo. "Quem manda no Corinthians é o Corinthians. Nenhuma das nossas relações vai para outro time".

...mas nem tanto

Na mesma entrevista, o presidente corinthiano não mostrou tal autonomia ao falar da negociação com Mascherano. "O Kia acertou tudo com o jogador, mas parece que falta alguma coisa com o River Plate".

Carlos Alberto diz apoiar Grafitte

DA REPORTAGEM LOCAL

"Estou aí com a negada contra o racismo", disse ontem o meia Carlos Alberto, mostrando com orgulho a pulseira da moda com tiras nas cores branca e negra.

paulino Grafitte ao usar a pulseira. O meia é uma das principais apostas do Corinthians para o duelo com o Figueirense.

Figura 58

JOSÉ SIMÃO

Vaticano urgente! Mais um alemão pro pódio!

BEMBA! Buembá! Macaco Simão Urgente! O escultor brasileiro da República AI, minha santa Periquita do Rigodê Lairê! Deu fumaça branca! Acobou e churruca! Fumaça branca com churruca! O papa é alemão! O Rubinho vai abandonar a Europa! Até no conclave o brasileiro perdeu pro alemão! E o nome dele será Bento 16! Eu nunca vi alemão se chamar Bento! Tô ótimo! Eu não agüentava mais fumaça preta. Fumaça preta é que os bispos queimaram a pizza. Mamma mia! Queimou a pizza! Fumaça preta com cheiro de churrasco é que o papa ia ser gniêchê! Me acêz se arrenderam. Fumaça preta com cheiro de mato queimado é que o papa ia ser jantim-

cano. Papa tasta! Deu zebra! O Severino perdeu! O Severino botou a venda o papamóvil. Colou um corcuz no vidroe "Venude-se só para parentes". E se dependesse de fumaça preta, São Paulo nunca ia eleger um papa. Cada ônibus que passa é um papa a menos! E o povo aplaudindo o fumaça! Eu nunca vi isso: aplaudir fumaça. Eu sou do tempo em que a gente aplaudia o pôr-do-sol! E eu já tava viciado em conclave. Acobou a novela da fumaça. E a popularidade do Lula tá igual raio de cavalo: só cresce pouco baixa. É mole! É mole, mas sobe!

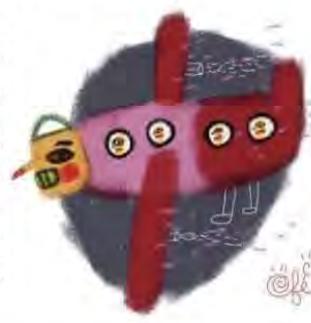
Direto do País da Piaida Prontez: "Petrubus abre fábrica de alubos na Argentina", Ranari. E

lembra daquela faixa que a torcida argentina estendeu com um desenho de macaco: "Gratife Macaco"? Pois agora, em reprodita, a gente estende uma faixa com o desenho de um saca de pó bem gorlo escrito embuto: Mamodo! Ranari. E corre na internet o anúncio de uma agência de viagens: "Assista a um jogo emocionante: Brasil x Argentina, dia 8 de junho, no Estádio do River Plate, Buenos Aires, Argentina. A partir de US\$ 400". O quê? Gustar US\$ 400 pra ser xingado de macaco? E os bananas eles dão de graça! Faz parte do pacote? Pacote Bonanzê! E quando o argentino foi preso, saiu a manchete: "Argentina chora e dorme em colchão emprestado". E quem foi o

delegado que emprestou? Anitucanis! Releudei, a Missaia. Continuo com a minha herética e mesopotâmica campanha "Morte ao Tucanês". Acabo de receber mais dois exemplares de antitucanês. E que em Valparaíso, Chile, tem um estabelecimento comercial chamado La Pica de Mi Compadre. E em Mucrid tem uma fábrica de carvão chamada Joana d'Arc. Mais direto impossível. Viva o antitucanês!

E atenção! Cartilha do Lula. Mais um verbete pro óbvio lulante: "Condolida": deputado bulano após o famoso exame de prístana. Ranari. O lulês é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mas nós goza!

@ -> simao@uel.com.br



As cores do espetáculo

CRISTIANO AVILA MARONNA

JOGAVAM DUAS equipes de futebol, uma brasileira, outra argentina. Na transmissão televisiva, um locutor branco, em momento de rara iluminação, tem a impressão de que um zagueiro argentino branco ofendeu a honra do adversário, brasileiro e negro, preferindo insultos de cunho discriminatório no calor da refrega. Isso com base na indefectível leitura labial. De um falante da língua espanhola, "Roma locuta, causa finita".

A partir dessa impressão, o locutor, encarnando a indignação pátria, passa a acular as massas, com imagens repetidas "ad nauseam". O jogador brasileiro, expulso de campo, foi questionado pelo repórter branco se fora chamado de negro pelo argentino e respondeu que não diria nada, "para não dar ênfase". Não precisava. O locutor, por mais de uma hora de transmissão televisiva ao vivo para todo o país, deu toda a ênfase. A cruzada patriótica estava posta em marcha. E o Macaco Simão, desta feita, não estava à frente dela.

Um secretário branco, de frente ao seu televisor, como se fora um xerife de faroeste, suggestionado pela cruzada patriótica-televisiva do locutor, mandou um delegado branco — ele também (mais) um telespectador da apologetica transmissão — prender o atleta argentino. Direito penal como "última e extrema ratio"? Nem pensar. Mas é a Justiça Desportiva, interrogação.

Parafraseando o locutor Fiori Gigliotti, assim que o árbitro apitou o final do jogo, o espetáculo começou. Ainda no gramado, o delegado deu voz de prisão, em português, ao argentino, cercado por policiais brancos. Tudo ao vivo e em cores. Todas as cores. Um verdadeiro "Big Brother". Na TV, no rádio, na internet e no jornal, sem interrupção. Campeão de audiência.

O caso ganha repercussão internacional e as massas querem a Lei de Lynch.

*Nosso passado
escravocrata pesa nas
nossas consciências,
necessitamos de um
bode expiatório*

Ah, o show da vida é fantástico! Insuficiente, a audiência quer sangue. O sangue vermelho do argentino branco. O exemplo brasileiro ao mundo nos enche de orgulho cívico verde e amarelo.

Nosso passado escravocrata pesa nas nossas consciências, necessitamos de um bode expiatório, de um satã para purgar nosso genuíno, porém dissimulado, preconceito hereditário. Nada melhor do que um branco. E argentino. E, ainda por cima, zagueiro. Vivas à xenofobia! No Brasil, não toleramos o racismo, não é mesmo?

A discriminação e o preconceito ancestrais são um flagelo que se manifesta em todo o mundo. Todos devemos repudiar o racismo, deplorável sob qualquer aspecto. O que não dá para aceitar é a histeria, o frenesi e, especialmente, a hipocrisia espetacularizada.

O episódio dá azo a pelo menos duas reflexões. A primeira, e mais importante, diz com o encaminhamento da questão. As violências e arbitrariedades perpetradas dão a impressão de que, de uma hora para a outra, como em um surto psicótico coletivo, a punição antecipada passou a significar a solução de todos os males que afligem a lavoura nacional. Alguma no irmão, digo, "hermano"! Lincha! E a torcida vibra. Olé!

A súbita epidemia de falta de bom senso foi atenuada pela intervenção de um juiz de direito branco. Mas um branco de rara sensibilidade. Que com-

preende, na sua integralidade, o sagrado papel do juiz como garante dos direitos fundamentais. De todos. Negros, brancos, amarelos e vermelhos. De qualquer pátria: somos todos apátridas (mas não afátridas), reunidos pelo elo comum e recíproco da eminente dignidade humana. Salve a diversidade e o multiculturalismo!

Pertencemos todos à grande família humana, composta de seres imperfeitos. De todas as cores. E todos, sem exceção, temos direito à proteção contra o abuso do poder estatal.

Em um momento de catarse coletiva, é tranquilizador saber que um juiz de direito, com voz eloquente, fez prevalecer o império da lei. Prisão cautelar, só quando comprovadamente indispensável. Queimar hereges na fogueira caiu em desuso, para descontentamento de uns certos alguns. A Justiça só pode ser feita com um mínimo de serenidade, de equilíbrio. De imparcialidade. A presunção de inocência nasceu para todos, inclusive estrangeiros. Do contrário, liberticídio.

Um outro aspecto que merece reflexão é o modo como a mídia transforma o drama em novela. Os mercadores da miséria humana dançaram ao ritmo do tango argentino. Os vocalizadores da consciência nacional ferida, tais quais bustos falantes, vociferam a uma só voz: "Caterva de lunfardos", "boludos", "Argentinos racistas." E dá-lhe Brasil, il, il...

No fim, remédio para as consequências. Causas intocadas. "The reality show must go on." Ah, já tá me esquecendo para não passar em branco, abaixo o preconceito. Dentro e fora de campo.

Cristiano Avila Maronna, 35, advogado, mestre e doutorando em direito penal pela Faculdade de Direito da USP, é sócio de Maronna, Stein e Mendes Advogados, escritório responsável pela defesa de Leandro Desábato.

maronna@ism.adv.br

Figura 59

Figura 60- 21/04/2005

O PERSONAGEM**Kia põe inimigos lado a lado e cria mote anti-racista**

DA REPORTAGEM LOCAL

O iraniano Kia Joorabchian, chefe da parceria Corinthians/MSL, comandou a festa no Pacaembu. Das tribunas, conseguiu reunir dois inimigos políticos do clube: o presidente Alberto Dualib e Marlene Matheus, viúva do ex-presidente Vicente Matheus.

Em campo, Kia aproveitou o momento e lançou campanha contra o racismo. Mandou fazer camisas com a inscrição "Corinthians sem racismo". Foi assim que os atletas atuaram ontem diante do Figueirense. Os jogadores corinthianos, que manifestaram apoio a Grafite (que teria sofrido ofensas raciais do argentino Desábato), gostaram da idéia.

Na tribuna de honra do estádio, Kia estava com Marlene à sua esquerda e Dualib à direita. Os dois não conversaram durante a partida. A ex-presidente, que usava uma camisa com o rosto do marido estampado, teve o nome gritado pela torcida.

Dualib não foi lembrado pelos fãs e não deve ter gostado dos festejos à rival.

Nos últimos anos, ele tem feito esforços para enterrar qualquer coisa que lembre a administração de Vicente Matheus, como a sirene do Parque São Jorge para anunciar a chegada de reforços.

No último pleito, ele fez pacto com vários opositores e deixou Marlene de fora.

Kia, porém, tem se aproximado dela. Jantou com Marlene e, segundo ela, queria conhecer a visão da oposição sobre a administração do atual presidente.

Ontem, foi convidada pelo iraniano para ir ao Pacaembu. Marlene e Dualib acompanharam verdadeira adoração por parte dos torcedores ao iraniano.

Qualquer lance era motivo para os torcedores se virarem para Kia e observarem seus gestos. Após o jogo, muitos jogavam camisas à espera de um autógrafo de Kia. Sorridente, ele atendeu a todos. A essa altura, Marlene e Dualib já haviam ido embora, separados. (BAR)



Com a frase anti-racismo no uniforme e uma chupeta na boca, Tevez festeja o 1º gol do Corinthians

Figura 61- 21/04/2005

FUTEBOL

De baixo calção

SONINHA
COLUNISTA DA FOLHA

SOBRE O CASO Grafite, o que mais posso dizer, com toda honestidade, é "não sei". Ou, talvez, "todo mundo errou".

O confronto São Paulo x Quilmes já tinha sido marcado por acusações de racismo no jogo de ida. Se os jogadores não queriam se envolver em qualquer confusão, que fossem duplamente cuidadosos com suas manifestações. Mas estranho o fato de o delegado ter procurado Grafite para perguntar se ele não queria registrar queixa. Teria agido no interesse do cumprimento da lei, da garantia de direitos, ou para surfar a onda que se formava na mídia?

A lei respalda o uso de algemas na transferência de um DP para outro —mas, francamente, elas eram absolutamente desnecessárias. Não porque, sendo "famoso", o jogador mereça regalias, mas porque era evidente que não faria nada de temerário com cinco brutamontes e 50 repórteres à sua volta. "Bom senso" é difícil de definir e impossível de estabelecer como regra; cabe aos atores de cada situação aplicá-lo ou não.

E a mídia faria um grande serviço se não tentasse alimentar sentimentos discriminatórios contra argentinos —ou, por outro lado, contra os negros, como se eles não tivessem nada que se sentir ofendidos.

Não sei, sinceramente, se as ofensas ditas num jogo de futebol são provas de racismo e discriminação. Mas podem ser fortes indícios. Alguém pode dizer "carioca de merda" (ou paulista, paraíba, baiano, gaúcho, argentino) no

momento de emoções explosivas e rivalidade furiosa para agredir um rival de modo assumidamente torpe, grosseiro, vil —sem ter preconceito contra cariocas, paulistas etc. na vida "real".

Será?

Eu jamais diria algo assim, mesmo na hora de maior raiva contra alguém. Após uma fechada no trânsito, por exemplo. Como não usaria os termos "gordo", "judeu", "preto" ou "favelado" como complementares de uma ofensa. Acho inadmissível. Mas, refletindo com dolorida honestidade, talvez diga "velho babaca". E certamente digo "viado". Adianta jurar que não tenho preconceito contra velhos ("idosos", como preferem alguns) e gays?

Já disse que, se uma filha minha usasse a palavra "negro" no contexto de uma ofensa, levaria uma bronca inesquecível. Mas elas jamais fariam isso, o que me deixa orgulhosa e aliviada. Os que o fazem podem não se dar conta de que, mesmo que não sejam racistas, estão usando um elemento racista para se manifestar.

Mas não é verdade que não deveriam tentar ofender alguém de qualquer jeito? "Seu merda" é aceitável?? Não quero ser chamada de "politicamente correta", termo que detesto. Correto e incorreto têm de ser discutidos, nem sempre são claramente definidos, e um advérbio vago ("politicamente?") não ajuda nada. Mas quero estender ao máximo a reflexão sobre as maneiras pelas quais tentamos agredir uns aos outros, o que pode ser aceitável e o que não deveria ser. Continuo querendo ler e ouvir opiniões; continuo tentando entender.

**Pesos e medidas**

É ótimo que um "mero" jogo de futebol possa servir para tantas reflexões. Sobre o que é racismo, discriminação, preconceito; sobre os limites entre impunidade e punições exageradas; sobre rigor x leniência no cumprimento da lei. No dentista, no boteco ou na Câmara, muitos se perguntaram e me perguntaram o que pensar disso tudo. Pena que a notícia sobre a mulher que foi presa por tentar roubar um xampu e perdeu a visão de um olho depois de uma agressão na cadeia não tenha um bilésimo da repercussão. Ou repercussão nenhuma.

Boas medidas

A punição aos líderes da TUP e da Mancha e à Inter de Milão pelas barbaridades cometidas por sua torcida.

@ → E-mail
soninha.folha@uol.com.br

Figura 62

Pressão

Diretores do São Paulo sugerem a Grafite desistir de processar Desabato por injúrias racistas. Temem represálias da Conmebol e até da Fifa por levar o caso à Justiça comum.

**Homem de visão**

Grafite recebeu na festa de encerramento do Paulista a medalha que deveria ser dada ao meia Danilo. Aos risos, culpou o diretor de futebol Juvenal Juvêncio pela entrega errada. "O pior é que ele leu o nome na medalha."

Figura 63- 22/04/2005 Esporte D4

FUTEBOL *Símula de São Paulo x Quilmes não relata ofensa, e informe do delegado da Conmebol só menciona 'suposto' racismo*

Documentos da partida isentam Desábato

RODRIGO BUENO
DA REPORTAGEM LOCAL

Para o árbitro, não houve ofensa racista. Para o delegado da partida, teria "supostamente" havido. A Conmebol dispõe da simulação do polêmico confronto de quarta-feira retratada entre São Paulo e Quilmes, assinada pelo juiz uruguaio Martín Vázquez, e o informe do delegado da partida, o paraguaio Arsenio Sanabria. Os dois

documentos esportivos serão usados no julgamento do caso, no dia 28, em Assunção, e não acusam o jogador argentino Desábato seu clube em nada. Segundo a Folha, o árbitro relatou na simulação do jogo, basicamente, as expulsões de Arano e Grafite no primeiro tempo. Não fez referência a ofensas racistas contra o jogador são-paulino. O delegado da partida, por sua vez, usou o termo "supostamente"

para tratar do racismo em seu relatório, o que não clarifica a situação vivida no Morumbi. A Folha revelou ontem, após análise de especialistas, que pelas imagens da TV não é possível detectar nos lábios de Desábato a expressão "negro de merda", que os testemunhas disseram ter identificado na transmissão do jogo. A Conmebol também conta com cópia do boletim de ocorrência do caso, feito no 34º Distrito

Policia, no bairro da Vila Sônia. A cúpula da Conmebol quer evitar de vez manifestações racistas no continente, mas entende que algumas medidas adotadas na prisão de Desábato, como a busca pelo atleta ainda no campo de jogo, eram desnecessárias. A Fifa tomou ciência do caso, mas o deixou com a Conmebol. "Nenhuma organização esportiva pode se sobrepôr às leis de um

país. Não conheço bem a lei brasileira que trata do tema [racismo], mas o jogo foi pela Libertadores da América, competição da Conmebol. Assim, esse é um caso da Conmebol", disse Markus Sieglar, diretor de comunicação da Fifa. O próprio São Paulo tem conhecimento de que a simulação da partida contra o Quilmes não servirá como prova contra o clube argentino ou mesmo contra Desábato. "A simulação do jogo não tem ne-

nhum detalhe sobre o que Desábato falou ou deixou de falar", afirmou José Edgard Galvão Machado, gerente jurídico do clube do Morumbi. "Os árbitros da Conmebol não tem o hábito de relatar esse tipo de incidente nas simulas. Sei também que ele não fez nenhum relatório à parte para ser juntado ao inquérito", concluiu. Colaborou Luis Ferrari, da Reportagem Local

Testemunha fala em acordo entre polícia e São Paulo

LUIS FERRARI
DA REPORTAGEM LOCAL

Grafite decidiu dar o pontapé inicial na acusação de injúria por racismo contra Leandro Desábato a partir de uma pressão da cúpula são-paulina, segundo Eduardo Sorrentino, amigo do atacante que depôs contra o argentino. "Agora queremos abafar o caso. Houve o problema [a ofensa no gramado e a expulsão de Grafite], então o doutor Nico [delegado então o doutor Nico [delegado que fez a prisão] achou com a diretoria [do São Paulo] fazer isso [a prisão]. Mas quem está sendo prejudicado agora é o Grafite", disse Sorrentino, ontem, à Folha.

Diferentemente do que fez o delegado da polícia, que negou enfaticamente a informação, o advogado do São Paulo José Carlos Ferreira Alves tergiversou. "Nas minhas notícias de nenhum acordo entre a diretoria e a polícia. Isso tem que ser indagado ao Juvenal Juvêncio", afirmou ele, passando a bola para o diretor de futebol do clube do Morumbi. Em vão, a reportagem tentou entrar em contato com Juvêncio no Chile, para onde ele viajou com a delegação para o jogo contra a Universidad de Chile pela Libertadores. Além do diretor, outros membros da cúpula são-paulina — Marcelo Portugal Gouveia, João Paulo de Jesus Lopes e Marco Aurelio Cunha — também não foram achados em Santiago.

Primeira pessoa a falar com Grafite após sua expulsão, um dirigente são-paulino disse, sob a condição de não ser identificado, que não relatou nenhuma reclamação do atacante contra Desábato e revelou que o jogador só mudou de posição após ter sido instigado por Juvêncio. O atleta nega. Disse que a decisão de acusar o argentino partiu dele. Sorrentino afirmou ainda que não deve se retratar do testemunho apresentado na delegacia e desmentido por ele mesmo. A outra testemunha que teve o depoimento contestado, o jornalista Fábio Bolla, assessor e amigo de Grafite, diz que conversará com advogados antes de tomar nro a representação na delegacia e desmentido por ele mesmo. A outra testemunha que teve o depoimento contestado, o jornalista Fábio Bolla, assessor e amigo de Grafite, diz que conversará com advogados antes de tomar uma atitude, mas não descartar retificar o que afirmou à polícia. "Leitura labial é interpretativa.

CRONOLOGIA

13.abr.05 - 22h30
■ No final do primeiro tempo da vitória do São Paulo sobre o Quilmes por 3 a 1, no Morumbi, Desábato grita com Grafite, que empurra o rival e o expulso.

13.abr.05 - por volta de 23h
■ O delegado Osvaldo Nico Gonçalves procura Grafite no vestiário. O atleta diz que sofreu ofensa racista e que fala queixa.

13.abr.05 - por volta de 23h45
■ Após o término da partida, o delegado dá voz de prisão a Desábato no gramado. O argentino passa a noite no 34º DP.

14.abr.05
■ Desábato é transferido para o 13º DP e colocam direito de liberdade provisória mediante fiança, mas o Quilmes não paga os R\$ 10 mil a tempo e ele segue preso.

15.abr.05
■ Após 36 horas sob custódia Desábato é solto, compromete-se a voltar ao Brasil caso convocado pela Justiça e deixa o país.

19.abr.05
■ Grafite revela que estava não acusar Desábato judicialmente.

20.abr.05
■ Confrontadas pela opinião de especialistas em leitura labial ouvidos pela Folha, as testemunhas contra o argentino se retratam do que falaram a polícia. Na Argentina, Desábato não comenta a possibilidade de não ser processado no Brasil.

Acho que não cometi falso testemunho, mas posso me retratar."

Prestar informações falsas em investigação é crime, previsto no artigo 342 do Código Penal. O delito é qualificado se destinado a produzir provas em processo penal — nesse caso, a pena é de reclusão de dois a seis anos e multa.

A lei determina ainda que, se o investigador é crime, previsto no artigo 342 do Código Penal. O delito é qualificado se destinado a produzir provas em processo penal — nesse caso, a pena é de reclusão de dois a seis anos e multa.

A lei determina ainda que, se o autor do falso testemunho se retratar antes da sentença, o fato deixa de ser punível.



Desábato, na entrevista que concedeu em Quilmes para dar sua versão sobre a acusação de Grafite

Quilmes estuda revide judicial

Eu fiz leitura labial do Desábato pela TV. Percebi pelo tom de raiva que ele disse 'negro'"

OSVALDO NICO GONÇALVES
delegado que prendeu Desábato

SILVANA ARANTES
DE BUENOS AIRES

O presidente do Quilmes, Daniel Razzetto, pediu ontem aos advogados do clube em São Paulo que estudem medidas legais contra os depoimentos do caso Grafite. "O clube não quer que isso fique impune. Não é uma questão de vingança, mas sim de justiça."

Razzetto tomou a decisão após ler reportagem da Folha de ontem, em que Fábio Bolla e Eduardo Sorrentino, amigos e testemunhas do jogador Grafite, admitiram não haver podido ler nos lábios de Desábato a expressão "negro de merda", ao contrário do que testemunharam à polícia.

Desábato foi acusado de injúria do Sorrentino, amigos e testemunhas do jogador Grafite, admitiram não haver podido ler nos lábios de Desábato a expressão "negro de merda", ao contrário do que testemunharam à polícia.

Desábato foi acusado de injúria grave e passou 36 horas detido em São Paulo. "Não sou advogado e, infelizmente, desconheço a legis-

lação brasileira. Mas, ao menos em meu país, é algo grave que uma pessoa seja presa em decorrência de um falso testemunho."

Razzetto também quer esclarecer a relação das testemunhas com a polícia e o São Paulo. "Enquanto estávamos sentados, vigiados por homens armados e não podíamos sair da sala de espera, as testemunhas de Grafite entravam e saíam da delegacia como se estivessem em casa. Entravam com pizzas, comprimentavam os policiais e falavam permanentemente com esse senhor Gonçalves [o delegado Nico]."

O Quilmes ainda investigará se o São Paulo de fato pressionou Grafite a agir. "Se foi assim, este já não é um assunto só de Grafite, vem os policiais e falavam permanentemente com esse senhor Gonçalves [o delegado Nico]."

O Quilmes ainda investigará se o São Paulo de fato pressionou Grafite a agir. "Se foi assim, este já não é um assunto só de Grafite, vem os policiais e falavam permanentemente com esse senhor Gonçalves [o delegado Nico]."

O Quilmes ainda investigará se o São Paulo de fato pressionou Grafite a agir. "Se foi assim, este já não é um assunto só de Grafite, vem os policiais e falavam permanentemente com esse senhor Gonçalves [o delegado Nico]."

PINGUE-PONGUE

Para delegado, de seu depoimento vale cada vírgula

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

O delegado Osvaldo Nico Gonçalves, 48, que prendeu Desábato no Morumbi, negou que tenha combinado a ação com o São Paulo e ficou surpreso com o recuo das testemunhas de Grafite. Mas afirma que não mudará uma vírgula de seu depoimento. (KLEBER TOMAZ)

Folha - Houve acordo com a diretoria são-paulina para Grafite acusar Desábato?

Nico Gonçalves - Não. A pedido do secretário da Segurança Pública, Saulo de Abreu, fui indagar Grafite se ele havia se sentido ofendido. Quando cheguei ao Morumbi, encontrei o atleta, acompanhado de um advogado. Ele já estava imbuído da vontade de manifestar que se sentira ofendido.

Folha - O senhor conhecia as testemunhas de Grafite?

Nico Gonçalves - Os dois se apresentaram como testemunhas do Grafite. Disse-ram que queriam falar sobre o que vieram. O fato de serem amigos do atleta não impede que testemunhem.

Folha - O que achou das testemunhas terem recuado? O que o senhor faria?

Nico Gonçalves - Me surpreendeu. O delegado que cuida do caso pode pedir o indiciamento por falso testemunho. No meu depoimento, não será mudada nenhuma vírgula.

Folha - Como é que se configurou o falso testemunho?

Nico Gonçalves - Vale o que disseram à polícia e está nos autos. Eles serão chamados no fórum [se Grafite prestar queixa-crime]. Se não falarem os policiais e falavam permanentemente com esse senhor Gonçalves [o delegado Nico]."

Folha - Como é que se configurou o falso testemunho?

Nico Gonçalves - Vale o que disseram à polícia e está nos autos. Eles serão chamados no fórum [se Grafite prestar queixa-crime]. Se não falarem o que foi dito na delegacia, será falso testemunho.

Figura 64- 22/04/2005

FUTEBOL

Edson ou Pelé?

mas respondia arrebatado o time adversário na bola. Não pode deixar chegar a esse ponto. Daqui a pouca a gente vai ver brasileiro xingando argentino na rua e vice-versa. Foi bom ter acontecido isso, serve de alerta. Mas isso não vai acabar de uma hora para outra. O importante é que as coisas acabem no campo", analisou Pelé.

Acionou a boca, não ligou o cérebro. Teria sido melhor, naquele momento, se faltasse o som da voz do entrevistado. Deixaria de ser jornalista por um minuto e faria uma leitura labial do que falou Pelé: "Eu cansei de ser chamado de crioulo filho disso, filho daquilo. Passei por coisas muito piores, nunca fui expulso por revistar quaisquer agressões, mas reagi. Fui à luta e, pessoalmente, combati a discriminação racial no mundo inteiro. Mostrei aos povos, especialmente na Argentina, que, embora para Darwin o homem fosse uma evolução do macaco, tal expressão era agressiva e poderia ser evitada. Liderei centenas de palestras com nossos jovens craques negros e, assim, pudemos evitar apelidos como Grarrar. Seus depoimentos e aparições ao meu lado deram sobrevida de mais dois anos à emissora. Para mim, Pelé é eterno em dose dupla.

★

Nesta semana vieram as esperadas declarações de Pelé sobre o episódio Grafite. Convido o leitor a dividir comigo a conclusão de uma das respostas: "Eu cansei de ser chamado de crioulo filho disso, filho daquilo. Já passei por coisas muito piores, mas nunca fui expulso por revistar cusparada, essas coisas. Ficava chatando,



Conferência

"No Brasil, o importante não é tanto a cor da pele, mas a posição social. As objeções são contra o jogador pobre, porque no início do século 20 os clubes dos respectivos times eram frequentados pela elite burguesa brasileira." Palavras do jornalista João Máximo, que se baseou na história contada por Mário Filho no livro "O Negro fite, como também o que ocorreu recentemente em Minas, quando um jogador negro do América xingou o também negro jogador do Atlético de "macaco". E, por fim, como atleta exemplo que fui, devo dizer com orgulho que ainda tenho muito a fazer para comemorar meu mais importante gol na vitória contra o racismo". Ufa! Acabou o jogo... ops, o sonho. Acorde! Felizmente, sou jornalista.

Jorge Kajuru é jornalista e apresentador do programa "Faria do Ar", no SBT.

Excepcionalmente hoje não é publicada a coluna de Mário Magalhães.

Pimenta nos outros

A diretoria do Quilmes minimiza a relevância dos cartazes que retrataram o são-paulino Grafite como macaco. "Eram dez mil torcedores, e só dois com cartazes que diziam isso", diz Júlio García, vice do clube.

QUALQUER NOTA

Final infeliz

Depois de demonstrar que racismo não é só injúria, Grafite deve desistir de formalizar queixa contra Desábato. Se abrir mão do processo, o jogador irá reforçar a tese do Quilmes de que a prisão não passou de ato premeditado para prejudicar o adversário do São Paulo. E irá se tornar alvo mantido de agressões racistas.

Figura 65- 23/04/2005 D2 Esporte

66- 23/04/2005 D3 Esporte

Grafite diz que acionará Desábato

LUÍS FERRARI

DA REPORTAGEM LOCAL

Grafite se decidiu. Depois de estudar não levar à frente o processo por injúria grave contra o argentino Leandro Desábato, o são-paulino descartou a idéia.

Ontem à noite, o jogador confirmou à *Folha* que dará queixa-crime contra o zagueiro do Quilmes.

“Espero me reencontrar com a delegação do São Paulo e falar com o jurídico para tomar as providências”, afirmou o atacante. Ele antecipou que as medidas judiciais só serão tomadas depois do jogo de quarta-feira pela seleção brasileira, contra a Guatemala, no Pacaembu, quando estreará pelo time nacional.

A opção do atacante contraria o que era considerado uma tendência tanto por pessoas ligadas a ele quanto por parte do corpo jurídico do São Paulo: esquecer o caso.

Na última terça-feira, Grafite dissera, por meio da assessoria de imprensa do clube, que havia a possibilidade de não tomar nenhuma medida jurídica contra o argentino, fato que foi ratificado pelo gerente jurídico são-paulino, José Edgard Galvão Machado, para quem o atacante já havia perdoado o adversário.

Anteontem, essa ainda era a tendência. Eduardo Sorrentino, amigo do atacante e testemunha do caso, afirmou que a intenção era “abafar o caso”.

Segundo ele, a repercussão está

prejudicando Grafite. “Agora, estamos pensando na seleção. Esse menino precisa estar com a cabeça boa para poder jogar bola, para evitar [superar] um monte de problemas, como o seqüestro da mãe. Eliminamos um problema, agora vem outro”, afirmou Sorrentino anteontem, após declarar que o início da acusação surgiu de um entendimento entre o delegado Osvaldo Nico Gonçalves e a diretoria são-paulina —versão que foi negada por Grafite.

“Muita gente deu palpite por mim”, declarou o jogador, sobre as informações que circularam desde a última terça-feira.

Como o crime de que Desábato é acusado é processado por ação penal privada, o início do proces-

so depende do ofendido, que tem um prazo de seis meses (já correndo há dez dias) para começar o processo. A injúria grave por ofensas raciais, delito previsto no parágrafo terceiro do artigo 140 do Código Penal, tem pena de um a três anos de reclusão e multa.

Na quarta-feira retrasada, quando o São Paulo bateu o Quilmes por 3 a 1 no Morumbi, Grafite acusou Desábato de tê-lo ofendido no final do primeiro tempo.

Após o jogo, o delegado Gonçalves prendeu o argentino no campo. Desábato passou 36 horas detido e só foi liberado mediante o pagamento de fiança de R\$ 10 mil, acompanhado da assinatura de um termo no qual se comprometeu a voltar ao Brasil em 30 dias.

Figura 67

JOSÉ GERALDO COUTO

COLUNISTA DA FOLHA

A GORA QUE tudo parece já ter sido dito e redito a respeito do caso Desábato/Grafite (apesar da confusão que ainda cerca as circunstâncias reais do incidente), é hora de olhar para a frente, em vez de ficar remoendo velhos ressentimentos.

Entre as dezenas de mensagens que recebi sobre o assunto, quase todas sensatas e pertinentes, uma me tocou em particular, por seu espírito aberto e positivo. Foi enviada pelo leitor Carlos “Alemão” Moura, a quem não conheço pessoalmente. Transcrevo-a quase na íntegra:

“Não é fácil reviver velhos tabus, cutucar antigas feridas. Passada quase uma semana, tudo isso ainda me incomoda. Talvez porque Desábato não seja o melhor exemplo do argentino racista, pois é um garoto de origem simples que corre atrás da bola como quem está atrás de um prato de comida, como tantos outros. Ou porque Grafite, como tantos outros, seja um cara do bem e tudo o mais, mas não espelhe a grandeza de um Reinaldo, aquele do Galo, por exemplo.

Mas e daí? Os protagonistas podem não ser perfeitos, mas o fato foi decisivo. (...) Daqui pra frente, algo tem que mudar nessa história. Não podemos mais aceitar ser chamados de ‘macaquitos’ por parte da imprensa argentina. (...)

Que o mercado argentino se abra definitivamente para os negros —aliás, isso só fará bem ao futebol dos ‘hermanos’. Que o brasileiro aprenda que há craques negros em todas as áreas,

não só no esporte.

Sugiro ainda que as pessoas de bem, que vivem diretamente o futebol, aproveitem a oportunidade para reforçar esse exemplo: que tal um Argentina x Brasil com os jogadores entrando lado a lado, com uma faixa contra o racismo no futebol, com uniformes criados especialmente para a ocasião (talvez uma manga azul e branca na camisa canarinho e uma amarela na argentina)?”

Não consigo imaginar uma resposta mais fecunda à situação, ao menos a curto prazo. O contrário disso é o acirramento do racismo e da xenofobia. Da barbárie, enfim.

★

O Brasileiro-2005 começa com pelo menos um grande clássico: Fluminense x São Paulo. O confronto entre tricolores vai opor o campeão do Estadual do Rio e o campeão paulista deste ano.

Será, além disso, o jogo em que Rogério Ceni fará sua 597ª partida com a camisa do São Paulo, igualando o recorde pertencente a Waldir Peres, outro goleiro memorável. Tomara que o Maracanã esteja lotado e que as torcidas só façam guerra de pó-de-arroz.

★

A estreia do Corinthians, contra o Juventude, também tem um peso simbólico considerável. Se não perder em Caxias, o alvinegro completará 11 jogos sem derrota, superando a série invicta conquistada pelo clube sob o comando de Parreira, em 2002.

Começar com o pé direito é tudo o que querem os corinthianos supersticiosos (ou seja, todos).

Figura 68- 24/04/2005 E11 Ilustrada

JOSÉ SIMÃO

Buembra! Tiradentes foi um feriado!

BUEMBRA! Buembra! Macaco Simão Urgente! O escultor-bador-geral da República! Direto do País da Piada Promis! Adorei a enquete do "Tudo a Ver", da Record, feita nas ruas: "Quem é Tiradentes?". "Só sei que é um feriado." É isso, Tiradentes foi um feriado. Rarará! E tamo ferrado: Bush, Severino e papa alemão. O papa Chico Bento 16 trabalhava num departamento que era o Tribunal da Santa Inquisição, o Dops do Vaticano! Já tô me sentindo na fogueira! O papa é contra os gays, contra as feministas, contra a camisinha, contra transar antes do casamento e contra o rock. Oii seja, eu quero ser católico, mas o papa não está!

Já que os alemães ganharam um papa, para compensar eles podiam perder a Copa da Alemanha. E sabe o que o Lula falou pro d. Cláudio? "Paciência, companheiro, eu esperi 22 anos." É o "Daily Mirror" chamou o papa de rotweiller de Deus. E ele tem uma cara tão brava que os fiéis, em vez de bênção, pedem desculpas. E diz que um psicanalista entrou no consultório do outro: "Colega, venho pedir auxílio num caso impossível". "Qual?" "Tô tratando de um argentino com complexo de inferioridade." Rarará. E repercussão do caso Grafite: cristiano põe argentino na cadeia! E aí a torcida argentina estendeu a faixa com um desenho de macaco: "Grafite Macaco". Em

representa, vamos fazer uma faixa com desenho de um saco de pó bem gordo escrito "Maradona!". Rarará! E a manchete: "Argentino chora e dorme em colchão emprestado". E quem foi o desgraçado que emprestou o colchão? E no jogo Juventus x Liverpool, na Inglaterra, a torcida italiana estendeu a faixa: "You are uglier than Camilla" (você é mais feio do que a Camilla). E a primeira declaração da Camilla após o casamento: "Estava completamente aterrorizada no altar". Já sei, tinha um espelho atrás do padre!

E esse: "Severino cria comissão para investigar nepotismo". Já sei, a comissão é formada por parentes do Severino. Rarará! E adorei a charge do Santiago sobre nepotismo na TV: "Vêia, vem ver a novela com o filho do Tarcísio Meira, a filha da Regina Duarte e o sobrinho do Chico Anysio". E o Zé Scafú me mandou a diferença entre catolicismo e nepotismo. Catolicismo: habemus papa. Nepotismo: habemus papá, mamãe, titio, mulher, sobrinho e cunhado. Rarará. É mole? É mole, mas sobe! E atenção! Cartilha do Lula. Mais dois verbetes pro obvio lilante. "Papas na língua": fofocas sobre a vida progressa do papa. "Empapado": companheiro ateu que não aguenta mais ouvir falar do papa. O lulês é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mas nós goza.



@simao@uol.com.br

Figura 69- 24/04/2005 A3 Pannel do Leitor

PAINEL DO LEITOR

O "Painel do Leitor" recebe colaborações pelo correio (al. Bairro de Ipiranga, 425, 8º andar, São Paulo-SP, CEP 01202-900), por fax (011) 3111-2221, 1648 e por e-mail. Pele as que as cartas sejam curtas e contemplem tema completo, endereço, telefone e, exceto em mensagens por e-mail, assinatura. A Folha se reserva o direito de selecionar cartas e publicar trechos. E-mail: leitor@folha.com.br

TEMAS MAIS COMENTADOS PELOS LEITORES NA SEMANA

13:	Número de mensagens	Percentual*
Morte do papa	89	13,6%
Caso Grafite x Desábato	57	8,7%
Governo Lula	53	8,1%

*% de eventual de 676 mensagens recebidas.

Desafio o jornalista a provar que algum alto dirigente do PT tenha alterado o seu padrão de vida por viver de 'boquinha' desde que o PT chegou ao governo da República."

Daiva Oliveira (São Paulo, SP)

Resposta do jornalista Clóvis Rossi — Que a leitora faça a pesquisa e tenha a honestidade de, depois de feita, declarar publicamente que se enganou sobre os meus escritos a respeito de Lula antes da vitória.

Figura 70- D2- Pannel F.C



Diabrura

Grafite ficou com Eduardo Sorrentino, que testemunhou contra Desábato. Ele não gostou de Capeta, como chama o amigo, dizer que o atacante só prestou queixa por causa de uma articulação entre cartolas do São Paulo e Polícia Civil.

Figura 71- 24/04/2005 A6 Primeiro Caderno

OMBUDSMAN

A imprensa no caso Grafite

MARCELO BERABA

SÉ O JOGADOR argentino Leandro Desábato xingou o jogador brasileiro Edinaldo Batista Libânio, o Grafite, de "negro de merda, filho da puta, negrinho", como consta no inquérito policial aberto em São Paulo após o jogo São Paulo x Quilmes, ele deve ser punido e sua condenação deve servir de exemplo para os que estimulam o ódio e a discriminação.

Mas, e se o jogador não pronunciou as ofensas racistas que a ele foram atribuídas? Neste caso, estaríamos diante de uma grande injustiça.

O caso Grafite provocou uma saudável e tardia discussão sobre a questão do racismo no futebol. Desde a noite de 13 de abril, quando Desábato saiu preso do estádio do Morumbi, o jornalismo esportivo e as páginas de opinião dos jornais analisaram exaustivamente o caso.

As análises se dividiram em dois campos: as que acharam que as providências tomadas (prisão, algemas, exposição pública do jogador, inquérito policial) foram corretas e as que consideraram que houve exagero. Os dirigentes do clube argentino julgaram o episódio uma "armação" e boa parte da imprensa daquele país tachou a ação da polícia de "espetacularização" e a cobertura da imprensa brasileira de "sensacionalista".

Na *Folha*, vários colunistas escreveram sobre o assunto, mas acho que dois resumem bem as diversas posições. Tostão condenou o racismo no futebol, mas não viu no episódio uma manifestação clara de discriminação. José Geraldo Couto foi mais duro: "Se for preciso optar, é melhor o exagero que a omissão".

21.abr



A principal contribuição que a *Folha* deu nesse caso não foi, no entanto, o espaço que destinou ao debate, mas a disposição que demonstrou de fazer jornalismo, ou seja, de continuar a investigar o caso. Enquanto praticamente todo o resto da imprensa manteve o assunto apenas com artigos de opinião e textos de repercussão, a editoria de Esporte do jornal fez o que tinha de fazer, reportagens.

O inquérito contra Desábato se baseia na acusação de Grafite, em duas testemunhas e no vídeo da TV Globo que teria permitido a leitura labial das ofensas. Em sua defesa, Desábato nega os xingamentos racistas.

Desde quinta, a *Folha* publica várias reportagens que questionam essas provas. Na quinta, editou o resultado de três exames que mandou fazer do vídeo. Os peritos consultados declararam que não conseguiram ler na fita as palavras que Grafite afirma que ouviu.

Com essas conclusões, o jornal

procurou as testemunhas, um amigo e o assessor de imprensa do brasileiro. Os dois assistiram ao jogo pela TV e, agora, segundo a *Folha*, se retrataram. É a capa do caderno de quinta: "Leitura labial é contestada; amigos de Grafite recuam".

No sexta, o jornal informou que a simula do jogo não relata a ofensa e que o relatório do representante da Comebol menciona "suposto" racismo. O jornal voltou a ouvir uma das testemunhas de Grafite, que informou que o jogador teria sido pressionado pela direção do São Paulo para dar a queixa e que teria havido um acordo entre o clube e a polícia paulista.

Este caso, portanto, não está concluído. É possível que Desábato tenha sido racista? É. Mas é igualmente possível que tenha apenas ofendido, sem racismo. Se foi racista, tem de ser julgado. Se não foi, a discussão é outra. E o papel da imprensa é o de evitar uma injustiça.

Figura 73- 26/04/2005 A12 Primeiro Caderno/ Mundo

ACÇÕES POLEMICAS DA POLÍTICA EXTERNA DO BRASIL

- Haiti**
 - Lidera missão de paz da ONU. ONGs acusam soldados da entidade de abusos e violações
- Bolívia**
 - Costurou apoio do Mercosul ao presidente Carlos Mesa, que chegou a apresentar sua renúncia para enfrentar a pressão de protestos de rua
- Venezuela e Colômbia**
 - Mediou o conflito diplomático causado pela prisão de um membro das Farc em Caracas.
 - Avança que é "natural" a compra de armas feita pela Venezuela, apesar das críticas dos EUA e da Argentina
 - Em 2003, ajudou a criar o Grupo de Amigos da Venezuela para mediar a crise entre Chávez e a oposição

Itamaraty estranha críticas argentinas

SILVANA ARANTES
DE BUENOS AIRES

As críticas do governo argentino à atuação do Brasil na crise do Equador foram recebidas "com estranheza" pelo Itamaraty.

Sem admitir atrito, o Itamaraty enfatiza que as discordâncias do presidente argentino, Néstor Kirchner, com a dianteira da diplomacia brasileira no episódio são "versões divulgadas na imprensa argentina".

A irritação de Kirchner com a tentativa do Brasil de mediar a crise equatoriana foi noticiada antontem pelo jornal "Clarín".

O enviado especial do diário a Roma — Kirchner foi à entronização do papa — informou que integrantes da comitiva oficial "não dissimularam seu aborrecimento com a decisão brasileira de ser protagonista na intermediação, acima até da OEA [Organização dos Estados Americanos]".

Na avaliação do governo argentino, o Brasil estaria aproveitando a crise no Equador para reforçar sua campanha pela obtenção de um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU.

uma oposição, sustentando forte relação à política econômica do chefe de Estado. Crítico suas concessões aos credores internacionais, sobretudo a supressão dos subsídios aos alimentos, recomendada pelo FMI. O vice reivindicava, ao contrário, o resgate da dívida social com os mais pobres e a implementação de um sistema universalizado e gratuito de saúde.

A relação estremeceu quando, em dezembro último, Gutiérrez, por maioria simples do Parlamento unicameral, afastou os juizes da Corte Suprema.

Em seguidas entrevistas, o vice-presidente lançou apelos para que os equatorianos protestassem e declarou que o país estava se aproximando de uma ditadura. Qualificava os partidários de Gutiérrez de "traidores" e "conspiradores".

Utilizando mais uma vez uma metáfora clínica, disse que "o Equador está numa UTI e precisa passar por uma cirurgia". Foi quando Gutiérrez implantou o estado de emergência, depois de, por decreto, destituir de seus cargos os novos integrantes da Corte Suprema.

Na última quarta-feira, horas antes de se deslocar para

Argentina

- Enfrenta oposição argentina à sua candidatura a um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU
- Seu candidato à diretoria-geral da Organização Mundial do Comércio foi preferido pelos argentinos, que apoiaram um uruguaio
- O governo argentino criticou a viagem de Lula ao funeral do papa João Paulo 2º
- O Planalto tomou as dores do jogador Grafite no suposto episódio de racismo envolvendo um atleta argentino. Para o jornal "La Nación", foi um escândalo diplomático

Oriente Médio

- Celso Amorim visitou vários países árabes, mas não foi a Israel
- O Brasil organizará em maio uma cúpula de países árabes e sul-americanos

Figura 74- 26/04/2005 D2 Esporte

Parreira admite levar Grafite para a Argentina

DA REPORTAGEM LOCAL

Carlos Alberto Parreira não tem medo de levar o são-paulino Grafite para o jogo da sua seleção brasileira contra a Argentina, no início de junho, em Buenos Aires, pelas eliminatórias à Copa-06. Segundo ele, se o atacante mos-

trar serviço no jogo contra a Guatemala, será chamado para voltar ao país onde virou "inimigo público" depois do caso de suposto racismo que se envolveu com Desábato, do Quilmes. "Posso convocá-lo para o jogo [contra a Argentina] sem problema. Não vamos temer isso", afir-

inou o treinador, que, no entanto, não sabe as conseqüências que pode causar uma eventual ida de Grafite a Buenos Aires. Grafite agradeceu. "O importante é mostrar serviço para permanecer na seleção. É bom saber que o Parreira pode me levar para a Argentina", afirmou o atacante, que tam-

bém não vê problemas de segurança para ele e os demais jogadores da seleção na partida. Contra a Guatemala, o são-paulino é o mais cotado para substituir Romário durante amistoso que marca a despedida do vascaíno do time nacional. "Seria melhor começar jogando." (PC)

Figura 75- 27/04/2005 D2 Esporte

D 2 quarta-feira, 27 de abril de 2005

PAINEL FC

Reforço

O Gesp, grupo de executivos que ajuda a diretoria do São Paulo, sugeriu a contratação de um consultor motivacional para os jogadores. O nome preferido entre os publicitários do grupo é o de Bernardinho, treinador da seleção brasileira de vôlei.

Receptivo

O presidente são-paulino, Marcelo Portugal Gouvêa, gostou da idéia, mas prefere José Roberto Guimarães, que é são-paulino e seu amigo. Ao saber da idéia, o técnico de vôlei se disse lisonjeado e que, se convidado, poderia tentar encaixar as palestras em sua agenda.

Lábios bem fechados

Galvão Bueno, via sua filha e assessora, Leticia, diz que não quer mais falar sobre o caso Grafite, apesar de chamado para depor — o que promete fazer. "Tudo o que ele tinha para falar foi dito na transmissão", afirmou ela. A polícia sustenta que ele levantou a lebre ao falar: "Olha, parece que o argentino chamou o Grafite de negro".

Operação abafa

Pela primeira vez na seleção, Grafite pede que não comentem mais sobre o suposto caso de racismo em que foi envolvido. O atacante são-paulino teme ficar marcado por isso e que esqueçam o que fez em campo.

Figura 76- 27/04/2005 Ilustrada E12

MARCELO COELHO

Grandeza e miséria das piadas de argentino

V AI ver que estou agindo por interesse próprio, mas não acho certo que alguém vá para a cadeia simplesmente por causa do que escreveu ou disse. Ainda que xingamentos racistas sejam uma forma odiosa de agressão, considero que uma boa multa e algum tipo de sanção pesada no plano da Justiça Desportiva sejam suficientes, caso fique comprovada a culpa do jogador argentino Leandro Desábato.

A notícia já ficou meio antiga: ele foi acusado de insultar o brasileiro Grafite, do modo mais preconceituoso possível, durante um jogo da Taça Libertadores. Mas não vou comentar diretamente o episódio.

Até porque fico um pouco envergonhado. Embora tenha havido exagero no caso, senti uma ponta de orgulho ao pensar que, diante da opinião pública mundial, o Brasil deixou claro que racismo, aqui, é tratado com tolerância zero... Ou que, pelo menos, existem instrumentos legais severos para coibir o preconceito.

Deixo o assunto nesse pé, convencendo-me, com certo alívio, de que, afinal, não preciso decidir nada de uma vez por todas. E o tema deste artigo é outro. Topoi com ele minha banca de jornal. Trata-se de uma revista, ou melhor, de um livrinho, de cerca de

80 páginas, produzido pela On Line Editora e dedicado exclusivamente a uma paixão brasileira: as piadas de argentino.

São 478 piadas, segundo a capa, "para você morrer de rir". Aqui vão alguns exemplos.

"O que dá um cruzamento de um paraibano com um argentino? Resposta: um zelador que acha que é dono do prédio."

"O que se deve jogar para um argentino que está se afogando? Resposta: o resto da família."

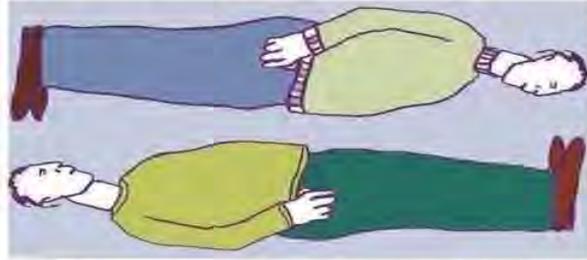
"Por que não há terremotos na Argentina? Resposta: porque nem a terra os engole."

"O que significa uma Kombi com um argentino caindo num penhasco? Desperdiço: a Kombi poderia estar cheia."

"Por que os argentinos não brincam de esconde-esconde? Porque ninguém os procura."

Não cito as piores de todas nem as mais características. Com exceção da piada sobre o zelador, que leva a efeito uma dupla agressão, os exemplos acima não insistem na tecla da arrogância, do ego inflado que se costuma atribuir aos argentinos.

O que me pareceu curioso nessas piadas — e há muitas outras do mesmo tipo — foi o fato de expressarem um tipo de ódio ou de desprezo bastante indeterminado. Não apontam um defeito es-



pecífico (real ou suposto) dos argentinos, mas servem apenas para dar vazão a uma inimizade que poderia, se assim quisessem os organizadores do volume, voltar-se contra japoneses, nordestinos, gaúchos, cariocas, ingleses, negros ou... brasileiros em geral.

Muitas das piadas do livro, aliás, parecem adaptações de velhos sucessos contra gaúchos ou campineiros. Houve uma época em que virou moda chamar de gays os nascidos em Campinas ou Pelotas no livro, os argentinos ficam com essa fama também, numa contradição com o estereótipo mais comum a seu respeito. Outras anedotas os acusam de birri-que, o que serve mais para atualizar antiqüíssimas piadas de portugueses do que para extravasar

nosso críticas ao país irmão.

Mas esse deslocamento, essa "troca de vítimas", não deixa de ser interessante. Posso imaginar que tenha existido ressentimento contra o colonizador português e que, aos poucos, isso tenha diminuído. É possível que, contra os gays, as piadas tenham um efeito psicológico claro: o de exorcizar os fantasmas que ameaçam a própria identidade sexual do sujeito que se acredita "macho 100%".

Mas o que os argentinos fizeram contra nós, além de ganhar algumas partidas de futebol? E qual o fantasma que, debochando deles, queremos expulsar de nós mesmos?

Seria preciso pesquisar, mas acho que o início das piadas de

argentino coincide com nosso tirismo de massa rumo a Buenos Aires e Bariloche, a partir dos anos 70. E com a crise do milagre econômico, pouco depois.

Defrontamo-nos com uma dupla experiência. Primeiro, podemos tomar contato com uma cidade incrivelmente mais "civilizada" e "européia" do que as nossas. O aspecto mais antigo, mais estável e refinado de Buenos Aires — e de seus pedestres de terço e gravata — pode ter substituído, em nosso imaginário, o lugar do "povo mais velho", do "passado europeu", ocupado pelos portugueses.

A animosidade contra esse passado me parece menos importante, contudo, do que um outro sen-

timento, a saber: o medo da nossa própria arrogância, da nossa própria mania de grandeza. Todos os ideais de "país do futuro", de "Brasil grande" etc., vigentes até a década de 80, foram sendo amargamente contestados pelos fatos. Conhecer crises e mais crises na economia, muito semelhantes às vividas pela Argentina.

E assim que, rindo das pretensões de superioridade do país vizinho, de alguma forma esquecemos o rancido das nossas.

Preconceito contra argentinos? O termo tem muitos significados. Mas doses de raiva certamente existem. Algumas das piadas do livrinho que comprei são puro xingamento, coisa impublivável. Outras são até engraçadas ou não necessariamente antipáticas. "Segundo recentes estatísticas, de cada dez argentinos, 11 se sentem superiores aos outros." "Por que os argentinos saem para a rua quando está relampejando? Porque dizem que Deus está tirando fotos deles."

Talvez, nas piadas de argentinos, estejamos tirando fotos de nós mesmos também. E é possível que Leandro Desábato — senti querer desculpar o caso do jogador — esteja pagando por um racismo que é, acima de tudo, propriedade nossa.

coelho@uol.com.br

Figura 77- 28/04/2005 E2 Esporte

DIVIDIDA
De Agnaldo Timóteo, sobre Grafite: insinuar que ele discute o caso Desábato atrás de fama: — Há 40 anos sou famoso. Alguém se lembrará desse razoável jogador daqui a alguns anos?

MÁRIO MAGALHÃES
COLUNISTA DA FOLHA

CHEGOU DE viagem e entro atrasado na conversa, mas se trata mais de falar do futuro do que do passado.

O que fez histórica a noite de 13 de abril não foi a prisão de Leandro Desábato, mas a atitude de Grafite ao denunciá-lo.

São ainda nebulosos os fatos do Morumbi. Grafite diz que ouviu manifestações rasteiras de racismo. Desábato assegura que não as pronunciou. A dita leitura labial não reconheceu os palavrões descritos pelo são-paulino. O que não significa que o jogador do Quilmes não os tenha vomitado em momento não documentado pelas câmeras.

O zagueiro amargou duas noites de cama sem culpa comprovada. Muito pior, foi submetido à ignóbil humilhação das algemas. Avolumam-se indícios de que cartolas tenham incentivado o atacante a apresentar queixa. E de fato houve espetacularização (é, palavrinhá) do episódio.

A despeito de todos os senões — o mais grave foi tratar como culpado quem é apenas suspeito —, se sobressai a decisão de Grafite. "Negro de merda" e "negro" não são meras provocações do futebol, mas expressão preconceito racial insustentável em sociedades que se pretendem civilizadas.

A questão pontual é saber o que Desábato disse. Há versões divergentes. No limite, na dúvida, pré-reu. A discussão de fundo é outra: seria o futebol um espaço de relações tão particulares no qual se tornariam "naturais" os compor-

tamentos humanos mais abjetos?

Se Pelé, em vez de responder apenas "dentro de campo" aos xingamentos racistas dos adversários, tivesse adotado uma única vez a postura de Grafite, o futebol seria melhor. E teria, pelo exemplo, feito melhor e menos desigual o Brasil. Grafite teve a coragem que faltou a Pelé.

Querer que a punição por racismo se restrinja à Justiça desportiva equivale a considerar socialmente inimpugnáveis os futebolistas. Assassinato na cancha só custaria o gancho de alguns jogos.

Mesmo que o atacante recue da queixa, o que passou não se apaga. Seu gesto golpeou a relativização do racismo no futebol. Quando se brinca um jogador com um "filho da puta", não se diz que Dona Fulana, a progenitora do rival, está na vida. Há juízo de valor sobre donzelas, é verdade. Mas não é pessoal como "negro de merda". Isso só se fala a quem não tem a pele alva preferida por alguns cretinos.

O futebol precisava de um 13 de abril. Poderia envolver só brasileiros, e não um argentino, pois não faltam situações semelhantes com atletas nacionais. Nem torcedor banulado como o que anteriormente, no Pacaembu, atirou uma banana com a inscrição "Grafite nucaço".

É trônico que o protagonista seja um jogador que se orgulha do apelido derivado da sua cor. Edinaldo Batista Libânio tem levado bordoadas desde que disse "che-ga". Não é à toa. Ele considerou intoléravel o que muitos toleram. Sua ação fala ao futuro. Bom será se o futebol e o Brasil aprenderem com Grafite.



Festa legal

Não sei se a ideia foi da CBF, de Parreira ou da TV Globo, que celebrou seus 40 anos com o amistoso. Mas foi muito, muito legal homenagear Romário com uma despedida da seleção. Seria melhor contra um time de expressão, e não contra a Guatemala? Evidente. Mesmo assim, foi emocionante assistir a Romário ao lado de Robinho. Em um dos estádios mais bacanas do mundo, e com um público mais bacana ainda. O espectro das vaías se transformou numa aclamação antológica. Romário retribuiu com um gol e deu lugar a Grafite, o melhor da partida. Que país do mundo conseguiria despedir-se de um craque como Romário ao mesmo tempo em que testemunha o nascimento de um gênio como Robinho?

coelho@uol.com.br

Figura 78- 29/04/2005 D3 Esporte

Figura 79- 30/04/2005 D7 Esporte

FUTEBOL

Planeta dos macacos

JOSÉ GERALDO COUTO
COLUNISTA DA FOLHA

CONCORDO integralmente com a defesa que Mário Magalhães fez de Grafite neste espaço, ontem. Está havendo uma curiosa e preocupante inversão de papéis, com o jogador são-paulino sendo incriminado pelos incidentes que levaram à prisão de Leandro Desábato.

Ora, pode ter havido exagero da polícia, oportunismo de dirigentes, destempero de locutores, ressentimento anti-argentino, o diabo a quatro.

Mas não se pode negar a Grafite o sagrado direito de reagir a um insulto usando as armas da lei. O que incomodou muita gente parece ter sido justamente isso: ver um branco ir parar na cadeia por ofender um negro.

O mais recente e triste episódio desse acirramento do racismo foi a banana atirada por um idiota ao gramado do Pacaembu no jogo festivo do Brasil contra a Guatemala, quarta passada. Brasileiros imitam assim o que algumas torcidas europeias têm de pior.

Outro dia, num jogo da Juventus, parte da torcida de Turim protestou contra as comemorações do 25 de abril, data que marca o fim do fascismo na Itália. E nesse tipo de imbecilidade que vamos nos inspirar ao olhar para o chamado Primeiro Mundo?

★

Dos jogadores que atuaram na seleção no amistoso com a Guatemala, penso que merecem convocação, para a reserva, Rogério Ceni, Cicinho, Ricardinho e Léo. Robinho já pode brigar por uma vaga entre os titulares. E convém observar de perto Fernando, Fred e Grafite, embora dificilmente se abra uma brecha no ataque. Se sobrar uma vaga para volante, Mineiro e Magrão estão no péreo. Tudo somado, o Brasil está bem servido, com a possível exceção do miolo da zaga.

★

As provocações contra Galvão Bueno cantadas pela torcida no Pacaembu não devem ser tomadas pelo locutor no plano pessoal. É que Galvão é a voz oficial da Globo, que praticamente monopoliza as transmissões esportivas no país. É a manifestação da torcida, a meu ver, é uma reação saudável à influência massacrante da emissora sobre os corações e mentes de milhões de brasileiros.

No mínimo, foi um contraponto bem-humorado aos bobocas que fazem propaganda gratuita da Globo em cartazes que exaltam a emissora e seus representantes.

★

Ainda sobre a transmissão do jogo do Pacaembu a "novidade tecnológica" apreçada pela Globo (uma câmera que sobrevoa o campo, sustentada por cabos) foi um fiasco.

A câmera chegava atrasada, não conseguia acompanhar os lances de perto e, o que é pior, dava uma imagem distorcida do campo e dos jogadores, tornando difícil avaliar as distâncias reais entre eles, a direção tomada pela bola etc.

Novas tecnologias são sempre bem-vindas, e pode ser que essa se aperfeiçoe a ponto de valer a pena. Vamos aguardar para ver.

@ -> E-mail jgcouto@uol.com.br



Turbulências

No Corinthians, quando as coisas parecem se encaminhar para uma certa estabilização, quase sempre ocorre algum trauma. Agora são dois: a briga feia entre Têvez e Marquinhos num treino e a revelação de que Passarella pediu a contratação do goleiro Marcos, do Palmeiras. Já que é difícil imaginar Marcos trocando o Parque Antarctica pelo Parque São Jorge, o único efeito do gesto do treinador deve ser a insatisfação do atual goleiro corinthiano, o esquentado Fábio Costa.

Autuori no São Paulo

O futuro do São Paulo dependia da definição de um treinador que continuasse, e se possível aperfeiçoasse, o bom trabalho de Leão. Paulo Autuori, que acaba de ser contratado pelo clube, pode ser esse homem.

@ -> E-mail jgcouto@uol.com.br

Figura 80- 01/05/2005 A6 Primeiro Caderno

DOS LEITORES

Imprensa e racismo

Recebi mensagens sobre os comentários que fiz a respeito do caso do jogador Grafite, do São Paulo, na última coluna ("A imprensa no caso Grafite"). Reproduzo trechos de alguns e-mails.

★

"Pergunto: é correto somente jornalistas homens brancos opinarem sobre a questão do racismo? Será que eles escrevem o que lhes interessa, o que acham, o que concluem, o que sentem? Deixei de assinar a Folha exatamente porque sempre os assuntos sobre os afrodescendentes são escritos por representantes de todas as colônias de imigrantes que vivem no Brasil e, de vez em quando, um negro escreve algo. Não há neste jornal nenhuma jornalista negra, mas escrevem sempre contra cotas, apresentam matérias com uma unilateralidade que é inconcebível, falta sempre o outro lado, falta justiça e, principalmente, como afirmou, 'qualidade, equilíbrio pluralismo e diversidade'. Que a Folha em breve tenha jornalistas negras para que o jornal seja mais democrático, e não ilha de um único pensamento."

Eleniré Oliveira, São Paulo.

★

"É incrível como a questão do racismo divide as opiniões dos colunistas, mesmo que alguns não se deem conta de que reforçam fatores estruturais da discriminação racial, em vez de desvelá-lo. O desconforto é geral. Acho até que seja saudável. Sinal de mudança? Não sei, mas já tem leitor desesperado sem saber o que pensar. A colunista Soninha foi a primeira jornalista corajosa a admitir o 'não sei' o que pensar. Não é à toa que o fato de ser mulher contribui para que haja uma identidade subjetiva quanto à discriminação racial e social, em geral sofrida por negros e mulheres, suas vítimas históricas preferenciais."

Humilberta Miranda do Nascimento, Campinas

★

"Com algum tempo de atraso, sua coluna, enfim, aborda o assunto Grafite. Como muitos, mas um pouco mais cauteloso que Tostão — que sabiamente faz de conta que não disse nada. Você também tenta fazer de conta que não houve nada. O empenho da Folha em isentar o argentino, travestido da 'busca da verdade' e da 'justiça' é louvável. Espero que em qualquer outra situação que envolva um negro haja o mesmo esforço. Você não é negro e jamais vai poder avaliar o quanto é triste, o quanto choca, fere, magoa ser chamado de negro. Toda vez que nos chamam de negro é racismo. O caso Grafite mostra que o racismo é muito maior do que se imagina na imprensa, inclusive na Folha."

Luís Beto de Almeida, Curitiba

Figura 81- Primeiro Caderno 02/05/2005

O item cor/raça no Censo Escolar

ELIEZER PACHECO

Os técnicos do Inep tiveram o cuidado de ouvir grupos de movimentos sociais ligados à questão racial no Brasil

O INEP tem o compromisso social de buscar informações para subsidiar a formulação de políticas na área da educação. Uma de suas atribuições é elaborar diagnósticos e recomendações decorrentes da avaliação da educação básica, por meio do desenvolvimento e implementação, na área educacional, de sistemas de informação e documentação que abrangem estatísticas, avaliações, práticas pedagógicas e de gestão das políticas educacionais. Esses dados orientam as ações dos gestores públicos da educação no Brasil e, quanto mais precisos, melhor para a sociedade brasileira como um todo.

Desde sua fundação, no ano de 1937, o Inep vem cumprindo essas suas históricas finalidades, o que faz dessa autarquia a mais importante fonte de dados educacionais em nosso país. Cumprindo sua vocação, a cada ano o Inep agrega a seus produtos, tais como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), o Censo da Educação Superior e o Censo Escolar, questões importantes que ajudam o brasileiro a se conhecer em profundidade cada vez maior. É o caso da inclusão, em 2005, do item cor/raça no Censo Escolar.

Surpreende, no entanto, que tal fato venha causando polêmica nas páginas de Opinião da Folha. Por que o Ministério da Educação poderia perguntar sobre diversos dados socioeconômicos dessa população, tais como necessidades educacionais especiais, transporte escolar e merenda, mas não poderia procurar saber a cor/raça dos brasileiros que estão na educação básica? É preciso lembrar que esses dados não são coletados por nenhuma outra pesquisa em nosso país, embora sejam fundamentais para nortear políticas em nível federal, estadual e municipal.

Que motivações haveria por baixo da recusa em buscar conhecer a distribui-

ção de brancos, pretos, amarelos e pardos na escola brasileira? Que argumento poderia ser mais forte do que a necessidade de esclarecimento, de precisão de dados e de clareza de informação sobre a realidade dessa população? Que motivo haveria para ocultar da sociedade brasileira uma informação importante como essa, silenciando a pergunta aos alunos de nosso país? Aparentemente, nenhum. E, afinal, é preciso dizer que, com base na coleta do dado cor/raça — até hoje desconhecido —, os gestores de educação do país poderão definir ações e políticas afirmativas e de promoção da igualdade na comunidade escolar.

Além do mais, o processo de inclusão desse item ocorreu de maneira completamente democrática. No ano passado, visando à inclusão do item cor/raça no Censo Escolar 2005, o Inep organizou seminários para discutir e explicar como seria a coleta nas unidades escolares. Participaram desses encontros representantes de secretarias estaduais e municipais de Educação. A orientação era para que, a partir de 2005, as fichas de matrícula de escolas de educação básica contivessem espaços para a indicação autodeclarada da cor do aluno. Quem tivesse 16 anos ou mais declararia sua cor/raça e, quanto aos mais novos, os pais ou responsáveis responderiam. Para escolher os termos de classificação de cor ou raça, os técnicos do Inep tive-

ram o cuidado de ouvir grupos de movimentos sociais ligados à questão racial no Brasil.

Foram consultados também representantes da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Encerradas as discussões, a equipe do Inep optou por seguir os critérios adotados pelo IBGE, que desde o censo de 2000 utiliza, nas pesquisas sobre cor e raça da população brasileira, os termos amarela, branca, indígena, parda ou preta. Segundo os critérios do instituto, o quesito é denominado de "cor ou raça", e não apenas de "cor" ou apenas de "raça", porque as categorias que engloba podem ser entendidas pelo entrevistado de forma bastante diversa.

Quem responde "branca" não necessariamente está entendendo a qualificação como uma categoria de sua "raça", assim como quem responde "preta" — que, por definição, trata-se de uma categoria de "cor" — pode estar, no seu entendimento, respondendo a um atributo de sua "raça" ou origem racial, o que torna o assunto complexo. Ou seja, como a questão envolve elementos de atribuição de identidade e percepção, não se pode controlar objetivamente o que cada categoria representa subjetivamente para cada entrevistado — o que traz reflexos em sua resposta.

Todas essas precauções foram tomadas a fim de que a coleta do dado cor/raça viesse qualificar ainda mais o universo de informações de que pesquisadores, educadores e gestores públicos já dispõem. Conhecer o Brasil é bom para a democracia e um direito de todos os brasileiros, que o governo federal não pode se furtar de garantir.

Eliezer Pacheco, professor titular de história da Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. É presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC).

eliezer.pacheco@inep.gov.br

Separados no berço

O diário argentino "Clarín" atirou num brasileiro e acertou outro. Estampou uma foto de Marcelo Portugal Gouvêa como se fosse Murilo Portugal, novo secretário-executivo da Fazenda, apresentado como inimigo da Argentina. Em comum com o auxiliar de Palocci, o cartola tem a impopularidade entre os vizinhos, por causa de Desábato.

Pegadinha?

Gouvêa ficou assustado ao saber pela Folha da confusão, e admitiu a possibilidade de não ir com o São Paulo até a Argentina, caso o time jogue lá na Libertadores, para evitar ser reconhecido pelos torcedores. "É o fim da picada. Não sou político, e essa polêmica não é meu assunto, é para o Itamaraty."

Figura 82- 03/05/2005

VIZINHOS EM CRISE *Itamaraty chama a Brasília embaixador em Buenos Aires para reunião sobre desacertos entre os dois países*

Cúpula do governo discute tensão na sexta

Lula determina reaproximação com país vizinho

KENNEDY ALENCAR
DA SUCCURSAL DE BRASÍLIA

Apesar de avaliar que a crise com a Argentina é motivada por cômico e cálculo político da administração Néstor Kirchner devido ao fortalecimento do Brasil no cenário externo, sobretudo latino-americano, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva determinou ontem que seus ministros atuem para uma rápida recomposição de relações com o país vizinho.

Lula pediu, por exemplo, que o ministro da Fazenda, Antônio Palocci Filho, e outros membros do governo tenham mais contato com as autorida-

O Palácio do Planalto também "pesquisou" o comportamento de Murilo Portugal, hoje secretário-executivo da Fazenda, quando ele era o representante do Brasil junto ao FMI (Fundo Monetário Internacional). Portugal, no levantamento do Planalto, posicionou-se favoravelmente à Argentina em votações do organismo, apesar de Kirchner ter queixa de sua atuação.

Ontem, o ministro Patrus Ananias (Desenvolvimento Social) reuniu-se com autoridades da Argentina para discutir política social. Lula soube e pediu que eventos assim sejam marcados com mais frequência por Palocci, José Dirceu (Casa Civil), Celso Amorim (Itamaraty), Luiz Fernando Furlan (Desenvolvimento) e Roberto Rodrigues (Agricultura).

ELIANE CANTANHEDE
COLUNISTA DA FOLHA

O embaixador do Brasil em Buenos Aires, Mauro Vieira, foi chamado a Brasília para uma reunião de emergência na sexta-feira com o chanceler Celso Amorim e a cúpula do Itamaraty para discutir o clima de tensão entre os dois países. Além de troca de informações, eles querem decidir até que ponto o Brasil deve continuar suportando praticamente calado as "caneladas" do país vizinho.

Essa decisão tem de ser tomada logo, porque o presidente da Argentina, Néstor Kirchner, confirmou oficialmente sua vinda ao Brasil no próximo dia 10 (terça-feira que vem) para a reunião de cúpula de países árabes e sul-americanos.

O Planalto e o Itamaraty querem estar "preparados" para a eventualidade de Kirchner usar a viagem para novos ataques, como



GULA Lula come doce oferecido pela princesa da 13ª Fenadece; ontem, o presidente recebeu convivi para participar da Freira Nacional do Doce, que acontecerá de 25 de maio a 12 de junho, em Pelotas (RS)

Figura 83-06/05/2005

A barbárie consentida

MÁRIO MAGALHÃES
COLUNISTA DA FOLHA

DEZESSEIS senhores engravados se reuniram há dias em torno de uma longa mesa retangular de madeira que, de tão brilhosa, refletia as luzes que a iluminavam talvez em excesso. Pela janela, avistavam árvores copadas nos arredores de Assunção. Atrás do homem na cabeceira, Nicolás Leoz, e seu cabelo escurecido graças à química, uma pintura coloria a sala.

Desse ambiente saiu uma das mais sombrias decisões da história da Confederação Sul-Americana de Futebol, entidade que atende pela risível sigla de Conmebol.

A pretexto de analisar o 13 de abril, dia em que o atacante Grafite se disse vítima de insultos racistas que teriam sido pronunciados pelo zagueiro Desábato, chefes da agremiação e presidentes de federações nacionais assinaram uma resolução que não cita nem o entrevero do Morumbi nem os seus protagonistas.

Gastaram 15 linhas para condenar, em tese, o preconceito de cor. Em outras cinco linhas, escreviam o que lhes interessava: os atos que violam a regra do jogo e a moral, se ocorridos em campo, só podem ser apreciados por fóruns da Justiça Desportiva. Vale para o racismo.

Em outras palavras, sem explicitá-las, condenaram Grafite e sua queixa à polícia. Poderia ser uma ação cível na Justiça comum. Daria na mesma: para a Conmebol, a única legislação imposta a um jogador é a do futebol. O presidente da CBF, Ricardo

Teixeira, é um dos signatários do comunicado. Bem como o argentino Julio Grondona, o mesmo que já disse inexistirem árbitros judeus na primeira divisão porque "o mundo do futebol é difícil, e os judeus nunca gostaram de coisas difíceis". Em seu país, torcidas cantam nas arquibancadas refrões que exaltam os que "matam judeus para fazer sabão".

A mensagem desses senhores é a de que ninguém deve se meter com o que só diria respeito a eles e aos seus. Lembram o mantra de quem, por se proclamar dirigente de "entidade de direito privado", considera a si e a entidade isentos de um sem-número de fiscalizações e do cumprimento de normas. Ou de quem quer que a morte do zagueiro Serginho — ou a de Ayrton Senna — seja julgada só na esfera desportiva.

Não se trata de revolver a que-rela Grafite-Desábato ou a miséria xenofoba no Brasil e na Argentina (que nos bate em auto-estima e na qualidade do cinema do século 21, da literatura, do doce de leite e do futebol, neste caso ponderando títulos e número de habitantes).

Trata-se de indagiar por que deveria haver no futebol privilégio e impunidade. Por que a lei que a todo cidadão deve alcançar não alcançaria os gramados? Por que um atleta ou um torcedor pode chamar o adversário de macaco sem ser punido judicialmente e um não-atleta ou não-torcedor não pode?

O recado da Conmebol é de tolerância com a barbárie. O silêncio relativo sobre a resolução sugere que, desgraçadamente, há poucas pedras no seu caminho.



Pontapé inicial

O Brasileiro, graças às surpresas, não poderia começar com mais sorte. Há sinais de que a boa largada de equipes em tese mais fracas reedita o início do ano, quando pequenos embalaram por ter mais tempo para se preparar. Muitos dos que foram bem nos Estaduais relaxaram e agora patinam. O Fluminense é uma exceção. O tropeço do Corinthians na Copa do Brasil é amplificado pela fortuna investida e pela expectativa criada após a goleada sobre o Cianorte (Flamengo e Vasco foram eliminados por zebras, mas não tinham as esperanças corinthianas). O Figueirense é fraquíssimo, como mostrou contra o Fla. As ações do executivo da MSI tornam tensas as relações no time, rachado antes e após a saída de Fábio Costa.

@ → E-mail
mario.magalhaes@uol.com.br

AFRO-ARGENTINOS

O site do "Clarín" voltou ontem ao futebol, mas manteve o conflito Brasil/Argentina. Após a extensa cobertura sobre racismo no caso Grafite, o assunto agora era o técnico argentino do Corinthians, jogado "contra as cordas". Em destaque, a enquete:

— Fazem bem os argentinos ao escolher como destino o futebol brasileiro?

Para 81% dos internautas, "não".

Com o caso Grafite, o novo correspondente do "Washington Post" na América Latina, Monte Reel, baixou em Buenos Aires atrás de "um dos maiores mistérios do país": onde foram parar os 30% de negros que havia na cidade no século 19. As "hipóteses" falam em febre amarela, Guerra do Paraguai, mas o "WP", lembrando que a Argentina não levanta "ascendência africana no censo há mais de século", descobriu:

— Os resultados parciais de uma pesquisa sobre quantos argentinos se dizem negros, somados à análise de amostras de DNA para detectar ancestrais africanos nos que se dizem brancos, sugerem que os afro-argentinos não sumiram: eles se esvaíram na mistura de raças e se perderam na demografia.

Em suma, "10% são em parte descendentes de negros mas não têm idéia disso".



Na foto do "WP", a pesquisa com negros argentinos

PAINEL FC

Lição de moral

Ofendido por injúria, o são-paulino Grafite decidiu que não abrirá processo na esfera cível com pedido de indenização. O jogador afirma que seu interesse não é ganhar dinheiro com o episódio, mas sim levar o argentino Desábato à Justiça.

Xenofobia

Enquanto Grafite condena as ofensas (que teriam sido racistas), o canal FX lançou concurso, válido durante a Libertadores, no qual os espectadores devem enviar, para o site da emissora na internet, textos e vídeos com xingamentos dirigidos aos argentinos. Os vencedores ganharão prêmios da Nike.

Figura 84- 11/05/2005 D2 Esporte

Dividendos

Grafitte irá ao Senado na sexta, Dia da Abolição da Escravatura, para ser homenageado por sua atitude contra o racismo.

Figura 85- 14/05/2005 D3 Esporte

FOLHA DE S. PAULO

ESPORTE

sábado, 14 de maio de 2005 D 3

FUTEBOL Perícia de professoras de surdos, para quem o argentino disse 'negrinho' a Grafitte, é usada para comprovar injúria

Desábato xingou em português, diz laudo



Grafitte, liberado do treino do São Paulo, ouve discurso em sessão que o homenageou no Senado

KLEBER TOMAZ
COLABORADOR PARA A FOLHA
LUIS FERRARI
DA REPORTAGEM LOCAL

A polícia concluiu ontem o inquérito do caso Grafitte após perícia não-oficial da fita do jogo São Paulo x Quilmes, feita por três professoras de deficientes auditivos, atestar que o zagueiro argentino Leandro Desábato ofendeu em português o atacante são-paulino, chamando-o de "negrinho" no dia 13 de abril, no Morumbi, pela Taça Libertadores.

"Essa era a prova que faltava", diz o delegado seccional Dejar Gomes Neto, que enviou ontem o inquérito que acusa Desábato de injúria racial qualificada, cuja pena vai de um a três anos de reclusão, para o Fórum Criminal.

Para o caso ir adiante, Grafitte precisa formalizar a queixa. Isso feito, o inquérito vira processo e será analisado pelo juiz.

A Folha procurou Rosanna Marina Marques, Ana Cláudia dos Santos Camargo e Monica Royg, professoras da escola municipal de educação especial Helen Keller, na Adimclação, responsáveis pela análise. Uma delas argumentou, na condição de não ser identificada, que elas são formadas em pedagogia, habilitadas em áudio-comunicação e que, por conta da ética do intérprete, não falaria.

A polícia só levou a fita para ser periciada na escola ao saber que o resultado do laudo do Instituto de Criminalística foi inconclusivo. O documento do IC, assinado por Daniela Miko Abe e José Osmar Berceili, atesta que, pelo fato de se ver "apenas movimentos labiais desprovidos dos respectivos sons", não foi possível "decifrar palavras ou expressões eventualmente declinadas pelos jogadores". O instituto também alega que "não dispõe de metodologia para exame de leitura labial".

A análise feita pelas professoras também é contrária à posição de especialistas que, em reportagem publicada pela Folha no dia 21 de abril, foram unânimes em contestar a versão das testemunhas na delegacia. Na ocasião, disseram ter identificado apenas a sílaba "inho" na boca do zagueiro argentino, que na fita tem o rosto empurrado pela mão de Grafitte.

"O laudo da escola não vale. O Desábato não fala português. Em tese é falsa perícia. O próprio IC não deu elementos", diz Carlos Mendes, advogado de Desábato.

AS VERSÕES

ENVOLVIDOS E TESTEMUNHAS

■ **Desábato, o acusado** - No dia que foi preso, disse ter falado "Toma lá banana e metetela por el culo". Dias mais tarde, afirmou ter chamado o são-paulino de "cagón".

■ **Grafitte, a vítima** - Afirmou ter sido chamado de "Negro de merda, negrinho e filho-da-puta".

■ **Oswaldo Nico Gonçalves, delegado condutor da prisão** - Disse que fez leitura labial do argentino chamando Grafitte de "negro de merda" e manteve a versão após confrontado por especialistas ouvidos pela Folha.

■ **Fabio Bolla e Eduardo Sorrentino, testemunhas** - A polícia, disseram ter feito leitura labial de Desábato chamando Grafitte de "negro de merda". Depois voltaram atrás.

■ **Galvão Bueno, narrador do jogo** - Disse que viu Desábato chamando Grafitte de "negro".

ESPECIALISTAS

■ **Instituto de Criminalística** - Disse que imagem é inconclusiva.

■ **Peritas da Escola Helen Keller** - Afirmam que Desábato profereu "negrinho" e a terminação "...jo".

Galvão Bueno fala e fecha fase de depoimentos

COLABORADOR PARA A FOLHA
E DA REPORTAGEM LOCAL

O depoimento do locutor Galvão Bueno, colhido anteriormente pela polícia, foi a última prova testemunhal do inquérito que investigou os xingamentos de Desábato contra Grafitte. Galvão, que narrou São Paulo x Quilmes, disse que teve "a impressão de que o argentino Desábato profereu a palavra negro".

Galvão havia sido intimado a depor em 25 de abril, mas falhou por conta de sua agenda. Para que isso não se repetisse, a polícia o abordou na sede da Globo, em São Paulo, um dia antes da nova apresentação. "O Galvão é a principal testemunha", justificou o delegado Dejar Gomes Neto.

A perícia da fita feita pelo Instituto de Criminalística aponta que Galvão falou que "ele [Desábato] fica de frente pro Grafitte e diz: 'Negro!'. O IC atesta que as ofensas não foram captadas pelos microfones em campo. (RTE/LF)

No Senado, Grafitte vira 'símbolo'

DA SEQUEDRAL DE BRASÍLIA

Grafitte foi considerado ontem um símbolo da luta pela igualdade racial, em homenagem prestada pelo Senado. Edinaldo Batista Libânio, seu nome de batismo, foi a estrela de uma sessão solene do Senado para marcar o 117º aniversário da abolição da escravidão.

No mês passado, Grafitte disse ter sido vítima de preconceito racial do jogador argentino Leandro Desábato, durante partida de seu time contra o Quilmes pela Taça Libertadores da América.

Grafitte deu queixa à polícia por racismo, e o jogador argentino acabou preso. Após ficar duas noites em uma cela, foi libertado mediante pagamento de fiança.

Na sessão solene, o jogador recebeu elogios do senador Paulo

Paim (PT-RS), que o chamou de "orgulho dos afro-descendentes", e do ex-senador e ativista negro Abuldo do Nascimento (RI), para quem o jogador é um "símbolo".

Grafitte, de terno e gravata, sentou-se à Mesa do Senado e foi o primeiro a discursar. "Agora faço parte dessa luta", disse o atacante, que afirmou ver o Brasil como um país racista, "infelizmente".

A sessão teve discursos da secretária de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Matilde Ribeiro, de parlamentares e de membros de movimentos negros.

Ao final, o jogador deu autógrafos e tirou fotografias. Disse que o torcedor que paga ingresso tem o direito de xingar o jogador, só não pode agredi-lo fisicamente. "Torcedor pode falar o que quiser, mas, em campo, é diferente".

Figura 86- 15/05/2005 Esporte D2

Ação de Grafite deve sair nesta semana

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA
E DA REPORTAGEM LOCAL

A queixa-crime, acusação judicial de Grafite contra Desábato, deve ser apresentada até meados dessa semana. A informação foi dada por José Carlos Ferreira Alves, advogado do São Paulo.

“Estamos na fase final da coleta de documentos para instruir o processo”, disse Ferreira Alves.

Ele tem seis meses, a partir da ofensa, para o início da acusação.

“Não há motivo para pressa. O importante, no atual momento, é contarmos com toda a documentação necessária para a acusação

de injúria grave”, afirmou.

A tentativa de condenar Desábato a pena de um a três anos de reclusão e multa deve ser a única medida jurídica de Grafite contra o zagueiro. Por meio de seu assessor, ele descartou a busca de uma indenização contra Desábato na esfera civil. (RTE/EF)

Figura 87- 15/05/2005- Caderno Mais!



Bandeira em estádio argentino faz referência ao jogador Grafite (São Paulo), que acusou Desábato (Quilmes) por ofensas racistas.

O estereótipo no passado

Considerada hoje uma nação de brancos, a Argentina teve uma significativa população negra nos séculos 18 e 19

BORIS FAUSTO
COLUNISTA DA FOLHA

Dentre os muitos estereótipos que se produzem acerca de brasileiros e argentinos, nenhum é mais nítido do que o ético: a Argentina — afirma-se — é um país de brancos; o Brasil, de negros ou mestiços. Eu mesmo, em entrevistas sintéticas, tenho dito, para estabelecer um contraste político e étnico, que a Argentina é um país branco do século 19.

O estereótipo é em grande medida verdadeiro, mas a grande medida deixa escapar alguma coisa: a presença da população negra na Argentina, ao longo daquele século e mesmo antes. Impulsionado pelo episódio do jogador Grafite, o jogador argentino Desábato de Quilmes, foi preso no dia 13 em SP, após supostas palavras racistas contra o atacante, em jogo contra o São Paulo, foi lido o livro de George Reid Andrews, historiador americano, com o título politicamente correto de “The Afro-Argentines of Buenos Aires, 1800-1900” (The University of Wisconsin Press, 1989).

Reid conta de saída que, quando iniciou sua pesquisa em Buenos Aires, foi recebido com franco ceticismo: “Negros em Buenos Aires no hay” (negros em Buenos Aires, não há) foi a frase que lhe disseram.

De fato, do ponto de vista quantitativo, a presença negra no Rio de Janeiro é, historicamente, muito maior do que em Buenos Aires. Por exemplo, calcula-se que, por volta de 1830, os escravos constituíam cerca de 57% da população da corte. Mesmo assim, é significativo lembrar que negros ou mulatos, segundo os censos municipais de Buenos Aires, representavam algo em torno de 30% da população, entre 1780-1810.

Afritos

A partir daí, começou um gradual declínio, que acabou ganhando grande ímpeto. Em 1887, havia 425 mil habitantes brancos na cidade e apenas 8.000 habitantes negros ou mulatos. Curiosamente, as relações comerciais entre Buenos Aires e o Brasil tinham como um de seus itens a compra e venda de escravos. Dos cerca de 25 mil escravos importados que viviam em Buenos Aires no período 1742-1806, quase a metade

provinha do Brasil.

Também não faltaram atritos em torno da importação de escravos para a Argentina. Em 1814, o governo revolucionário da Argentina decretou que escravos provenientes do Brasil deviam ser devolvidos a seus senhores.

A medida resultou de um protesto da ajuda colônia portuguesa, no sentido de que vinha crescendo o número de escravos fugidos, na expectativa de ganhar a liberdade no Prata. Medidas desse tipo foram transitórias. Por exemplo, no curso da guerra entre os dois países, o governo argentino contratou corsários para lutar sob sua bandeira e os autorizou a vender, em Buenos Aires, mercadorias apreendidas, entre as quais se encontravam escravos.

“Escravos de ganho”

Os mesmos escravos desempenharam funções muito semelhantes as desempenhadas pelos do Rio de Janeiro. Eram visíveis no serviço doméstico e em profissões artesanais como sapateiros, alfaiates, ferreiros. O exercício das profissões livres dava a condição de “escravos de ganho”, com maior circulação, mas obrigados a dar uma parte do rendimento do trabalho a seus senhores. No Rio e em São Paulo houve até a colocação de mulheres na prostituição, nessa modalidade.

Ao mesmo tempo, os negros tiveram um papel significativo na vida cultural de Buenos Aires, realizando, pelo menos até meados do século 19, festividades carnavalescas em que se destacava um batuque, chamado de “candombe”, cujo parentesco etimológico com os nossos rituais de candomblé parece óbvio. Um dos elementos componentes dessa dança era a “ombigada”, a mesma umbigada presente em danças dos negros bantus, no Brasil.

Na área militar, usualmente uma via de moderada ascensão social nas sociedades latino-americanas, militares negros combateram nas guerras em que se envolveu a Argentina.

Dizer que os soldados eram negros e os oficiais brancos é uma simplificação. Mais de uma dezena chegou aos postos de tenente-coronel e coronel, embora pareça ter havido uma regra não-escrita de que os generais não podiam ser negros. Se quisermos falar da elite política, concentrando-nos no topo, surge a figu-

ra do primeiro presidente argentino, Bernardino Rivadavia. Uma das manchas que seus inimigos políticos lhe atribuíam era de ter, supostamente, ascendentes africanos, derivando daí o apelido de “Doutor Chocolate”.

A abolição da escravatura contribuiu para que a população negra, não obstante a discriminação racial, encontrasse formas de expressão própria e de auto-ajuda. Diga-se de passagem que a abolição ocorreu bem mais cedo do que no Brasil.

O tráfico se tornou ilegal em 1813 e a emancipação veio mais tarde, sendo prevista na Constituição de 1853, aplicada à Confederação Argentina, à qual Buenos Aires só se incorporou em 1861-62. Uma imprensa negra floresceu na cidade assim como várias sociedades de socorros mútuos. A mais importante e duradoura foi “La Protectora”, que, fundada em 1877, ainda existia no início dos anos 30. A mais curiosa, para nós, foi a “Sociedad Protectora Brasileña”.

Imigração

O declínio da presença negra em Buenos Aires foi um processo encaixado com entusiasmo pela elite branca. Por exemplo, uma figura iluminista do talhe do presidente Sarmiento — promotor da educação popular — predisse que, por volta de 1900, quem quisesse saber como era uma pessoa negra teria de viajar ao Brasil.

Várias são as razões para o declínio, mas a mais importante é o enorme fluxo da imigração europeia. Foi esse fenômeno que desequilibrou as proporções em Buenos Aires, favorecendo amplamente a existência de uma população branca. A miscigenação, dada a desproporção, deve ter contribuído também para o branqueamento populacional.

De qualquer forma, falar dos negros da Argentina não constitui uma atração para antiquários, mas um objeto histórico significativo. Ele demonstra, quando mais não fosse, que há muitas afinidades e diversidades entre os dois vizinhos que os pressupostos desconhecem.

Boris Fausto é historiador e graduado em conselho acadêmico do Gachet (Grupo de Conjuntura Internacional), da USP. É autor de “A Revolução de 1930” (Companhia das Letras). Ele escreve mensalmente no Mais!

Figura 88- 17/05/2005 D2 Esporte

No ataque

A estratégia dos advogados do zagueiro argentino Desábato no Brasil é trabalhar para que a queixa-crime, que Grafite promete propor nesta semana, por injúrias racistas, seja rejeitada. Se tiverem êxito, não terá processo. Sustentarão que não houve ofensa racial ao são-paulino.

Figura 89- 19/05/2005 D2 Esporte

Cala-te boca

Grafite fez a direção do São Paulo mudar seu esquema de segurança. Depois da polêmica com Desábato, agora suas provocações ao Palmeiras forçaram dirigentes a instruir que fosse deslocado um número maior de seguranças para acompanhá-lo. Tal tratamento era dispensado a Rogério, mas por motivo diferente: sua condição de ídolo.

Figura 90- 20/05/2005 D2 Esporte

‘Eu adoraria jogar no Brasil’, diz Desábato

ANTONIO TORRES

KLEBER TOMAZ

COLABORAÇÕES PARA A FOLHA

O zagueiro argentino do Quilmes Leandro Desábato, 26, quer defender um time brasileiro. E pode até ser o São Paulo, de Grafite, que o acusou de injúria grave por insultos racistas no jogo entre as equipes, no Morumbi.

De sua casa, em Santa Fé, na província de Buenos Aires, na Argentina, Desábato falou por telefone com a Folha. Disse que é "muito difícil esquecer o que aconteceu", falou das cantorias que trocou com Grafite e Júnior nas duas partidas e da espera pelo nascimento do primeiro filho.

Folha - Algo mudou na sua vida desde sua prisão no Brasil?

Desábato - Não. Continuo igual. Sou um rapaz humilde, que estou esperando com a minha mulher a

chegada do nosso filho, com o meu pai trabalhando no campo. Para mim, só no começo foi muito difícil sair na rua, porque não gostava que as pessoas me perguntassem sobre o que aconteceu.

Folha - Como se sente após o incidente do Morumbi?

Desábato - Primeiro me senti mal. Estava tenso, mas comecei a jogar e ganhei confiança. A tristeza vai sendo superada, mas não estou totalmente recuperado.

RAIO-X

LEANDRO DESÁBATO

Idade: 26 anos
Local de nascimento: Cañeratta, Província de Santa Fé
Altura: 1,86 m
Peso: 82 kg
Posição: zagueiro
Principais clubes: Estudantes de La Plata, Olimpo de Bahía Blanca e Quilmes

Folha - Ficou traumatizado?

Desábato - O que aconteceu me magoou. Afetou, sobretudo, minha alegria e minha família. Já passou um tempo, a minha família está bem e já jogo, o que é o mais importante. Estou um pouco mais animado, mas é muito difícil esquecer tudo o que ocorreu.

Folha - Guarda rancor do Brasil?

Desábato - Não guardo rancor de ninguém porque estou tranquilo pelo que eu fiz e disse. Durmo bem. Não sou racista. Tenho amigos de cor e jamais discriminaria alguém.

Folha - Professoras brasileiras de surdos-mudos perclaram a lita e disseram que você chamou Grafite de 'negrinho'. Fala português?

Desábato - Não sei português.

Folha - Então não chamou Grafite de 'negrinho'?

Desábato - Não, não falo português. Disse a ele [Grafite] que eu ficasse uma banana no cu.

Folha - Por que xingou Grafite?

Desábato - Foi um momento quente da partida. Ele me falou algo que não entendi e, como tinha feito surras declarações aos jornais brasileiros que ia jogar uma banana para os defensores do Quilmes, disse-lhe que a enfiasse pelo cu.

Folha - Passaria férias no Brasil?

Desábato - Sim. Iria para alguma praia. As daí são muito lindas.

Folha - Voltaria se fosse chamado pela Justiça ou para jogar?

Desábato - Sim. Não vou me esconder de ninguém. Gostaria de jogar futebol no Brasil.

Folha - Em qual time brasileiro?

Desábato - Há muitos clubes grandes: Corinthians, São Paulo, Palmeiras, Cruzeiro, sei lá, jogaria em qualquer um deles se algum dia me ligarem. Eu adoraria.

Folha - Ainda tem as camisetas de Grafite e de Júnior?

Desábato - Sim, as tenho, porque admiro o futebol brasileiro. Foi um sonho jogar contra São Paulo, falarei para o meu filho que

jogue) contra esse time e num estádio como o Morumbi, onde todo atleta gostaria de ter jogado.

Folha - O incidente acirra a rivalidade entre Brasil e Argentina?

Desábato - Não, espero que, quando vier aqui a seleção do Brasil, não aconteça nada com os seus jogadores. Tomara que seja só um jogo de futebol e que ninguém saia mal da Argentina.

Folha - O que acha do jeito como foi detido?

Desábato - O jeito foi muito estranho, quatro ou cinco policiais, sem eu ter feito nada. Não sabiam o que me diziam. Pareceu-me tudo muito estranho.

Folha - Após ficar preso duas noites, tornou-se muito conhecido no Brasil. Tem oferta para jogar em algum time?

Desábato - Não, não tive oferta nenhuma. Só tenho rejeitado muitos convites para falar na mídia da Argentina e do Chile. Sou jogador de futebol e quero que me

conheçam por isso, não pelo mal momento que passei.

Folha - Aprendeu alguma coisa após a experiência da prisão?

Desábato - Sofri muito e tenho estado muito mal. Não desejo isso para ninguém.

Folha - O que mais marcou?

Desábato - Não gostei das algemas. Pensava na minha família, na minha mulher grávida. Parecia um delinquente, como se houvesse matado alguém ou roubado alguma coisa. Chorei muito.

Folha - Grafite falou que foi cuspidor e xingado pela torcida do Quilmes. Os fãs são racistas?

Desábato - Não, não são. E, quanto às declarações do Grafite, não posso opinar sobre isso, porque não vi o que aconteceu.

Folha - Já falou com Grafite?

Desábato - Não falei e não preciso. Não tenho nada para falar a ele. Nunca disse nada que pudesse tê-lo afetado. Por mim ele sim me magoou muito.

Figura 91- 20/05/2005 D3 Esporte

Copa das Confederações define laterais da seleção

SÉRGIO RANGEL
DA FOLHA DE SÃO PAULO

O técnico da seleção brasileira, Carlos Alberto Parreira, vai aproveitar a Copa das Confederações para definir os reservas dos laterais Roberto Carlos (esquerdo), do Real Madrid, e Cafu (direito), do Milan, na Copa do Mundo.

Para o torneio que acontecerá na Alemanha, que será aberto no dia 15 de junho, o treinador deixou de fora os dois laterais veteranos e convocou quatro especialistas na posição. Belletti, do Barcelona, e Cícinho, do São Paulo, vão disputar a vaga na lateral direita. Já Gilberto, do Hertha Berlim, e Léo, do Santos, foram chamados para a lateral esquerda.

"Já conhecemos bem o Roberto Carlos e o Cafu e queremos abrir o leque para ter outras opções nas laterais", disse Parreira, que chamou ontem os jogadores para os dois confrontos da seleção pelas eliminatórias, neste mês, e para a Copa das Confederações.

No dia 5, a seleção enfrentará o Paraguai, em Porto Alegre, pelas eliminatórias. O atacante Adriano, da Inter de Milão, deverá ser a novidade. Para Parreira, uma vitória no jogo "praticamente classificará" o time para a Copa. A se-

leção está em segundo lugar, com 24 pontos. A Argentina lidera a disputa, com 28 pontos.

Fora do time desde novembro, quando entrou no segundo tempo da derrota para o Equador, Adriano formará provavelmente a dupla de ataque com Ronaldo, do Real Madrid, na partida no Rio Grande do Sul. Robinho, do Santos, também disputa a vaga.

Três dias depois, a seleção fará o clássico contra os argentinos, em Buenos Aires. O time de Parreira tomará "cuidados especiais" na capital argentina. A CBF teme represálias dos torcedores locais por causa da prisão do zagueiro Desábato, do Quilmes, em São Paulo. O jogador xingou o atacante Cafu, do São Paulo, em partida válida pela Libertadores.

"Os cuidados serão tomados para que nada ocorra fora de campo. Algumas manifestações acontecerão, mas não podemos nos preocupar com nada extra-campo", disse Parreira. O volante Gilberto Silva, do Arsenal, que ficou cerca de um ano fora da seleção por contusão, também foi chamado ontem pelo técnico para os dois jogos pelas eliminatórias e para a Copa das Confederações.

Depois dos jogos da seleção no continente, quatro jogadores deixarão o grupo. Além de chamar Léo e Cícinho, Parreira convocou o goleiro Gomes, do PSV Eindhoven, e o meia Alex, do Fenerbahçe, para a Copa das Confederações. Dida, do Milan, e Ricardinho, do Santos, deixarão o grupo que segue para a Alemanha.

"Mesmo assim, não posso dizer que está tudo definido. Falta quase um ano para a Copa. Ainda tem muito tempo para dizer que o grupo está fechado", disse Parreira, acrescentando que ainda pretende testar o volante Edu, do Arsenal, o meia-atacante Júlio Baptista, do Sevilla, e os laterais Athirson, do Cruzeiro, e Fábio Aurélio, do Valencia. Os laterais Maicon, do Monaco, e Gustavo Nery, do Corinthians, também não estão fora dos planos do treinador.

DE CONVOCADOS

Eliminatórias (5 e 8 de junho)

Goleiros
Dida (Milan) Marcos (Palmeiras)

Zagueiros
Juan (Bayer) Lúcio (Bayer)
Luísão (Benfica) Roque Jr. (Bayer)

Laterais
Cafu (Milan) Belletti (Barcelona)
Roberto Carlos (Real Madrid)
Gilberto (Hertha Berlim)

Melo-campo
Emerson (Juventus)
Gilberto Silva (Arsenal)
Zé Roberto (Bayern)
Júninho Pernambucano (Lyon)
Renato (Sevilla)
Kaká (Milan)
Ronaldinho (Barcelona)
Ricardinho (Santus)

Atacantes
Ronaldo (Real Madrid)
Adriano (Inter de Milão)
Robinho (Santos)
Ricardo Oliveira (Betis)

E O QUE MUDA
para a Copa das Confederações (15 a 29 de junho)
Saem: Cafu, Roberto Carlos e Ricardinho

Entram: Léo (Santos), Cícinho (São Paulo), Alex (Fenerbahçe) e Gomes (PSV)

Não tem essa de ficar de fora por causa de férias

AMÉRICO FÁRIA
supervisor da seleção, alegando que a CBF não vai liberar jogador convocado para a Copa das Confederações

Figura 92- 31/05/2005 A10 Primeiro Caderno

BOCA X RIVER

"Lula se confessa", anunciava um subtítulo no site do "Clarín", segundo do título "Hay que tener bolas para bancar a los argentinos".

Era a versão em espanhol, feita pela correspondente em São Paulo, de uma frase de Lula citada por Fernando Rodrigues na Folha. Começou então uma longa e hilariante discussão, no mesmo "Clarín" e também no conterrâneo "La Nación".

—Una posible interpretación es que el término "saco" es vulgar y se podría traducir al español como "bolas"... en portugués es una especie de voz popular para "paciencia".
Ah, bom.

★
E o tema no fim foi atropelado pelo corte de Ronaldo do jogo contra a Argentina, anunciado por Carlos Alberto Parreira. Segundo o "TN", "foi uma surpresa" para o jogador. Do próprio:

—É, ele deixou claro que não seria punição, mas que eu não precisava me apresentar.

De imediato, as páginas iniciais de "Clarín" e "La Nación" destacaram a notícia, com foto, sublinhando que, no último choque, Ronaldo marcou três gols. E que, para o seu lugar, o técnico convocou **Robinho**, aquele mesmo.

Argentina vê insulto em frase de Lula

MAELI PRADO
DE BUENOS AIRES

Uma frase pronunciada pelo presidente Lula durante um jantar na Embaixada do Brasil em Tóquio, no Japão, quase provocou outra tensão diplomática entre Brasil e Argentina. O principal jornal do país vizinho, o "Clarín", reproduziu ontem informações da coluna de sábado do jornalista Fernando Rodrigues na Folha, de que o presidente brasileiro disse a interlocutores que "temos de ter

saco para aturar a Argentina".
A frase, entretanto, foi traduzida pelo diário como "hay que tener bolas para bancar a los argentinos", o que pode ser interpretado não no sentido que tem a expressão em português, de ter paciência, mas sim como algo parecido com "temos que ser machos para agüentar os argentinos".

O ministro do Interior do país vizinho, Aníbal Fernández, chegou a ser questionado pela imprensa argentina na manhã de ontem sobre a frase de Lula. "Não

conheço a fundo a expressão. Gostaria de falar com um pouco mais de propriedade", disse. Mesmo assim, declarou que a frase soava como "muito forte vinda de um presidente".

A chancelaria argentina se recusou a falar sobre o caso, já que a frase não foi dita pelo presidente Lula oficialmente, tratando-se de uma informação de bastidor.

As relações entre os dois países não atravessam seu melhor momento. Na última sexta, o chanceler argentino, Rafael Bielsa, qualifi-

cou a posição brasileira de defender a ampliação do número de membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU como "elitista e pouco democrática". A afirmação foi feita em Luxemburgo, durante reunião dos ministros de Relações Exteriores do Grupo do Rio e da União Europeia.

A briga por uma reforma no CS e a obtenção de uma vaga como membro permanente é objetivo da política externa brasileira. A Argentina defende apenas a ampliação dos assentos temporários.

Figura 93- 31/05/2005

MARCOS AUGUSTO GONÇALVES

EDITOR DE OPINIÃO

OS APELOS, de Ronaldo para não atuar na Copa das Confederações acabaram sendo atendidos de maneira um tanto intempestiva pelo treinador Carlos Alberto Parreira, que o dispensou também das partidas pelas eliminatórias. Ronaldo tinha razão ao dizer que não é nenhum novato e que passar mais um ano sem férias seria prejudicial. Todos sabemos o que ele é capaz de fazer, e essa copinha na Alemanha é apenas um caça-níquel.

O melhor, portanto, seria usar o torneio para observações. É o que Parreira já pretendia fazer nas laterais, com Cícinho e Léo. O treinador, no entanto, não parecia nem um pouco disposto a abrir mão do Fenômeno. Mas o critério que ele inventou para justificar as dispensas — ter mais de 30 anos — não convenceu ninguém.

Embora a ausência de Ronaldo contra o Paraguai e a Argentina não seja um drama, ele vai fazer falta. Ao contrário da Copa das Confederações, as eliminatórias valem vaga no Mundial e, além disso, ninguém quer perder para a Argentina, mesmo jogando em Buenos Aires.

Para ser coerente, Parreira deveria jogar com Robinho e Adriano na frente e Kaká e Ronaldinho na meia. Mas pode ser que, na Argentina, baixe a cautela e ele use Ronaldinho de segundo atacante, reforçando o meio-de-campo.

Quanto a Grafite, a convocação é defensável, mas temerária, considerando o episódio com o zagueiro Desábato.

Veremos.

Desábato cogita novo encontro

KLEBER TOMAZ

DA REPORTAGEM LOCAL

O zagueiro argentino Leandro Desábato, do Quilmes, estuda a possibilidade de reencontrar o atacante brasileiro Grafite, do São Paulo e da seleção, quando este for a Buenos Aires, no dia 8, pelas eliminatórias da Copa.

A idéia, já aventada pelos dirigentes do Quilmes, seria a de vencer o são-paulino a não levar adiante a acusação de injúria racial que move contra o zagueiro.

"Se meus advogados e clube não virem nenhum problema nisso, eu me encontro com Grafite", disse ontem Desábato à Folha, por telefone, de La Plata.

"Eu não tenho que pedir desculpas porque não o xinguei de negro. Só disse 'toma la banana y metétele por el culo'", recorda Desábato, que ficou 36 horas preso por supostas ofensas racistas a Grafite, em jogo da Libertadores, dia 13 de abril, no Morumbi.

"Talvez seja útil esse reencontro para vermos se isso termina de uma vez. É bem possível que assim se possa pôr uma pedra nesse caso", disse ontem Federico Deya, secretário-adjunto do Quilmes.

Para Carlos Mendes, advogado de Desábato, o caso Grafite só terá fim se o são-paulino não entrar com queixa-crime no prazo de seis meses ou redigir renúncia expressa, na qual manifeste o desejo de não levar o processo adiante.

Desábato aguarda para hoje o nascimento de seu primeiro filho, Máximo, com Luisina Priotti.

D 4 terça-feira, 31 de maio de 2005

ESPORTE

FOLHA DE S. PAULO

FUTEBOL São Paulo ataca CBF por chamar o atleta, que diz que insultos argentinos irão 'entrar por um ouvido e sair por outro'

Grafite diz estar pronto para provocações

TONI ASSIS
DA REPORTAGEM LOCAL

Convocado pela CBF para as eliminatórias na vaga de Ronaldo, cortado, o atacante Grafite disse estar preparado para jogar na Argentina pela primeira vez desde que se envolveu na polêmica sobre racismo com o zagueiro Desábato. "Provocações acontecem até aqui. Um dia isso [jogar na Argentina] lá ter que acontecer. Se for para lá, vão entrar por um ouvido e sair pelo outro", afirmou o são-paulino, que já foi vítima de racismo em um jogo no país vizinho, contra o Quilmes.

Grafite disse, entretanto, que

ainda se considera dúvida para o jogo de amanhã, contra o Tigres (MEX), pela Libertadores, afirmando que tudo vai depender da recuperação de seu joelho direito.

"Contra o Palmeiras [na última quarta], o joelho inchou. Mas estou fazendo tratamento há duas semanas. De toda forma me apresento na quinta para ser avaliado pelos médicos da seleção."

Se Grafite afirma não ver problema em atuar na Argentina, o São Paulo não pensa assim e dispensou contra a CBF.

A convocação deixou o clima pesado entre os dirigentes do São Paulo, que não gostaram de ver seu jogador, ainda em fase de re-

cuperação, ser chamado sem o clube ser consultado.

"A CBF convoca, mas não pergunta. Acho que seria de bom tom perguntar primeiro. O Ronaldo vai descansar e eu vou dar o meu jogador para cansar? Se cansa um, não pode matar o outro", queixou-se o superintendente de futebol do clube, Marco Aurélio Cunha.

Ele disse que o seu comentário em relação a Grafite é do ponto de vista médico e que, após o jogo de amanhã contra os mexicanos do Tigres, vai ter uma conversa com a CBF sobre o jogador.

"O Grafite não está 100%. Ele está com uma lesão, e em recupera-

ção. Já não jogou contra o Vasco e o Cruzeiro para fazer tratamento. Já abro questão agora para depois não parecer desculpa. Essa data varia no Brasileiro [a rodada do final de semana para por causa das eliminatórias] seria ideal para recuperá-lo para jogar no México", afirmou o dirigente.

Apesar da manifestação, Cunha disse que o São Paulo não vai pedir a dispensa do atacante. "Apenas mostro o quadro do atleta. Quem tem que dispensar é a CBF", completou o dirigente.

O superintendente deve ainda ter uma reunião com o presidente do clube, Marcelo Portugal Gouveia. O teor da conversa incluiu os

outros atletas convocados pela CBF — o elenco principal, Edcarlos Fábio Santos e Diego Tardelli vão jogar o Mundial sub-20 na Holanda, enquanto Cícinho vai estar na Copa das Confederações com a seleção de Parreira.

"Vamos conversar com o presidente para ver se tem uma medida legal que possibilite adiar os jogos do São Paulo no Brasileiro até que eles voltem", disse Cunha.

Ontem o zagueiro Lugano viajou para Montevideo e se integrou à seleção uruguaia. Ele está fora da partida contra o Tigres. Até agora já foram vendidos 24.752 ingressos — a carga total é de 71 mil bilhetes — para o jogo.

DESFAZADOS

- Tevez (Corinthians)**
= Convocado pela Argentina, só volta em julho
- Marcos (Palmeiras) e Robinho (Santos)**
= Estarão na seleção nas eliminatórias e Copa das Confederações
- Léo (Santos) e Cícinho (São Paulo)**
= Não jogam na América do Sul, mas se apresentaram para a competição na Alemanha
- Ricardinho (Santos) e Grafite (São Paulo)**
= Atuam pelas eliminatórias, mas não vão à Alemanha

Figura 94- D4 Esporte 31/05/2005

Figura 95- Primeiro Caderno 31/05/2005

RACISMO

Ao ser questionado sobre o recente caso de racismo no futebol brasileiro, com o episódio do jogador Grafite, do São Paulo, o ministro da Cultura, Gilberto Gil, afirmou que as formas de racismo "são cada vez mais frequentes, elas nascem de uma autorização que a sociedade vai tendo, pela força da democracia, pela força do pluralismo das idéias e do pluralismo das crenças. [O racismo] está no mundo inteiro e há até racismos engraçados, como o de coreanos e japoneses".

"Acho que o tratamento que se quer dar no Brasil, por meio da lei e da punição, com a criminalização do racismo, é um tratamento razoável, adequado. É muito democrático", afirmou o ministro.

Sobre o caso do Grafite, chamado de "negrito" por um jogador argentino, Gil disse: "Foi uma tentativa por parte de um atíngido pelo racismo de usar os mecanismos da lei, que foi apoiado pela instituição pública, que o incentivou a denunciar".

Em seguida, o ministro da Cultura foi indagado sobre a questão de cotas para negros no ensino, ao que concordou ser "um preconceito ao contrário": "Não é algo contra os brancos, é a favor dos negros."

"A política compensatória é para restaurar o equilíbrio. Não sei se é eficiente, depende de como é aplicado e acatado pela sociedade. (...) Mas qual é o benefício de não tentar?", questionou.

Figura 96- Esporte 01/06/2005

Caso Grafite é assunto que esfriou, diz Parreira

DO ENVIADO A TERESÓPOLIS

O técnico da seleção, Carlos Alberto Parreira, disse que a convocação do atacante Grafite foi "esportiva". O jogador foi chamado para substituir Ronaldo.

"Levei em consideração apenas a área esportiva. Olha como o mundo dá volta. Há cerca de dois meses, quando me perguntaram se convocaria o Grafite para jogar em Buenos Aires, disse que sim. Agora, estou fazendo isto", declarou o treinador, referindo-se à convocação do atacante para o jo-

go contra a Argentina.

Em abril, o zagueiro argentino Desábato, do Quilmes, foi preso por quase dois dias em São Paulo após jogar no Morumbi. No final da partida, o argentino foi acusado de racismo por Grafite.

"A convocação dele não foi nenhuma provocação. É necessidade. Além disso, esse assunto já esfriou e é perfeitamente assimilável", disse o treinador.

O jogo contra a Argentina será o primeiro de uma equipe brasileira no país vizinho após o caso.

O atacante Grafite vai se apre-

sentar na Granja Comary somente amanhã, junto com Ricardinho e Robinho — os três foram liberados para jogar pela Libertadores.

Com os desfalques, Parreira só vai realizar um coletivo antes do confronto com os paraguaios.

O treinador convocou ontem o zagueiro Anderson, do Corinthians, para substituir Luisão, do Benfica. Ele foi cortado dos dois jogos das eliminatórias por causa de uma contusão muscular na coxa. Mesmo assim, a convocação do zagueiro foi mantida para a Copa das Confederações.

Adriano foi liberado pela comissão técnica para jogar pela Inter de Milão na primeira partida da final da Copa da Itália. O jogo será no dia 12. Antes do pedido do atleta, o clube havia feito o mesmo, mas a resposta fora negativa. "Foi ótimo. Com isso, agrado ao meu clube", disse Adriano.

Convocado só para o torneio na Alemanha, o meia Alex foi cortado ontem. Ele sofreu uma contusão muscular na rodada final do Campeonato Turco. Edu, ex-Arsenal, hoje no Valencia, foi chamado para o seu lugar. (58)

Figura 97- Esporte 02/06/2005

Grafite sente e vê a seleção escapar

DA REPORTAGEM LOCAL

Grafite bem que fez a sua parte em campo. Além de ser incomodar os rivais, o atacante ainda sofreu a falta que Rogério fez o primeiro gol ontem. Mas no final do primeiro tempo, acabou traído pelo joelho direito machucado e

deixou o gramado chorando.

Consolado pelo técnico Paulo Autuori, ficou no banco, mas depois foi ao vestiário e iniciou tratamento. "O doutor José Sanchez já assinou um parecer atestando que o Grafite está impossibilitado de jogar em razão da lesão no joelho. Conversei com o Rosan [fi-

sioterapeuta do clube que está na seleção] e falei para ele", disse o superintendente de futebol do São Paulo, Marco Aurélio Cunha.

A vaga de Grafite, que terá que adiar sua primeira aparição na Argentina após a denúncia de racismo contra Desábato, deve ser ocupada por Fred (Cruzeiro).

Figura 98- Primeiro Caderno 03/06/2005

A PAIXÃO

No alto da página inicial do "La Nación", "Febre para ver Argentina e Brasil" e o registro de que "Gráfico está fora". No "Clarín", "Grande expectativa: esgotaram-se as gerais contra o Brasil". Na legenda, "Paixão: longas filas para o clássico". A febre, a "paixão" rendeu até relato do correspondente da Band.

E a partida é só na próxima quarta-feira. Mas ela vem após nova estocada de Néstor Kirchner em Lula e, ontem ainda, o choque da "marca histórica", em destaque no mesmo diário "La Nación", que foi o déficit comercial da Argentina com o Brasil no mês de março.

Fiebre para ver Argentina v. Brasil



A "febre" na home do "La Nación"

Figura 99- D3 Esporte 04/06/2005

FOLHA DE SÃO PAULO

ESPORTE

sábado, 4 de junho de 2005 D 3

FUTEBOL Deleção encomenda garrafas no país para não beber nada suspeito contra a Argentina, na quarta, em Buenos Aires

Seleção se previne contra água 'batizada'

SÉRGIO RANGEL

EMBAIXADOR ESPECIAL A TERESÓPOLIS

A seleção brasileira terá cuidado especial com a água que os jogadores vão beber na Argentina a partir de amanhã, quando o elenco desembarca em Buenos Aires.

A comissão técnica já encomendou centenas de garrafas de água mineral para a Ambev, patrocinadora oficial da CBF.

Amanhã, funcionários da empresa na Argentina vão entregar as garrafas, que ficarão guardadas com os roupeiros da seleção durante todo o período em que a equipe estiver fora do país.

A comissão brasileira decidiu preservar os jogadores de um imprevisto na Argentina após Diego Maradona ter afirmado que o lateral-esquerdo Branco bebeu uma água "batizada" na partida contra os argentinos pela Copa do Mundo de 1990, na Itália.

No ano passado, o ex-jogador disse que o técnico Carlos Bilardo havia preparado uma garrafa de água para os brasileiros. Na ocasião, a seleção perdeu por 1 a 0 e foi eliminada nas oitavas-de-final.

Depois da revelação de Maradona, o lateral Branco confirmou que se sentiu mal durante o jogo após beber a água "batizada".

Após a partida contra o Paraguai, amanhã, no Beira-Rio, em Porto Alegre, a seleção seguirá para Buenos Aires, onde enfrentará os argentinos na quarta-feira —os ingressos estão esgotados.

Na segunda-feira, a comissão técnica fará um palestra para o elenco na qual pedirá aos atletas para evitarem beber água dos rivais no gramado do Monumental, estádio do River Plate.

"Fora de campo temos que tomar alguns cuidados especiais. Só vou beber água que estiver lacrada. Se o copo não estiver fechado, não bebo de jeito nenhum", disse o goleiro Marcos, do Palmeiras.

O zagueiro Roque Júnior, do

Bayer Leverkusen (Alemanha), declarou não acreditar que o time argentino vá repetir a estratégia da Copa da Itália, mas acrescentou que também estará alerta.

"Acho que isso é coisa de antigamente. Confio nas providências que a comissão técnica da seleção vai tomar", comentou.

O técnico Carlos Alberto Parreira é outro que não crê que os argentinos repetirão a "água batizada" da Copa de 1990. Mas apro-

vou a providência: "Agora não tem esse problema. Vamos beber sempre a nossa água".

Branco, hoje coordenador das divisões de base da CBF, aprovou a ideia da comissão técnica. "Se deixar, eles aproveitam. Temos que tomar todos os cuidados necessários. Não podemos bobear contra os argentinos", afirmou.

Já a alimentação em Buenos Aires não preocupa tanto a comissão técnica da equipe brasileira.

Os jogadores terão somente um cardápio especial elaborado pela nutricionista da seleção.

"Espero que eles [argentinos] não entrem nessa de voltar no tempo e colocar pozinho na comida", comentou Parreira.

Além de providenciar garrafas d'água, a CBF também reforçará a segurança na capital argentina.

A entidade teme represálias da torcida adversária depois da prisão do zagueiro Desábato, do

Quilmes, em São Paulo.

Há cerca de dois meses, o argentino foi preso depois de o atacante Gráfico, do São Paulo, tê-lo denunciado por racismo. Desábato ficou detido dois dias em delegacias da capital paulista.

Os dirigentes não revelaram o número de profissionais que trabalharão em Buenos Aires junto da delegação brasileira, mas admitiram que deslocarão um número maior de seguranças.

Dores sortidas fazem atletas reduzir ritmo

DO ENVIADO A TERESÓPOLIS

A principal missão da comissão técnica para o jogo com o Paraguai será administrar as dores dos atletas.

Emerson é quem mais preocupa. O volante só participou de um treino na Granja Comary —com dores no púbis, foi à campo ontem. Passará por tratamento intensivo até a partida.

"Agora, será pouco treino e muito descanso. Eles estão exaustos. Temos que ter precaução até o jogo contra a Argentina", disse o fisioterapeuta Luiz Alberto Fosari.

Sem citar nomes, ele disse que ao menos cinco atletas têm tendinite no calcanhar.

O meia Juninho Pernambucano assustou Carlos Alberto Parreira ontem. Ele deixou o treino com dores na costela e será examinado hoje. Não está descartada a possibilidade de corte para o duelo com a Argentina.

O meia-atacante Ronaldinho foi um dos que se pouparam no treino de ontem. Ele tem reclamado de dores musculares. Já o lateral-esquerdo Gilberto foi poupado de vários treinos. Ele sente fortes dores musculares desde terça, dia da apresentação da seleção em Teresópolis.

Na noite de ontem, a delegação deixou a cidade e embarcou para Porto Alegre. Hoje, o time faz treino de reconhecimento no Beira-Rio, estádio do Internacional e local da partida. (SR)



O volante Emerson, um dos jogadores do Brasil que se queixam de dores, brinca com o lateral Roberto Carlos na Granja Comary

Figura 100- 08/06/2005

FUTEBOL *Dos 11 brasileiros que entram em campo hoje, só um, Kaká, é branco*

Vizinho vê o arqui-rival mais negro em 20 anos

em Buenos Aires

Uma equipe com só um jogador que não é negro ou mulato defenderá a seleção brasileira pela primeira vez na Argentina após o imbroglio entre Grafite e Desábato. Kaká é o único branco escalado por Carlos Alberto Parreira. Lúcio, que seria o outro, está suspenso e dará lugar a Juan. Belletti, que jogou contra o Paraguai, saiu para o retorno de Cafu.

Nunca, nos últimos 20 anos, o Brasil jogou com tantos negros em Buenos Aires, no Monumental de Núñez. Nas entrevistas, os atletas dizem não esperar manifestações racistas. Mas, por causa de repercussão da prisão do zagueiro do Quilmes no Brasil, acusado de ofensas racistas ao são-paulino, o assunto virou tema de conversa do técnico com o time. A ordem é ignorar provocações.



caso aconteçam. "Não sei como reagiria nesse caso, mas o maior prejudicado acaba sendo quem reage. Por isso, se falarem alguma coisa, a gente tem que deixar entrar por um ouvido e sair pelo outro", disse o volante Emerson.

Parreira falou aos atletas que a CBF tem pessoas encarregadas de cuidar de possíveis casos racistas. "Mas, se houver alguma coisa, a punição tem que ser dura. Estamos em 2005, é um absurdo que ainda exista preconceito depois de tudo que já vimos acontecer no mundo", afirmou o jogador.

"Se existir provocação, tenho certeza de que não haverá resposta da nossa parte", declarou o zagueiro Roque Júnior.

A Fifa também promete estar atenta hoje em Buenos Aires. O confronto acontece no mês escolhido pela entidade para uma série de atos contra o racismo. A maior parte aconteceu na Copa das Confederações, na Alemanha.

A Fifa orientou que todas as federações fizessem um protesto contra a discriminação racial nos jogos das eliminatórias. A entidade pediu que o capitão de cada seleção leia um manifesto preparado por ela antes do jogo. Domingo, contra o Paraguai, a recomendação não foi seguida.

A assessoria de imprensa da federação argentina disse à Folha que antes e durante a partida fará "uma clara campanha contra o racismo". Não informou, porém, como ela será realizada.

Nas semanas que antecederam o confronto, Ricardo Teixeira, presidente da CBF, e outros dirigentes da entidade mantiveram contato com Julio Grondona, principal cartola da AFA. Ouviram dele que o Brasil não enfrentaria um clima hostil. Até ontem, foi o que aconteceu. (PAULO COBOS E RICARDO FERRONE)

Efeito Grafite

O pró-reitor da Universidade de Buenos Aires enviou ofício à Associação Argentina de Futebol pedindo que os atletas entrem em campo amanhã com faixas e camisas anti-racismo.

Ouvidos de mercador

O presidente da CBF, Ricardo Teixeira, disse que não há chance de a seleção se retirar de campo caso haja manifestações de racismo da torcida argentina no jogo de hoje. A posição é o oposto do que já defenderam, entre outros, o presidente da Fifa, Joseph Blatter, e o técnico da Inglaterra, Sven-Göran Eriksson.

Figura 101- 07/05/2005 D2 Esporte

Figura 102- 08/06/2005

Figura 103- Esporte 09/06/2005

Torcida recebe escolta, afago e ofensas racistas

MAELI PRADO
DE BUENOS AIRES

Na casa do rival, no jogo em que a preocupação das autoridades era com a violência e possíveis atos racistas, a torcida brasileira teve tratamento vip, com direito a escolta com batedores e bufê.

Por questão de segurança, a polícia escoltou cerca de 12 ônibus com os brasileiros e usou tábuas para isolar ruas, evitando o encontro dos fãs das duas seleções.

Ao descer dos ônibus, a torcida do Brasil passava por um corredor montado com tapumes, o que os impedia de serem vistos pelos argentinos. Mesmo assim, um grupo não escapou de ouvir os gritos de "macaquitos".

As ofensas racistas voltaram a acontecer quando o time de Car-

los Alberto Parreira fazia aquecimento no gramado. "Negros, putos" foi o coro disparado por parte da torcida. Imediatamente, o sistema de som do estádio abafou os gritos com uma música.

Minutos antes, o locutor oficial já havia entrado em ação para sufocar as vaias da torcida quando os brasileiros entraram no gramado. Ele silenciou as arquibancadas ao falar do sorteio de um carro.

Várias faixas contra a violência foram exibidas em campo.

Além de a Fifa estar preocupada com a repercussão do caso Grafite/Desábato, a entidade elegeu o mês de junho para combater o preconceito. O placar eletrônico do estádio divulgou uma mensagem dizendo que a federação argentina, a CBF e a Fifa tratavam a partida como um símbolo na luta

contra o racismo.

A mensagem foi lida pelo locutor quando os dois times entraram em campo e uma faixa contra a preconceito racial foi estendida. A frase "Diga não ao racismo" surgiu no placar eletrônico na hora em que o hino foi executado. A polícia fez revistas e impediu a entrada de faixas com cunho racista.

Na torcida brasileira, raríssimos eram negros. A maior parte era formada de turistas em visita a Buenos Aires —alguns pagaram até 140 pesos (R\$ 119) para entrar no estádio—, brasileiros vivendo na cidade ou convidados.

Neste último caso, os torcedores ficaram em áreas vips, localizadas em uma parte da arquibancada que era mais elevada.

Havia seguranças nas escadas de acesso para filtrar a entrada, e

para ingressar no local os convidados tinham que ostentar uma pulseira amarela no braço.

Ao fundo, como ultimamente ocorre em áreas dominadas por patrocinadores em estádios do Brasil, havia salas com segurança própria, serviço de bufê e música para quem cansasse de ver o jogo.

Além disso, os fãs que chegavam à área reservada aos brasileiros eram recepcionados por modelos segurando bandeiras do Brasil, que foram requisitadas pela empresa contratada para centralizar a ida dos convidados.

A festa dos brasileiros durou só até o jogo começar, com o rival disparando no placar. Após 3 a 0, ouviram dos rivais: "Dancem, nesta noite f.. os brasileiros".

Colaborou Ricardo Perrone, enviado especial a Buenos Aires

Figura 104- Esporte D4 30/04/2014

D4 esporte ★ ★ ★ SÁBADO, 30 DE AGOSTO DE 2014

FOLHA DE S.PAULO

AMIGO TORCEDOR, amigo secador, diante de atos racistas como o de alguns gremistas, na noite desta quinta-feira, aparece sempre uma corrente com o seguinte argumento: isso é coisa de futebol, isso é xingamento normal de estádio, acontece.

Há até quem diga que o mundo esteja mais chato por causa disso. Se é por essa causa, prefiro o tédio às incorreções da crônica de costumes. Há até quem ponha tudo no mesmo pacote, na mesma baciada do politicamente correto.

Discordo. O futebol não pode, como querem muitos, estar acima do bem, do mal e das leis. Racismo é racismo em qualquer canto. Com ou sem a bola rolando. Contra o Aranha ou contra a menina negra M.D.M.R., mineira de Muriaé, atacada no Facebook após postar uma

foto com o seu namorado branco.

Racismo é racismo. Ponto. Se era "normal" chamar de macaco no passado, que dane-se o passado, é hora de desmascarar a cara de pau da normalidade. Como disse o goleiro do Santos, naquele momento o racismo estava mostrando mais uma vez sua face, sua cara. Que seja punido. É fácil ser branco e entender como normal ou mero xingamento. Normal uma ova. Atacar o outro pela cor da pele é, além de crime, uma covardia inominável. Não tá legal e eu não aceito o argumento.

Nas palavras do Aranha: como dói.

Abaixo a normalidade

XICO SÁ

O mais maluco é que o juizão do jogo quase pune o Aranha; interpretou que provocava os torcedores

O mais maluco é que o juizão do jogo quase pune o Aranha. Interpretou que provocava o grupo de torcedores do Grêmio. Batia no braço para mostrar que tinha orgulho de ser negro.

Só com a repercussão da tragédia humana pôs um adendo, um post scriptum, um velho P.S., na simula da partida em que o Peixe bateu o tricolor gaúcho por 2 a 0. Os árbitros cos-

tumam jogar nesse time da maldita herança escravocrata futebol clube.

Aranha confessou que já havia suportado esse tipo de ofensa. Ao insistir, ainda durante a peleja, na denúncia, quebrou a corrente da normalidade. Normal, uma ova.

Muito orgulho do goleiro do melhor time das Américas do século 20. Um goleiro que cita, em nota à imprensa, Martin Luther King e o sonho da igualdade. Muito orgulho, como bradou ontem o brother Peú Araújo. O santista Mano Brown, idem, que o diga.

Poi jogar no time da normalidade futebol clube é que mantemos si-

nais de Casa Grande & Senzala nos números da violência, por exemplo. Por achar normal é que a polícia aperta mais o gatilho contra os pretos e pobres. Normal, um cacete. Quem tiver sua normalidade que a deixe em casa, é preciso se espartar com as coisas malditas.

É preciso escrever pequenos libelos e "suetos", como na velha imprensa abolicionista. E preciso todo dia enxergar a anormalidade. No atacado e no varejo.

E viva a Lindona do Bahêa, que chegou para fazer companhia ao Super Homem, como novíssima mascote preta do tricolor soteropolitano. Panamérica de Áfricas utópicas, meu caro José Agripino de Paula, mais novo possível quilombo de Zumbi.

@xicoxa

PAINEL FC

BERNARDO ITRI

painel.fc@folha.com.br

Contra-ataque

Na esteira dos casos de violência e racismo envolvendo torcedores, o governo federal colocará em funcionamento a Comissão Nacional de Prevenção da Violência e Segurança nos Espectáculos Esportivos (Consegue). O órgão inicia os trabalhos em setembro. Uma das cinco câmaras temáticas da Consegue está ligada ao ato racista sofrido pelo santista Aranha. Tratará de "educação e cultura pela paz nos espetáculos desportivos."

Pauta. Os outros quatro temas da Consegue são "prevenção à violência nos estádios, adequação e melhoria nos estádios, organização e associação de torcedores e câmara de integração geral."

'Start'. A primeira reunião da Consegue acontecerá no próximo dia 16 de setembro, em Brasília.

Escalação. A Consegue terá representantes dos ministérios do Esporte e da Justiça, do Conselho Nacional de Defesa Civil (Condéc), da área de segurança pública, de torcidas organizadas e de pesquisadores.

Multiplificação. Vendido para a Udinese, Lucas Evangelista, 19, terá um salário 16 vezes maior do que recebia no São Paulo. A promessa ganhava R\$ 9 mil mensais no Morumbi e, na Itália, passará a receber R\$ 150 mil. A

Paradoxo. Mesmo amargando as últimas posições no Brasileiro, o Palmeiras viu seu programa de sócio-torcedor, o Avanti, crescer consideravelmente em agosto. O clube saltou de 38 mil sócios-torcedores em junho para mais 42,3 mil neste mês.

Paradoxo 2. Só na semana que antecedeu o aniversário do clube, foram mais de 2.500 novos cadastros. No dia 26, data dos cem anos, 600 palmeirenses aderiram ao plano — o normal para um único dia varia entre 150 e 300 novos cadastros.

Chamariz. O Palmeiras avalia que, além do centenário, os benefícios oferecidos aos sócios contribuíram para este crescimento. Os associados têm direito a participar de eventos oficiais e de conhecer ex-jogadores e atuais atletas do elenco.

DIVIDIDA

“ Tem que punir a pessoa que foi racista, não o clube ”

PAULO HENRIQUE GANSO

mela do São Paulo, defendendo que os torcedores gremistas, e não o Grêmio, devem ser punidos pelo ato racista contra o goleiro Aranha, do Santos

Torcedora que ofendeu Aranha perde o emprego

COPA DO BRASIL A gremista Patrícia trabalhava para a Brigada Militar

Reproduções/28.ago.2014/ESPN Brasil

FERNANDA CANOFRE
PAULA SPERB
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

O Grêmio identificou cinco torcedores que teriam cometido atos racistas contra o goleiro Aranha, do Santos. Dois deles são sócios do clube e foram afastados, segundo o vice-presidente Nelson Hein.

Entre as cinco pessoas identificadas, a única cujo nome é conhecido é Patrícia Moreira, 22. Ela foi flagrada por uma câmera da ESPN Brasil gritando "macaco" para o goleiro santista.

A Folha tentou entrar em contato com Patrícia, mas ela não foi localizada.

A torcedora prestava serviços para o Centro Médico e Odontológico da Brigada Militar do Estado por meio de uma empresa terceirizada. "A Brigada Militar repudia quaisquer atos racistas", afirmou a instituição em nota oficial.

Ela foi afastada do trabalho e será convocada para depor no inquérito.

Outros cinco torcedores que atiraram objetos no gramado também foram identificados. Os dez estão proibidos de entrar na Arena do Grêmio por um tempo indeterminado.

"Foram 30.190 pessoas presentes no estádio. Dez se portaram mal e trazem um enorme estigma para o clube", disse o vice-presidente do clube de Porto Alegre.

Não é a primeira vez neste ano que a torcida do Grêmio é acusada de atos racistas. Na final do Campeonato Gaúcho, o zagueiro Paulão, do Internacional, também declarou ter sido ofendido.

"O Santos vai até o fim para que os responsáveis sejam punidos", afirmou o advogado do clube, Cristiano Claus, que acompanhava Aranha na sexta (dia 29) durante o registro do Boletim de Ocorrência.

A polícia, o goleiro de 33 anos indicou ao menos quatro pessoas envolvidas nos xingamentos. Com base em seu depoimento, o Ministério Público abriu um processo por injúria racial contra os participantes.

Racismo no Brasil é um crime inafiançável e não está su-



Patrícia Moreira no momento em que grita para Aranha



Outros torcedores do Grêmio xingam o goleiro do Santos

jeito à prescrição, mas só pode ser classificado assim quando as ofensas atingem um grupo de pessoas.

No caso do jogo entre Santos e Grêmio, o delito deve ser considerado injúria racial, já que só uma pessoa foi ofendida. A pena é reclusão de um a três anos, além de multa.

"Clube que tem estrela no brasão para homenagear Everaldo [campeão mundial em 1970] e hino escrito por Lupicínio Rodrigues, ambos negros, não é racista", afirmou o dirigente Hein.

→ **GABRIEL, 18, APOIA ARANHA E PEDE 'BASTA'**
Gabriel, que completa 18 anos neste sábado (30), apoiou Aranha por meio de seu Facebook. "Estamos com você, meu mano... e sempre estaremos juntos! É inacreditável que ainda exista esse tipo de coisa. É preciso que alguém dê um basta nisso", escreveu. O atacante viajou para o Rio com o Santos, mas não vai enfrentar o Botafogo, no domingo (31), no Brasileiro porque está suspenso.

Goleiro se diz aliviado por caso expor o racismo

DE SÃO PAULO

Após ter sido vítima de insultos racistas feitos por torcedores do Grêmio nesta quinta (28), durante jogo pela Copa do Brasil, o goleiro Aranha comentou o ocorrido em vídeo para a TV Santos, canal oficial do clube na internet.

Néle, o atleta santista disse estar aliviado com a exposição do caso, que agora ajudará a combater o racismo no futebol.

"Fico aliviado e de certa maneira satisfeito, porque o mal, quando não aparece, cresce e se fortalece. Para a nossa felicidade, ontem esse mal mostrou sua cara e deu a oportunidade de a gente se manifestar, de contra-atacar", afirmou o jogador.

Aranha, que ressaltou não gostar de dar entrevistas ou de se promover às custas de um episódio como esse, se mostrou perplexo com o ocorrido e tentou buscar explicação para os insultos racistas.

"A gente vive num país miscigenado: muita gente, muitas raças, muitas cores, cada vez com uma quantidade maior de misturas. Se tem um lugar que não cabia esse tipo de coisa [racismo], é aqui. Palavras ferem. Sei que algumas pessoas fazem xingamentos racistas para os atletas com o intuito de ferir, de desestabilizar. Só que é uma maneira errada e tem leis para isso, que a gente espera que sejam cumpridas", disse.

O jogador santista terminou o vídeo pedindo união das pessoas na luta contra todas as formas de preconceito: de cor, gênero, religião, entre outros. Também citou Martin Luther King, ativista pelos direitos dos negros nos Estados Unidos, morto em 1968.

Figura 106- Primeiro Caderno 30/08/2014

Derrotar o racismo

Manifestações racistas dirigidas a jogadores de futebol, que se tornaram frequentes em torneios na Europa, propagam-se também no Brasil. Casos que antes pareciam esporádicos e isolados passaram a se repetir em estádios nacionais com preocupante assiduidade.

As ofensas que partiram de alguns torcedores do Grêmio contra Aranha, goleiro do Santos, durante jogo realizado em Porto Alegre na última quinta-feira, foram mais uma evidência de que esse tipo de comportamento já se incorporou ao repertório da violência que, lamentavelmente, se faz presente nas arenas esportivas.

Não é o primeiro episódio dessa natureza a envolver membros da torcida gremista, mas o problema não está localizado nesta ou naquela agremiação ou cidade.

Em abril, reportagem do portal "Globo Esporte" contabilizava 14 casos de atletas ou treinadores que relataram ofensas racistas em diversos estádios do país num intervalo de 12 meses, até março de 2014. Muitos desses fatos não tiveram suficiente visibilidade, por terem ocorrido em partidas de pouco interesse do público, algumas delas em divisões inferiores.

Não é demais lembrar que manifestações de preconceito também se verificam em outros esportes e não se resumem à cor da pe-

le. Ataques verbais contra atletas homossexuais já ocorreram, por exemplo, no vôlei brasileiro e em diversas modalidades no exterior.

Trata-se de uma questão internacional, à qual o Brasil talvez se sentisse imune por ser um país miscigenado, com tradição de relativa tolerância étnica, em que jogadores negros se destacaram como protagonistas. Se não fosse por todos os outros motivos, ao menos parecia um contrassenso lançar ofensas racistas na terra em que Pelé é chamado de rei.

As motivações dessa minoria certamente dariam margem a estudos sociológicos e psicossociais — e o contexto de rivalidade e do conflito entre torcidas certamente é um fator a ser considerado.

Campanhas contra o racismo têm sido patrocinadas por entidades do esporte, como a própria Fifa, e precisam continuar.

É indispensável, ao mesmo tempo, que se aplique a lei. A Constituição veta a discriminação por sexo, raça ou religião, e a legislação esportiva prevê sanções para os clubes cujos torcedores incorram nesse tipo de delito.

É imperioso que os transgressores sejam julgados e punidos — e o Grêmio, na parte que lhe cabia, agiu com rigor e celeridade exemplares. Só assim a violência e a intolerância serão derrotadas.

Figura 107- 31/08/2014 C4 Cotidano

DAVID MAN
desculpado
torcedor

ARANHA
Aguentei até que começaram com o canto de 'MACACO'
goleiro do Santos, sobre insultos racistas por parte de torcedores do Grêmio em jogo da Copa do Brasil

BRIGADA MILITAR DO RIO GRANDE DO SUL
Informamos que a torcedora filmada xingando o goleiro do Santos já foi AFASTADA de sua função
em comunicado sobre a dentista Patrícia Moreira, que trabalhava para a corporação

LEVY FIDELIX
Me resta BOMBARDEAR a dona Marina
candidato do PRTB, no mesmo debate

gostaria muito de ter a ALIANÇA da Marina
ex-presidente do Brasil

EDUARDO JORGE
Auditar a nossa dívida, botar ela numa ressonância. Ela vai sair MAGRINHA, parecida com você
candidato do PV, referindo-se à pessebeira ao falar das 'ideias econômicas' de seu partido em debate entre candidatos à Presidência na Band; ele entrou na lista dos tópicos mais comentados no Twitter no Brasil



Só um time perdeu pontos após racismo

JUSTIÇA 3 pontos foram retirados do Esportivo (RS) após torcedores do clube colocarem bananas em carro de árbitro

RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO EM 2014

12 incidentes em 8 meses

22.fev Campeonato Gaúcho Pelotas 2x1 São Paulo
Lúcio, goleiro do São Paulo, acusou torcedor adversário de chamá-lo de "preto vagabundo" e "macaco"

COMO TERMINOU O torcedor (não identificado) foi preso e proibido de entrar no estádio por 720 dias

2.mar Alecrim 1x1 América-RN
Dida, goleiro do América, afirmou ter sido chamado de "macaco" por torcedores do Alecrim

COMO TERMINOU Alecrim foi punido com a perda de dois mandos de campo e multa de R\$ 20 mil

5.mar Esportivo 3x2 Veranópolis
O árbitro Márcio Chagas da Silva encontrou bananas em seu carro na saída do estádio

COMO TERMINOU Esportivo perdeu nove pontos. Recorreu e diminuiu a pena para 3 pontos e acabou rebaixado



6.mar Mogi Mirim 2x5 Santos
Arouca ouviu gritos de "macaco" ao dar entrevistas após a partida

COMO TERMINOU Mogi Mirim foi multado em R\$ 50 mil

9.mar Mamorê 6x1 Uberlândia
O lateral Assis, do Uberlândia, acusou um torcedor do Mamorê de ofendê-lo com gritos racistas.

COMO TERMINOU O torcedor foi identificado pela polícia e preso

30.mar Grêmio 1x2 Internacional
Paulão, zagueiro do Inter, acusou torcedores do Grêmio de imitar sons de macaco

COMO TERMINOU Grêmio foi multado em R\$ 80 mil

ALEX SABINO DE SÃO PAULO

"Preto fedido", gritavam torcedores do Grêmio para o goleiro do Santos, Aranha durante jogo na última quinta (dia 28) em Porto Alegre. "Macaco", também berrevam em direção ao atleta. Ao fim do jogo, Aranha expôs sua indignação aos repórteres e demonstrou abatimento no vestiário. Denúncias de gestos racistas no futebol profissional brasileiro são frequentes. Levantamento feito pela Folha indica 12 casos desse tipo nos primeiros oito meses deste ano. Ou seja, mais de um episódio de ofensa racial veio à tona por mês em 2014. São situações que envolvem jogadores, árbitros, torcedores ou jornalistas. De modo geral, as penas não são pesadas e, quando o condenado recorre ao STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva), consegue torná-las ainda mais brandas. Conforme explica o procurador-geral do STJD, Paulo Schmitt, o CBDJ (Código Brasileiro de Justiça Desportiva) prevê perda de, no máximo, três pontos para o clube condenado. "No caso de torneio eliminatório, é o mesmo que a exclusão", diz ele. Neste ano, a punição mais severa imposta a um time por racismo foi ao Esportivo, do Rio Grande do Sul. Em março, o árbitro Márcio Chagas da Silva encontrou bananas colocadas em seu carro na saída do estádio de Bento Gonçalves, após partida contra o Veranópolis. Em decisão do tribunal desportivo estadual, o Esportivo perdeu nove pontos, o que o rebaixaria para a segunda divisão do estadual.

O clube, então, recorreu ao STJD, que diminuiu para três pontos, como determina o CBDJ (Código Brasileiro de Justiça Desportiva). "A punição ao Esportivo no tribunal local foi um exagero", acredita Eduardo Carlezo, advogado especializado em direito desportivo internacional. "Quando o caso foi para o STJD, houve a punição justa", complementa. Mesmo com a perda menor de pontos, o Esportivo caiu para a divisão de acesso. Foi o único caso em 2014 no Brasil em que um time sofreu perda de pontos após episódio de racismo.

MULTAS BAIXAS O Bandeirante, que disputa a quarta divisão paulista, foi multado em só R\$ 2.000 após a torcida ter entoado cantos racistas contra Antonio Carlos Bulão, técnico do time do Votem. O jogo aconteceu em Birigui, interior de São Paulo, em abril deste ano. No mesmo mês, pela Copa do Brasil, o volante Marino, do São Bernardo, disse ter sido xingado de "macaco" pela torcida do Paraná Clube. O time da capital paranaense foi condenado no caso, mas não perdeu pontos. Recebeu multa de R\$ 30 mil. Recorreu e conseguiu diminuir para R\$ 15 mil.

TRIBUNAL ADIA PARTIDA ENTRE SANTOS E GRÊMIO

Por decisão do STJD, o segundo jogo entre as duas equipes, pelas oitavas de final da Copa do Brasil, só acontecerá após a denúncia de racismo contra o Grêmio ser julgada. A partida de volta estava marcada para quarta (3), na Vila Belmiro.



Técnico espera que Santos esqueça insulto

A preocupação de Osvaldo de Oliveira é que o Santos não se distraia pela polêmica dos atos racistas contra Aranha. O treinador pode dar nova chance a Leandro Damiano no ataque contra o Botafogo neste domingo (3), às 16h, no Maracanã, pelo Brasileiro. Damiano disputou posição com Gabriel, que foi titular do ataque ao lado de Robinho contra o Grêmio.

10.abr Paraná 3x1 São Bernardo
Copa do Brasil
O volante Marino do São Bernardo reclamou ter sido chamado de "macaco" por torcedor do Paraná

COMO TERMINOU Paraná foi multado em R\$ 30 mil. Após recurso, pena foi reduzida para R\$ 15 mil

11.abr Bandeirante 0x2 Votem
Campeonato Paulista - 4ª Divisão
O técnico Antonio Carlos Bulão, do Votem, ouviu cantos racistas da torcida do clube de Birigui

COMO TERMINOU Bandeirante foi multado em R\$ 2 mil

12.abr Estanciano 2x3 Confiança
Campeonato Sergipano
Oliveira, do Estanciano, acusou Leandro Kivel, do Confiança, de ofensas racistas

COMO TERMINOU Por ter reagido acertando um soco no rival, Oliveira foi suspenso por quatro jogos e não comprovou ter sido ofendido. Kivel não foi punido

13.abr Maringá 1x1 Londrina
Campeonato Paranaense
O radialista Lourival Santos foi acusado de chamar Malcon Silva, da Londrina, de "macaco"

COMO TERMINOU Lourival Santos foi preso e afastado do emprego em afiliação do SBT

25.ago Treze 1x2 Cuiabá
Campeonato Brasileiro da Série C
Zambú e Eliomar Bombinham, jogadores do Cuiabá, acusam parte da torcida do Treze de atos racistas. "Chamaram-nos de macacos o tempo todo atrás do banco de reservas", acusou Bombinham

COMO TERMINOU Caso está em andamento

28.ago Grêmio 0x2 Santos
Copa do Brasil
Aranha, goleiro do Santos, disse ter sido chamado de "preto fedido" e "macaco", entre outras coisas, por torcedores do Grêmio

COMO TERMINOU Caso está em andamento. Grêmio identificou cinco torcedores que teriam ofendido Aranha reclamationte



Figura 108- Esporte 31/08/2014

Figura 109- Esporte 01/09/2014



Botafoguense leva cartaz de apoio ao goleiro Aranha, do Santos, ao Maracanã; partida terminou com vitória carioca

Aranha relata preconceito fora de campo

RACISMO Goleiro diz ter dó de torcedora gremista, que será intimada a depor nesta segunda

DE SÃO PAULO

Alvo de ofensas racistas na partida contra o Grêmio, quinta, pela Copa do Brasil, o goleiro Aranha afirmou neste domingo (31) que já sofreu discriminação racial outras vezes dentro de campo e também longe dos gramados.

Segundo o arqueiro, seu sucesso profissional minimiza os efeitos do preconceito que recebe constantemente, mas não o apaga totalmente.

"Sei que às vezes não sou

aceito, sou tolerado porque sou goleiro do Santos, tenho carro bom, compro bastante. Já morei em prédio em que não me davam bom dia", disse, em entrevista exibida pelo Fantástico, da Rede Globo.

Aranha também disse ter dó da torcedora gremista Patrícia Moreira, cuja imagem gritando "macaco" em sua direção foi captada pela ESPN Brasil, e cobrou que ela seja proibida de frequentar estádios pelo comportamento.

"Eu tenho dó dela como ser

humano e pelas consequências. Essa mocinha não deve nunca mais pisar nos estádios porque aí outras pessoas vão saber que se fizerem isso serão punidas", declarou.

A gremista será intimada nesta segunda-feira a depor sobre o caso, de acordo com o agente da Polícia Civil Lindomar Souza.

Segundo Souza, a administração da Arena do Grêmio encaminhou à polícia novas imagens do que ocorreu nas arquibancadas —outros tor-

cedores imitaram macacos, também em direção ao goleiro titular do Santos.

Neste domingo, integrantes de torcida organizada do Grêmio cantaram músicas com a palavra "macaco" durante a partida contra o Bahia e acabaram sendo vaiaados e acabaram sendo expulsos do estádio.

Já no confronto entre Botafogo e Santos, no Rio, jogadores das duas equipes entraram no campo com uma faixa contra a discriminação.

TERÇA-FEIRA, 2 DE SETEMBRO DE 2014

Opinião A3

PAINEL DO LEITOR

A opinião do leitor é sempre bem-vinda. Envie para: opinioao@folha.com.br. Para mais informações, consulte o site: www.folha.com.br. A opinião do leitor não representa a opinião da Folha de São Paulo.

Disputa eleitoral

Letras no dia 30/8: "Dilma gravava para campanha em atos oficiais" ("Poder 2"). O PSDB critica o duplo expediente. Viro a página e leio: "Alckmin mistura agenda de candidato com a de governador" ("Poder 2"). Alexandre Padilha, candidato do PT em São Paulo, afirma que o tucano faz inuagações falsas em ano eleitoral. É ainda tem gente que diferencia os dois partidos pela ética.

RODRIGO BLAS (São Paulo, SP)

Sobre a tabela "O que eles propõem" ("Poder 1", 30/8), para uma melhor comparação entre os candidatos e para o leitor não ser tapeado, faltou informar "como" os candidatos pretendem realizar os programas propostos. Gostaria que a Folha acrescentasse a cada opinião ou entrevista a questão do "como". Teríamos mais subsídios para análise.

REKATO GIOVANNI (Rio de Janeiro, RJ)

Marina Silva

O texto de André Singer ("Rumo ao deslombado", "Opinião", 30/8) me estarrece. Marina Silva é a possibilidade do resgate da ética na política, esfacelada pelo PT. Age com a sabedoria da utilização virtuosa da força porque demonstra possuir "virtu". É capaz de manter o domínio adquirido, se não pelo amor, pelo respeito dos governados.

IVANI CUNHA DE SARRIO (São Paulo, SP)

Racismo

Sobre o editorial "Derrotar o racismo" ("Opinião", 30/8), apesar de concordar com a análise, entendo que o problema reside no fato de os brasileiros não se assumirem como um povo racista, procurando-se manter debaixo da falsa proteção da grande miscigenação que constitui o povo brasileiro. Como escreveu Florestan Fernandes, vivemos num país de um racismo hipócrita —o racista é sempre o outro.

FRANCISCO ERNESTO DA SILVA (São Paulo, SP)

Tenho ascendentes negros, dos quais me orgulho. Mas, em benefício dos animais, por que ser chamado pelo nome de um deles deve ser encarado como racismo? Aranha é um animal, na maior parte das vezes, preto, perigoso, que causa pânico em muitos. Por que chamar de macaco é ofensa e de aranha não?

CARLOS ANTONIO A. GUMMERS (Cortiba, PR)

Num país com o aparato de fiscalização da Receita Federal, a opção pelas cotas raciais em detrimento das cotas sociais são como um desperdício. De maneira muito mais justa e objetiva, a cota social, além de abranger o grupo da cota racial, não estimularia o racismo que se pretende combater. Esta é apenas mais uma das mazelas geradas por uma classe política ideológica e populista e por grupos oportunistas.

WILSON APARECIDO DE OLIVEIRA (São Paulo, SP)

Figura 110- Painei do Leitor

Figura 111- 02/09/2014

Suspeitos de atos contra Aranha devem depor hoje

RACISMO Grêmio suspende organizada por cantar músicas com a palavra "macaco"

DE PORTO ALEGRE

A Polícia Civil do Rio Grande do Sul deve ouvir nesta terça-feira (2) dois torcedores suspeitos de fazer xingamentos racistas no jogo de ida das oitavas de final da Copa do Brasil, entre Grêmio e Santos, na semana passada.

Os nomes deles não foram divulgados. Três pessoas já foram identificadas pelos policiais e são suspeitas de injúria racial durante a partida.

Uma delas é Patrícia Moreira, que foi flagrada por uma câmera de TV da ESPN Brasil gritando "macaco" para o goleiro santista Aranha na ocasião. De acordo com o delegado Herbert Ferreira, ela será intimada para depor

na quinta-feira.

A polícia gaúcha está analisando duas horas de imagens enviadas pelo Grêmio para tentar identificar outros torcedores. Seguranças do estádio estão sendo ouvidos.

O Grêmio divulgou na sexta-feira que já havia identificado cinco torcedores suspeitos de envolvimento no ato racista. Na segunda, anunciou a suspensão da torcida Geral por cantar músicas com o termo "macaco" no jogo contra o Bahia, no domingo, pelo Campeonato Brasileiro.

A partida de volta entre Santos e Grêmio, inicialmente marcada para quarta, foi adiada. O julgamento do episódio está marcado para quarta. (FELIPE BÄCHTOLD)

Figura 112- 03/09/2014 D3 Esporte

Cartola gremista diz que Aranha 'encenou'

DE PORTO ALEGRE

O vice-presidente do Grêmio, Adalberto Preis, publicou em seu perfil no Twitter que o goleiro Aranha, do Santos, fez "grande encenação" no jogo contra o clube gaúcho em que houve ofensas racistas, na semana passada.

Aranha foi chamado de "macaco" por uma torcedora e registrou ocorrência em uma delegacia de Porto Alegre, que investiga o caso.

Para o cartola, o goleiro reclamou ao juiz porque queria ganhar tempo na partida,

vencida por 2 a 0 pelo Santos.

"Sabem por que o árbitro não ouviu nem presenciou [os insultos]? Porque não houve. Foi tudo uma grande encenação do goleiro para fazer cera", escreveu Preis.

O vice gremista disse ainda que Aranha "provocou" os torcedores e que é preciso levar em conta "provas", não "suposições e distorções".

Duas horas mais tarde, afirmou, novamente na rede social, que não negou que tenha havido "atos isolados e individuais que poderiam ser considerados injúria racial".

Disse também que interpretou que houve "exagero" do goleiro porque ofensores mostrados na TV eram negros e porque o árbitro registrou na súmula da partida que não ouviu as ofensas.

A **Folha** procurou Preis para comentar as declarações, mas ele não foi encontrado.

Na terça (2), a Polícia Civil ouviu dois torcedores que tinham sido identificados por imagens e são investigados no inquérito sobre a injúria racial. Eles negaram as suspeitas. Outro torcedor será ouvido hoje. (FELIPE BÄCHTOLD)

Figura 113- 03/08/2014 A2 Primeiro Caderno

HÉLIO SCHWARTSMAN

Racismo no futebol

SÃO PAULO - O inimigo público nº 1 está foragido? É fácil resolver isso. Vamos prender sua mãe e torturá-la até que ele se entregue. Vários problemas têm soluções simples razoavelmente eficazes, mas isso não significa que devamos adotá-las.

Curiosamente, quando se trata de futebol, as pessoas parecem não se importar muito em sacrificar o pudor jurídico que, numa sociedade que se quer civilizada, deveria nortear qualquer ação punitiva. Não apenas os códigos esportivos preveem sanções como perda de mando e de pontos para o clube cuja torcida se comporta mal como ainda grande parte dos comentaristas e do público defende esse tipo de medida. O fato de elas constituírem uma forma de punição coletiva que ignora um dos princípios mais elementares do ordenamento jurídico moderno, o de que nenhuma pena atingirá outrem que não a pessoa do condenado, não parece incomodar muita gente.

Concordo que as manifestações racistas nos estádios são horro-

sas e que devemos nos empenhar em pôr um fim a esse tipo de coisa. Também repudio a violência das torcidas organizadas e o vandalismo. Mas, se vamos combater esses comportamentos, precisamos fazê-lo segundo as regras do direito penal, que exigem identificar os culpados e julgá-los em processo regular, no qual tenham direito a ampla defesa.

Vou até um pouco mais longe e insisto em que não faz muito sentido impor sentenças de privação de liberdade ou mesmo multas a quem ofende membros de minorias. Prefiro uma situação na qual a liberdade de expressão seja esticada até seus limites máximos e nós enfrentemos o racismo mostrando, com argumentos, por que essa é uma atitude moralmente condenável.

Não é porque o racismo nos parece algo particularmente odioso e o futebol é só um jogo que podemos nos dar ao luxo de deixar de ignorar as regras que fazem com que a Justiça seja algo diverso da mera vingança.

helio@uol.com.br

Figura 114 - Esporte

Delegacia reforça segurança para receber torcedora

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

A torcedora gremista Patrícia Moreira, que foi flagrada pelas câmeras da ESPN Brasil gritando "macaco" para o goleiro Aranha, do Santos, irá depor nesta quinta-feira (4) na 4ª Delegacia de Porto Alegre. O prédio terá segurança reforçada para receber a torcedora.

Integrantes do Grupo de Operações Especiais estarão presentes no local para evitar qualquer tipo de manifestação contra Patrícia.

Além dela, outros dois torcedores também devem ser ouvidos pela polícia gaúcha nesta quinta e mais três

devem comparecer ao local na sexta-feira (5).

A polícia tenta identificar todos os torcedores que podem ter feito gestos racistas para o goleiro Aranha.

Nesta quarta (3), o líder da torcida organizada Geral do Grêmio, Rodrigo Rysdyk, esteve na delegacia para prestar depoimento sobre o caso como testemunha.

O gremista admitiu que estava no local, mas negou ter ouvido ofensas racistas.

Também nesta quarta-feira (3), Eder Braga, 31, prestou depoimento à polícia. Ele é o torcedor negro que aparece ao lado de outros gremistas xingando Aranha nas imagens de TV.

O torcedor admitiu ter xingado o goleiro durante o jogo na Arena do Grêmio, mas negou ter proferido ofensas raciais.

Presidentes de clubes rivais criticam punição ao Grêmio

RACISMO Para jurista Ives Gandra Martins, clube tem de ir à Justiça comum

DE ALVARO

Cambios e adversidade por acontecimentos como a punição ao Grêmio após a expulsão de racista penalizado em jogo contra o Palmeiras e o golpista e racista Anselmo, diz o presidente do clube, Carlos Miguel da Silva. "Significa que algum racista levou a sério as regras e tentou de fato fazer algo racista no campo", afirma. "Seu comportamento contra o Grêmio, o Eifel é filho de sua época. É uma coisa que não se faz mais, mas sempre teve esse subtexto racista. Eu era chamado de 'meu filho da p...' 'meu filho', disse Alexander Kade. Na época, não era punido, antes de julgamento, a presidente brasileira, Gillete Mendes, também se manifestou contra a punição ao Grêmio. Outros, não empregando as palavras de da época, são:

RACISMO E PUNIÇÕES NO FUTEBOL BRASILEIRO

Veja clubes que já foram punidos por manifestações racistas de torcedores

Juventude 2x1 Inter
O episódio ocorreu em 2004, durante o jogo de ida da semifinal da Copa do Brasil. Os jogadores da Juventude foram punidos por manifestações racistas contra o Inter.



Magi Mirim 2x5 Santos
Em 2005, durante o jogo de ida da semifinal da Copa do Brasil, os jogadores do Magi Mirim foram punidos por manifestações racistas contra o Santos.

Grêmio 1x2 Botafogo
Em 2006, durante o jogo de ida da semifinal da Copa do Brasil, os jogadores do Grêmio foram punidos por manifestações racistas contra o Botafogo.



Expansivo 2x2 Botafogo
Em 2007, durante o jogo de ida da semifinal da Copa do Brasil, os jogadores do Expansivo foram punidos por manifestações racistas contra o Botafogo.



Grêmio 1x2 Inter
Em 2014, durante o jogo de ida da semifinal da Copa do Brasil, os jogadores do Grêmio foram punidos por manifestações racistas contra o Inter.

Grêmio 1x2 Inter
Em 2014, durante o jogo de volta da semifinal da Copa do Brasil, os jogadores do Grêmio foram punidos por manifestações racistas contra o Inter.



Delegacia reforça segurança para receber torcedora

A delegacia de segurança reforçou a presença de policiais para receber os torcedores do Grêmio em São Paulo. O reforço inclui a presença de policiais militares e civis, além de equipes de segurança privada. O reforço é necessário devido ao histórico de violência contra torcedores em jogos realizados em São Paulo.

PARECE JURÍDICO
O Grêmio tem condições legais para recorrer à Justiça comum. O clube alega que a punição imposta pelo CBF é ilegal e que o clube não possui recursos financeiros para arcar com as custas de um processo judicial.

para cidadãos", questiona, para logo ser seguida pela acusação de discriminação contra os negros.

"Como não se tem fiscalização do governo federal, como em outros países, a presidente do CBF não tem poder para punir jogadores de outros clubes."

o futebol e não foi beneficiado pelo episódio. O clube tem de provar a justiça criminal imediatamente. Não precisa ser provado que os jogadores manifestaram racismo. O racismo é uma questão de fato, não de opinião."

OPINIÃO

Autor do hino do Grêmio, o negro Lupicínio resistia às gozações

LUPICÍNIO DIAS
O autor do hino do Grêmio, Lupicínio Dias, resistiu às gozações durante a apresentação do hino em São Paulo em 1979.

de uma comarca que sequer existia em 1902, quando "uma turma de malandras" decidiu criar um bairro chamado São Gonçalo.

Em o futebolista que nasceu em 1912, o negro Lupicínio Dias, foi chamado de "negro" durante a apresentação do hino em São Paulo em 1979.

de uma comarca que sequer existia em 1902, quando "uma turma de malandras" decidiu criar um bairro chamado São Gonçalo.

de uma comarca que sequer existia em 1902, quando "uma turma de malandras" decidiu criar um bairro chamado São Gonçalo.

de uma comarca que sequer existia em 1902, quando "uma turma de malandras" decidiu criar um bairro chamado São Gonçalo.



Figura 115- Esporte

Figura 116 – Primeiro Caderno



Figura 117- 05/09/2014 D2 Esporte



Figura 118

Gremista nega intenção de ofender Aranha e afirma sofrer ameaças

RACISMO Segundo polícia, Patrícia alega que gritos de "macaco" são usuais e não visavam goleiro

FERNANDA CANOFE
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM PORTO ALEGRE
BERNARDO ITRI
DO PAINEL.FC

A auxiliar de odontologia Patrícia Moreira, 23, torcedora do Grêmio identificada como autora de ofensas raciais contra o goleiro Aranha, negou nesta quinta-feira (4) que tivesse a intenção de ofender o jogador do Santos.

Patrícia prestou depoimento na Polícia Civil em Porto Alegre, acompanhada do advogado e do irmão, mas não quis falar com a imprensa.

As ofensas da torcedora, e de outros torcedores gremistas, culminaram na eliminação do time gaúcho da Copa do Brasil —em decisão inédita em casos de racismo.

De acordo com o delegado Cléber Ferreira, Patrícia esteve calma durante o depoimento e não respondeu se estava arrependida. "Ela não nega ter proferido aquelas palavras, mas diz que a intenção dela não era ofender o goleiro do Santos. Simplesmente, ela falou porque foi no embalo da torcida", afirmou.

Segundo Ferreira, Patrícia disse que os cânticos com a palavra "macaco" são usuais na torcida e que não foram direcionados ao goleiro.

Apesar de não ter definido formalmente sua atitude como racista, para a polícia, ela reconhece que ofendeu a honra de outra pessoa.

Segundo o delegado, a estratégia apresentada pela defesa é de afastar o dolo.

"Ela explica que, no próprio [lino da torcida do] Internacional, eles se dizem 'macacos'. Diz como a torcida estava toda falando 'macaco' e proferindo aquelas palavras, ela também proferiu. Mas a questão dela não é especificamente ofender a honra daquele goleiro."

No depoimento que durou cerca de uma hora, afirmou ainda não fazer parte de torcidas organizadas e que essa foi só a terceira vez que foi à Arena do Grêmio.

Patrícia, que perdeu o emprego após o episódio, também relatou que tem sofrido ameaças por telefone e nas redes sociais, além de ter tido sua casa apedrejada.

O delegado também disse que fotos retiradas das redes sociais da torcedora, antes que ela deletasse seus perfis, podem também fazer parte do inquérito, mas afastou a possibilidade de Patrícia ser



Chorando, Patrícia Moreira, 23, chega a delegacia em Porto Alegre para depor sobre episódio envolvendo o goleiro Aranha



Integrante de movimento social faz protesto em frente a delegacia em que Patrícia depôs

acusada por racismo.

Para a polícia, o caso é de injúria racial, crime afiançável que pode acarretar pena de um a três anos de reclusão.

Alguns poucos manifestantes ligados à Unegro (União de Negros pela Igualdade) levaram faixa ao local para protestar contra o racismo. Um deles chegou a gritar para a torcedora: "Vem falar com o macaco aqui agora!" O advogado de Patrícia,

Alexandre Rossato, disse à **Folha** que a torcedora está arrasada e que não considera sua atitude racista e também que nunca foi racista, tendo inclusive namorado negro. "Arrependimento existe pleno", afirmou.

AUDITOR SE AFASTA
O auditor do Superior Tribunal de Justiça Desportiva Ricardo Graiche, um dos que votaram pela punição ao Grêmio,

pediu afastamento da 3ª Comissão Disciplinar do órgão. Segundo a Rádio Gaúcha, Graiche teria postado "diversas fotos com conteúdo preconceituoso em uma rede social no ano de 2012."

Uma das imagens divulgadas pela rádio mostra uma criança negra enrolada em um rótulo de Pepsi, com a mensagem "quer um gole?!", supostamente postada no Facebook pelo auditor.



Torcedora gremista, no momento das ofensas

'Brasil enviou a mensagem certa', diz Blatter

DE LONDRES

O presidente da Fifa, Joseph Blatter, elogiou nesta quinta-feira (4) a exclusão do Grêmio da Copa do Brasil por causa de atos racistas dos seus torcedores contra o goleiro Aranha.

"Eu já disse que o futebol deve ser mais forte na luta contra o racismo. O Brasil enviou a mensagem certa, banindo uma equipe da Copa [do Brasil] devido a abuso dos torcedores", afirmou o dirigente em sua conta no Twitter.

O episódio repercutiu também nos veículos de comunicação europeus, como o jornal inglês "The Guardian".

A rede BBC destacou o fato de Ronaldinho Gaúcho ter começado a carreira no Grêmio e lembrou que o time hoje é dirigido pelo ex-técnico da seleção brasileira Luiz Felipe Scolari. (LEANDRO COLON)

Recurso do Grêmio será julgado em duas semanas

DE SÃO PAULO

O recurso que o Grêmio deve apresentar contra sua exclusão da Copa do Brasil devido a ofensas raciais de seus torcedores contra o goleiro Aranha, do Santos, deve ser julgado pelo pleno do STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) entre os dias 18 e 19 para não prejudicar a sequência da competição.

A intenção do órgão é esgotar juridicamente o caso antes do início das quartas de final do torneio, previsto para o dia 1º de outubro. Com o julgamento antecipado na segunda instância, a Copa do Brasil não correria risco de ser paralisada ante a indefinição de um dos participantes da próxima fase.

A possibilidade de o torneio ser interrompido até o encerramento do caso havia sido levantada na quarta-feira (3) pelo mandatário do Grêmio, Fábio Koff, e confirmada pelo próprio presidente da 3ª Comissão Disciplinar do STJD, Fabrício Dazzi.

O Santos venceu o time gaúcho por 2 a 0 em Porto Alegre, na semana passada, no jogo de ida das oitavas de final. A partida de volta foi colocada em suspensão e depois cancelada pelo tribunal, que decretou os paulistas vencedores do confronto.

A exclusão gremista da Copa do Brasil foi a primeira eliminação de um time de um torneio por racismo na história do futebol brasileiro.

Segundo o jornal francês "L'Equipe", trata-se de punição inédita no mundo. Levantamento feito pela reportagem não encontrou nenhum caso semelhante no mundo nos dois últimos anos.

PUNIÇÕES NO MUNDO

No exterior, casos não renderam exclusão

Apr. 2014
Quatro participantes da Liga dos Campeões (Steaua Bucareste, Maribor, Chikhura e Debrecen) foram condenados pela Uefa a interditar setores de seus estádios por um jogo

Mar. 2014
A Federação Espanhola multou o Villarreal em 12 mil euros (R\$ 35 mil) após torcedor arremessar uma banana contra o brasileiro Daniel Alves

Mar. 2014
O time japonês Urawa Reds teve de jogar uma partida de portões fechados por conta de faixa "Apenas japoneses" de torcedores. Foi a punição mais dura dada por esse motivo na história da liga

Abr. 2013
O Dinamo de Kiev (UCR) foi condenado pela Uefa a jogar duas partidas de competições europeias com portões fechados após torcedores entoarem cânticos racistas

Fev. 2013
A Lazio (ITA) foi condenada pela Uefa a jogar duas partidas de competições europeias com portões fechados, além de pagar multa de 40 mil euros (R\$ 116 mil). Foi a quarta punição ao clube no ano pelo mesmo motivo

REPERCUSSÃO PELO MUNDO

Jornais estrangeiros comentaram a punição ao Grêmio por atos racistas



Olé - Argentina
Eliminado por racista
Uma sanção histórica e exemplar acaba de acontecer no futebol brasileiro. Escândalo



BBC - Inglaterra
Grêmio banido por incidente de racismo
Um grupo radical de torcedores do Grêmio tem se envolvido em diversos eventos racistas



L'Equipe - França
Grêmio excluído por racismo
Decisão única no mundo tomada pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva

“Ela diz como a torcida estava falando 'macaco', ela também proferiu. Mas a questão não é especificamente ofender a honra daquele goleiro

CLÉBER FERREIRA
delegado, sobre o depoimento de Patrícia Moreira
Arrependimento existe pleno
ALEXANDRE ROSSATO
advogado de Patrícia Moreira

Figura 119- Painel do Leitor e Painel F.C

Racismo no futebol

Discordo de Hélio Schwartzman, quando ele afirma ser contra condenações de privação da liberdade ou mesmo multas a quem ofende membros de minorias e quando diz que o racismo será melhor enfrentado por meio de argumentos quanto a ser essa prática uma atitude moralmente condenável ("Racismo no futebol", "Opinião", 3/9). Se fosse assim, deveriam ser abolidas não só a punibilidade dos crimes contra a honra —que também ferem a dignidade humana—, mas também centenas de condutas penais, na esperança de que elas seriam evitadas com argumentos que demonstrem serem atitudes moralmente reprováveis.

ALEXO PARAGUASSÓ NETTO,
juiz aposentado (Campo Grande, MS)

O ponto chave na exclusão do Grêmio da Copa do Brasil por atos racistas de torcedores foi a identificação de gremistas pela TV com a camisa do clube ("Em decisão inédita, STJD exclui Grêmio de torneio por racismo", "Esporte", 4/9). Imagine a situação: torcedores do Grêmio com a camisa do Inter decidem assistir a um jogo do rival e cometem atos racistas, que ficam registrados pela TV. O Inter seria punido? A encenação de racismo por torcidas rivais não vai se espalhar?

EDGARD GOBBI (Campinas, SP)

Por que o Grêmio foi punido? O clube conseguiu identificar os transgressores e entregou às autoridades. A decisão do STJD mostra que seus membros querem apenas arrumar um culpado.

BENEDINE AUGUSTO DE PAIVA (São Paulo, SP)

Aqui, não. No ofício em que determina a instauração de sindicância sobre os supostos atos racistas do auditor Ricardo Graiche, o presidente do STJD, Caio Rocha, deixa claro que comportamento deste tipo não deve ser admitido no tribunal.

Aqui, não 2. "A conduta consistente nas supostas publicações em redes sociais, se confirmadas, apresentariam incompatíveis, pelo menos em tese, com a conduta ilibada que a lei exige dos membros da Justiça desportiva", escreveu Caio Rocha.

Estranho... Coincidentemente ao caso de racismo envolvendo o goleiro Aranha, do Santos, a Uefa fará na próxima semana uma conferência antirracismo em Roma. No entanto, espera-se uma saia justa no evento.

Figura 120 – Painel do Leitor

Racismo no futebol

Sou gremista, mas quem diz que o Grêmio é racista ou que o racismo na torcida do clube é institucional só demonstra sofrer de problemas semelhantes aos dos racistas: ignorância e preconceito. Se o racismo existe na sociedade, como é que não vai existir nas torcidas de clubes? E só há uma maneira de mudar isso, que é punindo. Mas não é possível aceitar é que alguns agora queiram tratar a conduta de pessoas como uma conduta institucional e colocar nas costas do Grêmio e de sua torcida anos e anos de racismo esportivo generalizado pelo país.

MARCELO DE SOUZA SILVA (Porto Alegre, RS)

Figura 121- 06/09/2014 Esporte D3

FOLHA DE S. PAULO SÁBADO, 6 DE SETEMBRO DE 2014 **esporte D3**

Carta a Lupicínio

XICO SÁ

AMIGO TORCEDOR, amigo secador, até a pé nós iremos a qualquer boteco ou taverna do rincão gaúcho celebrar este ano o centenário do gênio gremista Lupicínio Rodrigues, o autor de um dos mais belos hinos de clubes do país. Até a pé nós iremos, mesmo com todas as dores de cotovelo do mundo, mesmo estropiado como um Romeiro do amor e da sorte.

Bem lembrou, nesta Folha, o querido Luiz Fernando Vianna que o preto Lupicínio cantaria, a essa altura, para a geral tricolor, "esses moços, pobres moços, ah, se soubessem o que eu sei!" Cantaria mesmo. É bonito. Um brinde ao homem dos nervos de aço.

Sim, caro Lupicínio, tu me ensinaste a gastar o cotovelo da espera na fôrmica dos balcões dos sofredores. Aláds, a cada pé-na-bunda sempre acho que tu chegarás ao boteco

e me darás bons conselhos, só vingança, vingança, vingança aos deuses clamar. Mais um brinde, amigo, como te amo.

O que tu achas, meu caro, dessa minha pobre tese crônica: para quem ainda confunde racismo – atacar alguém covardemente pela cor da sua pele – com xingamento de varejo, sugiro, à guisa de criatividade, que leve a campo o "Dicionário do Palavrão e Termos Afins", do pesquisador e folclorista pernambucano Mário Souto Maior, o Aurélio dos lexicógrafos da bela esculturação à brasileira.

Somos tão ricos em matéria de tirar onda, por que a injúria racial, minha gente? Não carece. Pronto

Souto Maior, vivo fosse, faria agora um brinde conosco. Que tu procures ele aí nesse mundo do qual não tenho a menor das certezas. Caro Lupi, nesse livro, o fanático encontrará 3.500 palavrões que valem do goleiro ao ponta esquerda, do técnico ao juiz daquele Flamengo x Coritiba. Somos tão ricos em matéria de tirar onda, por que a injúria racial, minha gente? Sob qualquer aspecto, não carece. Pronto.

Tudo bem que não somos tão criativos quanto os alemães em matéria de xingamentos. O dicionário do mesmo gênero, naquele país supostamente reservado, possui quase dez mil verbetes. Eles também nos batem de 7x1 em matéria de sacanagem. Minha fonte é boa: Gilberto Freyre, o homem do "Casa Grande & Senzala", o mesmo que sugeriu a Souto Maior, a tal pesquisa nos trópicos.

Temos xingamentos demais, de qualquer forma. Que diversidade, incluindo os regionalismos, como

"fi de rapariga", por exemplo, clássico nordestino, o meu preferido. Este vale para o juiz, sobremaneira. No sul também não deve faltar palavrões para desopilar o juiz.

A Ponte Preta e o Inter, macaca e macaco, respectivamente, quando assumiram tais epítetos, responderam politicamente ao preconceito. Uma maneira de dizer do orgulho da torcida negra. Em nada autorizaram o ma-ca-co ou "preto fedido" e ditos malditos para humilhar quem quer que seja. Dentro ou fora do gramado, nobilíssimo Lupicínio.

Sei que o amigo deve estar triste com os acontecimentos, mas também sei que o amigo é sábio para entender o exemplo. Até a pé nós iremos, com teu espírito, para dizer paz na terra aos homens de boa vontade.

OXICOSA

Figura 122- 06/09/2014 E16 Ilustrada

E16 ilustrada SÁBADO, 6 DE SETEMBRO DE 2014 FOLHA DE S. PAULO

Racismo

DRAUZIO VARELLA

SERES HUMANOS dividem o mundo em "nós" e "eles".

Criadas por razões religiosas, étnicas, preferências sexuais, futebolísticas ou de outra natureza, as tensões e suspeições intergrupais são as grandes responsáveis pela violência no mundo.

O preconceito que resulta dessas divisões não é consciente, está arraigado nas profundezas do passado evolutivo, na tendência universal de formarmos coalizões que nos ajudem a enfrentar os desafios que a vida impõe.

Experimentos conduzidos nos últimos 30 anos mostram que nos reunimos em grupos, mesmo em torno de objetivos fúteis: o fã-clube de uma cantora, um time ou um piloto de corrida. E que, ao nos incluímos em tais agrupamentos, passamos a acreditar que nossos companheiros são mais inteligentes, espertos, generosos e dotados de valores morais superiores aos dos membros de outros grupos.

As pesquisas hoje estão dirigidas para as razões que nos levam a enxergar o mundo sob essa perspectiva do "nós" e "eles". Que fatores em nosso passado evolutivo forjaram a extrema facilidade com que formamos coalizões e reagimos de forma preconceituosa contra os estranhos a elas?

Para muitos psicólogos, o ódio dirigido a "eles" tem origem na generosidade manifestada em relação a "nós" mesmos. Seres humanos são os únicos animais capazes de cooperar tão intensamente com pessoas que não fazem parte de seu clã.

Essa característica se deve ao fato de que a adaptação à vida grupal foi decisiva à sobrevivência da espécie. Isolados, não escapariamos dos predadores ao descer das árvores nas savanas da África, há cinco ou seis milhões de anos.

Como consequência, esperamos encontrar acolhimento e solidariedade quando estamos entre "nós", porque somos mais amigáveis, altruístas e pacíficos do que os de fora. Valores morais dessa magnitude nos autorizam a agir com violência contra inimigos que julgamos não possuí-los, em caso de disputas por territórios, prestígio so-

O preconceito está arraigado no passado evolutivo, na tendência universal de formarmos coalizões

cial, empregos ou acesso a bens materiais.

Nossos parentes mais próximos têm uma visão maniqueísta do mundo semelhante à nossa. Chimpanzés se juntam em bandos que atacam e matam membros de outras comunidades. Agressões por disputas intergrupais são descritas também em gorilas, bonobos e orangotangos, grandes primatas

como nós.

O grupo de Laurie Santos, da Universidade Yale, estudou macacos rhesus, primatas que divergiram dos ancestrais que deram origem aos humanos 25 a 30 milhões de anos atrás. Colocados diante de fotografias, eles passavam muito mais tempo encarando as fotos dos macacos de outras comunidades.

A conclusão é de que nossas reações diante de estranhos fazem parte de um mecanismo neural de detecção de ameaças, que nos permite distinguir rapidamente amigos de inimigos.

Milhões de anos de seleção natu-

ral engendraram um sistema de segurança que erra menos ao disparar alarmes falsos do que se deixasse passar despercebida uma ameaça real. Nem todos, porém, reagem às sensações subjetivas de perigo da mesma maneira. Aqueles que apresentam reações exacerbadas e desproporcionais são justamente os mais sujeitos a exibir comportamento preconceituoso.

O preconceito contra "eles" se manifesta de forma mais clara contra os homens (hipótese do homem guerreiro). À luz da evolução, foram eles que fizeram as guerras e atacaram nossos ancestrais.

Talvez por essa razão, homens negros sofrem mais preconceito do que as mulheres da mesma cor, sejam tratadas com mais violência pela polícia, recebam condenações mais longas, paguem aluguéis mais altos e sejam ofendidos nos estádios de futebol.

Temos ímpetus inatos para levantar fronteiras intergrupais que separam raças, línguas, comportamentos sexuais, religiões ou times de futebol. Uma vez que a linha fronteira esteja demarcada, discriminamos automaticamente os que estão do lado de lá.

Embora o preconceito esteja alojado em áreas arcaicas do sistema nervoso central, sua expressão não é inevitável. Nosso córtex cerebral já evoluiu o suficiente para reprimi-lo, de modo a abandonarmos a bestialidade do passado e adotarmos condutas racionais centradas na tolerância e na aceitação da diversidade humana.

COLUNISTAS DA SEMANA: Dominó: Favre/ra Guilán, segunda: Lulu Felipe/Pomê, terça: João Pereira Coutinho, quarta: Marcelo Coelho, quinta: Conairêdo Callizaris, sexta: Micheli Lamb, sábado: Álvaro Pereira Lourenço

Figura 123- Primeiro Caderno

TENDÊNCIAS / DEBATES

Um artigo relacionado com o conteúdo desta publicação aparece no primeiro. Seu conteúdo pode ser acessado no endereço eletrônico da publicação em português: www.101.org.br/tendencias

101@101.org.br www.101.org.br/tendencias

Punição ao Grêmio por ato de torcedores foi justa?

SIM

Clube e torcida são indissociáveis

CATO CESAR ROCHA

O julgamento do Grêmio Football Porto Alegrense por ato de racismo supostamente praticado por alguns torcedores gremistas, ocorrido na quarta-feira (28), reacendeu uma velha discussão a respeito da responsabilização dos clubes de futebol por atos de seus torcedores.

O Código Brasileiro de Justiça Desportiva, norma que estabelece as sanções em decorrência de infrações disciplinares desportivas, adotou o modelo da responsabilidade objetiva. Isso significa que os clubes respondem pelos atos de seus torcedores, independentemente de terem contribuído para o cometimento da infração.

O sistema adotado no Brasil sofre críticas de quem não é habituado ao direito desportivo e quer compará-lo ao direito penal ou civil, institutos completamente diferentes. As normas desportivas brasileiras seguem modelo estabelecido em importantes regulamentos internacionais, como o Código Disciplinar da Fifa e o Código Disciplinar da Conmebol e da chamada *lex sportiva* (lei esportiva, em latim).

Esse modelo, resultado de uma evolução gradativa ao longo dos anos, possui uma razão de ser. No âmbito desportivo, torcida e clube são considerados indissociáveis:

um é manifestação e dimensão do outro. São duas faces da mesma moeda.

A torcida existe, mas só existe para e por um clube. Isso é fácil de observar submetendo a questão ao conhecido "stand alone test", ou seja, a torcida do Flamengo, por exemplo, existiria se não existisse o Clube de Regatas do Flamengo? A resposta é óbvia e a recíproca é igualmente verdadeira, já que dificilmente haveria um clube sem torcida ou, pelo menos, sem ter por objetivo cultivar algum incentivador.

O futebol, como se sabe, envolve paixões, o que induz polêmicas e discussões. Por isso mesmo é compreensível a insatisfação dos clubes quando são sancionados. Os torcedores que não contribuíram para o ato de indisciplina se sentem injustamente apenados, pois não querem sofrer as consequências por causa de erros alheios. O torcedor, no entanto, não é considerado isoladamente, mas, sim, como elemento de um conjunto mais amplo.

A teoria da responsabilidade objetiva do clube é, talvez, um mal necessário. Ela contribui para que o clube tome medidas preventivas e estimula os verdadeiros torcedores, aqueles que vão ao estádio para acompanhar o espetáculo do fute-

bol, a fiscalizarem os vândalos e agressores.

A Justiça Desportiva atua apenas em reação aos atos de infração. A prevenção depende da ação dos clubes e, principalmente, das autoridades públicas. A única forma de desestimularmos a indisciplina e o vandalismo no estádio é por meio de sanções pedagógicas, que sirvam de exemplo não só para o clube, mas para os seus torcedores.

É preciso criar um ambiente em que o bom comportamento da torcida seja premiado, enquanto a indisciplina, o vandalismo e a violência física e moral sejam punidos com rigor.

É importante, no entanto, que os auditores do Superior Tribunal de Justiça Desportiva tenham sensibilidade ao sancionar um clube, analisando com parcimônia a responsabilidade objetiva, a fim de absolvê-lo quando identificados individualmente todos os torcedores infratores. De outro modo, pode, em vez de estimular a conduta preventiva do clube, desencorajar a procura pela identificação do verdadeiro autor da infração.

CATO CESAR ROCHA, 33, advogado, é presidente do STJD - Superior Tribunal de Justiça Desportiva

NÃO

Repúdio ao racismo e desagravo

LÉO GERCHMANN

Este artigo é assumidamente um desagravo. Antes, porém, uma ressalva: episódios abjetos, como o ocorrido na Arena do Grêmio, em que bandidos e tolos vomitaram ofensas raciais contra o goleiro do Santos, devem ser coibidos com firmeza, assim como a homofobia e outras abominações recorrentes nos estádios de futebol. Trata-se de crime tipificado no artigo 140 do Código Penal, o da injúria racial. Feita a ressalva, sigamos com o desagravo.

A Justiça Desportiva, ao excluir o Grêmio da Copa do Brasil, desprezou princípio basilar do direito penal, o da personalidade da pena (a pena não é transmissível a outrem). Claro, a alegação é a de que os clubes devem adotar estratégias eficazes contra agressões verbais e físicas que até já levaram a mortes dentro e fora de estádios.

O Grêmio, em 2013, elaborou a campanha antirracismo "Somos azuis, pretos e brancos". Na semana passada, enfim, suspendeu a torcida organizada onde havia o foco do comportamento ultrajante.

Todos os clubes devem coibir essas condutas, e talvez o Grêmio tenha servido de exemplo para aumentar o controle sobre a bandagem inevitável em agremiações de massa. Isso, em tese, é salutar. Mas é cruel e injusto com o clube. A esmagadora maioria dos gremistas, que rejeita essas aberrações, viu-se

duplamente punida: primeiro, por bandidos que vestem a camiseta do clube para emporcalhar sua história. Depois, pelo STJD, que condenou milhões pelo barbarismo de meia dúzia. Aliás, um dos auditores que julgaram o Grêmio foi flagrado com posts racistas no Facebook, envolvendo uma criança negra. Hipocrisia asquerosa!

A punição recaí sobre um clube cuja diversidade faz parte de sua história. Nada pode ser mais plural que o advento da Coligay. O Grêmio não só acolheu os homossexuais que se juntaram para torcer pelo clube do coração. O clube deu à primeira organizada gay do país espaço para guardar bandeiras, faixas e instrumentos da charanga.

A torcida existiu de 1977 a 1983, quando o líder, Volmar Santos, retornou para sua Passo Fundo. De 1977 a 1983? Sim, no tempo em que a ditadura mantinha uma delegacia de costumes e os torcedores gritavam "vadia" para a mulher que se arriscasse a ir aos estádios.

O Grêmio é o clube com o qual Gilberto Gil simpatiza por ostentar o azul do céu, o branco da paz e o preto da sua pele. Ao contrário do que se diz, foi no Grêmio que jogou o primeiro negro dos grandes clubes gaúchos, Adão Lima, entre 1925 e 1935, época de segregacionismo entranhado na sociedade. Porto Alegre tinha a Liga da Canela Pre-

ta, separada dos brancos de Grêmio e Internacional. Desses dois grandes clubes, o primeiro a aceitar a "liga" foi o Grêmio — o Inter teve, mais tarde, o mérito de ser o primeiro a aceitar oficialmente os negros.

Quem conta isso é Lupicínio Rodrigues, na sua coluna do jornal "Última Hora", em abril de 1963. Em "Por que sou gremista", Lupicínio explica um dos motivos: porque ele era negro, como Everaldo, lateral-esquerdo da seleção brasileira de 1970 que se tornou a estrela dourada na bandeira tricolor.

O hino composto por Lupicínio diz "Até a pé nós iremos para o que der e vier" e "imortal tricolor". Raros são os clubes cujo hino traduz tão bem o espírito pelo qual é reconhecido. Fala de humildade, perseverança e superação. São as características que fazem do Grêmio uma instituição amada por milhões e detestada por outros tantos. Indiferença? Em relação ao Grêmio, jamais.

Sim, esse clube, fundado por descendentes de alemães em 1903, foi segregacionista como toda a sociedade brasileira. Mas, pelos seus belos 111 anos, não merece os bandidos que lhe emporcalham a imagem nem uma decisão de tribunal que o etiquete como racista. O Grêmio e os gremistas não merecem isso.

LÉO GERCHMANN, 58, repórter, especial do jornal "Zero Hora". A autor do livro "Coligay - Tricolor e de Todas as Cores" (edi. Libartes)

Figura 124- Esporte

Afastado, auditor do STJD diz repudiar racismo

BERNARDO ITIRI
DO PAÍNEL FC

Alvo de acusações por ter supostamente publicado mensagens com teor racista no Facebook, o auditor do STJD Ricardo Graiche disse à **Folha** que repudia qualquer tipo de discriminação.

"Nunca admiti atitudes racistas e considero que elas merecem punição exemplar. Demostrei isso claramente votando pela condenação do Grêmio", afirmou o auditor, que se afastou do STJD após a divulgação das mensagens.

Ele participou do julgamento em que o Grêmio foi condenado à exclusão da Co-

pa do Brasil.

Após a sessão, a rádio Gaúcha divulgou as supostas mensagens que teriam cunho racista atribuídas a Graiche.

Numa delas, aparece um homem negro próximo a cabos de energia. A imagem cita um aumento no custo da energia com a mensagem "#somostodosmacacos".

Graiche justifica a publicação. "Para ilustrar o grau de distorção contida na insinuação, basta analisar uma das mensagens citadas, a do humorista nordestino Zé Lezin, que brinca com o aumento da tarifa de energia elétrica. Quem, como eu, viveu em Recife sabe que lá a ligação clan-

destina de energia elétrica é chamada de 'macaco', da mesma maneira que em São Paulo é chamada de 'gato'."

De fato, no Recife, é costume chamar de "macaco" as ligações clandestinas.

Embora justifique a publicação, no contato com a reportagem por e-mail, ele não assume claramente que tenha postado ou compartilhado essas mensagens.

Outras duas publicações teriam sido reproduzidas por ele, ambas com piadas envolvendo pessoas negras.

Após a polêmica, Graiche pediu licença do STJD, que abriu inquérito para averiguação dos fatos.



O auditor Ricardo Graiche durante julgamento do Grêmio



Reprodução de suposta publicação do auditor

Figura 125 – Esporte



Patricia se emociona durante entrevista

Cânticos das 2 torcidas têm a palavra 'macaco'

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Rivalidades à parte, tanto a torcida do Grêmio quanto a do Internacional cantam hinos que fazem referências a primatas.

Após o episódio de racismo contra o goleiro do Santos, a torcida Geral do Grêmio cantou, na partida contra o Bahia, no domingo (31), uma provocação ao Inter: "Somos campeões do Mundo, da Libertadores também, chora macaco imundo, que nunca ganhou de ninguém."

E cantaram ainda: "Somos a banda mais louca, a banda louca da Geral, a banda que corre os macacos do Internacional."

Os colorados, por sua vez, assumem o apelido em versos como "Me chamam de macaco, mas não é pela minha cor... É porque sou colorado e pelo Inter tenho amor!"

A origem do apelido pode remontar à fundação do Grêmio, em 1903. Por alguns anos, o tricolor gaúcho não aceitou jogadores negros, que foram absorvidos pelo time adversário anos depois. (rc)

Gremista acusada de racismo pede perdão a Aranha e quer encontrá-lo

JUSTIÇA Goleiro do Santos, no entanto, rejeita conversa com torcedora e pede punição

FERNANDA CANOFRE
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM PORTO ALEGRE
DE SÃO PAULO

Patricia Moreira falou por apenas um minuto com os jornalistas nesta sexta, dia 5, em um hotel de Porto Alegre.

Foi tempo suficiente para, chorando, enfatizar seu amor pelo time do Grêmio e pedir perdão a Aranha.

A auxiliar de odontologia de 23 anos, identificada como autora de xingamentos contra o goleiro santista, negou que seja racista.

"Quero muito pedir desculpas para o goleiro Aranha. Perdão de coração porque não sou racista. Aquela palavra 'macaco' não foi racis-

mo", disse ela.

Segundo o seu advogado, Alexandre Rossato, a palavra "macaco", usada no contexto de um jogo de futebol, não se configura em racismo. "É só mais um termo utilizado dentro do futebol."

Não foi esse o entendimento do STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva). As ofensas de Patricia e de outros torcedores gremistas culminaram na eliminação da equipe gaúcha da Copa do Brasil, em uma decisão inequívoca em casos de racismo.

"Foi no calor do jogo, o Grêmio estava perdendo, o Grêmio é minha paixão. Eu vivia para ir ao jogo do Grêmio", disse Patricia, que não quis responder às perguntas

dos jornalistas.

"Peço desculpas para o Grêmio, para a nação tricolor. Não queria nunca prejudicar o Grêmio. Eu amo o Grêmio. [Peço] Desculpas para o

“Quero muito pedir desculpas para o goleiro Aranha. Perdão de coração porque não sou racista. Aquela palavra 'macaco' não foi racismo”

PATRICIA MOREIRA
torcedora gremista

Aranha. Perdão, perdão, perdão mesmo", afirmou ela.

Segundo o advogado, sua cliente gostaria de encontrar o jogador santista para pedir desculpas pessoalmente.

O goleiro, contudo, preferiu não vê-la. Por meio da assessoria de imprensa do Santos e de amigos, disse que não existe razão para o encontro, que poderia minimizar a repercussão e a gravidade do episódio de racismo.

Aranha também afirmou que seu foco está no Santos, que joga hoje contra o Vitória, e que espera que os torcedores identificados pelos insultos sejam punidos.

'JULGAMENTO SOCIAL'
Rossato contou ainda que

a jovem abandonou as redes sociais e deixou a casa onde vivia, na zona norte de Porto Alegre. "Ela perdeu a vida", afirmou o advogado.

"A Patricia já foi julgada socialmente, independentemente de inquérito policial ou não. O racismo, infelizmente, é um problema social e não podemos jogá-lo tão somente em cima dessa menina", completou Rossato.

Na quinta-feira (4), ela prestou depoimento na Polícia Civil em Porto Alegre, quando já havia negado a intenção de ofender Aranha.

De acordo com a polícia, trata-se de caso de injúria racial, crime afiançável que pode acarretar pena de um a três anos de reclusão mais multa.

TORCIDA DE FLA PARA JENI CONTRA DISCRIMINAÇÃO

A Torcida Jovem prepara protesto antirracismo para o jogo contra o Grêmio, neste sábado (6), às 18h30, no Maracanã. "Vamos ostentar uma bandeira de um gorila e uma faixa dizendo: 'racismo é crime, somos todos iguais'", disse Flávio Stelin, presidente da organizada.

Figura 126 – Folha 10

GRITO E CENÓRIO
A advogada Patrícia Moreira chegou à delegacia do Porto Alegre chorando, na quinta-feira, após o jogo (acima); no detalhe, ela e o "macaco" durante o jogo entre Grêmio e Santos.

FOLHA 10 9 - RACISMO NO FUTEBOL
O MELHOR DA SEMANA EM 10 TEXTOS

Quero muito pedir desculpas para o goleiro Aranha. Perdão de coração, porque não sou racista. Aquela palavra "macaco" não foi racismo." Dita aos prantos, a frase é da auxiliar de odontologia Patrícia Moreira, 23, torcedora do Grêmio identificada como autora de xingamentos contra Aranha, goleiro do Santos, durante a partida de 28 de agosto, quando os paulistas bateram os gaitchos por 2 a 0.

Na quarta-feira (3), o STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) decidiu pela exclusão do Grêmio da Copa do Brasil de 2014 em função de atos de injúria racial.

"Foi no calor do jogo, o Grêmio estava perdendo, o Grêmio é minha paixão. Minha paixão mesmo. Eu vlvia para ir ao jogo do Grêmio. Eu largava tudo", disse a torcedora, que na sexta-feira (5) fez um rápido pronunciamento à imprensa em Porto Alegre — durou um minuto.

"Peço desculpas para o Grêmio, para a nação tricolor.

49

6, 7 DE SETEMBRO DE 2014
FOLHA 10 9 - RACISMO NO FUTEBOL
O MELHOR DA SEMANA EM 10 TEXTOS

À polícia, Aranha relatou ao menos quatro pessoas envolvidas nos xingamentos. Com base em seu depoimento, o Ministério Público abriu um processo por injúria racial contra os participantes.

O recurso que o Grêmio deve apresentar contra sua exclusão da Copa do Brasil deve ser julgado pelo pleno do STJD entre os dias 18 e 19 para não prejudicar a sequência da competição.

A intenção do órgão é esgotar juridicamente o caso antes do início das quartas de final do torneio, previsto para o dia 1º de outubro.

Com o julgamento antecipado na segunda instância, a Copa do Brasil não correria risco de ser paralisada ante a indefinição de um dos participantes da próxima fase.

A possibilidade de o torneio ser interrompido até o encerramento do caso havia sido levantada na quarta-feira pelo mandatário do Grêmio, Fábio Koff, e confirmada pelo próprio presidente da 3ª Comissão Disciplinar do STJD, Fabrício Dazzi.

A partida de volta entre Grêmio e Santos foi colocada

A EXCLUSÃO GREMISTA DA COPA DO BRASIL FOI A PRIMEIRA ELIMINAÇÃO DE UM TIME DE UM TORNEIO POR RACISMO NA HISTÓRIA DO FUTEBOL BRASILEIRO

52

6, 7 DE SETEMBRO DE 2014
FOLHA 10 9 - RACISMO NO FUTEBOL
O MELHOR DA SEMANA EM 10 TEXTOS

em suspensão e depois cancelada pelo tribunal, que decretou os paulistas vencedores do confronto.

A exclusão gremista da Copa do Brasil foi a primeira eliminação de um time de um torneio por racismo na história do futebol brasileiro.

Segundo o jornal francês "L'Équipe", trata-se de punição inédita no mundo. Levantamento feito pela reportagem não encontrou nenhum caso semelhante no mundo nos dois últimos anos.

CÂNTICOS

Cânticos da torcida Geral, do Grêmio, chamam os rivais colorados de macaco. De fato, a própria torcida do Inter faz menção ao apelido em um hino:

"Me chamam de macaco, mas não é pela minha cor É porque sou colorado e pelo Inter tenho amor! Ei você que é gremista agora preste atenção, tua torcida é racista e a minha é do povão

E eu como sou do Inter agora vou cantar e pular com um macaco com a guarda popular!

Posso ser macaco, mas e daí?

Nunca cai pra segunda e nunca paguei pra subir!" ***

53

6, 7 DE SETEMBRO DE 2014
FOLHA 10 9 - RACISMO NO FUTEBOL
O MELHOR DA SEMANA EM 10 TEXTOS

Não queria nunca prejudicar o Grêmio. Eu amo o Grêmio. [Peço] Desculpas para o Aranha. Perdão, perdão, perdão mesmo", afirmou Patrícia, que não respondeu a perguntas de jornalistas.

Na quinta-feira (4), a auxiliar de odontologia prestou depoimento na Polícia Civil e já havia negado a intenção de ofender o goleiro.

No pronunciamento de sexta, feito num hotel da capital gaúcha, o advogado de Patrícia, Alexandre Rossato, falou após as declarações da cliente que "macaco", usado dentro de um jogo de futebol, não se configura em racismo. "O termo é só mais um termo utilizado dentro do futebol", disse.

Segundo Rossato, a intenção da torcedora é pedir perdão ao jogador do Santos. "Ela deseja muito esse encontro. O que ela mais quer, pessoalmente, é pedir desculpas para o Aranha. Estou à disposição do goleiro Aranha".

POR MEIO DA ASSESSORIA DO SANTOS E AMIGOS, O GOLEIRO DISSE QUE NÃO VÊ MOTIVO PARA SE ENCONTRAR COM A TORCEDORA, E QUE ISSO ATÉ PODERIA MINIMIZAR A REPERCUSSÃO E A GRAVIDADE DO CASO

50

6, 7 DE SETEMBRO DE 2014
FOLHA 10 9 - RACISMO NO FUTEBOL
O MELHOR DA SEMANA EM 10 TEXTOS

Rossato contou ainda que a jovem saiu das redes sociais e deixou a casa onde vivia, na zona norte de Porto Alegre. "Ela perdeu a vida."

"A Patrícia já foi julgada socialmente. Independentemente de inquérito policial ou não (...) O racismo infelizmente é um problema social e não podemos jogar esse problema social tão somente em cima dessa menina", disse Rossato.

Por meio da assessoria de imprensa do Santos e amigos, porém, o goleiro disse que não vê motivo para fazer o encontro e que isso até poderia minimizar a repercussão e a gravidade do caso.

Aranha também afirmou que seu foco está no Santos e que espera que os torcedores identificados pelos insultos sejam julgados e punidos.

O CASO

A repercussão sobre o caso de racismo contra Aranha começou após a divulgação de imagens cedidas pela ESPN Brasil, que transmitia a partida entre Grêmio e Santos.

No vídeo, Patrícia aparece chamando o jogador de "macaco" durante o jogo. Ela foi afastada de seu trabalho de auxiliar de saúde bucal, na Brigada Militar, na sexta-feira (29).

51

Racismo no futebol

Convidado a escrever sobre uma tese genérica — se clubes podem ser responsabilizados por atos de suas torcidas —, escrevi “Clube e torcida são indissociáveis” (Tendências/Debates, 6/9). No entanto, o tema proposto foi mudado para “Punição ao Grêmio por ato de torcedores foi justa?”. A diferença pode parecer sutil. Mas no campo jurídico é imensa. Referi-me a um paradigma e não ao caso concreto. A regra geral não é aplicada cegamente a qualquer caso, independentemente de contexto e circunstâncias específicas. O jornal faz parecer que tenho posição definitiva e irretorquível a respeito do caso, o que não é verdade. O processo desportivo que envolve o Grêmio ainda tramita e será julgado em grau de recurso.

CAIO CESAR ROCHA,

advogado e presidente do STJD (Rio de Janeiro, RJ)

D4 esporte ★ ★ ★ DOMINGO, 7 DE SETEMBRO DE 2014

FOLHA DE S. PAULO

DUNGA COMEÇA no ponto em que Mano Menezes terminou: sem um centroavante como referência.

Desde Gerd Müller, em 1974, discute-se se o centroavante-centroavante é uma peça em extinção, mesmo porque, em 1970, Tostão não era, diferentemente do alemão.

Mas, em 1978, Mario Kempes era, assim como Paolo Rossi, em 1982, e daí por diante, como Romário em 1994, Ronaldo em 2002 etc.

A conclusão óbvia é que se abre mão do camisa 9 referência quando não se tem ninguém para tanto, menos de ser uma filosofia de jogo.

Felipão achou que Fred poderia ser, mas não foi, como Mano Menezes suspeitava. Dunga mesmo, em 2010, imaginou em Luis Fabiano o jogador capaz de exercer a função e também não foi bem assim.

Não são poucos os exemplos de times campeões sem o centroavante-centroavante. Aliás, são tantos que seria interminável citá-los aqui.

Hoje, melhor dizendo, antontem, o que vimos em Miami contra a Colômbia foi um ataque brasileiro sem posições fixas, com Diego Tardelli caindo ora por um lado ora por outro, como já faz, faz tempo e como Guerrero, mesmo sendo um 9 muito 9, anda fazendo sob o comando de Mano Menezes, mais por decisão dele do que do treinador, é verdade. Com seis jogadores que foram ti-

A prova dos nove

JUCA KFOURI

Da falta de referência no ataque da seleção à ausência de justiça na punição ao Grêmio por racismo

Na Copa do Mundo, o time de Dunga teve a virtude de abandonar a ligação direta e mostrou o velho defeito que só Ganso poderá resolver: nenhuma criatividade no meio.

Com 11 contra 11, a seleção brasileira perdeu dois gols feitos com Oscar e Neymar. Com 11 contra 10, depois que uma bola na mão virou mão

na bola, Neymar bateu como se fosse com a mão, ganhou com justiça. E pés no chão.

INJUSTIÇA

No país da impunidade, punições são aclamadas. Ainda mais se em causa que envolve ato repugnante como o racismo.

Sem nenhuma vontade de remar contra a corrente e com o cuidado de não parecer defeso de racista, considero que a punição ao Grêmio não fez sentido.

Nem entrarei no mérito da discus-

são se o time já estava ou não fora da Copa do Brasil.

Atenho-me ao que tenho lido e ouvido dos juristas que o país respeita, não esta gente que faz parte dos tribunais esportivos. Da direita à esquerda, quase todos eximem o Grêmio depois de o clube ter tomado as providências que deveria tomar.

Mais que excluir o Grêmio, carimbou-se no clube uma mancha indelevel e, outra prova da injustiça, foram punidos, também, os torcedores e jogadores negros do Grêmio.

Fosse eu presidente gremista acionaria o STJD por perdas e danos na Justiça de verdade.

Não se acaba com a impunidade cometendo injustiças e é má a ideia de que era preciso fazer qualquer justiça, ainda que não fosse justa. Pois não era e não foi.

COLUNISTAS DA SEMANA segunda: Juca Kfourí e PVC, quarta: Tostão, quinta: Juca Kfourí, sexta: Fábio Sotares, sábado: Xico Sil, domingo: Juca Kfourí, PVC e Tostão

Figura 127- 07/09/2014 D4 Esporte

Figura 128- 07/09/2014 Folha Corrida

FOLHA
corrida
a semana em **14 frases**
DOMINGO, 7 DE SETEMBRO DE 2014 R\$2

NO TABLET
Folha 3D destaca caso de atores hackeados em sistema de internet

6 FRASES
O QUE ELES disseram

DILMA ROUSSEFF
É governo novo, equipe NOVA. Não tenha dúvida disso

MARINA SILVA
[Uma pessoa] que nunca foi eleita nem vereadora e foi eleita presidente do Brasil, at sim poderia parecer COLLOR

HUMBERTO COSTA
Será uma FHC de saias

AÉCIO NEVES
[Peço] SERENIDADE. Conto com vocês. Começou a grande virada

EDUARDO JORGE
Eu não tenho NADA a ver com isso

CHIAN
As pessoas querem mais e DE GRAÇA

IZABEL GOULART
Não sei não ser SEXY

ALI HUSSEIN KADHIM
Minha vontade de VIVER era muito intensa

BARACK OBAMA
Nosso objetivo é degradar e destruir o El para que ele não seja mais uma AMEAÇA

VLADIMIR PUTIN
Se eu quiser, posso TOMAR Kiev em duas semanas

MALAYSIA AIRLINES
O que você quer fazer antes de MORRER?

PAULO NOBRE
Eu afirmo para você, o Palmeiras não vai CAIR

PATRICIA MOREIRA
Peço desculpas para o Grêmio. Quero muito pedir DESCULPAS para o goleiro Aranha

ADALBERTO PREIS
Foi tudo uma grande ENCENAÇÃO do goleiro para fazer cera



MARINA SILVA
R\$ 1,6 milhão em vendas em três anos

ALÍCIO NEVES
Alício culpa pilotos, TAM e Inmetro por tragédia em 2007

GOLEIRO ARANHA
Governo virará a Marina e apodará lá por lá gojão

CONTAS CRISTAS, USP
aproveitei desvios voluntários

MARINA PARA DE REVER
mas condições na frente no 2º turno

DILMA AFIRMA QUE
Mantega não fica em um 2º mandato

PREPÓSITO PAGO
a políticos, de ex-diretor da Previdência

Figura 129 – Esporte D3 07/09/2014

‘Quando a gente erra, há leis’, diz Aranha

JUSTIÇA Goleiro do Santos reafirma que torcedora gremista deva ser punida de acordo com legislação brasileira

ALEX SÁBINO
DE SÃO PAULO

“Como cristão”, Aranha perdoo a torcedora gremista Patrícia Moreira, 23. Mas o goleiro do Santos deixou claro que deseja que ela seja punida de acordo com a lei.

No jogo entre Grêmio e Santos, pela Copa do Brasil, no último dia 28, Patrícia foi flagrada por uma câmera da ESPN Brasil chamando o jogador de “maracão”. Ela poderá ser indiciada por injúria racial. A pena máxima para este crime é de três anos de prisão.

Chorando, a torcedora fez um pronunciamento em Porto Alegre, nesta sexta (5), pedindo desculpas a Aranha.

“Da minha parte, como cristão, como ser humano, eu precisava do pedido para desculpá-la. Isso não quer dizer que eu não quero que a justiça seja feita. Ela errou, tem as consequências. Como pessoa, a desculpa. Mas quando a gente erra, há leis para isso”, disse o goleiro após o triunfo do Santos por 3 a 1 sobre o Vitória, pelo Campeonato Brasileiro.

A partida aconteceu na noite deste sábado (6), no estádio do Pacaembu.

A reportagem apurou que Aranha não queria dar a entrevista. Pretendia não falar mais no assunto. Foi convencido a mudar de ideia porque foram muitos os pedidos de órgãos de imprensa brasileiros e internacionais.

Mas ele não quer nem ouvir falar na possibilidade de se encontrar com Patrícia.

Programas de TV como o “Fantástico”, da Rede Globo, tentaram promover o encontro. Ela mesmo disse queira pedir perdão pessoalmente.

“Não tem motivo para isso. Algumas pessoas poderiam achar que eu estava querendo me promover e isso atrapalharia a causa [da luta contra o racismo]. Não sou amigo dela, nunca fui e nem tenho interesse em conhecê-la. Ela pediu desculpas, está desculpada. Mas tem de pagar”, repetiu o goleiro.

Patrícia não é a única investigada pela polícia do Rio Grande do Sul. Aranha apontou outros torcedores que também o ofenderam racialmente. Considerou um erro os xingamentos recebidos pela torcedora nos dias seguintes. A casa dela foi apreendida e acabou demitida do emprego em empresa terceirizada que prestava serviços à Brigada Militar do estado. “Isso não pode acontecer.

Aranha durante entrevista no Pacaembu neste sábado



Com gol de Damiano, Santos bate o Vitória

DE SÃO PAULO

Um dos pivôs da demissão de Oswaldo de Oliveira, Leandro Damiano fez um dos gols do Santos no triunfo sobre o Vitória por 3 a 1, neste sábado (6), no estádio do Pacaembu.

Foi a estreia de Enderlem Moreira no comando da equipe. Além dos resultados fora de casa, Oswaldo caiu porque deixou Damiano no banco.

O atacante custou 13 milhões de euros (R\$ 35 milhões) ao clube, que pegou dinheiro emprestado de um fundo de investimento, para fazer a contratação.

Mas ele não tem tido o esperado. Em 27 jogos em 2014, marcou sete gols. O deste sábado foi seu segundo no Campeonato Brasileiro. Com a chegada de Enderlem Moreira, Damiano voltou a ser titular.

O atacante fez o primeiro gol do Santos. Os outros foram marcados pelo zagueiro David Brás. Dinei de Souza contou para o Vitória. Substituído no segundo tempo, Damiano foi aplaudido pela torcida. Até fazer o gol, era possível ouvir reclamações da público a cada bola que perdia.

Com o resultado, o Santos chegou aos 26 pontos, a sétima do G4. (A3)

55 Eu precisava do pedido para desculpá-la. Isso não quer dizer que não quero que a justiça seja feita. Quando a gente erra, há leis

Não sou amigo dela, nunca fui e nem tenho interesse em conhecê-la. Ela está desculpada. Mas tem de pagar

ARANHA, 31
goleiro do Santos



Torcedores gremistas, em pequeno número no Maracanã, também levaram cartazes

Rio tem público recorde e clima antirracismo

DE RIO

Em meio a um clima antirracismo, com diversos cartazes de protesto contra a discriminação, Flamengo e Grêmio duelaram neste sábado (6), no Maracanã, pelo Campeonato Brasileiro.

Foi o primeiro jogo da equipe gremista após a suspensão imposta pelo STJD que a eliminou da Copa do Brasil.

Depois do campo, o Grêmio marcou o seu gol nos ares e venceu por 1 a 0, interrompendo a série de cinco vitórias dos flamenguistas no campeonato.

Mas o que chamou mesmo as atenções estava fora de campo. A começar pelos quase 60 mil torcedores que foram ao estádio, registrando um recorde de público no campeonato.

Pouco mais de 4.000 ingressos foram colocados à disposição dos gremistas, mas o espaço reservado acabou praticamente vazio.

Só cerca de 500 torcedores arriscaram assistir à partida no Maracanã. Muitos chegaram sem a camisa do clube para evitar hostilidades.

Em um dos acessos do estádio, torcedores do Flamengo chamavam os gremistas

de racistas. Os ganchos não retribuíram aos insultos e os flamenguistas aumentaram o tom: passaram a atirar latas de cervejas nos rivais.

Policiais a cavalo dispersaram a confusão. Não houve feridos nem torcedores presos. A polícia só repreendeu os agressores. Alguns gremistas carregavam latas com a inscrição “hipocrisias”.

Por outro lado, dentro do Maracanã, houve manifestações pacíficas contra o racismo. Pais, acompanhados dos seus filhos, mostraram cartazes em meio à festa feita pela torcida rubro-negra. (MARCO ANTONIO MARTINS)

SANTOS	3	1	VITÓRIA
--------	---	---	---------

Rank	Time	Pontos	Classificação
1	Corinthians	32	1ª
2	Flamengo	28	2ª
3	Fluminense	26	3ª
4	Santos	26	4ª
5	Botafogo	24	5ª
6	Grêmio	22	6ª
7	Paraná	20	7ª
8	Atlético	18	8ª
9	Internacional	16	9ª
10	América	14	10ª
11	Avançado	12	11ª
12	Goianiense	10	12ª
13	Atlético	8	13ª
14	América	6	14ª
15	Botafogo	4	15ª
16	Flamengo	2	16ª
17	Fluminense	0	17ª
18	Grêmio	0	18ª
19	Paraná	0	19ª
20	Atlético	0	20ª

Figura 130

DIVIDIDA

“ Como ficam os árbitros, cujas mães são alvo das piores ofensas? As torcidas também serão banidas quando xingá-los? ”

IVES GANDRA MARTINS
jurista, sobre a polêmica envolvendo torcedores do Grêmio e o goleiro Aranha

Racismo

O episódio com a torcedora do Grêmio escancara um problema tão grave quanto o racismo. Qual será a reação das pessoas quando a dupla Gre-Nal jogar fora do Rio Grande do Sul e o estádio inteiro cantar em uníssono, como de costume: “Gaúcho veado”. O time dono da casa e a torcida serão punidos? O nosso maior problema é a hipocrisia arraigada na cultura do espetáculo, na qual só merece atenção temas e posições que estão sob os holofotes.

PAULO RANGEL PLÁ (Florianópolis, SC)

No caso do julgamento do Grêmio, quem saiu fustigado foi o STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva), que revelou um racista em seu quadro (“Afastado, auditor do STJD diz repudiar racismo”, “Esporte”, 6/9). Se for coerente, o rigoroso tribunal deve excluir da corte o referido juiz, que postou fotografia racista em rede social. Mas o STJD acertou em punir o árbitro da partida: é a primeira vez que a torcida do Grêmio alcança esta graça.

JOSÉ ISAAC PILATI (Florianópolis, SC)

Drauzio Varella, a julgar pelos seus escritos nesta **Folha**, é um apologista do evolucionismo. Isto é uma coisa. Agora, sugerir que o preconceito seja um tipo de manifestação reprimida por um córtex cerebral evoluído é o tipo de afirmativa que vem a reboque do contexto sociocultural em que o racismo se manifesta (“Racismo”, “Ilustrada”, 6/9).

LUÍS CÉSAR SCHIAVETTO

Figura 131- Esporte

Após Aranha, outro goleiro afirma ser alvo de racismo

POLÊMICA Igor, do Operário-MT, registra queixa policial contra torcedor

ALEX SABINO
DE SÃO PAULO

Igor, 28, evitou atender qualquer telefonema da família nesta segunda (8). Goleiro do Operário-MT, ele não queria, especialmente, falar com a mãe, Maria Esperança, que mora em Salvador.

“Eu sei o que ela dirá. Vai falar para eu largar o futebol porque não preciso passar por isso”, confessou à **Folha**.

Dez dias após Aranha ter sido vítima de racismo no futebol nacional, Igor denunciou ter sofrido a mesma discriminação.

Revoltado por crer que a arbitragem não tomou providências contra os torcedores que o ofendiam, ainda foi expulso de campo aos 37 min do 1º tempo.

Aconteceu neste domingo (7), em partida de sua equipe contra o Tombense-MG, pelo Brasileiro da Série D.

“Já no aquecimento começaram a tirar sarro de mim, chamando de ‘Aranha’ e ‘negão’. Depois foi ficando mais pesado”, disse ele, em entrevista por telefone à **Folha**.

Quando ouviu a palavra “macaco” pela terceira vez, chamou o árbitro Antônio de Carvalho Schneider.

“Ele não tomou nenhuma providência. Os gritos continuaram. Fiquei revoltado, ce-go de raiva. Peguei a bola e a chutei para a arquibancada. Ele me expulsou. Se tivesse chamado o policiamento da primeira vez, nada disso te-



Goleiro Igor, do Operário-MT, entra em campo para partida em Barueri, pela Série D

ria acontecido”, completa.

Igor saiu do estádio direto para a delegacia. Um torcedor foi identificado e preso. Horas depois, foi liberado.

Na súmula, Schneider citou que o goleiro acusava torcedores de o terem ofendido por ser negro.

Com isso, a procuradoria geral do STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) deve denunciar o Tombense. A equipe mineira pode até ser excluída do torneio.

Foi o que aconteceu com o Grêmio na Copa do Brasil. No último dia 28, Aranha denunciou ter sido vítima de xinga-

mentos raciais. Patrícia Moreira, 23, foi filmada chamando o santista de “macaco”.

O clube gaúcho recorreu da decisão.

SEM PUNIÇÃO

“O que aconteceu com a menina que ofendeu o Aranha? Ela vai ser presa? Não vai. O mesmo vai acontecer com o torcedor que me xingou. Isso revolta”, lamenta.

Schneider é árbitro da FERJ (Federação Estadual do Rio de Janeiro). A entidade avisou que ele não vai se pronunciar sobre o assunto.

Ninguém atendeu aos tele-

fones na sede do Tombense até a noite desta segunda (8).

Por ter sido expulso, Igor será julgado e pode também ser suspenso.

“Nunca fui expulso na carreira. Nunca pisei no STJD. Eu fui colocado em uma situação humilhante e ainda vou ser julgado?”, questiona.

A Polícia Militar mineira manifestou solidariedade ao jogador, mas lembrou não haver provas materiais.

“Tenho duas testemunhas do meu time. Vou levar isso até o fim. O rapaz que foi preso também é moreno. Quase da minha cor”, finaliza.

Racismo

Sobre o texto “A idade da pedra” (“Opinião”, 8/9), ressalto que vivemos num Brasil onde negros representam 70% das vítimas de assassinatos, segundo o Ipea. Nos lembramos de Amarildo (o trabalhador que “sumiu”), Cláudia Silva (a doméstica “arastada” por carro da PM do Rio), André Ribeiro (o professor linchado que teve que dar aula sobre a Revolução Francesa). Continuaremos lutando contra o legado da escravidão e atos racistas na nossa sociedade. Não podemos retroceder com a comoção causada por lágrimas de arrependimento exibidas na TV, nem merecemos o desserviço de campanhas como a “somos todos macacos”.

BRENDA LIGIA MIGUEL, atriz (São Paulo, SP)

A imprensa noticiou as declarações do goleiro Aranha pedindo a torcedora do Grêmio, mas exigindo sua punição. Uma grande dose de incoerência. Quem perdoa não deseja a punição do ofensor. Tal atitude é própria de quem deseja vingança e exterioriza seu rancor à torcedora, cuja conduta, conquanto reprovável, não pode ter a dimensão que estão dando ao fato, indo ao extremo de torná-la uma pária da sociedade ou “bode expiatório” de uma bandeira destinada a acabar com a intolerância racial.

ALEXANDRE LUIZ SENRA ANTONINI
(São Paulo, SP)

Figura 132 – Painel do Leitor

Figura 133- 02/09/2014 Esporte D3 e Primeiro Caderno

FOLHA DE S. PAULO

SEXTA-FEIRA, 12 DE SETEMBRO DE 2014 ★ ★ ★ esporte D3

Pelé é alvo de críticas de representantes de movimentos negros

RACISMO Ex-jogador havia dito que goleiro Aranha 'se precipitou em querer brigar com a torcida do Grêmio'

RAFAEL REIS
DE SÃO PAULO

"Essa 'fórmula Pelé' de combate ao racismo tem parte da responsabilidade pelo racismo ainda estar enraizado na sociedade brasileira. Combater o racismo sem mostrar-lhe é uma posição um tanto esquizofrênica."

A avaliação do advogado Hélio Silva Júnior, ex-secretário de Justiça de São Paulo e diretor-executivo do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e de Desigualdades, mostra como as declarações de Pelé sobre o "caso Aranha" inflamaram os grupos de combate à desigualdade.

O maior jogador da história disse na quarta-feira (10) que o goleiro do Santos se precipitou "em querer brigar

com a torcida do Grêmio" depois de ter sido chamado de macaco e defendeu que a melhor estratégia para combater o preconceito racial é não dar destaque ao assunto.

"É possível que se o Pelé tivesse paralisado pelo menos um jogo em que foi chamado de macaco enquanto era o jogador, o Brasil seria atualmente um país menos racista", criticou Silva Júnior.

Já o secretário municipal de Promoção da Igualdade Racial de São Paulo, Antonio Pinto disse não ter se surpreendido com as declarações porque Pelé é "mal formado nessas questões de racismo" e alertou que a opinião do ídolo do futebol "pode provocar um retrocesso a um direito humano fundamental, que é a igualdade."

"Adoraria que o Edson Arantes do Nascimento tivesse a mesma genialidade para perceber as mazelas do povo dele que ele tinha dentro de campo. O Pelé é um ícone mundial, com Michael Jackson e Muhammad Ali, e deveria aproveitar essa imagem para qualificar o debate sobre racismo no mundo."

Enquanto os envolvidos no combate ao racismo criticaram de forma pesada Pelé, ex-

jogadores tentaram explicar a forma de pensar do Rei do Futebol, mas não defenderam suas polêmicas opiniões.

"No nosso tempo, os jogadores chamavam de macaco, preto, crioulo, a gente [branco], de viado. Mas era para desestabilizar. No tempo do Pelé, essas coisas não eram tão valorizadas. Hoje, as ofensas são muito mais fortes, ditas. Não são mais gozação", contou o técnico Zico.

O ex-lateral Zé Maria, que integrou o movimento Democracia Corinthiana nos anos 1980, liderado por Sócrates, tem opinião semelhante.

"Na nossa época, era normal. A gente ouvia essas coisas, mas reagia com raiva em campo, vontade de ganhar. Mas o mundo mudou. Hoje, não dá mais para tolerar."

★ **STO INJURIA GRÊMIO POR OFensas A JAGUEIRO**

Após ser excluído da Copa do Brasil pelas ofensas a Aranha, o clube foi condenado pelo Pleno do STJD a pagar R\$ 30 mil de multa por conta das injúrias raciais de seus torcedores ao zagueiro Paulo, do Inter, na decisão do Gaúcho, em março.



★ **VÍDEO** Ricardo Goulart (à esq.) festeja seu gol, o 2º do Cruzeiro, que começou atrás do Bahia no Mineirão, líder do Brasileiro voltou a ter sete pontos sobre o São Paulo, vice

SÃO PAULO

Venda de ingressos tem longas filas e protesto no Morumbi

DE SÃO PAULO - O São Paulo iniciou na tarde de quinta-feira (11) a venda de ingressos em bilheteria para o jogo contra o Cruzeiro, no domingo (14), pelo Campeonato Brasileiro. Os guichês abriram às 16h, após a venda promocional pela internet ter sido encerrada. Todos os setores de arquibancada já estavam esgotados.

Havia filas logo cedo. Um grupo de torcedores que estava no local desde às 9h chegou a invadir o estádio pelo portão 2 para protestar contra o horário de abertura das bilheteiras. Depois, foi retirado pelos seguranças do clube.

O São Paulo não informou a carga vendida, mas prevê até 60 mil pagantes no confronto.

PALMEIRAS

Com desfalques na defesa, Dorival Júnior recorre à base

DE SÃO PAULO - Um dos problemas do técnico Dorival Júnior contra o Fluminense, neste sábado (13), pelo Brasileiro, é a defesa. Sem Lúcio e Wellington, machucados, o Palmeiras deve ficar também sem Tobio e Marcelo Oliveira.

Tobio sofreu estiramento na coxa esquerda na vitória sobre o Cricóma por 1 a 0, na quarta (10). Já Marcelo Oliveira reclamou dores na coxa direita.

Nesta quinta (11), Dorival observou Nathan e Gabriel Dias, do time sub-20. Um deles deve jogar com Victorino.

Com 21 pontos, o Palmeiras ocupa a 15ª posição do Campeonato Brasileiro, um ponto à frente do Coritiba, primeiro time na zona de rebaixamento.

SANTOS

Lesionados, Mena e Thiago Ribeiro devem desfalar equipe

DE SÃO PAULO - O Santos enfrenta problemas na preparação para a partida com o Coritiba, neste sábado (13), na Vila Belmiro, pela 21ª rodada do Campeonato Brasileiro.

O atacante Thiago Ribeiro levou uma pancada nas costas na derrota de 3 a 1 para o Sport, na quarta (10), e está avaliado.

Já o lateral esquerdo Mena retornou após defender o Chile com lesão na coxa direita.

No entanto, Robinho, que estava com a seleção brasileira, e Alison, com a seleção sub-21, voltaram a treinar nesta quinta-feira (11) e devem jogar.

“Combater o racismo não falando de racismo é uma posição um tanto esquizofrênica”

HÉLIO SILVA JÚNIOR
diretor-executivo do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e de Desigualdades

Kalunga

É Pelé

"Se eu fosse parar o jogo a cada vez que me chamassem de macaco ou crioulo, todo jogo teria que parar", declarou o ex-jogador Pelé ao comentar o recente episódio dos insultos racistas dirigidos ao goleiro Aranha, do Santos, em partida válida pela Copa do Brasil.

Considerando tais hostilidades como algo compreensível dentro da animosidade do jogo, o maior futebolista de todos os tempos acrescenta: "Quanto mais atenção der para isso, mais vai aguar". São opiniões remanescentes de um período da história brasileira em que as sensibilidades gerais para o preconceito, e o empenho em combatê-lo, eram menos intensas.

Com todos os exageros que possa haver na luta contra a "incorrecção política", o país felizmente avançou muito em detectar, e em enfrentar, os inúmeros sinais de racismo — ora sutis, ora explícitos, como no caso do goleiro Aranha — que atravessam seu cotidiano.

Se a frase de Pelé surge quase como uma extravagância isolada hoje em dia, impõe-se menos polemizar com o ponto de vista pessoal do craque do que assinalar outro fenômeno, bem mais ambíguo.

Desde a década de 1970, pelo menos — após Pelé fazer a famosa afirmação de que o brasileiro não sabe votar —, colecionar frases inoportunas do jogador tornou-se

uma espécie de esporte nacional.

Não haveria nisso algum tipo de satisfação secreta? Muitas opiniões de Pelé são altamente contestáveis. Mas, assim como o público internacional dá mostras de grande apetite pelos deslizos e curiosidades da casa real britânica, parece haver necessidade, entre os brasileiros, de marcar com as tintas do pequeno escândalo todas as escorregadelas de nosso "rei".

A imagem do atleta perfeito ganhou respeito e admiração; talvez, no entanto, tanta superioridade e sucesso tenham inspirado mais ressentimento do que carinho.

Alheio, como declara, a inúmeros aspectos do racismo que hoje se combatem, Pelé concentrou sobre si mesmo, sob o manto de variadas homenagens, um racismo silencioso, quase persecutório, a partir do momento em que obteve destaque infinitamente superior ao de todos os seus compatriotas.

Ao mesmo tempo, por ser negro, talvez tenha havido quem lhe cobrasse uma liderança no debate político e social que não se sentiu vocacionado a exercer.

Não foi Muhammad Ali ou Nelson Mandela; é Pelé. Isso basta, e não falta, no Brasil de hoje, quem possa lutar para que uma verdadeira igualdade racial se estabeleça, ampla e desimpedida, sem ambiguidades nem inquirições.

Figura 134- D4 Esporte 13/09/2014

D4 esporte ★ ★ ★ SÁBADO, 13 DE SETEMBRO DE 2014

FOLHA DE S. PAULO

AMIGO TORCEDOR, amigo seca-dor, é diferente quando você grita "bicha" ou "viado" e quando você comete a injúria racial de berrar "macaco" ou "preto fedido". Será? Existe alguma diferença sim, vamos tentar entender. Sempre lembrando, óbvio, do mantra greco-corintiano de Sócrates: só sei que nada sei.

Só sei que vivemos um momento histórico com estas discussões no futebol. Repare. Como não existe um só jogador assumidamente gay no Brasil, a provocação de "bicha", como se tornou onda contra o Rogério Ceni, por exemplo, é um manifesto que reforça o preconceito e a homofobia no geral, mesmo não atingindo o boleiro. Excesso de correção? Os ativistas do LGBT não acham.

Por não ter um alvo direto em campo, seria apenas mais um dos

tantos xingamentos, como o clássico fdp? Insulto que no Nordeste é traduzido para "fi de rapariga", a bela e até poética variação da língua portuguesa.

Os gritos racistas são bem mais cruéis, creio. Cadê a democracia racial? Você está atingindo covardemente, pela cor da pele, quase sempre a maioria dos atletas em campo. Nada simbólico ou filosófico. É porrada direta. Ah, na cara, o sol por testemunha.

Pisa na bola o Rei Pelé quando diz que o goleiro Aranha não deveria ter parado o jogo contra o Grêmio. Como na música de Caetano

Sobre bichas e macacos

XICO SÁ

Quem diria, na sua pior fase técnica, o ludopédio tupiniquim encara grandes temas e heranças malditas

Veloso, "e Pelé disse love, love, love". Pelé, simplesmente por ser Pelé, é a maior bandeira negra dos esportes. Não é obrigado a ser um combatente Malcolm X, um poeta Solano Trindade ou um Mano Brown da vida, mas é chato que permaneça nessa eterna retranca.

O crime do Olímpico é um momento histórico do futebol brasileiro. O manifesto divulgado pelo Corin-

thians ontem diz o seguinte: "Pelo fim do grito de 'bicha' no tiro de meta do goleiro adversário. Porque a homofobia, além de ir contra o princípio de igualdade que está no DNA corinthiano, ainda pode prejudicar o Timão".

Seja obedecido ou não pela fiel, seja você contra ou a favor, é outro grande momento da crônica de costumes deste Brasileiro. Só sei que o Ceni é o mesmo atingido com esse grito, uma vez que não temos, assumidamente, nenhum gay no futebol brasileiro.

O grito leva para o estádio o mesmo eco preconceituoso das ruas,

mas o goleiro tricolor, cujo time recebeu a alcunha de bambi dos adversários, jamais teria motivos diretos para protestar e paralisar uma partida.

A não ser que, por uma política de solidariedade, combatesse o retumbante brado homofóbico.

Compreenderam? Também não. Digo, queria fazer apenas um lançamento à moda Gerson, o canhoto de ouro, para o debate.

Só sei que vivemos um grande momento político de discussões no futebol, apesar de alguns dos principais candidatos à Presidência da República fugam, como o diabo da cruz, de discutir, por exemplo, o casamento gay.

Quem diria, na sua pior fase técnica, o ludopédio tupiniquim encara grandes temas e heranças malditas.

@xicosa

COLUNISTAS DA SEMANA segunda: JUCA REFORI e PVC, quarta: TOSTÃO, quinta: JUCA REFORI, sexta: FÁBIO BACHOLD, sábado: XICO SÁ, domingo: JUCA REFORI, PVC e TOSTÃO

Fotos: Ronaldo Bernardi/Agência ABS/Folhapress.



Acima, fachada da casa em que Patrícia morava em Porto Alegre; abaixo, relógio de água danificado pelo fogo

Fogo atinge casa de gremista que xingou Aranha

RACISMO Justiça decreta prisão de suspeito de iniciar incêndio, que não causou danos graves

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA DE PORTO ALEGRE

A Justiça decretou a prisão preventiva do suspeito de atear fogo na casa da torcedora gremista Patrícia Moreira, em Porto Alegre, durante a madrugada.

Ele foi transferido na madrugada de hoje para o presídio central da cidade.

Patrícia tem sido alvo de críticas desde que foi filmada em uma partida chamando o goleiro Aranha, do Santos, de "macaco", em 28 de agosto.

Segundo o delegado Tiago

Madalosso Baldin, do 14º Distrito Policial da capital gaúcha, uma testemunha reconheceu o suspeito, que tinha queimaduras nas mãos no momento da prisão.

A polícia descobriu o nome e endereço dele após investigação no bairro Passo das Pedras. Ele foi detido em local próximo à casa de Patrícia.

No momento do incêndio, o imóvel estava vazio porque foi colocado para alugar após a repercussão do episódio na Arena do Grêmio.

Com medo, os parentes

não informam onde Patrícia, que fez um pedido público de desculpas ao goleiro Aranha, está morando.

O Corpo de Bombeiros foi acionado às 5h e chegou ao local em dois minutos, de acordo com o boletim de ocorrência da corporação.

Segundo o major Elenar Lainei de Mello Fernandes a equipe não chegou a apagar o fogo. "As chamas já tinham sido combatidas por populares", disse.

Durante a tarde, três peritos inspecionaram a casa por

cerca de meia hora, mas não deram detalhes da investigação. O local já havia sido limpo pelo irmão de Patrícia.

O inspetor de polícia Fábio Pimentel afirma que o fogo não ganhou grande proporção porque não havia material combustível no local. O princípio de incêndio ocorreu na área externa da casa. (PAULA SPERB E FELIPE BÄCHOLD)



Figura 136- PAINEL DO LEITOR, PRIMEIRO CADERNO E ESPORTE

Racismo no futebol

Branco, 63 anos, heterossexual, casado, pai, avô, são paulino. Me orgulho de ter estudado em escolas públicas, de ter e ter tido amigos negros, gays e lésbicas. Me orgulho também de ter tido como ídolos Pelé, João do Pulo e Rosa Franca do basquete.

Malham a tolinha gaúcha por ter gritado macaco, mas há anos a Fiel grita "Rogério veado", os da Torcida Independente retrucam com "gambá", e ambos gritam "porco" para os palmeirenses. Os maiores problemas atuais são o congestionamento no Hall da Fama: cada um querendo mais holofotes que o outro.

MARCOS MARCONDES (Indaíatuba, SP)

Como salientou Xico Sá ("Sobre bichas e macacos", "Esporte", 13/9), não temos nenhum jogador de futebol assumidamente gay, assim como não vemos juizes, promotores e deputados assumirem sua homossexualidade. Enquanto as pessoas ficarem escondidas no armário, haverá muito preconceito contra a minoria.

MARCOS BARROSA (Casa Branca, SP)

Sou italiano e quando cheguei ao Brasil, há 60 anos, achei maravilhosa a convivência cotidiana entre todos aqui. Era um exemplo para o mundo. Agora, com essa história de discriminação, estão criando antagonismo prejudicial, um racismo que não existia. Pelé tem toda a razão ("Pelé diz que Aranha se precipitou ao enfrentar atos racistas de gremistas", "Esporte", 10/9).

GIULIO FRASCARI (São Paulo, SP)

Ronaldo faz crítica a declarações de Pelé

RACISMO Para Fenômeno, Aranha fez bem ao denunciar injúrias no estádio, atitude desaconselhada pelo Rei

ITALO ROQUEIRA
SOUSA

O ex-jogador Ronaldo classificou, neste domingo (14), como "desastroso" o comentário de Pelé sobre o caso de racismo contra o goleiro Aranha, do Santos, ocorrido em agosto, na Arena do Grêmio, durante partida das oitavas de final da Copa do Brasil. Julgado pelo caso, o clube gaúcho foi eliminado do torneio.

Na última quarta-feira (10), Pelé afirmou em evento no Rio que Aranha se precipitou ao contestar torcedores do Grêmio que o xingaram de macaco durante o jogo. Ronaldo defendeu a atitude do

goleiro santista e criticou a declaração do Rei do Futebol.

"Achei desastroso o comentário de Pelé. Se a pessoa sofre um ato de racismo, ela tem que denunciar. Tem que fazer valer o seu direito de cidadão", afirmou o ex-atacante Ronaldo durante ato de campanha do senador Aécio Neves (PSDB), candidato à Presidência, na sede da Cuiabá (Central Única das Favelas), na zona norte do Rio.

Ronaldo ainda defendeu punição a todos os torcedores identificados profereindo injúrias racistas contra Aranha naquela partida.

"Todo mundo tem que ser contrário a qualquer ato de

racismo. As pessoas têm que tomar consciência que é um sentimento muito antigo e atrasado. As pessoas têm que ser punidas pelos crimes que cometerem", disse Ronaldo.

Além de ter dito que o ato de Aranha foi precipitado, Pelé ainda havia afirmado que não se pode culpar o racismo em lugares públicos, como estádios de futebol.

"O Aranha se precipitou um pouco em querer brigar com a torcida. Se eu fosse parar o jogo cada vez que me chamassem de macaco ou crioulo, todo jogo teria que parar. O torcedor, dentro de sua animosidade, ele grita. Acho que temos que culpar o

racismo, mas não é em um lugar público que vai culpar. [...] Quanto mais atenção der para isso, mais vai agucar", disse o ex-jogador, ídolo do Santos e da seleção brasileira.

As ofensas racistas ocorreram no dia 28 de agosto, durante partida pelas oitavas de final da Copa do Brasil. O caso gerou a exclusão do Grêmio da competição.

O clube ainda pode sofrer punição. O Pleno do STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) deve julgar o recurso do clube gaúcho no dia 26 de setembro.

A polícia gaúcha investiga o caso. Até o momento, nenhuma pessoa foi indiciada.

INCÊNDIO

O homem detido na tarde de sexta (12) sob suspeita de ter iniciado o incêndio na casa da gremista Patrícia Moreira confessou o crime.

Patrícia foi filmada por câmeras de TV chamando o goleiro Aranha, do Santos, de "macaco", na partida contra o Grêmio, em 28 de agosto.

Segundo o delegado Tiago Baidin, titular da 1ª Delegacia de Polícia de Porto Alegre, o suspeito, que tem 28 anos e trabalha como eletricitista, disse ter ingerido bebidas alcoólicas antes de cometer o crime e que sentia nojo do que Patrícia havia feito. Ele está preso preventivamente.

INOMINADO É PUNIDO

Carlos Treviño Núñez, político de Querétaro, cidade mexicana com o mesmo nome do clube pelo qual Ronaldinho Gaúcho vai jogar, escreveu mensagem polêmica no Facebook, após a apresentação do meia.

"Sou tolerante, mas detesto futebol, o futebolista que produz. Detesto mais ainda porque as pessoas inunam os noas e nos atiram para chegar em casa. É isso tudo para ver um macaco. Brasileiro, mas macaco, sim. É um círculo ridículo."

HÉLIO SCHWARTSMAN

Prisioneiros do tempo

SÃO PAULO - "Não sou e nunca fui favorável a promover a igualdade social e política das raças branca e negra... há uma diferença física entre as raças que, creio, sempre as impedirá de viver juntas como iguais... E eu, como qualquer outro, sou a favor de que os brancos mantenham a posição de superioridade."

Vamos processar o autor da frase por injúria ou racismo? Difícil. Ele já morreu. Além disso, tem certo crédito na praça. Abraham Lincoln, afinal, levou os EUA à guerra civil para pôr fim à escravidão. Mas mesmo ele era prisioneiro de sua época.

Gostamos de descrever nossos valores em termos de uma moral absoluta, mas a realidade é mais complexa. Ainda que certas intuições morais sejam universais, é grande o espaço que a cultura tem para moldá-las. A escravidão foi aceita sem questionamento ético durante a maior parte da história. Nem Aristóteles nem Cristo viram problemas nela.

Como e por que o "Zeitgeist" (espírito do tempo) de uma sociedade

se modifica permanece um mistério. Mas, felizmente, ele muda. Apenas 50 anos atrás, um país desenvolvido como os EUA ainda mantinha leis segregacionistas. Hoje, qualquer americano educado, que não asse o nariz na manga da camisa, vê com genuíno horror atos e palavras discriminatórios. No plano do "Zeitgeist" a luta contra o racismo foi vencida. Isso não significa, é claro, que o triunfo tenha chegado às estatísticas sociais.

O ponto que defendo aqui, na esteira de Friedrich von Savigny, é que esse tipo de revolução cultural independe da vontade do legislador. Quando este se digna a aprovar um diploma, é porque a sociedade já chegara muito antes a esse parecer.

Obviamente, sempre sobram grupos marginais que resistem à mudança. Mas, enquanto se limitam a dizer bobagens sem pô-las em prática, não vale a pena gastar recursos públicos com eles. Respostas mais adequadas à falta de sintonia com o "Zeitgeist" são o gelo social e uma boa caçoada.

heliog@uol.com.br

Apêndice. A ideia de construir o hotel tem apoio do hospital Albert Einstein, localizado próximo ao Morumbi. Aidar relata ter conversado com Claudio Lottenberg, presidente do hospital, que teria endossado a construção do hotel próximo ao estádio para abrigar estudantes de sua faculdade e acompanhantes de pacientes.

Tô... Aidar afirma que recentemente havia fechado com dois parceiros para financiar a reforma do Morumbi, mas, após o vazamento das informações sobre o projeto, um deles abandonou o barco. As empresas que par-

Agenda. O Superior Tribunal de Justiça Desportiva adiou o segundo julgamento do caso Aranha, no qual o goleiro do Santos foi alvo de racismo em jogo com o Grêmio. A sessão, inicialmente marcada para sexta-feira (19), foi agendada para o dia 26.

Cadê? O motivo da alteração de datas é a falta de quórum. Até a semana passada, apenas cinco auditores haviam confirmado presença na sessão de sexta (19). Por precaução, o presidente do STJD, Caio Rocha, remarcou para o dia 26, data em que sete auditores garantirão participação.

Ronaldo critica fala de Pelé sobre caso Aranha

O ex-jogador Ronaldo classificou neste domingo (14) como "desastroso" o comentário de Pelé sobre o caso de racismo contra o goleiro Aranha, do Santos, ocorrido mês passado na Arena do Grêmio durante partida válida pela Copa do Brasil.

Na última quarta-feira (10), Pelé afirmou que Aranha se precipitou ao contestar torcedores do Grêmio que o xingaram de macaco durante o jogo. Ronaldo defendeu a atitude do goleiro san-

tista e criticou o ídolo da seleção brasileira.

"Achei desastroso [o comentário de Pelé]. Se a pessoa sofre um ato de racismo, ela tem que denunciar. Tem que fazer valer o seu direito de cidadão", afirmou Ronaldo durante ato de campanha do senador Aécio Neves (PSDB), candidato à Presidência, na sede da Cufa (Central Única de Favelas), no Rio. O ex-jogador defendeu punição a todos os torcedores identificados. **Esporte D4**

SEGUNDA-FEIRA, 15 DE SETEMBRO DE 2014 ★ ★ ★ **opinião A3**

PAINEL DO LEITOR

A cada seção disponibiliza pelo e-mail leitor@folha.com.br, pelo 0800 122341669 e no endereço: Of. Serviço do Leitor, 425, São Paulo, CEP 01307-900. A Folha só publica comentários de leitores assinantes.

Eleições 2014

Gostaria de perguntar à leitora Neli Aparecida de Faria (Painel do Leitor, 14/9) se ela nunca chorou quando sofreu ataques sistemáticos e mentirosos como Marina Silva vem sofrendo. É humano chorar e desumano o assédio moral a qualquer pessoa. A força moral não está em evitar o choro, mas em não desistir de suas convicções e lutar pelo que acredita.

RADIOICO CÂMARA GUIMARÃES (São Paulo, SP)

Racismo no futebol

Giulio Frascari (Painel do Leitor, 14/9) fala que, ao chegar aqui oriundo da Itália, achou maravilhosa a convivência de todas as "raças". Sr. Giulio, no nosso país nunca houve cordialidade entre os descendentes das diversas etnias. Sempre existiu um racismo velado, que na hora do "nervosismo" se manifesta. Essas atitudes precisam acabar. A erva daninha se corta pela raiz.

GERALDO POTIGUAR DO NASCIMENTO (São Paulo, SP)

Figura 138- Painel F.C, Capa Esporte e Painel do Leitor



Juan Carlos Hidalgo/Efe

» **QUEM É QUE SENTA?** Torcida do Real Madrid pede, em enquete, que o goleiro espanhol Iker Casillas (à esq.) vá para o banco e dê lugar ao costa-riquenho Keylor Navas

Clube de Ronaldinho pede punição exemplar a político

RACISMO Mexicano chamou jogador brasileiro de macaco e depois pediu desculpas

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

Três dias após fazer comentário racista contra o jogador Ronaldinho, o político Carlos Treviño Núñez, ex-secretário de desenvolvimento social da cidade mexicana de Querétaro, usou o Twitter para pedir desculpas.

“Desculpas sinceras à torcida do Querétaro por minha lamentável expressão. E Ronaldinho, como pessoa e como jogador, tem todo o meu respeito”, escreveu.

Na sexta-feira (12), dia da apresentação do brasileiro, Treviño usou o Facebook para reclamar e fez comentário racista contra Ronaldinho.

“Tento ser tolerante, mas detesto futebol e o fenômeno de idiotice que produz. Detes-

to ainda mais porque as pessoas atrapalham e inundam as avenidas para fazer com que demore duas horas a chegar em casa. E tudo para ver um macaco. Brasileiro, mas ainda assim um macaco. Isto é um circo ridículo”, disse.

O clube de Ronaldinho divulgou nota de repúdio e pediu “punição exemplar”.

“Depois da lamentável publicação realizada por uma pessoa de status público, exigimos às respectivas autoridades que tomem ações no assunto”, afirmou o clube.

Ronaldinho treinou pela primeira vez nesta segunda.

Kalunga

Figura 139 – 17/09/2014 Esporte

D4 esporte ★ ★ ★ QUARTA-FEIRA, 17 DE SETEMBRO DE 2014

FOLHA DE S. PAULO

Felipão diz que Aranha fez armação no caso de racismo

BRASILEIRO Goleiro volta amanhã à Arena do Grêmio, palco das injúrias

FELIPE BÄCHTOLD
DE PORTO ALEGRE

O treinador do Grêmio, Luiz Felipe Scolari, disse nesta terça (16) que o goleiro Aranha, do Santos, provocou uma “esparrela”, no sentido de armação, ao reclamar de ofensas racistas em jogo pela Copa do Brasil, em Porto Alegre, há três semanas.

A declaração, informal, ocorreu em um treino da equipe no estádio Olímpico.

Antes da atividade com os jogadores, segundo o jornal “Zero Hora”, Felipão se dirigiu a um assessor de imprensa e disse: “Vê se eles [jornalistas] vão cair na esparrela do Aranha de novo. Fala com eles, diz para eles.”

Procurada, a assessoria do clube não quis se manifestar.

As duas equipes voltam a duelar na Arena do Grêmio, quinta (18), pelo Brasileiro.

Preocupada com o clima do reencontro do goleiro com a torcida gremista, o clube contratou cinegrafistas para filmar os torcedores e vai espalhar dirigentes como “olheiros” pelo estádio.

Na partida pela Copa do Brasil, torcedores xingaram Aranha de “macaco”. Por causa das ofensas, o Grêmio foi excluído da competição.

Além dessas medidas, o clube também anunciou, nesta terça (16), que vai alterar a forma de venda dos ingressos da arquibancada popular onde se posicionam torcidas or-

ganizadas. Foi desse ponto do estádio que partiram os xingamentos a Aranha.

Os ingressos para esse setor — denominado arquibancada norte — serão vendidos individualmente apenas pela internet e com a identificação do RG do comprador.

No jogo pela Copa do Brasil, a auxiliar de odontologia Patrícia Moreira, 23, foi filmada pelas câmeras da ESPN Brasil gritando “macaco” para o jogador do Santos.

BIG BROTHER

A direção do Grêmio informou ainda que os cinegrafistas contratados vão registrar com 20 câmeras o comportamento dos torcedores das arquibancadas populares.

No julgamento que definiu a exclusão do time da Copa do Brasil, ao qual ainda cabe recurso, a defesa do Grêmio argumentou que não houve omissão e que o clube contribuiu para esclarecer os fatos.

“Entendemos que a obrigação do clube é identificar a pessoa e entregá-la para as autoridades para que seja processada”, diz o vice-presidente Nestor Hein.

Uma das preocupações da diretoria é com cântico em que torcedores do Inter são chamados de “macacada”.

O Grêmio diz que participa de campanhas educativas do Ministério Público. Jogadores já entraram em campo com uma faixa que dizia: “Somos azuis, pretos e brancos”.



Felipão dá treinamento nesta terça (16) em Porto Alegre

Figura 140- Esporte D4 17/09/2014

WELTO SCHWARTSMAN

Cristo e a escravidão

SÃO PAULO - Alguns leitores me escreveram para criticar passagem de meu texto de domingo em que disse que Cristo não viu problemas éticos na escravidão. Segundo eles, a mensagem "ama ao próximo como a ti mesmo" já vale como condenação moral da escravidão. Será?

Se pinçarmos nossas frases favoritas na Bíblia e generalizarmos sua aplicação, "provaremos" o que quisermos e o seu contrário também. A boa exegese requer passagens específicas. No caso da escravidão, ela está em Lucas 12:47-48. Ali, Jesus fala sobre servos e senhores e não só deixa de condenar a escravidão como parece defender a chibata: "O servo que soube a vontade do seu senhor, e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites; mas o que não a soube, e fez coisas que mereciam castigo, com poucos açoites será castigado".

Outros livros do Novo Testamento são mais explícitos: "Escravos, obedçam a seus senhores terrenos com respeito e temor, com sinceridade

de coração, como a Cristo" (Efésios, 6:5); "Todos os servos que estão debaixo do jugo considerem seus senhores dignos de toda honra, para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados" (Timóteo, 6:1).

No Antigo Testamento, as passagens pró-escravidão são ainda mais abundantes e vívidas. Gosto especialmente de Êxodo 21:7 que nos autoriza a vender filhas como escravas.

E o que isso tudo nos diz? Não muito. Penso que o conjunto de trechos bíblicos só reforça a tese de minha coluna dominical de que somos prisioneiros de nosso tempo. Durante a maior parte da história, a escravidão foi vista como um fato da vida, que não comportava dilemas éticos.

É claro que isso só funciona para quem, como eu, sustenta que a moral é historicamente determinada. Os que creem que ela é eterna e que as Escrituras têm inspiração divina precisam de muita ginástica mental para conciliar o texto antigo com nossa sensibilidade moderna.

heliog@uol.com.br

BRASILEIRO

Aranha volta à Arena, e agressora quer ser símbolo contra o racismo

DE SÃO PAULO - A torcedora Patrícia Moreira da Silva, flagrada há 21 dias chamando de macaco o goleiro Aranha, do Santos, voltou a se manifestar e disse que agora quer ser um símbolo contra o racismo.

Foi o que disse a gremista em entrevista publicada no jornal "Zero Hora" na véspera do reencontro entre Grêmio e Santos, nesta quinta-feira (18), pelo Campeonato Brasileiro, em Porto Alegre.

"Eu quero, não só dentro da Arena, mas em outros estádios, na vida social, ser um símbolo contra o racismo. Pretendo mudar essa imagem. Ser um

exemplo que englobe todos os fimes, torcidas", diz Patrícia, que pela agressão verbal contra Aranha responderá a um processo por injúria racial.

O episódio ainda prejudicou o Grêmio, que foi excluído da Copa do Brasil em decisão inédita do Superior Tribunal de Justiça Desportiva.

Para se precaver, o Grêmio contratou cinegrafistas para filmar os torcedores nesta quinta diante do Santos e vai espalhar dirigentes como "olheiros" pela arena. O Grêmio já conduz há um ano a campanha "Azul, preto e branco" contra o racismo.

GRÊMIO
T: Luiz Felipe Scolari

Marcelo Grohe
Petrin Geronzi Rhodolfo Para.
Maicos Rodriguez Jamiro Maheus Binho Luon
Felipe Bastos Barcos Duou
Robinho Leandro Damiao Gabriel
Lucas Lima
Zé Carlos Amuzo Souza Celso
Edu Dracena David Brar Aranha

SANTOS
T: Enderson Moreira

Estádio: Arena do Grêmio (Porto Alegre - RS)
Árbitro: Ricardo Marques Ribeiro (MG)

NA TV
20h30 SporTV

Figura 141- Primeiro Caderno e Esporte

AMIGO TORCEDOR, amigo secedor, o futebol, como no título de uma canção do gremista Lupicínio Rodrigues, virou uma "caixa de ódio". Depressivo e constrangedor o espetáculo da torcida do tricolor gaúcho na volta de Aranha a Porto Alegre. Parecia referendar tudo o que ocorreu no jogo anterior, quando foi cometido o crime de injúria racial contra o goleiro do Santos. Parecia que nada havia acontecido de grave.

Um cartaz de um senhor fanfarrão dizia, sem a menor cerimônia, que o jogador do Alvinegro havia encenado tudo, como se o país todo não tivesse testemunhado, pela TV, as manifestações racistas. Esse clubismo cego me dá um tremendo nóde do mundo futebolístico.

Como disse o próprio Aranha, sempre comedido e longe de tirar proveito do episódio, foi triste, muito triste. Ninguém seria ingênuo ao

ponto de esperar uma civilizada claque de aplausos no regresso do número 1 do Peixe à Arena do Grêmio. A vaia faz parte do espetáculo. A deste reencontro, porém, parecia aprovar o crime do jogo pela Copa do Brasil. Repito: depressivo, constrangedor.

É, meu caríssimo e centenário Lupicínio, a "caixa de ódio" — título do concerto genial de Arrigo Barnabé — reverbera no futebol. E não somente no caso do Aranha. Repare que

triste notícia em terras paulistanas: a direção da Arena Corinthians vai retirar parte das cadeiras do estádio sob o temor de quebra-quebra

Caixa de ódio

XICO SÁ

Em vez de gastar toda essa energia para mudar, a turma prefere o preconceito e a intolerância

por parte da torcida do São Paulo no próximo domingo.

O mata-mata entre os fanáticos nem se fala. E aí vale para quase todos os clubes e os doentes do clubismo. Como se esse futebol valesse uma vida.

Só mesmo cantando os belos versos de Lupicínio: "Fazer do meu peito uma caixa de ódio / Como um coração que não quer perdoar." A le-

tra do grande gremista, obviamente, tratava de uma "dor de cotovelo", sua marca de romantismo na música brasileira.

Antes de Grêmio OxO Santos, uma banda homenageou o velho Lupi, autor do hino mais bonito dos times brasileiros. Achei que o espírito do boêmio contagiaria os torcedores do Tricolor do Rio Grande do Sul. Nada. Aranha enfrentou novamente o som e a fúria da intolerância.

VERGONHA

O grande personagem do Brasileiro até o momento é o destemido Emerson Sheik, do rebelde Botafogo

do prezado amigo Afonsinho. Não é de hoje que Sheik desafia o coro dos contentes e enfrenta a guarda. Histórico o momento em que se dirigiu às câmeras e fez o discurso político mais importante deste ano eleitoral: "CBF, você é uma vergonha."

A frase vale além do varejão dos erros de arbitragem, embora tenha sido pronunciada no calor deste motivo. Vale pré e pós 7 x 1, vale pelo conjunto da obra. Vale pelo que temos (Marin) e pelo que teremos (Del Nero) na CBF.

Que vire lema nos estádios. Seria lindo que toda essa energia fosse gasta para derrubar estes senhores que tanto nos envergonham. Só que não, como diz irônica negativamente nas redes sociais. A turma prefere o preconceito e a intolerância.

©xicon

COLUNISTAS DA SEMANA segunda: Joca Mourão e PVC, quarta: Tosião, quinta: Joca Mourão, sexta: Fábio Selaes, sábado: Xico Sá, domingo: Joca Mourão, PVC e Tosião

Figura 142 – Esporte D4 20/09/2014

Ironia contra Aranha é crime racial, afirmam advogados

BRASILEIRO Torcedor gremista foi flagrado gritando "Branca de Neve"

RAFAEL REIS
DE SÃO PAULO

Aranha voltou a ser alvo de injúrias raciais de torcedores do Grêmio, avaliam advogados ouvidos pela reportagem.

Nesta sexta (dia 18), ao desembarcar em São Paulo vindo de Porto Alegre, o goleiro do Santos disse que foi chamado de "branquelo" pela torcida do time rival durante o jogo entre Grêmio e Santos na noite de quinta (dia 17).

"Não me chamaram de preto fedido, mas de branquelo. Era piada?", indagou o goleiro, que também foi vaiado diversas vezes durante o jogo.

Essa partida aconteceu 21 dias depois que ele foi ofendido com gritos de "macaco" na Arena Grêmio, em episódio que levou à exclusão do clube da Copa do Brasil.

Além do "branquelo" mencionado por Aranha, imagens do site "Globoesporte.com" mostram um gremista gritando "Branca de Neve" em direção ao goleiro. São, afinal, novas ações racistas?

"O que vale é a intenção, não a palavra usada. Não importa se você fala uma palavra que é o oposto da original com a mesma intenção de ofender. Se há um componente racial, você deve apli-

car essa lei", avalia o advogado Mário Solimene Filho, especialista em questões de diversidade racial e sexual.

O advogado Dojival Vieira dos Santos, presidente de uma Ong que combate o racismo, é mais enfático. Ele cobra que o Grêmio receba uma nova punição, semelhante à que o tirou da Copa do Brasil.

"Não há dúvida de que aconteceu ontem [quinta] o mesmo que havia ocorrido em agosto, com o agravante da reincidência. A lei diz que não se pode utilizar elementos referentes a cor ou raça em ofensas", afirma.

Já diretor jurídico do Grê-

mio, Thiago Brunetto, disse não ter ouvido ofensas dirigidas ao goleiro, apenas vaias.

"É evidente que o goleiro ganhou o protagonismo por causa dessa situação lamentável e que a torcida do Grêmio pegou no pé, vaiou o jogo inteiro. Campo de futebol não é shopping, não é um ambiente de educação. Não podemos criminalizar a vaia."

O procurador-geral do STJD, Paulo Schmitt, disse que, por ora, não irá investigar o comportamento da torcida gremista no reencontro com o goleiro do Santos. Para ele, não há "registros de ocorrências significativas".

Figura 143- Esporte 20/09/2014

Figura 144 – Painel do Leitor e Folha Corrida

Racismo no futebol

Um absurdo a nova investida dos torcedores do Grêmio contra o goleiro Aranha, do Santos (“Após vaias, Aranha critica torcida gaúcha”, “Esporte”, 19/9). De tempos em tempos, recebemos notícias de violência, racismo e homofobia nos estádios de futebol do Brasil e do mundo.

PAULO HENRIQUE FERNANDES SILVEIRA
(São Paulo, SP)



RONALDO NAZÁRIO
Achei **DESASTROSO**
[o comentário de Pelé].
Se a pessoa sofre um
ato de racismo, ela
tem que denunciar
ex-jogador, a respeito do que disse Pelé
sobre Aranha ter se precipitado ao
contestar torcedores do Grêmio que
o xingaram de macaco durante jogo

Preconceito faz corintiano desistir de jogo

RAFAEL VALENTE
DE SÃO PAULO

Jayne Borges, 33, pensou em ir ao Itaquerao apoiar o Corinthians diante do São Paulo neste domingo (21). Desejava conhecer a nova casa de seu clube, mas desistiu. O motivo? As provocações homofóbicas entre as torcidas.

O jornalista assume que é "corintiano e sofredor". Também é homossexual e namora há dois anos um economista santista.

"Tenho deixado de ir justamente por causa das provocações. Não quero ouvir desafio. Corinthians x São Paulo tem xingamento, discussão, briga e preconceito", diz.

Borges se sente desrespeitado pelas manifestações dos adversários, mas também pelas dos companheiros de arquibancada, com quem divide a paixão pelo Corinthians.

O jornalista lamenta que o preconceito aos gays seja comum no futebol. Lamenta também quando ele é reproduzido nas arquibancadas por outros gays.

"Vejo a torcida do Corinthians chamar são-paulino de 'bambi', alguns que fazem isso até são gays. Um gay ofender outro dessa forma é quase como um negro xingar um semelhante de macaco", afirma.

Borges também vê o preconceito como o principal responsável para que o tema seja um tabu no futebol. "Conheço muitos 'manos' da Gaviões da Fiel que são gays, mas que evitam se expressar por medo."

O corintiano aprovou quando o clube divulgou um manifesto à torcida pedindo fim do grito de "bicha" para os rivais. "Isso só estimula o preconceito."

Também acha correto a Justiça desportiva punir torcedores que cometam atos discriminatórios. Mas discorda da exclusão do Grêmio da Copa do Brasil por ofensas racistas de torcedores contra o goleiro Aranha, do Santos.

"Punir o clube não vai dar exemplo. A pena tem de ser ao indivíduo, e o preconceito deve ser combatido com investimento na educação", completa.

HOMOFOBIA em campo

Após episódios recentes de racismo no futebol brasileiro, o primeiro Corinthians x São Paulo disputado no Itaquerao promete ser **marcado** por um outro tipo de ofensa



Jayne Borges, que desistiu de ir ao clássico no Itaquerao



Silmara Souza, que foi apenas uma vez ao estádio e não se sentiu à vontade

Depois de ser chamado de "macaco" por torcedores grêmistas, o goleiro santista Aranha ouviu gritos de "viado" em coro na sua volta a Porto Alegre.

Não é de hoje que racismo e homofobia estão presentes nos estádios brasileiros. A diferença é que, agora, a discriminação de orientação sexual deve passar a ser punida assim como a de raça — o Grêmio foi excluído da Copa do Brasil devido à primeira atitude discriminatória de sua torcida. É a promessa do procurador-geral do STJD (Superior

Tribunal de Justiça Desportiva), Paulo Schmitt.

Na semana passada, a diretoria do Corinthians pediu que sua torcida parasse de gritar "bicha" no momento do tiro de meta do goleiro rival. Já a torcida do São Paulo prepara um canto polêmico, cheio de referências homofóbicas, para dar o troco no clássico deste domingo (21), no Itaquerao.

Mas, como relatam o corintiano à esquerda e a são-paulina à direita, homossexuais assumidos, o problema da vez não atinge apenas os jogadores.

Código tácito nas organizadas veta manifestação homossexual

DE SÃO PAULO

Pelo código de conduta das organizadas das grandes clubes de São Paulo, homossexualismo não é tolerado. O risco é de expulsão. Ou pior. Por três dias, a Folha conversou com integrantes de torcidas e cartolas. Embora eles reconheçam a probabilidade de que existam gays entre eles, sabem que eles não vão se revelar.

"Você já esteve em ambiente de torcedores organizados? Se esteve, sabe que esse comportamento não é aceito pelos demais. Mesmo que ele seja gay, não vai admitir nem para um amigo. Sabe que, se

zações dos rivais.

Quando Emerson Sheik postou foto em rede social dando selinho em amigo em um restaurante paulistano, em 2013, a Gaviões foi tomar satisfações com o atacante, que prometeu se retratar.

"Os Gaviões, como a maior organizada do Corinthians, tem o dever de dar satisfação e relatar tudo o que gera algum tipo de desconforto com o nome da fiel torcida", disse a entidade, em nota.

Não é exclusividade do Corinthians. Por acreditar que Richarlison era homossexual (algo que ele sempre negou), a Independente gritava o nome de todos os jogadores an-



Racismo e homofobia possuem a mesma natureza, diz pesquisador

DE SÃO PAULO

Para Wagner Xavier de Camargo, 40, pesquisador na área de sexualidades dissidentes no esporte na Universidade Federal de São Carlos, a diferenciação feita por alguns entre ofensas racistas e homofóbicas em estádios não passa de senso comum.

Por trás do argumento de que os gritos de "bicha" são brincadeiras, diferentes dos gritos de "macaco" dirigidos a atletas negros, há o temor da ameaça que as identidades LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) põem à "masculinidade hegemônica" no futebol, segundo ele.

Para o pesquisador, mesmo que restrito ao tratar especificamente do grito de "bicha" nos tiros de meta do goleiro rival, o manifesto publi-

Medo de brigas faz são-paulina torcer a distância

DE SÃO PAULO

Silmara Souza, 22, gosta do São Paulo, quer ver o time campeão brasileiro neste ano na despedida de Rogério Ceni, mas é provável que ela não esteja no estádio se isso acontecer.

Hoje desempregada, a assistente de produção tem medo de ir aos jogos por causa da intolerância de outros torcedores com os gays. Foi apenas uma vez, não foi hostilizada, mas admitiu que não sentiu vontade para retornar.

"Fui em um jogo estratégico, contra um time pequeno. A torcida do São Paulo era maioria e eu estava acompanhada de amigos. Ninguém me provocou, mas senti um pouco de medo. Não sei o que pode acontecer. Por isso prefiro ficar à distância", diz. Neste domingo (21), Silmara vai fazer isso. Ao lado da namorada corintiana, vai torcer em casa para o São Paulo derrotar o Corinthians e continuar na briga pelo título do Brasileiro.

Não é apenas a aversão aos gays dos adversários que incomoda Silmara. A própria torcida do São Paulo também tem cânticos homofóbicos, como o que foi criado após a Copa e cita que diz que "o gavião virou um beija-flor" em alusão à principal organizada rival, a Gaviões da Fiel.

O canto deve inclusive ser entoado pelos são-paulinos no Itaquerao.

"É um canto homofóbico, não tem nem o que discutir. Faz menções claras. A homofobia está dentro de cada um. Ser chamado de 'bambi' pode parecer só ofensivo, mas é preconceituoso", afirma Silmara.

A são-paulina defende punição aos torcedores que cometam atos discriminatórios, mas também aos clubes que os torcedores fazem parte. "A punição é necessária. Existem limites e têm de ser claros".

"O preconceito sempre existiu dentro dos estádios, no meio do futebol. Acho muito bom ver essa questão gerar discussão na sociedade, ter o tribunal esportivo atento ao que os torcedores fazem. Os estádios têm de mudar." (FW)

STJD investigará homofobia em clássico

JUSTIÇA Presidentes e goleiros de Corinthians e São Paulo e os árbitros do jogo devem ser ouvidos pelo tribunal

Reginaldo Castro - 21.set.2014/folhapress

DE SÃO PAULO

A procuradoria do STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) solicitou nesta terça-feira (23) a instauração de inquérito para apurar "suposta discriminação homofóbica" de torcedores do Corinthians e do São Paulo no jogo entre as duas equipes, domingo (21), no Itaquerao.

A partida, válida pelo Campeonato Brasileiro, teve vitória corintiana por 3 a 2.

"O objetivo do inquérito é verificar se os cânticos revelam mera provocação ou se possuem cunho discriminatório, desdenhoso ou ultrajante conforme artigo 243-G do CBJD, bem como se tratou de descumprimento de obrigação legal previsto no artigo 13-A do Estatuto do Torcedor", diz a nota do STJD.

No pedido, a procuradoria quer ouvir todos os árbitros da partida e os presidentes dos clubes —Mario Gobbi, do Corinthians, e Carlos Miguel Aidar, do São Paulo.

Os goleiros Cássio (Corinthians) e Denis (São Paulo) também serão convocados para prestar depoimento.

O clássico de domingo foi pautado por polémias envolvendo a homofobia. Durante



São-paulinos fazem provocação no domingo

a semana que o antecedeu, a diretoria alvinegra chegou a pedir que a torcida do clube não provocasse os rivais em tom discriminatório.

A direção até mesmo publicou um manifesto público para convencer seus fãs a não gritarem "bicha" em ocasiões que envolvessem o goleiro rival —como, por exemplo, em

cobranças de tiro de meta.

O apelo, porém, não foi atendido nas arquibancadas. Os corintianos gritaram "bicha" durante as reposições efetuadas pelo goleiro Denis, que substituiu Rogério Ceni, barrado por tendinite no joelho esquerdo.

Além disso, entoaram cânticos tais como: "Vamos Co-

rinthians, dessas bichas temos de ganhar".

Os são-paulinos fizeram provocações homofóbicas antes de chegar ao estádio de Itaquera. Torcedores usaram camisetas pretas com letras brancas formando as palavras "Gaiotas da Fiel", em alusão à maior organizada do Corinthians, a Gaviões da Fiel.

Eles também têm se acostumado a cantar música que diz que "o gavião virou um beija-flor" —em uma outra referência à Gaviões da Fiel.

Apesar das provocações, não foram registradas brigas entre as duas torcidas. Os únicos focos de confusão envolveram a polícia e algumas organizações do Corinthians.

Cruzeirense é preso sob suspeita de balear rivais

ESTEVÃO BERTONI
DE SÃO PAULO

Um integrante da organizada Máfia Azul, do Cruzeiro, foi preso nesta terça (23) em Belo Horizonte sob suspeita de ter atirado em torcedores do Atlético-MG no domingo, dia de clássico entre as duas equipes.

Quatro atletas foram baleados em uma confusão entre torcedores dos dois times no centro da capital mineira. Nenhum deles corre risco de morrer.

A polícia prendeu o motorista Thiago Ramalho de Souza, 29, após analisar imagens das câmeras de segurança. Elas mostram uma fumaça, possivelmente dos tiros, saindo do Gol vermelho de Souza. O veículo do suspeito, segundo a polícia, ficou escondido desde domingo na casa de um amigo do torcedor.

Souza ficará preso temporariamente até o fim das investigações. Sem antecedentes criminais, deve responder por tentativa de homicídio. Dos quatro feridos, só um, de 16 anos, continua internado. Os demais receberam alta.

Página racista no Facebook é criada em 'apoio' a torcedora gremista

FERNANDA CANOFE
COLABORAÇÃO PARA FOLHA, DE PORTO ALEGRE

Uma página criada há dez dias no Facebook intitulada "Apoiamos Patrícia Moreira contra a hipocrisia do Politicamente Correto" usa a imagem da torcedora para criticar desde a definição do racismo até a vinda de imigrantes haitianos para o Brasil.

A auxiliar de odontologia Patrícia Moreira, 23, ficou em evidência ao ser flagrada por câmeras de televisão no jogo entre Grêmio e Santos, dia 28 de agosto pela Copa do Brasil, gritando a palavra "macaco" para o goleiro Aranha.

Devido à exposição, Patrícia passou a ser investigada por injúria racial, perdeu o emprego e teve de deixar sua casa por causa de ameaças.

Na última semana, ela afirmou que pretendia se tornar "um símbolo nacional contra o racismo". Na internet, porém, o episódio que ela protagoniza com o goleiro do Santos gerou efeito colateral.

A página do Facebook mostra montagem com jogadores de futebol como Neymar, Pelé, Tinga e Robinho acompanhados de mulheres loiras, para criticar a "hipocrisia" do "orgulho negro".

Texto postado nesta terça (23) traz mensagem crítica a relacionamentos inter-raciais: "Diga não à miscigenação racial. Se o povo de Israel não se mistura, a gente também tem o mesmo direito".

O criador da página afirma ser um advogado carioca, ter 27 anos, ser torcedor do Flamengo e simpatizar com o Corinthians e com o Grêmio. Diz chamar-se Jefferson.

Para ele, Aranha "aceita o coitadismo" e está entre os negros que funcionam como "massa de manobra".

De acordo com o delegado substituído da Delegacia de Repressão a Crimes Informáticos da Polícia Civil do Rio Grande do Sul, Joerbert Nunes, como nenhuma denúncia foi recebida não há crime.

Se investigada, no entanto, a página pode ser enquadrada por prática de injúria racial ou racismo segundo Código Penal brasileiro.

O advogado de Patrícia Moreira, Alexandre Rossato, disse desconhecer a página e seu conteúdo. "Lamentável isso, estou sabendo por internet de vocês", declarou por telefone à Folha. Rossato estaria tomando medida judicial contra os administradores do perfil e pedir investigação ao Ministério Público.



Grupo no Facebook critica uniões inter-raciais e usa jogadores de futebol como exemplo

Depois de ofensa, Gil decide não ir à Justiça

DE SÃO PAULO

Gil não pretende processar a pessoa que o chamou de "macaco" no Instagram. O zagueiro prefere encerrar o assunto. Ele até considerou a hipótese de entrar na Justiça.

"Não sou eu quem vai acabar com isso no futebol. Não vou levar isso adiante, então é caso encerrado", disse.

Após a vitória do Corinthians sobre o São Paulo, Gil escreveu "chupa Pato" na internet, ironizando Alexandre Pato. O volante Souza, do rival, respondeu pedindo respeito. Gil disse que tudo era uma brincadeira com o atacante, de quem era companheiro de clube até fevereiro.

Mas a repercussão entre os torcedores continuou e o zagueiro foi ofendido racialmente no Instagram. Outros torcedores do São Paulo também o xingaram. "Fiz brincadeira com o Pato porque é meu amigo. Para mim, não tem problema algum. É melhor a gente não ligar para essas coisas", disse o zagueiro.

Kalunga

AR CONDICIONADO
FUJITSU
MELHOR PREÇO
ADIA
ar condicionado
0800 15 66 11

Figura 147- Esporte

Santos reage, mas falhas da defesa dão vitória a rival

BRASILEIRO Atlético-MG faz 3 a 2 e chega ao G-4; santista Cicinho faz gol contra bizarro e Aranha recebe homenagem

DE SAO PAULO

O Santos demorou para reagir e deixou nesta quinta (25) o estádio Independência, em Belo Horizonte, com derrota por 3 a 2 para o Atlético.

Os mineiros, que chegaram ao G-4 —grupo que se classifica à Libertadores-2015—, abriram 3 a 0 com três falhas bizarras da defesa santista.

Na mais contundente, no segundo gol, o lateral Cicinho

fez um golaço contra, completando cruzamento de primeira no canto de Aranha.

Mas o goleiro já havia comprometido aos 12 minutos, ao pular atrasado em chute despretensioso de Diego Tardelli quase da lateral do campo.

O terceiro gol, também de Tardelli, no começo do segundo tempo, aconteceu em falha, mas desta vez geral da defesa, que não percebeu que os atleticanos cobriam ra-

pidamente uma falta. Tardelli apareceu na frente de Aranha para fazer mais um.

“Se tivéssemos começado o jogo como terminamos...”, disse Edu Dracena.

No primeiro tempo, ao abrir vantagem, o Atlético-MG manteve o toque de bola, e o Santos tinha apenas Robinho tentando se inspirar, mas o atacante deixou o jogo com dores musculares.

A reação santista começou

com um gol de Thiago Ribeiro, aos 15 min do segundo tempo, que se aproveitou de saída errada de Victor.

O segundo gol demorou a sair, e foi bonito, com Geuvânio, o substituto de Robinho, chutando colocado aos 38 minutos no canto do goleiro atleticano. Mas já era tarde.

Antes do jogo, o goleiro Aranha teve o nome gritado e foi aplaudido de pé por torcedores do Atlético-MG quan-

do subiu ao gramado para se aquecer — o jogador atuou pelo time mineiro antes de chegar ao Santos, em 2011.

“Fico contente, isso acaba incentivando as crianças a ter respeito com o outro. Não precisa me aplaudir, gritar meu nome, é só respeitar o adversário em campo”, disse o goleiro, que sofreu injúrias raciais em um jogo da Copa do Brasil contra o Grêmio, no dia 28 de agosto.

Figura 148 – Painel F.C

Caso... Pelo raciocínio da Rocha, André Luiz de Freitas Castro, juiz que assinalou ao menos um pênalti inexistente em São Paulo x Flamengo, não pode ser punido. Já a arbitragem do jogo entre Grêmio e Santos, marcado pelos atos racistas contra Aranha, será alvo de julgamento nesta sexta-feira (26).

...a caso. Wilton Pereira Sampaio, árbitro de Grêmio x Santos, e seus assistentes podem ser punidos pelo STJD por não terem relatado na súmula da partida os insultos ao goleiro Aranha.

Figura 149 – Esporte D4 27/09/2014

D4 esporte ★ ★ ★ SÁBADO, 27 DE SETEMBRO DE 2014

FOLHA DE S.PAULO

AMIGO TORCEDOR, amigo secador, vivemos um momento histórico no futebol e no seu palco, seja no estádio ou na tal da arena moderna.

Simplesmente porque resolveram fazer valer a lei que vale no país inteiro também dentro desse circo. O futebol está deixando de ser uma ilha da fantasia cercada de sociedade por todos os lados. Se fosse pelo menos uma indecifrável Lost...

A resistência é grande. Há quem sempre coloque na cota do politicamente correto crimes gravíssimos como a injúria racial, por exemplo. Que o conselheiro Acácio baixe sobre nós e diga que uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa.

Ah, o futebol vai ficar chato proibindo esse tipo de xingamento.

Dane-se essa ideia de futebol, portanto. Se um esporte pressupõe ofender alguém pela cor da pele, que

decrete-se o fim do ludopédio.

Não vale a pena enquanto um só goleiro ou um único ponta esquerda tiver o seu trabalho perturbado pelo grito de "macaco" ou "preto feido". Seja em Porto Alegre, Milão ou em Conceição do Mato Dentro.

Se for assim, que vingue a rasteira como o esporte nacional de fato, caríssimo Graciliano Ramos, como você desejava profeticamente.

Se for para humilhar a cor do Pelé, melhor esquecer as cores de todos os clubismos.

O futebol não pode ser o único território livre e inimpugnável. Aquela

Dane-se o futebol

XICO SÁ

Se for para humilhar a cor do Pelé durante os jogos de futebol, melhor esquecer as cores de todos os clubismos

multidão de machos ainda na fase anal freudiana, sob o escudo da coragem da massa, a bradar as mais pobres rimas da homofobia. Vixe, quanta desnecessidade.

O medo do goleiro diante do pé-nalti, o medo do torcedor diante da monossilábica retaguarda chamada cu, como se acusar a torto e a direito o protegesse da traição do pró-

prio desejo.

O estádio é o único lugar no Brasil que, repare só, um casal não pode viver junto com camisas de clubes diferentes. Românticos pombinhos mineiros enfrentaram a guarda e conseguiram tal épico no último Cruzeiro x Atlético. Deu confusão, mas foi lindo. Bravos.

O Maracanã, da antigona geral mais democrática do mundo à zona mista de hoje, ainda teima em seguir como a praça mais democrática ou, como queira, menos intolerante. Como é lindo um casal de times diferentes que segue depois do

almoço domingueiro e tem o direito mínimo de prosseguir com os denegos no estádio. Isso não é ser fofo e utópico, é reivindicar a cesta básica da existência.

É, amigo, desuocostumamos com tudo isso.

É mundão bruto e sem porteira. E esse cronista otário fica lembrando desse varejão idiota dos afetos. E esse cronista nada santo insiste que o futebol não vale a pena como ideia de brutalidade testosterônica.

O futebol no Brasil ainda é comandado por gente da Ditadura Militar, veja só. É muito resquício autoritário pra gente lidar. O futebol como ideia de treva não me interessa. Amo tanto o futebol que não comcebo tanto atraso em nome da burra paixão clubística.

Bora sair dessa.

gustavo

COLUNISTAS DA SEMANA segunda: JUCA KILIANI e PVC, quarta: TOSTÃO, quinta: JUCA KILIANI, sexta: FÁBIO SEXTAS, sábado: XICO SÁ, domingo: JUCA KILIANI, PVC e TOSTÃO

Figura 150 – Esporte

Tribunal mantém Grêmio fora da Copa do Brasil

RACISMO STJD tirou 3 pontos do time, decisão que reafirma a eliminação após injúrias da torcida

00 010

O Pleno do STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) mudou a punição de exclusão aplicada ao Grêmio e decidiu pela perda de três pontos em função de atos de injúria racial contra o goleiro Aranha, do Santos.

As ofensas ocorreram durante a partida de ida entre a equipe gaúcha contra os paulistas pela Copa do Brasil, na Arena do Grêmio, em Porto Alegre, no dia 28 de agosto.

Mesmo com a mudança na pena, o time gaúcho está eliminado da competição, já que tinha perdido o primeiro

jogo para o Santos por 2 a 0.

Assim, o jogo entre a equipe paulista e o Botafogo continua marcado para a próxima quarta-feira (31), no Maracanã, pelas quartas de final da Copa do Brasil.

A punição ainda inclui multa de R\$ 50 mil, mais R\$ 2.000 por arremesso de papel higiênico da torcida.

Dos sete votos de auditores e do relator, a maioria decidiu pela perda de três pontos do Grêmio. Só um votou pela perda de um ponto. Ao final, também tiveram quatro votos contra três pela não realização de nova partida contra o Santos pelo campeonato.

Figura 151- Esporte, Esporte e Paineis F.C

RACISMO

Jogador do Avaí pode ser suspenso por 10 jogos

STJD nega punir clube por ato discriminatório

RAFAEL REIS
DE SÃO PAULO

O procurador geral do STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva), Paulo Schmitt, afirmou no domingo (28) que solicitou as imagens da suposta ofensa racista do zagueiro Antônio Carlos, do Avaí, contra o atacante Francis, do Boa Esporte, durante partida pela Série B do Campeonato Brasileiro, sábado.

O jogador do time mineiro acusou o rival de tê-lo chamado de "macaco do c..." durante a vitória por 2 a 0 da equipe catarinense. Imagens da SporTV mostram o suposto momento da agressão verbal.

Segundo Schmitt, mesmo que Antônio Carlos seja declarado culpado de injúria racial pelo STJD, o Avaí não corre risco de ser penalizado.

O artigo 243-G do Código Brasileiro de Justiça Desportiva diz que se o ato discriminatório é praticado por "atleta, mesmo se suplente, treinador, médico ou membro da comissão técnica" a pena é uma suspensão de cinco a dez partidas, além de multa de R\$ 100,00 a R\$ 100 mil.

O clube só é passível de receber uma punição quando a ofensa racial é "praticada simultaneamente por considerável número de pessoas vinculadas a uma mesma entidade de prática desportiva".

Foi o que aconteceu na Copa do Brasil com o Grêmio. O time gaúcho perdeu três pontos e foi eliminado porque alguns torcedores entoaram gritos de cunho racista ao goleiro Aranha, do Santos.

No suposto caso de racismo na Série B, Francis registrou boletim de ocorrência na 1ª Delegacia de Polícia da Capital, em Florianópolis.

Segundo a versão do atacante, registrada no BO, ele reclamou com o árbitro, que teria pedido a continuidade da partida.

"É triste o que está acontecendo no futebol brasileiro", afirmou Francis, à Sportv.

Por meio de nota, o Boa Esporte disse repudiar o "infeliz ato de racismo" e esperar uma "posição exemplar" da justiça. O caso deve ser analisado pela delegada Maria Carolina Caldas nesta segunda (29), segundo Esteve dos Santos, plantonista da 1ª Delegacia de Polícia da Capital.

Por meio da assessoria de imprensa, o Avaí afirmou que a diretoria do clube conversou com o zagueiro, que negou ter feito o xingamento racista.

Colaboração: LUIZ ROMERO, de São Paulo

RACISMO

Árbitro ignora ofensa em jogo da Série B

O árbitro Guilherme Ceretta de Lima não relatou na súmula suposto episódio de racismo no jogo entre Avaí e Boa Esporte, no sábado (26), em Florianópolis, pela Série B. De acordo com a súmula apresentada no site da CBF, não houve nenhuma ocorrência no jogo.

O atacante Francis, do Boa Esporte, acusou o zagueiro Antônio Carlos, do Avaí, de tê-lo chamado de "macaco do caralho". Francis registrou boletim de ocorrência. O procurador geral do Superior Tribunal de Justiça Desportiva, Paulo Schmitt, já pediu às imagens do ocorrido.

Tese de defesa. Ricardo Graiche, auditor do STJD acusado de ter publicado supostas mensagens racistas no Facebook, agora corre para tentar provar sua inocência no tribunal. Ele se encontrou com o vice-presidente e corregedor do STJD, Ronaldo Botelho, que deu até esta semana para que ele apresente sua defesa.

De fora. Enquanto corre o inquérito, Graiche, que participou do julgamento do Grêmio pelo caso Aranha, segue afastado do STJD.

Colaborou EDUARDO OHATA, de São Paulo

Figura 152- Esporte

Polícia indicia 4 gremistas por injúria racial a Aranha

FUTEBOL Investigação ainda tenta identificar quatro torcedores que teriam ofendido goleiro

ESTEVÃO BERTONI
DE SÃO PAULO

A torcedora do Grêmio Patricia Moreira da Silva e mais três integrantes de uma organizada do clube foram indiciadas nesta terça (30) sob suspeita de proferir injúrias raciais contra o goleiro Aranha, do Santos, durante jogo da Copa do Brasil, em Porto Alegre, no dia 28 de agosto.

Além de Patricia, foram indiciados Rodrigo Machado Rychter, Éder de Quadros Braga e Fernando Moreira Ascal, membros da uniformizada Geral do Grêmio, segundo o delegado Cléber Ferreira.

Fernando será indiciado também sob suspeita de furar um bonê de um funcionário do clube durante a partida, na Arena Grêmio.

A pena para o crime de injúria racial é de um a três anos de prisão. O inquérito foi enviado à Justiça e poderá basear denúncia da Promotoria. Um complemento ao inquérito será encaminhado à Justiça caso outros suspeitos sejam identificados.

De acordo com o delegado, as imagens analisadas mostram oito torcedores ofendendo o goleiro. Apenas quatro, porém, foram identificados. "Isso não quer dizer que o

caso esteja encerrado. Os trabalhos de investigação continuam", disse Ferreira.

IDENTIFICAÇÃO

Os peritos analisaram três horas de vídeos e 53 fotos durante duas semanas. Segundo o delegado, as imagens mostram Éder de Quadros Braga gritando "macaco" e imitando sons do animal.

Um trecho do laudo policial diz ainda que "Rodrigo Machado Rychter utiliza de linguagem corporal como forma de expressão significativa do uso pejorativo do símbolo macaco".

Sobre Fernando Moreira

Ascal, o documento afirma que ele "articula de maneira clara a sequência de fonemas indicativos da expressão 'preto' e subtrai o bonê do funcionário do clube".

Patricia Moreira foi identificada nas imagens chamando o goleiro de macaco.

Seu advogado, Alexandre Rossato, disse que o resultado do inquérito já era esperado e que aguardará denúncia do Ministério Público para definir a defesa da torcedora. A reportagem não conseguiu contato com os advogados dos outros indiciados.

Um dia depois do jogo, Patricia Moreira foi afastada do

trabalho. Auxiliar de saúde bucal, ela trabalhava no Centro Odontológico da Brigada Militar da PM gaúcha.

Em depoimento, a torcedora negou intenção de ofender o jogador do Santos.

No último dia 12, a casa em que a gremista morava antes do episódio, em Porto Alegre, foi parcialmente incendiada. Um suspeito foi detido.

Em julgamento no STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva), o Grêmio foi eliminado da Copa do Brasil por causa dos atos dos torcedores. O time tinha perdido por 2 a 0 para o Santos no primeiro jogo das oitavas de final.

OITO SUSPEITOS, QUATRO IDENTIFICADOS

Polícia de Porto Alegre continua investigação do caso Aranha



IDENTIFICADOS E INDICIADOS

- RA Éder de Quadros Braga
- RS Rodrigo Machado Rychter
- RA Fernando Moreira Ascal
- Patricia Moreira da Silva

AINDA NÃO IDENTIFICADOS

- H1, H2, H3 e H7

RELEMBRE O CASO

No dia 28 de agosto, o Santos venceu o Grêmio por 2 a 0 pela Copa do Brasil quando, aos 41 min do segundo tempo, o **goleiro Aranha** chamou o árbitro Wilton Pereira Sampaio e relatou estar sofrendo injúrias raciais de vários torcedores que estavam atrás do gol em que o Santos defendia na Arena Grêmio.



Figura 153 – Esporte e Esporte

RACISMO

Zagueiro do Avaí é denunciado pelo tribunal

Acusado de ter proferido uma ofensa racista ao atacante Francis, do Boa Esporte, no último sábado, pela Série B do Brasileiro, o zagueiro Antônio Carlos, do Avaí, foi denunciado pelo STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva).

O jogador, que será julga-

do por ato discriminatório, pode ser receber de cinco a dez jogos de suspensão, além de uma multa de até R\$ 100 mil.

Segundo o procurador geral do STJD, Paulo Schmitt, o Avaí não corre risco de ser punido, já que o tribunal pode penalizar o suposto agressor,

RACISMO

Time da Rússia é punido por insultos a Hulk

O Spartak Moscou terá de jogar sua próxima partida no Campeonato Russo, contra o Ural Yekaterinburg, fora de casa, sem a presença de sua torcida.

O setor dos visitantes do estádio estará fechado como punição pelos insultos racistas por parte dos torcedores do

Spartak contra o atacante brasileiro Hulk, do Zenit.

Segundo o chefe da comissão disciplinar da Federação Russa de Futebol, Artur Grigoryants, torcedores do Spartak imitaram macaco nas arquibancadas. Após a partida, Hulk afirmou que ouviu as ofensas.

Figura 154 – Esporte e Paineis F.C

Meia do Chelsea, Willian diz que já foi alvo de racismo

DE SÃO PAULO

Antes de ser contratado pelo Chelsea, na temporada passada, o meia Willian, de 25 anos, passou seis anos jogando na Ucrânia e na Rússia. E lá se acostumou a lidar com um dos problemas contemporâneos do futebol brasileiro, o racismo.

O jogador, que passou pelo Shakhtar Donetsk e pelo Anzhi, lembra que não foram uma ou duas vezes que ele ouviu a torcida adversária imitando macacos para ele ou companheiros em campo.

“Aconteceram alguns casos de racismo com a torcida adversária, como foi com o Aranha [goleiro do Santos que foi ofendido por gremistas]”, contou ele, sem citar casos específicos.

O meia afirmou ainda que ainda está tentando esquecer a derrota por 7 a 1 para a Alemanha sofrida pela seleção, na semifinal da Copa.

“Ninguém gostou daquele resultado. Mas depois da Copa, tenho tentado esquecer. Temos que partir para outra.”

A “outra” a que Willian se refere é a seleção sob comando de Dunga. O meia viaja para os amistosos contra Argentina e Japão, na Ásia. (RR)

Símbolo. Vítima de ofensas raciais em jogo na Arena do Grêmio em agosto, Aranha foi convidado pela Presidência da República para gravar um depoimento para uma campanha contra o racismo. O vídeo foi produzido na última semana em Santos e será divulgado no site do governo federal.

Símbolo 2. Apesar de ter participado de iniciativas de combate ao racismo, Aranha descarta qualquer ato em campo para defender a causa, como entrar com faixa ou camisa com dizeres contra o racismo. “Não farei isso porque aí as pessoas podem entender que estou me promovendo”, argumenta.

Figura 155 – Esporte

Símbolo da luta contra o Apartheid critica Pelé

RACISMO Sul-africano campeão mundial de rúgbi em 1995 elogia atitude do goleiro Aranha

DE SÃO PAULO

“Se Pelé disse que Aranha deveria ter ignorado as ofensas, não concordo com ele. Somos homens, não macacos, e não podemos ficar calados quando nos chamam assim”, disse Chester Williams à **Folha**.

Negro como o Rei do Futebol, Williams, 44, rebate-o com a autoridade de quem conquistou sucesso no rúgbi, um esporte dominado por brancos, em uma África do

Sul que vivia o Apartheid – política oficial de segregação racial – quando ele começou a jogar, nos anos 1990.

No Brasil até o fim do mês para ministrar clínicas de rúgbi e participar de projetos sociais, Williams estava a par do incidente com o goleiro do Santos, em agosto.

Pelé disse que Aranha não deveria ter se manifestado sobre as ofensas que recebia durante a partida contra o Grêmio pelo Copa do Brasil.

A **Folha**, Aranha disse que

não se arrepende do que fez.

“Também passei por isso. Sim, foi jogando que conquistei o respeito das pessoas, mas dizer que o goleiro deveria ter deixado para lá as ofensas, se não era isso que sentia, não é certo”, diz.

Como atleta, Williams fez mais pela África do Sul do que muitos governantes.

Em 1995, quando o país recebeu a Copa do Mundo do esporte pela primeira vez, ainda sob os ecos do fim do Apartheid e da eleição de Nel-

son Mandela para presidente, Williams foi o único negro convocado para a seleção.

Segundo ele, a história real assemelha-se muito à retratada no filme “Invictus” (2009), dirigido por Clint Eastwood, que contou a inesperada saga do time azarão que viria a ser campeão.

Sobre o racismo, ele é direto: “Isso só vai mudar com o tempo, quando nossas crianças não aprenderem a diferenciar as pessoas pela cor.”



Williams joga rúgbi em favela de São Paulo na quinta (23)

Figura 156- D2 Esporte 29/10/2014

CASO ARANHA**Justiça denuncia
quatro torcedores
por injúrias raciais**

DE PORTO ALEGRE - O Ministério Público do Rio Grande do Sul denunciou a torcedora Patrícia Moreira e outras três pessoas à Justiça sob acusação de praticarem injúria racial contra o goleiro Aranha, do Santos.

Os quatro torcedores tinham sido identificados pela polícia em imagens de TV da partida contra o Grêmio, em agosto.

Por causa do incidente, a Justiça Desportiva eliminou o Grêmio da Copa do Brasil.

A Promotoria pediu à Justiça que os acusados sejam imediatamente proibidos de comparecer a jogos.